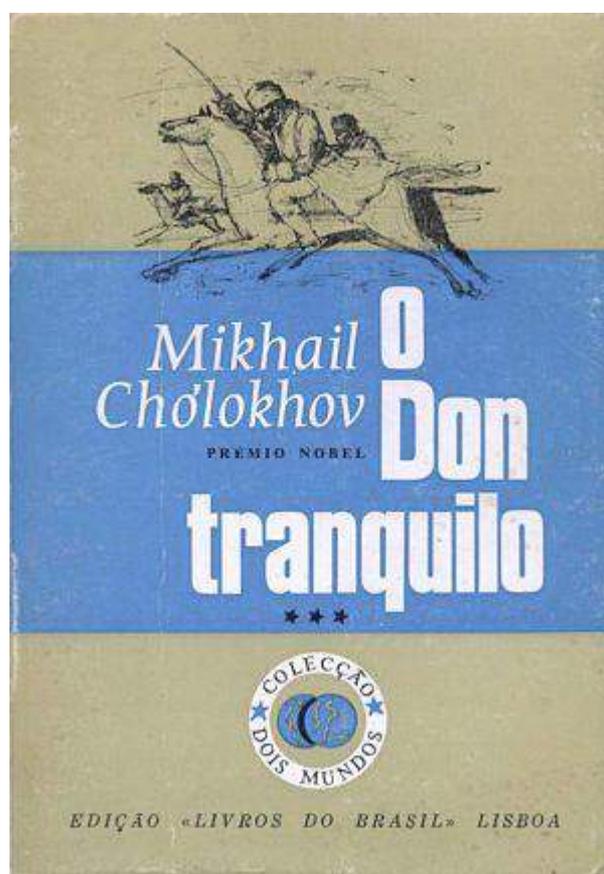


Mikhail Cholókhov

O Don tranquilo

Volume Terceiro





<http://groups.google.com/group/digitalsource>

TÍTULO: O Don tranquilo

AUTOR: Cholokhov, Mikhail

GÉNERO: Romance

CLASSIFICAÇÃO: Literatura Russa - Século XX - Ficção

EDITORA: Livros do Brasil

Lisboa, 19**

COLEÇÃO: Dois Mundos, n° 104

Mikhail Cholokhov

O Don Tranquilo

Versão portuguesa integral de

Armindo Rodrigues

Esta obra é constituída por quatro volumes

SEXTA PARTE

I

Foi em Abril de 1918 que terminou a grande cisão nas terras do Don: os cossacos naturais dos distritos do Norte Khopr, Usst-Medvéditzkaia, Alto-Don -, que haviam regressado da frente, partiram com as unidades do Exército Vermelho em retirada; os cossacos dos distritos a jusante perseguiam-nos de perto, empurrando-os para as fronteiras da região.

Os do Khopr emigraram quase em massa; quanto aos de Usst-Medvéditzkaia, apenas cerca de metade acompanhou a retirada; pelo que respeito aos do Alto-Don, poucos saíram.

A História aguardou o ano de 1918 para separar definitivamente as populações da parte superior do rio das da sua zona inferior. No entanto, a origem desta divisão remontava a centenas de anos atrás, à época em que os cossacos menos abastados dos distritos do Norte, que não possuíam nem as terras férteis da região de Azov, nem vinhas, nem caça, nem pesca, se afastavam de tempos a tempos de Tcherkassk e empreendiam por conta própria expedições às terras da Grande Rússia, constituindo o apoio mais seguro de todos os rebeldes, desde Razine a Sekatch.

Mesmo nos últimos tempos, quando o Exército do Don, no seu conjunto, se agitava em surdina sob a dextra do imperador, os cossacos revoltaram-se abertamente; conduzidos pelos seus atamanes, conseguiram abalar os pilares da ordem tzarista, batendo-se contra as tropas da coroa, pilhando caravanas sobre o Don, subindo até ao Volga e incitando à revolta os zaporogos dominados.

No fim do mês de Abril, dois terços da região do Don foram evacuados pelos vermelhos. Quando se tornou evidente a necessidade de constituir uma autoridade regional, os chefes dos grupos armados que combatiam no Sul propuseram que se convocasse uma assembleia regional. Foi marcada para o dia 28 de Abril, em Novotcherkassk, uma reunião dos membros do governo provisório do Don e dos delegados das stanitsas e das formações militares.

A aldeia de Tatársski recebeu uma comunicação do atamane de Viodiénskkaia, informando que a assembleia da stanitsa se realizava ali a 22 do mesmo mês, a fim de eleger os delegados à assembleia regional.

Mirone Grigórievitch Korchunov leu a comunicação perante a assembleia de Tatárski e foi por ela enviado a Viochénskaia, com o velho Bogatírov e Pantelei Prokófievitch Melekhov.

A assembleia da stanitsa elegeu como delegado à assembleia regional Pantelei Prokófievitch, o qual regressou nesse mesmo dia, partindo no dia seguinte para Milerovo na companhia de Mirone Grigórievitch, pois queriam chegar cedo a Novotcherkassk. (Mirone Grigórievitch precisava de ir àquela localidade comprar petróleo, sabão e outros artigos domésticos; contava também ganhar algum dinheiro nessa ocasião, graças a uma encomenda de que Mokhov o encarregara para a fábrica de moagem; uma peneira e lata).

Partiram ao nascer do Sol. Os morzelos de Mirone Grigórievitch puxavam com desembaraço o carro onde os dois homens iam sentados um ao lado do outro, na caixa pintada de cores vivas. Quando chegaram ao alto da encosta puseram-se a falar. Milerovo estava ocupada pelos alemães e Mirone Grigórievitch perguntou com certo receio:

- Ouve lá, compadre, os alemães não nos farão mal? É má gente, mereciam que se lhes torcesse o pescoço!

- Não - respondeu Pantelei Prokófievitch com firmeza.

- Matvéi Kachúline esteve lá há pouco tempo e disse-me que os alemães estavam cheios de medo... Não se atrevem a tocar nos cossacos.

- Essa agora!

Mirone Grigórievitch, sorrindo, fez mexer a barba, ruiva como o pêlo da raposa, enquanto rolava entre os dedos o cabo de cerejeira do chicote; e prosseguiu, visivelmente tranquilizado:

- Que governo se irá arranjar? Qual é a tua ideia?

- Vai eleger-se um atamane. Dos nossos. Um cossaco.

- Deus vos ajude! Escolham o melhor de todos! Sondem os generais, tal como os ciganos apalpam os cavalos. Não pode ter nenhum defeito!

- Faremos o possível. Ainda há boas cabeças no Don.

- Sim, sim, compadre... Elas são como os cogumelos, não se semeiam, crescem sozinhas.

Mirone Grigórievitch franziu os olhos e a tristeza invadiu o seu rosto coberto de sardas.

- Gostava que o meu Mitka estudasse para oficial, mas ele nem sequer acabou a escola primária; fugiu logo no segundo Inverno.

Ficaram calados uns momentos, pensando nos filhos que haviam partido em perseguição dos bolcheviques. O carro sacolejava sobre as covas da estrada; o cavalo da

direita puxava de esquelha, fazendo estalar uma das ferraduras, que era nova; com os balanços, os dois velhos, sentados no banco estreito, roçavam um no outro como peixes na desova.

- Onde estarão agora os nossos rapazes? - suspirou Pantelei Prokófievitch.

- Eles seguiram o Khopr. Fédote-o-Kalmuk chegou de Kumiljénskkaia; morreu-lhe o cavalo. Pelo que ele conta deviam ter seguido para Tichansskaia.

Calaram-se de novo. Uma brisa fresca soprava-lhes pelas costas. Atrás deles, na outra margem do Don, os bosques e os prados, os lagos e os campos em pousio incendiavam-se majestosamente, silenciosamente, no braseiro avermelhado da aurora. A costa arenosa era uma fita de mel, as bossas das dunas brilhavam com uma suave claridade de bronze.

A Primavera chegava de repente. O verde-tenro dos bosques a espriar-se por toda a parte transformava-se numa sumptuosa colcha verde-escura, a estepe começava a florir, as cheias haviam-se retirado, deixando nas terras baixas inúmeros charcos como lantejoulas cintilantes; contudo, nos barrancos, junto das encostas abruptas, a neve, corroída pelo gelo, agarrando-se ainda ao barro, brilhava com uma brancura provocante.

Chegaram a Milerovo ao entardecer do segundo dia, passando a noite em casa de um ucraniano das suas relações que habitava junto a um escuro armazém de cereais. De manhã, a seguir à refeição, Mirone Grigóievitch, depois de atrelar os cavalos, encaminhou-se para as lojas. Tendo atravessado sem percalço a passagem de nível, deparou com alguns alemães, os primeiros que via na vida. Três homens do Landsturm barravam-lhe o caminho. Um deles, um tipo baixo, de pernas tortas, com o rosto coberto até às orelhas por uma barba castanha e frisada, fez-lhe com a mão um sinal imperioso.

Mirone Grigóievitch puxou pelas rédeas, a morder os beiços, alarmado com o que se iria passar. Os alemães aproximaram-se.

Um prussiano alto e gordo disse com um sorriso resplandecente, a mostrar os dentes brancos:

- Ora aqui está um cossaco dos autênticos! Hem? Com farda e tudo! Decerto os filhos dele andam a lutar contra nós. É preciso mandá-lo vivo para Berlim. Será uma peça de museu do maior interesse.

- É dos cavalos que nós precisamos. Para ele, estou-me nas tintas! respondeu com ar sério o tipo das pernas tortas e da barba castanha.

Contornando os cavalos com precaução, aproximou-se do carro.

- Desce daí avôzinho. Precisamos dos teus cavalos para transportar um carregamento de farinha deste moinho até à estação. Anda, desce, estás a ouvir? Depois irás buscar os cavalos ao comando.

O alemão, após ter olhado para o moinho, convidou, com um gesto que não deixava a menor dúvida, Mirone Grigóievitch a apear-se.

Os outros dois encaminharam-se para o moinho, voltando-se de vez em quando a rir. O rosto de Mirone Grigóievitch tornara-se de um amarelo-acinzentado. Atou as rédeas ao assento e, saltando para o chão como um rapaz, plantou-se diante dos cavalos.

«E Pantelei que não está aqui», pensou, com um súbito arrepio. «Vão levar-me os cavalos. Ah, em que alhada estou metido! Foi o diabo que aqui me trouxe!»

O alemão, apertando os lábios, puxou Mirone Grigóievitch pela manga e fez-lhe sinal para ir ao moinho.

- Deixa-me! - Mirone Grigóievitch estendeu o braço para a frente, ficando ainda mais pálido. - Não me toques! Vou dar-te os meus cavalos.

Pelo tom com que falara o alemão adivinhou o sentido da resposta. A sua expressão transformou-se num esgar cruel, que lhe pôs à mostra os dentes de uma brancura azulada; as suas pupilas dilataram-se, ameaçadoras, e a sua voz tornou-se autoritária, aguda. Agarrou na bandoleira da espingarda que tinha ao ombro. Nesse momento, Mirone Grigóievitch, num gesto ágil, quase sem tomar balanço, assestou-lhe um violento murro na cara. A cabeça do alemão deu um estalo e a correia do capacete rebentou sob o queixo. O homem desabou no chão, ao comprido, tentou levantar-se, enquanto por baixo dele ia alastrando uma poça de sangue espesso. Mirone Grigóievitch bateu-lhe de novo, desta vez na nuca, lançou um olhar rápido em volta e, baixando-se, arrancou-lhe bruscamente a espingarda. Durante estes instantes o seu pensamento trabalhou depressa, com uma precisão incrível. Ao fazer os cavalos dar a volta, tinha a certeza de que o alemão não o atingiria pelas costas; receava apenas ter sido visto pelas sentinelas que podiam estar do outro lado da vedação do caminho-de-ferro ou sobre a via.

Nem quando se tratava de uma competição os morzelos haviam corrido tão furiosamente nem as rodas do carro tinham sido sujeitas a tão rude prova.

«Salva-me, Senhor! Poupa-me, Senhor! Em nome do Pai», murmurava mentalmente Mirone Grigóievitch, sempre a chicotear os cavalos. A sua avareza natural quase o ia perdendo: quis passar pela casa onde estava hospedado para ir buscar uma manta de cavalo que lá deixara, mas, acabando por vencer a sensatez, mudou de direcção. Percorreu as doze verstás que o separavam da aldeia de Orekhóvsskaia a voar mais depressa como contaria depois do que o profeta Elias no seu carro. Em Orekhóvsskaia, precipitou-se para casa de um ucraniano seu conhecido e contou-lhe, mais morto do que vivo, o que lhe acontecera, pedindo-lhe que o escondesse e aos cavalos. O ucraniano não recusou, mas preveniu-o:

- Escondo-te, Mirone, mas se eles insistem muito, vejo-me obrigado a entregar-te, pois não tenho nada com isto: queimariam a minha casa e eu também não escapava.

- Esconde-me, amigo! Dar-te-ei o que quiseres. Salva-me da morte, esconde-me em qualquer sítio. Dar-te-ei um rebanho inteiro. Dez ovelhas das melhores, prometo! - Suplicava Mirone Grigórievitch, enquanto arrumava o carro no alpendre.

Estava com um terror mortal de ser apanhado. Ficou na quinta do ucraniano até escurecer, partindo ao princípio da noite. Percorreu como um louco a estrada depois de Orekhóvsskaia.

A espuma pingava dos flancos dos cavalos como se fosse chuva e os raios das rodas pareciam derreter-se. Apenas ao avistar Níjni-Iablonóvsski conseguiu recuperar a calma.

Antes de chegar à aldeia, tirando debaixo do banco a espingarda do alemão, examinou a bandoleira, que tinha por trás uma inscrição a tinta, e deu um suspiro de alívio:

- Julgavam que me apanhavam hem? Cambada de malandros! Não prestam para nada!

- Nunca chegou a dar as ovelhas ao ucraniano. Quando, no Outono, passou por casa dele - disse-lhe, em resposta à expressão ansiosa do seu olhar:

- Perdemos muitas ovelhas. Tivemos pouca sorte lá pelas minhas bandas, mas olha, como recordação trago-te estas pêras do meu quintal.

Entregou-lhe duas medidas de peras pisadas pela viagem e disse, desviando o olhar matreiro:

- São boas, as nossas pêras, mesmo muito boas... muito sumarentas...

E despediu-se.

Na altura em que Mirone Grigórievitch fugia de Milerovo, estava Pantelei Prokófievitch na estação. Um jovem oficial alemão passou-lhe um salvo-conduto, interrogou-o com a ajuda de um intérprete, dizendo-lhe depois, num tom protector, enquanto acendia um charuto barato:

- Podes seguir, mas não te esqueças de que tens de arranjar um bom governo. Elejam um presidente, um tsar, quem vocês quiserem, desde que esse homem não seja destituído de senso político e se mostre leal para com o nosso país.

Pantelei Prokófievitch olhou para o alemão sem grande cordialidade. Não estava disposto a discutir e foi comprar o seu bilhete mal se apanhou com o salvo conduto na mão.

Em Novotcherkassk, ficou admirado com o número de jovens oficiais que circulavam em grupos pelas ruas, enchendo os restaurantes, passeando com raparigas

novas em volta do palácio dos atamanes e do palácio da Justiça onde se realizava a assembleia.

Nos alojamentos reservados aos delegados, Pantelei Prokófievitch encontrou algumas pessoas da sua stanitsa e um homem de Elánskskaia seu conhecido. A maioria dos delegados eram simples cossacos, sendo poucos os oficiais, e apenas havia algumas dezenas de representantes da elite intelectual das stanitsas. Corriam rumores muito variados sobre a eleição da autoridade regional. Uma coisa, no entanto, era certa: tinham de eleger um atamane. Indicavam-se os nomes dos generais cossacos mais populares, discutiam-se as candidaturas.

Na tarde da sua chegada, depois do chá, Pantelei Prokófievitch instalou-se no seu quarto para comer as provisões que trouxera de casa. Tinha acabado de pôr na sua frente uma carpa seca e partido o pão, quando dois homens de Migulínskaia se vieram sentar ao seu lado, logo seguidos de outros cossacos. Começou por se falar da situação na frente, passando progressivamente às eleições.

- Não se encontrará ninguém melhor do que o falecido Kalédine (que Deus guarde no seu Paraíso Sagrado) suspirou um cossaco de barba grisalha, vindo de Chumilínskaia.

- É bem possível aprovou o homem de Elánskskaia.

Um dos circunstantes, segundo-capitão, delegado da stanitsa Besserguénévsskaia, interveio com calor:

- Como podem afirmar que não há ninguém que convenha?

- Então, meus senhores, e o general Krassnov?

- Qual Krassnov?

- «Qual Krassnov?» Não têm vergonha de fazer uma pergunta dessas? O célebre general Krassnov, comandante do 3.º corpo de cavalaria, um espírito brilhante, cavaleiro de S. Jorge, um estratega de talento!

A maneira de falar entusiástica e exaltada do segundo-capitão irritou certo delegado que representava uma unidade de combatentes, o qual declarou:

- Deixe-me que lhe diga: estamos fartos desses talentos. Um general que não vale nada! Fez uma linda figura contra os alemães! Nunca teria passado de general de brigada se não fosse a Revolução.

- Como pode o senhor dizer uma coisa dessas se não conhece o general Krassnov? E, além de tudo -, como se atreve a falar assim de um general respeitado por todos? Esquece-se de que é um simples cossaco.

Estas palavras geladas que o segundo-capitão proferia desdenhosamente embaraçaram o cossaco que, perdendo o sangue-frio, murmurou timidamente:

- Saiba Vossa Senhoria que digo isto porque eu próprio servi sob o seu comando... Na frente austríaca atirou o nosso regimento contra o arame farpado. É por isso que ele, em nosso entender, não presta para nada... Mas, evidentemente, quem o conhece... pode achar... precisamente o contrário.

- Então porque é que lhe deram a cruz de S. Jorge?

- Imbecil! - disse Pantelei Prokófievitch, quase entalado com uma espinha de carpa.

Tossiu para a fazer descer, prosseguindo:

- O senhor é um má-língua, diz mal de toda a gente, para si ninguém vale nada. Mas que moda esta! Se se falasse menos não haveria tanta desordem. Hoje em dia não faltam por aí inteligências. Só servem para complicar tudo!

Os cossacos de Novotcherkassk, todos eles do Baixo-Don, eram na sua totalidade partidários de Krassnov. Os velhos viam com bons olhos este general condecorado com a cruz de S. Jorge; muitos deles haviam servido sob as suas ordens durante a guerra do Japão; os oficiais sentiam-se cativados pelo passado de Krassnov; oficial da guarda, homem de sociedade, com uma cultura brilhante, pertencera à Corte e fizera parte da comitiva de Sua Majestade Imperial. Os intelectuais liberais estavam satisfeitos pelo facto de Krassnov não ser apenas um general, um homem de caserna e de campo de manobras, mas também, de certo modo, um escritor, cujas narrativas da vida dos oficiais se podia ler com agrado no suplemento da Niva (*Revista semanal ilustrada que se publicou em S. Petersburgo de 1870 a 1918.*): uma vez que era escritor tinha de ser por força um homem culto.

No alojamento dos delegados ressoavam os ecos de uma encarniçada propaganda a favor de Krassnov. Os nomes dos outros generais apagavam-se diante do seu. Os oficiais partidários de Krassnov murmuravam. que Afikan Bogaiévski estava feito com Danikine e que, uma vez os bolcheviques esmagados e Moscovo reconquistada, acabaria a autonomia assim como todos os outros privilégios dos cossacos!

Mas Krassnov também tinha adversários. Um delegado, mestre-escola de profissão, esforçava-se por denegrir o nome do general. Andava de quarto em quarto zumbindo como um mosquito, a soprar na sua voz venenosa aos ouvidos peludos dos cossacos:

- Krassnov? Um péssimo general, um detestável escritor! Um sabujo, um lambebotas! Um homem que pretende fazer-se passar por um grande nacionalista e ao mesmo tempo quer conservar a sua pureza democrática. Vocês vão ver, venderá o Don ao primeiro comprador, ao que oferecer mais! Um badameco. Como político é um zero. Devem votar em Aguêiev, esse é outra coisa!

Contudo, o mestre-escola não obtinha êxito na sua campanha. No dia 1 de Maio, na terceira reunião da Assembleia, gritavam vozes de todos os lados:

- Convidem o general Krassnov!
- Pelo amor de Deus!...
- Pedimos que...
- Respeitamo-lo!
- Orgulhamo-nos dele!
- Queremos que ele nos diga qual vai ser o nosso futuro.

A agitação encheu a vasta sala.

Os oficiais aplaudiram ruidosamente, e os simples cossacos, vendo isto, começaram a bater palmas a medo, com pouca força. As suas mãos negras, curtidas pelo trabalho, produziam um ruído seco, um estalido quase desagradável, totalmente diverso da doce melodia que brotava das mãos gordas e cuidadas das meninas e das senhoras, dos oficiais e dos estudantes que enchiam as galerias e os corredores.

E quando o general, alto e esguio» belo apesar da idade, avançou galhardamente pelo palco com um passo triunfal, ostentando a farda constelada de cruzeiros e medalhas, com as dragonas e todas as insígnias do seu posto, a sala estremeceu com uma trovoadas de aplausos. As aclamações em breve se transformaram em ovação, um frémito de entusiasmo perpassou pelas filas dos delegados. Naquele general de rosto emocionado e enternecido, de pé, como se posasse para um retrato, muitos viam um pálido reflexo do poder imperial.

Pantelei Prokófievitch verteu algumas lágrimas, assoou-se demoradamente ao seu lenço vermelho, que tirou de dentro do boné.

«Isto é um general! Vê-se logo à primeira vista que é um homem! Parece o Imperador em pessoa, até talvez tenha melhor presença. Há nele qualquer coisa do falecido Alexandre!», pensava ao contemplar com emoção Krassnov, de pé na ribalta.

A assembleia a que se tinha dado o nome de Assembleia de Salvação do Don funcionava sem grandes pressas.

Sob proposta do presidente, o capitão Ianov, adoptou-se uma resolução a respeito do uso de dragonas e de todas as insígnias de posto. Krassnov proferiu um discurso brilhante e magistral. Falou com muito sentimento na «Rússia profanada pelos bolcheviques», do seu «poder de outrora», nos destinos do Dom.

Ao esboçar um breve quadro da situação, evocou de passagem a ocupação alemã, provocando uma apoteose de aplausos quando, no fim do discurso, falou com ênfase da futura independência da região do Don, depois da queda dos bolcheviques.

- A soberana assembleia regional governará a região do Don. Libertados pela revolução, os cossacos ressuscitarão as belas tradições antigas e então gritaremos a plenos

pulmões, tal como fizeram outrora os nossos antepassados: «Deus te guarde Czar branco, no teu Moscovo de pedra, e a nós cossacos no Don Tranquilo!»

A 3 de Maio, na reunião da noite, o general Krassnov foi eleito atamane regional por cento e sete votos contra trinta e dez abstenções. Não quis contudo aceitar o bastão de atamane das mãos do chefe do Estado-Maior antes da assembleia aprovar as leis fundamentais por ele propostas e que lhe conferiam plenos poderes.

- O nosso país está à beira da ruína. Só aceitarei o bastão desde que seja concedida toda a confiança ao atamane. Só se pode trabalhar com aquela decisão e aquela certeza do dever cumprido que os acontecimentos requerem quando nos sabemos depositários da confiança da Assembleia, expressão suprema da vontade do Don, e se as severas normas do direito forem restabelecidas contra os abusos e a anarquia dos bolcheviques.

As leis propostas por Krassnov eram afinal as do Antigo Império, remendadas à pressa e ligeiramente remodeladas.

Como podia a Assembleia deixar de as aceitar? Fê-lo com todo o gosto. Tudo evocava o passado, a própria bandeira, reconstituída de maneira pouco feliz; três listas longitudinais, uma azul, outra vermelha, outra amarela. Apenas as armas do Estado, para agradar ao sentimentalismo cossaco, sofriam uma mudança radical: em lugar da águia rapace de duas cabeças, de asas abertas e garras aduncas, via-se agora um cossaco nu de boné de pele, munido de um sabre, de uma espingarda e do restante equipamento de guerra, escarranchado num tonel de vinho.

Um dos delegados perguntou com ar servil:

- Pretenderá Sua Excelência fazer mudanças ou correcções nas leis fundamentais que foram adoptadas?

Krassnov, com um sorriso benevolente, permitiu-se brincar. Passeou um olhar rico de promessas pelos membros da Assembleia, respondendo com o ar de um homem lisonjeado por tantas atenções:

- Sem dúvida, nos artigos quarenta e oito, quarenta e nove e cinquenta, relativos à bandeira, às armas e ao hino. Podem propor-me qualquer bandeira excepto a vermelha; quaisquer armas, excepto a estrela judaica de cinco pontas ou qualquer outro emblema maçónico; qualquer hino excepto a Internacional.

A Assembleia ratificou as leis por entre risos. E a brincadeira do atamane correu de boca em boca durante muito tempo.

A 5 de Maio, a Assembleia foi dissolvida. Soaram os últimos discursos. O coronel Denissov, comandante do grupo do Sul, braço direito de Krassnov, prometeu acabar com

a sedição bolchevista o mais depressa possível. Os delegados separaram-se satisfeitos com a feliz escolha do atamane e tranquilizados com as notícias da frente.

Pantelei Prokófievitch deixou a capital do Don muito emocionado, cheio duma alegria transbordante. Estava firmemente convencido que o bastão de atamane se encontrava em boas mãos, de que os bolcheviques não tardariam a ser derrotados e que em breve os seus filhos voltariam à herdade. Sentado à janela do seu quarto, com os cotovelos no parapeito, tinha ainda nos ouvidos os últimos compassos do hino do Don; as palavras vivificantes, penetrando-o até ao fundo da consciência, tornavam-se realidade, convenciam-no de que «o ortodoxo e pacífico Don» «mudava de rumo», se «revoltava» de verdade. Da sua janela, porém, continuava a avistar a algumas verstás de Novotcherkassk os postos avançados da cavalaria bávara. Um grupo de alemães a cavalo avançava dos dois lados da linha do caminho-de-ferro, um pouco à frente do comboio.

Os cavaleiros recostavam-se tranquilamente nas selas; os cavalos, bem tratados, agitavam as caudas curtas, com o pêlo a reluzir ao sol. Debruçado na janela, Pantelei Prokófievitch, a franzir dolorosamente o sobrolho, observava os cascos dos cavalos alemães pisando vitoriosamente a terra cossaca; ficou muito tempo curvado, de cabeça baixa, e por fim, com um suspiro, voltou as costas à janela.

II

Comboios de vagões vermelhos vindos do Don atravessavam a Ucrânia levando para a Alemanha farinha, trigo, ovos, manteiga, bois. Alemães, envergando túnica cinzenta e boné sem pala, vigiavam, de baioneta calada, sobre as plataformas.

As belas botas alemãs de coiro amarelo com tacões ferrados martelavam as estradas reais cossacas, a cavalaria bávara matava a sede dos seus cavalos nas águas do Don...

Apesar disso, na fronteira da Ucrânia, os jovens cossacos mobilizados, que acabavam de sair de Perssianovka, lutavam contra Petliura. O 12.º Regimento cossaco reconstituído em frente de Starobélsk perdeu metade dos seus homens ao tentar conquistar para o Don mais uma parcela de território ucraniano.

A stanitsa de Usst-Medvéditzkaia, ao Norte, mudava constantemente de amo. Um destacamento de cossacos vermelhos, vindos das stanitsas de Glazunóvsskaia, Nova-Aleksandróvsskaia, Koumiljénskaia, Skurichénskaia, apoderou-se dela; uma hora mais tarde, um destacamento de guerrilheiros brancos, comandado pelo oficial Alekéiev, desalojava os vermelhos, aparecendo então nas ruas os capotes dos estudantes do liceu, dos colégios modernos e dos seminaristas, que constituíam os quadros do destacamento.

Sucessivas vagas de cossacos do Alto-Don progrediam para o Norte, de stanitsa em stanitsa. Os vermelhos retrocediam para as fronteiras do governo de Saratov. Abandonaram quase por completo o distrito do Khopr. No fim do Verão, o exército do Don, constituído por cossacos de todas as idades, desde que fossem ainda capazes de pegar numa arma, estava nas fronteiras. Reestruturado no decurso da campanha, e após se lhe terem reunido alguns oficiais vindos de Novotcherkassk, tomava pouco a pouco o aspecto de um verdadeiro exército: os pequenos destacamentos organizados pelas stanitsas serviam de ligação; reconstituíam-se os regimentos regulares de outrora com os sobreviventes da guerra contra a Alemanha; os regimentos formavam divisões; os velhos coronéis do Estado-Maior eram substituídos por alferes; pouco a pouco, até o Alto Comando foi reorganizado.

No fim do Verão, as unidades de combate compostas por cossacos das stanitsas de Miguilínskaia, Mekhóvsskaia, Kazánskaia e Chumilínskaia atravessaram, sob as ordens do major-general Alférov, a fronteira da região do Don e, depois de ocuparem

Donetskoid, primeira localidade do governo de Voróneje, começaram o cerco à cidade de Bogutcher.

Havia já quatro dias que o esquadrão de Tatársski, comandado por Petro Melekhov, se encaminhava, atravessando as aldeias e as stanitsas, para o Norte do distrito de Usst-Medvéditzkaia. Algures, para a direita, os vermelhos recuavam em direcção ao caminho-de-ferro, recusando o combate. Nunca os homens de Tatársski vislumbravam o inimigo. Avançavam pouco de cada vez. Petro e todos os cossacos decidiram, sem combinação prévia, que não havia urgência em avançarem ao encontro da morte; por conseguinte só percorriam algumas trinta verstás de cada vez

No quinto dia penetraram em terras da stanitsa de Kumiljénskkaia. Atravessaram o Khopr na aldeia de Dumdukov. Uma nuvem de mosquitos cobria os campos. Produziam um ténue mas vibrante zumbido que aumentava continuamente de intensidade. Rodopiavam aos milhares, cegamente, entrando nos ouvidos e nos olhos, tanto dos cavalos como dos cavaleiros.

Os animais impacientavam-se, espirravam, os homens sacudiam os braços fumando sem parar tabaco caseiro.

- Que rica brincadeira! Merda para isto! – resmungou Khrisstónia, esfregando com a manga os olhos cheios de lágrimas.

- Já tens um num olho, hem? - disse Grigóri sorrindo.

- Faz uma comichão danada. Palavra que o malandro é venenoso!

Khrisstónia, erguendo a pálpebra congestionada, passou pelo olho um dedo rugoso, depois, com as costas da mão, coçou-o demoradamente, esticando o lábio inferior.

Grigóri encontrava-se junto dele. Eram companheiros desde a partida. Anikuchka, que engordara nos últimos tempos e estava cada vez mais parecido com uma mulher, juntou-se a eles.

O destacamento formava um esquadrão completo. Petro tinha como auxiliar o ajudante Latichev, que havia casado com uma rapariga de Tatársski. Grigóri comandava um pelotão.

Quase todos os seus homens provinham da parte baixa da aldeia: Khrisstónia» Anikuchka, Fédote Bodóvsskov, Martine Chamil, Ivane Tomíline, Borchtchov, alto e muito magro, Zakhar Koroliov, forte como um urso, Prokhor Zikov,-Merkulov, que era atravessado de cigano, Epifane Makssáiev, Égor Sinfline e mais uma dúzia de jovens, todos da mesma idade.

O segundo pelotão era comandado por Nikolai Kochevói, o terceiro por Iakov Kolovéidine e o quarto por Mitka Korchunov, que fora rapidamente promovido pelo

general Alférov ao posto de primeiro-sargento de cavalaria depois da execução de Podtiólkov.

O esquadrão trotava através da estepe. A estrada contornava os pântanos cheios de água, atravessando valas cobertas de salgueiros e juncos amolecidos, a serpentear através dos campos.

Ouvia-se nas últimas filas o timbre baixo das gargalhadas de Iakov-o-Ferradura. Andrei Kachúline, que também conquistara os galões de oficial subalterno à custa do sangue dos companheiros de Podtiólkov, acompanhava-o com a sua voz de tenor.

Petro Melekhov e Latichev cavalgavam juntos ao lado da coluna. Falavam em voz baixa. Latichev mexia na borla nova do sabre. Petro, com a mão esquerda, afagava o cavalo, coçava-o entre as orelhas. O rosto balofo de Latichev abriu-se num sorriso; os seus dentes, gastos e amarelecidos pelo tabaco, apareciam debaixo do bigode fino.

Antip Avdeiévitch, que era filho do Mentiroso, trotava na cauda da coluna montado numa égua que coxeava um pouco.

Os homens conversavam; alguns deles, rompendo a formatura, seguiam à frente em grupos de cinco, enquanto os outros iam examinando com atenção a paisagem desconhecida que atravessavam, os campos semeados de charcos, a cortina verde dos choupos e dos salgueiros. Podia ver-se pelo equipamento dos soldados que estes se preparavam para uma grande caminhada: os alforjes iam cheios, as mochilas transbordavam, todos levavam o capote cuidadosamente dobrado no arção da sela. Bastava observar os arreios: a mais pequena correia fora reforçada com fio grosso, tudo havia sido cosido de novo, reajustado, devidamente remendado. Embora um mês antes se não acreditasse na guerra, caminhava-se agora com a triste e resignada tristeza de que não se podia evitar que o sangue corresse. «Hoje ainda estou vivo, mas pode acontecer que amanhã a minha carne alimente os corvos no meio dos campos», pensavam os cossacos.

Atravessaram a aldeia de Kresptsí. Surgiam algumas quintas, cobertas de junco, à beira da estrada. Anikuchka tirou um biscoito do bolso das calças, deu-lhe uma dentada ao meio, descobrindo com voracidade os incisivos curtos, e pôs-se, com um ar atarefado, a roê-lo como um coelho.

Khrisstónia olhou para ele.

- Estás com fome?

- Que tem isso de extraordinário?... Foi a minha mulher que os fez.

- És danado para comer! Tens um estômago de porco!

E, voltando-se para Grigóri, prosseguiu, num tom triste, ligeiramente irritado:

- O bruto come que até mete nojo! Como é que lhe cabe tanta coisa lá dentro? Ando a reparar nele há uns dias e quase me faz medo: não é gordo, mas vejam como ele se atasca, que sorvedoiro!

- Como o que tenho na vontade, vou fazendo o que posso. À noite como um carneiro e pela manhã já estou com fome. Lá na minha terra deita-se a mão a tudo quanto é comestível, tudo o que vem à rede é peixe - disse Anikuchka, troçando, enquanto olhava de soslaio para Grigóri e Khrisstónia, o qual cuspiu com desprezo.

- Aonde vamos passar a noite, Petro Panteleievitch? Olha que os cavalos já não aguentam! - gritou Tomíline.

Merkulov juntou-se a ele:

- É tempo de pararmos. O sol está a esconder-se.

Petro sacudiu o chicote:

- Vamos passar a noite a Kliutchi. A menos que consigamos chegar até Kunilga.

Merkulov, sorrindo por entre a barba frisada, murmurou para Tomíline:

- Quer ficar bem-visto por Alférov, o canalha. Está com pressa

Não se sabe quem, ao barbear Merkulov, lhe cortara por brincadeira a barba mais curta que o normal, deixando-lhe apenas uma pêra, um tufo pontiagudo e torto, em vez da antiga barba opulenta. A sua cara estava completamente transtornada, ridícula, servindo de pretexto a troças constantes.

Desta vez foi Tomíline que não pôde conter-se:

- E tu, também não queres ficar bem-visto?

- O que é que estás a dizer?

- Aparaste a barba como a do general. E agora queres que te ponham a comandar uma divisão, não é? E se fosses à merda, também não era bom?

- Bruto! Palerma! Fala-se-lhe a sério e ele põe-se a desconversar.

Rindo e tagarelando, chegaram à aldeia de Kliutchi. Andrei Kachúline, que fora enviado à frente para tratar dos alojamentos, esperava pelo esquadrão na primeira herdade.

- Os homens do meu pelotão sigam-me! Primeiro pelotão: para aquelas três quintas! Segundo pelotão, à esquerda! Terceiro pelotão: aquela quinta onde há um poço e as quatro que estão a seguir!

Petro aproximou-se dele:

- Sabes alguma coisa? Perguntaste por aí?

- Nem vestígios dos vermelhos. Mas, em compensação, há mel com fartura. Só uma velha tem uns trezentos cortiços. Esta noite vamos esvaziar-lhe um, tem de ser!

- Oh, oh! Nada de tolices. Senão vou-te ao focinho!

Petro, taciturno, bateu no cavalo com o chicote.

Depois de alojados, trataram dos cavalos. Estava escumo.

Os donos das quintas deram de comer aos homens. Os cossacos do destacamento e os da aldeia sentaram-se a confraternizar sobre os álamos cortados no ano anterior. Falou-se de tudo, depois separaram-se para dormir.

No dia seguinte, de manhã, o esquadrão deixou a aldeia.

Estavam prestes a atingir Kumiljénskaja quando chegou um estafeta com uma carta. Petro, depois de a abrir, pôs-se a lê-la demoradamente, a oscilar sobre a sela, mantendo com dificuldade a folha de papel sobre a mão aberta, como se ela fosse um pesado fardo. Grigóri aproximou-se.

- É uma ordem?

- Sim.

- Que dizem eles?

- Uma data de coisas... Querem que eu entregue o comando. A minha classe foi convocada de novo, vão reconstituir o 28.º em Kazánskaja. Reúnem também os artilheiros e os metralhadores.

- E aos outros, que lhes vão fazer?

- Olha, está aqui escrito: «Em Arjenóvsskaia, ponham-se à disposição do comandante do 22.º Regimento. Partam sem demora.» Estás a ver: «Sem demora!»

Latichev, chegando, tirou a ordem das mãos de Petro. Leu-a, a remexer os lábios grossos e pesados, com uma sobranceira erguida.

- Em marcha! gritou Petro.

O esquadrão estremeceu e depois partiu a passo. Os homens, voltando-se, observavam Petro com atenção, à espera do que ele lhes iria dizer. Comunicou-lhes a ordem quando chegaram a Kumiljénskaja. Os homens das divisões mais antigas começaram activamente os seus preparativos para retomarem o caminho em sentido contrário. Decidiu-se passar o resto do dia na stanitsa, separando-se no dia seguinte, ao nascer do Sol.

Petro, que procurara durante todo o dia uma oportunidade de falar com Grigóri, encontrou-o na casa onde este se havia instalado.

- Vamos até à praça.

Grigóri transpôs a porta em silêncio. Ao ver Mitka Korchunov aproximar-se, Petro disse-lhe friamente:

- Vai-te embora, Mitri. Quero falar com o meu irmão.

- Como queiras disse Mitka.

Sorriu com ar de quem compreendera, afastando-se.

Grigóri, que observara Petro de soslaio, sabia que este queria falar-lhe de um assunto sério. Para o desviar desse pressentido intuito, disse com fingida animação:

- É curioso! Apenas nos afastamos umas cem verstás da nossa terra e no entanto as pessoas já são diferentes. Não falam como nós, as casas já são construídas de maneira diferente, no género das dos velhos-crentes. Olha, um portal com um telhado de tábuas, como uma capela. Para os nossos lados, não se vê nada disto. Repara (mostrava uma magnífica quinta que ficava perto), o banco de terra à entrada também está coberto de tábuas; com certeza é para que o talude não apodreça, hem?

- Deixa lá isso - disse Petro crispando a cara. - Agora não interessa... Espera, vamos para o pé do tapume. As pessoas estão a olhar para nós.

Homens e mulheres, vindos da praça, fitaram-nos com curiosidade. Um velho de camisa azul, sem cinto, trazendo na cabeça um boné de cossaco cuja tira se tornara cor-de-rosa de tão velha, parou à frente deles.

- Passam aqui o dia?

- Sim.

- Têm aveia para os cavalos?

- Alguma respondeu Petro.

- Mesmo assim passem por minha casa. Dar-vos-ei duas medidas.

- Deus te proteja, avôzinho!

- Deus te guarde! Podes passar por minha casa, é aquela ali adiante com o telhado de chapa.

- De que é que me queres falar? - perguntou Grigóri com impaciência, franzindo a testa.

- De tudo.

Petro sorriu, com um sorriso contrafeito, e pôs-se a mordiscar de lado o bigode loiro da cor do trigo.

- Nos tempos que correm, Grichatka, pode acontecer que não nos tornemos a ver nunca mais ..

A hostilidade inconsciente que Grigóri sentira durante um instante pelo irmão desapareceu de repente, sob o efeito do sorriso compadecido de Petro e desse velho nome de Grichatka que lhe lembrava os tempos de criança. Petro olhava ternamente para o irmão, sempre a sorrir da mesma maneira.

Por fim, desfez o sorriso com um movimento dos lábios e, endurecendo a expressão, disse:

- Olha como eles nos separaram, os bandidos! Foi como se um arado nos tivesse passado por cima: uns para um lado e outros para o outro, tal qual a terra da lavra. Que triste vida, que época danada! Já não nos compreendemos uns aos outros . Tu, por exemplo - disse mudando bruscamente o curso da conversa -, tu, hem, és meu irmão, e não te compreendo, palavra de honra! Sinto que te afastas de mim, não sei porquê... Será verdade?

E respondendo a si próprio:

- Não me engano, tu andas perturbado tenho medo que te passes para os vermelhos .. Andas à procura de ti próprio, Grichatka, ainda não te encontraste até agora.

- E tu, já te encontraste? - disse Grigóri, olhando para além da linha invisível do Khopr e da colina barrenta, o sol que descia, o poente flamejante e as nuvens subindo como bolas de algodão negro e rubro.

- Eu, já. Já encontrei o meu caminho. Ninguém me fará sair dele. Eu, Grichatka, não vou hesitar como tu.

- Oh! - disse Grigóri, que apenas conseguiu mostrar um sorriso cruel.

- Não vou hesitar! - Petro torceu o bigode com fúria e pôs-se a piscar os olhos como se tivesse ficado cego. - Não me deixarei prender pelo laço vermelho. O povo cossaco está contra eles, portanto eu também. Não estou para discutir, não quero discussões. Além do mais... bem vêes, nada tenho com isso, não seguimos o mesmo caminho.

- Não falemos mais deste assunto - disse Grigóri num tom cansado, enquanto se encaminhava para o local onde estava aboletado. Ia colocando cuidadosamente os pés um à frente do outro, a bambolear as costas arqueadas.

À entrada da porta, Petro, que seguia alguns passos atrás, perguntou-lhe:

- Diz-me, gostava de saber... Diz lá, Grichatka, não te vais passar para o lado deles, pois não?

- Não pensei nisso... não sei.

Grigóri disse isto duma maneira indolente, de má vontade. Petro suspirou, mas não fez mais perguntas. Foi-se embora emocionado, com as feições crispadas. Para si, tal como para Grigóri, era tudo claro como água: os trilhos que dantes os ligavam um ao outro estavam agora cobertos pelos silvedos da vida, obstruídos os caminhos do coração. Tal como a encosta a pique do despenhadeiro para onde desce, serpenteando, a vereda polida pelos cascos das cabras. De repente, depois de uma volta brusca, mergulha até ao fundo e detém-se, acaba de vez: não é possível passar além, as ervas nascem por toda a parte, uma parede exuberante fecha brutalmente o beco sem saída.

No dia seguinte, Petro mandou metade do esquadrão para Viodiénskaja. Os jovens, sob o comando de Grigóri, partiram em direção a Arjenóvsskaja.

O sol queimava impiedosamente desde o amanhecer. Um nevoeiro pardo elevava-se da estepe escaldante. Os cavaleiros deixavam para trás os contrafortes cor de malva do vale do Khopr e as areias que se estendiam como um lenço amarelo de açafreão. Os cavalos alagados em suor caminhavam a passo, vacilando sob o peso dos homens. As caras dos cossacos tornavam-se morenas, queimadas pelo sol. As selas, os estribos, as partes metálicas do freio estavam, tão quentes que não se lhes podia tocar com a mão. Nem mesmo o bosque conservara um pouco de frescura; reinava lá dentro uma atmosfera densa, húmida, e um forte odor a chuva.

A angústia oprimia Grigóri. Baloçou-se durante todo o dia sobre a sela, pensando no futuro, de um modo incoerente; vieram-lhe à memória, como as contas dum rosário, as palavras de Petro, fazendo-o sofrer amargamente. O gosto áspero e amargo do absinto queimava-lhe os lábios. A estrada fumegava sob o calor. A estepe castanha e doirada estendia-se de costas, ao sol. Os ventos secos roçavam por ela, esmagavam as ervas bravas, levantando turbilhões de areia e de pó.

Ao fim da tarde, uma bruma transparente toldou a luz do sol. O céu, perdendo a cor, tornou-se cinzento. Para Oeste surgiram nuvens pesadas. Ao princípio, estavam imóveis, roçando com os bordos flácidos a linha imperceptível do horizonte, depois, empurradas pelo vento, aproximaram-se ameaçadoras, arrastando rente ao chão as suas caudas castanhas, com um ar irritado, enquanto as cabeças redondas se mantinham brancas como a neve.

O destacamento, atravessando pela segunda vez o rio Kumilga, penetrou sob a cúpula de um bosque de choupos.

As falhas agitadas pelo vento, a mostrarem aqui e acolá o avesso de um azul leitoso, sussurravam em conjunto num tom grave. Algures, para lá do Khopr, uma chuva oblíqua misturada com granizo, tendo em volta um arco-íris como se fosse um cinto, escapava-se da cintilante faixa de nuvens brancas e fustigava o chão.

Passaram a noite numa pequena aldeia quase deserta.

Grigóri, depois de prender o cavalo num abrigo, encaminhou-se para as colmeias. O proprietário, um cossaco muito velho e engelhado, disse-lhe com angústia, enquanto retirava da barba as abelhas que ali se tinham prendido:

- Acabo de comprar aquela colmeia. As larvas morreram todas durante o transporte, ainda estou para saber porquê. Vês tu, as outras levam-nas.

Deteve-se em frente da colmeia preparada e mostrou o buraco da saída: as abelhas traziam infatigavelmente para junto do orifício os pequenos cadáveres das larvas e levantavam voo com eles, zumbindo surdamente.

O proprietário franzia tristemente as pálpebras ruivas, dando estalos com a boca, preocupado. Ia e vinha num passo irregular, a sacudir desajeitadamente os braços. Agitadíssimo, desengonçado, com os seus gestos curtos e rápidos, suscitava uma certa inquietação e parecia deslocado nesse colmeal onde a imensa colectividade das abelhas cumpria com ordem e moderação a sua lenta e sensata tarefa. Grigóri observava com ligeira antipatia esse velho de ombros largos, sempre a gesticular, que falava numa voz aguda e sacudida.

- Este ano a colheita foi boa. O tomilho deu muita flor e elas tiveram com que se entreter. As colmeias de tabuleiros são mais práticas. Estou a pensar em instalar algumas - Grigóri deitou no chá um pouco de mel espesso como cola, o qual tinha um agradável cheiro a tomilho, a amor-perfeito, a todas as flores do campo.

Foi a filha do proprietário, uma mulher alta e bonita, quem serviu à mesa. O marido partira com os vermelhos e era por isso que o velho estava tão humilde e obsequioso. Não reparava nos olhares rápidos que ela lançava a Grigóri por entre as pestanas, apertando os lábios finos e pálidos. Quando a rapariga estendeu o braço para a chaleira, Grigóri viu-lhe os pêlos negros e frisados do sovaco. Encontrou várias vezes o seu olhar ágil e curioso; de uma delas, pareceu-lhe que as maçãs do rosto da jovem cossaca coravam, enquanto os cantos dos seus lábios dissimulavam um sorriso.

- Vou fazer-lhe a cama no quarto grande - disse ela a Grigóri, depois do chá, ao passar a seu lado com um travesseiro e um cobertor, lançando-lhe um olhar francamente ávido.

Enquanto batia o travesseiro, disse rapidamente numa voz quase imperceptível, disfarçando:

- Durmo no alpendre... Abafa-se dentro de casa, há pulgas...

Grigóri apenas descalçou as botas e, mal ouviu o ressonar do dono da casa, foi ter com ela ao alpendre. A rapariga afastou-se para lhe dar lugar a seu lado, sobre uma carroça a que haviam retirado o jogo dianteiro, puxando para si a pele de ovelha; as suas pernas tocaram as de Grigóri, e ela ficou um momento sem falar. Os lábios da rapariga eram secos e duros, com um gosto a cebola, mas muito frescos. Grigóri permaneceu entre os seus braços finos e castanhos até de madrugada, sem dormir. A rapariga cingiu-o com força durante toda a noite, acariciou-o infatigavelmente e, rindo-se com malícia, mordida-lhe os lábios até ficarem em sangue, beijava-lhe o pescoço, o peito, os ombros, deixando neles a

marca violácea dos seus pequenos dentes carnívoros; depois do terceiro canto do galo, Grigóri quis regressar ao seu quarto, mas ela deteve-o.

- Deixa-me, minha querida, deixa-me, pequena - pedia Grigóri, mostrando um sorriso debaixo do bigode preto e arqueado, enquanto tentava sem grande convicção libertar-se. - Fica ainda um pouco mais... Fica...

- Podem descobrir-nos. Olha, está quase a amanhecer.

- Tanto pior.

- E o teu pai?

- O meu pai já sabe.

- O quê? - exclamou Grigóri crispando nervosamente as sobrancelhas.

- É como te digo...

- Que me contas? Como é que ele sabe?

- Escuta... Ontem disse-me: «Se o oficial te pedir para ires dormir com ele, vai e mostra-te simpática, senão eles levam-nos os cavalos ou qualquer outra coisa, por causa do Guerassimka... O Guerassimka é o meu marido, anda com os vermelhos...

- A-a-ah! Então é isso!

Grigóri sorriu ironicamente, mas no fundo sentia-se vexado.

A rapariga dissipou essa sensação desagradável. Apalpando amorosamente os músculos dos braços de Grigóri, estremeceu:

- O meu marido não é como tu...

- Como é ele? - perguntou Grigóri, olhando o céu que empalidecia.

- Não vale grande coisa.. é magricela...

Apertou-se confiadamente contra Grigóri e na sua voz havia soluços secos.

- Vivia sem grande satisfação junto dele... Não me dava aquilo de que uma mulher precisa.

Uma alma fora do vulgar, duma ingenuidade infantil, abria-se diante de Grigóri, simplesmente, como uma flor para receber o orvalho. Aquilo perturbava-o, despertava-lhe uma certa piedade. Enternecido, carinhoso, passou a mão pelos cabelos desgrenhados da sua companheira de acaso e fechou os olhos fatigados.

A claridade minguante da Lua filtrava-se através do telheiro. Uma estrela cadente, desprendendo-se, esgueirou-se rapidamente para o horizonte, deixando atrás de si uma esteira fosforescente, que logo se extinguiu. Uma pata gritou num charco, um pato respondeu-lhe com um grasnido amoroso.

Grigóri voltou para o quarto, deslocando com ligeireza o peso do seu corpo vazio, impregnado da suave música da fadiga. Adormeceu a sentir na boca o gosto salgado dos

beijos dela, guardando preciosamente na memória a recordação do seu corpo ávido de carícias e o seu cheiro, que era uma mistura de mel, de tomilho, de suor e de calor.

Foi despertado pelos seus homens duas horas mais tarde.

Prokhor Zikov selara-lhe o cavalo, que trouxera para o pátio.

Grigóri despediu-se do dono da casa sustentando com firmeza o seu olhar carregado de hostilidade e saudou com a cabeça a filha que atravessava o pátio. Ela correspondeu-lhe, a esconder um sorriso, com a subtil amargura de um remorso no canto dos lábios finos ligeiramente pintados.

Grigóri encaminhou-se pela ruela, voltando-se para trás várias vezes. A ruela formava um arco de círculo que contornava a quinta onde passara a noite, e ele viu a jovem cossaca que havia aquecido com as suas carícias a segui-lo com o olhar através do tapume, protegendo os olhos com a mão estreita e queimada pelo sol. Virou-se também, impelido por uma inesperada vaga de angústia, a tentar em vão lembrar-se da expressão dessa cara, de todo esse corpo. Apenas conseguia distinguir a cabeça envolta num lenço branco a voltar-se lentamente para o seguir. Tal como um girassol observando a lenta trajectória circular do sol.

Mikhail Kochevói percorreu por etapas o caminho desde Viochénskaia até à frente de batalha. Ao chegar a Fedosseievsskaia, o atamane da stanitsa reteve-o um dia, enviando-o novamente sob escolta para Viochénskaia.

- Porque me mandam outra vez embora? – perguntou Michka ao secretário da stanitsa.

- Recebemos ordem de Viochénskada - respondeu-lhe este de má catadura.

De facto, a mãe de Michka pusera-se de joelhos diante da Assembleia da aldeia para interceder pelo filho junto dos velhos, e estes tomaram a decisão, em nome da comuna, de pedir que Michka Kochevói, único sustentáculo da família, fosse nomeado guarda de cavalos. Foi o próprio Mirone Grigórievitch o portador da decisão para o atamane de Viochénskaia.

E conseguiu o que queria.

Na administração de Viochénskaia, o atamane começou por repreender Michka, que permanecia em sentido na sua frente, depois baixando de tom, concluiu severamente:

- Não vamos confiar a defesa do Don aos bolcheviques. Vais para a reserva servir de pastor, e depois veremos. Mas presta atenção, filho da puta! Isto é só porque temos pena da tua mãe, de contrário... Põe-te a mexer!

Michka partiu, desta vez sem escolta, pelas ruas escaldantes. O capote enrolado magoava-lhe o ombro. As pernas fatigadas por cento e cinquenta verstás de marcha

recusavam-se a obedecer-lhe. Chegou a casa com grande custo, já de noite, partindo no dia seguinte para a «reserva», acompanhado pelos choros e carícias da mãe e levando consigo a imagem do seu rosto envelhecido e dos seus cabelos brancos, em que reparava pela primeira vez.

Ao sul da stanitsa de Karguínsskaia, estendia-se uma estepe inculta com vinte e oito verstás de comprido e seis de largo, que não podia ser cultivada havia séculos. Esse pedaço de terra com vários milhares de deciatinas era utilizado para apascentar os garanhões da stanitsa, daí o seu nome de «reserva».

Todos os anos, pelo S. Jorge, os guardas das manadas iam buscar os garanhões que haviam repousado durante o Inverno nas cavaliças de Viochénskaia e traziam-nos. A stanitsa mandara construir uma cavaliça no meio da reserva, com estábulos de Verão ao ar Livre, previstos para dezoito garanhões, e ao lado uma casa para os guardas, o vigilante e o veterinário. Os cossacos do distrito de Viochénskaia traziam as suas éguas de criação. O veterinário e o vigilante aceitavam apenas aquelas que não tivessem mais de duas archines (*Medida de comprimento usada na Rússia que corresponde a 72 cm*) de altura e quatro anos de idade. As mais fortes eram agrupadas em manadas de quarenta. Cada garanhão ia com uma dessas manadas para a estepe, vigiando-a ciosamente.

Michka montava a sua própria égua. A mãe, no momento da partida, dissera-lhe, enxugando uma lágrima ao avental:

- Deve andar cheia... Trata-a bem, não a canses. Precisamos tanto de mais um cavalo!

Ao meio-dia, Michka vislumbrou, através de um nevoeiro vaporoso que se estendia por cima de uma depressão do terreno, o telhado de chapa de uma casa, o tapume e o tecto de colmo da cavaliça, manchado pelas intempéries. Apressou a égua; ao chegar ao cume da colina, viu distintamente os edifícios e o lençol leitoso da erva atrás deles. Lá longe, para leste, a mancha castanha de uma manada de cavalos corria para um charco; um pouco distanciado, um guarda a cavalo acompanhava-a a trote; parecia um boneco montado num cavalo mecânico.

No pátio, Michka, apeando-se, atou as rédeas à balaustrada e entrou na casa. Um dos guardas aproximava-se em sentido contrário pelo vasto corredor, um cossaco baixo, com a cara cheia de sardas.

- Procuras alguém? - perguntou ele com hostilidade, observando Michka dos pés à cabeça.

- Queria falar com o vigilante.

- O Strukov? Não está cá, saiu. Mas podes entender-te com o seu ajudante, o Sazónov. Segunda porta à esquerda...

- Mas para que é? Onde vens tu?

- Venho como guarda.

- Agora mandam-nos um qualquer...

Resmungando, dirigiu-se para a porta. O laço de corda que trazia ao ombro arrastava pelo chão. Abriu a porta e, sem se voltar para Michka, disse com um tom mais conciliatório, agitando o chicote:

- Aqui, irmão, o serviço é duro. Por vezes passamos dois dias em cima do cavalo.

Michka reparava nas suas costas curvadas e nas pernas tortas. Na abertura da porta, enquadravam-se com relevo e nitidez todas as linhas do vulto mal feitoso do cossaco. As suas pernas em arco puseram Michka bem disposto. «Parece que passou quarenta anos escarranchado num tonel», pensou, a rir-se consigo, enquanto procurava com os olhos a maçaneta da porta.

Sazónov recebeu o novo guarda com um ar majestoso e indiferente.

Pouco depois, apareceu o próprio inspector; o ajudante Afanássi Strukov, do regimento atamansski. Era enorme. Mandou arrancar Michka e saiu com ele para a varanda, que escaldava sob o sol branco e sempre igual.

- Sabes domar cavalos selvagens? Já alguma vez experimentaste?

- Nunca calhou - reconheceu honestamente Michka, enquanto via espalhar-se pelo rosto do vigilante uma onda de descontentamento.

Esfregando as costas suadas e deitando para a frente os ombros fortes, o vigilante olhava-o com fixidez entre os olhos.

- Sabes atirar o laço?

- Sei.

- Tratas bem dos cavalos?

- Trato.

- Eles são como as pessoas, só não falam. Cuida bem - deles ordenou, e pôs-se a gritar, repentinamente furioso, sem nenhuma razão: - É preciso tratá-los bem, caso contrário temos chicote!

O rosto do vigilante, animando-se, tornou-se inteligente por instantes, mas essa animação desapareceu logo a seguir, sucedendo-lhe uma máscara de indiferença obtusa.

- És casado?

- Não.

O vigilante apanhou-lhe a deixa:

- És um idiota! Devias casar - disse, jovial. Calou-se, como se estivesse à espera de qualquer coisa, fitando durante um minuto a superfície nua da estepe; depois entrou em casa a bocejar. Michka não ouviria uma palavra da sua boca ao longo de um mês de serviço.

Havia cinquenta e cinco garanhões na reserva. Cada guarda tinha a seu cargo duas ou três manadas. A Michka coube uma grande manada dirigida por um velho e potente garanhão chamado Tagarela e uma outra, mais pequena, com cerca de vinte éguas e um garanhão de nome Banal. O vigilante chamou o guarda, Iliá Soldátov, um dos empregados mais hábeis e intrépidos. Disse-lhe:

- Aqui está o novo guarda, Kochevói Mikhail, de Tatárski.

- Vai mostrar-lhe as manadas do Banal e do Tagarela e dá-lhe um laço. Dormirá na vossa barraca. Indicas-lhe o que é preciso fazer. Vão-se embora.

Soldátov, acendendo um cigarro sem responder, fez um sinal com a cabeça a Michka:

- Vamos.

Na varanda, perguntou-lhe, mostrando com o olhar a égua abatida pelo sol:

- É tua?

- É.

- Está cheia?

- Não.

- Fá-la cobrir pelo Tagarela. Ele veio da coudelaria do Koroliiov, é arraçado de inglês. Sangue não lhe falta... Anda, monta.

Partiram lado a lado. A erva subia até aos joelhos dos cavalos. Depressa ficou para trás o edifício da cavalaria. À sua frente, velada por uma bruma azul muito ténue, a estepe estava envolta num silêncio majestoso. O Sol no zénite esmorecia atrás de um tufo de nuvens cor de opala. A erva escaldante exalava um aroma espesso e forte. À direita, por detrás dos contornos vaporosos de um pequeno vale, a chapa branca do lago Jirov brilhava, sorridente como um diamante. E à volta, a perder de vista, o imenso lençol verde, as ondas trémulas da bruma, a velha estepe queimada pelo sol do meio-dia e, no horizonte, o grande seio cinzento de uma colina inacessível e fantástica.

A raiz das ervas era de um verde espesso e escuro, porém os fios tornavam-se transparentes ao sol, com reflexos cor de cinábrio. Os penachos dos juncos desfiavam-se antes de estarem maduros, envoltos em cabeleiras imortais; o trigo crescia em direcção ao Sol, esticando as espigas fartas. Aqui e ali, a verbena colava-se cegamente ao chão, por vezes repelida pela salva; depois o junco voltava a dominar, correndo como um rio cheio,

para mais adiante dar lugar a uma profusão de ervas: aveia brava, barbaria de flor amarela, eufórbio, saxifrágia, planta austera e orgulhosa que expulsa todas as outras dos seus domínios.

Os dois homens caminhavam em silêncio. Michka sentiu-se invadido por uma paz interior submissa, que já não experimentava havia muito tempo. A estepe esmagava-o com o seu silêncio, a sua solene” extensão. O companheiro dormia com todo o à vontade sobre a sela, curvado para o pescoço do cavalo, com as mãos sardentas cruzadas, como se estivesse para receber a comunhão.

Uma abetarda, saindo de baixo das patas dos cavalos, elevou-se sobrevoando um pequeno vale, com as penas brancas a brilharem ao sol. Uma aragem, que talvez de manhã tivesse encrespado o mar de Azof, começou a derrubar a erva.

Ao fim de meia hora, depararam com uma manada que pastava junto do lago Ossinov. Soldátov, acordando, espreguiçou-se sobre a sela e disse com indolência:

- A manada de Pantelei Lomakine. Mas olha, não o estou a ver.

- Como se chama o garanhão? - inquiriu Michka, olhando com agrado o animal comprido, de pêlo ruivo.

- Chama-se Tagarela. É mau, o estafermo! Vês o olhar dele? Olha, leva-as embora.

O garanhão afastou-se e as éguas foram atrás dele.

Michka tomou conta das manadas que lhe haviam sido confiadas e depois foi arrumar os seus objectos pessoais na barraca, onde já habitavam três homens: Soldátov, Lomakine e um cossaco taciturno e mais velho, Turovérov, que era guarda assalariado. Soldátov desempenhava as funções de chefe. Informou de boa vontade Michka acerca de tudo quanto respeitava ao serviço. No dia seguinte, falou-lhe da maneira de ser e dos hábitos dos garanhões, aconselhando-lhe, sorridente:

- Naturalmente é na tua égua que deves andar, mas, se passares o dia inteiro em cima dela, vais estoirá-la. Mistura-a com as outras, sela uma qualquer e muda sempre que te seja possível.

Sob o olhar de Michka, separou uma égua da manada, perseguiu-a a galope e, num gesto hábil, prendeu-a com o laço. Pôs-lhe a sela de Michka e trouxe-a toda trémula, a encolher os quartos traseiros.

- Monta. Meu Deus! Ela é mesmo selvagem! Anda, monta! gritou ele irritado, puxando vigorosamente as rédeas com a mão direita, enquanto apertava as ventas inchadas do animal com a esquerda. Trata-a com carinho. Na cavaliça podes berrar ao garanhão: «Arreda-te», e ele encosta-se a um dos lados da baia, mas aqui, nem pensar nisso! Tem

cuidado com o Tagarela, não te aproximes dele, poderá magoar-te disse segurando o estribo, a afagar ternamente a teta dura, negra e assetinada da égua que se agitava.

III

Michka esteve a descansar durante uma semana. Passava dias inteiros a cavalo. A estepe subjugava-o, impunha-lhe uma vida primitiva, vegetativa. Deixava o rebanho andar de cá para lá, perto dele, enquanto dormitava sobre a sela ou ia estender-se na erva, a contemplar, no céu, a viagem dos pequenos bandos de nuvens de peluche branca de neve que pastavam ao vento. Aquela vida retirada, longe do mundo, agradava-lhe de verdade. Porém, no fim da semana, quando se habituou à sua nova situação, despertou nele uma angústia vaga: «Enquanto os homens, lá longe, decidem o seu destino e o dos outros, eu cá ando a guardar éguas. Como é possível? Tenho de me ir embora, vou alistar-me», pensava ele, caindo em si. Mas uma outra voz, um murmúrio preguiçoso, insinuava-se-lhe na consciência: «Deixa-os andar na luta, lá morre-se e aqui estás em liberdade. Temos a erva e o céu. Lá existe o ódio, aqui a paz. Que tens tu a ver com eles?...» Todos estes pensamentos começaram a corroer-lhe obstinadamente a resignada serenidade. Isso levou-o a aproximar-se dos outros; procurava agora, mais do que nos primeiros dias, encontrar Soldátov, que ia sempre com as suas manadas para as imediações do pântano de Dudáriov; tentava relacionar-se com ele.

Soldátov não parecia sentir o peso da solidão. Raras vezes dormia na barraca e ficava quase sempre com o rebanho perto do pântano. Vivia como um bicho, fazia a sua própria comida e tinha para isso uma habilidade extraordinária, como se nunca na vida houvesse feito outra coisa. Um dia, Michka viu-o a torcer uma corda de crina de cavalo. Intrigado, perguntou:

- Para que é isso?
- Para apanhar peixe.
- Onde é que há peixes?
- No pântano. São caracinos.
- É com minhocas que os apanhas?
- Com pão e com minhocas.
- Depois coze-los?
- Ponho-os a secar e como-os. Olha, toma lá.

Tirou do bolso um caracino seco e ofereceu-o cordialmente a Michka.

Outra vez, quando ia atrás do rebanho, encontrou uma pequena abetarda presa no laço. Ao lado desta, via-se uma outra empalhada por mão de mestre, e em volta alguns laços habilmente escondidos na erva, presos a uma estaca.

Soldátov assou a abetarda num buraco que enchera de brasas e convidou Michka a cear com ele. Ao partir a carne que exalava um cheiro apetitoso, disse-lhe:

- Para a outra vez não a tires, podias ter estragado 'tudo.

- Como vieste aqui parar? inquiriu Michka.

- Sou o amparo da família.

Ficou um momento calado e depois disse:

- Ouve lá, é verdade aquilo que dizem, que és vermelho?

Michka não esperava a pergunta e perturbou-se:

- Não... enfim... isto é... Sim, eu quis ir reunir-me a eles. Prenderam-me.

- Porque querias tu ir para eles? Que é que procuravas? - inquiriu baixinho Soldátov, com um olhar subitamente grave e começando a mastigar mais lentamente.

Estavam sentados junto do lume, à beira de uma vala seca. A bosta exalava um cheiro acre, pequeninas chamas esforçavam-se por atravessar as cinzas. Atrás deles, a noite soprava um hálito de calor seco e de absinto murcho. O céu negro era constantemente sulcado por estrelas cadentes. Estas caíam e o seu rasto leitoso brilhava durante muito tempo como a marca do chicote sobre a garupa de um cavalo.

Michka observava atentamente o rosto de Soldátov dourado pelo reflexo das brasas e respondeu:

- Queria lutar pelos direitos.

Soldátov animou-se e disse com vivacidade:

- Os direitos de quem?

- Do povo.

- Mas quais direitos? Explica.

A voz de Soldátov era baixa e insinuante. Michka hesitou um momento, pois afigurava-se-lhe que Soldátov deitara propositadamente no lume um bocado de bosta fresca para esconder a expressão. Por fim, resolveu-se a falar:

- A igualdade para todos, por exemplo. Não devia haver senhores nem servos. Compreendes? É preciso acabar com isso.

- Achas que os cadetes não vencem?

- É a minha opinião.

- Era então isso o que tu querias -, Soldátov respirou fundo e ergueu-se de um salto:

- Filho de uma cadela, querias tornar os cossacos escravos dos judeus! - gritou numa voz

aguda e malévola. - Tu e os outros só desejam exterminar-nos! Um murro nas ventas, sim! Ah!, então era isso!... Para os judeus poderem construir as suas fábricas nas estepes, hem? Para nos expulsarem do país?

Michka, estupefacto, ergueu-se lentamente. Afigurava-se-lhe que Soldátov queria bater-lhe. Deu um passo para trás; o outro recuava, assustado, erguendo o braço. Michka segurou-lho no ar e avisou, num tom ameaçador, apertando-lhe o pulso:

- Está Já quieto, rapaz, senão viro-te de cangalhas! Que ideia foi essa de começares a berrar?

Estavam ambos em pé, às escuras, na frente um do outro. A fogueira, espezinhada por eles, apagara-se; apenas um bocado de bosta que rebolara para um lado lançava fumo escarlata.

Soldátov agarrou com a mão esquerda a gola da camisa de Michka; apertava-a no punho fechado, puxava, tentando libertar o braço direito.

- Não me toques no peito! - rosnou Michka, torcendo o pescoço taurino. - Não me toques, já te disse, senão parto-te os cornos, estás a ouvir?...

- N...ão, eu é que tos parto a ti... espera lá! – gaguejava Soldátov.

Michka conseguiu soltar-se, compôs a camisa com gestos convulsos, sentindo um desejo repugnante de bater, de derrubar o outro, libertando a energia que sentia nos braços.

Soldátov não se aproximou dele. Gritava pragas obscenas, rangendo os dentes:

- Vou denunciar-te... vou já ter com o vigilante. Mando-te prender. Monte de esterco! Serpente!... Bolchevique!... Fazem-te como ao Podtiólkov! Enforcam-te numa árvore! Na ponta de uma corda!

«Ele vai-me denunciar... Vai falar... Eles vão prender-me... Já não me mandarão para a frente, e assim não poderei passar para o outro lado. Estou perdido!» Michka sentia-se gelado de susto, e o seu pensamento, em busca de uma saída, girava desesperadamente como um peixe no fundo de uma poça separada do rio quando a cheia abate. «Tenho de o matar. vou estrangulá-lo imediatamente Não há outro remédio. .» A sua alma, já afeita a esta súbita decisão, procurava justificações: «Digo que ele se atirou a mim para me bater. . Agarrei-o pelo pescoço sem premeditação... com a fúria...»

Michka deu um passo, a tremer, na direcção de Soldátov e se neste momento este tivesse querido fugir a morte seria inevitável, mas Soldátov continuava a gritar insultos. Michka acalmou-se, porém as pernas tremiam-lhe e o suor começou a escorrer-lhe pelas costas e por baixo dos braços.

- Espera, escuta... Estás a ouvir? Espera, Soldátov. Não grites. Tu é que começaste.

E pôs-se a suplicar humildemente, com o queixo a tremer, os olhos esbugalhados.

- São coisas que acontecem entre amigos... Eu não te bati .. Tu é que me agarraste pela gola... Que é que eu disse? Achas que deves denunciar-me por isso?... Se te ofendi, desculpa... palavra de honra, heim?

Soldátov baixava cada vez mais o tom e deixou de gritar.

Ao cabo de um minuto, disse, voltando-se e retirando o braço da mão fria e húmida de Michka:

- Tu torces-te como uma cobra. Bem, pronto, não direi nada. Tenho dó da tua estupidez... Mas nunca mais me apareças, não posso enxergar-te. Malandro! Vendeste-te aos judeus e eu não perdo a quem se vende por dinheiro.

Michka sorria com humildade no escuro, embora Soldátov não lhe visse o rosto, assim como não via os punhos cerrados e as veias tumefactas.

Separaram-se sem dizerem palavra. Michka chicoteou furiosamente o cavalo e partiu a galope à procura do rebanho.

O céu, para leste, era iluminado pelos relâmpagos do calor e ouviam-se trovões.

Nessa noite rebentou uma tempestade sobre a reserva.

Pela meia-noite, um vento arquejante, em rajadas, passou a assobiar na estepe, seguido, como se fosse um rasto invisível, por uma frescura espessa e uma poeira amarga.

O céu escureceu. Um relâmpago rasgou obliquamente as nuvens acasteladas, tão negras como a terra, o silêncio pesava cada vez mais, e algures, ao longe, a trovoadas começou a rosar, ameaçadora. Uma chuva vigorosa fez tombar as ervas.

À luz de um relâmpago circular, Mitka viu uma nuvem castanha de bordos negros como o carvão, que se erguia no meio do céu, e, na terra, por baixo deste, os cavalos minúsculos apertados uns contra os outros. Um trovão estalou com força incrível e um raio mergulhou no solo. Após novo estampido, as torrentes da chuva desataram a correr da nuvem, a estepe soltou um lamento indistinto, um turbilhão de vento arrancou da cabeça de Michka o barrete encharcado, obrigando-o a curvar-se com força sobre o pomo da sela. Durante um minuto, só se ouviu palpitar o negrume espesso, depois zigzagueou um novo relâmpago, que deixou atrás de si uma obscuridade mais espessa e diabólica. O trovão que se seguiu foi tão forte, seco e destruidor que o cavalo de Michka agachou-se, depois, erguendo-se num salto, empinou-se. Os cavalos da manada desataram a espezinhar o chão. Michka puxou as rédeas com toda a força e gritou para lhes dar coragem:

- Aí!... Oh!...

À luz zigzagueante de um relâmpago branco como o açúcar, que deslizava lentamente pela crista da nuvem, Michka viu a manada que se precipitava na sua direcção.

Os cavalos estiravam-se num galope demente, quase a tocarem no chão com os beiços luzidios. As suas narinas inflamadas aspiravam o ar ruidosamente, os cascos por ferrar martelavam o solo com um ruído húmido. Tagarela ia na frente, a uma velocidade espantosa. Michka puxou o seu cavalo para o lado, mal tendo tempo de fugir. Os outros passaram, detendo-se a pouca distância. Sem compreender por que motivo os cavalos assustados e desorientados pela trovoada se haviam aproximado precisamente no momento em que gritara, Michka repetiu ainda com mais força:

- Aí!... Oh!...

Então mais uma vez agora às escuras o tropear dos cascos se precipitou sobre si. Aterrado, chicoteou a égua entre os olhos, mas não conseguiu livrar-se. O cavalo enlouquecido chocou com os peitorais contra a garupa da égua, e Michka foi atirado para fora da sela, como se fosse projectado por uma catapulta. Escapou por milagre. O grosso da manada passou-lhe à direita, e foi esta a razão por que não ficou espezinhado: apenas uma égua lhe enterrou na lama o braço direito, pisando-lho com o casco. Ergueu-se e afastou-se com cuidado, procurando manter o mais possível a calma. Sentia que a manada, a pouca distância, só esperava pelo grito dele para se atirar de novo a galopar furiosamente na sua direcção.

Ouvia dali o movimento característico de Tagarela a sacudir-se.

Só regressou à barraca pouco antes da aurora.

IV

No dia 15 de Maio, Krassnov, atamane do Grande Exército do Don, acompanhado pelo general-major Afrikan Bogaiévsski, presidente do conselho dos directores e director do departamento dos Negócios Estrangeiros, pelo coronel Kisslov, major-general do Exército do Don, e pelo atamane do Kúbano Filimónov, chegou a bordo de um barco a vapor à stanitsa Manítchsskaia.

Os senhores das terras do Don e do Kúbano olhavam da ponte, com ares aborrecidos, a manobra de acostagem, a agitação dos marinheiros, o fervilhar das vagas escuras em torno da passarela. Desembarcaram seguidos por centenas de olhos da multidão comprimida no cais.

O céu, o horizonte, a bruma ténue, tudo era azul. O próprio Don tinha reflexos azuis desusados, como um espelho côncavo que reflectisse os cumes nevados das nuvens. O vento vinha carregado do perfume do sol, das terras salíferas, da erva apodrecida do ano anterior.

A multidão murmurava. Os generais, recebidos pelas autoridades da terra, dirigiram-se à praça de armas.

Dali a pouco dava-se início à conferência dos representantes do governo do Don com os do Exército Voluntário, em casa do atamane da stanitsa. Os generais Denikine e Alekcêiev, acompanhados pelo general Romanóvsski, chefe do Estado-Maior do Exército e pelos coronéis Riasníansski e Ewald representavam o Exército Voluntário.

O encontro foi pouco amigável. Krassnov exhibia uma atitude de dignidade. Alekcêiev, depois de haver cumprimentado os circunstantes, sentou-se à mesa; apoiando as faces flácidas nas mãos brancas e secas, fechou os olhos com ar indiferente: a viagem de automóvel fizera-lhe sono. A idade e os embates da vida haviam-no até certo ponto endurecido. Os cantos da sua velha boca mostravam-se tragicamente descaídos, as suas pálpebras azuladas, cobertas de pequenas veias, estavam tumefactas e pesadas. Uma infinidade de rugas minúsculas estendia-se em leque até às têmporas. Os seus dedos, que apertavam a pele flácida das bochechas, iam enterrar-se nos cabelos amarelados de velho, cortados rentes. O coronel Riasníansski estendeu cuidadosamente sobre a mesa, com o

auxílio de Kisslov, um mapa que estalava nas dobras. Romanóvski, de pé ao lado deles, segurava uma das pontas com a unha do dedo mindinho.

Bogaiévski, encostado à janela baixa, observava com pungente comiseração o rosto de Alekcêiev, infinitamente cansado e branco como uma máscara de gesso. «Como ele está velho! É espantoso como envelheceu!», murmurava consigo, sem desprezar de Alekcêiev os seus olhos húmidos, cortados em amêndoa. Sem esperar que todos abancassem, Denikine, dirigindo-se a Krassnov, começou num tom comovido e incisivo:

- Antes de dar início à conferência devo declarar que estamos bastante admirados com o facto de se verificar que, na disposição estabelecida pelos senhores para a tomada de Bataíssk, vem indicado que um batalhão e uma bateria alemã devem operar na vossa coluna da direita. Confesso que tal cooperação se me afigura mais do que estranha... Permitam-me inquirir quais as considerações que vos levaram a entrar em relação com o inimigo da Pátria! um inimigo pérfido! a ponto de utilizarem o seu auxílio. Não podeis ignorar isso é evidente que os Aliados estão prontos a conceder-nos o seu auxílio... O Exército Voluntário considera essa aliança com os alemães como uma traição à causa da restauração da Rússia. Os actos do governo do Don encontram a mesma objecção nos círculos mais abertos dos Aliados. Peço que vos expliqueis.

E Denikine, erguendo malevolamente as sobrancelhas, aguardou a resposta.

Só o autodomínio e a boa educação natural de Krassnov lhe permitiram conservar uma calma aparente, contudo a sua indignação manifestava-se por um tique nervoso que lhe repuxava e deformava a boca. Respondeu muito tranquila e cortesmente:

- Quando tudo está em jogo, não se pode desprezar nenhum auxílio, mesmo o dos velhos inimigos. Além disso, de qualquer forma o governo do Don, que é o governo de cinco milhões de homens, livre de qualquer tutela, tem o direito de agir como entende, de acordo com os interesses do povo cossaco, interesses esses que ele tem por missão defender.

Ao ouvir estas palavras, Alekcêiev abriu os olhos e fez um esforço visível para prestar atenção. Krassnov lançou um olhar a Bogaiévski, que retorcia nervosamente o bigode aguçado, e prosseguiu:

- No seu raciocínio, Excelência, predominam os motivos, se assim me posso exprimir, de ordem ética. O senhor proferiu muitas palavras graves acerca daquilo a que chama a nossa traição à causa russa e aos Aliados... Mas suponho que o senhor está informado de que o Exército Voluntário recebeu de nós obuses que nos haviam sido vendidos pelos alemães...

- Peço-lhe o favor de distinguir fenómenos de carácter profundamente diverso. Pouco me importa a maneira como os senhores receberam munições dos alemães, mas daí até utilizar o auxílio das suas tropas!... - disse Denikine encolhendo os ombros com cólera.

Krassnov, ao terminar o discurso, deu a entender de passagem a Denikine, com precaução mas também firmemente, que já não era o general de brigada que ele conhecera na frente austro-alemã.

Seguiu-se um silêncio incómodo. Denikine quebrou-o conduzindo habilmente a conversa para o assunto da fusão dos dois exércitos e do estabelecimento de um comando único.

Porém a escaramuça anterior marcara o início de uma tensão que não deixou de aumentar e que mais tarde devia conduzir a uma ruptura, no momento da demissão de Krassnov.

Krassnov iludiu qualquer resposta directa; em contrapartida, propôs uma marcha comum sobre Tsáritzine, a fim de se apoderarem primeiro desse centro estratégico de importância primordial e em seguida, a partir daí, estabelecerem a ligação com os cossacos do Ural.

Seguiu-se uma curta conversa:

- É inútil explicar-vos a importância que tem para nós Tsáritzine.

- O Exército Voluntário pode encontrar aí alemães. Eu não iria para Tsáritzine, acima de tudo quero libertar o Kúbano.

- Sim, mas isso não impede que a tomada de Tsáritzine seja um passo essencial. O governo do Exército do Don encarregou-me de a pedir a Vossa Excelência.

- Eu repito: não posso abandonar o Kúbano.

- Só uma ofensiva contra Tsáritzine nos permitiria encarar a formação de um comando único.

Alekcêiev moveu os lábios num gesto de desaprovação:

- Isto é inconcebível! Os cossacos do Kúbano não atravessarão as fronteiras da sua região que ainda não está definitivamente liberta de bolcheviques; quanto ao Exército Voluntário, conta apenas dois mil e quinhentos homens, um terço dos quais fora do serviço: feridos e doentes.

No decurso do modesto almoço, trocaram-se apenas algumas impressões insignificantes e sem interesse: era claro que não se conseguiria chegar a acordo. O coronel Rianíansski descreveu uma façanha cómica quase inacreditável, realizada por um homem de Markov e, pouco a pouco, as influências conjugadas da refeição e da história divertida aliviaram a atmosfera. Mas quando todos se levantaram da mesa, no fim do almoço e

acenderam os cigarros, Denikine, tocando no ombro de Romanóvski, designou Krassnov com os olhos penetrantes e murmurou:

- Um Napoleão de trazer por casa... Um homem pouco inteligente, sabe...

Romanóvski respondeu sorrindo a Denikine:

- Ele quer mandar e governar... Um general de brigada eivado de poder monárquico.

Quanto a mim, ele não tem o sentido do humor...

Separaram-se, ressumando ódio e hostilidade. A partir desse dia, as relações entre o Exército Voluntário e o Governo do Don pioraram a olhos vistos e a crise chegou ao auge no momento em que o comando do Exército Voluntário teve conhecimento do conteúdo da carta de Krassnov para o Imperador Guilherme. Os voluntários feridos, a convalescer em Novotcherkassk, troçavam das tendências autonomistas de Krassnov e da mania que ele tinha da ressurreição do passado cossaco. Alcinhavam-no entre eles, com desprezo, de «patrão» e chamavam ao «Grande Exército do Dom» Bando Armado do Don (*Há nesta frase um jogo de palavras no original russo, baseado numa consonância, intraduzível para português. (N. do T.)*). Em resposta a isto, os autonomistas do Don chamavam-lhes «músicos ambulantes» ou «regentes sem território». Uma personalidade do Exército Voluntário afirmou com acerba ironia que o governo do Don era «uma prostituta que ganhava o seu pão no leito dos alemães». O que deu lugar a esta saída do general Denissov: «Se o governo do Don é uma prostituta, o Exército Voluntário é o seu chulo.»

O que era uma alusão à dependência do Exército Voluntário em relação ao Don, que partilhava com ele as munições que recebia dos alemães.

Rostov e Novotcherkassk, que constituíam a retaguarda do Exército Voluntário, regurgitavam de oficiais. Milhares deles especulavam, empregavam-se nas inúmeras repartições da retaguarda, instalavam-se em casa dos parentes, arrastavam-se pelos hospitais com atestados falsos... Os mais valentes morriam em combate, com o tifo, ou em consequência dos ferimentos recebidos; os outros, a quem os anos de revolução haviam feito perder toda a consciência e toda a honra, escondiam-se como chacais ou andavam como espuma suja, como esterco, à tona desses tempos conturbados. Fora contra eles, contra esses quadros intactos e ao mesmo tempo apodrecidos do corpo de oficiais, que Tcheirnésav protestara.

Eram estes que denunciava, estes a quem pretendia envergonhar nos seus apelos a favor da defesa da Rússia. A maioria desses homens constituía a variedade mais reles dos chamados «intelectuais bem pensantes», mascarados com fardas militares: fugiam dos bolcheviques, não se juntavam aos brancos, vegetavam, discutiam os destinos da Rússia, ganhavam o pão dia a dia e desejavam de todo o coração o fim da guerra.

Pouco lhes importava quem viria a governar o país: Krassnov, os alemães, os bolcheviques, desde que a coisa acabasse.

No entanto, o rugir dos acontecimentos aumentava de dia para dia. Na Sibéria, a revolta dos checoslovacos; na Ucrânia, Makhno falando aos alemães a linguagem viril dos canhões e das metralhadoras.

- O Cáucaso, Murmansk, Arkhangelssk... Toda a Rússia encerrada em cérebros de fogo... Toda a Rússia entregue aos tormentos da grande redistribuição...

No mês de Junho espalhou-se como o vento pelas terras do Don o boato de que os checoslovacos ocupavam Saratov, Tsáritzine e Astracã, no intuito de formar nas margens do Volga uma frente oriental para atacar as tropas alemãs. Na Ucrânia, os alemães começaram a deixar entrar com menos facilidade os oficiais que vinham da Rússia para se alistarem sob as bandeiras do Exército Voluntário.

O comando alemão, alarmado pelos boatos relativos à formação da «frente oriental», enviou uma delegação para a zona do Don. A 10 de Julho, os comandantes von Kochenhausen, von Stephani e von Schleinitz chegavam a Novotcherkassk.

Nesse mesmo dia eram recebidos no palácio do atamane Krassnov, na presença do general Bogaiévsski.

O comandante von Kochenhausen, depois de haver lembrado que o comando alemão auxiliara com todas as suas forças o Grande Exército do Don, inclusivamente por meio de intervenção militar, na luta contra os bolcheviques e do restabelecimento das fronteiras, perguntou como reagiria o governo do Don se os checoslovacos empreendessem operações militares contra os alemães. Krassnov afirmou que os cossacos manteriam uma estrita neutralidade e, bem entendido, não consentiriam que o país do Don fosse transformado em campo de batalha. O comandante von Stephani exprimiu o desejo de que a resposta do atamane fosse dada por escrito.

A audiência terminou ali e, no dia seguinte, Krassnov escrevia a seguinte carta ao imperador da Alemanha:

Vossa Majestade Imperial!

Os portadores desta carta, o ministro plenipotenciário do Grande Exército do Don junto da corte de Vossa Majestade Imperial e os seus adjuntos, foram encarregados por mim, atamane do Don, de saudar Vossa Majestade Imperial, poderoso monarca da Grande Alemanha e de lhe transmitir- o seguinte:

A luta que os valentes cossacos do Don travam desde há dois meses pela liberdade do seu país com a mesma coragem de que deram recentes provas os

Boers, parentes do povo alemão, contra os ingleses, foi coroada em todas as frentes do nosso Estado com uma vitória completa e hoje a terra do Grande Exército do Don está noventa por cento livre dos bandos selvagens da guarda-vermelha. A ordem foi restabelecida no interior do país e instaurou-se uma legalidade total. Graças ao fraterno auxílio das tropas de Vossa Majestade Imperial, regressou a calma ao sul da região e formei um grupo de cossacos para manter a ordem no interior e impedir qualquer ataque do exterior. O jovem organismo estatal que é actualmente a região do Exército do Don dificilmente pode existir sozinho, por isso estabeleceu uma estreita aliança com os chefes dos Exércitos de Astracã e do Kúbano, o coronel príncipe Tundutov e o coronel Filimónov, para que seja constituído, após a expulsão dos bolcheviques da região de Astracã e do Kúbano, um estado sólido sob uma base federativa que englobe o Grande Exército do Don, o Exército de Astracã com os Kalmuks do governo de Stavropol, o Exército do Kúbano e também os povos do Cáucaso do Norte. Todas estas potências deram o seu apoio e o novo Estado em formação, de pleno acordo com o Grande Exército do Don, resolveu não tolerar que o seu território sirva de arena a conflitos sangrentos; compromete-se a observar uma neutralidade completa.

Encarreguei o nosso ministro plenipotenciário junto de Vossa Majestade de: pedir a Vossa Majestade Imperial que reconheça os direitos do Grande Exército do Don à existência independente e que, à medida que se forem libertando as regiões do Kúbano, de Astracã e do Téreke, assim como a do Cáucaso do Norte, reconheça igual direito a toda a federação sob o nome de União Dono-Caucasiana; pedir a Vossa Majestade Imperial que reconheça como fronteiras do Grande Exército do Don os seus antigos limites geográficos e étnicos, que ajude a solucionar as divergências entre a Ucrânia e o Exército do Don acerca do Tongarog e do seu distrito em proveito do Exército do Don, que possui esse distrito há mais de quinhentos anos, bem como uma parte do Tmutarakane, berço do Exército do Don; pedir a Vossa Majestade Imperial que nos preste assistência para reunirmos ao Exército do Don, em virtude de considerações estratégicas, as cidades de Kamichine e de Tsáritzine, do governo de Saratov, e a cidade de Voróneje, as estações de Lisski e de Tovoríno e de traçar a fronteira do Exército do Don como vem indicada no mapa que está nas mãos do nosso ministro plenipotenciário; pedir a Vossa Majestade que faça pressão junto das autoridades soviéticas de Moscovo, instando com elas para que

retirem os destacamentos de bandoleiros do Exército Vermelho dos territórios do Grande Exército do Don e das outras potências que devem fazer parte da União Dono-Caucasiana, e de tornar possível o restabelecimento de relações normais, pacíficas, entre Moscovo e o Exército do Don. Todos os prejuízos sofridos pelas populações do Exército do Don, pelo comércio e pela indústria em consequência da invasão bolchevique deverão ser indemnizadas pela Rússia Soviética; pedir a Vossa Majestade que auxilie o nosso jovem Estado com o fornecimento de canhões, espingardas, munições e material de sapadores e, se o julgar útil, que instale no interior das fronteiras do Exército do Don fábricas de canhões, de armamento, de obuses e de cartuchos.

O Grande Exército do Don e os outros Estados da União Dono-Caucasiana não esquecerão o auxílio amigável do povo alemão, ao lado do qual os Cossacos combateram já na Guerra dos Trinta Anos, quando os regimentos do Don faziam parte do exército de Wallenstein; em 1807-1813, os Cossacos do Don, com o seu atamane, o conde Platov, bateram-se pela liberdade da Alemanha; hoje, após quase três anos e meio de uma guerra sangrenta nos campos de batalha da Prússia, da Galícia, de Bukovine e da Polónia, os Cossacos e os Alemães aprenderam a respeitar mutuamente a bravura das suas tropas; hoje dão-se as mãos como dois nobres soldados e lutam juntos pela liberdade do seu bem amado Don.

O Grande Exército do Don compromete-se, em troca do auxílio de Vossa Majestade Imperial, a observar uma neutralidade completa enquanto durar a guerra mundial dos povos e a não deixar penetrar no seu território forças armadas hostis ao povo alemão. com isto concordaram igualmente o príncipe Tundutov, atamane do Exército de Arkhangelsk e o governador do Kúbano, assim como o farão outros territórios da União Dono-Caucasiana depois de se terem reunido a nós.

O Grande Exército do Don reserva ao Império Alemão depois de satisfeitas as necessidades locais o privilégio das exportações dos excedentes de trigo moído e em grão, de objectos de coiro, de coiro bruto, de lã, peixe, gorduras, óleos vegetais e animais e produtos derivados, tabaco sob diversas formas, gado e cavalos, vinho e outros produtos de horticultura e agricultura. Em troca disto, o Império Alemão fornecer-nos-á máquinas agrícolas, produtos químicos e extractos para curtumes, o equipamento necessário para uma imprensa nacional com todo o material, máquinas para instalar fábricas de tecidos

de lã, de algodão, de coiros, equipamento para fábricas de produtos químicos, de refinarias de açúcar, etc., bem como fornecimentos electrotécnicos.

Além disto, o governo do Grande Exército do Don reservará à indústria alemã facilidades especiais para o investimento de capital nas empresas industriais e comerciais do Don, particularmente pelo que respeita à instalação e exploração de novas vias fluviais e outras.

Uma íntima colaboração proporcionar-nos-á vantagens mútuas, e a amizade selada com o sangue vertido nos campos de batalha comuns pelos dois povos guerreiros, o alemão e o cossaco, tornar-se-á uma força poderosa para lutar contra todos os nossos inimigos.

Aquele que se dirige nesta carta a Vossa Majestade Imperial não é um diplomata, com bons conhecimentos do direito internacional, mas sim um soldado que aprendeu na escola da honra a respeitar a força das armas alemãs; por isso peço desculpa da franqueza da minha linguagem isenta de qualquer artifício e peço que acrediteis na sinceridade dos meus sentimentos.

Com os meus respeitos

TIO TR KRASSNOV

atamane do Don, general-major.

No dia 15 de Julho, esta carta foi examinada pelo conselho dos directores e, apesar de um acolhimento geral muito reservado, até nitidamente desaprovador da parte de Bogaiévsski e dos outros membros do governo, Krassnov entregou-a sem demora ao seu ministro em Berlim, o duque de Lichtenberg, que partiu para Kiev, donde passou à Alemanha em companhia do general Tcheriatchúkine.

Antes de ser enviada, esta carta foi copiada no departamento dos Negócios Estrangeiros, não sem que Bogaiévsski tivesse conhecimento do caso. As cópias passaram por muitas mãos e circularam entre as unidades e nas stanitsas cossacas, acompanhadas de comentários adequados. Isto tornou-se num poderoso meio de propaganda. Começou-se a rosnar cada vez mais alto que Krassnov se vendera aos alemães. Em todas as frentes rebentavam diariamente tumultos.

Entretanto, os alemães, animados com os seus triunfos, passeavam o general russo Tcheriatchúkine nos arredores de Paris, e este, em companhia das altas patentes do Estado-Maior General alemão, observava a acção poderosa da artilharia pesada de Krupp e os reveses anglo-franceses.

V

Durante a marcha do gelo (*Foi assim que as tropas de Kornilov chamaram à sua retirada de Rostov para o Kúbano*), Evguéni Lisstnítzki fora ferido duas vezes: a primeira no decurso do combate pela conquista da stanitsa Usst-Labínsskaia, a segunda quando do ataque de Ekaterinodar. As duas feridas foram insignificantes e ele retomara o seu lugar nas fileiras. Porém, no mês de Maio, quando o Exército Voluntário descansava um pouco no distrito de Novotcherkassk, sentiu-se mal e pediu uma licença de quinze dias. Por maior que fosse o seu desejo de regressar a casa, decidiu ficar em Novotcherkassk a fim de repousar sem perder tempo na viagem.

Um dos seus camaradas de pelotão Gortchákov, que ia também partir de licença, propôs-lhe hospedá-lo em sua casa:

- Não tenho filhos e a minha mulher ficará contente por te conhecer. Já te conhece através das minhas cartas, sabes?

Ao meio-dia, com um tempo luminoso e quente como se fosse Verão, chegaram a uma pequena vivenda recolhida, situada numa das ruas próximas da estação.

Era aqui que eu vivia disse Gortchákov, um homem de pernas muito altas e bigodes pretos. E apressou o passo, voltado para Lisstnítzki.

Uma alegre emoção humedecia-lhe os olhos negros de um negro quase azulado e um sorriso engelhava-lhe o nariz, que era carnudo como o de um grego. Dando grandes passadas que faziam ranger o cabedal usado dos calções de caqui, entrou em casa, enchendo logo o compartimento com o cheiro a ranço próprio dos soldados.

- Onde está Liólia? Onde está Olga Nikolaievna? - Gritou ele para a criada que saiu da cozinha a sorrir. - No jardim? Vamos até lá.

Aí, sob as macieiras, o chão estava manchado, salpicado de sombras e o ar cheirava a melação e à terra quente. Os raios do sol, refractando-se, explodiam como schrapnels nos óculos de Lisstnítzki. Algures mugiu uma locomotiva, numa voz profunda, infatigável; quebrando esse rugido monótono, Gortchákov chamava:

- Liólia, Liólia, onde estás tu?

Uma mulher alta, vestida de amarelo cor de palha, surgiu detrás dos arbustos de rosas bravas e desembocou de uma rua lateral.

Parou um segundo, apertando as mãos sobre o peito, num belo gesto assustado, depois soltou um grito e, estendendo os braços, precipitou-se para eles. Corria tão depressa que Lisstnítzki só via o movimento dos seus joelhos redondos por baixo da saia, as biqueiras estreitas das pantufas e o pólen doirado dos cabelos que lhe adejavam por cima da cabeça.

Erguendo-se na ponta dos pés, lançara os braços nus e rosados pelo sol ao pescoço do marido e beijava-lhe as faces cobertas de poeira, o nariz, os olhos, os lábios, o pescoço queimado pelo sol e pelo vento. O ruído breve dos beijos crepitava como uma rajada de metralhadora. Lisstnítzki, a limpar os óculos, aspirava o perfume a verbena que pairava no ar à sua volta, e deu consigo a sorrir num sorriso afectado e idiota.

Acalmada esta explosão de alegria e após um segundo de imobilidade, Gortchákov separou delicada mas resolutamente os dedos da mulher reunidos atrás do seu pescoço.

Segurou-a pelos ombros e fê-la voltar-se ligeiramente:

- Liólia, o meu amigo Lisstnítzki.

- Ah! Lisstnítzki! Muito prazer. O meu marido falou-me de si ..

Estava ofegante. O seu olhar sorridente, baço de felicidade, deslizou rapidamente por Lisstnítzki. Partiram juntos.

A mão peluda de Gortchákov, com os dedos sujos, cheios de espigas, e de unhas negras, apertava a cintura virginal da mulher. Enquanto caminhava, Lisstnítzki ia olhando de soslaio aquela mão, aspirando o cheiro a verbena e àquele corpo feminino aquecido pelo sol, e sentia-se profundamente infeliz, como uma criança injustamente ferida. Olhava a ponta rosada da orelha pequena a espreitar por baixo de uma madeixa de cabelos de oiro avermelhado, a pele assetinada da face tão perto dos seus olhos, depois o olhar dele deslizou como um lagarto para o decote do vestido e viu um pequeno seio de uma brancura leitosa, com um mamilo castanho. De tempos a tempos, a mulher voltava para ele os olhos claros de reflexos azulados, e o seu olhar era acariciador, amigável, porém uma dor fina e irritante magoava Lisstnítzki quando esses mesmos olhos, ao fixarem-se no rosto negro de Gortchákov, brilhavam de uma maneira inteiramente diversa ..

Só durante o almoço conseguiu observá-la bem. A silhueta dela, harmoniosa como o rosto, possuía aquela beleza em declínio que ostentam sem brilho as mulheres que ultrapassaram os trinta Outonos. Mas nos olhos trocistas, um pouco frios, nos gestos, conservava uma reserva intacta de juventude.

O rosto fresco de feições suaves, atraentes na sua irregularidade, nada tinha na verdade de extraordinário, a não ser o contraste que saltava à vista: uns lábios finos, gretados, de um vermelho-escuro, como só têm as mulheres do sul, de cabelos negros, e

uma pele rosada e transparente nas faces, as sobrancelhas claras. Ria com frequência, mas o sorriso, que lhe descobria os dentes muito juntos, pequenos e como que truncados, deixava transparecer uma certa astúcia. A sua voz baixa era um pouco velada e pobre de tonalidades.

Para Lisstnítzki, que não via, nenhuma mulher passava de dois meses, com exceção das enfermeiras já maduras, ela era de uma beleza rara. Contemplava a cabeça altiva de Olga Nikolaievna, coroada pelo peso da trança, e respondia-lhe quase sem dar por isso; em breve se despediu, invocando o cansaço, e retirou-se para o quarto que lhe fora reservado.

Isto foi o começo de uma série de dias deliciosos e melancólicos. Mais tarde, Lisstnítzki viria a recordá-los piedosamente, mas naquele instante atormentava-se como um garoto, estupidamente e sem motivo. O casal de pombinhos, sempre juntos, evitava-o. Fizeram-no mudar do quarto contíguo ao deles para outro, no ângulo da casa, a pretexto de umas obras de que Gortohákov falava mordiscando o bigode e conservando no rosto rejuvenescido e barbeado de fresco um ar meio sério meio sorridente. Lisstnítzki dava-se conta de que incomodava o amigo, mas, sem saber porquê, não queria ir-se embora. Passava os dias estendido debaixo da macieira, na sombra fresca atravessada por uma poalha cor de laranja, lia os jornais mal impressos em papel de embrulho, adormecia com um sono pesado que o não repousava. Um perdigueiro magnífico, de pêlo cor de chocolate malhado de branco, partilhava com ele este tédio esgotante. Silenciosamente invejoso do dono, vinha para junto de Lisstnítzki, deitava-se a seu lado e suspirava. Lisstnítzki acariciava-o murmurando com emoção:

*Sonha, sonha... Os teus olbos doirados
Perderam o brilho, estão semicerrados...*

Repetia com amor todos os versos de Bunine, espessos e repassados de perfume como o mel de alecrim, que conservava na memória. E voltava a adormecer... com aquele sentido próprio das mulheres, Olga Nikolaievna adivinhara o que o atormentava. A sua reserva aumentou mais ainda. Certa noite em que regressavam do jardim público (Gortchákov fora retido à saída por alguns oficiais do regimento de Markov), Lisstnítzki, que dava o braço a Olga Nikolaievna, apertou-lhe o cotovelo com tanta força que ela assustou-se:

- Porque me olha assim? - inquiriu ela sorrindo.

Lisstnítzki julgou perceber na sua voz grave uma entoação garrida, provocante, e foi isso que o levou a arriscar uma citação melancólica (a poesia expressão cantada da dor habitava-o havia algum tempo). Baixou a cabeça e murmurou sorrindo:

*Junto da presença querida,
Através de um espesso véu,
Vejo a terra prometida.
Mas não a posso alcançar.*

Ela libertou com delicadeza o braço e disse numa voz alegre:

- Evguéni Nikolaiévitch, já percebi tudo... Não consigo compreender a sua atitude a meu respeito. Não tem vergonha?

- Oiça, oiça... Imaginava-o um pouco diferente... Vamos, não se pensa mais nisso, valeu? De contrário ficaria a existir entre nós qualquer coisa secreta, desonesta. . Eu não sirvo para esse género de experiência. O senhor teve vontade de me fazer namoro, não é verdade? Ora vamos lá, não quebrems as nossas relações amigáveis, deixe-se de tolices. Eu não sou uma «bela desconhecida» qualquer, não é verdade? Percebeu? Ora bem, dê cá a mão.

Lisstnítzki começou por se fingir muito indignado, mas não aguentou o papel, acabando por desatar a rir como ela.

Quando Gortchákov os alcançou, Olga Nikolaievna mostrou-se ainda mais animada e mais alegre. Lisstnítzki não dizia nada, mas até chegarem a casa foi-se insultando a si próprio Intimamente.

Por muito inteligente que fosse, Olga Nikolaievna acreditava sinceramente que, depois desta explicação, ficariam amigos. Pela sua atitude, Lisstnítzki alimentava-lhe a ilusão, mas no seu foro íntimo começou quase a detestá-la e, alguns dias depois, ao reparar que procurava dolorosamente encontrar defeitos no exterior e no carácter de Olga, compreendeu que se encontrava à beira de um sentimento grande e sincero.

A licença estava a terminar, deixando-lhe no fundo da consciência um depósito que fermentava continuamente.

O Exército Voluntário, repousado e completo, preparava-se para o combate; certas forças centrífugas arrastavam-no para o Kúbano. Gortchákov e Lisstnítzki em breve deixaram Novotcherkassk.

Olga acompanhou-os durante parte do trajecto. O seu vestido de seda preta acentuava-lhe a beleza sem brilho. Sorria com os olhos cheios de lágrimas. Os seus lábios inchados emprestavam-lhe ao rosto uma comovente expressão infantil.

Foi assim que ela permaneceu na recordação de Lisstnítzki e este viria a conservar por muito tempo, no meio do sangue e da lama, essa imagem luminosa e inalterável, aureolada de inacessibilidade e adoração.

Em Junho, o Exército Voluntário retomara o combate.

Logo na primeira batalha o capitão Gortchâkov ficou com o ventre aberto por um estilhaço de obus de três polegadas. Retiraram-no das linhas de fogo. Uma hora depois, estendido num furgão, a perder sangue misturado com urina, disse a Lisstnítzki:

- Não penso estar para morrer . Vão operar-me imediatamente...

- Parece que não há clorofórmio... É estúpido morrer assim. Que pensas tu?... Mas seja como for... Na plena posse das minhas faculdades, etc., etc., etc.,... Evguéni, não abandones a Olga... Nem eu nem ela temos família. Tu és bom e honesto. Casa com ela... Queres?...

Fitava Lisstnítzki com um ar suplicante e rancoroso, tremiam-lhe as faces azuladas pela barba crescida. Apertava cautelosamente a barriga esfacelada com as palmas das mãos sujas de sangue e de terra; dizia, enquanto ia lambendo uma espuma rosada que lhe subia aos lábios:

- Prometes? Não a abandones... no caso de os soldadinhos russos não te fazerem o mesmo que a mim. Prometes? Não respondes? Ela é uma mulher meiga. - O seu rosto contraiu-se todo numa expressão dura. - Uma mulher de Tourgnief... Como já não se encontra... Não respondes?

- Prometo!

- Bem, nesse caso, vai para o diabo! Adeus!

Agarrou com a mão trémula a de Lisstnítzki, depois com um movimento desastrado e cheio de desespero atraiu-o a si e, empalidecendo ainda mais com o esforço, ergueu um pouco a cabeça encharcada em suor e poisou os lábios secos na mão do amigo. Então voltou-se à pressa e cobriu a cara com a aba do capote. Lisstnítzki, aterrado, sentira-lhe nos lábios um arrepió gelado e vira-lhe na face um rasto húmido e cinzento.

Gortchâkov morreu dali a dois dias. Vinte e quatro horas depois, Lisstnítzki era transportado para Tikhorétzkaia com ferimentos graves no braço esquerdo e no quadril.

Travava-se um combate longo e obstinado em frente de Korenóvsskaia. O regimento de Lisstnítzki atacara e contra-atacara duas vezes. Quando o seu batalhão voltava pela terceira vez ao ataque, ele deitara a correr arrastando um pouco os passos

através de um campo de trigo por ceifar, estimulado pelos gritos do comandante da companhia: «Não se deitem!» «Águias, avante!» «Por Kornilov, avante!» com a mão esquerda, segurava na pá de sapador, como um escudo a proteger-lhe a cabeça, apertando a espingarda na mão direita.

A certa altura, uma bala deslizou pela ranhura da pá e ele sentiu uma alegria súbita ao endireitar o cabo, pensando: «Escapei!» Mas logo um baque surdo e terrível projectou-lhe o braço para o lado. Deixou cair a pá e correu ainda uma dezena de ságenas no meio do fogo, sem proteger a cabeça.

Tentou cruzar a baioneta, mas não podia erguer o braço. A dor infiltrava-se-lhe lentamente nas articulações como chumbo numa forma. Deitou-se num rego e gritou por várias vezes sem conseguir dominar-se. Nesta posição, uma bala atingiu-o na anca e, lenta, penosamente, acabou por desmaiar.

Em Tikhorétzkaia, amputaram-lhe o braço partido e retiraram-lhe do quadril uma lasca de osso. Ficou de cama quinze dias, torturado pelo desespero, pela dor e pelo tédio. Depois, transportaram-no para Novotcherkassk, onde esteve ainda mais trinta dias horrorosos no hospital. Pensos, caras de enfermeiras rebarbativas e de médicos, o cheiro acre a iodo e a fenol...

De tempos a tempos, Olga Nikolaievna vinha visitá-lo. As faces dela tinham reflexos amarelos e esverdeados. O luto acentuava mais ainda o desgosto inconsolável dos seus olhos

secos. Lisstnítzki fitava longamente aqueles olhos desbotados, e calava-se, envergonhado, escondendo debaixo da roupa a manga vazia, como se fosse um ladrão. Ela perguntava como que sem querer todos os pormenores da morte do marido, enquanto ia percorrendo com os olhos os outros leitos e escutava com visível distração. Mal saiu do hospital, Lissitnítzki dirigiu-se a casa dela. Olga recebeu-o no cimo das escadas.

Voltou-se quando ele, para lhe beijar a mão, curvou profundamente a cabeça coberta duma cabeleira loira cortada rente.

Barbeara-se todo e o casaco elegante de caqui assentava-lhe impecavelmente, como dantes, porém a manga vazia preocupava-o: o pequeno coto do braço, coberto de ligaduras, agitava-se convulsivamente.

Entraram. Lisstnítzki disse antes de se sentar:

- Boris disse-me antes de morrer... fez-me jurar que não a abandonaria...
- Eu sei.
- Como é que sabe?
- Pela última carta dele.

- Era seu desejo que ficássemos juntos... se você quiser, naturalmente... se achar que lhe convém o casamento com um inválido... Peço-lhe que acredite... Falar de sentimentos, numa altura destas, seria... Mas desejo sinceramente vê-la feliz.

O ar atrapalhado, a linguagem incoerente e aflita de Lisstnítzki comoveram-na.

- Já pensei... Aceito.

- Iremos para a propriedade do meu pai.

- Está bem.

- O resto combina-se depois.

Sim...

Ele tocou com os lábios na mão dela, fina como a porcelana, e, ao erguer os olhos submissos, descortinou na boca da mulher a sombra de um sorriso fugidio.

O amor e um forte desejo carnal atraíam Lisstnítzki para Olga. Começou a visitá-la diariamente... O seu coração fatigado da realidade quotidiana dos combates aspirava a um pouco de sonho. Quando estava só, pregava sermões a si próprio como o herói de um romance clássico, procurava pacientemente dentro de si sentimentos elevados que nunca experimentara por ninguém, talvez para esconder e embelezar a nudez do simples desejo sensual. Contudo, o sonho tocava com as suas asas a realidade: o que o ligava àquela mulher que se atravessara por acaso na sua vida não era apenas o atractivo sexual, mas também uma espécie de fio invisível.

Analisava confusamente o que sentia, mas uma coisa era certa: embora mutilado e gasto, continuava a ser governado por um instinto selvagem e sem freio: «Tudo me é permitido.»

Mesmo durante esses dias de pesar, enquanto Olga trazia ainda dentro de si, como um fruto, a amargura da perda imensa que acabava de sofrer, ele desejava-a, desejava-a freneticamente, ardendo em ciúmes de Gortchákov, agora morto...

A vida fervilhava como um turbilhão furioso. Os homens que haviam respirado o cheiro da pólvora, cegos e surdos em face dos acontecimentos, viviam violenta e avidamente o dia-a-dia. Era talvez precisamente por isso que Lisstnítzki sentia tanta pressa em unir a sua vida à de Olga, talvez sentindo de maneira confusa o fracasso inevitável da causa pela qual enfrentara a morte.

Informou o pai numa carta cheia de pormenores que chegaria em breve, com a mulher, a Iagodnói.

«... Já cumpri a minha obrigação. Poderia muito bem, só com um braço, continuar a exterminar essa canalha revoltada, esse «povo» sobre a sorte do qual

os intelectuais russos, durante anos e anos, choraram lágrimas amargas, mas agora, na verdade, isso afigura-se-me um atroz absurdo... Krassnov não se entende com Denikine, no interior dos dois campos cometem-se patifarias, há intrigas, sujeiras. Às vezes tenho medo. Que se irá passar? Regresso a casa para o abraçar com o braço que me resta e para passar algum tempo consigo, enquanto observo a luta de longe. Já não sou soldado, mas sim um mutilado, física e espiritualmente. Sinto-me cansado, desisto. É esta sem dúvida a explicação do meu casamento e deste meu desejo de encontrar um «porto de abrigo».

A carta terminava com este pós-escrito triste e irónico.

A partida fora fixada para a semana seguinte. Alguns dias antes, Lisstnítzki instalara-se definitivamente em casa de Gortchákov. A seguir à primeira noite, Olga ficara com as feições vincadas e os olhos baços. Continuava a ceder às solicitações de Lisstnítzki, mas esta situação era-lhe penosa e sentia-se ultrajada. Lisstnítzki não sabia ou fingia não saber que cada um deles tinha uma medida diferente para o amor, mas a mesma para o ódio.

Até ao dia da partida, Evguéni evitou pensar em Akcínia, ou só o fez de fugida. Defendia-se da sua lembrança como quem se protege do sol com a mão. Porém as recordações penetravam nele contra sua vontade, como raios de luz, atormentando-o.

Pensou durante algum tempo: «Vou manter relações com ela. Deve concordar.» Mas dominou-o um sentimento de honestidade e resolveu falar-lhe logo à chegada, desligando-se dela, se fosse possível.

Na noite do quarto dia de viagem, chegaram a Iagodnói.

O velho senhor veio esperá-los a uma versta do domínio. De longe, Evguéni avistou o pai que passava com dificuldade a perna por cima do assento da charrete e tirava o chapéu:

- Venho acolher os meus queridos hóspedes. Vamos, deixem-me vê-los bem...disse ele com a sua voz profunda.

Beijou desajeitadamente a nora, arranhando-lhe as faces com o bigode esverdeado, que cheirava a tabaco.

- Suba para o nosso carro, papá. Avance, cocheiro! Ah, tio Sachka, viva! Ainda não morreu? Venha para o meu lugar, papá, eu sento-me ao pé do cocheiro.

O velho tomou lugar junto de Olga, limpou os bigodes com o lenço e examinou o filho, arvorando um ar desenvolto:

- Então, como vai isso, meu rapaz?

- Dá-me muito prazer vê-lo.

- Com que então, estás inválido.

- Inválido, pois, que lhe hei-de eu fazer?

O velho observava Evguéni com falsa severidade, tentando esconder o desgosto sob os modos ásperos e evitando olhar para a manga vazia entalada no cinturão da farda.

- Isto não é nada, já me acostumei - declarou Evguéni encolhendo os ombros.

- Pois claro, habituaste-te logo - disse o velho muito depressa. - O principal é que a cabeça regule bem. Mas, diz-me lá, voltas com um despojo .. Hem? Não é verdade? Voltas com um despojo. Que bela prisioneira!

Evguéni admirava a galantaria rebuscada, fora de moda, do pai, e interrogava Olga com os olhos: «Então, que tal o achas?» Pelo sorriso divertido de Olga, pelo calor do seu olhar, compreendeu que o velho lhe agradara.

Os cavalos de trote cinzentos, de raça atravessada, puxavam com rapidez a caleche pela encosta abaixo. Do alto da colina avistavam-se os edifícios, os tufos verdes dos jardins, a casa de paredes brancas, os carvalhos que escondiam as janelas.

- Que lindo isto é! Ah! Que lindo! - exclamava Olga, animando-se.

Os galgos pretos da quinta chegavam em grandes saltos, rodeando a caleche. O tio Sachka deu uma chicotada para trás num deles que tentava subir para o carro.

- Vais meter-te debaixo das rodas, meu malandro! Fora daqui!

Evguéni ia de costas para os cavalos; estes sacudiam-se, espirrando de tempos a tempos; o vento trazia as gotículas que lhe vinham molhar o pescoço.

Olhava a sorrir para o pai, para Olga, para a estrada ladeada de espigas, para a colina que subia lentamente, a esconder a crista longínqua das colinas no horizonte.

- Como isto fica longe de tudo! Como é calmo! - dizia Olga.

Acompanhava, a sorrir, o voo silencioso das gralhas por cima da estrada, o desfilar das moitas de absinto e de coroas-de-rei.

- Vêm ao nosso encontro - disse o senhor, piscando os olhos.

- Quem?

- A nossa gente.

Evguéni voltou-se. Não distinguia ainda as caras, mas sentiu que uma das mulheres era Akcínia e corou violentamente.

Esperava ver a indignação no rosto da rapariga, mas, quando a caleche chegou ao portão com a sua alegre chiadeira. Olhou a direita, com o coração a bater; descobriu Akcínia. Ficou impressionado com o seu rosto sorridente, cheio de uma alegria contida. Foi como se lhe tirassem um peso dos ombros, sentiu-se tranquilo e fez-lhe um pequeno cumprimento com a cabeça.

- Que beleza impura! Quem é ela?... Uma beleza provocante, não é? disse Olga, indicando Akcínia com um olhar admirativo.

Evguéni, que recuperara a coragem, concordou, com uma voz calma e fria:

- Sim, é uma bela mulher. É a nossa criada de dentro.

A presença de Olga fazia-se sentir por toda a parte na casa. O velho senhor, que adquirira o hábito de passar dias inteiros em camisa de dormir e ceroulas de malha, mandou tirar para fora das malas as suas casacas e umas calças de general que cheiravam a naftalina. Ele, que era negligente em tudo o que dizia respeito à sua pessoa, repreendia agora Akcínia por causa da mais pequena ruga que visse na roupa passada a ferro e despedia olhares terríveis quando esta lhe entregava as botas pela manhã sem as ter engraxado. Parecia mais fresco e causava a admiração de Evguéni com o lustro das suas faces invariavelmente barbeadas.

Akcínia, como se pressentisse uma desgraça, esforçando-se por agradar à jovem ama, mostrava-se exageradamente servil e obsequiosa. Lukéria desdobrava-se a inventar pratos e molhos suculentos a fim de melhorar as refeições. Até o tio Sachka, embora velho e desleixado, também sofrera a influência das mudanças ocorridas em Iagodnói. Um dia, o patrão, ao encontrá-lo junto à escadaria, examinou-o dos pés à cabeça, chamando-o com o dedo.

- Que é isso, seu filho de uma cadela? Hem? - E rebojava uns olhos assustadores. - Já viste como trazes as calças?

- Não. Que têm elas? - respondeu insolentemente o tio Sachka, apesar de um pouco inquieto com aquele interrogatório insólito e com a voz trémula do patrão.

- Temos uma senhora cá em casa e tu queres matar-me, patife? Porque não abotoas a braguilha, porco sujo?

Os dedos sujos do tio Sachka tocaram na abertura das calças e percorreram a longa fila de botões como se estivesse a tocar numa concertina muda. Quis ainda dizer qualquer insolência ao patrão, mas este bateu o pé como fazia em novo, com tanta força que a sola da biqueira, aguçada à moda antiga, despregou-se. E berrou:

- Vai já para a cavaliça, despacha-te! vou dizer à Lukéria que te dê um banho com água a ferver. Vai lavar esse esterco, idiota!

Evguéni descansava, percorria com a espingarda na mão os vales secos, atirava às perdizes nos campos de painço cortado.

Atormentava-o uma ideia: a questão de Akcínia. Uma noite, o pai chamou-o ao quarto e disse-lhe, com um olhar furtivo para a porta, evitando-lhe o olhar:

- Sabes, eu cá... Desculpa meter-me na tua vida, mas gostava de saber o que tencionas fazer com Akcínia.

Evguéni traiu-se pela precipitação com que acendeu um cigarro. Subiu-lhe o sangue ao rosto e, sentindo-se corar, corou ainda mais.

- Não sei . Na verdade não sei confessou honestamente.

O velhote disse com voz grave:

- Pois eu sei. Vai falar com ela imediatamente. Oferece-lhe dinheiro, uma indemnização sorriu com as pontas do bigode e pede-lhe que se vá embora. Havemos de arranjar alguém que a substitua.

Evguéni dirigiu-se logo para a copa.

Akcínia estava de costas para a porta, a bater massa.

As suas omoplatas agitavam-se nas costas divididas ao meio por um rego bem visível. Viam-se-lhe os músculos em movimento nos braços roliços e morenos, nus até ao cotovelo Evguéni fitou-lhe o pescoço coberto por caracolinhos sedosos; disse:

- Akcínia, preciso de te falar um minuto.

Ela voltou-se imediatamente, esforçando-se por revestir o rosto iluminado de uma expressão amável e indiferente, mas Evguéni notou que os seus dedos tremiam ao baixar as mangas.

- Vou imediatamente.

Lançou um olhar assustado para a cozinheira e seguiu Evguéni, com um sorriso feliz e suplicante, incapaz de dominar a alegria que se apoderara dela.

No patamar, ele disse:

- Vamos para o jardim, preciso de te falar.

- Pois sim - concordou ela, alegre e submissa, pensando que as relações entre ambos iam recomeçar como outrora.

Pelo caminho, Evguéni perguntou a meia voz:

- Sabes porque te chamei?

A sorrir no escuro, ela pegou-lhe na mão, mas ele desprendeceu-se num gesto brusco, e Akcínia compreendeu tudo.

Parou:

- Que é que me queres, Evguéni Nikolaiévitch? Não vou mais para diante.

- Está bem. Podemos falar aqui, ninguém nos ouve.

Evguéni, apesar da pressa, embrenhava-se numa teia invisível de palavras.

- Tens de compreender. Não posso ser para ti o que era dantes... Não posso viver contigo. Percebes? Agora estou casado. Sou um homem honesto, não quero cometer uma patifaria. Proíbe-mo a consciência... - declarou ele. Tinha vergonha daquele palavreado.

A noite acabava de chegar, vinda do Oriente obscuro.

Para oeste, uma zona do céu abrasado pelo sol poente continuava vermelho. Na eira, debulhava-se o trigo à luz de lanternas para aproveitar o bom tempo; o pulso da máquina batia com força e febrilmente, os trabalhadores falavam em voz alta; o homem que abastecia sem cessar a debulhadora voraz gritava com uma voz rouca e contente: «Mais! Mais! Mais!» O silêncio amadurecia no jardim. Cheirava ali a ortigas, a trigo, a orvalho.

Akcínia não respondeu.

- Então que dizes tu? Porque não respondes, Akcínia?

- Não tenho nada a dizer.

- Vou dar-te dinheiro. Tens de te ir embora. Acho que deves concordar. Seria penoso para mim ver-te constantemente.

- Acabo o mês dentro de oito dias. Posso ficar até lá?

- Pois com certeza, com certeza.

Akcínia ficou calada um momento e depois, obliquamente, timidamente, como se lhe tivessem batido, aproximou-se de Evguéni e disse:

- Bem, está bem, vou-me embora... Mas, pela última vez, não queres ser bom para mim? É a necessidade que me torna assim descarada... Tenho sofrido muito, sozinha... Não me julgues mal, Génia.

A sua voz era seca e sonora. Evguéni esforçava-se por adivinhar se ela falava a sério ou não.

- Que queres tu?

Tossiu com ar contrariado e sentiu de súbito que ela lhe procurava timidamente a mão...

Dali a cinco minutos ele saía debaixo de um arbusto de groselhas molhadas e odorantes; foi até à vedação e, enquanto chupava um cigarro, ia limpando com o lenço as nódoas verdes da erva nas joelheiras das calças.

Ao subir as escadas viu à luz amarelada da janela da copa o vulto esbelto de Akcínia, que compunha os cabelos a olhar para o lume, enquanto sorria...

VI

O junco amadurecera. Numa extensão de muitas verstás, a estepe cobrira-se de prata ondulante. O vento calcava o junco elástico, atirava-se para cima dele em certos sítios, despenteava-o, emaranhava-o, empurrava-o ora para o sul, ora para o poente, em vagas opalinas. Por onde o vento passava o junco punha-se a rezar e sobre o seu dorso ficava por muito tempo um sulco negro. Todas as ervas de todas as cores haviam perdido a floração. Nas cumeadas, o triste absinto, queimado pelo sol, inclinava a cabeça. As noites curtas dissipavam-se depressa. As estrelas, inúmeras, luziam no céu de jade; a lua o solzinho cossaco, cujo bordo começava a esbeçar-se, difundia uma luz branca e avara; a imensa via láctea cruzava-se com outros caminhos de estrelas. O ar estava espesso e acre, o vento, seco, cheirava a absinto; a terra, ensopada nesse amargor de absinto onipotente, tinha sede de frescura. Os altivos caminhos das estrelas, que nunca haviam sido calcados pelos homens nem pelos cascos dos cavalos, vacilavam no céu; a semente das estrelas abortava no firmamento, seco e negro como a terra negra, sem germinar, sem alegrar a vista com novos rebentos; a Lua era uma salina seca, a estepe estava queimada, a erva murcha. Por toda a parte o coro agudo das codornizes, por toda a parte o canto metálico dos grilos.

Os dias eram tórridos e abafadiços, cheios de uma bruma espessa. O sol luzia, impiedoso, no azul desbotado do céu.

Nem uma nuvem. Asas abertas de milhafres como arcos de aço cinzento. O brilho dos juncos é ofuscante e insuportável; a erva fumege, negra e escaldante como pêlo de camelo. Os milhafres flutuam, de banda, no céu azul; em baixo, sobre a erva, as suas sombras enormes deslizam sem ruído. Os ratos do trigo soltam um silvo langoroso e rouco. As toupeiras dormitam nos montículos remexidos de fresco das suas tocas. A estepe escalda mas está morta, e tudo em redor é de uma imobilidade transparente. Até mesmo o túmulo azul, nos limites do visível, é fantástico e indistinto como num sonho.

Estepe da minha infância! O vento amargo abate as crinas das éguas e dos garanhões nas manadas. O vento salgou as narinas secas dos cavalos, e estes, ao respirarem esse odor amargo, mexem os beiços sedosos e relinham, sentindo neles o sabor do vento e do sol. Estepe da minha infância sob o firmamento baixo do Don! Sinuosidades dos vales secos,

das ravinas de argila vermelha, juncos infinitos com as marcas dos cascos cobertas de erva que lembram ninhos, túmulos mudos cheios de sabedoria que encerram em si a glória cossaca, inclino-me profundamente diante de vós e beijo respeitosamente toda a terra ressequida, estepe da minha infância repassada pelo sangue cossaco que nunca se altera.

Tinha a cabeça pequena como a de uma serpente. As orelhas minúsculas e móveis. Os músculos peitorais muito desenvolvidos.

As pernas finas e fortes, os artelhos impecáveis, os cascos polidos como seixos. A garupa um pouco pesada, a cauda emplumada. Era um verdadeiro cavalo do Don. E de raça apurada: nem uma gota de sangue estrangeiro lhe corria nas veias e tudo nele revelava a casta. Chamava-se Malbruck.

No bebedeiro, para defender as éguas, lutara com outro garanhão, mais forte e mais velho do que ele, que lhe magoara a pata direita, embora os garanhões na pastagem andem sempre desferrados. Empinaram-se, morderam-se, arrancaram bocados de carne um ao outro, bateram-se com as patas dianteiras.

O guarda não estava lá, dormia na estepe, com as costas ao sol, as pernas abertas calçadas de botas quentes e poeirentas. O outro garanhão derrubara Malbruck, depois repelira-o para muito longe da manada, deixando-o ali, a perder sangue. Em seguida tomara posse das duas manadas e levava-as até ao Vale Lodoso.

O garanhão magoado foi trazido para a estrebaria; o veterinário curou-lhe a pata doente.

Seis dias depois, Michka Kochevói, que viera apresentar o seu relatório ao vigilante, foi testemunha da seguinte cena: Malbruck, impelido pelo poderoso instinto da reprodução, roera a corda, fugira da baía e apoderara-se das éguas pedadas que pastavam ao lado da casa e serviam de montada aos guardas, ao vigilante e ao veterinário, levava-as para a estepe, primeiro a trote, depois mais depressa, mordiscando as retardatárias.

Os guardas e o maioral correram para fora da casa, mas já só ouviram o estrépito dos cascos.

- Deixou-nos sem montadas, o patife!

O maioral proferiu uma praga, mas contemplava com secreta satisfação os cavalos que se afastavam.

Ao meio-dia, Malbruck levou as fêmeas ao bebedeiro.

Os guardas a pé retiraram as éguas, e Michka selou-o conduzindo-o em seguida para a estepe, onde se reuniu à sua manada.

Em dois meses de serviço como guarda, Michka Kochevói estudara atentamente a vida dos cavalos na pastagem, penetrando-o um profundo respeito pela sua inteligência e

nobreza naturais. Os acasalamentos faziam-se debaixo dos seus olhos e esse acto eterno, realizado nas condições primitivas, era tão naturalmente casto e simples que despertava irresistivelmente no seu espírito certas comparações em que os homens nem sempre ficavam a ganhar. Mas havia também muita humildade nas relações dos cavalos entre si. Por exemplo, Michka observara que o Tagarela, o garanhão velho que era mau e grosseiro para as éguas, fazia excepção para uma beleza ruiva de quatro anos, que tinha uma grande estrela na testa e uns olhos ardentes. Junto dela, mostrava-se inquieto e agitado, farejava-a sem cessar com um ruído especial, contido e apaixonado. Na pastagem, gostava de poisar a cabeçorra na garupa da sua querida égua, deixando-se ficar assim uns momentos a dormir. Michka observava-o discretamente e via-lhe os músculos agitados sob a pele fina. Afigurava-se-lhe que o Tagarela amava aquela égua como amam os velhos, com um amor forte e sem esperança, muito triste.

Michka desempenhava conscienciosamente a sua tarefa.

O atamane da stanitsa fora sem dúvida informado do seu zelo, pois o maioral recebeu ordem, logo nos primeiros dias de Agosto, para o colocar ao dispor da administração da stanitsa.

Michka aprontou-se num abrir e fechar de olhos. Entregou a mochila com o equipamento e partiu nessa mesma tarde para casa. Incitava constantemente a égua e, ao pôr do Sol, depois de passar por Kárguine, encontrou no alto da colina um carro que se dirigia para Viochénsskaia.

O condutor, que era ucraniano, fazia trotar os dois cavalos bem alimentados, cobertos de suor. Um homem alto, de ombros largos, com traje da cidade e um chapéu de feltro cinzento atirado para a nuca, ia quase deitado no assento traseiro.

Durante algum tempo, Michka foi atrás do carro, a observar os ombros descaídos do homem do chapéu, que saltava com os solavancos, e a lista branca do seu colarinho poeirento. O homem levava aos pés um saco de viagem amarelo e uma mochila coberta pelo casaco enrolado. O perfume desconhecido de um charuto afagava as narinas de Michka.

«Deve ser qualquer funcionário que vai à stanitsa», pensou ele, fazendo avançar a égua até ao nível do carro. Porém, ao lançar um olhar de soslaio por baixo das abas do chapéu, abriu a boca de espanto, e o susto fez-lhe correr formigas pelas costas abaixo: o homem semideitado no carro era nem mais nem menos do que Stepane Astakhov, que mascava, impaciente, a ponta do charuto, a piscar os olhos claros e duros. Michka nem podia acreditar no que via. Fitou mais uma vez aquele rosto conhecido, estranhamente

mudado, e, quando se convenceu em absoluto, de que era realmente Stepane em carne e osso quem ia ali sacudido pelas molas do carro, deu uma tossidela, suando de emoção.

- Desculpe, mas o senhor não é Stepane Astakhov?

Com um movimento da cabeça, o homem puxou o chapéu para a testa, voltou-se e ergueu os olhos para Michka.

- Sim, sou o Astakhov. Porque pergunta? E você... Espera, tu és... Kochevói, não?

Levantou-se do banco e, sorrindo apenas com os lábios por baixo do bigode castanho bem aparado, enquanto os olhos e todo o rosto envelhecido conservavam a mesma severidade rebarbativa, estendeu a mão com um ar desajeitado e satisfeito.

- Kochevói? O Mikhail? Mas que encontro!... Sinto-me muito contente...

- O quê?... Mas como é possível... - Michka largou as rédeas e ergueu os braços para o céu. - Dizia-se que tu tinhas morrido. E quem vejo eu? Astakhov!

Um sorriso iluminava-lhe o rosto, agitava-se todo na sela, mas a aparência de Stepane, o seu ar pesado e rígido, perturbaram-no. Mudando de tom, pôs-se a dar-lhe senhoria, como se sentisse confusamente a barreira invisível que os separava.

Estabeleceu-se conversa. Os cavalos iam a passo. Um sumptuoso pôr do Sol florescia para as bandas do ocidente, as nuvens azuladas mergulhavam na noite. Aos lados da estrada, as codornizes esganiçavam-se a cantar nos tufos dos campos de painço, um silêncio poeirento caía sobre a estepe, liberta da agitação e dos ruídos do dia. No cruzamento das estradas de Tchukarínskaia e de Krujilínskaia, avistava-se o vulto de uma capela contra o fundo lilás do céu: mesmo por cima dela pairava um amontoado de cúmulos cor de tijolo.

- Onde é que vem, Stepane Astakhov? - inquiriu alegremente Michka.

- Da Alemanha. Sabe bem voltar a casa.

- Então e os nossos soldados? Eles disseram que você tinha sido morto à vista deles!

Stepane respondeu num tom reservado e indiferente, como se todas essas perguntas o aborrecessem:

- Fui ferido em dois sítios, e os outros... Olha, os outros abandonaram-me... Fui feito prisioneiro... Os alemães trataram-me e puseram-me a trabalhar...

- Nunca escreveu...

- A quem querias tu que eu escrevesse?

Stepane atirou fora o coto do charuto e acendeu logo outro.

- À sua mulher! A sua esposa estava viva e de saúde.

- Eu já não vivia com ela. Parece-me que toda a gente sabe isso.

Stepane proferira aquelas palavras numa voz seca, sem o mínimo calor. A alusão à mulher não o comovera.

- Nunca se aborreceu no estrangeiro? - inquiriu avidamente Michka, quase deitado sobre o pomo da sela.

- A princípio aborreci-me, depois habituei-me. Estive lá bem.

Após um momento de silêncio, acrescentou:

- Quis ficar definitivamente na Alemanha e naturalizar-me.

- Mas depois apeteceu-me voltar; deixei tudo e vim.

Um sorriso suavizou-lhe pela primeira vez as pregas duras nos cantos dos olhos.

- Por cá não faltam sarilhos! Andam todos à trolha uns com os outros.

- Sim... estou informado disso. .

- Por onde é que veio?

- Pela França. Apanhei o barco em Marselha - é uma cidade já deles e vim até Novorossiisk.

- Vai ser também mobilizado?

- Com certeza. Que há de novo lá pela aldeia?

- Não posso contar tudo. Passaram-se muitas coisas.

- A minha casa ainda está inteira?

- Abana com o vento...

- E os vizinhos? Os rapazes Melekhov, não morreu nenhum?

- Não.

- E a minha ex-mulher, sabes alguma coisa dela?

- Continua em Iagodnoié.

- E o Grigóri... está com ela?

- Não, está com a legítima. Acabou tudo com a sua Akcínia.

- Olha... não sabia dessa.

Ficaram calados um minuto os dois.

Michka continuava a examinar intensamente Stepane. Disse com um ar aprovador e respeitoso:

- Bem se vê que o senhor viveu por lá, Stepane Astakhov. Vem vestido como um senhor.

- Lá todos se vestem como deve ser.

Stepane, franzindo as sobrancelhas, tocou no ombro do cocheiro:

- Vamos um pouco mais depressa.

O cocheiro agitou o chicote com um ar desanimado e os cavalos fatigados deram um puxão à boleia. As rodas chiaram, o carro oscilou nas covas da estrada e Stepane perguntou a Michka, voltando-lhe as costas para dar a conversa por terminada:

- Vais para a aldeia?

- Não, vou para a stanitsa.

Na bifurcação, Michka seguiu pela direita. Pôs-se de pé nos estribos e gritou:

- Até à vista, Stepane Andreitch!

Stepane apertou com os dedos grossos a aba do chapéu poeirento e respondeu com frieza, articulando bem cada sílaba, como fazem os estrangeiros:

- Passa bem.

VII

A frente de batalha seguia a linha Filónovo-Povorino. Os Vermelhos concentravam as forças e cerravam os punhos para o ataque. Os cossacos desenvolviam com moleza a ofensiva; visto sofrerem de grande penúria de munições, não tentavam sair da sua região. Na frente de Filónovo, as operações desenrolavam-se com êxitos intermitentes. Em Agosto, verificou-se uma relativa acalmia e os cossacos que regressavam da frente com uma licença curta afirmavam que se esperava o armistício para o Outono.

Na retaguarda, nas stanitsas e nas aldeias, fazia-se o recolhimento. Os velhos e as mulheres não conseguiam dar conta do trabalho; além disso eram constantemente requisitados para conduzir as carroças que abasteciam a frente de munições e alimentos.

De Tatarski partiam quase todos os dias cinco ou seis carroças com destino a Viochénskaia; aí carregavam-nas com caixotes de cartuchos e obuses, enviando-as para o posto intermediário de Andropóvski; por vezes, quando faltavam carroças mandavam estas mais longe, até às aldeias do Khopr.

Tatárski vivia uma vida febril mas abafada. Todos os seus pensamentos se dirigiam para a frente longínqua; aguardavam-se com angústia as notícias dos que por lá andavam. A chegada de Stepane Astakhov agitou toda a aldeia: em todas as herdades, nas eiras, não se falava doutra coisa. Um homem enterrado havia muito acabava de regressar; um homem de que só as velhas se recordavam e mais ainda, «paz à sua alma», um homem quase esquecido. Não era um milagre?

Stepane instalou-se em casa da mulher de Anikuchka, levou para lá as suas coisas e, enquanto ela lhe preparava a ceia, percorreu demoradamente o pátio inundado pela luz branca da Lua, passou por baixo dos telheiros meio arruinados, examinou a casa, sacudiu os postes das cercas...

A omoleta há muito que esfriara sobre a mesa, em casa da mulher de Anikuchka, e Stepane continuava a inspeccionar os seus domínios invadidos pela erva, dando estalos com os dedos e murmurando palavras indistintas, como se tivesse a língua presa.

Nessa mesma noite, as pessoas da aldeia vieram visitá-lo para o interrogarem acerca da sua vida como prisioneiro. A casa de Anikuchka encheu-se de mulheres e garotos. Mantinham-se direitos como estacas, a ouvi-lo falar, e as suas bocas escancaradas eram

negras como poços. Ele falava de má catadura, sem que nenhum sorriso lhe viesse iluminar o rosto envelhecido.

Via-se bem que a vida o abalara duramente até às raízes, transformando-o por completo.

No dia seguinte de manhã, ainda Stepane dormia no seu quarto, apareceu Pantelei Prokófievitch à porta da casa. Tossiu, abafando com a mão a tosse profunda, e esperou que ele acordasse. Ao sair do quarto, Pantelei Prokófievitch sentia o cheiro fresco e húmido do chão de terra batida misturado com o perfume desconhecido do tabaco forte que sobe à garganta e daquele cheiro dos caminhos estranhos que fica muito tempo a impregnar todos os viajantes.

Stepane acordou. Pantelei Prokófievitch sentiu-o riscar um fósforo e, como quem se prepara para aparecer diante de um superior, compôs à pressa as pregas da camisa nova e tufada que Ilinitchna o obrigara a pôr em honra da visita que ia fazer.

- Entre.

Stepane estava a vestir-se enquanto chupava um coto de charuto e um dos seus olhos ainda sonolentos piscava por causa do fumo. Pantelei Prokófievitch transpôs a soleira um pouco timidamente e, impressionado com o rosto alterado de Stepane, e também com as partes metálicas dos seus suspensórios de seda, parou, estendendo-lhe a mão negra, encurvada em forma de barco.

- Bons dias, vizinho. Muito folgo de te ver com vida...

- Bons dias.

Stepane enfiou os suspensórios, agitou os ombros fortes, descaídos, e poisou com dignidade a sua mão na garra rugosa do velhote. Fitaram-se rapidamente. Nos olhos de Stepane brilhavam centelhas azuis de ódio; nos de Melekhov, salientes e fendidos, descortinava-se respeito e um leve espanto irónico.

- Envelheceste, Stepane. Estás mais velho, meu caro!

- Sim, estou mais velho.

- Já te rezávamos por alma, como sucedeu com o meu Grichka. - disse Pantelei Prokófievitch.

Depois calou-se, vexado, por se não ter lembrado a tempo. E tentou reparar a asneira:

- Graças a Deus que ele voltou são e salvo... Deus seja louvado! Nós também chegámos a rezar por alma do Grichka, mas ele ressuscitou como Lázaro e voltou. Já tem dois meninos e a Natalia, a mulher dele, está de boa saúde, graças a Deus. É boa pequena... Então e tu, meu rapaz, como vai isso?

- Vai-se andando, obrigado.

- Fazes tenção de vir visitar cá o vizinho? Anda, faz-me essa honra. Temos de conversar.

Stepane começou por recusar, mas Pantelei Prokófievilch insistia e Stepane cedeu. Lavou a cara, penteou para trás os cabelos contados e, quando o velho lhe perguntou: «Que fizeste tu da cabeleira? Vendeste-a?», sorriu e foi o primeiro a sair para o pátio, enquanto punha o chapéu na cabeça, com um gesto divertido.

Pantelei Prokófievitch mostrava-se tão amável e obsequioso que Stepane pensou: «Quer fazer esquecer a antiga ofensa...»

Obedecendo às ordens que o marido lhe transmitia com os olhos, Ilínitchna cirandava pela cozinha, incitava Natália e Duniachka a despacharem-se, enquanto ela própria se ocupava da refeição. As mulheres lançavam de tempos a tempos olhares curiosos para Stepane, que se sentara por baixo dos ícones, apalpavam com a vista o seu casaco, o colarinho, a corrente do relógio de prata, o penteado, trocando entre si sorrisos atónitos e mal dissimulados. Daria, que regressava do pátio muito vermelha, sorriu, confusa, a limpar à ponta do avental os lábios finos, e disse, encarquilhando os olhos:

- Ah, vizinho! Não te conhecia! Já não pareces um cossaco!

Pantelei Prokófievitch, sem perder tempo, pôs na mesa uma garrafa de aguardente, tirou rapidamente a rolha, aspirou-lhe o perfume agridoce e lançou-se num elogio entusiasta:

- Prova-me só isto! Foi feita em casa. Se lhe aproximares um fósforo, arde que é uma beleza! Dou-te a minha palavra de honra!

Travou-se uma animada conversa. Stepane bebia contra vontade, mas no fim de uns poucos de copos ficou bêbado e amansou.

- Do que tu agora precisas é de te casares, vizinho.

- Que está você para aí a dizer, homem? E a minha antiga, que faço eu dela?

- A tua antiga bem, a tua antiga .. Achas que a tua antiga mulher já não presta para nada? Olha que as mulheres são como as éguas: enquanto tiverem dentes servem para montar

- Se quiseres, arranjamos-te outra mais nova.

- Agora é tudo uma grande confusão... Não é boa altura para um homem se casar . Gozo uns dez dias de licença e depois vou apresentar-me na Administração. E dali, sigo para a frente! - declarou Stepane, cada vez mais bêbado, perdendo pouco a pouco o sotaque estrangeiro.

Despediu-se em breve, seguido pelo olhar deslumbrado de Daria, deixando atrás de si um largo assunto para conversas e mexericos.

- Aquilo é que ele vem instruído, o malandro? Repararam como fala? Parece um professor, ou um príncipe. Cheguei lá a casa estava ele a vestir-se e vi que usa por baixo da camisa uns arreios de seda com placas que lhe passam por cima dos ombros e do peito, como os cavalos! Palavra de honra! Que quer aquilo dizer? Para que é que serve? Agora até parece um sábio! - dizia Pantelei Prokófievitch com admiração, visivelmente lisonjeado por Stepane se ter dignado aceitar o seu convite sem rancor.

Haviam depreendido que Stepane decidira ficar na aldeia no fim do serviço militar. Queria restaurar a casa e retomar a sua exploração agrícola. Stepane acrescentara de passagem que tinha capital para isso, o que provocara em Pantelei Prokófievitch uma laboriosa meditação e um respeito involuntário.

- Vê-se bem que traz dinheiro - dizia ele. - Tem capitais, tem caroco. Os outros voltam do cativo nus como vieram ao mundo mas este, vocês viram como estava vestido! Matou alguém, com certeza. . ou, então, roubou.

Nos primeiros dias Stepane ficou a descansar em casa da mulher de Anikuchka; raras vezes se mostrava na rua. Os vizinhos observavam-no, espiavam-lhe todos os gestos, tentavam mesmo interrogar a mulher de Anikuchka acerca do que ele tencionava fazer. Ela, porém, cerrava os lábios e fechava-se em copas, fingindo ignorância.

Os boatos correram com mais insistência num sábado de manhã, quando se soube que ela alugara um cavalo aos Melekhov e partira muito cedo com destino desconhecido. Pantelei Prokófievitch foi o primeiro a adivinhar do que se tratava:

«Foi buscar a Akcínia», disse ele a Ilínitchna piscando o olho, enquanto atrelava a burra coxa à carroça. E não se enganava.

A mulher foi a lagodnói com o fim de perguntar a Akcínia se queria esquecer as antigas ofensas e voltar para casa do marido.

Nesse dia, Stepane, perdendo por completo a reserva e a calma, andou a passear pela aldeia até à noite. Ficou muito tempo sentado no alpendre da casa Mokhov, com Sergei Platónovitch e «Tsatsa» Atiópine, falando da Alemanha e da vida que lá vivera, do seu regresso através da França e da viagem por mar. Falava e escutava as lamentações de Mokhov, olhando constantemente, com inquietação, para o relógio...

A mulher de Anikuchka regressou de lagodnói ao crepúsculo. Enquanto preparava a ceia na cozinha de Verão, contou que Akcínia ficara assustada ao saber a notícia imprevista e fizera muitas perguntas acerca do marido, mas que se recusara terminantemente a voltar.

- Não admira que não queira voltar, vive como uma senhora. Está muito gorda e tem a pele branca: Não faz trabalhos duros. Que mais quer ela? Não calculas como anda vestida. Ainda hoje, que é dia de semana, trazia uma saia branca como a neve e as mãos lavadas, mais do que lavadas! - dizia a mulher de Anikuchka, com um suspiro de inveja.

As faces de Stepane estavam vermelhas e nos seus olhos claros, pregados no chão, acendiam-se e apagavam-se chamas iradas e melancólicas. Mergulhava a colher numa taça esmaltada cheia de leite coalhado e tentava disfarçar a tremura da mão. Fazia as perguntas com uma lentidão calculada.

- Dizes tu que a Akcínia anda contente com a vida que leva?

- Pudera não! Como não havia ela de estar contente?

- Perguntou notícias minhas?

- Pois claro. Ficou branca como um lençol quando lhe disse que tinhas voltado.

Depois da ceia, Stepane saiu para o pátio invadido pelas ervas.

O breve crepúsculo de Agosto extinguiu-se tão depressa como viera. Na frescura húmida da noite, os tambores das tararas rufavam importunamente e ouviam-se vozes agudas. Sob a Lua vermelha e malhada, decorria a azáfama habitual, joeiravam-se o grão malhado durante o dia e recolhia-se nos celeiros.

O cheiro quente e acre do trigo acabado de debulhar e da moinha envolvia a aldeia. Algures, junto da praça, a debulhadora a vapor trepidava e os cães ladravam. De uma eira longínqua vinha a melodia de uma canção arrastada. uma humidade bolorenta subia do Don.

Stepane, encostado à paliçada, ficou-se muito tempo a olhar a corrente rápida do rio que se via do outro lado da rua e o atalho sinuoso de fogo obliquamente traçado pelo luar. Pela água abaixo encrespavam-se pequenas ondas frisadas. Na outra margem dormitavam os choupos. Suavemente, imperiosamente, a angústia apoderou-se de Stepane

Chovera durante a madrugada, mas ao nascer do Sol as nuvens dissiparam-se e duas horas depois só os montículos de lama seca acumulada nas margens dos regos recordava o mau tempo.

Stepane chegou a lagodnói pela manhã. Cheio de alvoroço, prendeu o cavalo ao portão e, num passo pesado mas rápido, dirigiu-se às dependências do pessoal.

O pátio vasto, coberto de erva seca, estava deserto. As galinhas debicavam no estrume junto às estrebarias. Um galo preto como um corvo pavoneara-se em cima de uma cerca derrubada. Chamava as galinhas e fingia bicar nos insectos que trepavam pelas estacas. Os galgos demasiado gordos estavam deitados ao fresco, perto do celeiro. Seis cachorros de cauda cortada, depois de terem obrigado a mãe a deitar-se, uma cadela «nova

que parira pela primeira vez, mamavam, curvados sobre as patas, a puxarem pelas tetas cinzentas e moles. O orvalho brilhava ainda sobre a parte sombria do telhado de zinco da casa senhorial.

Stepane entrou na copa, olhando atentamente em volta, e perguntou à gorda cozinheira:

- Posso falar com a Akcínia?

- Quem é você? - perguntou ela, curiosa, a limpar ao avental o rosto molhado de suor.

- Não é da sua conta. Onde está a Akcínia?

- Está com o patrão. Espere aí.

Stepane sentou-se, poisando, com um gesto de extrema fadiga, o chapéu sobre os joelhos. A cozinheira metia no forno as panelas de ferro e aticava o lume com a tenaz sem lhe prestar atenção. Um cheiro acre a queijo fresco e a lúpulo fluuava na cozinha. As moscas cobriam como uma sementeira negra a chaminé do fogão, as paredes, a mesa salpicada de farinha. Stepane escutava, atento, e ia esperando. Os passos de Akcínia, tão seus conhecidos, quase o atiraram do banco abaixo. Deixou cair o chapéu.

Akcínia entrou com uma pilha de pratos. O seu rosto cobriu-se de uma palidez mortal e os cantos dos seus lábios carnudos começaram a tremer. Parou, apertando inutilmente os pratos contra o peito, sem despregar de Stepane os olhos assustados, avançando, aproximou-se rapidamente da mesa e libertou os braços.

- Bons dias.

Stepane respirava lentamente, profundamente, como se estivesse a dormir; um sorriso forçado entreabria-lhe os lábios. Sem falar, curvado para diante, estendeu a mão a Akcínia.

- Vem para o meu quarto... - disse esta convidando-o com um gesto.

Stepane agarrou no chapéu como se este fosse uma coisa muito pesada; o sangue martelava-lhe na cabeça e embaciava-lhe os olhos. Mal entraram no quarto e se sentaram, separados pela mesinha, Akcínia passou a língua pelos lábios secos e inquiriu num gemido:

- Onde vens tu?

Stepane fez um gesto vago com a mão, como um ébrio, afectando alegria e sorrindo com aquele sorriso de alegria e dor que não lhe saía dos lábios.

- Estive prisioneiro... Vim ver-te, Akcínia...

Mexeu-se, desajeitado, ergueu-se bruscamente e tirou do bolso um embrulhinho. Rasgou com impaciência o papel que o envolvia e, sem poder dominar a tremura dos dedos, tirou de lá um relógio de pulso em prata para senhora e um anel com uma pedra

falsa azul... Apresentou tudo isto na palma da mão suada, porém Akcínia não despregou os olhos daquele rosto que se lhe tornara estranho, agora deformado por um sorriso humilde.

- Toma, trouxe isto para ti... Vivemos juntos...

- Para que é isto? Olha... - murmuraram os lábios mortalmente descorados de Akcínia.

- Pega... não procures humilhar-me... Temos de acabar com os nossos disparates.

Escondendo o rosto nas mãos, Akcínia recuou até ao fogão.

- Diziam que tinhas morrido...

- E ficaste contente?

Ela não respondeu; mais calmamente, observou o marido de alto abaixo, da cabeça aos pés, compôs sem necessidade as pregas da saia bem passada a ferro, cruzou as mãos atrás das costas e disse:

- Foste tu que mandaste cá a mulher do Anikuchka? Ela disse-me que me mandavas chamar para... ir viver... contigo...

- E vens? - interrompeu Stepane.

- Não! - A voz de Akcínia tornou-se seca. - Não, não vou.

- Porquê?

- Já não estou acostumada e além disso é tarde, demasiado tarde...

- Mas eu quero cultivar a herdade. Foi para isso que regresssei da Alemanha e, enquanto lá estive, não pensei noutra coisa... Que vai ser de ti, Akcínia? O Grigóri abandonou-te... A não ser que tenhas arranjado outro? Ouvi dizer que estavas com o filho do patrão... É verdade?

As faces de Akcínia foram invadidas por uma onda de sangue ardente que lhe fez arrasar de lágrimas as pálpebras pesadas de vergonha.

- Estou com ele, é verdade.

- Não estou a censurar-te - disse Stepane assustado.

- Digo isto porque talvez ainda não tenhas decidido o que vais fazer. Ele não ficará contigo muito tempo. Isso não é a sério...

- Olha, tens rugas debaixo dos olhos... Ele vai dar-te dois pontapés. Odiando se aborrecer põe-te com dono. E então para onde irás? Não estás farta de ser criada? Pensa bem... Eu trouxe dinheiro. Assim que a guerra acabar passaremos a viver bem. Pensei que poderíamos juntarmo-nos outra vez. Quero esquecer o passado...

- E em que pensavas tu noutros tempos, meu amigo? - perguntou Akcínia toda trémula, com lágrimas de alegria nos olhos.

Afastou-se do fogão e caminhou em direcção à mesa.

- Em que pensavas tu quando arrastavas pela lama a minha mocidade? Tu é que me empurraste para o Grichka. Tu é que me socaste o coração... Lembras-te do que fizeste de mim?

- Não vim aqui para ajustar velhas contas... Também eu sofri, que sabes tu disso? Também eu vivi a minha vida pela segunda vez ao recordar-me de todas essas coisas...

Stepane contemplava as mãos poisadas sobre a mesa e as palavras saíam-lhe lentamente, como se estivesse a arrancá-las da boca.

- Pensava muito em ti... O meu coração sangrava... Não me saías da ideia nem de dia nem de noite... Eu vivia lá com uma alemã. . uma viúva. . Vivia bem, mas vim-me embora... Tinha vontade de voltar a ver a casa...

- Querias uma vida tranquila? - disse Akcínia com as narinas a tremer furiosamente.

- Queres tratar da tua casa? Estou certa de que queres ter filhos e uma mulher para te lavar a roupa e te dar de comer e de beber?

Teve um risinho cruel e malévolo.

- Não, muito obrigada! Estou velha, bem viste as minhas rugas . Já não sei fazer filhos. Sou uma concubina e as concubinas não devem ter filhos . É de uma mulher dessas que tu precisas?

- Tornaste-te muito esperta...

- Sou assim mesmo.

- Então, não queres?

- Não, não quero.

- Se assim é, passa bem.

Stepane levantou-se, fez girar sem motivo a pulseira do relógio entre as mãos e voltou a poisá-lo sobre a mesa.

- Se reconsiderares, manda-me dizer.

Akcínia acompanhou-o ao portão, deixando-se ficar muito tempo de olhos fitos na poeira que saltava debaixo das rodas e envolvia os ombros largos de Stepane.

Corriam-lhe dos olhos lágrimas de cólera. Soltava um soluço de vez em quando, pensando vagamente naquilo que poderia ter feito, chorando a sua vida, que uma vez mais falhara. Depois de saber que Evguéni não a queria mais e que o marido voltara, resolvera ir viver com este e reconstruir palmo a palmo a felicidade que nunca tivera... Fora esta a resolução que tomara enquanto o esperava. Mas, quando o vira humilde e dócil, o maldito orgulho aquele orgulho que lhe não permitia continuar em lagodnói depois de repudiada revoltou-se dentro dela. O ódio que se apossara de si dirigia-lhe os actos e as palavras. Recordava as ofensas que sofrera, tudo quanto suportara àquele homem, às suas grandes

mãos de ferro e, embora não desejasse a separação e no fundo de si própria tivesse medo do que estava fazendo, as palavras cruéis vieram-lhe à boca: «Não, não vou contigo.»

Olhou uma vez mais o carro que se afastava. Stepane, a agitar o chicote, desapareceu atrás da sebe roxa de absinto à beira da estrada.

Na manhã seguinte, Akcínia recebeu o ordenado e fez as malas. Ao despedir-se de Evguéni, desatou a chorar:

- Não fiques com má ideia de mim, Evguéni Nikolaiêvitch.

- Ora, não digas isso, minha querida!... Obrigado por tudo.

Ele afectava um tom alegre para esconder a perturbação.

Akcínia partiu. Nessa mesma noite chegava a Tatársski.

Stepane recebeu-a ao portão.

- Voltaste? - perguntou ele, sorrindo. - Para sempre? Posso acreditar que não te vais embora?

- Não me irei embora - respondeu ela simplesmente, a contemplar, com o coração apertado, a casa meio destruída e o pátio invadido pelas ervas e pelas silvas.

VIII

Foi perto da stanitsa de Dumóvsskaia que o regimento de Viochénsskaia travou o seu primeiro combate com as unidades em retirada do Exército Vermelho.

O esquadrão comandado por Grigóri Melekhov ocupou cerca do meio-dia uma pequena aldeia invadida pela verdura dos jardins que se haviam tornado matagais. Grigóri mandou desmontar os cossacos à sombra húmida de um renque de salgueiros, perto do regato cujo leito pouco profundo atravessava a aldeia. Algures, perto dali, brotavam nascentes da terra encharcada.

A água parecia gelo e os homens bebiam avidamente, enchiam os capacetes e enfiavam-nos a seguir nas cabeças repassadas de suor. O sol parecia chumbo sobre a aldeia paralisada pelo calor. A bruma do meio-dia envolvia a terra aquecida ao rubro. As ervas e as folhas pendiam, murchas, batidas pelos raios venenosos do sol. Mas junto ao regato, à sombra dos salgueiros, mantinha-se uma humidade fértil; as bardanas e outras ervas luxuriantes, alimentadas pelo húmus dos pântanos, eram de um verde sumptuoso; nas pequenas enseadas, as lentilhas verdes brilhavam como o sorriso da jovem amada; algures, para lá da curva do riacho, espanejavam-se patos batendo as asas.

Os cavalos, atraídos pela água, sacudiam-se, patinhavam na lama esponjosa, arrancavam as rédeas das mãos dos donos e metiam-se pela água dentro, turvando-a, a procurarem com os beiços a corrente mais fresca. O vento escaldante arrancava-lhes da boca enormes gotas que lembravam diamantes. Da água subia um cheiro sulfuroso a limos agitados, a algas em decomposição, e um perfume adocicado e amargo a raízes de salgueiro, molhadas e podres.

Os cossacos acabavam de se deitar sobre as bardanas, começando a conversar e a fumar, quando a patrulha a cavalo regressou. O grito: «Os Vermelhos!» obrigou os homens a porem-se a pé de um salto. Apertaram as cilhas, depois voltaram ao riacho para encher os cantis e beberam, pensando talvez cada um de si para si: «Pode ser esta a última vez que bebo desta água, tão clara como uma lágrima de criança.»

Puseram-se de novo a caminho. Um pouco adiante atravessaram de novo o riacho e fizeram alto.

A seguir à aldeia, ao longo de uma colina de saibro cinzento coberto de artemísia, avistaram, a uma verstá, a patrulha inimiga. Oito cavaleiros desciam cautelosamente em direcção à aldeia.

- Vamos ao encontro deles? Dás licença? - propôs Mitka Korchunov a Grigóri.

Partiu por um caminho desviado, porém a patrulha, avistando os cossacos, voltou para trás.

Dali a uma hora, quando chegaram os dois outros esquadrões a cavalo do regimento, os cossacos retomaram a marcha.

As patrulhas anunciavam que os Vermelhos (num total de mil homens, pouco mais ou menos) vinham sobre eles. Os esquadrões de Viochenskaia haviam perdido o contacto com o 33.º Regimento de Elánskaia-Bukanóyskaia que seguia à sua direita. Resolveram apesar disso travar combate. Passaram para o outro lado da colina, desmontaram e os guardas dos cavalos conduziram estes para uma ravina que descia até à aldeia.

Algures, à direita, teve lugar uma escaramuça de patrulhas.

Ouviu-se o crepitar alegre de uma metralhadora.

Em breve apareceram, dispersas, as vagas de assalto dos vermelhos. Grigóri dispôs o seu esquadrão na entrada superior da ravina. Os cossacos deitaram-se no cimo da encosta coberta de mato curto e espesso. Debaixo de uma pequena macieira brava, Grigóri seguia o inimigo com o auxílio de um binóculo.

Distinguia perfeitamente as duas primeiras vagas e, atrás destas, entre filas castanhas de trigo ceifado e abandonado, desdobrava-se uma coluna negra.

Grigóri e os seus homens ficaram surpreendidos ao verem um cavaleiro o chefe, pelos vistos montado num grande cavalo branco à testa da primeira vaga. Dois homens caminhavam isoladamente adiante da segunda. Um chefe conduzia a terceira. Ao lado deste flutuava uma bandeira. O tecido vermelho sobre o fundo amarelo sujo do colmo lembrava uma gota de sangue.

- Os comissários caminham na frente! - exclamou um dos cossacos.

- Vejam! Aquilo é que é heroísmo! - disse Mitka Korchunov, desatando a rir.

- Olhem para os tipos! Olhem para os vermelhos!

Os homens do esquadrão levantaram-se quase todos, tomando-se uns aos outros como testemunhas, com as mãos em pala para se protegerem do sol. De súbito as conversas cessaram e um silêncio majestoso e austero, arauto de morte, abateu-se humilde e suavemente sobre a estepe e a ravina.

Grigóri olhou para trás. Além dos salgueirais prateados, ao lado da aldeia, erguia-se um turbilhão de pó: o segundo esquadrão, avançando a trote, ia surpreender o inimigo de

flanco. Por enquanto caminhava ao abrigo do vale mas quatro verstás adiante este dividia-se em dois sobre a colina e Grigóri calculava a distância e o momento em que o esquadrão alcançaria o flanco do inimigo.

- Deitem-se! - comandou ele, voltando-se bruscamente, enquanto guardava o binóculo no estojo.

Aproximou-se dos soldados. Estes voltavam para ele os rostos escarlates e luzidios, negros do calor e da poeira. Deitaram-se, olhando uns para os outros. À ordem de «Preparar!», as culatras estalaram com um ruído cruel. Vendo de cima para baixo, Grigóri só enxergava as pernas afastadas, as copas dos capacetes e os blusões manchados de pó e de suor nas omoplatas e no meio das costas. Os cossacos dispersaram-se de rastos, indo postar-se nos sítios mais abrigados. Alguns tentavam escavar o solo duro com o sabre.

Nesse instante, o vento trouxe consigo os sons indistintos de um cântico que os vermelhos entoavam.

As suas vagas de assalto avançavam contorcendo-se penosamente, desiguais e vacilantes, e dessas vagas chegava até ali, abafado e perdido no espaço, o som de vozes humanas.

Grigóri sentia o coração a bater com muda força, em pancadas violentas e irregulares. Já ouvira aquele canto lamentoso em Glubókaia, entoado pelos marinheiros de Mofcrussov (tinham tirado os gorros e os seus olhos brilhavam de entusiasmo). E nasceu nele, de súbito, uma inquietação confusa, tão forte como o medo.

- Que estão eles a ladrar? - inquiriu um cossaco muito velho, virando a cabeça com angústia.

- É uma espécie de oração - respondeu um homem deitado à direita dele.

- Uma oração ao Diabo - declarou Andrei Kachuiine sorrindo.

Olhou insolentemente para Grigóri, de pé a seu lado, e disse:

- Tu que andaste com eles debes saber o que cantam. Estou certo que também já cantaste aquilo.

«...possuir... a terra!» Estas palavras, que a distância mal deixava perceber, ergueram-se em turbilhão como um grito de alegria, e de novo o silêncio desceu sobre a estepe. Um contentamento malévolo tomou posse dos cossacos. Um homem, no meio do grupo, soltou uma gargalhada. Mitka Korchunov agitou-se:

- Vocês ouviram, hem? Eles querem possuir a terra!...

E proferiu uma praga obscena.

- Melekhov, deixa-me abater o que está a cavalo. Disparo?

Não esperou pela resposta e fez fogo. A bala fez mover o cavaleiro. E este, desmontando, entregou o cavalo, mas continuou a pé à frente dos homens.

Os cossacos começaram a disparar. Os vermelhos deitaram-se.

Grigóri ordenou que as metralhadoras abrissem fogo.

Após algumas rajadas, a primeira vaga atirou-se para a frente, avançando uma dezena de ságenas, e deitou-se no chão. Através do binóculo, Grigóri via os vermelhos a manejarem a pá e a enterrarem-se. Por cima adejava uma poeira azulada; à frente deles, elevavam-se montículos de terra como os das toupeiras.

Das linhas inimigas partiu uma salva prolongada. Começou a trocar-se uma fuzilaria intensa. O combate ameaçava prolongar-se.

Ao cabo de uma hora, os cossacos sofreram a primeira baixa: um homem do primeiro pelotão foi alvejado de morte e três feridos começaram a rastejar na direcção dos guardas dos cavalos, para a ravina. Nesse momento, o terceiro esquadrão, surgindo no flanco do inimigo, lançou-se ao ataque por entre uma nuvem de poeira. Foi repellido com uma salva de metralhadora. Viu-se os cossacos retirarem a galope, tomados de pânico, ora aglomerados em magotes, ora dispersos em leque. Após a retirada, o esquadrão, reorganizando-se, voltou ao ataque silenciosamente, sem gritos de guerra. De novo foram repellidos com rajadas de metralhadora, como folhas que o vento empurra.

Porém os assaltos haviam abalado a resistência dos vermelhos. As primeiras vagas, misturando-se, começaram a recuar.

Sem interromper o fogo, Grigóri mandou levantar os homens. Estes partiram e não voltaram a deitar-se. Aquela irresolução, aquele difícil embaraço que haviam experimentado a princípio, parecia ter desaparecido. Uma bateria que chegara a trote largo reabasteceram-lhes coragem. O primeiro pelotão da bateria tomou posição e abriu fogo. Grigóri mandou transmitir aos guardas dos cavalos ordem para trazerem os animais. Preparava-se para o ataque. Junto à macieira brava donde observara os vermelhos no princípio do combate, procedia-se à desatrelagem da terceira peça da vanguarda. Um oficial alto, de calções justos, que fazia estalar o bengalim no cano das botas, gritava furiosamente para os condutores que se aproximavam da peça com demasiada lentidão:

- Tirem-me isto daqui para fora! Então? Esperem que eu já vos digo!

O observador e o comandante do regimento, de pé no cimo de um cabeço a meia verstá da bateria, observavam atrás do binóculo a retirada do inimigo. Os telefonistas montavam a toda a pressa um fio ligando a bateria ao posto de observação.

O velho capitão que comandava a bateria fazia girar nervosamente com os dedos gordos o rodízio do binóculo. (Trazia uma aliança de ouro). Passeava de um lado para o

outro junto da primeira peça, evitando as balas com um gesto de cabeça e cada um dos seus bruscos movimentos fazia oscilar a bolsa de cabedal usada que trazia à cinta.

Após o ribombo surdo do primeiro tiro, Grigóri, localizando o ponto onde acertara o obus de ensaio, voltou-se: os serventes, ofegantes, desatrelaram a peça empregando toda a sua força. O primeiro shrapnel foi cair sobre as marachas de trigo abandonadas e o pequeno floco de fumo branco, esfarrapada pelo vento, dissipou-se lentamente no fundo azul do céu.

Quatro peças, uma após outra, enviaram os seus obuses para além do trigo cortado. Porém, ao contrário do que esperava Grigóri, o fogo da artilharia não causou confusão apreciável nas fileiras dos vermelhos, estes retiraram sem pressa, em boa ordem, e começavam a desaparecer da vista do esquadrão, descendo para o vale. Compreendendo que um ataque naquelas condições não teria sentido, Grigóri resolveu mesmo assim falar nisso ao comandante da bateria. Dirigiu-se a ele num passo pesado e, tocando com a mão esquerda no ponto do bigode frisado que o sol avermelhara, disse com um sorriso amável:

- Eu gostaria de atacar.

- Que ideia!

O capitão sacudiu a cabeça com ar descontente, limpou com as costas da mão um fio de suor que lhe escorria da pala do boné.

- Está a ver eles irem-se embora, os malandros? Já os não apanhamos. De resto nem isso era de esperar: o Estado Maior deles é todo constituído por oficiais de carreira. Um foi meu camarada, o tenente-coronel Sórov...

- Como é que sabe? - inquiriu Grigóri com uma expressão incrédula.

- Pelos soldados que se passaram para nós.

- Cessar fogo! - comandou o capitão. E explicou, como que para se justificar: - É inútil continuarmos a fazer fogo, além de que não temos muitos obuses... Você é o Melekhov? Deixe-me apresentar: Poltáctsev.

Pegou bruscamente com a mão gorda e húmida na mão de Grigóri, retirando-a logo em seguida para a enfiar na bolsa de cabedal donde retirou um maço de cigarros.

- Sirva-se.

Os condutores dos cavalos tornaram a subir a ravina num tropear surdo, atrelando as peças. Grigóri fez o seu esquadrão montar de novo a cavalo e levou-o em perseguição dos vermelhos que tinham desaparecido atrás de uma colina.

Estes haviam ocupado a aldeia vizinha, mas abandonaram-na sem resistência. Os três esquadrões de Vioohésskaia e a bateria instalaram-se aí. Os habitantes, assustados, não saíam de casa. Os cossacos iam de herdade em herdade à procura de alimentos. Grigóri

desmontou junto de uma casa um pouco desviada, entrou no pátio e prendeu o cavalo no alpendre.

O patrão, um velho cossaco de pernas altas, estava deitado na cama e gemia, rebolando a pequena cabeça de pássaro num travesseiro todo sujo.

- Então, estás doente? - inquiriu Grigóri sorrindo, após terem trocado os bons dias.

- Sim, estou do...ente...

O homem fingia sentir-se mal e, a avaliar pelo vaivém do seu olhar, receava que não acreditassem nele.

- Tens alguma coisa para dares de comer aos cossacos? - perguntou Grigóri num tom imperioso.

A dona da casa afastou-se do fogão:

- Quantos são vocês?

- Cinco.

- Está bem, entrem e dar-vos-emos aquilo que Deus nos deu.

No fim da refeição Grigóri saiu para a rua.

A bateria encontrava-se junto do poço em estado de alerta'. Os cavalos, inteiramente equipados, acabavam de comer a sua cevada, agitando os sacos pendurados ao pescoço. Os condutores e os serventes abrigavam-se do sol sentados ou deitados à sombra dos caixões de artilharia. Um deles dormia de bruços, com as pernas cruzadas; um dos ombros estremecia-lhe de tempos a tempos. Começara por se deitar à sombra, sem dúvida, mas o sol avançara e queimava-lhe agora os cabelos frisados, sujos de pó da palha.

O pêlo húmido dos cavalos, amarelado de espuma, luzia sob os largos arreios de coiro. Os cavalos dos oficiais e dos serventes, presos à paliçada, juntaram as pernas e baixavam as cabeças. Os homens, cobertos de suor e poeira, repousavam em silêncio. O comandante e os oficiais da bateria estavam sentados no chão, encostados ao muro do poço, a fumar.

Perto deles, alguns cossacos tinham-se deitado formando uma estrela de seis pontas, com as pernas adargadas sobre a erva queimada. Comiam com gestos lentos leite coalhado que estava dentro de um balde e um deles cuspiu de vez em quando um grão de cevada que lhe ia parar à boca.

O sol ardia furiosamente. A aldeia estendia as suas ruas desertas quase até à colina. Nas granjas, sob os telheiros, ao longo das vedações, por toda a parte, havia cossacos a dormirem à sombra amarela das bardanas. Os cavalos, a que não tinham tirado os arreios, em grupos junto às paliçadas, esmoreciam de calor e sono. Um cossaco, ao passar, ergue a chibata ao nível do lombo dos animais. Em seguida a rua torna-se semelhante a uma

estrada da estepe abandonada e os canhões pintados de verde, os homens a dormir, esgotados pelo sol e pelas marchas, parecem estar ali sem justificação aparente.

Cheio de tédio, Grigóri ia para entrar de novo na casa quando avistou na rua três cossacos a cavalo pertencentes a outro esquadrão. Empurravam na sua frente um pequeno grupo de prisioneiros vermelhos. Os artilheiros agitaram-se, ergueram-se, sacudiram os blusões e as calças. Os oficiais levantaram-se também. Num pátio vizinho, alguém gritou alegremente:

- Eh, rapazes!... Eles trazem aí prisioneiros!... Não acredita? Juro-te pela Santa Virgem!

De todos os pátios saem à pressa cossacos ensonados.

Os prisioneiros, oito jovens tresandando a suor e cobertos de pó, foram logo (rodeados por um círculo compacto.

- Onde é que vocês os apanharam? - inquiriu o comandante da bateria com uma curiosidade indiferente:

Um dos homens da escolta respondeu com certo desprezo:

- Isto é que são soldados! Apanhámo-los junto dos girassóis, perto da aldeia. Estavam escondidos como as codornizes se escondem do milhafre. Vimo-los de cima dos cavalos e então fomos atrás deles. Matámos um...

Os soldados vermelhos apartavam-se, assustados, uns contra os outros. Via-se que temiam ser massacrados. Os seus olhares impotentes corriam de um rosto para o outro. Só um deles, aparentemente mais idoso, de cara tisonada pelo sol, com as maçãs do rosto salientes, envergando um blusão coberto de nódoas e umas grevas a desfazerem-se em pó, olhava com desprezo por cima das cabeças dos outros com os seus olhos pretos um pouco vesgos, apertando com força os lábios em sangue.

Um boné que datava provavelmente da guerra contra a Alemanha, com o buraco da insígnia, cobria-lhe, como uma crista verde, os cabelos negros e duros semelhantes a crinas de cavalo. Estava em posição de à vontade. com os dedos grossos de unhas manchadas de sangue seco apalpava a gola desabotoada da camisa interior e a maçã-de-adão aguçada, coberta de pêlos pretos. Parecia indiferente, mas a perna que mantinha afastada, monstruosamente engrossada até ao joelho pela greva, estremecia constantemente. Os outros eram pálidos e vulgares.

Só ele se distinguiu pela estatura robusta e pelo rosto enérgico de tipo tártaro. Foi talvez por isso que o comandante da bateria lhe dirigiu a palavra:

- Tu o que és?

Os olhitos do soldado, semelhantes a lascas de antracite, animaram-se; endireitou-se de maneira quase imperceptível:

- Sou soldado do Exército Vermelho Russo.

- Onde és tu?

- De Penza.

- És voluntário, patife?

- Não. Sou sargento do antigo exército. Mobilizado em 1917, e desde então...

Um dos homens da escolta interveio:

- Ele atirou contra nós, o malandro.

- Atiraste contra eles? - disse o capitão cerrando as sobrancelhas com ar sinistro e, interceptando o olhar de Grigóri na sua frente, designou-lhe com a vista o prisioneiro: - Estás a ver isto? com que então disparaste contra eles? Não pensaste que ias ser apanhado? E se agora te fuzilássemos por isso?

- Julguei que podia defender-me.

Os seus lábios tumefactos contraíram-se num sorriso culpado.

- Isso tem piada! Então porque não te defendeste?

- Acabaram-se-me os cartuchos.

- A-a-ah!

Os olhos do capitão luziam friamente, mas examinava o prisioneiro sem esconder a sua satisfação.

- E vocês, seus montes de esterco, donde sois? - Perguntou ele noutro tom, passeando sobre os outros o olhar contente.

- Fomos mobilizados, Vossa Nobreza. Somos de Saratov... distrito de Bailachov - choramingou um rapazola de pescoço comprido que piscava constantemente os olhos e arrepanhava os cabelos cor de ferrugem.

Grigóri examinava com uma curiosidade angustiada esses jovens vestidos de caqui, os seus rostos simples de camponeses, os seus modos servis de soldados de infantaria. Só o homem dos malares salientes lhe inspirava aversão. Dirigiu-se a ele num tom malévolo e trocista:

- Porque é que confessaste? Comandavas uma companhia? Eras um chefe? És comunista? Dizes que disparaste todos os cartuchos E se te degolássemos por isso?

O soldado vermelho, agitando as narinas esmagadas por uma coronhada, replicou já com mais audácia:

- Se confessei não foi por bravata. Porque havia eu de me desculpar? Disparei, já disse... Expliquei-me bem? Quanto a... então fuzilem-me. De vocês, não espero sorriu de novo nada de bom. Ou vocês não fossem cossacos.

Todos sorriram em volta. Grigóri afastou-se, subjugado pelo tom sensato do soldado. Viu os prisioneiros irem beber ao poço.

Um esquadrão de infantaria cossaca desembocava por secções, vindo de uma viela.

IX

Assim, quando mais tarde o regimento chegou à zona dos combates incessantes, quando uma frente ininterrupta em zig-zague sucedeu às cortinas de fogo isoladas, todas as vezes que esbarrava com um inimigo ou se encontrava na sua proximidade imediata, Grigóri sentia intensamente aquela grande curiosidade insaciável em face dos soldados vermelhos, esses soldados russos contra quem tinha de lutar sabe-se lá porquê!

Como se devesse conservar para sempre dentro do peito esse sentimento ingénuo e infantil que nascera em si logo nos primeiros tempos da guerra, quando observava pela primeira vez do alto de um cabeço, em frente de Lechniuv, as idas e vindas das tropas e das carroças austro-húngaras. «Quem será aquela gente? De que massa serão feitos?» Como se nunca na sua vida tivesse lutado contra o destacamento Tchernetzov, em Glubókaia; nessa época conhecia o rosto dos seus inimigos: oficiais do Don, cossacos. Agora tinha diante de si soldados russos, outros homens, os quais, com todas as suas forças, apoiavam o poder dos soviets e esforçavam-se, pensava ele, por se apoderarem das terras e dos domínios dos cossacos.

Assim, certo dia, em combate, encontrou-se cara a cara com alguns vermelhos que surgiram de improviso. Ia ele em reconhecimento, com o seu pelotão, seguindo pelo fundo de uma ravina e, ao chegar ao ponto em que esta bifurcava, ouviu de súbito vozes russas com o sotaque do governo de Nijmi e um tropear mole de passos. Nisto surgiram à beira da ravina alguns soldados vermelhos, dos quais um chinês, e pararam um segundo, tomados de pânico à vista dos cossacos.

- Os cossacos! - tartamudeou um, atirando-se ao chão.

O chinês disparou. E logo aquele que se deitara por terra um loiro desatou a gritar numa voz entrecortada:

- Camaradas! A metralhadora! Os cossacos!

- Depressa! Os cossacos!

Mitka Korchunov abateu o chinês com um tiro de pistola, fez o cavalo dar meia volta, empurrando o de Grigóri, e foi o primeiro a lançar-se a galope, puxando pelas rédeas, nos meandros complicados da ravina. Os outros partiram atrás dele em grupo compacto, procurando ultrapassar-se mutuamente. Lá atrás, a metralhadora pôs-se a

trovejar numa voz de barítono, as balas fustigavam as folhas das ameixeiras e dos espinheiros que cresciam profusamente nas vertentes e nas saliências do terreno, fazendo voar em estilhas e lacerando cruelmente o fundo pedregoso.

Por várias vezes ainda Grigóri se encontrou cara a cara com os vermelhos, viu as balas dos cossacos fazerem saltar a terra debaixo dos seus pés, viu cair os soldados do Exército Vermelho deixando a vida sobre aquela terra fértil que lhes era estranha.

E, pouco a pouco, foi-se enchendo de ódio contra os bolcheviques. Tinham surgido de súbito na sua vida como inimigos, tinham-no arrancado à sua herdade. Verificava que o mesmo sentimento se apoderara dos outros cossacos. Todos acreditavam que os bolcheviques, pretendendo assenhorear-se da região, eram os únicos responsáveis por aquela guerra. E todos, ao verem as marachas de trigo abandonadas, as cearas calcadas pelas patas dos cavalos, as eiras vazias, pensavam nos seus próprios campos, onde as mulheres se esfalfavam num trabalho exaustivo, e o seu coração empedernia-se, tornavam-se cada vez mais selvagem. Por vezes, durante o combate, Grigóri pensava que os seus inimigos os camponeses de Tambov, de Riazan e de Saratov eram movidos pelos mesmos sentimentos de rivalidade pela posse da terra. «Lutamos por ela como se fosse uma rapariga», pensava.

Começaram a fazer menos prisioneiros. Os casos de execuções sumárias eram mais frequentes. Uma enorme vaga de pilhagem abateu-se sobre a frente; pilhavam-se casas suspeitas de nutrirem simpatia pelos bolcheviques, despiam-se os prisioneiros.

Rapinava-se tudo, desde cavalos e carros até objectos absolutamente inúteis. Tanto oficiais como simples cossacos, todos pilhavam. Era uma razia! Fatos, samovares, máquinas de costura, arreios, tudo o que podia ter qualquer valor. Tudo isso ia parar às herdades. Os pais dos soldados ofereciam-se para irem voluntariamente levar munições e mantimentos às tropas e regressavam com os carros pejados de objectos roubados. Os regimentos a cavalo que eram a maioria mostravam-se particularmente sôfregos. Os soldados de infantaria só têm a mochila, porém os de cavalaria enchiam os alforjes das selas, levavam sacos e os cavalos lembravam mais bestas de carga do que montadas de militares. Ultrapassaram todos os limites. A pilhagem, em tempo de guerra, sempre fora para os cossacos o móbil mais poderoso. Grigóri sabia isso através das narrativas dos velhos acerca das guerras doutrora e pela sua própria experiência.

Um dia, na Prússia, quando o seu regimento se movimentava na retaguarda da frente, o comandante da brigada um general cheio de prestígio dissera aos doze esquadrões alinhados diante dele, designando com o bengalim uma pequena aldeia situada no sopé de uma colina:

- Se vocês conseguirem conquistar aquela vila, será vossa durante duas horas. Mas, ao fim desse tempo, o primeiro que for apanhado a pilhar será fuzilado.

Grigóri, porém, não se deixara contagiar: só deitara mão a mantimentos alimentares e a pasto para o seu cavalo, pois temia confusamente apoderar-se dos bens alheios e a pilhagem repugnava-lhe. Pilhar os cossacos afigurava-se-lhe odioso. Mantinha severamente a disciplina no seu esquadrão. Se os soldados pilhavam era às escondidas e muito raramente. Nunca mandava suprimir nem despir os prisioneiros. Essa tolerância excessiva provocava o descontentamento dos subordinados e dos comandos.

Convocaram-no para comparecer no Estado-Maior da divisão. Um oficial chamou-o de parte e, erguendo a voz com grosseria, disse-lhe:

- Que quer isto dizer, sargento Melekkhov? Queres desmoralizar-me o esquadrão? Que significa esse liberalismo? Pretendes ficar bem com ambos os lados? Andas a fazer jogo duplo?... Como queres que não berre contigo?... Nada de discussões! Não sabes o que é disciplina? O quê? Que te substitua? Pois é o que vou fazer! Vais entregar hoje mesmo o comando do esquadrão.

- Assim mesmo, meu amigo... E tem juizinho...

No fim do mês, o regimento, ao qual se viera reunir um esquadrão do 33.º Regimento de Elánsskaïia que avançava na mesma direcção, ocupou a aldeia de Oremiátchi Log.

Num plano inferior à povoação, ao longo do vale, os salgueiros, os freixos, os choupos apertavam-se uns contra os outros; umas «trinta casas caiadas de branco rodeadas de muros baixos de pedra negra dispersavam-se pela encosta. No cimo da colina, um velho moinho oferecia-se aos ventos.

Sobre um fundo de nuvens brancas que se dispersavam por detrás dele, as suas asas imóveis perfilavam-se como uma cruz negra inclinada.

O dia estava chuvoso e escuro. Caía sobre o vale uma chuva amarela de folhas mortas que atapetavam o solo, murmurando. O sumptuoso salgueiro vermelho tinha a cor do sangue. Nas eiras elevavam-se montes de palha brilhante. Nuvens moles, precursoras do Inverno, envolviam a terra.

Grigóri e o seu pelotão foram ocupar a casa que lhes havia sido designada pelos encarregados dos alojamentos. O proprietário devia ter partido para se reunir aos vermelhos. A dona da casa, uma mulher gorda, já de idade, e a filha adolescente, puseram-se logo a servir obsequiosamente o pelotão. Grigóri, entrando no quarto, olhou em volta. Aquela gente vivia bem: sobrados pintados, cadeiras de palhinha, um espelho, nas paredes

as fotografias habituais de soldados e um diploma de instrução primária numa moldura preta. Grigóri pendurou junto ao fogão o capote encharcado e pôs-se a enrolar um cigarro.

Rrokhor Zikov, entrando, apoiou a espingarda à cama e disse num tom indiferente:

- Chegaram as equipagens, Grigóri Panteleievitch. O teu pai vem com elas,

- Hem? Não estejas com aldrabices!

- É verdade. Além dele vêm mais oito carros da nossa terra,. Vai ver.

Grigóri deitou o capote pelos ombros e saiu.

Pantelei Prokófievitch passava precisamente nesse instante através do portão levando os cavalos à arreata. Daria, embrulhada num casacão de pano caseiro, vinha sentada no carro. Era ela quem segurava as rédeas. Sob o capuz molhado, fitava Grigóri com um sorriso húmido e os olhos brilhantes.

- O que o traz por cá, amigo? - exclamou Grigóri, sorrindo para o pai.

- Eh, meu rapaz! com que então estás vivo? Viemos visitar-te sem sermos convidados.

Grigóri, pondo-se a caminhar ao lado do pai, deitou-lhe o braço por cima dos ombros. Enquanto desatrelava a boleia, o velho disse:

- Não esperavas ver-nos, hem, Grigóri?

- Claro que não.

- Pois nós vimos em serviço... Fomos requisitados... Trazemos obuses, agora tratem de combater.

Trocaram algumas frases breves enquanto iam desatrelando os cavalos. Daria tirava do carro alimentos e ração para os animais.

- E tu, por que vieste? Perguntou-lhe Grigóri.

- Para acompanhar o pai. Ele anda pouco bom, desde a quaresma vai de mal a pior. A mãe teve medo. Andar assim sozinho, lá por fora, se lhe acontecesse alguma coisa...

Depois de ter dado aos cavalos uma aveia perfumada, de um verde vivo, Pantelei Prokófievitch aproximou-se de Grigóri e perguntou-lhe num murmúrio rouco, piscando os olhos negros, doentes e inquietos, injectados de sangue:

- Então, como vai isto?

- Menos mal. Combate-se.

- Ouvi para aí certas mentiras, diz-se que os cossacos não querem passar a fronteira... É verdade?

- São boatos... respondeu evasivamente Grigóri.

- Que ideia é a vossa, rapazes? tornou o velho, desorientado.

- Que quer isso dizer? Lá na terra, os velhos estão à espera... Se não forem vocês, quem tomará a defesa do nosso pai, o Don. Se acaso mas Deus nos livre disso vocês não quisessem mais combater... Mas como pode ser possível? Foram os vossos chefes que nos mentiram!... Esses patifes só servem para espalhar a confusão!

Entraram na casa. Os soldados reuniam-se. Primeiro a conversa versou sobre as notícias da aldeia. Após haver trocado algumas palavras em voz baixa com a dona da casa. Daria abriu o alforje das provisões e pôs-se a preparar a ceia.

- Segundo me disseram, retiraram-te o comando - disse Pantelei Prokófievitch, alisando com um pente de osso a barba emaranhada.

- Comando agora um pelotão.

A resposta indiferente de Grigóri irritou o velho. A sua testa encheu-se de rugas, foi a coxear até à mesa, fez a oração à pressa e replicou com despeito, limpando a colher à aba do casaco:

- Porque foi isso? Os teus chefes não estão contentes contigo?

Grigóri não tinha vontade de falar no assunto em presença de outros e encolheu os ombros com irritação:

- Nomearam outro... mais instruído do que eu.

- Tens que submeter-te, meu filho. Em breve se hão-de arrepender. Agora querem tipos instruídos! O que tu deves dizer-lhes é isto: «A minha instrução foi feita na guerra com os alemães e estou certo de que sei mais do que todos esses intelectuais com óculos!»

Via-se que ficara indignado. Grigóri, casmurro, lançava olhares de viés para se certificar de que os seus soldados não estavam a sorrir.

A sua baixa de posto não o afligira. Entregara com alegria o comando do esquadrão e sentia-se satisfeito por já não ser responsável pela vida dos conterrâneos. No entanto, o seu amor-próprio ficara ferido e a conversa com o pai desagradara-lhe.

A dona da casa retirara-se para a cozinha. Pantelei Prokófievitch, sentindo-se apoiado com a presença de um recém-vindo, Bogatíriov, que era de Tatársski, retomou a conversa:

- Então sempre é certo vocês estarem resolvidos a não ultrapassarem a fronteira?

Prokíhor Zíkov, sempre calado, piscava levemente os meigos olhos de cordeiro. Mitka Korchohunov, acorocado junto ao fogão, acabava de fumar um cigarro que lhe queimava os dedos. Os outros três cossacos estavam sentados ou deitados nos bancos. Ninguém respondeu. Bogatíriov fez um gesto de desânimo.

- Parece que não estão muito interessados nisso - declarou ele na sua voz profunda de baixo. Querem lá saber!

- E porque havemos nós de ir mais longe? – inquiriu preguiçosamente um pequeno cossaco enfezado e calmo, chamado Iline. - Porquê, hem? Tenho em casa os órfãos à espera desde que a minha mulher morreu e não estou disposto a deixar-me matar sem mais nem menos.

- Assim que a gente os expulsa da terra cossaca voltamos para casa! disse outro energicamente.

Mitka Korchunov sorriu apenas com os olhos verdes e disse, a retorcer o bigode sedoso:

- Se fosse eu quem mandasse, podíamos ainda lutar uns bons cinco anos. Eu cá gosto disto.

Nesse instante alguém gritou no pátio:

- Reunir! Selar os cavalos!

- Estão a ver? Vocês vêm, rapazes! - exclamou Iline, desesperado. - Mal nos dão tempo de secar e «toca a reunir!» Isso significa que voltamos para as linhas. Vocês falam nas fronteiras! Quais fronteiras? O que é preciso é a gente voltar para casa. Isso é que é preciso. Nós queremos paz e vocês...

Era um falso alerta. Grigóri, irritado, voltou com o cavalo para o pátio e, sem motivo nenhum, deu-lhe um pontapé na barriga:

- Eh, maldito! Vê se andas a direito!

Pantelei Prokófievitch estava a fumar à porta. Depois de todos os cossacos terem regressado, perguntou a Grigóri:

- O que foi?

- Um falso alerta. Confundiram uma manada de vacas com os vermelhos.

Grigóri, tirando o capote, sentou-se à mesa. Os outros despiram-se a resmungar, poisaram os sabres, as mochilas e as espingardas sobre os bancos e foram-se deitar. Pantelei Prokófievitch chamou Grigóri para o pátio e sentaram-se ambos no alpendre.

- Quero falar contigo.

O velho tocou no joelho do filho e murmurou:

- Há oito dias fui ver o Petro. O 28.º Regimento está agora por detrás de Kalatch... Trouxe de lá bastantes coisas, meu rapaz. O Petro é esperto, mesmo muito esperto para o negócio. Deu-me um fardo de roupas, açúcar, um cavalo... Um bom cavalo...

- Ouve lá - interrompeu-o com dureza Grigóri, tomado de suspeita... -, não foi por isso que cá vieste?

- Isso o quê?

- Ora, o quê!

- Toda a gente apanha o que pode, Grigori...

- Toda a gente! Toda a gente apanha o que pode! - repetia Grigóri, furioso, à procura das palavras. - Aquilo que tens não te basta? Vocês são uns patifes! Na frente alemã era-se fuzilado por brincadeiras dessas.

- Não te enerves assim - retorquiu o pai friamente. - Não te estou a pedir nada. Não preciso de nada. Hoje estou aqui, amanhã talvez já cá não esteja. Mas pensa em ti. Achas que és muito rico? Só temos uma carroça em casa e tu...

- Mas porque não roubas os que estão ao lado dos vermelhos?... Chega a ser pecado não fazer uma coisa dessas. Agora que lá na terra até um bocado de cordel tem valor...

- Fazes favor de te calar? Ou queres que te ponha a mexer daqui para fora! Por causa disso parti a cara a muitos cossacos, e agora até o meu pai quer pilhar os habitantes da terra!

Grigóri tremia todo e engasgava-se.

- Já compreendo porque te retiraram o comando do esquadrão - insinuou perfidamente o velho.

- Estou-me nas tintas! E podem retirar-me também o pelotão...

- Não me admirava nada. Por esse andar...

Calaram-se uns minutos. Grigóri acendeu um cigarro. À luz do fósforo, distinguiu a cara furiosa e envergonhada do pai.

Só então compreendeu a razão por que este ali viera. «Foi por isso que ele trouxe consigo a Daria, o velho monstro. Para guardar a maquia...»

- O Stepane Astakhov voltou. Sabias? - começou Pantelei Prokófievitch num tom indiferente.

- O quê?

Grigóri deixou cair o cigarro da mão.

- É como te digo. Foi feito prisioneiro, mas não o mataram.

- Voltou rico. Tem belos fatos e dinheiro... como nunca se viu. Teve de trazer dois carros para transportar tudo. (O velhote mentia como se Stepane fosse filho dele). Foi buscar a Akcínia e partiu logo outra vez para a frente. Tem um bom lugar; é chefe de zona em Kazánisskaáa, creio eu.

Grigóri mudou de conversa:

- Este ano malharam muito trigo?

- Quatrocentas medidas.

- Como estão os teus netos?

- Oh, os meus netos! Estão uns mocetões! Devias mandar-lhes um presente.

- Presentes... da guerra...suspirou tristemente Grigóri. - Estava a pensar em Stepane e Akcínia.

- Não podias dar-nme uma espingarda? Não terás por aí uma a mais?

- Uma espingarda? Para quê?

- Para eu ter em casa. Para me defender dos bichos maus e das pessoas más. Para o que der e vier. À cautela, já arranjei uma caixa de cartuchos. Trazia-os para vocês, e fiquei com uma caixa para mim.

-Vai buscar uma ao vagão. Não são as espingardas que nos faltam respondeu Grigóri com um sorriso. Anda, vai dormir. Eu cá tenho de ficar de sentinela.

De manhã, parte do regimento saiu da aldeia. Grigóri partiu convencido de que envergonhara o pai e que este se iria embora sem roubar nada. Porém, mal os soldados abalaram, Pantelei Prokófievitch penetrou na herdade com um passo de proprietário, despendurou as cabeçadas e as retrans das traves e levou-as para a sua carroça. A dona da casa foi atrás dele a chorar e a suplicar, agarrando-lhe no braço:

- Avôzinho! Meu amigo! Não vês que isso é pecado? Porque queres tu prejudicar os órfãos? Dá cá os meus arreios. Dá-mos, pelo amor de Deus!

- Ora, ora! Deixa-me em paz! - resmungava o velho, repelindo a mulher. - Os vossos homens fizeram a mesma coisa, tenho a certeza. O teu, ao menos, é comissário?... Tira-te da minha frente! Já que «o que é teu é meu...» cala-te e não te queixes!

Depois disto, arrombou uma arca e, na presença dos homens que o acompanhavam e se mantinham num silêncio de aprovação, escolheu calças e blusões entre as fardas mais novas que encontrou, examinou-as à luz, apalpando-as com os dedos curtos e negros, e fez deles uma trouxa.

Foi-se embora antes do jantar. Daria, com os lábios finos muito apertados, ia sentada sobre as trouxas na carroça cheia até cima. Lá atrás, em cima da carga, levavam um caldeirão de aquecer água para o banho. Pantelei Prokófievitch tirara-o de cima do fogão e tivera grande dificuldade em o transportar para a carroça. Quando Daria lhe observou num tom de censura: «Pai, tu até eras capaz de trazer merda para casa!», respondeu, furioso:

- Cala-te, idiota! Não vou cá deixar o caldeirão! És tão pouco amiga de fazer pela vida como esse inútil do Gricha! Cá a mim, até um caldeirão dá jeito. Sou assim mesmo... Vamos embora! Porque vais tu a morder os beiços?

E despediu-se, num tom bonacheirão, da dona da casa que fechava a porta nas costas deles:

- Adeus, tiazinha! Não te zangues. Qualquer dia ficas rica outra vez!

X

Os dias sucediam-se como os anéis de uma cadeia... Marchas, combates, descansos. Chuva. Cheiros misturados a suor de cavalo e a coiro das selas aquecidas. Nas veias, a tensão constante transforma o sangue em mercúrio ardente. A cabeça, em virtude da insónia, pesa mais do que um obus de três polegadas. Grigóri só pensava em repousar! Dormir até mais não! E depois seguir atrás de um rego fofo cavado pela charrua, assobiar aos bois, ouvir o grito azul e estridente das gralhas, desfazer com um sopro, voluptuosamente, as teias de aranha trazidas pelo vento, beber incansavelmente o cheiro a vinho da terra no Outono.

Em lugar disso, campos de trigo lacerados por caminhos. E nesses caminhos, bandos de prisioneiros despidos, negros de pó, escuros como cadáveres. O esquadrão passa, pisa a estrada, calca o trigo com as patas ferradas. Nas aldeias, soldados amadores revistam as casas dos cossacos que se passaram para os vermelhos, açoitam as mulheres e as mães dos renegados...

Os dias passam, ocos de tédio. Escoam-se da lembrança, e nenhum acontecimento, mesmo importante, deixa atrás de si qualquer vestígio. A rotina da guerra parecia ainda mais enfadonha do que na campanha anterior, talvez porque tudo se tornara há muito familiar. De resto, os antigos só sentiam desprezo pela guerra actual: a escala do conflito, as perdas, as forças em presença, tudo era uma brincadeira em comparação com a guerra contra a Alemanha. A sombra da morte, no entanto, ali como nos campos de batalha da Prússia, erguia-se a toda a hora e assustava os homens, obrigando-os a estar de sobreaviso, como animais.

- Será isto uma guerra? Não passa de um fingimento. Os alemães, quando faziam fogo, ceifavam regimentos inteiros.

- Agora, quando temos dois feridos num esquadrão, já se fala de perdas afirmavam os veteranos.

E contudo essa guerra em miniatura abalava os nervos.

O descontentamento, a fadiga, a amargura iam-se acumulando.

No esquadrão todos diziam, cada vez mais convictamente:

- Assim que expulsarmos os vermelhos do Don, boa noite! A Rússia que se arranje, que nós cá nos arranjaremos. Não vamos impor-lhe as nossas leis.

Durante todo o Outono lutou-se brandamente em frente de Filanóvsskaia. O centro estratégico mais importante era Tssíritzine, onde tanto os brancos como os vermelhos empenhavam as suas melhores forças. Contudo, na frente Norte, estabelecera-se um equilíbrio, poupando-se uns e outros para o lance decisivo. Os cossacos tinham mais cavalaria; aproveitando essa vantagem, realizavam operações combinadas, movimentos envolventes, penetrações na retaguarda do inimigo.

Na realidade só deviam as suas vantagens ao facto de terem pela frente unidades de moral instável constituídas por soldados vermelhos há pouco mobilizados para a zona da frente.

Os homens de Saratov e de Tombov rendiam-se aos milhares. Mas quando o governo vermelho utilizava um regimento operário, um destacamento de marinheiros ou a sua cavalaria, logo se restabelecia o equilíbrio, a iniciativa passava de mão e obtinham-se alternadamente vitórias de significado puramente local.

Embora participasse nela, Grigóri observava a guerra com indiferença. Convencia-se de que a frente não resistiria até ao Inverno; sabia que os cossacos estavam com disposições conciliatórias e que não se podia pensar numa guerra prolongada. De tempos a tempos, chegavam jornais ao regimento.

Grigóri pegava com repugnância nesse papel de embrulho amarelado em que se imprimia O País do Alto Don e percorria as notícias das diversas frentes de batalha rangendo os dentes. Os seus homens, porém, riam às gargalhadas quando ele lhes lia os artigos fanfarrões e falsamente entusiastas no género deste:

No dia 27 de Setembro travaram-se combates no sector de Filanóvsskaia com êxitos variáveis. Na noite de 25 para 26 o bravo Regimento de Viochénskaia expulsou o inimigo da aldeia de Todgórni e penetrou na sua peugada na aldeia de Lukianóvski. As nossas tropas fizeram uma importante pilhagem e grande número de prisioneiros. As unidades vermelhas retiraram em desordem. O moral dos cossacos é excelente.

- Os filhos do Don voam para novas vitórias!
- Quantos prisioneiros fizemos? Um grande número?
- Oh, os filhos da puta! Eles dizem que. . an! ah! ah!...

Mitka Korchunov torcia-se a rir, escancarando a boca de dentes muito brancos, a apertar as mãos na barriga.

Os cossacos não acreditavam nos êxitos dos «cadetes» na Sibéria e no Kúbano. O País do Alto Don mentia com demasiado descaramento e cinismo. Okhávatkine, um

gigante de manábulas enormes, depois de ter lido um artigo acerca da revolta dos checoslovacos, declarou na presença de Grigóri:

- Primeiro eles vão esmagar os checos e depois atiram contra nós todo o exército que lá têm e ficamos feitos em compota .. Enfim, isto é a Rússia!

E concluía num tom sinistro:

- Achas que é caso para rir?

- Não nos assustas! Até enjoas com as tuas histórias Idiotas! disse Prokhor Zikov, que preferia não pensar no caso.

Mas Grigóri, a enrolar um cigarro, disse de si para si com malévola alegria: «Aquilo é verdade!»

Nessa noite demorou-se muito tempo à mesa, de costas abauladas. O colarinho da camisa, tão desbotado pelo sol como os galões, estava aberto. O seu rosto tisonado, onde um inchaço doentio nivelava as rugas com as bochechas, apresentava uma expressão severa. Agitava o pescoço negro e musculoso, torcia uma ponta do bigode crespo e aloirado pelo sol, fixando num ponto vago os olhos maus que os últimos anos haviam tornado duros. Reflectia com uma dificuldade penosa que lhe não era habitual; finalmente, quando ia para se deitar, disse em voz alta, como se respondesse à pergunta de todos: «Isto não tem saída!»

Não pregou olho durante toda a noite. Foi lá fora várias vezes vigiar o cavalo e de todas elas demorava-se muito tempo no alpendre, envolvido no silêncio negro, murmurante como seda.

Decerto que a pequena estrela sob a qual nascera Grigóri continuava ainda a brilhar com a sua luzinha calma e trémula; decerto não chegara ainda o momento de ela cair do firmamento, abrasando o céu com uma chama fria. Três cavalos montados por Grigóri haviam sido mortos naquele Outono.

O seu capote estava furado em cinco pontos. A morte, ao roçá-lo com a sua asa negra, parecia divertir-se com ele. Certo dia, uma bala atravessou-lhe o punho de cobre do sabre; a borla, arrancada como se fosse por uma dentada, caiu-lhe aos pés do cavalo.

- Deve haver alguém que reza muito por ti, Grigóri - disse Mitka Korchunov. E ficou admirado com o sorriso triste do outro.

A frente de batalha deslocara-se para o outro lado da linha férrea. Todos os dias as carroças traziam mais rolos de arame farpado. Todos os dias o telégrafo difundia na frente estas palavras:

As tropas aliadas estão a chegar de um momento para o outro. É indispensável consolidar as fronteiras enquanto se espera a vinda dos reforços e deter a todo o custo o avanço dos vermelhos.

A população, mobilizada, cavava com barras de ferro a terra gelada, a fazer trincheiras que envolvia numa rede de arame farpado. De noite, porém, quando os cossacos abandonavam as trincheiras e iam aquecer-se a casa dos aldeãos, os batedores do Exército Vermelho aproximavam-se, derrubavam os cavalos de frisa e penduravam proclamações nas pontas ferrugentas do arame farpado. Os cossacos liam-nas avidamente, como se se tratasse de cartas da família. Tornava-se evidente que não podiam continuar a guerra em tais condições. Ao frio cortante sucedeu o degelo, depois mais quedas de neve abundante. A neve cobria as trincheiras. Tornava-se difícil permanecer ali uma hora. Os cossacos andavam transidos, com as mãos e os pés gelados. Muitos dos homens das unidades de infantaria e de atiradores não tinham botas.

Alguns deles haviam partido para a frente como se fossem ao pátio dar de comer aos animais: de tamancos e calças leves.

Ninguém acreditava nos Aliados. «Vêm montados em caracóis!», disse um dia tristemente Katihúline. Quando encontravam patrulhas vermelhas, os cossacos ouviam-nos vociferar: «Hé-hé! Soldados de Cristo! Vocês têm tanques e nós temos trenós, mas preparem-se que vimos visitar-vos!»

Em meados de Novembro, os vermelhos passaram à ofensiva. Empurravam sistematicamente as unidades cossacas para o caminho-de-ferro; no entanto a viragem decisiva das operações só se verificou mais tarde. A 16 de Dezembro, após um prolongado combate, a cavalaria vermelha pôs em debandada o 33.º Regimento, mas no sector do Regimento de Viochénsskaia, que tomara posição junto da aldeia de Kolodeziánski, deparou com uma resistência desesperada. Atrás dos muros cobertos de neve das eiras, as metralhadoras de Viochénsskaia receberam com um fogo terrível o inimigo que atacava a pé. A metralhadora do flanco direito, manejada com perícia por um cossaco de Kargínsskaia, Antipov, atingia o inimigo em profundidade e derrubava as vagas que progrediam em saltos. O fumo da fuzilaria cobria o esquadrão cossaco. No flanco direito dois esquadrões empreendiam já um movimento envolvente.

Perto da noite, as unidades vermelhas, sem vigor no avanço, foram substituídas por um destacamento novo de marinheiros. Estes atacaram de frente as metralhadoras, sem se deitarem nem gritarem.

Grigóri disparava sem descanso. O cano da sua espingarda começou a fumar. Estava tão quente que lhe escaldava os dedos. Deixou-o arrefecer, depois meteu novo carregador e recomeçou a apontar às pequenas silhuetas negras que via ao longe.

Os marinheiros desalojaram os cossacos. Os esquadrões reuniram os cavalos, atravessaram a aldeia a galope e dirigiram-se ao alto da colina. Daí, Grigóri via ao longe o triste campo nevado, com as ilhotas dos silveirais cobertos de neve e sombras lilases, precursoras da noite, a estenderem-se pelas encostas das ravinas. Os cadáveres dos marinheiros atingidos pelos tiros das metralhadoras cobriam como uma sementeira negra o terreno na extensão de uma versta. com os seus gabões e os casacos de coiro pareciam verdadeiramente um bando de gralhas negras prestes a levantar voo.

À noite, os esquadrões desarticulados pela ofensiva e que haviam perdido o contacto não só com o regimento de Elánsskaia, como também com um dos regimentos de distrito de Usst-Medvéditzkaia que se encontrava à sua direita, acantonaram para passarem a noite em duas aldeias situadas nas margens de um pequeno rio, afluente do Buzúluk.

Fazia já escuro quando Grigóri, ao regressar do ponto onde colocara as sentinelas por ordem do seu chefe de esquadrão, encontrou numa viela o comandante do regimento e o seu oficial às ordens.

- Onde está o terceiro esquadrão? - inquiriu o comandante, puxando as rédeas.

Grigóri respondeu-lhe e os cavaleiros partiram.

- Tiveram muitas baixas no vosso esquadrão? - perguntou o oficial às ordens ao afastar-se.

Não ouvindo a resposta, voltou a perguntar: «Hem?» Mas Grigóri já se retirara sem dizer mais nada.

Os comboios de tropas atravessaram a aldeia durante toda a noite. Junto da herdade onde Grigóri dormia com os seus homens, permaneceu uma bateria durante muito tempo. Pragas obscenas, gritos dos condutores, um barulho infernal, tudo isto se ouvia através da janela. Os serventes da bateria e alguns estafetas do Estado-Maior que se encontravam, não se sabia por que razão, naquela aldeia, vinham aquecer-se ao lume. À meia-noite, três artilheiros investiram por ali dentro acordando os donos da casa e os cossacos. Tinham atolado uma peça no rio e decidiram passar ali a noite para no dia seguinte irem safá-la com os bois. Grigóri contemplou-os durante muito tempo, enquanto tentavam descolar das botas a lama pegajosa e gelada, e depois se descalçavam, pondo a enxugar as grevas molhadas. Entrou um oficial de artilharia coberto de lama até às orelhas. Pediu licença para ficar, estendeu o capote e pôs-se a limpar demoradamente, com a manga, os salpicos de lama do rosto, numa atitude indiferente.

- Perdemos uma peça - informou ele, fitando Grigóri com os olhos húmidos como os de um cavalo fatigado. - Hoje lutámos como em Matcheka. Localizaram-nos logo ao segundo tiro... Mesmo em cheio. Partiram-nos o eixo! No entanto, a nossa peça encontrava-se sobre uma eira. Não podíamos estar mais bem camuflados!... (Certamente por uma questão de hábito, e sem dar por isso, acrescentava a cada frase palavrões dos mais grosseiros.) Você pertence ao regimento de Viochénskaia, não? Quer tomar chá? Patroa, traga-nos o samovar, por favor!

Revelou-se um companheiro falador e cansativo. Bebia chá sem parar. Ao cabo de meia hora, Grigóri já sabia que ele era da stanitsa de Platóvsskaia, antigo aluno de um colégio moderno, que fizera a guerra e contraíra já dois casamentos infelizes.

- Agora temos de dizer adeus ao Exército do Don - declarou o oficial, lambendo com a ponta da língua vermelha o suor do lábio superior rapado. - A guerra está a chegar ao fim. Amanhã, a frente será deslocada e dentro de quinze dias voltaremos para Novotcherkassk. Eles pretendiam atacar a Rússia com cossacos descalços! É preciso ser-se muito estúpido!

- Os oficiais de carreira são todos uns bandidos, palavra de honra! Você é tarimbeiro, não é verdade? Sim? Pois eles querem atirar-nos para a frente e entretanto ficam-se pelas intendências, a pesarem cevada.

Piscava muitas vezes os olhos desbotados, agitava-se, estendia sobre a mesa o corpo maciço e pesado; tinha os cantos da boca descaídos e isso dava-lhe um ar amuado e mortiço, de cão chibatado.

- Antigamente, digamos, no tempo de Napoleão, a guerra era uma coisa bela. Encontravam-se dois exércitos, chocavam, separavam-se. Não havia frente nem trincheiras. Agora vá lá alguém compreender seja o que for das operações! Nem o diabo os entende! Dizia-se que os historiadores de outrora mentiam. Que fará quando descreverem esta guerra!... Isto não é guerra, não fazemos mais do que chatear-nos. Nada tem cor. Só lama. Depois, é tudo absurdo. Só queria pôr esses grandes chefes cara a cara e dizer-lhes: «Olhe, senhor Lenine, aqui tem um ajudante para o ensinar a servir-se de uma arma. O senhor Krassnov deve saber como é.» E mandava-os combater um contra o outro, como David e Golias: o que vencesse é que ficava com o poder. O povo, a esse, tanto lhe faz ser governado por um ou por outro. Que é que acha, tenente?

Grigóri observava, sem responder, os movimentos sacudidos dos ombros e dos braços carnudos do oficial, a sua língua vermelha que aparecia muitas vezes na fenda da boca.

Tinha vontade de dormir e aquele artilheiro um pouco estúpido irritava-o, o cheiro a cão dos seus pés suado agoniava-o.

Na manhã seguinte, acordou com uma sensação obcecante de incerteza. O desenlace, que já previra no Outono, surpreendia-o no entanto agora. Não se dera conta de que o descontentamento em face da guerra, que a princípio não passara de pequenos arroios murmurantes ao nível dos esquadrões e dos regimentos, assumira as proporções de um rio caudaloso. Hoje só se via por toda a parte essa torrente a desaguar nas primeiras linhas.

O mesmo acontece com o homem a cavalo, no meio da estepe, quando começa a Primavera. O sol brilha. À sua volta avista apenas a neve intacta com reflexos arroxeados. Mas sob essa camada branca, sem que ninguém veja, processa-se um trabalho eterno e magnífico: a libertação da terra. O sol corrói a neve, come-a, ensopa-a de água por baixo. Após uma noite suave e brumosa, a crosta dura cede ruidosamente, a água verde brota nos caminhos e nas valetas, os cascos dos cavalos levantam chapadas de neve derretida. Faz calor. Os outeiros saibrosos degelam e despem-se, reencontra-se o perfume da terra argilosa e da erva apodrecida. À meia-noite, os córregos bramem, as encostas íngremes gemem sob o peso da neve que se esboroa, os prados lisos, negros como veludo, fumegam deliciosamente. Ao anoitecer, o rio de estepe quebra o gelo, murmurando, e empurra-o na frente, alto e duro como seios de mulher. E o homem, surpreendido pela brusca partida do Inverno, de pé na margem arenosa, busca com os olhos um sítio onde possa passar a vau e dá pequenas chicotadas no cavalo coberto de suor que arrebita as orelhas. No entanto, à sua volta, a neve inocente e traidora permanece azulada e o Inverno é sempre branco e sonolento.

As tropas bateram em retirada durante todo o dia. As levas de soldados passavam à rédea solta nos caminhos. Algures, à direita, atrás de uma nuvem acinzentada que escondia o horizonte, as salvas de canhão troavam como desmoronamentos. Os esquadrões patinhavam nas estradas cobertas de lama e esterco, os cavalos de caudas sujas de terra amassavam a neve molhada. Os estafetas galopavam pelas bermas. As gralhas silenciosas, envoltas na sua plumagem brilhante de reflexos azulados, atarracadas e pesadonas como cavaleiros a pé, pavoneavam-se gravemente longe das estradas, assistindo ao desfile dos esquadrões cossacos que retiravam, à passagem das colunas andrajosas de infantaria, dos comboios de tropas.

Grigóri compreendeu que já nada podia deter o ímpeto daquele recuo que se desencadeara. E, à noite, tomando alegremente uma resolução, abandonou o regimento.

- Aonde vais tu, Grigóri Pántelêivitch? - perguntou-lhe Mitka Korchunov, que o observava com um ar trocista, a enfiar um impermeável por cima do capote e a prender à cintura o sabre e o revólver.

- A ti que te importa?

- Interessa-me.

Grigóri entumeceu os músculos das bochechas rosadas, mas respondeu alegremente, piscando o olho:

- Vou para a terra dos curiosos, percebeste?

E partiu.

Não desaparelhara o cavalo.

Galopou até de manhã pelas estradas principais envoltas na bruma dos primeiros degelos. «Vou para casa descansar um pouco e depois, se os vermelhos passarem por ali, sigo com eles», pensava, já muito distante dos camaradas junto de quem combatera na véspera.

Na noite seguinte, fazia entrar no pátio da casa paterna o cavalo vacilante de fadiga, emagrecido por dois dias de jornada em que percorrera duzentas verstás

XI

Estava-se em fins de Novembro. Novotcherkassk fora informado da vinda de uma missão militar dos Aliados. Nas cidades corriam com insistência certos boatos: uma poderosa esquadra inglesa encontrar-se-ia na doca de Novorossiïssk; contingentes aliados transportados de Salónica começariam a chegar, um corpo de atiradores franceses de cor teria até já desembarcado; num futuro muito próximo desencadear-se-ia uma ofensiva combinada com o Exército Voluntário. Tais boatos engrossavam na cidade como uma bola de neve. Krassnov ordenou que se enviasse uma guarda de honra composta de cossacos do regimento atamansski da Guarda.

Equiparam à pressa dois esquadrões de jovens atamansskis com botas altas e boldriés de coiro branco e enviaram-nos para Tapanrog com um esquadrão de trombeteiros.

Os representantes das missões militares no Sul da Rússia haviam decidido mandar alguns oficiais a Novotcherkassk em missão de informação política especial. Esses oficiais tinham por tarefa informarem-se acerca da situação no Don e das perspectivas de luta contra os bolcheviques. A Inglaterra era representada pelo capitão Bond e pelos tenentes Bloomfield e Monroe; a França, pelo capitão Auchêne e pelos tenentes Dupret e Faure. Bastara apenas a chegada desses oficiais subalternos das missões aliadas, tornados embaixadores por um capricho do destino, para causar tamanha balbúrdia no palácio dos atamanes.

Conduziram os «embaixadores» em grande pompa a Novotcherkassk.

Essa amabilidade, esse servilismo incrível, deram volta à cabeça dos modestos oficiais que em breve, cheios de importância, começaram a olhar de cima e com ares protectores os grandes generais e os dignitários cossacos da Grande República de opereta.

Os jovens tenentes franceses, em conversa com os generais cossacos, deixavam transparecer, sob o verniz das boas maneiras e da educação francesas, um certo tom de condes cendência e arrogância.

À noite foi servido no palácio um jantar de cem talheres. Um coro militar envolveu a sala na onda sedosa das canções cossacas, ricamente matizada por um acompanhamento de tenores; uma orquestra de sopro executou grave e majestosamente os hinos aliados. Os

«embaixadores» comiam com a reserva e a dignidade em uso na circunstância. Percebendo a importância histórica do momento, os hóspedes do atamane observavam-nno à socapa.

Krassnov usou da palavra:

- Meus senhores, encontrais-vos numa sala histórica. Nestas paredes, os olhares dos heróis de uma outra guerra nacional, a de 1812, estão fixos sobre vós. Platov, Llovaisski, Denissov, recordam-nos os dias sagrados em que a população de Paris acolhia os seus libertadores, os cossacos do Don, quando o Imperador Alexandre I erguia dos escombros e da ruína a bela França...

Os delegados da «bela França» tinham os olhos brilhantes e alegres de quem bebera muito vinho de Tsimliánsskaia, mas ouviram até ao fim com atenção o discurso de Krassnov. Após uma larga descrição das infelicidades catastróficas suportadas pelo povo russo «sob o jugo dos selvagens bolcheviques», Krassnov concluiu em tom patético:

- Os melhores representantes do povo russo estão a morrer nas masmorras bolcheviques. Todos eles têm os olhos postos em vós: esperam o vosso auxílio e é a eles e só a eles que deveis ajudar e não o Don. Nós podemos dizer com justiça: «Somos livres!» Mas o nosso único objectivo, a finalidade da nossa luta é a Grande Rússia, fiel aos seus aliados, cujos interesses nunca deixou de defender; esses aliados por quem ela se sacrificou, esses aliados de quem hoje espera avidamente o socorro. Fez em Março cento e quatro anos que o povo francês acolheu o Imperador Alexandre I e a sua guarda russa. E nesse dia começou para a França uma era nova que a colocou no primeiro lugar. Há cento e quatro anos o nosso atamane, o conde Platov, era convidado para ir até Londres. Nós convidamo-vos para irdes até Moscovo. Esperamos portanto entrar convosco no Kremlin ao som das marchas triunfais do nosso hino, para provarmos convosco a doçura da paz e da liberdade. A grande Rússia! Estas palavras encerram todos os nossos sonhos e todas as nossas esperanças.

No fim do discurso de Krassnov, levantou-se o capitão Bond. Durante a alocução do inglês estendeu-se pela assistência um silêncio de morte. O intérprete traduziu com entusiasmo.

- O capitão Bond, em seu nome e em nome do capitão Auchêne, está autorizado a declarar ao atamane do Don que foram oficialmente enviados pelas potências aliadas para se informarem do que se passa na zona. O capitão Bond afirma que as potências aliadas auxiliarão o Don e o Exército Voluntário na sua corajosa luta contra os bolcheviques, com todas as suas forças e os meios ao seu alcance, incluindo o envio de tropas.

Mal o intérprete terminara esta última frase, já um viva sonoro, três vezes repetido, fazia tremer as paredes. Ergueram-se brindes ao som dos acordes heróicos da orquestra.

Bebeu-se à saúde da «bela França» e da «poderosa Inglaterra», bebeu-se à vitória contra os bolcheviques... O vinho espumoso do Don fervia nas taças e embalsamava suavemente o ar...

Esperava-se uma palavra do representante da missão aliada e o capitão Bond não se fez rogar:

- Brindo pela Grande Rússia e desejaria ouvir aqui o vosso velho e magnífico hino. Não ligaremos importância às palavras, mas gostaria de escutar ao menos a música...

O intérprete traduziu, e Krassnov, voltando para os seus hóspedes o rosto pálido de emoção exclamou numa voz quebrada:

- Pela Grande Rússia, una e indivisível, hurra!

A orquestra atacou poderosa e solenemente o Deus Salve o Tsar. Todos, erguendo-se, esvaziaram os copos. Corriam lágrimas abundantes pelo rosto do arcebispo Hermogene. «Que lindo!», exclamava com entusiasmo o capitão Bond, já bêbado.

Um dos dignitários aliados soluçava a bom soluçar, afogado por tanto sentimento, com a barba metida no prato, toda suja de caviar preto ..

Nessa noite, o vento feroz do mar de Azov bramia contra a cidade. A cúpula da colegial, envolta na primeira tempestade de neve do ano, brilhava com uma luz sinistra.

Nessa noite, fora da cidade, à beira de uma ravina argilosa onde se despejavam imundícies, foram fuzilados os ferroviários bolcheviques de Chakhtraia condenados pelo tribunal militar. De mãos atadas atrás das costas, conduziram-nos dois a dois até ao alto da encosta e mataram-nos à queima-roupa, com revólveres e espingardas; o vento gelado abafava o ruído das detonações como faúlhas de cigarro.

Entretanto, à entrada do palácio dos atamanes, sob o frio cortante do Inverno, os cossacos do regimento atamansski que constituíam a guarda de honra mantinham uma imobilidade de morte. As suas mãos empunhando os copos dos sabres enegreciam e os seus olhos choravam com o frio, os seus pés enregelavam . No palácio ouviram-se até de madrugada gritos de embriaguez e os acordes metálicos da orquestra, bem como os trinados soluçantes dos tenores do coro militar.

Dali a uma semana começava o período mais terrível: a decomposição da frente. O 28.º Regimento onde servia Petro Melekhov foi o primeiro a abandonar o sector que ocupava, o de Kalatch.

Nas conversações secretas com o comando da i.a Divisão do Inza, os cossacos decidiram retirar-se da frente e deixar passar as tropas vermelhas sem oposição através do território do distrito do Alto Don. Um cossaco pobre de espírito chamado Iakov Fómine

assumiu o comando do regimento rebelde, mas Fómine servia apenas de cabeçalho a um grupo de cossacos bolcheviques que dirigiam tudo por detrás dele e o manejavam.

Após uma reunião tempestuosa em que os oficiais, receando apanhar uma bala pelas costas, tentaram sem entusiasmo provar que era necessário continuar a luta e em que os homens gritavam todos ao mesmo tempo, energicamente e na maior confusão, sempre as mesmas palavras, afirmando a inutilidade da guerra e a necessidade de um acordo, o regimento pôs-se a caminho. Ao cabo do primeiro dia de marcha, à noite, junto da povoação de Solonka, o tenente-coronel Filipov, comandante do regimento, fugiu com a maior parte dos oficiais e foi reunir-se de manhãzinha à brigada do conde Molière que se retirava muito abalada pelos combates.

Seguindo o exemplo do 28.º Regimento, o 36.º abandonou também as posições. O seu comandante, um homenzinho de olhos vespigos que rastejava servilmente diante das tropas, chegou a cavalo, rodeado por mais alguns cavaleiros, em frente da casa onde se encontrava o comandante da zona.

Entrou com ar marcial, a brincar com o chicote.

- Quem é o comandante?

- Sou eu o adjunto - respondeu dignamente Stepane Astakhov, erguendo-se do assento. Faça favor de fechar a porta, senhor oficial.

- Eu sou o tenente-coronel Naúmov, comandante do 33.º Regimento. Hum... tenho a honra... necessito absolutamente de vestir e calçar o meu regimento. Os meus homens andam descalços e todos esfarrapados. Está a ouvir?

- O comandante não está cá: na sua ausência não posso retirar nem um par de botas do armazém.

- Que me diz?

- É assim mesmo.

- Que estás tu para aí a arengar?... Sabes com quem falas? Mando-te prender, malandro! Metam-no na cave, rapapés! Onde estão as chaves do armazém? Escondidas, não?

Naúmov bateu com o chicote em cima da mesa e, pálido de furor, atirou para a nuca o barrete manchado.

- Dá-me as chaves e nada de discursos.

Dali a meia hora fardos de peliças curtas em pele de carneiro curtido e enfiadas de botas voavam pela porta do armazém, entre nuvens de poeira alaranjada, e iam cair na neve ou nos braços dos cossacos que se apinhavam lá fora; sacos de açúcar passavam de mão em mão. Durante muito tempo reinou ali uma barafunda alegre e ruidosa.

Entretanto, o 28.º Regimento, com o seu novo chefe, Fómine, chegava a Viochénsskaia. Era seguido a trinta verstás por unidades da divisão do Inza. Os batedores vermelhos encontravam-se já na aldeia de Dubrovka.

O general-major Ivanov, comandante da frente Norte, retirara-se à pressa quatro dias antes para a stanitsa de Karguínsskaia, com o seu chefe de Estado-Maior, o general Zambrítsski. O automóvel deles patinava na neve e a mulher de Zamibrjínsski mordia os lábios até fazer sangue enquanto as filhas choravam.

Durante alguns dias não houve em Viochénsskaia nenhuma autoridade constituída. Seguindo os boatos que corriam, estavam a concentrar-se forças em Karguínsskaia para as lançar contra o 28.º Regimento. Porém, a 22 de Dezembro, o ajudante de campo de Ivanov chegou a Viochénsskaia, vindo de Karguínsskaia, para ir buscar, sorrindo, ao gabinete do comandante-chefe, as coisas que este ali havia deixado: um barrete de Verão com uma insígnia nova, uma escova de cabelo, roupa branca e alguns objectos mais.

As unidades do 8.º Exército Vermelho penetravam na brecha de cem verstás que se abrira na frente Norte. O general Savateiév retirava, sem dar combate, para o Don. Os regimentos do general Fitzkhaláúrov batiam em retirada na direcção de Tali e de Bogutchar. Durante uma semana, o Norte gozou de uma calma desusada. Deixara de se ouvir o som do canhão e as metralhadoras estavam caladas. Desanimados com a traição dos regimentos do Alto-Don, os cossacos do Baixo-Don que haviam lutado na frente Norte retiravam-se sem combater. Os vermelhos avançavam lentamente, com prudência, mandando reconhecer minuciosamente pelos batedores todas as aldeias à sua frente.

Após este fracasso formidável na frente Norte, o governo do Don teve uma alegria. A 26 de Dezembro chegava a Novotcherkassk uma missão aliada: o general Pool, chefe da missão britânica no Cáucaso, com o seu chefe de Estado-Maior, o general Kiss, enviado pela Grã-Bretanha, e o general Franchet, com o capitão Fouquet, mandados pela França.

Krassnov conduziu os representantes aliados até à frente.

Nessa fria manhã de Dezembro estava formada uma guarda de honra no cais da estação de Tchir. O general Mamontov, de bigodes caídos e cara de bêbado, com a pele a luzir com um brilho azulado, passeava na gare rodeado de oficiais. Esperava-se o comboio. A um lado, os músicos da banda militar batiam com os pés no chão e sopravam nos dedos roxos.

A guarda de honra, imóvel, oferecia um mostruário pitoresco de cossacos do Baixo-Don de todas as cores e de todas as idades: viam-se, lado a lado, velhos de barbas brancas, jovens imberbes, e veteranos da frente alemã, de grandes melenas.

Os velhos ostentavam os capotes constelados de medalhas e cruzes de ouro e prata, ganhas em Lóvtcha ou Plevna, outros, mais novos, estavam cobertos de cruzes conquistadas em loucos ataques em Geok-tepe, em Sandepone, ou então, em face dos alemães, em Przemist, em Varsóvia e em Lvov. Quanto aos jovens, não exibiam nada de brilhante no peito, mas mantinham-se muito direitos e esforçavam-se por imitar em tudo os mais velhos.

O comboio entrou na estação com grande ruído, envolto num vapor leitoso. Ainda antes de se abrirem as portas da carruagem Pullman, o chefe da banda ergueu o braço com ar feroz e os músicos atacaram com ímpeto o hino inglês. Mamontov, de sabre erguido, dirigiu-se à carruagem. Krassnov, na sua qualidade de anfitrião afável, conduziu os convidados através do cais, passando pela frente das fileiras imóveis dos cossacos.

O povo cossaco deu-se todo inteiro à defesa da pátria contra os bandos selvagens da guarda vermelha. Aqui estão os representantes de três gerações. Estes homens combateram nos Balkãs, no Japão, na Áustria-Hungria e na Prússia. Hoje lutam pela liberdade da sua pátria declarou ele em excelente francês, sorrindo graciosamente, enquanto designava com um gesto principesco de cabeça os velhos avós de olhos encarquilhados que sustinham a respiração.

Mamontov, obedecendo a ordens superiores, não perdera o seu tempo ao escolher a guarda de honra. Gabavam-lhe a mercadoria.

Os representantes aliados visitaram a frente e regressaram satisfeitos a Novotcherkassk.

- Estou muito contente com o aspecto brilhante, com a disciplina e o espírito combativo das vossas tropas - declarou o general Pool a Krassnov, à despedida. - Vou dar ordens imediatamente para que vos enviem de Salónica um primeiro contingente dos nossos soldados. Peço-vos, meu general, para prepararem três mil peiças e três mil pares de botas de agasalho. Espero que, com a nossa ajuda, podereis extirpar definitivamente o bolchevismo.

Começou-se a confeccionar à pressa peiças curtas em pele de carneiro curtida e a fabricar botas de feltro. Porém o desembarque em Novorossiisk não havia meio de ter lugar. Pool, que regressara a Londres, foi substituído pelo frio e altivo Briggs, portador de novas instruções, o qual declarou com uma frieza própria de um general:

- O governo de Sua Majestade concederá ao Exército Voluntário do Don um vasto auxílio material, mas não fornecerá nem um soldado.

Esta declaração dispensava comentários.

XII

Aquela hostilidade que, desde a guerra imperialista, separava como um sulco invisível os oficiais e os cossacos das fileiras, assumira proporções inauditas no Outono de 1918.

Nos fins de 1917, quando as unidades cossacas regressavam lentamente ao Don, o assassinato ou a denúncia de oficiais era coisa rara; um ano mais tarde, tornara-se um fenómeno quase banal. Por ocasião dos assaltos obrigavam os oficiais, a exemplo dos comandantes vermelhos, a caminhar à frente das tropas e alvejavam-nos tranquilamente pelas costas sem que isso causasse o menor escândalo. Apenas algumas unidades, tais como o regimento de S. Jorge de Gudorovsskada, mantiveram a coesão, mas essas eram pouco numerosas no Exército do Don.

Esse camponês pesado e manhoso chamado Petro Melekhov há muito compreendera que um mal-entendido com os seus soldados lhe seria fatal; por isso, esforçara-se desde os primeiros dias por fazer desaparecer a fronteira que o separava, como oficial, do resto da tropa. Quando vinha a propósito, falava como eles da inutilidade da guerra. Não era sincero, mas ninguém dava por isso. Arvorava uma máscara de simpatizante bolchevique e começara a procurar obter, com excessivo zelo, as boas graças de Fómine desde o dia em que descobrira que o seu regimento pendia para ele. Tal como os outros, não se privava de pilhar, de dizer mal dos comandos, de poupar os prisioneiros, enquanto sentia subir à cabeça lufadas de ódio e torcia as mãos impacientes por castigar e matar... Em questões de serviço mostrava-se simples e acomodaticio. Um molengão! Foi assim que Petro alcançou a confiança dos seus homens e conseguiu virar a casaca.

Quando, na aldeia de Solonka, Filipov levou consigo os seus homens, Petro ficou. Humilde, tranquilo, moderado em tudo, sempre na sombra, chegou a Viochénsskaia com o seu regimento. Porém, dois dias depois, não se aguentando mais, foi embora para casa sem se apresentar nem ao Estado-Maior nem a Fómine.

Nesse dia, em Viochénsskaia, realizava-se desde manhã uma reunião na praça da velha igreja. O regimento aguardava a chegada dos delegados da divisão de Inza. Os cossacos deambulavam em grupos na praça, vestindo capotes, peliças curtas apenas ou com estas a forrar os capotes, de casacos ou blusões acolchoados. Ninguém diria que essa enorme multidão de trajas variegados fosse uma unidade militar: o 26.º Regimento cossaco.

Petro vagueava melancolicamente por entre os grupos, como se não reconhecesse aqueles homens. Na frente de batalha aquelas diferenças de vestuário não saltavam à vista e além disso não havia ensejo de se ver todo o regimento reunido em massa compacta. Mordendo com ódio o bigode loiro que deixara crescer, contemplava agora essas figuras cobertas de geadas, com baimetes de pele, forrados de fazenda ou coiro, de todas as cores, de gorros de orelhas ou bonés vulgares; ao baixar os olhos, encontrava a mesma variedade: botas de feltro ou de cabedal todas esbeçadas, grevas colocadas por cima de sapatilhas roubadas aos vermelhos.

«Cambada de pés-descalços! Cambada de saloios! Patifes!», murmurava ele de si para si com raiva impotente.

Nas paliçadas viam-se colados os decretos de Fómine.

Os civis não apareciam na rua. A stanitsa, na expectativa, escondia-se. Quando se desembocava das vielas avistava-se o Don coberto de neve. Atrás dele, a floresta era negra, parecia desenhada a tinta-da-china. Junto à massa de pedras cinzentas da velha igreja, as mulheres que haviam acorrido das aldeias para verem os maridos agrupavam-se como um rebanho de ovelhas.

Petro, envergando uma peliça curta com um grande bolso no peito e tendo na cabeça o boné de astracã de oficial, de que antes tanto se orgulhava e que agora odiava, sentia a todo o passo sobre si os olhares de viés que o trespassavam como correntes de ar e aumentavam mais ainda a sua confusão.

Tranquilizou-se um pouco ao ver um soldado vermelho a cavalo num barril tombado no meio da praça, vestido com um belo capote e um barrete de astracã novo de orelheiras caídas. com a mão enluvada de pele, o homem compôs em volta do pescoço o cachecol cossaco, cinzento-escuro, com franjas, e olhou em volta: «Camaradas cossacos!» A sua voz alta e rouca feriu os ouvidos de Petro. Voltando-se, viu os cossacos, surpreendidos por se ouvirem interpelar daquela maneira desusada, a olharem uns para os outros e a piscarem o olho, com ares atentos e perturbados. O soldado vermelho falou durante muito tempo do poder dos Sovietes, do Exército Vermelho e das suas relações com os cossacos.

Uma coisa impressionou sobretudo Petro: os gritos que interrompiam sem cessar o orador:

- Camarada, o que é a comuna?
- Não nos obrigarão a entrar nela à força?
- O que é o partido comunista?

O orador apertava as mãos sobre o peito, voltava-se para todos os lados e explicava com paciência:

- Camaradas, o partido comunista é uma coisa voluntária.

- Aqueles que entram para o partido são os que querem lutar pela libertação dos operários e dos camponeses oprimidos pelos capitalistas e pelos proprietários de bens de raiz.

Dali a um minuto, do outro canto da praça, gritavam-lhe:

- Queremos explicações acerca dos comunistas e dos comissários.

Mal ele acabara de explicar, quando uma voz grossa e irritada resmungava de novo:

- Isso que tu dizes acerca da comuna não é claro. Queremos mais explicações. Nós somos gente simples. Fala com simplicidade.

Fómine pronunciou em seguida uma longa e fastidiosa discursata, empregando a propósito e fora de propósito a palavra «evacuar». Um rapaz com boné de estudante e casaco janota cirandava à volta dele como um pião. Ao escutar o discurso incoerente de Fómine, Petro recordou-se daquele dia de Fevereiro de 1917 em que vira Fómine pela primeira vez naquela estação, a caminho de Petrogrado, onde Daria viera ter com ele. Via de novo os olhos afastados do desertor da Guarda, o seu olhar severo e húmido, o seu capote com o número «52» desbotado sobre os galões de furriel, o seu andar de urso. «Aquilo era insuportável, meu caro.» Petro conservava no ouvido aquela voz quase imperceptível. «Um desertor, um imbecil no género de Khrisstónia! Agora comanda um regimento e eu não sou nada», pensava Petro, com os olhos a luzirem febrilmente.

Sucedeu a Fómine um cossaco que trazia fitas de metralhadora cruzadas no peito:

- Meus irmãos! Eu fiz parte do regimento de Podtiólkov e agora, se Deus quiser, partirei com os meus companheiros contra os cadetes! gritava ele numa voz de cana rachada, agitando os braços.

Petro dirigiu-se à pressa para o seu alojamento. Enquanto selava o cavalo, ouviu os tiros dos cossacos que deixavam a stanitsa, anunciando assim, segundo o velho costume, o seu regresso à aldeia.

XIII

Os dias curtos pareciam eternizar-se no fim, assustadores de tão monótonos, como no pino do Verão. As aldeias, desertas, lembravam uma estepe virgem. As terras do Don estavam mortas, como se uma peste houvesse devastado a stanitsa.

Como se uma nuvem cobrisse o país do Don sob a sua asa negra e espessa... Esta espraíara-se sem barulho, ameaçadora, e eis que fazia dobrar com uma rajada os choupos contra a terra, explodia num trovão seco e ensurdecedor e depois iria quebrar e torcer a floresta do outro lado do Don, arrancando pedras soltas das falésias argilosas, mugindo com todas as vozes sinistras da tempestade.

Em Tatársski, logo pela manhã o nevoeiro envolvia a terra. A colina murmurava como sempre que estava prestes a gelar. Pelo meio-dia, o sol despojara-se da sua carapaça de bruma maleável, mas nem por isso o dia se tornara mais claro. O nevoeiro, hesitante, rondava pelo cimo das colinas, nas duas margens do Don, acumulando-se nas ravinas, deslizando para o fundo das falésias, onde ia morrer, como uma poeira húmida, nas placas de terra coberta de musgo e nos côncavos nevados dos cabeços.

Todas as noites, por detrás das lanças da floresta despida, a Lua, chamada pela noite, erguia-se como um escudo incandescente. Lançava a sua luz brumosa de guerra e incêndio sobre as aldeias mudas. E essa luz implacável, inalterável, despertava nas pessoas uma angústia imprecisa, inquietava os animais. Os cavalos e os bois erravam até de manhã nos pátios, sem dormirem. Os cães uivavam e, muito antes da meia-noite, os galos começavam a interpelar-se uns aos outros em vários tons. De madrugada, o gelo cobria com uma armadura de vidro os galhos brancos e húmidos das árvores. O vento fazia-os entrechocar e eles ressoavam como estribos de aço.

Como se um cavaleiro invisível avançasse pela margem esquerda do Don, na floresta sombria, encoberto pelo nevoeiro, fazendo tilintar as armas e os estribos.

Quase todos os cossacos de Tatársski que tinham combatido na frente Norte haviam abandonado as suas unidades, encaminhando-se lentamente para o Don, e estavam já refugiados em suas casas. Todos os dias iam chegando retardatários.

Uns desaparelhavam os cavalos, escondiam o equipamento debaixo de uma meda de palha ou nas traves do telheiro, e esperavam a chegada dos vermelhos; outros só abriam a

cancela coberta de neve da herdade para deixarem entrar o cavalo no pátio, abastecerem-se de biscoitos, dormirem uma noite com a mulher, e partiam no dia seguinte de manhã; do alto da colina olhavam uma vez mais a superfície branca e morta do Don, os lugares da sua infância que talvez não voltassem a ver.

Quem pode adivinhar a hora da morte? Quem conhece o fim do caminho? Os cavalos deixam a aldeia com dificuldade.

Com dificuldade também os cossacos arrancam do coração empedernido um pouco de piedade pelos seus familiares. E sobre esse caminho de neve muitos são aqueles que voltam em pensamento à sua casa. Pensamento triste que os segue estrada fora!... Por vezes, uma lágrima salgada como o sangue desliza pela sela e vai cair sobre o estribo frio ou na estrada mordida pelas cardas de ferro. Mas iria essa lágrima fazer brotar na Primavera a flor amarela da separação?

Assim que Petro chegou, a meio da noite, logo se reuniu um conselho de família na herdade dos Melekhov.

- Então? - inquiriu Pantelei Prokófievitch, mal Petro transpôs a soleira. - Estás farto da guerra? Voltas sem os galões. Vem, vem dar um abraço ao teu irmão, a tua mãe ficará contente de te ver. A tua mulher morria com saudades tuas. . Viva! Viva, Petro! Grigóri! Grigóri Pantelêievitch! Que estás tu a fazer agarrado ao fogão como uma toupeira? Desce cá abaixo!

Grigóri deixou pender os pés nus que esticavam as passadeiras das calças de caqui, arranhou, sorrindo, no peito coberto por uma pelagem negra e hirsuta, olhou Petro que retirava o boldrié e tentava desatar o nó do capuz com os dedos endurecidos pelo frio. Daria, sorridente e silenciosa, com os olhos pregados nos do marido, desabotoava-lhe a peção, evitando prudentemente tocar no lado direito por causa de uma granada de mão que ele trazia, entalada no cinto, formando uma mancha cinzenta junto do revólver.

Dumiashka tocou de passagem com a face no bigode gelado do irmão e foi tratar do cavalo. Entretanto, Ilíniitchina, limpando os lábios ao avental, preparava-se para beijar o filho mais velho. Natalia afadigava-se junto do fogão. Os filhos apertavam-se de encontro a ela, agarrando-se-lhe à saia. Todos esperavam uma palavra de Petro. Mas este, depois do «boa noite a todos» que lançara da porta, despia-se em silêncio e limpava vagarosamente as botas com uma vassoira de palha de painço; por fim, ergueu-se, e logo os seus lábios se puseram a tremer lamentavelmente; apoiou-se à barra da cama, com uma espécie de tontura e todos lhe viram com surpresa as lágrimas a caírem-lhe pelas faces negras e geladas.

- Soldado! Que tens tu? - exclamou o velho Melekhov, ocultando num tom de brincadeira a angústia e a tremura da voz.

- Estamos perdidos, pai.

Petro crispou os lábios, franziu as sobrancelhas loiras e, tapando os olhos, assoou-se a um lenço sujo que tresandava a tabaco.

Grigóri enxutou o gato que se lhe esfregava nas pernas e saltou para o chão a resmungar. A mãe desatou a chorar, cobrindo de 'beijos a cabeça piolhosa do filho, mas logo se afastou dele:

- Meu tesouro! Meu pobre pequeno! Queres leite coalhado?

- Vamos, senta-te, que a sopa arrefece. Deves ter fome, com certeza!

Uma vez à mesa, com o sobrinho ao colo, Petro animou-se; dominando a comoção contou que o 28.º Regimento abandonara a frente e que os oficiais tinham fugido; falou de Fómine e do encontro em Viochénskaia.

- Que contas fazer? - perguntou Grigóri, que poisara as mãos de veias enegrecidas sobre a cabeça da filhita. Já resolvi. Fico ainda aqui amanhã e depois vou-me embora à noite. Mãe, arranje-me um farnel.

- Então, é a retirada?

Pantelei Prokófievitch tirara uma pitada de tabaco da bolsa e ficara imóvel, com o tabaco a cair dos dedos, aguardando a resposta.

Petro ergueu-se, persignou-se diante dos ícones escuros e baços, dizendo por fim com um olhar duro e severo:

- Deus vos ajude, comi bem!... A retirada, dizes tu? Que mais há a fazer? Para que querias tu que eu ficasse aqui? Para os vermelhos virem cortar-me a pinha? Vocês talvez queiram ficar, mas eu cá, não... eu vou-me embora. Eles não são nada meigos para os oficiais.

- Mas então... Abandonas a casa?

Petro só respondeu com um erguer de ombros à pergunta do pai. Mas Daria pôs-se logo a choramingar:

- Tu vais-te embora, e nós, ficamos? Linda coisa, não haja dúvida! Nós ficamos para guardar o que é teu... Correndo talvez o risco de nos deixarmos matar. Pois olha, que queimem tudo, mas eu não fico aqui.

A própria Natalia meteu-se na conversa. Cobrindo a jeremiada de Daria, declarou:

- Se toda a aldeia se for embora, nós não ficamos. Iremos embora a pé.

- Idiotas! Cadelas! - berrou Pantelei Prokófievitch, furioso, rebolando os olhos e procurando maquinalmente a bengala. - Montes de esterco! Filhas da puta! Calem-se

miseráveis! Então não querem lá ver? Isto é um assunto de homens e elas a meterem o bedelho! Pronto, está bem, deixemos tudo! Vamos embora daqui! E os animais, que há-de ser deles? Levam-nos na algibeira? E a herdade?

Ilínitchna, irritada, apoiou o marido:

- Vocês estão loucas, minhas filhas! Aquilo que temos não vos custou a ganhar, por isso estão prontas a deixá-lo. Eu e o velho é que andamos arrastados noite e dia e agora vocês querem abandonar tudo? Ah, isso não!

Apertou os lábios e suspirou:

- Vão-se vocês embora, eu cá não arredo daqui. Podem matar-me na soleira da porta, prefiro isso a ser furada por uma bala longe de casa.

Pantelei Prokófievitch espevitou o candeeiro e assoou-se, fungando. Ficaram todos calados durante um minuto. Duniachka, que estava a fazer meia, ergueu os olhos das agulhas e disse:

- Podemos levar o gado connosco. Não vamos ficar aqui por causa dos animais.

O velho foi acometido de novo acesso de raiva. Pôs-se a bater com os pés como um cavalo selvagem e ia caindo, ao tropeçar num cordeiro que estava deitado junto do fogão.

Parou em frente de Duniachka e rugiu:

- Levar o gado? E a vaca velha que anda cheia? Que queres fazer dela? Ah, maldita! Galdéria! Porca! Monte de esterco! Passamos a vida a trabalhar para elas e é assim que nos pagam! E as ovelhas, e os cordeiros, que destino lhes dás? Oh, filha de uma cadela! O melhor que tens a fazer é calares-te!

Grigóri lançou um olhar de viés ao irmão e descobriu, tal como outrora, nos olhos castanhos dele, o mesmo sorriso irónico e trocista, mas humilde e respeitoso, e a mesma tremura familiar no bigode loiro. Petro, a estalar de riso, dirigiu-lhe uma piscadela de olho rápida como um relâmpago.

Grigóri sentiu que lhe voltava a antiga alegria, esqueceu os últimos anos e desatou a rir num riso surdo e sacudido, sem disfarce.

- Pronto... Louvado seja Deus .. Não se fala mais nisso!

O velho fuzilou Grigóri com o olhar e sentou-se voltado para a janela que o gelo bordava de branco.

À meia-noite tomaram finalmente uma resolução em comum: os homens iam-se embora e as mulheres ficavam de guarda à herdade.

Ilínitchna aqueceu o forno muito antes da madrugada, cozeu um pão e pôs a secar dois sacos de biscoitos. O velho almoçou à luz do candeeiro: mal rompeu o dia, foi tratar dos animais e preparar o trenó para a partida. Ficou muito tempo na granja, com a mão

mergulhada na arca do trigo, a deixá-lo correr por entre os dedos. Saiu de lá como quem sai de uma câmara mortuária, de chapéu na mão, cerrando a porta devagarinho sem a fechar por completo... Ainda estava debaixo do telheiro, a mudar o porta-bagagens do trenó, quando Anikuchka surgiu na viela, levando a vaca ao bebedeiro.

Deram os bons-dias um ao outro.

- Tens tudo pronto para a partida, Anikei?

- Preciso tanto de preparar as minhas coisas como um homem nu de pôr o cinto. Tudo quanto me pertence trago-o comigo e o que é dos outros está ao alcance da mão.

- Sabes alguma novidade?

- Sei muitas.

- Quais? - inquiriu Pantelei Prokófievitch alarmado, apoiando a anca a um varal do trenó.

- Os vermelhos estão a chegar aí de um momento para o outro. Avançam na direcção de Viochénskkaia. Viu-os um homem em Bolchoi Gromok. Afirmou que não fazem bem nenhum às pessoas. Estrangulam a gente... Vêm com eles judeus e também chineses. Era só matá-los a todos! Ainda não liquidámos bastantes, desses bandidos de olhos piscos!

- Estrangulam as pessoas?

- O quê? Julgavas que se contentaram em cheirá-las? E então esses patifes do Alto-Don?

Anikuchka, soltando uma praga obscena, atravessou a cerca para explicar:

- As mulheres de lá parece que lhes dão aguardente para eles não lhes fazerem mal. Então eles bebem até tocar com o dedo e vão pilhar a aldeia seguinte.

O velho acabou de fixar o porta-bagagens e deu a volta a todas as dependências, examinando cada estaca colocada pelas suas mãos. Depois pegou numa forquilha e foi à granja buscar feno para a viagem. Desprendeu o trinco de ferro do telheiro e, sem pensar ainda na partida eminente, tirou do feno mais ordinário, aquele que tinha ervas ruins misturadas (guardava sempre o melhor para a Primavera), mas, reflectindo dirigiu-se para outra meda, a resmungar. Não se habituava à ideia de que, dali a poucas horas, abandonaria a herdade e a aldeia para se dirigir ao Norte, donde talvez não voltaria mais. Uma vez tirado o feno, estendeu a mão para o ancinho, a fim de recolher as palhas caídas, mas retirou-a logo, como se se tivesse queimado, e disse a meia voz, enquanto limpava a testa alagada em suor debaixo do boné:

- Nesta altura de que servem as poupanças? Isso não os impedirá de o atirar para debaixo das patas dos cavalos, de o estragar sem proveito para ninguém ou de o queimar.

Quebrou sobre o joelho o cabo do ancinho, rilhou os dentes e levou o feno, a arrastar os pés, e de costas curvadas como um velho.

Não entrou em casa: entreabriu a porta e disse:

- Preparem-se. vou atrelar os cavalos. Não pode haver demoras.

Pendurara já ao pescoço dos animais o saco da ração e colocara um saco de aveia na parte de trás do trenó; surpreendido por não ver os filhos a selarem as suas montadas, entrou em casa.

Ali passavam-se coisas extraordinárias: Petro desmanchava, raivoso, os fardos preparados para a viagem e atirava para o chão as calças, os uniformes e os fatos domingueiros das mulheres.

- Que quer isto dizer? - inquiriu Pantelei Prokófievitch, tirando o boné com espanto.

- Olha!

Petro apontou com o dedo por cima do ombro para as mulheres.

- Estão para ali a berrar. Assim não partimos. Se nos vamos embora, vamos todos. Faz lá sentido que a gente se vá embora para defender os bens enquanto os vermelhos vêm aqui para as violar. E depois, se morrermos, morremos à vista delas.

- Tens de te render, pai - disse Grigóri sorrindo, enquanto ele próprio despia o capote e tirava o sabre.

Atrás dele, Natalia, toda chorosa, pegava-lhe na mão e cobria-a de beijos; Duniachka, vermelha como uma papoila, batia as palmas alegremente.

O velho voltou a pôr o boné. mas tirou-o logo, avançando para o lugar de honra. Fez um grande sinal da cruz, ajoelhou-se, curvou-se três vezes, depois ergueu-se e olhou para todos, em volta.

- Pois bem. Se assim é, ficamos! Que a Rainha dos Céus nos proteja e nos defenda! vou desatrelar os cavalos.

Anikuchka, chegando entretanto, ficou admirado de só ver na casa dos Melekhov rostos alegres e prazenteiros.

- Que é isto?

- Os nossos homens não partem! - informou Daria.

- Essa é boa! Então mudaram de ideias?

- Mudámos de ideias.

Grigóri descobriu sem querer os dentes brancos como o açúcar e acrescentou, piscando o olho:

- Não vale a pena irmos procurar a morte, ela bem sabe onde nós estamos.

- Se os oficiais não partem, é porque Deus não quer que nós partamos também
respondeu Anikuchka.

Desceu os degraus e passou em frente da janela, fazendo tanto barulho como se fosse um cavalo.

XIV

Em Viochénsskaia, os editais de Fómine adejavam ao vento sobre as paliçadas. Esperava-se de momento a momento a chegada das tropas vermelhas. O Estado-Maior da frente norte encontrava-se em Karguínsskaia, a trinta e cinco verstás dali. Na noite de 3 para 4 de Janeiro apareceu um destacamento de Tchetchenes e uma expedição disciplinar, sob o comando do tenente-coronel Roman Lazarev partiu da stanitsa Ust-Bélokaltivensskaia, dirigindo-se rapidamente, em formação de marcha, ao encontro do regimento insurrecto de Fómine.

Os Tchetchenes deviam iniciar o ataque a Viochénsskaia a 3 de Janeiro. Os seus batedores haviam feito já uma aparição em Bélogorka. O ataque porém foi anulado em virtude de um trânsfuga dos cossacos ter anunciado que importantes forças do Exército Vermelho que haviam passado a noite em Gorókhovka, deviam chegar no dia 5 a Viochénsskaia.

Krassnov, ocupado com a recepção aos representantes aliados em Novotcherkassk, tentava fazer pressão sobre Fómine. Entrou em comunicação com ele através do fio directo Novotcherkassk-Viochénsskaia. O telégrafo, que até então martelava obstinadamente as palavras VIOCHÉNSSKAIA FÓMINE, transmitiu uma curta conversa:

VIOCHÉNSSKAIA STOP ORDENO SEGUNDO SARGENTO FÓMINE
REFLECTIR E RETOMAR POSIÇÃO JUNTO REGIMENTO STOP
EXPEDIÇÃO DISCIPLINAR A CAMINHO STOP DESOBEDIÊNCIA
PUNIDA PENA MORTE STOP KRASSNOV

À luz de um candeeiro de petróleo, Fómine, de peliça desabotoada, olhava a estreita tira de papel salpicada de sinais escuros que se desenrolava como uma serpente debaixo dos dedos do telegrafista, e dizia, soprando para o pescoço deste o seu hálito que cheirava a gelo e a aguardente:

- Hem? Que raio diz ele? Que reflecta? Já acabou?...

- Escreve... O quê-ê-ê? Não é possível? Sou eu que mando! Se o não fizeres arranco-te as tripas!

E o telégrafo crepitou de novo:

NOVOTCHERKASSK ATAMANE KRASSNOV STOP VAI A MERDA STOP FÓMINE

A situação na frente norte complicou-se tanto que Krassf nov resolveu ir ele próprio a Karguínsskaia para de lá estender a sua «destra vingadora» sobre Fómine e sobretudo para despertar o espírito combativo dos cossacos desmoralizados.

No mesmo intuito convidou os representantes aliados para uma visita à frente.

Foi organizada uma revista ao regimento de S. Jorge de Gundorovsskaia, que acabava de regressar do combate na vila de Buturlinovka. Após a revista, Krassnov veio postar-se ao lado da bandeira do regimento e aí, voltando o busto para a direita, gritou numa voz retumbante:

- Aqueles que serviram sob as minhas ordens no 18.º Regimento, um passo em frente!

Quase metade dos homens saiu das fileiras. Krassnov tirou o boné e deu um abraço ao que lhe ficava mais perto, um ajudante já descriado mas que tinha boa figura. O ajudante limpou à manga o bigode curto e ficou especado, a arregalar os olhos. Krassnov abraçou em seguida todos os seus irmãos de armas. Os representantes aliados, estupefactos, murmuravam entre si com um ar perplexo. Porém o espanto deu lugar a um sorriso de discreta aprovação quando Krassnov, voltando-se para eles, explicou:

- São tudo heróis com quem venci os alemães em Nezvisska e os austríacos em Beljets e Komarov, contribuindo assim para a vitória comum.

De um lado e doutro do sol havia duas colunas irisadas e brancas, erectas quais sentinelas junto de um cofre-forte.

O vento frio do nordeste soprava como um clarim nos bosques, corria sobre a estepe, desdobrava-se em formação de combate para derrubar e desfazer as ervas daninhas hirsutas.

Na tarde de 6 de Janeiro (o crepúsculo estendia-se por cima do Tchir como uma cortina), Krassnov chegou a Karguínsskaia em companhia de dois oficiais de Sua Majestade britânica, os senhores Edwards e Olcott, e de dois franceses, o capitão Bartellot e o tenente Ehrlich. Os aliados, envergando peliças e com barretes de pele de lebre, envoltos num perfume a charuto e a água-de-colónia, desceram dos automóveis a rir, todos encolhidos e a bater com os pés no chão. Depois de se haverem aquecido na residência do rico comerciante Levotchine e de tomarem chá, dirigiram-se juntamente com Krassnov e o general-major Ivanov, comandante da frente norte, para a escola onde devia efectuar-se uma reunião.

Krassnov falou durante muito tempo a uma multidão de cossacos atentos. Foi escutado com interesse. Mas, quando passou a descrever em termos pitorescos as «atrocidades cometidas pelos bolcheviques» nas stanitsas ocupadas por estes, um homem gritou furioso, nas últimas fileiras, através do fumo azul dos cigarros: «Isso não é verdade!» E a primeira impressão ficou destruída.

No dia seguinte de manhã, Krassnov e os representantes aliados partiram a toda a pressa para Milerovo.

O Estado-Maior da frente norte foi evacuado com a mesma rapidez. Os Tchetchenes percorreram durante todo o dia a stanitsa perseguindo os cossacos que não queriam juntar-se à retirada. À noite deitaram fogo ao depósito das munições.

Os cartuchos rebentaram durante toda a noite como um monte de ramos secos inflamados. Os obuses deflagravam produzindo um ruído de desmoronamento. No dia seguinte, enquanto se celebrava um serviço religioso na praça antes da retirada, uma metralhadora crepitou no alto da colina de Karguínsskaia.

As balas tamborilavam no tecto da igreja como a saraiva na Primavera e toda a gente fugiu em desordem para a estepe.

O destacamento de Lazarev e algumas unidades cossacas pouco numerosas tentaram proteger a retirada: os soldados de infantaria deitaram-se, como se fossem atiradores, atrás do moinho de vento; a 35.ª bateria de Karguínsskaia, sob o comando de um homem da região, o capitão Fiódor Popov, abriu fogo contínuo contra os vermelhos que atacavam, mas em breve teve de bater em retirada.

A cavalaria vermelha contornou a infantaria através de Latychev e massacrou, nas ravinas onde os encurralara, uns vinte cossacos velhos de Karguínsskaia que alguém baptizara por troça com o nome de «os haidamaks» (*Nome dos insurrectos ucranianos que lutaram no século XVIII contra os senhores feudais polacos.*)

XV

A decisão de não partir restituíra a Pantelei Prokófievitch o sentido do valor das coisas.

À noite saiu para dar de comer aos animais e dessa vez, sem hesitar, escolheu o feno de qualidade inferior. No pátio escuro, pôs-se a andar em torno da vaca, e pensava: «Está cheia. Anda muito volumosa. Será que o Senhor nos vai dar dois gémeos?» Sentia que tudo lhe voltara a interessar. Antes da noite chegou mesmo a ralar com Duniachka por ela ter espalhado lixo no estábulo e porque não quebrara o gelo no bebedeiro. Também consertou um buraco na cerca feito pelo porco de Stepane Astakhov. Aproveitou para perguntar a Akcínia, que saíra à rua para fechar os postigos, se Stepane pensava em partir. Akcínia respondeu com a sua voz cortante, envolvendo-se no xaile:

- Não, como havia ele de partir. Deitou-se cedo e deve estar com febre. Tem a testa quente e queixa-se da barriga.

- Não, o Stepane não se vai embora.

- Os nossos, isto é, nós também cá ficamos. Deus sabe se é melhor assim...

Caía a noite. Do outro lado do Don, atrás da floresta cinzenta, a estrela polar brilhava nas profundezas esverdeadas do firmamento. Lá para os confins do nascente, o céu tingia-se de púrpura, como um clarão de incêndio. A Lua lembrava um pão partido, suspenso nos ramos bifurcados de um choupo. Sombras indecisas fundiam-se na neve. As trevas adensavam-se. Tudo estava tão calmo que Pantelei Prokófievitch ouvia alguém, sobre o Don talvez Anikuchka a quebrar o gelo com uma barra de ferro. Os estilhaços saltavam e quebravam-se com um ruído de vidro a partir-se.

No estábulo, os bois ruminavam tranquilamente o feno.

Acendera-se a luz na cozinha. A silhueta de Natalia deslizou atrás do caixilho da janela. Pantelei Prokófievitch teve vontade de se aquecer. Foi encontrar toda a família reunida.

Duniachka acabava de regressar de casa da mulher de Khristónia. Enquanto despejava uma taça de fermento, ia contando as novidades a toda a pressa, como se temesse ser interrompida.

No quarto, Grigóri, que acabara de untar a espingarda e o revólver, estava a embrulhar o binóculo num pano. Chamou Petro:

- Já arrumaste as tuas coisas? Vai buscá-las, temos de as enterrar.

- E se formos obrigados a defender-nos?

- Cala-te - respondeu, sorrindo, Grigóri. - Tem cautela, senão eles descobrem-nas e penduram-te pela braguilha no portão.

Saíram para o pátio e esconderam as armas em sítios diferentes, sabe-se lá porquê. Porém Grigóri ficou com um revólver novinho, todo preto, que escondeu debaixo do traveseiro.

Tinham acabado de cear e preparavam-se para ir para a cama. A conversa esmorecia. Nisto, o cão, no pátio, pôs-se a ladrar com uma voz rouca. Puxava péla corrente até quase se estrangular com a coleira. O velho saiu, voltando para dentro em companhia de um homem embrulhado no capote até aos olhos. Usava uma farda de campanha e um boldrié branco bastante apertado. Persignou-se ao entrar e a sua boca rodeada de gelo parecia um «o» branco a deitar jactos de vapor.

- Não me reconhecem, com certeza?

- É o primo Makar! exclamou Daria.

Só então Petro e os outros reconheceram aquele primo afastado, Makar Nogaitsev, da aldeia de Singuine, famoso em toda a região pelo seu raro talento de cantor e também pelo vício da bebedeira.

- Foi o diabo que te trouxe até cá? - inquiriu Petro, sorrindo, mas sem se levantar.

Nogaitsev arrancou os pedaços de gelo do bigode, atirando-os para a soleira da porta, bateu no chão com os pés calçados de botas de feltro enormes, com sola de cabedal, e começou a despir-se sem pressa.

- Disse cá comigo: não tem graça nenhuma uma pessoa bater em retirada sozinho. Se eu passasse por casa dos primos? Sabia que vocês estavam ambos em casa. Disse para a minha mulher: vou passar pelos Melekhov, assim custa menos.

Tirou a espingarda do ombro e poisou-a junto ao fogão, ao lado das tenazes, o que fez rir as mulheres. Enfiou a cartucheira para baixo do buraco das cinzas e colocou respeitosamente o sabre e o chicote em cima da cama. Empestava como sempre, a aguardente, e os seus grandes olhos à flor do rosto vinham embaciados pelo álcool. Os dentes de. Uma brancura azulada como as conchas do Don brilhavam no meio da trunfa húmida da barba.

- Os cossacos de Singuine não se vão embora? - perguntou Grigóri, estendendo-lhe a bolsa do tabaco bordada a contas de vidro.

Makar recusou com a mão:

- Obrigado, não fumo... Os cossacos, dizes tu? Uns partiram, outros ficaram, e andam à procura de um buraco de toupeira para se esconderem. E vocês, também partem?

- Os nossos homens ficam. Não venhas desencaminhá-los! - interveio Ilínitchna, assustada.

- Não me digam que vão ficar. Não quero crer. Grigóri, meu primo, é verdade? Vocês arriscam a vida, amigos.

- O que for se verá...

Petro, suspirando, corou de súbito:

- Grigóri, que dizes tu? não mudaste de ideias? E se partíssemos também?

- Não.

O fumo do tabaco, depois de envolver Grigóri, ficou a pairar em torno da sua gaforina crespa, negra como o carvão.

- O pai tratou do teu cavalo? - perguntou Petro a despropósito.

Seguiu-se um silêncio esmagador. Apenas a roca zumbia sob o pé de Douniachka, convidando ao sono.

Nogaitzev ficou até de madrugada, esforçando-se por convencer os irmãos Melekhov a partirem para a outra margem do Donetz. Duas vezes, durante a noite Petro foi selar o cavalo, e duas vezes também lhe tirou os arreios, trespassado pelo olhar ameaçador de Daria.

Quando nasceu o dia, o visitante dispôs-se para partir.

Já vestido, com a mão na maçaneta da porta, tossiu de maneira significativa, acrescentando, como uma ameaça velada:

- É talvez melhor assim, mas vocês mais tarde hão-de arrepender-se. Quando voltarmos havemos de nos lembrar daqueles que abriram aos vermelhos as portas do Don e ficaram para os servir.

A neve caía, espessa, logo pela manhã. Do pátio, Grigóri avistou na outra margem do Don uma massa humana que descia para a passagem sobre o gelo. Era qualquer coisa que vinha puxada por oito cavalos, ouvia-se um ruído de vozes, gritos e pragas. Os vultos pardos dos homens e dos cavalos destacavam-se através da neve que os envolvia como nevoeiro. Pela composição do grupo, Grigóri reconheceu uma bateria. «Os vermelhos?» Esta ideia partiu-lhe o coração em dois, mas, raciocinando, acalmou-se.

O grupo em desordem aproximou-se da aldeia, evitando de longe o buraco no gelo, que abria a bocarra negra para o céu. Porém uma das rodas da primeira peça, ao sair do rio, quebrou o gelo esbeçado da margem e atolou-se. O vento trazia os gritos dos

condutores e o patinar rápido dos cascos que escorregavam. Grigóri dirigiu-se à cerca do gado para observar atentamente. Sobre os capotes dos cavaleiros distinguiam-se os galões cobertos de neve; e viu que eram cossacos.

Dali a cinco minutos um ajudante já de idade, montando um grande cavalo de garupa forte, transpôs o portão. Des montou junto à soleira, prendeu a rédea à balastrada e entrou em casa.

- Quem é aqui o patrão? - perguntou ele, depois de ter dado os bons-dias a todos.

- Eu... - respondeu Pantelei Prokófievitch, que receava ouvir logo a seguir a pergunta: «Porque é que os vossos homens estão em casa?»

Porém o ajudante alisou com o punho os bigodes brancos da neve, compridos como agulhetas, e pediu:

- Cossacos, ajudem-nos, pelo amor de Deus, a safar a nossa peça. Atolou-se na margem até ao eixo... Não terão por aí umas cordas? Que aldeia é esta? Perdemos-nos. Vamos para Elansskaia, mas com esta neve toda não se vê um palmo adiante do nariz. Não sabemos o caminho e os vermelhos vêm atrás de nós.

- Palavra de honra... não sei se... - hesitava o velho.

- Não tem nada que saber. Estão aqui dois homens, têm de nos ajudar.

- Estou doente - mentiu Pantelei Prokófievitch.

- Que quer isto dizer, rapazes?

O ajudante olhava-os a todos sem voltar o pescoço, como um lobo. A sua voz tornou-se mais jovem e mais dura:

- Então vocês não são cossacos? Acham que o material do exército se pode perder? Fiquei sozinho a comandar a bateria, os oficiais fugiram. Há uma semana que não desço do cavalo. Estou morto de frio. Gelaram-se-me os dedos dos pés, mas prefiro morrer a abandonar a bateria. Quanto a vocês... Nada de discussões. Se não vierem a bem, chamo os meus homens e... - O ajudante pôs-se a gritar furiosamente com lágrimas na voz - obrigá-los-emos, filhos de uma cadela! Bolcheviques!

- Filhos da puta! E tu, velhinho, também vais ser atrelado. Trata de ir buscar homens e, se eles não quiserem vir, quando eu passar de novo por aqui arraso as casas todas...

Foi-se embora como um homem que não está muito seguro daquilo que afirma. Grigóri teve pena dele. Agarrou no boné e disse com dureza, sem o fitar:

- Não berres que não vale a pena. Vamos ajudar-te a safar a peça e depois, boa viagem!

Conseguiram retirar a bateria por meio de traves que colocaram no chão. Juntou-se muita gente: Anikuchka, Khristónia, Ivan Tomlíne, os Melekhov e uma dúzia de mulheres,

juntamente com os homens da bateria, empurraram até à margem as peças e os caixotes de munições, permitindo assim aos cavalos treparem a rampa. As rodas geladas patinavam na neve. Os cavalos, estenuados, tinham dificuldade em subir a mais pequena ladeira. Os serventes, apenas metade do efectivo, seguiam a pé. O ajudante tirou o barrete, agradeceu a todos e, voltando-se na sela, comandou sem erguer a voz:

- Bateria, siga-me!

Grigóri viu-o partir com um misto de respeito e admiração incrível. Petro aproximou-se, a morder o bigode, e disse, como que em resposta ao pensamento do irmão:

- Se fossem todos assim!... Isto é que era preciso para defender o Don Tranquilo.

- Referes-te ao tipo dos bigodes? Ao ajudante? - inquiriu Khristónia que ia a passar, coberto de lama até às orelhas. - Não te preocupes, que ele levará os seus canhões até aonde for preciso. Se o visses erguer para mim o chicote, o patife! E era muito capaz de me bater, não há dúvida... Um homem quando se vê perdido... Eu não queria ir, mas tive medo, confesso. Até vim sem as botas. Mas, diz-me cá, para que lhes servem os canhões, àqueles idiotas? Para nada! É duro, mesmo assim: não lhes servem para nada e eles arrastam-nos consigo...

Os cossacos separaram-se sorrindo, sem dizerem mais nada.

XVI

Muito para além do Don, uma metralhadora crepitou duas vezes nessa tarde; depois calou-se.

Dali a meia hora, Grigóri, que não saíra da janela do quarto, deu um passo para trás e o seu rosto cobriu-se de uma palidez de cinza.

- Eles aí estão!

Ilínitchina, soltando um grito, correu para a janela. Oito cavaleiros galopavam desordenadamente pela rua. Aproximaram-se a trote da herdade dos Melekhov, pararam um momento, voltaram-se para observar a paisagem do Don e o atalho negro apertado entre o rio e a colina; voltaram a partir. Os seus cavalos bem alimentados, de caudas curtas, faziam saltar chapadas de neve. Após ter reconhecido a aldeia, a patrulha desapareceu.

Dali a uma hora, Tatársski estava cheia do ranger de botas, de gritos, de pragas, de vozes estranhas. Um regimento de infantaria com as suas metralhadoras montadas em trenós, carros e todo o equipamento atravessara o Don e invadia a aldeia.

Por muito angustioso que fosse o primeiro momento à chegada das tropas inimigas, Duniachka anramjou mesmo assim maneira de se rir: logo que a patrulha se afastou, ela niu à gargalhada debaixo do avental, correndo para a cozinha. Natalia deitou-lhe uma olhadela aterrada.

- Que tens tu?

- Oh, Natachenka, minha querida!... Se tu os visses a cavalo! Para trás e para a frente, para trás e para a frente, sobre a sela... a abanarem os cotovelos... Pareciam bonecos de trapo, a saracotear-se.

Imitava tão magistralmente os cavaleiros vermelhos a oscilarem sobre as selas que Natalia, desatando a rir, atirou-se para cima da cama, enterrando a cabeça nas almofadas para não despertar a fúria do sogro.

No quarto ao lado, Pantelei Prokófievitch, tremendo um pouco, deslocava maquinalmente sobre o banco a guita, as sovelas e a caixa dos pregos, sempre a olhar através dos vidros, com uma expressão de animal perseguido.

Na cozinha, as mulheres riam até mais não poderem, mas era uma alegria de mau goi-ro: Duniachka, vermelha como uma papoila, com os olhos húmidos de lágrimas e

brilhantes como bagas de amora molhadas pelo orvalho, mostrava a Daria como andavam a cavalo os soldados vermelhos; com um cinismo inconsciente, punha uma certa indecência nos seus movimentos ritmados. Um riso nervoso quebrava o arco das sobrancelhas de Daria, que dizia numa voz abafada, de falsete:

- Com certeza vão romper as calças. Montando dessa maneira, devem amolgar o pomo da sela...

O riso das mulheres descontraíu por momentos Petro, que saía do quarto com um ar acabrunhado.

- Têm piada a montar a cavalo, hem? - disse ele. - Mas eles querem lá saber! Quando estoiram com um animal, roubam outro. E ainda dizem que são camponeses. Fez um gesto de infinito desprezo. Deve ser a primeira vez que vêem um cavalo. «Depois se vê quem é capaz de chegar ao fim.» Os pais deles até tinham medo do barulho das rodas e agora estes montam em alta escola! Ora, Ora!

Deu um estalo com os dedos e saiu.

Os vermelhos deambulavam ao longo das ruas, dividiam-se em grupos, penetravam nas herdades. Entraram três em casa de Anikuchka e cinco na de Stepane Astakhov. Outros cinco contornaram a paliçada e dirigiram-se para a casa de Melekhov.

O primeiro a entrar no pátio era um homem de meia-idade, baixote, de cara rapada, nariz achatado, ágil e muito direito, que se reconhecia logo ter sido veterano na frente alemã. Parou junto aos degraus, baixando a cabeça durante uns momentos para fitar o cão amarelo que ladrava até se sufocar preso à corrente, depois tirou a espingarda do ombro. O tiro arrancou do telhado uma nuvem branca de geada. Grigóri, enquanto desapertava o colarinho que o estrangulava, viu, pela janela, o cão a rebolar-se na neve que tingia de sangue, enquanto, nas vascas da agonia, mordía o flanco furado pelo tiro e a própria corrente de ferro. Ao voltar-se, deparou com as caras lívidas das mulheres e os olhos aterrados da mãe. Avançou em cabelo até à entrada.

- Fica aí - gritou-lhe o pai numa voz alterada.

Grigóri escancarou a porta. Na soleira caiu tilintando uma cápsula vazia. Os soldados vermelhos que tinham ficado para trás transpunham nesse momento o portão.

- Porque mataste o meu cão? Incomodava-te? - Inquiriu Grigóri lá de dentro.

As narinas largas do soldado aspiraram o ar e os cantos dos lábios finos, bem barbeados, descaíram. Voltou-se e mudou a espingarda para a outra mão.

- Que te importa? Aflige-te? Pois a mim não me afligia nada gastar outra bala contigo. Se queres sai cá para fora!

- Então, então, pára lá com isso, Alexandre - disse, sorrindo, um gigante de sobranceiras ruivas que se aproximara.

- Bom dia, patrão! Nunca viram soldados vermelhos? Vamos alojar-nos em vossa casa. Ele matou o cão? Pois fez mal. Entrem, camaradas.

Grigóri entrou atrás deles. Os soldados vermelhos cumprimentaram alegremente a família, tiraram as sacolas e as cartucheiras japonesas de coiro e lançaram em monte para cima da cama os capotes, os casacos acolchoados e os bonés. A casa, num abrir e fechar de olhos, ficou invadida por aquele cheiro forte e espirituoso, o cheiro da tropa: uma mistura inseparável de suor de tabaco, de sabão ordinário, de óleo de untar as armas, enfim o cheiro das longas marchas.

Aquele a quem chamavam Alexandre sentou-se à mesa, acendeu um cigarro e, como se prosseguísse numa conversa entabulada com Grigóri, perguntou:

- Estiveste com os brancos?

- Estive.

- Ora aí está. Logo se vê pello andar da carruagem. Um Branco! Oficial, não? Galões doirados?

Lançava jactos de fumo pelo nariz e trespassava Grigóri, de pé entre portas, com o olhar frio e severo, enquanto batia na ponta do cigarro com a unha abaulada, amarela de nicotina.

- Com que então, oficial? Confessa. Vê-se logo. Eu também fui oficial na frente alemã.

- É verdade, fui oficial.

Grigóri sorria com um sorriso forçado; de súbito, reparou no olhar aterrado e suplicante de Natalia que o fitava de soslaio e cerrou as sobranceiras que se puseram a tremer. Teve vergonha do seu sorriso.

- É pena. Parece que me enganei, não era ao cão que devia ter apontado...

O vermelho atirou com a prisca para junto dos pés de Grigóri e piscou o olho aos camaradas.

Grigóri sentiu que mais uma vez um sorriso culpado e implorante lhe torcia sem ele querer os cantos da boca, corando em virtude dessa manifestação de fraqueza involuntária e espontânea: «Como um cão desobediente em face do dono», pensou: isso encheu-o de vergonha e passou-lhe diante dos olhos uma imagem fugitiva: o mesmo sorriso costumava afastar os beiços negros e acetinados do seu cão de peito branco, que o soldado vermelho matara, quando ele, Grigóri, o dono, consciente do seu direito de vida e de morte, se

acercava do animal: este deitava-se de patas para o ar, descobria os incisivos fortes e abanava a cauda espessa e amarela...

Pantellei Prokófievitch, sempre com aquela voz que Grigóri lhe não conhecia, perguntou se os hóspedes queriam cear: «São servidos!» Nesse caso iria dar ordens à patroa...

Sem esperar resposta, Ilíniitchna correu para o fogão.

A tenaz tremia-lhe entre os dedos e não conseguia levantar a marmita com a sopa de couves. Daria pôs a mesa, sempre com os olhos baixos. Os vermelhos instalaram-se sem se benzerem.

O velho Melekhov observava-os com terror, sem ocultar a sua repulsa. Finalmente, não podendo dominar-se, exclamou:

- Vocês não rezam?

Pela primeira vez, a sombra de um sorriso aflorou aos lábios de Alexandre. Sob as risadas de aprovação dos camaradas, respondeu:

- E aconselho-te também a deixares de o fazer, avôzinho. Há muito que mandamos os nossos deuses à... Calou-se de súbito e franziu as sobrancelhas. Deus não existe e só os idiotas são capazes de rezar diante de bocados de pau.

- Bem... bem... as pessoas instruídas compreendem essas coisas - concordou assustado Pantellei Prokófievitch.

Daria pusera uma colher para cada um, mas Alexandre recusou a dele:

- Vocês têm colheres de pau? Só me faltava agora apanhar uma doença. É uma colher, isto? Digam antes que é uma cavaca.

Daria explodiu:

- Se tens nojo das colheres dos outros o melhor é trazeres uma só para ti.

- Então, cala-te, minha linda. Não tens outra colher? Nesse caso dá-me um guardanapo limpo para eu a esfregar.

Ilíniitchna poisou sobre a mesa a terrina de sopa de couve.

O homem prosseguiu:

- Prova-a primeiro, tiazinha.

- Porquê? Pensas que deitei sal a mais? - disse a velha, assustada.

- Prova-a, prova-a. Eras muito capaz de lá ter deitado algum pó...

- Então? Come uma colher! - ordenou Pantellei Prokófievitch, cerrando os lábios.

Depois, indo buscar a ferramenta de sapateiro, empurrou para junto da janela um toro de álamo que lhe servia de tripeça, meteu uma torcida no pequeno candeeiro de azeite e sentou-se com uma velha bota nas mãos, não voltando a meter-se na conversa.

Petro não saía do quarto, onde Natalia se fechara também com as crianças. Duniachka fazia meia aninhada perto do fogão, mas, depois de um dos soldados vermelhos lhe chamar «menina» e a convidar para cear também retirou-se. A conversa esmoreceu. No fim de comerem, os vermelhos puseram-se a fumar.

- Pode-se fumar cá em casa? - perguntou o homem das sobrancelhas ruivas.

- Aqui só se fuma cachimbo respondeu Ilínitcha, de má vontade.

Grigóri recusou o cigarro que lhe ofereciam. Estava todo a tremer por dentro e o seu coração apertava-se ao olhar para o homem que lhe matara o cão, o qual arvorava na sua frente uma atitude provocante e descarada. Esse homem queria sem dúvida armar questão, procurando continuamente um ensejo de ofender Grigóri para o obrigar a falar.

- Em que regimento serviu Vossa Nobreza?

- Em vários.

- Quantos dos nossos mataste?

- Na guerra isso não se conta. Não penses, camarada, que nasci para oficial. Ganhei os gafões na frente, por feitos de guerra...

- Eu cá não sou camarada de oficiais. Os tipos como tu encostamo-los à parede. Eu, pobre pecador, já abati mais do que um.

- Quero dizer-te uma coisa, camarada... Não estás a portar-te bem: procedes como se tivesses conquistado esta aldeia em combate. Nós abandonamos a frente de nossa livre vontade, deixamos-te entrar em nossa casa e tu chegas aqui como se isto fosse um país conquistado... Matar um cão é coisa que qualquer um pode fazer; ofender ou matar um homem desarmado também não é muito difícil.

- Não tens nada que me dar lições. Já ouvimos essa cantiga: «Abandonámos a frente de nossa livre vontade!» Se vocês não se sentissem perdidos nunca a teriam abandonado. E eu tenho o direito de falar como me apetecer.

- Acaba lá com isso, Alexandre. Já basta disse o tipo alto das sobrancelhas ruivas.

Alexandre, porém, aproximara-se de Grigóri, com as narinas a palpar, a respiração sibilante, entrecortada:

- Não me queiras provocar, oficial, podes arrepender-te.

- Não estou a provocar-te.

- Estás, sim senhor!

Natalia entreabriu a porta e chamou Grigóri numa voz débil. Este passou por diamte do vermelho e dirigiu-se para a porta cambaleando como um bêbado.

Petro recebeu-o com um murmúrio irritado e queixoso:

- Que estás tu a fazer?... Discutes com ele? Vais desgraçar-te e a nós também. Senta-te.

Empurrou violentamente Grigóri para cima da arca e entrou ele na cozinha.

Grigóri ficou de boca aberta, a respirar o ar com avidez.

Natalia tremia, enquanto tapava a boca aos filhos que principiavam a chorar.

- Porque me não fui eu embora? disse Grigóri, olhando Natalia com tristeza. não irei, mas calla-te, o meu coração não aguenta isto.

Chegaram mais três soldados vermelhos. Um deles, que trazia na cabeça um grande boné preto e parecia ser o chefe, inquiriu:

- Quantos homens estão neste alojamento?

- Sete - respondeu o das sobrancelhas ruivas, que começara a estudar acordes numa concertina.

- É aqui que vamos instalar a metralhadora. Terão que se apertar.

Saíram. Pouco depois, o portão rugeu. Entravam no pátio duas carroças. Um homem riscou um fósforo praguejando furiosamente. Outros fumavam debaixo do telheiro, na eira, e amontoavam feno para acenderem o lume, mas nenhum dos Melekhov saiu lá para fora.

- Era bom ires ver os cavalos murmurou Ilínitchna, passando perto do velho.

Este limitou-se a encolher os ombros sem se mexer. Um vapor branco acumulava-se junto ao tecto, poisava nas paredes como orvalho. Os vermelhos deitaram-se no chão do quarto.

Grigóri trouxe uma manta para eles se cobrirem, desdobrou-a, deu-lhes a sua peleça para servir de travesseiro.

- Já fiz a guerra, sei o que isso é - declarou ele, dirigindo-se ao que sentia ser seu inimigo.

Contudo, as largas narinas do vermelho estremeceram e ele lançou a Grigóri um olhar hostil.

Grigóri e Natalia deitaram-se nesse mesmo quarto sobre a cama. Os vermelhos tinham-se estendido ao lado uns dos outros, em cima da manta, com as espingardas junto à cabeceira.

Natalia ia para apagar o candeeiro, quando uma voz severa lhe disse:

- Quem te mandou apagar? É proibido. Podes baixar a torcida se quiseres, mas a luz tem de ficar acesa toda a noite.

Natalia deitara os filhos aos pés da cama. Voltou-se para a parede sem se despir. Grigóri tinha os braços cruzados debaixo da cabeça e não dizia nada.

«Se nos tivéssemos ido embora», pensava ele consigo. E voltou-se para a esquerda. «Se nos tivéssemos ido embora, eles crucificavam Natália sobre esta cama e ter-se-iam divertido com ela como se fazia na Polónia. Frânia...»

Um dos soldados começara a contar uma história, porém uma voz que Grigóri bem conhecia, interrompendo-o, fez-se ouvir na penumbra cinzenta, entrecortada de pausas provocantes.

- Ah, isto sem mulher é uma chatice. Não se me dava dormir com uma, mas o dono da casa é um senhor oficial... Esses tipos não emprestam as suas mulheres aos humildes... aos ranhosos... Estás a ouvir, patrão?

Um dos soldados ressonava já, outro desatou a rir com um riso ensonado. A voz do tipo das sobrancelhas ruivas fez-se ouvir:

- Escuta, Alexandre. Estou farto de te meter na ordem. Em cada alojamento provocas escândalo e portas-te como um safado, envergonhas o Exército Vermelho. Isso não pode ser. Tenho que ir falar ao comissário ou ao comandante da companhia. Estás a ouvir? Precisas de uma ensinadela.

Seguiu-se um silêncio opaco. Ouvia-se o homem das sobrancelhas ruivas a calçar as botas e a resfolegar, furioso. Ao fim de um minuto saiu, batendo com a porta.

Natalia, não podendo conter-se por mais tempo, desatou a chorar. Grigóri acariciava-lhe com uma das mãos os cabelos, a testa alagada em suor, o rosto molhado. com a outra arranhava o peito e ia desabotoando e abotoando outra vez a camisola interior.

- Está calada. Está calada murmurava baixinho.

E sentia que nesse momento estava pronto a sofrer qualquer prova, a suportar todas as humilhações para proteger a sua vida e a dos seus.

O clarão de um fósforo brotou por instantes no rosto de Alexandre, que se erguera um pouco, iluminando-lhe o nariz redondo e chato, os lábios esticados a chupar o cigarro. Resmungou a meia voz. Grigóri ouviu-o suspirar no meio dos ressonos dos outros, e começar a vestir-se.

Após alguns minutos de espera intolerável, Grigóri estremeceu de alegria, abençoando interiormente o homem das sobrancelhas ruivas. Ouviam-se passos por baixo da janela e uma voz indignada:

- Passa o tempo todo a arranjar questões... Que lhe havemos de fazer?... Isto é uma calamidade, camarada comissário.

Soaram passos na entrada, a porta rangeu e uma voz juvenil comandou:

- Alexandre Tiurnikov, veste-te e sai daqui imediatamente. Vais passar o resto da noite junto de mim e amanhã serás julgado pela tua conduta indigna de um combatente do Exército Vermelho.

Grigóri encontrou o olhar penetrante e benévolo de um homem de casaco de cabedal que estava de pé junto da porta, ao lado do tipo alto de sobranceiras ruivas. Tinha um aspecto jovem, apesar do ar severo; os seus lábios cerrados, cobertos por um buço juvenil, acentuavam-lhe excessivamente a dureza da expressão.

- Teve um hóspede bastante turbulento, camarada – declarou a Grigóri, com um sorriso quase imperceptível. - Agora durma, amanhã trataremos de o acalmar. Boas noites. Vamos, Tiurnikov.

Quando eles partiram, Grigóri soltou um suspiro de alívio.

Na manhã seguinte, o homem das sobranceiras ruivas, depois de pagar o alojamento e a comida, deixou-se ficar propositadamente para trás:

- Não deve querer-nos mal, sabe? Este Alexandre, como direi, não é lá muito fixe da cabeça. No ano passado, em Lugansk ele é de lá, os oficiais fuzilaram-lhe a mãe e a irmã à vista dele. Foi isso que o transtornou... Bem, adeus e obrigado. Ah, já me esquecia das crianças!

Com grande alegria dos miúdos tirou do saco dois quadrados de açúcar cinzentos de pó e meteu-lhos na mão.

Pantelei Prokófievitch contemplava os netos com ternura.

- Ora isto é que é um presente! Há ano e meio que eles não viam açúcar!... Deus o guarde, camarada. Agradeçam ao camarada. Poliuchka, diz muito obrigada. Miliuchka, então que se diz?

Logo que o vermelho partiu, o velho disse a Natalia, com irritação:

- Que falta de tacto! Podias ao menos dar-lhe um bolo para a viagem. Devemos recompensar este bom homem, não é verdade?

- Corre! - disse Grigóri.

Natalia deitou um xale pelos ombros e foi alcançar o homem na rua. Corada de confusão, meteu-lhe um bolo no bolso do capote, que era fundo como um poço da estepe.

XVII

Pelo meio dia, o 6.º Regimento Vermelho atravessou em marcha forçada a aldeia de Mtzeosk e requisitou cavalos a alguns cossacos. Atrás da colina ouvia-se troar o canhão. Combate-se no Tchir calculou Paintelei Prokófievrtch.

Ao cair da noite, Grigóri e Petro saíram várias vezes para o pátio. Algures, no Don, os canhões rugiam surdamente e quem apurasse o ouvido distinguia, num tom mais baixo, o crepitar das metralhadoras.

- Disparam que não é brincadeira. É o general Gusselchtchikov com os homens de Guindorovsskaia declarou Petro, a sacudir a neve dos joelhos e do boné. E acrescentou sem vir a propósito: Os vermelhos vão levar os nossos cavalos. O teu é um belo animal, Grigóri, mas vão tirar-to.

Mas o pai já se lembrara do mesmo antes deles. Ao cair da noite, quando Grigóri foi buscar os cavalos de sela para os levar ao bebedeiro, mal saiu à porta da cavalaria, reparou que ambos coxeavam das patas da frente. Obrigou o dele, que andava com dificuldade, a dar alguns passos. O de Petro estava na mesma. Chamou o irmão:

- Os nossos cavalos têm as patas doentes. Isto é que é uma brincadeira! O meu manqueja à direita e o teu à esquerda. Contudo não se magoaram... Terão gaivas?

Os cavalos mantinham-se tristes sobre a neve lilás, sob as estrelas pálidas e não se agitavam de impaciência nem davam coices. Petro ia acender uma lanterna, mas o pai, que chegava naquele momento da eira, interveio:

- Que queres tu fazer com essa lanterna?

- Os cavalos estão mancos, pai. Devem ter qualquer coisa nas patas.

- E tu achas mal que estejam mancos das patas? Antes querias vê-los selar por um saloio que os levasse para longe daqui?

- Eu não estou a dizer que...

- Então informa o Gricha que fui eu que fiz isto. Pegueinum martelo e espetei um prego a cada um mesmo por cima do casco. Agora ficam mancos até que a frente se afaste daqui.

Petro abanou a cabeça, mordeu o bigode e foi ter com Grigóri.

- Recolhe-os. Foi o pai que os mamcou de propósito.

A intuição do velho salvara os cavalos. Nessa noite, a aldeia encheu-se de rumor uma vez mais. Pelas ruas galopavam cavaleiros. Passou uma bateria a ranger nos regos da estrada e parou na praça. O 13.º Regimento de cavalaria passava a noite em Tatárski. Os Melekhov viram chegar Khrisstónia». Agachou-se e acendeu um cigarro.

- Vocês não têm cá em casa nenhum desses bandidos para passar a noite?

- Até agora Deus poupou-nos a isso. Os de outro dia empestaram toda a casa com o seu cheiro a saloios - resmungou Ilinitchna, irritada.

- Pois estão em minha casa.

A voz de Khrisstónia tornou-se num murmúrio, enquanto enxugava com a palma da mão as órbitas molhadas de lágrimas.

Entretanto, sacudia a cabeça do tamanho de uma marmita de campanha e afinava a garganta como se tivesse vergonha de chorar.

- Que tens tu, Khrisstónia? - inquiriu Petro, sorrindo.

Nunca vira Khrisstónia chorar e isso divertia-o.

- Levaram o meu morzelo... Fiz a guerra com ele... Sofremos juntos... Era como um homem, mais inteligente, até... Eu mesmo é que tive de o selar. «Sela-o tu» disse-me o gajo, «que ele a mim não consente.» Eu então respondi-lhe: «E tu julgas que estarei toda a vida ao pé de ti para te selar o cavalo? Já que mo tiras», disse-lhe eu, «agora arranja-te.» Mas selei-o. Se ao menos fosse para ser montado por um homem, agora por um aborto... O tipo dava-me pela cintura e as pernas não lhe chegavam aos estribos. Teve que subir para as escadas quando quis montar .. Chorei como um garoto. «Pronto», disse para a minha patroa, «um animal que eu estimava, a quem dei de comer e de beber...» Khrisstónia voltou a falar num murmúrio, a fungar, e levantou-se. Nem me atrevo a olhar para a cavaliariça. O pátio parece que está morto...

- Eu cá tive sorte. Já morreram três cavalos que eu montava, este é o quarto e agora não consinto que eles...

Grigóri calou-se, de ouvido à escuta. Ouviu-se a neve a estalar debaixo da janela e um tilintar de sabres. Uma voz de homem exclamou: «Oh!» num tom surdo...

- Vêm para cá. Têm faro, os malandros. Ou então alguém lhes disse...

Pantlei Prokófievitch atrapalhou-se, não sabia onde pôr as mãos.

- Eh, patrão, sai cá para fora!

Petro atirou o capote para os ombros e saiu.

- Onde estão os cavalos? Vai buscá-los.

- Da melhor vontade, camaradas, mas eles estão mancos.

- Como, estão mancos? Vai buscá-los. Não tos tiramos assim sem mais nem menos. Deixamos-te os nossos.

Petro tirou os cavalos da cavalaria, um a seguir ao outro.

- Ainda lá ficou mais um. Porque não o trazes? - Perguntou um dos soldados vermelhos, aproximando a lanterna.

- É uma égua que está prenha. Tem muita idade, mais de cem anos!

- Eh, vai lá buscar a selas. . Deixa ver... Sempre é certo estarem mancos... Raios partam isto! Que queres tu que a gente faça com estas bestas estropiadas? Leva-os embora! - gritou, furioso, o homem da lanterna.

Petro puxou pelos cabrestos dos cavalos e desviou da lanterna o rosto de lábios apertados.

- Onde estão as selas?

- Os vossos camaradas levaram-nas esta manhã.

- Estás a mentir, cossaco. Quem é que os levou?

- Palavra de honra!... Eu seja cego se minto... Digo-te que as levaram. Passou por aqui o exército de Mtzenk e levar ram-nas. As selas e até duas coalheiras.

Os três cavaleiros foram-se embora a praguejar. Petro entrou em casa todo impregnado do cheiro a suor de cavalo e a mijó. Cerrando a boca com dureza, bateu com uma certa bazófia no ombro de Khrisstónia:

- Ora assim é que se faz. Os nossos cavalos estão mancos e já não temos selas. Ao passo que tu...

Ilínitchina apagou o candeeiro e dirigiu-se ao quarto, às apalpadelas, para fazer as camas.

- Mais vale ficarmos às escuras, senão o Diabo manda-nos mais visitas...

Naquela noite havia patuscada em casa de Anikushka. Os vermelhos tinham-lhe pedido para convidar os cossacos e ele foi buscar os Melekhov.

- Os vermelhos são vermelhos, e daí? Talvez não sejam baptizados, mas isso que importa? São russos, tal como nós. Quer acredites ou não, dou-te a minha palavra de honra que os trato bem. Quero lá saber! Vem com eles um Yupin. É um homem como os outros. Matámos muitos Yupins na Polónia... Mas este... hum... deu-me um copo de aguardente. Cá por mim, gosto dos Yupins... Vens daí, Grigóri? Petro? Não vais desprezar o meu convite...

Grigóri começou por recusar, mas Pantelei Prokófievitch aconselhou-o:

- Vai, senão dizem que tu os desprezas. Anda, faz por esquecer...

Saíram para o pátio. A noite, um pouco tépida, prometia «bom tempo. O ar cheirava a cinza e a fumo de bosta. Os cossacos ficaram um momento imóveis e silenciosos; depois partiram. Daria veio ter com eles ao portão.

As sobramcelhas pintadas que lhe riscavam o rosto brilhavam como veludo negro à luz pálida da Lua, coada pelas nuvens.

- Eles estão a ver se embebedam a minha mulher... Mas dali não levam nada. Eu estou alerta, meu velho... - tartamudeava Anikuchka. A bebedeira, porém, fê-lo esbarrar com a vedação. Saía para fora do carreiro e tropeçava nos montes de neve. Esta, azulada e granulosa, estalava como açúcar debaixo dos pés e caía em turbilhões do céu acinzentado.

O vento arrastava as faúlhas dos cigarros e levantava uma poeira de neve. Rasgava ferozmente a nuvem de plumagem branca, por baixo das estrelas, como um falcão a atacar o peito arqueado de um cisne, e os flocos brancos caíam, lembrando penas, baloiçavam-se sobre a terra silenciosa, cobriam a aldeia, os caminhos cruzados, a estepe, o rasto dos homens e dos animais.

Em casa de Anikuchka, o ar estava irrespirável. Acima da chaminé do candeeiro, apareciam e desapareciam línguas de fumo preto, mas ninguém dava por elas através da fumaça do tabaco. Um vermelho, com as pernas compridas alargadas, executava no acordeão uma dança de Saratov, comprimindo com força os foles. Havia soldados vermelhos sentados nos bancos junto das mulheres da aldeia. Um rapagão de calças caqui acolchoadas e botas curtas munidas de grandes esporas verdadeiras peças de museu acariciava a mulher de Anikuchka. Atirara para a nuca encaracolada o barrete cinzento de pele de carneiro e o suor escorria-lhe do rosto moreno.

A sua mão húmida queimava as costas da mulher de Anikuchka.

Esta parecia embaçada, com a boca húmida e vermelha; se pudesse libertava-se, mas sentia-se demasiado fraca; olhava para o marido, via os olhares trocistas das outras mulheres, porém não tinha forças para retirar das costas aquela mão forte. Era como se houvesse perdido por completo o pudor.

Ria-se, com um riso imbecil de mulher bêbeda. Por sobre as mesas havia garrafas abertas, e o cheiro do álcool enchia a casa toda. A toalha estava enxameada. No meio da sala, um sargento do 13.º de Cavalaria rodopiava como um danado, martelando o chão de terra batida. Trazia botas de calfe sobre as grevas e uns calções tufados de fazenda de oficial. Grigóri, logo à entrada da porta, avistando as botas e os calções, pensou: «Roubou aquilo a um oficial...» Depois ergueu os olhos para o rosto do homem: uma cara morena, luzidia de suor, como a garupa de um cavalo morzelo. «Um judeu. Mas é ágil!» pensou Grigóri. Serviram-lhe aguardente, bem como a Petro. Grigóri bebia com cuidado, porém

Petro embebedou-se logo. E dali a uma hora já dançava a cossaca, batia com os tacões levantando poeira e gritava para o acordeonista numa voz de falsete: «Mais depressa! Mais depressa!» Sentara-se à mesa e divertia-se a fazer estalar pevides de abóbora. Um artilheiro siberiano, muito alto, veio sentar-se ao lado dele.

Engelhando o rosto bochechudo, falava numa voz suave e cíciosa.

- Vencemos o vosso Koltchak. Dentro em pouco deitaremos a mão a Krassnov, e pronto! É assim mesmo. No fim iremos lavar a terra. Há terra que farte para toda a gente. O que é preciso é apoderarmo-nos dela e fazê-la produzir. A terra é como as mulheres. Não se entrega por si, temos de a conquistar. E, se alguém se meter de permeio, matamo-lo. Não pretendemos tirar-vos o que é vosso, queremos sim a igualdade para todos.

Grigóri acenava com a cabeça, observando os vermelhos de soslaio. À primeira vista não havia perigo. Todos tinham os olhos fitos em Petro, todos admiravam, sorrindo, os seus movimentos gráceis e harmoniosos. Uma voz, que não era avinhada, gritou com entusiasmo: «Ah, valente! Assim é que é lindo!» Nisto Grigóri reparou num sargento vermelho, de cabelos frisados, que o fitava atentamente e pôs-se de sobreaviso.

Parou de beber.

O acordeonista atacou uma polca. As mulheres passaram de mão em mão. Um dos vermelhos, que tinha as costas brancas de neve, convidou, a cambalear, uma mulher que era vizinha de Khristónia. Ela porém, recusou e, erguendo a fímbria da saia franzida, correu para Grigóri:

- Vem dançar comigo.

- Não me apetece.

- Vem, Grigóri, minha flor!

- Não sejas parva, não estou para isso.

Ela puxou-lhe a manga com um riso forçado. Grigóri franziu o sobrolho, mas, reparando que ela lhe fazia um sinal, ergueu-se; o acordeonista deixava correr os dedos pelas teclas baixas e a rapariga aproveitou a ocasião para deitar a cabeça no ombro de Grigóri e disse-lhe numa voz que mal se ouvia:

- Eles querem matar-te... Alguém lhes disse que eras oficial... Põe-te a mexer...

E depois em voz alta:

- Oh, anda-me a cabeça à roda!

Grigóri, muito bem humorado, foi até à mesa, bebeu um cálice de aguardente e disse a Daria:

- O Petro já tem a sua conta?

- Creio bem que sim. Está cheio como um odre.

- Leva-o para casa.

Daria partiu com Petro, dominando, com uma força de homem, os movimentos desordenados do marido. Grigóri seguia-os.

- Aonde vais tu? Aonde vais tu? Que é isso? Não, deixa ver a tua mãozinha, não te vás embora!

Anikushka, bêbado como um carro, agarrava-se a Grigóri, mas este fitou-o com tais olhos que ele, retirando o braço, recuou, a gaguejar:

- Bem, nesse caso, adeus, amigos!

O tipo dos cabelos encaracolados ajustou o cinturão, endireitou os ombros e saiu atrás dele. No patamar, perguntou a meia voz, respirando-lhe para o rosto, com os olhos claros e intrépidos a brilhar.

- Aonde vais tu?

E agarrava-o pela manga do capote.

- Para casa - respondeu Grigóri sem se deter e arrastando-o atrás de si. Pensava com alegre emoção: «Não imaginem que me apanham vivo!»

O outro continuava a segurar Grigóri pelo cotovelo com a mão esquerda; caminhava ao lado dele, respirando com dificuldade. Pararam no portão. Grigóri ouviu ranger a porta.

Nesse momento, o vermelho levou a mão direita à coxa e os seus dedos raspavam no estojo do revólver. Grigóri vislumbrou de relance o olhar que o outro lhe disparava como uma lâmina; desprende-se bruscamente, agarrou na mão que já fizera saltar a tampa do estojo do revólver, apertou-lhe o pulso, soltando um rugido, e empurrou o braço do outro para trás do ombro com uma força terrível. Depois, curvando-se, lançou o corpo pesado para cima das costas, puxando violentamente o braço para o chão, num gesto que lhe era familiar. Um estalido deu-lhe a entender que a articulação do cotovelo se quebrara.

A cabeça loira e encaracolada como a de um cordeiro enterrou-se num monte de neve.

Grigóri fugiu na direcção do Don, curvado, ao abrigo das vedações da viela. As suas pernas elásticas conduziam-no pela ladeira abaixo... «Desde que não tenham posto sentinelas por aqui...» Parou um segundo. Atrás dele ficava o pátio de Anikushka. Um tiro. A bala passou com um zumbido cruel.

Mais tiros. Descer a ladeira, atravessar o gelo, alcançar a outra margem do Don. Quando ia a meio do rio, uma bala veio morder a superfície intacta, toda coberta de bolhas; voaram lascas que lhe queimaram o pescoço. Mal chegou ao outro lado, voltou-se. Os tiros continuavam a estallar como chicotadas. Grigóri não se sentiu reconfortado pela alegria de ter conseguido fugir, e tanta indiferença chegou a perturbá-lo. «Dispararam

como se eu fosse um animal», pensou maquinalmente, detendo-se de novo. «Não vão continuar a perseguir-me. Devem ter medo de penetrar na floresta. Dei-lhe cabo do braço. Ah, malandro! Não é tão fácil como isso apanhar um cossaco, mesmo desarmado!»

Dirigiu-se para os palheiros de Inverno, mas, por medida de precaução, ultrapassou-os e desfez cuidadosamente os vestígios da sua passagem, como uma lebre em cata de alimento.

Decidiu passar a noite numa meda abandonada de palha seca, em cujo cimo fez um buraco. Uma lontra fugiu-lhe debaixo dos pés. Enterrou-se até ao pescoço dentro da palha que cheirava a podre. «Amanhã, que vou fazer? Selo o cavalo e atravesso a frente para ir reunir-me aos nossos soldados?» Não achou resposta para esta pergunta súbita e recobrou a calma.

Pela madrugada teve frio. Olhou para fora. Por cima da sua cabeça brilhava uma fulguração matinal, alegre e fremente, e o abismo do céu azul-escuro deixava ver o fundo tal como o leito do Don sob os rápidos: azull vaporoso no zénite, antes da aurora, semeado de estrelas que empallideciam em volta.

XVIII

A frente de batalha deslocou-se. Extinguiu-se o ruído dos combates. No último dia antes da partida, os metralhadores do 13.º de Cavalaria poisaram o gramofone de Mokhov em cima de um trenó e fizeram galopar os cavalos durante muito tempo pelas ruas da aldeia até os animais se cobrirem de espuma.

O gramofone rouquejava e engasgava-se dentro da campânula caíam chapadas de neve levantadas pelas patas dos cavalos, um soldado de barrete siberiano de orelheiras compridas limpava displicentemente a campânula e dava à manivela com tanto à vontade como se estivesse a manobrar a alavanca de uma metralhadora. As crianças corriam atrás como um bando de pardais, gritando: «Põe essa outra vez, tiozinho. Põe outra vez essa que assobia! Põe lá, tiozinho!» Dois garotos com mais sorte iam sentados nos joelhos do soldado e, nos momentos em que este não dava à manivela ou limpava a campânula, enxugava cuidadosamente e com ar severo, servindo-se da luva de lã, o nariz do mais pequeno, todo húmido de frio e satisfação.

Soube-se que os combates tinham lugar junto de Ust-Metchetka.

Tatársski era atravessada de tempos a tempos por comboios que abasteciam de alimentos e munições o 8.º e o 9.º exércitos vermelhos da frente sul.

Dois dias após a partida dos vermelhos, alguns estafetas convocaram os cossacos a reunirem-se na assembleia da aldeia.

- É para elegerem o atamane Krassnov! - disse Antip, filho de Avdeitch, a quem chamavam «O Mentiroso».

- Podemos escolher ou já vem designado lá de cima? - inquiriu Pantelei Prokófievitch.

- Isso está para se ver.

Grigóri e Petro compareceram na assembleia. Estavam lá todos os jovens cossacos. Os velhos ficaram em casa. Só Avdeitch, «O Mentiroso», no meio de um grupo de brincalhões, contava que alojara em sua casa um comissário vermelho e que este lhe oferecera um posto de comando.

- Eu não sabia disse-me ele que você tinha sido ajudante no antigo exército, mas, já que assim é, faça-me o obsé quio de aceitar um comando...

- Qual comando? Chefe de plantão? - troçou Michka Kochevói.

Os outros ajudaram-no:

- Chefe da água do comissário. Para lhe lavar o cu.

- Ou mais acima.

- Oh, oh!

- Escuta, Avdeitch! Ele queria nomear-te para a intendência, na direcção das salmoiras.

- Ainda vocês não sabem tudo. Enquanto o comissário falava com ele, a ordenança do comissário estava lá dentro com a mulher do Avdeitch, a apalpá-la. E o tipo escutava a , conversa, todo babado, todo ranhoso...

Avdeitch, com o olhar subitamente fixo, olhou a assistência, engoliu em seco, e perguntou:

- Quem foi que disse isso?

- Eu! - gritou alguém descaradamente, na fila de trás.

- Já se viu um tipo mais ordinário?

Avdeitch voltava a cabeça em todos os sentidos, à procura de apoio. Ninguém lho negou:

- É um porcalhão. Eu sempre o disse.

- Já é de família!

- Se eu fosse mais novo... - As faces de Avdeitch inflamaram-se, tornaram-se escarlates como bagas de romã. - Se eu fosse mais novo havias de ver... É preciso que sejas ucraniano para dizeres coisas dessas! Canalha! Monte de esterco! .

- Porque não lhe dás uma ensinadela, Avdeitch? Ele é um franganote ao pé de ti.

- O Avdeitch está cansado. Vê-se bem!

- Tem medo de desmanchar o umbigo...

Avdeitch afastou-se dignamente, acompanhado por um coro de gargalhadas. Os cossacos estavam reunidos na praça, em pequenos grupos. Grigóri avistou Michka Kochevói, que não via há muito tempo, e foi ao seu encontro.

- Olá, meu velho!

- Viva!

- Por onde tens andado? De que lado combateste?

Grigóri apertou a mão de Michka a sorrir e fitou abertamente os olhos azuis do outro.

- Estive na reserva, meu caro, e num esquadrão disciplinar, na frente de Kailatch. Por onde é que tenho andado?

- Tive um trabalhão danado para voltar a casa. Queria passar-me para os vermelhos na frente, mas andava mais vigiado do que uma rapariga casadoira pela mãe. Aqui há dias o Iváne Alekceiévitich veio ter comigo, animado e equipado, pronto para partir. «Anda, pega na espingarda, vamos embora!» Eu acabava de chegar e perguntei-lhe: «Não me digas que segues a retirada?» Ele encolheu os ombros: «Tem de ser. O atamane mandou-me chamar. Trabalhei na moagem e estou na lista deles.» Despediu-se e foi-se embora. Julguei que se tinha ido de vez. No dia seguinte (o regimento de Mtzenka já largara), vejo-o reaparecer... Olha, ali está ele. Eh, Ivane Alekceiévitich!...

Iváne Alekceiévitich aproximou-se acompanhado por Davidka, o peneireiro. Davidka ria-se com os dentes todos, que eram brancos como espuma, ria com tanta vontade que parecia ter-lhe saído a sorte grande. Iváne Alekceiévitich apertou a mão de Grigóri com os dedos ossudos que cheiravam a óleo das máquinas e deu um estalo com a língua:

- Como é que te arranjaste para cá ficar, Grishka?

- E tu?

- Eu cá... é diferente.

- Queres dizer por eu ser oficial? Corro o risco. Fiquei. Já me iam matando. Quando começaram a perseguir-me e a disparar arrependi-me de não me ter ido embora. Mas agora já passou

- Porque é que te procuravam? Eram os do 13.º?

- Eram. Estavam a fazer uma farra em casa do Anikuchka.

- Alguém lhes disse que eu era oficial. Não tocaram no Petro, mas a mim... a coisa começou com uma história de galões. Escondi-me na outra margem do Don. Tinha dado cabo de um braço a um tipo de cabelo frisado... Eles vieram a minha casa, levaram-me tudo. Até as calças e os capotes. Só tenho o que trago vestido.

- Devíamos ter passado para os vermelhos antes do caso Podtiólkov... Podíamos estar agora descansados - disse Iváne Alekceiévitich com um sorriso acerbo, enquanto acendia um cigarro.

A praça continuava a encher-se. A reunião foi aberta por um companheiro de Famine, o tenente Laptchenkov, que viera de Viochénskaia.

- Camaradas cossacos! O poder dos Sovietes instalou-se no nosso distrito. É preciso organizar uma administração, eleger uma comissão executiva, um presidente e um vice-presidente. Isso, em primeiro lugar. Depois trago-vos uma ordem do Soviete de distrito; é muito curta: deveis entregar todas as armas, tanto armas brancas como armas de fogo.

- Perfeitamente! - disse alguém com ironia do fundo da multidão.

Seguiu-se um longo silêncio.

- Aí está uma interrupção bastante descabida, camaradas!

Laptchenkov, endireitando-se, poisou o boné sobre a mesa.

- É evidente que deveis entregar as armas: em vossas casas não são precisas. Aquele que quiser defender os soviets receberá armas. Tendes três dias para entregar as espingardas. Agora, quanto às eleições, vou intimar o presidente a dar conhecimento da ordem a cada um de vós; além disso, ele deverá obrigar o atamane a entregar-lhe o selo e o cofre da aldeia.

- Mas foram por ventura eles que nos deram as armas para quererem agora ficar com elas?

Ainda aquele que fazia a pergunta não acabara de falar e já todos se tinham voltado para ele. Tratava-se de Zakhar Koroliov.

- Mas para que queres tu as armas? - perguntou ingenuamente Khristónia.

- Eu cá não as quero para nada. Mas quando se combinou deixarmos passar o Exército Vermelho pelo nosso distrito nunca se estipulou que seríamos desarmados.

- Isso é verdade.

- Fómine tinha-o dito na reunião.

- Nós é que pagamos os sabres com o nosso dinheiro.

- A minha espingarda trouxe-a eu da frente alemã e não vou agora entregá-la.

- Diz-lhes que não entregaremos as armas. Eles o que querem é pilhar os cossacos. Que vai ser de mim sem armas? Que posso eu fazer? Sem armas sou como uma mulher a quem levantam as saias. Fico nu.

- Não se entregam.

Michka Kochevói pediu delicadamente a palavra:

- Desculpem, camaradas. Estou espantado com esta discussão.

- Isto é guerra ou não é?

- Guerra ou não, que diferença faz?

- É porque, se estamos em guerra, não podemos discutir mais. Temos de entregar as armas. Não foi isso mesmo que fizemos quando tomámos as aldeias ucraniianas?

Laípchenkov alisou a pele do barrete e declarou, como que para selar as palavras de Michka:

- Quem não entregar as armas dentro de três dias será acusado perante o tribunal revolucionário e fuzilado como contra-revolucionário.

Após um minuto de silêncio, Tomiline disse numa voz rouca, dando algumas tossidelas:

- Propomos que se passe à eleição.

Apresentaram algumas candidaturas. Lançaram uma dúzia de nomes. Um jovem gritou: «Avdeiltch!» Mas a graçola não obteve êxito. Iváne AlekceiéVitch foi eleito em primeiro lugar, por unanimidade.

- Não vale a pena continuar com a votação – propôs Petro Melekhov.

A assembleia aprovou logo e elegeu sem votação Michka Kochevói para vice-presidente.

No regresso a casa, os Melekhov e Khristónia encontraram a meio caminho Anikuchka, que trazia já debaixo do braço a espingarda e os cartuchos, embrulhados num avental da mulher.

Quando os avistou teve vergonha e meteu-se por uma viela.

Petro olhou para Grigóri. Grigóri olhou para Khristónia. E todos três, como se estivessem combinados, desataram a rir.

XIX

O vento de Leste percorre como um cossaco a estepe mãe. A neve tapa as ravinas e os buracos do terreno. Já não há estradas nem caminhos. Por toda a parte, a perder de vista, a planície branca e nua, alisada pelo vento. Dir-se-ia que a estepe ficou morta. De tempos a tempos, passa um corvo lá no alto; é tão velho como a estepe, tão velho como a campa fúnebre com o seu barrete de neve debruado a antemisia, qual boné de príncipe orlado a pele de castor por cima de um vestido branco. O corvo passa, cortando o ar com as asas que silvam e soltando um grasnido lamentoso. O vento leva para longe aquele grito que fica muito tempo a ressoar tristemente sobre a estepe como a corda grave de um violino em que se tocou por descuido no meio do silêncio da noite.

Porém a estepe vive por baixo da neve. Sob aquela ondulação de prata da terra gradada no Outono jaz o trigo do Inverno prisioneiro do gelo, agarrado ao solo com as suas raízes ávidas e vivazes. Verde e sedoso, coberto das lágrimas minúsculas do orvalho gelado, agacha-se, friorento, de encontro ao húmus macio, alimenta-se do seu sangue negro e vivificante e aguarda a Primavera e o Sol para se erguer, quebrando a crosta diamantina da neve a derreter-se, fina como uma teia de aranha, para reverdecer impetuosamente em Maio. Há-de levantar-se quando soar a sua hora. Dentro dele debater-se-ão as codornizes, por cima dele cantarão as cotovias. O sol brilhará para ele enquanto o vento o embala. Até vir o tempo das espigas cheias em que ele, derrubado pelas bátegas de chuva e pelos ventos maléficos, curvará a cabeça barbuda e deitar-se-á sob a foice do dono, oferecendo humildemente, na eira, os seus grãos perfeitos e gordos.

Todo o país do Don vivia uma vida secreta, abafada. Anunciavam-se tempos difíceis. Estava-se na véspera de grandes acontecimentos. Um rumor negro escorria do Alto Don, ao longo do Tchir, do Tszkane, do Khoopr ou da Elanka, dos ribeiros, grandes e pequenos, ladeados de aldeias cossacas. Dir-se-ia que o mais terrível de tudo não era a frente, que se espaiara como uma vaga por todo o país e se imobilizara para as bandas do Donetz, mas sim as comissões (*Comissão extraordinária diz-se em russo: dchrezvitchainaia komissia, por abreviatura tcheka*) e os tribunais extraordinários.

Dizia-se que estes deviam estar a chegar às stanitsas de um dia para o outro, que já se encontravam em Miguilinsskaia e em Karansskaia, que faziam julgamentos rápidos e davam

sentenças injustas contra os cossacos que haviam combatido ao lado dos brancos. Que o facto de os homens do Alto Don terem abandonado a frente não constituía circunstância atenuante e que o julgamento era de uma simplicidade extrema: acusação, duas ou três perguntas, sentença, e o réu via-se em frente da metralhadora. Que muitos cossacos haviam caído já em Kar zansskaia e em Chumifflinsskaia, sem assistência religiosa... Os veteranos da frente alemã limitavam-se a rir: «Tretas. Histórias que contam os oficiais. Há séculos que os cadetes nos andam a meter medo com o Exército Vermelho...»

Uns, acreditavam, outros não. Diziam-se tantas mentiras! Os menos corajosos foram reunir-se aos brancos. Quanto aos outros, desde que a frente se deslocara, passavam as noites em claro; o travesseiro estava demasiado quente, a cama era dura, a mulher amada deixara de os interessar.

Alguns lamentavam não terem fugido para além do Donetz mas o que não tem remédio remediado está.

Em Tatárski, os cossacos reuniam-se todas as noites nas ruas, contavam as novidades uns aos outros, depois iam beber aguardente de herdade em herdade. A aldeia vivia uma vida calma e triste. Terminada a quaresma, apenas se ouviu o retinir dos guizos de um cortejo de casamento: MichkaKochevói acompanhava a irmã à igreja. E houve quem se lembrasse de comentar com pérfida malícia:

- Aqueles escolheram bem a altura para se casarem. Tinham pressas pelos vistos...

No dia seguinte às eleições, toda a aldeia entregara as armas. Estas enchiam o vestíbulo aconchegado e o corredor da casa de Mokhov, ocupada pelo comité revolucionário. Como todos os outros, Petro Melekhov trouxera a sua espingarda e a de Grigóri, dois revólveres e um sabre. Os dois irmãos haviam conservado as pistolas de oficial e entregado apenas as que tinham trazido da frente alemã.

Petro, que regressava a casa aliviado, encontrou Grigóri no quarto, de mangas arregaçadas, todo entretido a lavar com petróleo as peças ferrugentas de duas culatras de espingardas.

Estas encontravam-se encostadas ao fogão.

- Onde veio isso? - inquiriu Petro, com os bigodes caídos a tremerem de espanto.

- Foi o pai que as trouxe quando me foi visitar a Filónovo.

Os olhos engelhados de Grigóri brilhavam. Desatou a rir, apertando a barriga com as mãos impregnadas de petróleo.

Depois calou-se tão bruscamente como começara e cerrou os maxilares como um lobo.

- E isto ainda não é nada! Começou de súbito a falar baixo, embora ali não estivesse ninguém estranho. O pai confessou-me hoje reprimiu de novo um sorriso que trouxe também uma metralhadora.

- Isso... não .. pode... ser! Mas como? Uma metralhadora para quê?

- Ele diz que foram os homens de um comboio que lha deram, em troca de um saco de leite coalhado. Mas, quanto a mim, está a mentir, o diabo do velho. Tenho a certeza de que a roubou. Ele é como as pegas, agarra em tudo o que apanha a jeito, mesmo aquilo que não tem forças para levantar. Disse-me ao ouvido: «Tenho uma metralhadora enterrada debaixo da eira. Tem uma mola dentro, de que se podem fazer anzóis, mas ainda não lhe toquei. Então eu perguntei: «Porque é que a trouxeste para casa?» «Foi a mola que me tentou, pode ter serventia. Aquilo vale dinheiro, é de ferro...»

Petro irritou-se, queria ir ter com o pai à cozinha, mas Grigóri dissuadiu-o:

- Deixa. Ajuda-me antes a limpar e a consertar isto. Que queres tu que ele te diga?

Petro pôs-se a polir os canos das espingardas; fungou durante muito tempo e depois disse com ar pensativo:

- Talvez ele não se engane. Isto pode ter serventia. O melhor é guardar-se.

Nesse dia, Iváne Tomíline, que viera visitar o Melekhov, repetiu um boato segundo o qual se estavam a fazer execuções em Kazansskaia. Durante a conversa Petro reflectiu laboriosamente. Não estava habituado a pensar e as gotas de suor cobriam-lhe a testa. Depois de Tomíline se despedir, declarou:

- Vou ter com Iakov Fómine a Rubéjine. Segundo me disseram voltou para casa. Parece que é ele quem camarada o comité revolucionário do distrito. Em terra de cegos quem tem um olho é rei. vou pedir-lhe que interceda por nós se houver necessidade disso.

Pantelei Prokófievitch atrelou a égua ao trenó. Daria envolveu-se numa peliça nova e teve um longo conciliábulo com Ilínitchna. Desapareceram juntas na herdade, voltando com um embrulho.

- Que vem a ser isso? - perguntou o velho.

Petro não respondeu, mas Ilínitchna disse muito depressa, a meia voz:

- Tenho andado a guardar esta manteiga, uma taça dela, nunca se sabe o que está para acontecer. Mas agora quero lá saber da manteiga! vou mandar a Daria levá-la à mulher do Fómine. Talvez ele possa fazer qualquer coisa pelo nosso Petro.

E desatou a chorar.

- Valeu bem a pena andar a lutar, a lutar, a arriscar a vida. Agora, por causa daqueles malditos galões, de um instante para o outro ..

- Galante, choramingas! - exclamou Pantelei Prokófievitch.

Atirou, furioso, com o chicote para cima do feno e aproximou-se de Petro:

- Oferece-lhe trigo.

- Ele quer lá saber do teu trigo! explodiu Petro. Era melhor que comprasses aguardente ao Anikuchka, pai, agora trigo .

Pantelei Prokófievitch trouxe debaixo do capote uima bilha de aguardente do tamanho de um balde e declarou, satisfeito:

- Isto é que é boa vodka, santo Deus! Como a que havia no tempo do tzar Nicolau.

- Provaste-a, meu canzana! - gritou Ilínitchnai. O velho, porém, fez orelhas moucas e foi-se a manquitar até casa, todo pimpão, a lambar os beiços, de olhos semiicerrados como um gato, a limpar à manga os beiços inflamados pelo álcool.

Petro saiu do pátio, deixando o portão aberto, como se fosse um visitante.

Além da aguardente, levava outros presentes para esse camarada de regimento que se tornara tão importante: uma peça de fazenda de lã de antes da guerra, botas, uma libra de chá aromatizado, tudo coisas que arranjava em lisski, quando o 28.º Regimento tomara a estação dos caminhos-de-ferro e os soldados haviam pilhado os vagões e os armazéns.

Num desses comboios capturados apoderara-se ele de um cesto cheio de roupas femininas que mandara para casa pelo pai quando este o fora visitar à frente. E Daria começara logo a exhibir essas roupas nunca vistas que excitavam a inveja de Natalia e Duniachka. O pano muito fino, de fabrico estrangeiro, era branco como a neve; dos dois lados de cada peça havia um brasão e uma inicial bordada a seda. As rendas das calças lembravam a espuma do Dom. Na primeira noite a seguir à chegada do marido, Daria deitou-se com umas calças vestidas.

Antes de apagar a luz, Petro sorriu com desprezo:

- Trazes umas ceroulas de homem?

- Assim estou mais quente e é mais bonito – respondeu Daria, pensativa. - De resto, não percebo: se isto fosse roupa de homem, deviam ser mais compridas. E depois as rendas... vocês não usam rendas...

- Talvez os senhores lá da alta usem rendas. Veste lá o que quiseres, a mim não me importa respondeu Petro, a coçar-se todo ensonado.

Essa questão não o interessava particularmente. Porém, nas noites seguintes, ao deitar-se junto da mulher, afastava-se sem querer, com temor e respeito, olhando assustado para as rendas, com medo de as amarrotar. E sentia-se como um estranho ao lado de Daria. Não estava habituado a roupas brancas. Na terceira noite, zangou-se, declarando perentòriamente:

- Tira lá essas calças e manda-as para o diabo. Isso não são roupas de mulher e não é próprio para ti. Parece uma fidalga, nem te conheço com essa coisa vestida.

No dia seguinte de manhã, levantou-se mais cedo do que Daria. De sobrelha cerrada, a tossir, tentou enfiar as calças. Olhou durante muito tempo, com toda a atenção, para os cordões, para as rendas e para as suas pernas nuas, peludas acima do joelho, voltou-se e, vendo-se por acaso no espelho, com as pregas fundas a tufarem atrás, cuspiu, praguejou e tratou de sair de dentro das calças demasiado largas com uma ligeireza de urso. Enfiou o dedo grande nas rendas, ia caindo sobre a arca, e por fim, enraivecido, rebentou com os cordões para se libertar. Daria perguntou-lhe com uma voz ensonada:

- Que estás tu a fazer?

Petro limitou-se a fungar e cuspiu várias vezes para o chão. Quanto às calças, na impossibilidade de se saber a que sexo convinham, Daria guardou-as na arca nesse mesmo dia, juntamente com outras peças às quais as mulheres da casa Melekhov não haviam encontrado qualquer utilidade. Mais tarde, essas mesmas peças viriam a ser transformadas em coletes.

Daria, porém, ficou com as saias brancas. Estas eram demasiado curtas, mas ela arranjou maneira de as acrescentar em cima de modo a aparecer por baixo da saia um bom bocado de rendas. Assim, Daria podia pavonear-se com um palmo de renda da Holanda a varrer o chão.

Para ir com o marido a casa de Fomine, a rapariga não podia deixar de vestir a sua indumentária rica e vistosa. A peliça do Don debruada a pele deixava aparecer as rendas da saia branca e o vestido de seda novo mostraria bem à mulher de Fómine, essa nova-rica, que Daria não era uma simples cossaca, mas sim a mulher de um oficial.

Petro agitava o chicote e dava estalos com a língua. A égua cheia, de pescoço pelado, trotava suavemente sobre o gelo liso do Don. Chegaram a Rubéjine à hora do almoço. Fómine estava em casa. Recebeu Petro com amabilidade, convidou-o a sentar-se à mesa e sorriu por entre os bigodes russos quando o pai retirou do trenó coberto de gelo a bilha de vodka coberta de poeira de feno.

- Há que tempos te não via, meu caro - disse lentamente Fómine com a sua voz grave e agradável, enquanto lançava para Daria um olhar de viés com os seus olhos afastados de conquistador, ao mesmo tempo que torcia dignamente os bigodes.

- Estes movimentos de tropas, lakov Efimytoh, sabes tu?... A hora é grave...

- Também me parece! Mulher, traz-nos pepinos, couve e peixe seco!

Fazia muito calor na salinha apertada. Sobre a lareira estavam deitadas duas crianças: um rapazinho, com os mesmos olhos azuis e afastados do pai, e uma garota. Depois de beberem alguns copos, Petro entrou no assunto:

- Segundo se diz nas aldeias, parece que estão aí já as comissões extraordinárias que vão julgar os cossacos.

- O tribunal da 15.ª Divisão de Inza está em Vióchénsskaia. Mas por que perguntas? Em que é que isso te interessa?

- Ouve cá, Iakov Efímytch, sabes que me consideram oficial. Mas pode dizer-se que só o fui aparentemente.

- Sim, e depois?

Fómine sentia-se senhor da situação. O álcool dava-lhe segurança e um certo ar atrevido. Bmpertigava-se todo, a alisar os bigodes, e fitava Petro com olhos autoritários e inquisidores.

O outro, que percebera as suas intenções, mostrava-se humilde como um cachorrinho, sorria servilmente, e ora tratava Fómine por tu ora lhe dava senhoria.

- Lutámos juntos, eu e tu, não tens nada a censurar-me. Alguma vez estive contra si? Nunca na vida! Deus é testemunha de que sempre me conservei ao lado das tropas.

- Sabemos isso. Não te preocupes, Petro Pantéleiévitch. Todos te conhecemos por dentro e por fora. Ninguém te fará mal. Mas há por aí outros que terão de se haver connosco. Há por aí outros a quem havemos de deitar a mão. Não faltam patifes à nossa volta. Ficaram por cá, mas lá têm a sua ideia. Enterraram as armas.. E tu, entregaste as tuas? Hem?

Fomine passara tão rapidamente da conversa amena para o ataque directo que Petro perdeu as estribeiras; fez-se muito vermelho:

- Tu entregaste as tuas, não? Mas que tens tu? - Insistia Fómine, curvado sobre a mesa.

- Pois claro que entreguei, Iakov Efímytch. Não vais pensar.. Tenho a consciência tranquila...

- Tens a consciência tranquila? Nós já vos conhecemos.. Eu sou cá da terra ..

Piscou o olho de bêbado e abriu a boca poderosa de dentes regulares.

- Quando estendemos a mão a um cossaco rico temos de conservar a faca na outra, de contrário . Grandes cachorros! Já vos conheço! Cambada de traidores! Mas não tenhas medo que ninguém te incomodará. Só tenho uma palavra.

Daria comia gelatina e, por delicadeza, não tocava no pão.

A dona da casa servia amavelmente.

Petro despediu-se antes de anoitecer, tranquilo e bem disposto.

Assim que Petro partiu, Pantelei Prokófievitch foi visitar o seu compadre Korchunov. A última vez que o fizera fora antes da chegada dos vermelhos. Lukinitchna preparava então as coisas para a partida de Mitka e a casa estava numa barafunda..

Pantelei Prokófievitch sentira-se a mais e fora-se logo embora. Mas desta vez resolveu ir ver se tudo corria bem em casa de Mírone e além disso seria uma boa oportunidade para dizerem mal dos tempos que iam correndo.

O percurso até ao outro extremo da aldeia, feito a coxear, Levou-lhe um certo tempo. No pátio encontrou o avô Grichaka, cada vez mais velho e desdentado. Era domingo e o ancião dirigia-se para a igreja. Ao vê-lo, Pantelei Prokófievitch ia caindo de costas: o velhote trazia por baixo da peliça aberta todas as medalhas e cruzeiros que ganhara na guerra da Turquia; os colarinhos vermelhos saíam para fora da gola dura da farda, à moda antiga, e trazia umas calças com uma larga banda vermelha, já muito deformadas, metidas para dentro das meias de lã branca. Na cabeça, enterrado até às orelhas cor de cera, ostentava um boné com um distintivo.

- Que é isso, avôzinho? Deves estar louco! Nos tempos que vão correndo já ninguém usa cruzeiros nem esse distintivo.

- Hem? - gritou o avô Grichaka, levando à orelha a mão em concha.

- Estou a falar do teu distintivo. Tira-o. E as cruzeiros também.

- Podem prender-te. com o governo dos Sovietes isso é proibido pela lei.

- Olha, meu filho, eu cá servi leal e fielmente o tzar branco. Este poder agora não vem de Deus. Foi ao tzar Alexandre que eu prestei juramento e não a camponeses. É o que te digo!

O avô Grichaka mexeu os lábios pálidos, limpou os bigodes esverdeados, apontando com a bengala na direcção de casa.

- Vais visitar o Mírone? Ele está lá, mas o Mitka acompanhou a retirada. Que a rainha dos Céus o proteja! Os teus filhos ficaram? Hem? Enfim! São estes os cossacos de agora! Contudo tinham prestado juramento ao atamane, não é verdade?

- O exército do Don está a passar um mau bocado e eles ficam junto das mulheres. . A Natalia está boa?

- Está boa, sim Mas olha as tuas cruzeiros Volta para casa. Isso agora é proibido. Meu Deus, estarás louco, avôzinho?

- Vai-te embora com Deus! És novo demasiado para me dares lições.

O avô Grichaka avançava a direito sobre Pantelei Prokófievitch que teve de se afastar do carreiro para lhe dar passagem. Depois ficou-se a vê-lo caminhar, enquanto abanava a cabeça com um ar desesperado.

- Encontrei o nosso militar? Que castigo! Só Deus é que lhe poderia meter o juízo naquela cabeça! - Mirone Grigorievitch, que envelhecera deveras naqueles últimos tempos, ergueu-se para receber o compadre. - Pendurou todos os berloques, enfiou o boné com o distintivo e lá vai! Para lhos tirar seria preciso jogar as bulhas com ele. Parece uma criança, não compreende nada.

- Deixa-o divertir-se, que já não tem muito tempo para o fazer observou Lukinitchna. Então como vão todos lá por casa? Ouvimos dizer que os anticristos quiseram fazer mal ao Gricha.

Sentou-se ao lado dos dois homens, com os cotovelos melancolicamente apoiados na mesa.

- Já sabes o nosso desgosto, compadre. Levaram-nos os quatro cavalos. Só nos resta uma égua e um poldro. Estamos arruinados.

Mirone Grigorievitch fechou um olho como quem faz pontaria e começou a falar numa voz alterada, com uma raiva surda:

- Queres saber porque é que tudo vai de mal a pior? Quem tem a culpa disto tudo? É este maldito regime. É ele, compadre! Pode-se lá imaginar uma coisa assim? Serem todos iguais? Nem que me matem posso concordar com isso. Trabalhei toda a vida, dei cabo das costas, suei sangue, e tudo para ficar em igualdade com aqueles que nunca buliram uma palha? Isso não! Esperem-lhe pela volta! Este regime corta os braços e as pernas a quem quer trabalhar. De que serve ganhar dinheiro?

- De que serve uma pessoa matar-se? Só dá vontade de largar tudo! Hoje consegues ganhar dinheiro. Amanhã não estás melhor do que os outros .. Ouve lá mais esta, compadre. Tenho um camarada do regimento que veio outro dia de Mrykihine para me visitar. Conversámos os dois... A frente é agora no Donatz. Mas poderá aguentar-se? Cá por mim, confesso-te: explico a toda a gente de confiança que é preciso ajudar os nossos que estão do outro lado do Donetz...

- Mas ajudá-los, como? inquiriu Pantelei Prokófievitch, assustado, baixando desnecessariamente a voz.

- Como? Derrubando o regime. Mas derrubando-o de tal maneira que ele volte ao governo de Tambov. Que vá estabelecer a igualdade entre os camponeses. Cá por mim daria tudo quanto tenho, até ao último centavo, para aniquilar esses tipos.

- É preciso, compadre, é preciso fazer compreender isto a toda a gente. E sem demora, antes que seja demasiado tarde... O meu camarada disse-me que os cossacos começam a agitar-se. Mas é preciso que todos se unam.

E Mirone Grigórievitch acrescentou muito depressa, em voz baixa e entrecortada:

- As tropas vermelhas foram-se embora. Quantos vermelhos ficaram por cá? As contas fazem-se bem: só os presidentes. Um em cada aldeia. Podemos cortar-lhes a cabeça num abrir e fechar de olhos. Então em Viodhénskaia, se todos nos unirmos como um só homem, fazemo-los em pedaços. As pessoas não nos hão-de abandonar... A coisa está garantida, compadre.

Pantelei Prokófievitch levantou-se. E aconselhou prudentemente, medindo as palavras:

- Tem cautela, não dês um passo em falso. Isto pode ser um caso muito sério. Os cossacos hesitam, é certo, mas ninguém sabe para que lado vão cair. Não se pode falar destas coisas com toda a gente... Aos novos, ninguém os percebe, andam com os olhos tapados. Uns vão, outros ficam, é uma desgraça. Isto não é vida, é um inferno.

- Não tenhas medo, compadre - disse Mirone Grigórievitch, com um sorriso protector. - Eu não ando a falar nisto para aí à toa. Os homens são como os carneiros, para onde vai um vão todos. É preciso mostrar-lhes o caminho. É preciso abrir-lhes os olhos acerca do poder dos Sovietes. Se não houver nuvens não há trovoadas. Digo-te com toda a franqueza: temos de nos revoltar. Diz-se para aí que eles têm ordem de suprimir todos os cossacos. Que haverá de verdade nisto?

O sangue subiu ao rosto de Pantelei Prokófievitch por baixo das sardas.

- Que vai ser de nós, Pantelei? Parece que já começaram os fuzilamentos... Isto é vida? Vê lá tu como tudo ruiu nestes últimos anos! Já não há petróleo, nem fósforos. Por fim, Mokhov já só vendia chocolates. E as sementeiras? Que é que se semeia agora em comparação com o que era antigamente? Já não há cavalos, foi-se tudo. A mim, requisitaram-me os meus.

- A outros... Requisitar não é difícil, mas criá-los? Noutros tempos, quando eu era garoto, tínhamos oitenta e seis cavalos. Recordas-te, com certeza. Aquilo é que eles galopavam! Alcançavam um Kalmuk. Tínhamos um alazão estrelado. Eu costumava caçar às lebres com ele. Selava-o, saía para a estepe e mal eu levantava uma lebre, esta não conseguia -fazer mais de cem ságenas sem ficar esmagada debaixo do cavalo. Lembro-me como se fosse ontem.

Um sorriso quente iluminava o rosto de Mirone Grigórievitch.

- Uma vez, ia eu muito descansado para o moinho de vento, quando vejo vir uma lebre direita a mim. Corro para ela e a bicha mete pela encosta abaixo, na direcção do Don. Estava-se na semana da Páscoa. O vento varrera a neve e aquilo escorregava como o diabo. Dei-lhe o mais que podia para agarrar a lebre, mas nisto o cavalo escorrega e cai-me de pernas para o ar. Nunca mais se levantou. Eu tremia como varas verdes. Tirei-lhe a sela e corri a casa.

«Pai, o meu cavalo caiu e matou-se quando eu ia a perseguir uma lebre.»

«E apanhaste-a?»

«Não.»

«Sela o Fusco e vai agarrá-la, filho de uma cadela!»

- Eram bons tempos. Vivía-se bem, os cossacos tinham tudo quanto queriam. Morria um cavalo? Que importância tinha isso? O que interessava era agarrar a lebre! O cavalo valia cem rublos e a lebre dez kopecks... Mas para que serve agora falar nisso? ..

Pantelei Prokófievitch regressou de casa do compadre mais perturbado do que nunca, roído de inquietação e de angústia. Sentia claramente que a vida passara a ser dominada por forças estranhas e hostis. Outrora, governava a sua vida e a herdade como quem monta um cavalo bem ensinado numa corrida de obstáculos; hoje, era arrastado pela vida como por um cavalo que houvesse tomado o freio nos dentes; não era ele que o dirigia, limitava-se a andar aos baldões, na sela, fazendo esforços inúteis para não cair.

Via o futuro envolto em nevoeiro. Ainda não ia longe o tempo em que Mirone Grigóievitch era o proprietário mais rico da região. Os três últimos anos haviam-lhe dizimado a fortuna. Os serviçais tinham-no abandonado, semeava nove vezes menos do que dantes, os bois e os cavalos deixavam a herdade a troco de um dinheiro desvalorizado. Tudo se passara como num sonho. Tudo desaparecera como a bruma do Don.

Para recordar o passado, só restava a casa com figurinhas esculpidas na varanda e cornijas cinzeladas que haviam perdido a cor. A barba de Korchunov, ruiva como a pele da raposa, desbotara prematuramente, salpicada de pêlos brancos; seguiram-se os cabelos que embranqueceram em tufos como os arbustos das terras arenosas e agora toda a fronte apresentava uma brancura de sal; e a onda ia avançando, cabelo por cabelo, até a cobrir todo o crânio. Também, no interior de Korchunov, havia duas forças que lutavam entre si furiosamente: o seu sangue vermelho revoltava-se, impelia-o para o trabalho, obrigava-o a semear, a construir telheiros, a reparar as alfaias, a enriquecer; porém a angústia que o assaltava cada vez com mais frequência (nada vale a pena, é tempo perdido) pincelava tudo com o branco mortal da indiferença. As suas mãos, que fazia impressão ver, já não empunhavam, como antigamente, o martelo e a serra: ficavam ociosas sobre os joelhos,

deformadas pelo trabalho, numa constante agitação. Os tempos difíceis tinham-lhe apressado a velhice. E a terra tornara-se--lhe odiosa. Na Pri mavera dirigia-se à herdade como quem vai a uma propriedade de que se não gosta, apenas por hábito e por dever. Já lhe não interessava ganhar e custava-lhe menos perder... Quando os vermelhos lhe levaram os cavalos, não se manifestou, ao passo que dois anos antes, por uma coisa de nada, quando os bois lhe pisaram uma paveia de trigo, ia matando a mulher à pancada.

«O Korchunov comeu de mais, agora está a deitar fora», costumavam dizer os vizinhos.

Pantelei Prokófievitch, ao regressar a casa, foi deitar-se em cima da cama. Sentia espasmos na boca do estômago e subia-lhe à garganta uma agonia. Depois da ceia pediu à mulher melancia salgada. Trincou um bocado e depois, começando a tremer, mal pôde caminhar até ao fogão. No dia seguinte de manhã não dava acordo de si, devorado pelo tifo, aniquilado.

Tinha os lábios gretados e secos, o rosto amarelo, o branco dos olhos como que esmaltado de azul. A tia Drózdikha fez-lhe uma sangria e tirou-lhe da veia do braço duas taças de sangue negro como pez. Mas nem assim recuperou a consciência, a sua pele revestiu-se de uma palidez azulada, a boca de dentes negros abriu-se cada vez mais, aspirando o ar com um muído de ventosa.

XX

No fim de Janeiro, Iváne Alekceiévitich partiu para Viochénsskaia convocado pelo presidente do comité revolucionário do distrito. Esperava-se que regressasse à noite. Michka Kochevói estava sentado a uma secretária vasta como uma cama de casal, no compartimento que servira outrora de gabinete na casa Mokhov. O miliciano Olcihanov, enviado de Viochénsskaia, encontrava-se semi-deitado no peitoril da janela (havia ali apenas uma cadeira); fumava em silêncio, cuspiu habilmente para longe, acertando sucessivamente em todos os ladrilhos da chaminé. A noite, para além das janelas, ardia com a luz das estrelas. Uma calma sonora e gelada envolvia a aldeia. Michka estava a assinar o protocolo de uma busca em casa de Asstakhov e lançava de tempos a tempos um olhar pela janela por cima dos ramos salpicados de gelo.

Alguém transpôs a entrada e ouviu-se o ruído suave de umas botas de feltro.

- Aí vem ele!

Michka ergueu-se. Mas a tosse e os passos no corredor não eram os de Iváne Alekceiévitich. Grigóri Melekhov entrou, com o capote abotoado até ao pescoço, vermelho de frio, o bigode e as sobrancelhas cobertas de gelo.

- Vi luz aqui... Boas noites.

- Entra. Tens alguma queixa a apresentar?

- Não me queixo de nada, venho conversar um bocado e aproveito para te pedir que nos dispenses do serviço: temos os cavalos mancos.

- E os bois? - inquiriu Michka, observando-o discretamente de soslaio.

- Como queres tu atrelar bois com o chão escorregadio?

Alguém atravessou o átrio com passos pesados, deslocando as tábuas mal unidas. Iváne Alekceiévitich, envergando um tapete de feltro e um capuz atado como os das mulheres, entrou na sala. Acompanhou-o uma lufada de ar fresco e um cheiro a feno e a tabaco.

- Estou gelado, gelado, rapazes! Viva, Grigóri. Que ideia essa de saíres à noite?... Foi o diabo quem inventou estes capotes. O vento atravessa-os como se fosse uma peneira.

Despiu o capote e, antes ainda de o pendurar, declarou:

- Ora bem! Estive com o presidente.

Iváne Alekceiévitich, radiante, com os olhos a brilhar, aproximou-se da mesa, impaciente por contar tudo.

- Entrei no escritório dele. Apertou-me a mão e disse-me: «Senta-te camarada.» Um chefe de distrito! Quando, noutros tempos... Lembram-se como se estava na frente de um general-major?

- Pois agora é assim mesmo, com o poder dos Sovietes: todos iguais!

O seu rosto animado e feliz, a agitação que manifestava, as suas pa'lavras entusiastas, tudo isso se tornava incompreensível para Grigóri, que perguntou:

- Porque vens tão contente, Iváne Alekceiévitich?

- Ora essa, porque estou contente?

O queixo profundamente rachado de Iváne Alekceiévitich pôs-se a tremer.

- Como não hei-de estar contente se me tratam como um homem? Estendeu-me a mão, de igual para igual, mandou-me sentar...

Grigóri arrebitou o bigode com a mão aberta e semicerrou os olhos:

- Conheci um que desenhou os seus galões com um lápis. Os generais também apertavam a mão aos cossacos. Os generais faziam isso obrigados e estes fazem-no de vontade. Não vês a diferença?

- Não há diferença - tornou Grigóri, sacudindo a cabeça.

- Então, para ti, o poder também não mudou? Quando lutámos, por que foi? Tu, por exemplo, porque lutaste? Pelos generais? E dizes que não há diferença!

- Eu lutei por mim, não foi pelos generais. Se queres que te diga, não gosto de uns nem de outros.

- Então gostas de quem?

- De ninguém.

Kichanov cuspiu um escarro para o outro extremo da sala, acompanhado de uma gargalhada de aprovação. Pelos vistos, também ele não gostava nem de uns nem de outros.

- Parece-me que nem sempre pensaste assim.

Míchka dissera aquilo com o intuito de ferir Grigóri, mas este não se deu por achado.

- Eu, tu, todos nós... Cada um tinha a sua ideia...

Iváne Alekceiévitich desejaria ficar a sós com Míchka a fim de lhe descrever pormenorizadamente a sua viagem e a entrevista com o presidente, porém a conversa começava a aquecer e, sob a influência recente do que vira e ouvira na capital do distrito, atirou-se de cabeça:

- Tu o que queres é confundir-nos, Grigóri. Afinal nem sabes o que desejas.

- Isso é verdade, nem eu próprio o sei - concordou Grigóri.

- Que tens tu a censurar aos Sovietes?

- E tu, porque te empenhas tanto em defendê-los? Desde quando és assim tão vermelho?

- Não tens nada com isso. Falas comigo e aceitas-me tal como sou hoje, percebeste? E não te preocupes também com o poder dos Sovietes, porque o presidente sou eu e não estou disposto a discutir isso contigo aqui.

- Está bem, não se fala mais no assunto. De resto, tenho de me ir embora. Vim aqui para falar do serviço. Mas, quanto ao poder dos Sovietes digas tu o que disseres, é uma porcaria. com toda a franqueza: que é que ele nos dá a nós, os cossacos?

- Quais cossacos? Há-os de várias espécies.

- A todos.

- A liberdade, os direitos... Mas ouve lá... Que é que tu... Era isso mesmo que se dizia em 1917. Agora tens de inventar outra coisa. Interrompeu Grigóri. Dá-nos terra? Liberdade? Faz-nos todos iguais? Quanto a terra, já temos que farte. Liberdade, também não queremos, senão cortamos o pescoço uns aos outros na rua. Dantes escolhíamos os nossos atamanes, agora são-nos impostos. Quem foi que o escolheu? Aquele que te fez o favor de te apertar a mão? Esse tal poder dos Sovietes só arruína os cossacos. É um poder que apenas favorece os camponeses. A eles, sim. Mas nós também não precisamos dos generais. Generais ou comunistas, a escravatura é a mesma.

- Os cossacos ricos não precisam dos Sovietes, mas os outros? Em cada aldeia há três ricos, os outros são pobres. E os operários, esqueces-te deles? Não, nós não podemos pensar como tu. É preciso que os cossacos ricos dêem uma fatia do bolo àqueles que têm fome. Se o não fizerem temos de lha tirar da boca juntamente com a pele. A vida de nababo acabou-se! Eles roubaram a terra...

- Não roubaram nada, conquistaram-na. Os nossos avós regaram-na com o seu sangue, talvez por isso ela é fértil. O que não impede que se deva partilhá-la com os miseráveis. Partilhar é partilhar. Tu és como o catavento, Grigóri. São os tipos como tu que armam os sarilhos.

- Vamos, não te zangues. Isto é só conversar, entre amigos.

- Eu cá digo o que penso. Tu falas em «igualdade». É com isso que vocês, os bolcheviques, enganam o povo ignorante. Dizem coisas muito bonitas e as pessoas caem logo como patinhos. Mas essa tal igualdade, onde está ela? Veja-se o Exército Vermelho. Passou lá pela aldeia. O chefe de pelotão tem botas de coiro e o soldado usa grevas. Vi um comissário todo vestido de cabedal dos pés à cabeça, até os calções e o casaco; mas há

outros que não têm sapatos. E o regime ainda não tem um ano de existência; se ele se implanta, para onde vai a igualdade? Lá na frente, nós dizíamos: «Seremos todos iguais, o mesmo soldo tanto para os soldados como para os chefes!...» Não. Tudo isso são balelas. Se o patrão é mau, o criado quando passa a patrão é cem vezes pior. Os oficiais eram malandros, mas o soldado raso quando se torna oficial... é o fim. Não pode haver nada pior. Ele tem a mesma instrução que os outros: só sabe guardar bois. Mas, logo que se julga alguém, embriaga-se com o poder e seria capaz de degolar toda a gente só para manter o seu lugarzinho.

- Falas como um contra-revolucionário disse friamente

Iváne Alekceiévitich, sem erguer os olhos para Grigóri. Não me convences nem eu pretendo convencer-te a ti. Há muito que não te via e não nego que agora és para mim um estranho.

- És um inimigo do poder dos Sovietes.

- Não esperava isso de ti... Então, só porque tenho as minhas ideias, sou um contra-revolucionário? Um cadete?

Iváne Alekceiévitich pegou na bolsa de tabaco de Kichanov e prosseguiu com mais brandura:

- Como é que te hei-de convencer? Temos de compreender estas coisas por nós. com o coração. As palavras não são o meu forte, não sei nada, não sou instruído. Mas aprendo muito por intuição.

- Acabem lá com isso? gritou Michka furioso.

Saíram juntos do comité executivo. Grigóri ia calado.

Incomodado com o silêncio e sem indulgência para a hesitação, pois era coisa que ele desconhecia, era como se contemplasse a vida do alto de um outeiro. Iváne Alekceiévitich declarou quando se separaram:

- Fica lá com as tuas ideias e cala-te. Senão, muito embora te conheça há muito e apesar do Petro ser meu compadre, hei-de arranjar maneira de proceder contra ti. Não vale a pena incomodar mais os cossacos. Eles já têm a sua conta. Mas a ti, havemos de esmagar-te!... Adeus.

Grigóri foi-se embora com a sensação de haver dado um passo em frente. O que antes se lhe afigurava confuso surgia-lhe agora com toda a clareza. Afinal, durante o calor da discussão, ele não fizera mais do que exprimir aquilo que pensara durante os últimos dias e se acumulara dentro dele, à procura de uma saída. E o facto de se sentir assim apanhado entre duas forças antagónicas que igualmente repudiava fazia nascer nele uma irritação surda e contínua.

Michka e Iváne Alekceiévitich seguiram juntos. Iván retomou a descrição da sua visita ao presidente do distrito, porém as cores da narrativa estavam agora embaciadas. Tentava recuperar o primitivo bom humor, mas não o conseguia: havia qualquer coisa que se metia de permeio e o impedia de se sentir alegre, de respirar a plenos pulmões o ar baço e gelado. Tendo consciência disso, declarou furioso:

- Tipos como este Gricha, numa batalha, só servem para atrapalhar. Que merda! Nunca alcança a margem, flutua como um cagalhão na água. Se me voltar a aparecer, ponho-o a andar e, se se lembrar de fazer propaganda, meto-o à sombra

- E tu, Michka, que dizes a isto? Hem?

Michka, mergulhado nos próprios pensamentos, respondeu apenas com uma praga.

Na próxima esquina voltou-se para Iváne Alekceiévitich. Pairava-lhe um sorriso nos lábios, nos seus lábios grossos de rapariga.

- Sabes, Iváne, a política é uma grande porcaria. Santo Deus! Podemos conversar seja do que for sem nos irritarmos. Mas quando começamos esta conversa com o Gricha... Sempre nos demos muito, fomos companheiros na escola, andámos juntos atrás das raparigas, é como se fosse meu irmão... Mas quando ele começou a falar, fiquei tão furioso que sentia o coração do tamanho de uma melancia. Desatei a tremer. Era como se ele me tirasse qualquer coisa que me era muito cara. Como se me estivesse a roubar. É assim que às vezes se mata um tipo no meio de uma discussão. Agora, nesta guerra, já não há amigos, já não há irmãos. Quem segue por mau caminho é melhor afastar-se!

A voz tremia-lhe com o desgosto.

- Nunca me irritei tanto com ele por causa de uma rapariga como por aquilo que ele disse esta noite. Garanto-te!

XXI

A neve caía mas derretia-se ainda no ar. Pelo meio-dia, os montes de neve desmoronavam-se nas ravinas, produzindo um ruído surdo. Na outra margem do Don, a floresta rumorejava. Os troncos dos carvalhos, degelando, tornavam-se escuros. Gotas de água pingavam dos ramos e furavam a neve, até atingirem a terra quente sob o seu manto de folhas mortas e apodrecidas. A Primavera anunciava-se já com o odor inebriante do degelo e os pomares cheiravam às cerejeiras.

Apareceram fendas na superfície do Don. O gelo retirava-se das margens e a água verde-clara das bordas invadia os buracos.

Uma carroça que transportava para o Donetz um carregamento de obuses deteve-se em Tatárski, para mudar de equipagem. Os soldados vermelhos da escolta eram sujeitos rudes. O chefe ficou a fim de vigiar Iváne Alekceévitch, declarando-lhe mesmo: «Fico junto de ti porque podias pôr-te a andar, nunca se sabe.» E mandou os outros buscar as equipagens.

- Precisava de quarenta e sete trenós de dois cavalos.

Emeliane, antigo cocheiro de Mokhov, apresentou-se em casa dos Melekhov:

- Atrelem os cavalos, para levarmos obuses para Bokóvskaia.

Petro resmungou sem se atrapalhar:

- Os nossos cavalos estão mancos e a égua foi ontem levar feridos a Viochénskaia.

Emeliane, sem dizer palavra, dirigiu-se à cavalaria. Petro correu atrás dele, em cabelo, gritando:

- Estás a ouvir? Espera aí... Não vais fazer isso sozinho?

- Primeiro não te faças idiota - declarou Emeliane, olhando muito sério para Petro. - Quero examinar os cavalos para saber porque estão mancos. Não os teriam vocês magoado de propósito com um martelo? A mim não me levam assim com essa facilidade. Vi mais cavalos na minha vida do que vocês montes de esterco. Tratem de atrelar, tanto me faz », que sejam cavalos como bois.

Foi Grigóri quem acompanhou o comboio. Antes de par tir, entrou na cozinha; beijou os filhos e disse muito depressa:

- Hei-de trazer-vos presentes, mas portem-se bem e obedeçam à vossa mãe.

E depois, dirigindo-se a Petro:

- Não se preocupem comigo. Não devo ir longe. Se me quiserem levar para além de Bokóvskaia, largue os bois e venho-me embora... Mas não regressarei aqui. Ficarei primeiro em Singuine, em casa da tia. E depois vais-me lá visitar, Petro.

- Tenho medo de ficar por cá. - sorriu: - Bem, até à vista, Natachka, não te apoquentes.

Carregaram as caixas dos obuses junto do armazém de Mokhov, transformado em depósito de víveres, e partiram.

«Eles lutam por uma vida melhor», pensava constantemente Grigóri, meio deitado no trenó, com a cabeça embrulhada no capote, embalado pelo passo regular dos bois. «Só há uma verdade nesta vida. O mais forte devora o mais fraco... Eu procurava a verdade errada. Sofria, andava de um lado para o outro... Diz-se que outrora os tártaros oprimiram o país do Don e queriam apoderar-se da terra, reduzir-nos à escravatura. Agora são os russos. Não, não seguirei a minha ideia. Eles são estrangeiros para mim e para todos os cossacos. Os cossacos começam a compreender. Abandonaram a frente e agora dizem como eu: «Ah, se eu soubesse!»

As ervas bravas dos taludes, as colinas ondulantes, as ravinas cobertas de silvas vinham ao seu encontro e os campos de neve, ao longe, deslizavam, fugiam para o sul com a velocidade de um trenó. A estrada estendia-se, infindável, monótona, convidando ao sono.

Grigóri instigava preguiçosamente os bois, dormitava, voltava-se e tornava a voltar-se ao lado dos caixotes, depois enterrou a cara no feno que cheirava às ervas secas, espalhando um perfume suave, o perfume dos dias de Junho, até que adormeceu sem dar por isso. Sonhou que seguia com Akcínia por entre os trigais altos e rumorejantes. Akcínia transportava com precaução uma criança nos braços e observava furtivamente Grigóri. Este escutava o bater do seu próprio coração, o murmúrio cantante das espigas, via a fímbria fabulosa das ervas na orla dos campos, o azul impressionante do céu. Dentro de si subia e fermentava um sentimento: o seu amor por Akcínia, aquele amor esgotante de outrora; sentia-o em todo o corpo, em cada pancada do coração e dava-se conta de que tudo aquilo era irreal, de que tudo quanto brilhava à frente dos seus olhos estava morto, não passava de um sonho. Mas sentia-se feliz com esse sonho e acolhia-o como se fosse verdade.

Akcínia tinha o mesmo aspecto de há cinco anos, mostrava-se reservada, um pouco fria. com aquela nitidez dos sonhos que não existe na realidade, Grigóri via-lhe os caracóis da nuca agitados pelo vento, as pontas do lenço branco...

Acordou com um choque e, ao mesmo tempo, ouviu um ruído de vozes que o despertou por completo.

Vinha em sentido inverso um enorme cortejo que se cruzava com a fila dos trenós.

- Que transportam vocês aí, amigos? gritou com uma voz rouca Bobóbskov, que seguia na frente de Grigóri.

Os patins rangiam, as patas bifurcadas dos bois faziam estalar a neve. Os condutores ficaram um longo momento calados e, por fim, um deles respondeu:

- Cadáveres. Mortos com o tifo...

Grigóri ergueu a cabeça. Cadáveres de capotes cinzentos, cobertos com um oleado, amontoavam-se sobre os trenós. O flanco do trenó de Grigóri bateu num braço que saía para fora, e este produziu um ruído surdo, metálico... Grigóri voltou a cabeça com indiferença.

O cheiro adocicado e penetrante das ervas secas provocava-lhe de novo a sonolência, fazia-o voltar suavemente ao passado quase esquecido, obrigava-o mais uma vez a oferecer o coração à lâmina aguda do amor frustrado. Estendido no trenó, com o rosto encostado a uma haste seca, Grigóri sentia uma dor ao mesmo tempo pungente e deliciosa. O seu coração sangrava, assaltado pelas recordações, batia com irregularidade, impedindo-o de dormir.

XXII

Os raros homens que se haviam agrupado em volta do comité revolucionário da aldeia eram Davidka, o peneireiro, Timófei, Emeliane e Filka, o sapateiro de rosto bexigoso. Era neles que se apoiava Iváne Alekceiévitich no seu trabalho quotidiano e cada dia sentia crescer mais a barreira que o separava da aldeia. Os cossacos tinham deixado de vir às reuniões ou, quando vinham, era só depois de Davidka e os outros terem percorrido todas as herdades intimando-os a comparecer.

Assistiam às reuniões, não diziam palavra, concordavam com tudo. Tratava-se sobretudo de jovens, mas mesmo entre esses não havia simpatizantes. Nas reuniões a que presidia na praça do mercado, Iváne Alekceiévitich só via rostos de pedra, olhares enviesados. Isso arrefecia-o por dentro, os olhos enchiam-se-lhe de angústia, a sua voz tornava-se frouxa e mal segura.

- Estamos divorciados da aldeia, camarada Kotliarov. As pessoas revoltam-se, estão furiosas. Ontem fui pedir carros para transportar a Viochénskaia soldados vermelhos feridos e ninguém quis ir. É difícil viver-se sob o mesmo tecto quando se está divorciado. E bebem que nem uns danados! Em todas as quintas se está a distilar.

Michka Kochevói mostrava-se taciturno, mas um dia explodiu.

Antes de regressar a casa, à noite, pediu a Iváne Alekceiévitich:

- Dá-me uma espingarda! Tenho medo de sair sem armas. Não notaste nada? Acho que é preciso intervir contra certas pessoas... Temos de prender o Grigóri Melekhov, o velho Baldryov, o Matvei Kachúline, o Mírone Korchunov. Pela calada, levam a palma a todos os cossacos, os bandidos... Estão à espera de reforços da outra margem do Donetz.

Iváne Alekceiévitich, encolhendo os ombros, fez um gesto triste com a mão.

- Ah, se começássemos a prender neles, teríamos de começar pelos cabecilhas, e esses são muitos. As pessoas hesitam...

- Há muito quem simpatize connosco, mas têm medo de Mírone Grigórievitch. Receiam que Michka regresse do Donetz e lhes arranque as tripas.

No dia seguinte, a vida mudou bruscamente de curso.

Um correio a cavalo trouxe expressamente de Viochénskaia ordem para aplicar uma contribuição às herdades mais ricas.

A taxa da aldeia fora avaliada em quarenta mil rublos. Fez-se a divisão. Passou um dia. Recolheram-se dois sacos de prata: um pouco mais de dezoito mil rublos. Iváne Alekceiévitich pediu instruções ao distrito. Enviaram-lhe três milicianos com a seguinte ordem: «Prendam aqueles que não pagaram a contribuição e enviem-nos sob escolta para Viochénskaia.» Entretanto, prenderam quatro velhos na cave de Mokhov, onde antigamente se guardavam as batatas durante o Inverno.

A aldeia dentro em breve assemelhava-se a uma colmeia em confusão. Korchunov, agarrado ao dinheiro que já se desvalorizara, declarava categoricamente que nada pagaria. Mas, para ele, soara a hora de prestar contas da boa vida que levava.

Chegaram dois homens à capital do distrito: um juiz de instrução para os assuntos locais, jovem cossaco de Viochénskaia que servira no 28.º Regimento, e um outro, de blusão de cabedal por baixo da peliça. Mostraram os seus mandatos do tribunal revolucionário e fecharam-se com Iváne Alekceiévitich no escritório deste. O companheiro do juiz de instrução, um homem já idoso, de cabeça rapada, começou num tom prático:

- Observaram-se perturbações neste distrito. Os guardas brancos que por cá ficaram começam a arrebatar as orelhas e a excitar a laboriosa população cossaca. Torna-se indispensável extirpar tudo quanto nos seja hostil. Dá-nos uma lista dos oficiais, dos popes, dos atamanes, dos guardas civis, dos ricos, de todos aqueles que lutaram activamente contra nós. Ajudem o juiz de instrução. Ele já conhece alguns.

Iváne Alekceiévitich fitou o rosto barbeado (dir-se-ia um rosto de mulher) e começou a enumeração; quando falou em Petro Melekhov, o juiz de instrução sacudiu a cabeça:

- Esse é dos nossos. Fómine recomendou-me que ninguém lhe tocasse. Um simpatizante bolchevique. Andámos juntos no 28.º...

Preenchida pela mão de Michka, a folha de papel pautado, arrancada a um caderno escolar, estava sobre a mesa.

Dali a poucas horas, os cossacos presos encontravam-se sentados em cima de troncos de árvore, no vasto pátio de Mokhov, sob a vigilância dos milicianos. Esperavam que os seus familiares lhes viessem trazer mantimentos e o trenó para a bagagem. Mírone Grigóievitch, todo vestido de novo, com uma peliça curta de pele curtida, botas e meias de lã muito limpas por fora das calças, estava sentado de parte com o velho Bogatíriov e Matvei Kachúline. Avdeitch, por alcunha o Mentiroso, passeava-se de cá para lá, no pátio, ora espreitando sem motivo para dentro do poço, ora apanhando do chão um cavaco. Caminhava entre o alpendre e o portão, a limpar com a manga o rosto alagado em suor, vermelho e luzidio como uma maçã.

Os outros conservavam-se sentados em silêncio. De cabeça baixa, riscavam a neve com as bengalas. As mulheres chegaram correndo, ofegantes; traziam embrulhos, sacos para os prisioneiros e falavam-lhes em voz baixa. Lukínitchna, lavada em lágrimas, abotoava a peliça do seu homem, atava-lhe em volta do pescoço um lenço branco de mulher e dizia-lhe, fitando-lhe os olhos mortiços, como que salpicados de cinza:

- Não esmoreças, Mirone. Talvez isto ainda se componha.

- Porque estás tão abatido? Meu Deus!...

Um esgar alterava-lhe e distendia-lhe a boca, mas esforçava-se por apertar os lábios, murmurando:

- Hei-de ir visitar-te, e levo-te a Gripka, de que tu gostas tanto...

Um miliciano gritou do portão:

- Chegou o trenó. Carreguem os sacos e vamos embora. As mulheres que se afastem. Não quero choradeiras.

Pela primeira vez na vida, Lukínitchna beijou a mão do marido coberta de pêlos ruivos, e depois afastou-se dele.

O trenó puxado a bois atravessou lentamente a praça, começando a deslizar em direcção ao Don.

Os sete prisioneiros e os dois milicianos caminhavam atrás. Avdeitch parou um momento para atacar a bota e depois correu como um garoto para alcançar os outros. Matvei Kaohúline seguia ao lado do filho. Maidaníkov e Koroliiov fumavam. Mirone Grigórievitch segurava-se ao porta-bagagens do trenó. E o velho Bogatíriov fechava a marcha no seu passo pesado e majestoso. O vento deitava para trás e fazia flutuar as extremidades da sua barba branca de patriarca, agitava em sinal de adeus a charpa branca que levava pelos ombros.

Nesse triste dia de Fevereiro, deu-se um acontecimento extraordinário.

A aldeia habituara-se, nos últimos tempos, a ver chegar milicianos da capital do distrito. Por isso ninguém prestou atenção à presença, na praça, de um trenó de dois cavalos, no qual se encontrava um homem de cabelos grisalhos, sentado ao lado do cocheiro. O trenó parou em frente da casa de Mokhov, e o homem desceu. Era um sujeito de certa idade, de gestos lentos. Ajustou -o cinto sobre o comprido capote de cavalaria, ergueu as orelheiras do banrete cossaco vermelho e, com a mão poisada no lestojo da pistola Mauser, subiu os degraus da entrada sem pressas.

Ivane Alekceiévitche e mais dois milicianos encontravam-se no comité revolucionário. O homem entrou sem bater, alisou à entrada a barbicha grisalha e disse numa voz profunda:

- Desejo falar com o presidente.

Ivane Alekceiévitich olhou para o recém-chegado com uns olhos redondos como os de um pássaro; teria querido erguer-se de um salto, mas não o conseguiu; abriu uma boca de peixe e os seus dedos arrepanharam os braços esgarçados da poltrona.

Era Chtóckman, mais envelhecido, que o fitava sob aquele esquisito barrete cossaco; os seus olhos muito aproximados observavam Iváne Alekceiévitich sem o reconhecer; de súbito, as suas pálpebras tremeram, os seus olhos contraíram-se, tornaram-se mais brilhantes, e formaram-se-lhe rugas até às têmporas esbranquiçadas. Chtóckman avançou para Iváne Alekceiévitich, que continuava sentado, abraçou-o vigorosamente, e disse-lhe, tocando-lhe no rosto com a barbicha húmida:

- Eu já sabia. Se ainda for vivo, dizia eu comigo, será ele o presidente em Tatarsski.

- Ossip Davidóvitich, dá-me uma bofetada. Dá uma bofetada a este filho de uma cadela! Nem posso acreditar no que vejo! soluçava Iváne Alekceiévitich.

As lágrimas eram uma coisa tão estranha naquele rosto viril que um dos milicianos voltou a cabeça para o lado.

- Podes acreditar - disse Chtóckman sorrindo e libertando-se suavemente dos braços do outro. - Não há aqui nada onde uma pessoa se possa sentar?

- Senta-te na poltrona... Mas donde vens tu? Diz-me!

- Estou na secção política do exército. Vejo que continuas a não acreditar na minha autenticidade. Que esquisito!

Chtóckman bateu, sorrindo, no joelho de Iváne Alekceiévitich, e acrescentou muito depressa:

- É tudo muito simples, irmão. Depois de ter sido preso aqui, fui condenado e deportado, mas entretanto rebentou a revolução. Organizei um destacamento da Guarda Vermelha juntamente com um camarada e batemo-nos contra Dutov e Koltchnak. Oh, meu amigo, o que a gente se divertiu então! Conseguimos repeli-los para além do Ural, sabes? E aqui estou eu na vossa frente de batalha. A secção política do 8.º Exército mandou-me trabalhar no vosso distrito por ser um antigo habitante da região e visto conhecer as condições da luta. Tratei logo de vir a Viochénsskaia e a Tatársski. Vou viver uns tempos com eles, disse comigo, vou trabalhar e ajudá-los a organizar as suas coisas, e depois vou-me embora. Vês tu, não se podem esquecer os velhos amigos. bom, depois teremos tempo de conversar; agora falemos de ti, do que se passa por cá, vais fazer-me conhecer esta gente e pôr-me ao corrente da situação. Quem tens a trabalhar contigo? Quem está ainda vivo? Hum... camaradas, deixem-me sozinho durante uma hora com o

vosso presidente. Ah, que diabo! Mal cheguei, logo me senti invadido pelo cheiro do passado. Oh, que época aquela! . E agora, agora... tudo mudou. Bem, conta lá!

Três horas depois Michka Kochevói e Iváne Alekceiévitich conduziam Chtóckman ao seu antigo alojamento, em casa de Lúkechka, a vesga. Pisavam a lama escura do caminho.

Michka segurava por vezes na manga do capote de Chtóckman, como se receasse vê-lo sumir-se, desaparecer da sua vista, qual um fantasma.

Lúkechka serviu sopa de couves ao seu antigo hóspede e ofereceu-lhe mesmo um bocado de açúcar esponjoso que retirou da arca.

Depois de ter bebido, em vez de chá, uma infusão de folhas de cerejeira, Chtóckman estendeu-se sobre o banco da lareira. Escutava as narrativas confusas dos companheiros, fazia perguntas, mordiscava a boquilha; adormeceu pouco antes do crepúsculo, insensivelmente, deixando cair um cigarro sobre a camisa de flanela suja. Iváne Alekceiévitich, que continuara a falar durante uns bons dez minutos, só deu por isso quando Chtóckman respondeu com um ressona a uma das suas perguntas. Saiu então em bicos de pés, vermelho até às lágrimas com um ataque de tosse que lhe subira à garganta.

- Sentes-te aliviado? - inquiriu Michka, mal chegaram lá fora. E riu baixinho, com nervosismo.

Olchanov, que acompanhara os prisioneiros até Viochénskaia, regressou à meia-noite com um trenó que voltava para Tatársski. Bateu durante muito tempo à janela do quarto onde dormia Iváne Alekceiévitich, até que por fim este acordou.

- Que aconteceu? Que tens tu? - disse Ivane Alekceiévitich, ainda sonolento? Trazes-me alguma mensagem, é isso?

O outro fez estalar a chibata:

- Fuzilaram-nos.

- Estás a mentir, patife!

- Logo que chegaram, seguiu-se o interrogatório e depois levaram-nos para o pinhal Vi com os meus olhos.

Iváne Alekceiévitich levantou-se, mal podendo enfiar as botas, e correu a casa de Chtóckman:

- Fuzilaram todos aqueles que foram hoje mandados para Viochénskaia. Julguei que iam metê-los na cadeia, mas isto . Aqui não conseguiremos nada com estes processos. O povo vai afastar-se de nós, Ossip Davidóvitich. Aqui há qualquer coisa errada. Porque se haviam de suprimir esses tipos? Que vai acontecer agora?

Esperava que Chtóckman se indignasse com o que se passara, que ficasse preocupado com as consequências de tudo aquilo, mas Chtóckman continuou a vestir a camisa devagar; quando a cabeça lhe surgiu fora do colarinho, replicou:

- Não grites. Vais acordar a patroa.

Acabou de se vestir, acendeu um cigarro e pediu a Iváne Alekceiévitich que lhe contasse mais uma vez as causas que haviam motivado a prisão daqueles sete homens. Por fim, declarou num tom frio:

- É preciso que metas isto bem na cabeça: a frente fica a cento e cinquenta verstás daqui. Os cossacos, na sua maioria, são-nos hostis. E isso porque os vossos kulaks, os kulaks cossacos, isto é, os atamanes e as outras autoridades exercem uma influência enorme sobre as massas cossacas, uma influência enorme, ouviste? E porquê? Ora muito bem, debes igualmente convencer-te disto: os cossacos constituem uma casta especial, um povo de guerreiros. O tzarismo inculcou-lhes o amor pelos chefes, pelos «pais-comandantes». Como é que diz a canção? «Iremos para onde nos mandarem os nossos pais-comandantes.

- Para onde eles nos mandarem nós iremos. Com os sabres e as espadas lutaremos!» É isto, heim? Estás a ver? Foram esses mesmos «pais-comandantes» que dispersaram as greves operárias. Andaram a meter coisas na cabeça dos cossacos durante trezentos anos. Só isto. E agora, estás a ver. A diferença entre um kulak, digamos, do governo de Riázan e um kulak do Don é muito grande. O kulak do Riázan está encurralado. Pragueja contra o poder dos Sovietes, mas nada pode fazer. O kulak do Don, porém, está armado. Representa uma praga venenosa. É forte. Não se contenta em protestar, em espalhar contra nós os piores boatos, em nos caluniar, como faziam Korchunov e os outros, a avaliar pelo que tu dizes; vai tentar intervir abertamente. Não tenhas dúvidas! Pega na espingarda e dispara contra nós. E vai esforçar-se por arrastar consigo os outros cossacos, os pequenos proprietários e talvez até os pobres. O seu fito é vencer-nos pelos seus próprios meios. É por isso que todos aqueles que foram condenados por actividades contra nós serão mortos sem apelo: encostam-se à parede e pronto! Não há motivo para os lamentar: «Que pena, era tão bom homem!...»

- Mas eu não tenho pena deles. Que estás tu para aí a imaginar? exclamou Iváne Alekceiévitich, agitando os braços.

- Receio mas é que os outros nos voltem as costas!

Chtóckman, que até então estivera a esfregar o peito coberto de pêlos esbranquiçados com a palma da mão, explodiu. Agarrando com força Iváne Alekceiévitich pela gola do blusão, disse numa voz rouca, a reprimir um ataque de tosse:

- Não nos voltarão as costas se lhes inculcarmos a nossa verdade de classe. Os cossacos trabalhadores não têm outros aliados senão nós. Nós e não os kulaks. Ora aí é que está! Os kulaks vivem de explorar o trabalho dessa gente. Engordam à custa deles... Ah, sempre me saíste um bom trouxa! Tens umas ideias de... Tenho que te ensinar! Imbecil! Um operário com paleio de intelectual! De um miserável S.-R. Toma cuidado, Iváne!

Largou-lhe a gola do blusão com um sorriso mal disfarçado, acendeu um cigarro, engoliu o fumo, prosseguindo, já mais calmo:

- Se neste distrito não deitarmos a mão aos nossos inimigos mais activos pode haver sublevação. Mas, se conseguirmos isolá-los a tempo, talvez isso não aconteça. E não deve ser necessário fuzilá-los a todos. Basta suprimir os mais graúdos; quanto aos outros, podemos mandá-los para os confins da Rússia. Mas, de uma maneira geral, não se pode usar de cerimónias com os inimigos. Disse Lenine: «Não se faz a revolução com luvas.» No caso presente, seria indispensável fuzilar esses homens? Eu acho que sim. Todos, talvez não. Mas Korchunov era incorrigível. Claro, o Melekhov desta vez passou pelas malhas. Mas a esse, precisamente, seria indispensável apanhá-lo. É mais perigoso do que os outros todos juntos. Fixa bem isto. O palavreado dele no comité executivo é o de um futuro inimigo. De um modo geral, não podemos ser demasiado sensíveis. Os melhores filhos da classe operária estão a ser dizimados nas frentes de batalha, aos milhares. Para esses é que devemos guardar as nossas lágrimas e não para aqueles que os matam ou que estão à espera de uma oportunidade para nos atacarem pelas costas. Serão eles ou nós.

Não existe outra solução. É assim mesmo, meu caro Iváne Alekceievitch.

XXIII

Petro, que acabara de dar de comer aos animais, ia a transpor a porta de casa, a retirar das luvas pedaços de palha, quando ouviu estalar o trinco da porta.

Envolta num xaile preto, Lukínitchna transpunha a soleira. Sem dar os bons-dias a ninguém, dirigiu-se num passinho miúdo para Natalia, que estava de pé junto ao banco da cozinha, e caiu de joelhos.

- Mãe! Querida mãe! Que aconteceu? - exclamou numa voz transtornada, tentando levantar o corpo pesado da mãe.

Como resposta, Lukínitchna bateu com a cabeça no chão térreo e entoou numa voz fúnebre um lamento entrecortado:

- Ah, meu rico homem! Assim nos deixaste! .

As mulheres desataram a gritar, ao mesmo tempo, com tanta força, as crianças faziam um tal chinfrim, que Petro agarrou na bolsa do tabaco que estava em cima do fogão e desatou a fugir porta fora. Percebera logo o que se passara.

Ficou uns momentos a fumar um cigarro no alpendre. Dentro de casa, os lamentos serenaram. Petro sentia um arrepio desagradável na espinha. Entrou em casa. Lukínitchna continuava a lamentar-se sem retirar da cara o lenço encharcado:

- Fuzilaram o nosso Mirone Grigóievitch. O falcão deixou de pertencer ao número dos vivos. Estamos órfãos. Já não temos quem nos defenda.

Voltou a uivar como um lobo:

- Fecharam-se os seus olhos. Já não pode ver este mundo.

Daria dava água a Natalia, que desmaiara. Ilínitchna limpava as faces ao avental. Ouviu-se a tosse e os gemidos sibilados de Pantelei Prokófievitch, deitado na cama.

Lukínitchna agarrou nas mãos de Petro e apertou-as com força de encontro ao peito:

- Pelo amor de Deus, compadre, pelo amor de Deus, meu amigo, vai a Viochénskkaia buscá-lo, embora esteja morto. Vai buscá-lo!... Oh, Rainha dos Céus! Oh! Não quero que ele apodreça por lá sem o enterrarmos como deve ser.

- O quê? Que dizes tu? Petro afastou-se dela como se a mulher fosse pestífera. Ir buscá-lo? Só me faltava essa! Não, não quero arriscar a pele! E como havia eu de o encontrar?

- Não me negues isto, meu querido Petro. Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus!...

Petro ficou-se muito tempo a morder o bigode. Por fim, anuiu. Resolveu ir a Viochénskaja, a casa de um cossaco seu conhecido, e pedir-lhe que o ajudasse a encontrar o cadáver de Mirone Grigórievitch. Partiu de noite. Na aldeia, estavam luzes acesas em todas as casas e só se ouvia dizer: «Fuzilaram-nos!»

Petro deteve-se junto da igreja nova, em casa de um antigo camarada do regimento do pai, e pediu-lhe que o ajudasse a exumar o cadáver de Korchunov. O outro acedeu logo.

- Vamos, eu sei onde ele ficou. Eles não fazem as covas fundas. Mas como havemos de o reconhecer? Não está lá sozinho. Ontem foram fuzilados doze malditos, aqueles que tinham executado os nossos às ordens dos cadetes. Mas faço isto só com uma condição: ofereces-me uma bilha de aguardente?

- Combinado?

Partiram à meia-noite, munidos de enxadas e de uma padiola usada para a lenha. Depois de atravessarem a stanitsa e o cemitério, alcançaram o pinhal onde haviam sido executados os condenados à morte. As silvas cobertas de gelo estalavam debaixo dos pés. Petro prestava atenção a todos os barulhos e, no seu foro íntimo, praguejava contra esta expedição, contra Lukínitchna e até contra o defunto. Junto do último talhão de pinheiros novos, atrás de um montículo de areia, o outro parou:

- É aqui algures, não deve estar longe...

Deram ainda uma centena de passos. Uma matilha de cães da aldeia fugiu deles a ganir. Petro deixou cair a padiola, murmurando com a voz rouca:

- Vamos embora. Ele que vá para o... Que diferença lhe faz, estar aqui ou noutra sítio? Ah, sempre me meti numa bela arriosa! Aquela velha bruxa levou-me...

- Tens medo? Anda daí! exclamou o outro, rindo. Chegaram perto de um velho salgueiro frondoso, num local onde a neve fora espezinhada e misturada com o saibro, revelando inúmeras pegadas de homens e cães, que formavam como que o desenho de um bordado em aberto.

Petro reconheceu Mirone Grigórievitch pela barba ruiva. Puxou-o pelo cinto, colocando-o depois na padiola. O companheiro, sempre a tossir, encheu de novo a cova. Ao pegar na padiola, resmungou:

- Devíamos ter trazido um trenó. Fomos uns idiotas. Este animal pesa pdo menos uns cinco pudes. E custa muito a caminhar na neve.

Petro afastou as pernas do morto, que não voltariam a caminhar, e ergueu a padiola.

Depois, até de madrugada, embebedaram-se os dois em casa do amigo. Mírone Grigórievitch, envolto num cobertor, aguardava no trenó, ao qual Petro, bêbado como um cacho, atrelara o cavalo. Este, sentindo o cheiro a cadáver, passou a noite a esticar a cabeçada, a espirrar, a agitar as orelhas, e nem sequer tocou no feno.

Mal rompia a aurora quando Petro chegou à aldeia.

Fizera o trajecto de uma estirada, através dos campos. Lá atrás, a cabeça de Mírone Grigórievitch batia contra os taipais do trenó. Petro deteve-se duas vezes a fim de lhe ineter feno por 'baixo. Levou o cadáver para casa da família. Gripka, a filha predilecta do morto, veio abrir o portão e, ao aproximar-se do trenó, atirou-se para cima de um monte de neve. Petro levou o morto às costas, como se fosse um saco de farelos, e poisou-o com precaução na mesa da cozinha, onde haviam estendido um oleado. Lukínitchna, banhada em lágrimas, rouca e em cabelo, rastejou até junto dos pés do marido, calçado de meias brancas como é próprio de um morto decente.

- Sempre pensei que regressarias pelo teu pé e vejam só o que nos resta!

A voz dela era um murmúrio e os seus soluços assemelhavam-se a risadas.

Petro foi buscar ao quarto o avô Grichaka e trouxe-o seguro por debaixo dos braços. O velho vacilava como se caminhasse num chão lamacento. Mas, aproximando-se corajosamente da mesa, dirigiu-se para junto da cabeça do morto.

- Então, Mírone, é assim que temos o desgosto de te voltar a ver, meu filho!

Persignou-se e beijou a fronte gelada, suja de barro.

- Meu pequeno Mírone, não tarda que eu também...

A sua voz tornou-se num gemido agudo. Como se temesse falar de mais, o avô Grichaka levou a mão à boca, num gesto vivo, que não era um gesto de velho, e deixou-se cair sobre a mesa.

Petro sentiu um espasmo subir-lhe à garganta. Saiu devagarinho e dirigiu-se ao cavalo que deixara preso ao portão.

XXIV

Quando o Don desce sobre os bancos de areia, depois de abandonar o antigo leito, calmo e profundo, o seu curso contorce-se em meandros e começa a correr sem pressa, num deslizar sempre igual. Por cima do seu fundo arenoso e duro passam cardumes de peixes negros; durante a noite, o lúcio vai procurar o sustento sobre a areia; a carpa vagueia pelos castelos verdes da vasa junto às margens, a perseguir as oresas; o bordalo pesquisa, dentro das conchas; de tempos a tempos, faz erguer uma nuvem de água verde, surge à luz da Lua, a agitar a cauda de oiro cintilante, depois volta a enterrar a cabeça larga, de grandes bigodes, nos bancos de conchas e imobiliza-se, numa meia sonolência, junto de alguma carpa negra e marchetada.

Porém, nos pontos onde o seu leito é estrangulado, o Don cava na terra um sulco profundo e arrasta com ímpeto, à sua frente, uma vaga coroada de espuma branca que solta um rugido abafado. A água gira em turbilhão atrás dos promontórios e galga os valesiros. Precipita-se numa corrida vertiginosa e estonteante que nos prende o olhar.

Partindo do banco de areia dos dias tranquilos, a vida como que se precipitara num desfiladeiro apertado. O distrito do Alto Don estava todo ele em efervescência. Chocavam-se duas correntes, os cossacos estavam divididos, o turbilhão pusera-se em movimento. Os jovens e os mais pobres hesitavam, calavam-se, insistiam em aguardar a paz do poder dos Sovietes; em contrapartida, os velhos, passando à ofensiva, afirmavam agora abertamente que os vermelhos pretendiam exterminar até ao último dos cossacos.

Em Tatársski, no dia 4 de Março, Iváne Alekceiévitich convocou a assembleia da terra. O povo compareceu em número excepcional. Talvez pelo facto de Chtóckman ter proposto ao comité revolucionário a partilha pública dos bens deixados pelos comerciantes que haviam partido para se reunirem aos brancos pelas herdades mais pobres. A assembleia fora precedida de uma discussão tempestuosa com um dos responsáveis pelo distrito. Este viera de Viochénskaia com plenos poderes para requisitar as roupas confiscadas. Chtóckman disse-lhe que o comité revolucionário não podia entregar-lhe imediatamente as roupas, pois distribuía na véspera trinta agasalhos a um comboio de soldados vermelhos feridos e doentes. O jovem responsável ergueu a voz, falou agressivamente a Chtóckman:

- Quem te autorizou a dar roupas confiscadas?

- Não pedimos autorização a ninguém.

- Mas com que direito estás tu a delapidar os bens do povo?

- Não grites, camarada, e não digas asneiras. Ninguém foi delapidado. Entregámos as peiças ao comandante do comboio em troca de um recibo para que eles as restituíssem depois de terem feito chegar os soldados ao seu destino. Eles vinham meios nus e mandá-los seguir com os capotes velhos que traziam era o mesmo que condená-los à morte. Como é que eu podia deixar de fazer isto? Tanto mais que os capotes não estavam a servir.

Chtóckman procurava dominar-se e a conversa talvez tivesse ficado por ali se o jovem não acabasse por declarar num tom resoluto e glacial:

- Afinal quem és tu? O presidente do comité revolucionário?

- Estás preso. Entrega os poderes ao teu ajudante. Vais seguir imediatamente para Viochénskaia. Podes muito bem ter roubado metade do que havia aqui e eu...

- Tu és comunista? - inquiriu Chtóckman, pálido como um morto, olhando-o de viés.

- Não tens nada com isso. Miliciano! Prende-o e leva-o imediatamente para Viochénskaia. Vais entregá-lo em troca de um recibo à milícia do distrito.

O jovem olhou Chtóckman de alto a baixo.

- Lá é que discutiremos contigo. Ah, queres brincar aos ditadores? Hás-de pagá-lo bem caro.

- Camarada, estás louco? Então tu não sabes...

- Nada de discussões. Silêncio.

Iváne Alekceiévitich, que não conseguira dizer uma palavra, viu Chtóckman estender a mão com um gesto lento e terrível para a pistola pendurada na parede. O pavor inundou os olhos do rapaz. com uma rapidez espantosa, abriu a porta com as costas, caiu, desceu as escadas às cambalhotas, atirou-se para cima do trenó e desatou à pancada ao cocheiro, até este chegar a galope ao fim da praça. Apesar disto, voltava-se a todo o momento, para ver se estava a ser perseguido.

No comité revolucionário as gargalhadas faziam tremer as janelas. Davidka, que se ria com facilidade, rebolava-se sobre a mesa. Porém um tique nervoso repuxava as pálpebras de Chtóckman e os seus olhos estavam vesgos.

- Mas que grande safado! Que malandro! - repetiu, enquanto ia enrolando um cigarro com os dedos trémulos.

Dirigiu-se à assembleia, acompanhado por Michka e Iváne Alekceiévitich. A praça fervilhava de gente. Iváne Alekceiévitich sentiu o coração a bater com força: «Não devem

ter vindo aqui sem mais nem menos. A aldeia em peso está «presente»; porém os seus receios dissiparam-se quando se embrenhou pelo meio deles, com o boné na mão. Deixaram-no passar livremente. Todos os rostos estavam calmos e lia-se um clarão de alegria nos olhos de alguns. Chtóckman examinou os cossacos. Gostaria de poder aliviar a atmosfera, de levar algumas pessoas a falar. Seguindo o exemplo de Iváne Alekceiévitich, tirou o boné de copa vermelha e começou com voz forte:

- Camaradas cossacos! Decorreu já mês e meio desde que o poder dos Sovietes se estabeleceu entre vós. Mas, até hoje, nós, o comité revolucionário, verificamos que existe da vossa parte uma certa desconfiança, digamos mesmo uma certa hostilidade. Não comparecem às reuniões e correm entre vós toda a espécie de boatos absurdos acerca de execuções e perseguições em massa de que sois vítimas da parte do poder dos Sovietes. São alturas de falarmos com o coração nas mãos, como é uso dizer-se, e de nos aproximarmos uns dos outros. Vocês mesmos é que elegeram o vosso comité revolucionário. Kotliarov e Kochevói são cossacos da vossa aldeia e não pode haver mal-entendidos entre vós. Antes de mais nada, declaro categoricamente que os boatos espalhados pelos nossos inimigos acerca de falsas execuções de cossacos em massa não passam de calúnias. A finalidade daqueles que espalham tais calúnias é bem clara: incompatibilizar os cossacos com o poder dos Sovietes, empurrar-vos de novo para os brancos.

- Tu dizes que não houve execuções? E aqueles sete que vocês mataram? gritou alguém nas últimas filas.

- Não estou a dizer que não houve execuções, camaradas. Fuzilámos e fuzilaremos todos aqueles que pretendam restaurar o poder dos proprietários. Para isso não teria valido a pena derrubar o tzar, terminar a guerra com a Alemanha, emancipar o povo! Que ganharam vocês com a guerra contra a Alemanha? Milhares de cossacos mortos, órfãos, viúvas, ruínas...

- Lá isso é verdade.

- Está certo o que tu dizes.

- Nós queremos que não haja mais guerras - prosseguiu Chtóckman. - Queremos a fraternidade dos povos. Sob o tzarismo, mandavam-nos conquistar terras por conta dos proprietários e dos capitalistas, e isso só servia para os enriquecer a eles e aos industriais. Vejam só o Linítski que vivia aqui perto. O avô dele recebera quatro mil deciatinas de terra por haver participado na guerra de 1812. E os vossos avós, o que é que receberam? Perderam a vida na terra alemã. Regaram-na com o seu sangue.

Um murmúrio percorreu a praça; logo que ele começou a apaziguar-se ergueu-se um clamor:

- É verdade! É verdade!...

Chtóckman limpou com o boné a testa desguarnecida e gritou com toda a força da sua voz:

- Todos aqueles que erguerem a mão contra o poder dos operários e dos camponeses serão exterminados. Os vossos compatriotas condenados à morte pelo tribunal revolucionário eram inimigos. Todos vós o sabeis. Mas juntamente convosco, que sois trabalhadores, juntamente com todos aqueles que simpatizam convosco, caminharemos como os bois no trabalho, ombro a ombro. Lavraremos em conjunto a terra para que haja uma vida nova, gradaremos esta terra para expurgar dela o inimigo, a grama do passado, a fim de que esta não alastre com novas raízes e não venha abafar o crescimento dessa nova vida.

Pelo murmúrio contido que escutava, pelos rostos animados dos cossacos, Chtóckman compreendeu que o seu discurso tocara os corações. E não se enganava. Travou-se uma conversa franca:

- Ossip Davidovitch, conhecemos-te bem, visto teres vivido entre nós noutros tempos. És por assim dizer cá da terra. Explica-nos exactamente, não tenhas receio, o que é que pretende afinal de nós o vosso poder dos Sovietes. É claro que estamos por ele; os nossos filhos abandonaram a frente; mas somos pessoas sem instrução, nada percebemos acerca do vosso poder dos Sovietes...

Era o velho Griáznov quem falava. Fê-lo durante muito tempo, de maneira ininteligível; servia-se de rodeios, encadeava as palavras, uma após outra, como armadilhas de caçador furtivo, receando sem dúvida dizer de mais. Alekcei Chamil, o Maneta, perdeu a paciência:

- Posso falar?

- Diz lá - concedeu Iváne Alekceiévitich, enervado com a conversa.

- Camarada Chtóckman, diz-nos primeiro uma coisa: posso falar como eu quiser?

- Fala.

- Mas tu não me mandas prender?

Chtóckman sorriu e encolheu os ombros.

- Bem, mas só com uma condição: não te zangas. Eu sou um homem simples. vou falar como souber.

O irmão dele, Martine, puxava-lhe pela manga vazia e murmurava-lhe, aterrado:

- Cala-te, imbecil, cala-te, não digas nada, eles vão tomar-te de ponta e pôr-te nas suas listas.

Porém o outro, empurrando-o, voltou-se para a assistência. Piscava incessantemente o olho, e o tique do costume repuxava-lhe a face deformada.

- Senhores cossacos! vou falar e dir-me-eis se falo verdade ou se, pelo contrário, estou enganado.

Deu a meia volta regulamentar sobre os calcanhares e voltou-se para Chtóckman. O seu olho fechado piscava maliciosamente.

- Eu cá entendo as coisas assim. Se falamos francamente falamos francamente; se se dá uma sabrada que se dê uma boa sabrada. vou dizer-vos o que todos nós, os cossacos, pensamos e por que motivo queremos mal aos comunistas... Tu disseste, camarada, que vocês não são contra os cultivadores cossacos desde que estes não sejam vossos inimigos. Que sois contra os ricos e a favor dos pobres, se assim se pode dizer. Mas expliquem-me: seria justo fuzilar sete homens da nossa aldeia? Não falo do Korchunov. Esse foi atamane e toda a vida se aproveitou do trabalho dos outros, mas o Avdeitch, a quem chamávamos o Mentiroso? O Matvei Kachúline? O Bogatíriov? O Maidaníkov? O Koroliiov? Eram homens como nós, simples e sem instrução. Tinham-lhes ensinado a manejar a charrua e não os livros. Alguns deles não sabiam ler nem escrever. A sua ciência não passava do B, A, BA. Embora esses sujeitos tenham feito alguma coisa de mal, seria caso para os fuzilarem por isso?

Tomou fôlego, deu um passo em frente. A manga vazia da sua blusa veio bater-lhe no peito e a boca crispou-se-lhe.

- Prenderam-nos porque falavam de mais, fuzilaram-nos, mas nos comerciantes ninguém toca. Os comerciantes compraram a vida com o seu dinheiro. Nós, porém, não temos nada com que nos resgatar, vivemos sempre curvados sobre a terra e o dinheiro passa-nos à frente do nariz. Aqueles que vocês fuzilaram poderiam ter vendido o seu último boi para salvar a vida, mas ninguém lhe pediu esse contributo. A verdade é esta, nós sabemos o que se passa em Viochénskaia. Lá, os comerciantes e os popes estão sãos e salvos. Em Kargínskaia, igualmente. Sabemos tudo quanto se passa à nossa volta. A má fama espalha-se mais depressa do que a boa.

- É certo! - gritou uma voz isolada lá no fundo.

Ergueu-se um murmúrio que abafou as palavras de Alekcei

Chamil, mas este esperou um pouco e, sem atender à mão erguida de Chtóckman, prosseguiu com voz forte:

- Nós compreendemos que o poder dos Sovietes é talvez uma coisa boa, mas os comunistas tomaram conta de todas as alavancas do comando e fazem tenção de nos liquidar. Vingam-se do ano de 1905. Foi o que nos disseram os soldados vermelhos. E nós pensamos no nosso íntimo: «Os comunistas querem exterminar-nos. Até não restar uma só alma cossaca no Don.» É isto o que tenho para dizer. Hoje sinto-me como se estivesse bêbedo. Digo tudo quanto me vem à cabeça. Estamos todos bêbados com saudades da nossa bela vida de outrora, bêbados de rancor contra vocês, os comunistas.

Desapareceu na multidão das peliças, e um silêncio inquieto pairou na praça. Chtóckman começou a falar, mas foi interrompido por uma intervenção vinda das últimas filas:

- É certo. Os cossacos começam a irritar-se. Escutem as canções que se cantam agora. As pessoas não se atrevem a falar, mas cantam: as canções estão menos sujeitas a censuras. Oiçam esta:

O samovar está a ferver, enquanto se frita o peixe

Os cadetes vão chegar e todos nós choraremos.

- Sim, temos muito que chorar!

Alguém desatou a rir fora de propósito. A multidão agitou-se.

- Murmúrios, discussões.

Chtóckman, exasperado, enterrou o boné na cabeça e sacou do bolso a lista feita por Michka, exclamando:

- Não, isso não é verdade. Aqueles que são a favor da revolução não têm motivos para se irritarem. Aqui está a razão por que foram fuzilados os vossos compatriotas, inimigos do poder dos Sovietes. Oiçam!

E começou a ler, distintamente, fazendo pausas:

LISTA DOS INIMIGOS DO PODER DOS SOVIETES PRESOS E POSTOS À
DISPOSIÇÃO DA COMISSÃO DE INQUÉRITO DO TRIBUNAL
REVOLUCIONÁRIO DA 15.ª DIVISÃO DO INZA

N.º	Nomes	Motivo da prisão	Observações
1	Korchunov Mirone Grigórievitch	Antigo atamane. Ricaço.	Aproveitou-se do trabalho alheio.
2	Siniline Ivane Avdeitch	Fazia propaganda no sentido de derrubar o poder dos Sovietes.	
3	Kachuline Matvei Ivánovitch	A mesma coisa.	

4	Maidanikov Semione Gravilov	Usava galões e vociferava nas ruas contra o poder dos Sovietes.
5	Melekhov Pantelei Prokofiévitich	Membro da Assembleia Regional.
6	Melekhov Grigóri Panteleievitch	Segundo-capitão muito assanhado contra o poder dos Sovietes.
7	Kachuline Andrei Matveiev	Participou na execução dos cossacos vermelhos em Podtiolkov.
8	Bodvskov Fédote Nikiforov	A mesma coisa.
9	Bogatíriov Avkhip Matveiev	Sacristão. Manifestou-se contra o poder dos Sovietes no corpo da guarda. Excita o povo. Contra-revolucionário.
10	Coroliov Zakhar Leontiev	Recusou-se a entregar as armas. Pouco seguro.

Shtóckman passou em branco as observações seguintes, que se seguiam aos nomes de Mefekhov e de Bodóvsskov.

- Estes três inimigos do poder dos Sovietes não poderão ser apresentados à comissão porque dois deles estão ausentes, mobilizados para um transporte de cartuchos para a stanitsa de Bokóvsskaia. Melekhov Pantelei está doente com o tifo. No seu regresso, os dois supracitados serão presos e enviados para a capital do distrito. O terceiro será preso logo que se ponha a pé.

A Assembleia guardou silêncio durante alguns instantes, depois cruzaram-se as exclamações:

- Isso não é verdade!
- Estás a mentir. É certo eles terem dito mal do governo.
- Quanto a isso, está certo.
- Nesse caso era melhor também verem-lhe os dentes não?
- São tudo calúnias!

Shtóckman retomou a palavra. A Assembleia pareceu escutá-lo atentamente e ouviram-se mesmo algumas exclamações de aprovação, mas quando no fim ele pôs a questão da partilha dos bens daqueles que haviam fugido com os brancos, só lhe responderam com o silêncio.

- Então? Vocês engoliram a língua? - disse Iváne Alekceievitch com amargura.

A multidão rolou como grãos de chumbo na direcção da saída. Um dos mais pobres, Siomka, por alcunha «o Marmita», deu um passo tímido em frente, mas, arrependendo-se, agitou a luva de lã a dizer que desistia.

- Quando os proprietários regressarem pode haver sarilho.

Enquanto Chtóckman se esfalfava a convencê-los de que não deviam ir-se embora, Michka, branco como a farinha, murmurou para Alekceiévitich:

- Eu bem disse que eles não querem esses bens. Mais valia queimá-los.

XXV

Michka Kochevói subia lentamente os degraus da casa de Moknov, de cabeça baixa, a dar pequenas chicotadas nas botas. Junto à porta, no corredor, via-se um monte de selas.

Alguém acabava por certo de chegar: num dos estribos havia uma pasta de neve amarela, comprimida pela sola do cavaleiro e que ainda não derreteria; no chão, brilhava uma poça de água. Michka via tudo isto ao atravessar o chão sujo do terraço. Os seus olhos percorriam a balaustrada azul cinzelada, de bordos esbeçados, acima da penugem de geada que debruava o muro com uma orla lilás; deitou uma vista de olhos às janelas embaciadas por dentro, baças como a bexiga de um boi. Porém aquilo que via não se fixava na sua consciência, deslizava vagamente, conúosamente, como num sonho.

A piedade e o ódio que sentia para com Grigóri Melekhov misturavam-se no seu coração simples.

O vestíbulo do comité revolucionário estava impregnado de um cheiro espesso a tabaco, a arreios e a neve derretida. A criada, a única que ficara depois da fuga de Mokhov para o outro lado do Donetz, estava a acender o fogão holandês. Os milicianos riam alto na sala contígua. «É incrível! Como podem eles estar tão contentes?», pensou Michka ao passar em frente da porta. Fustigou mais uma vez as botas, agora com um movimento de cólera. Entrou, sem bater, no compartimento.

Ivánie Alekceiévitsh, com o capote aberto, encontrava-se sentado à secretária. O boné preto descia-lhe para a orelha e o seu rosto fatigado revelava preocupação. Chtókman sentava-se perto dele, sobre o parapeito da janela, com o seu eterno capote comprido de cavalaria. Acolheu Michka com um sorriso, convidando-o com um gesto a sentar-se ao seu lado.

- Que novidades, Mickhaílo? Senta-te.

Michka sentou-se, de pernas alargadas. O tom calmo e interrogativo de Chtókman fê-lo sair do torpor.

- Acabo de saber de fonte limpa... que Grigóri Melekhov voltou ontem para casa. Mas eu não fui lá.

- Que tencionas fazer?

Chtóckiman enrolava devagar um cigarro e lançava de tempos a tempos uma olhada a Iváne Alekceiévitich, à espera de uma resposta.

- Metê-lo na cave, ou então?... perguntou Iváne Alekceiévitich, num tom dubitativo, piscando os olhos.

- Tu é que és o presidente do comité revolucionário. Compete-te decidir.

Chtóckman sorriu, encolheu os ombros. Sabia sorrir com tal ironia que esse sorriso podia revelar-se tão mordente como uma chicotada. O queixo de Iváne Alekceiévitich cobriu-se de gotas de suor.

- Sou eu o presidente, sim, e vou prendê-los a ambos, ao Grichka e ao irmão. Toca a andar para Viochénskaia!

- Prender o irmão não me parece muito acertado. Fómine protege-o. Viste a maneira ostensiva como declarou responsabilizar-se por ele... Mas, quanto ao Grigóri, é preciso apanhá-lo hoje, imediatamente. Mandá-lo-emos amanhã para Viochénskaia. É preciso enviar hoje mesmo, por um miliciano, os documentos que lhe dizem respeito, dirigidos ao presidente do tribunal revolucionário.

- Pode...remos talvez prendê-lo esta noite, Ossip Davídovitch?

Chtóckman, após um ataque de tosse, replicou enquanto alisava a barba:

- Esta noite, porquê?

- Porque fará menos barulho...

- Ora, isso são tretas.

- Mikhaílo, leva dois homens e vai prender imediatamente Grichka. Mete-o numa cela separada, percebeste?

Michka saltou do parapeito da janela e dirigiu-se aos milicianos. Chtóckman passeava de um lado para o outro, a arrastar as botas cambadas.

- Enviaste a última remessa de armas devolvidas?

- Ainda não.

- Porquê?

- Vou enviá-las já.

Chtóckman cerrou o sobrolho, mas, erguendo logo a cabeça, perguntou:

- Que é que os Melekhovs entregaram?

Iváne Alekceiévitich fez um esforço para se recordar, encarquilhou os olhos e sorriu:

- Entregaram precisamente duas espingardas e dois revólveres.

- Mas não penses que era tudo quanto tinham!

- Não era, pois não?

- Oh! São uns espertalhões!

- Também assim julgo disse Chtóckman apertando muito os lábios. No teu lugar, logo depois de o prendermos, mandava passar uma busca cuidadosa lá a casa. Fala nisso ao chefe da guarda. Lá pensar, pensas tu, mas isso não basta, é preciso também agir.

Michka regressou ao cabo de meia hora. Atravessou o terraço a correr, bateu à porta com fúria, parou na soleira a tomar fôlego, exclamando por fim:

- Nada feito!

- Então?! perguntou Chtóckman.

Precipitara-se para Michka, de olhos apertados. O capote comprido embaraçava-se-lhe nas pernas e fustigava-lhe as botas de feltro.

Seria por causa da voz calma de Chtóckman? Seria outra a razão? A verdade é que Michka, perdendo a cabeça, berrou:

- Não me olhes dessa maneira!

E pôs-se a praguejar raivosamente.

- Disseram-me que o Grichka está em Singuine, em casa da tia. Que posso eu fazer? E vocês, que fizeram? Estiveram a jogar às cartas? Ora aí está. Deixaram escapar o Grishka. Não venham agora vociferar contra mim. Fiz o que me mandaram.

- Que é que imaginam?

Recuava à frente de Chtóckman que avançava direito a ele. Acabou por se encostar ao fogão de azulejo, desatando a rir:

- Não insistas. Não insistas, Ossip Davídovitch, senão parto-te a cara, garanto-te.

Chtóckman ficou uns momentos diante do rapaz, a dar estalos com os dedos. Fitava os dentes brancos de Michka, os seus olhos risonhos e fiéis. Murmurou entre dentes:

- Sabes o caminho para Singuine?

- Sei.

- Então porque voltaste? E dizes que combateste contra os alemães... Cobardola!

Piscava os olhos com um desprezo calculado.

A estepe encontrava-se envolta numa neblina vaporosa e azulada. A lua cheia erguia-se atrás da colina, à beira do Don. Brilhava debilmente, sem conseguir atenuar a luz fosforescente das estrelas.

Pela estrada de Singuine seguiam seis cavaleiros. Chtóckman agitava-se numa sela de dragão, ao lado de Michka.

O seu cavalo de pernas altas voltava constantemente a cabeça tentando mordê-lo no joelho; Chtóckman, impassível, ia a contar uma anedota, e Michka inclinava-se sobre o pomo da sela a rir às gargalhadas com o seu riso infantil; engasgava-se, perdia o fôlego, esforçava-se por descortinar os olhos severos de Chtóckman por baixo do capuz.

Em Singuine, a busca minuciosa não deu qualquer resultado.

XXVI

Grigóri fora obrigado a ir de Bokóvsskaia para Tchernichevsskaia. Regressara ao fim de dez dias. Mas dois dias antes foram prender o pai. Pantlei Prokófievitch acabava de se levantar do tifo. Os seus cabelos estavam mais brancos, lembravam caracul prateado e caíam como se a traça os houvesse roído. A barba lembrava feltro, parecia branca de sabão na orla.

O miliciano que o veio buscar deu-lhe dez minutos para se aprontar. Enquanto aguardava que o enviassem para Viochénskkaia, encarceraram-no na cave de Mokhov. Essa cave, onde pairava um cheiro espesso a maçãs, continha já nove velhos e um juiz honorário.

Petro deu a notícia a Grigóri e, antes que este transpusesse o portão, aconselhou-o:

- Volta para trás, irmãozinho. Eles vieram cá perguntar quando regressavas. Aquece-te um bocado, vê as crianças e depois irei levar-te a Ríbni. Podes ali esconder-te enquanto esperas. Se perguntarem por ti, direi que estás em Singuine, em casa da tia. Sabes que fuzilaram sete homens daqui? Tenho medo que aconteça o mesmo ao pai... Quanto a ti, nem é bom falar nisso!

Grigóri demorou-se cerca de meia hora na cozinha, depois selou o cavallo e partiu já de noite para Ríbni. Um parente afastado dos Melekhov, homem hospitaleiro, escondeu-o na estrumeira. Ficou ali quarenta e oito horas, saindo apenas de noite.

XXVII

No dia seguinte ao regresso de Singuine, Michka Koschevói dirigiu-se a Vioschénskaia, juntamente com Bmeliane, para se informar de quando teria lugar a reunião com a célula comunista. Iváne Alekceiévitich, Emeliane, Davidka, Filka e ele tinham resolvido regularizar a sua entrada para o Partido.

Michka levava consigo a última remessa de armas restituídas pela aldeia, assim como uma metralhadora achada no pátio da escola, e uma carta de Chtóckman dirigida ao presidente do comité revolucionário do distrito. Ao atravessarem os campos levantaram várias lebres. Estas haviam proliferado durante aqueles anos de guerra e saltavam a todo o passo. Cada tufo amarelo de junco escondia uma toca.

O ranger do trenó faz saltar uma lebre cinzenta com a barriga branca, que esticou a cauda orlada a negro, ficando-se a piscar os olhos sobre o baldio.

Emeliane, que segurava as rédeas, largou-as e gritou:

- Dispara! Depressa! Depressa!

Michka saltou do trenó, pôs um joelho no chão e esvaziou um carregador sobre a pequena bola cinzenta que rebojava para longe, enquanto ele via com despeito as suas balas a raspar a neve branca em volta do bicho. Mas este, aumentando sempre a velocidade, fazia cair pelo caminho os pingentes de neve das silvas, até que por fim se escondeu numa moita.

No comité revolucionário reinava uma confusão incrível.

As pessoas corriam com um ar inquieto, a todo o momento chegavam estafetas a cavalo, as ruas apresentavam-se desertas.

Michka ficou espantado, sem compreender os motivos desta agitação. O vice-presidente adjunto meteu distraidamente na algibeira a carta de Chtóckman e, quando Michka inquiriu se tinha resposta, o outro resmungou:

- Deixa-me em paz! Vai para o diabo! Não tenho tempo para te aturar!

Soldados da companhia da guarda iam e vinham na praça.

Uma cozinha ambulante passou a fumegar e todo o largo foi invadido pelo cheiro a carne de vaca e a louro.

Michka entrou no tribunal revolucionário, onde contava alguns amigos, para fumar um cigarro; perguntou:

- Que se passa aqui?

Gromov, um dos juizes de instrução para os assuntos locais, retorquiu de má catadura:

- Passou-se qualquer coisa em Kazansskaia. Um ataque dos brancos ou uma revolta dos cossacos. Parece que ontem houve sarilho. A ligação telefónica foi cortada. Era bom mandar-se um cavaleiro em reconhecimento.

Foi o que fizeram. Mas ele não voltou. Partiu hoje uma companhia para Elánskaia. Parece que por lá as coisas também estão fuscas.

Ficaram uns momentos a fumar à janela. Atrás dos vidros da elegante casa de comércio ocupada pelo tribunal caía uma neve fina.

De súbito, rebentaram tiros por trás da stanitsa, junto ao pinhal, na direcção de Tchórnaia. Michka, empalidecendo, deixou cair o cigarro. Toda a gente correu para o pátio. Os tiros eram agora mais fortes e sonoros. Uma salva cobriu as rajadas intermitentes da fuzilaria, as balas assobiavam, explodiam, furavam a madeira dos telheiros e os caixilhos dos portões.

Um soldado foi ferido no pátio. Gromov fugiu através da praça, amarrotando os papéis que levava nos bolsos. Os restos da companhia da guarda reuniram-se junto do comité revolucionário. O comandante, de peliça curta, andava de um lado para o outro entre os soldados. Conduziu-os em passo de ginástica para a encosta que descia para o Don. Na praça corriam pessoas em todos os sentidos. Um cavalo selado mas sem cavaleiro passou a galope com a cabeça deitada para trás.

Michka, meio assombrado, encontrou-se no meio da praça sem saber como. Viu Fómkie, de casaco de feltro, desembocar a cavalo de trás da igreja como um turbilhão negro. Trazia uma metralhadora atrelada à cauda do cavalo.

Porém as rodas daquela não funcionavam e a peça inclinava-se ora para um lado, ora para outro, embalada pelo galope.

Curvado sobre o pomo da sela, Fomine desapareceu oculto pela colina, deixando atrás de si um rasto de poeira de neve.

O primeiro pensamento de Michka foi: «Os cavalos!»

Correu o mais que podia, curvando-se nas esquinas, sem nunca parar para tomar fôlego. O seu coração estalava quando chegou à herdade onde se aboletara. Emeliane estava nesse momento a atrelar os animais, mas, com o susto, não conseguia prender os arreios.

Já com os cavalos atrelados, largou as rédeas. Quando as recuperou o anel do tirante esquerdo soltou-se.

O pátio onde se encontravam dava para a estepe. Michka olhava os pinheiros, mas não via sair de lá nem soldados de infantaria nem cavaleiros. Soavam tiros algures, as ruas estavam desertas. E no entanto algo de terrível se estava passando o poder mudava de mão.

Enquanto Emeliane se afadigava junto dos cavalos, Michka não tirava os olhos da estepe. Avistou atrás da capela, no sítio onde a estação de TSF ardera no mês de Dezembro, um homem de capote negro que corria a toda a pressa, apertando as mãos contra o peito. Pelo traje, Michka reconheceu o juiz de instrução Gromov. Depois descobriu um cavaleiro cuja silhueta aparecia e desaparecia atrás da sebe. Reconheceu-o também. Era um cossaco de Viochénsskaia, um jovem guanda-branco ferrenho, chamado Tchernitchkine. Quando se encontrava apenas distante de Tcheimitchkine uma centena de ságenas, Gromov, voltando-se sem parar, tirou o revólver do bolso. Estalou um tiro e depois outro. Gromov subiu a um montículo arenoso e disparou. Tchernitchkine saltou do cavalo a galope sem largar as rédeas, pegou na espingarda e deitou-se atrás de um monte de neve. Gromov deu alguns passos de lado e agarrou com a mão uns ramos de arbusto. Rodopiou um instante no cimo do montículo e depois caiu com a cara na neve. «Matou-o», Michka sentiu-se gelado de pavor. Tchernitchkine era o melhor atirador do distrito; com a sua carabina austríaca que trouxera da frente alemã nunca errava o alvo, fosse a que distância fosse. Do trenó, Michka viu ainda Tchernitchkine subir ao montículo e dar uma sabrada no capote negro, estendido obliquamente sobre a neve.

Tornava-se perigoso atravessar o Don em Báski. Sobre a extensão branca do rio, tanto homens como animais representavam um alvo admirável.

Já se viam aí dois soldados da companhia da guarda derrubados pelas balas. Por isso Emeliane meteu pela floresta, atravessando o lago. Uma neve húmida cobria o gelo, as ferraduras dos cavalos levantavam, com um ruído esponjoso, pastas de neve, os patins guarnecidos de ferro cavavam sulcos profundos. O trajecto até à aldeia foi percorrido a uma velocidade louca. Uma vez porém sobre o rio, Emeliane voltou para Michka o rosto afoqueado pelo vento.

- Que vamos fazer, heim? E se por cá vai o mesmo sarilho?

Os olhos de Michka encheram-se de angústia. Olhou para a aldeia. Dois cavaleiros passavam a galope na rua mais próxima do Don. Michka pensou que deviam ser milicianos.

- Segue para a aldeia, não temos outra coisa a fazer - declarou resolutamente.

De má vontade, Emeliane pôs os cavalos de novo em marcha. Atravessaram o Don e subiram a margem. Antip, o filho de Avdeitch, e dois velhos do cimo da aldeia corriam ao encontro deles.

- Oh! Michka! - exclamou Emeliane ao ver uma espingarda nas mãos de Antip. Puxou as rédeas e fez voltar bruscamente os cavalos.

- Alto!

Um tiro. Emeliane caiu sem largar as rédeas. Michka saltou do trenó. Antip, em meias, corria para ele. Escorregava.

Vacilou, deteve-se, meteu a espingarda à cara. Michka caiu sobre a cerca e nisto viu nas mãos de um dos velhos um forcado com três dentes de ferro.

- Toma!

Sentiu uma queimadura no ombro. Michka desabou sem gritar tapando os olhos com as mãos. Um dos homens curvou-se sobre ele, com a respiração ofegante e deu-lhe com o forcado.

- Levanta-te, cão!

Do resto recordar-se-ia ele mais tarde como num sonho.

Antip atirara-se a ele, a chorar, agarrando-o pelo peito:

- Foi ele que mandou fuzilar o meu pai... Deixem-no comigo, meus irmãos, deixem-me vingar!

Agarraram-no. À volta deles juntava-se uma multidão de gente. Uma voz rouca chamou-os à razão:

- Deixem-no em paz. Ora essa! Vocês não são cristãos? Deixa-o, Antip. com isso não ressuscitas o teu pai e só farás mais uma morte... Vão-se embora, rapazes. Estão a distribuir açúcar no armazém. Despachem-se!

Michka voltou a si já de noite, ainda debaixo da mesma sebe. Doía-lhe o lado ferido. Os dentes da forquilha tinham atravessado a peliça e o capote, penetrando pouco profundamente no corpo. Os ferimentos, porém, eram muito dolorosos e o sangue coagulava sobre eles. Michka, levantando-se, apurou o ouvido. Parecia-lhe que as patrulhas insurrectas andavam a percorrer a aldeia. Soavam tiros de tempos a tempos.

Ladravam cães. Algumas vozes, a princípio longínquas, iam-se aproximando. Michka meteu por um atalho ao longo do Don.

Ao alcançar o alto da margem, começou a rastejar junto das vedações, poisando as mãos sobre a crosta dura da neve. Não sabendo onde estava, arrastava-se ao acaso. O frio fazia-o tremer e começaram a gelar-lhe as mãos. Foi também o frio que o levou a entrar numa herdade. Abriu a cancela, obstruída por silvas, e penetrou no pátio das traseiras.

Avistou um palheiro e enfiou-se lá dentro, mal entrara, porém, ouviu passos que se aproximavam alguém a tossir.

Michka escutava o ranger de umas botas e pensou com indiferença, como se se tratasse doutra pessoa: «Vai matar-me imediatamente.» O homem parou na abertura negra da porta.

- Quem está aí?

A voz era fraca e parecia assustada.

Michka recuou ao longo da parede.

- Quem está aí? repetiu o outro numa voz mais forte e mais inquietante.

Ao reconhecer a voz de Stepane Astakhov, Michka saiu do palheiro.

- Stepane, sou eu, o Kochevói... Salva-me pelo amor de Deus. Não dizes nada a ninguém? Ajuda-me!

Stepane, que acabava de se levantar de um tifo falava baixo. Um sorriso hesitante dilatava-lhe a boca, que a magreza já de si tornava maior.

- Bem, podes passar cá a noite, mas amanhã vais-te embora. Como vieste aqui parar?

Michka tocou-lhe na mão sem responder e enfiou-se para dentro de um monte de folhelho.

No dia seguinte, ao cair da noite, arriscando tudo por tudo, arrastou-se até à sua casa e bateu à janela.

A mãe abriu-lhe a porta e rompeu em soluços. Apalpou-o, deitou-lhe os braços ao pescoço, com a cabeça a estremecer de encontro ao peito do filho.

- Vai-te embora! Pelo amor de Deus, vai-te embora, Michenka! Eles vieram cá esta manhã... Antip deu-me uma chicotada.

«Escondeste o teu filho», disse-me ele. «Foi pena não o termos morto logo.»

Michka não fazia ideia nenhuma do que sucedera aos companheiros. Pela curta narrativa da mãe ficou sabendo que todas as aldeias da região se tinham sublevado, que Chtókman, Iváne Alekceiévitich, Dadídka e os milicianos haviam fugido, que Filka e Timófei tinham sido mortos ao meio-dia na praça.

- Vai-te embora. Eles descobrir-te-ão aqui...

A mãe chorava, mas a sua voz angustiada era firme.

Michka chorou também, pela primeira vez desde há muito tempo, soluçando como uma criança, com o nariz a escorrer. Depois selou a èguazinha que lhe pertencia desde o tempo em que era guardador de cavalos e levou-a para a eira, seguida pelo poldro. A mãe, depois de o ter ajudado a montar, abençoou-o.

A égua partiu de má vontade, relinchando duas vezes a chamar o filho. E de cada vez o coração de Michka lhe saltou do peito, pondo-se a rolar até ao fundo de um abismo. Contudo chegou sem novidade ao alto da colina e partiu num trote curto pela estrada dos hettnams, na direcção de Usst-Medveditzkaia. A noite era escura e propícia à fuga. A égua relinchava muitas vezes, com medo de perder o filho. Michka cerrava os dentes, batia-lhe nas orelhas com a ponta das rédeas e parava com frequência, receando ouvir atrás ou à frente o barulho de um galope, temendo que o relincho houvesse atraído a atenção de alguém. Mas rodeava-o um silêncio fantástico. Michka só ouvia o poldro, que aproveitava todas as paragens para mamar dando estalidos com os beiços na teta negra da égua, enterrado até meio dos jarretes na neve.

O dorso da mãe transmitia ao cavaleiro as sacudidelas exigentes do filho.

XXVIII

Pairava na estrumeira um cheiro forte a esterco, à palha apodrecida, a restos de feno. Uma luz parda escorria do tecto de tábuas. O sol lançava de tempos a tempos um olhar através da porta, como que coado por uma peneira. Quanto à noite, era sempre escura como breu. Silêncio. Guinchos de ratos.

Uma vez por dia, à tardinha, furtivamente, a dona da casa vinha trazer comida a Grigóri. Este tinha ao seu lado, enterrada no esterco, uma grande bilha de água. Tudo isto seria suportável, mas agora o tabaco acabara-se-lhe. Grigóri sofria atrozmente durante vinte e quatro horas. Enfim, pela manhã, sem poder aguentar mais, rastejou pela terra, agarrou com a mão esterco de cavalo, esmigalhou-o entre os dedos e fumou-o. À noite, o dono da casa mandou-lhe pela mulher duas folhas de papel amarelado arrancadas aos evangelhos, uma caixa de fósforos e uma mistura de ervas secas e raízes de tabaco ainda verdes que tinha no quintal.

Grigóri ficou contente, fumou até se sentir nauseado e adormeceu pela primeira vez com um sono profundo sobre o estrume seco, com a cabeça envolta numa das abas do capote, como a de um pássaro debaixo da asa.

No dia seguinte pela manhã, foi o próprio dono da casa que o veio acordar. Entrou a correr no telheiro e gritou muito alto:

- Estás a dormir? Levanta-te! É o degelo!

E desatou a rir às gargalhadas. Grigóri correu para fora. Os cubos de esterco muito pesados desabaram atrás dele com um ruído surdo.

- Que aconteceu?

- Nesta margem, Lenasskaia e Viochénskaia revoltaram-se. Fómine e todos os chefes partiram para Tókiné. Parece que Kazansskaia e Mígulinsskaia se revoltaram também.

- Percebes o que isto quer dizer?

As pupilas de Grigóri lançaram pequenas chispas verdes, as veias da testa e do pescoço incharam-lhe. Não pôde esconder a sua alegria: tremia-lhe a voz e os dedos corriam-lhe sem destino sobre os botões do capote.

- E aqui, na aldeia, que se passa?

- Nada de novo. Falei com o presidente e ele disse-me, a gozar: «Cá a mim tanto se me dá rezar a este deus como àquele, desde que haja um deus a quem rezar.» Mas sai cá para fora!

Partiram em direcção a casa. Grigóri dava passadas do comprimento de uma ságena. O outro caminhava ao seu lado em passinhos curtos e ia contando:

- Em Elansskaia, foi Krasnóiarsski quem se rebelou primeiro. Antes de ontem vinte comunistas de Blánsskaia tinham partido para prender cossacos em Krivsskoi e em Plechakóvsski; mas em Krasnóiarsski soube-se a coisa; os homens fizeram uma reunião e disseram: «Durante quanto tempo havemos de suportar isto? Levam-nos os nossos pais e em breve nos tocará a vez. Selemos os cavalos e vamos buscar os prisioneiros.»

Juntaram-se uns quinze homens, todos valentes, comandados por um rapazola que sabia combater: o Atlanov. Só havia duas espingardas. Um tinha um sabre, outro uma lança, outro um estoque. Atravessaram o Don e galoparam até Plechakov.

- Os comunistas estavam a descansar no pátio do Melnikov. Os homens de Kranóiarsski atacaram em formação de cavalaria, mas o pátio tinha em volta um muro de pedra e eles recuaram. Os comunistas mataram um dos seus homens. Deus o tenha na sua paz. Apanharam-no pelas costas. Caiu do cavalo e ficou preso numa sebe. Os homens de Plechakov levaram-no para as cavalariças da stanitsa. Ainda tinha o chicote apertado na mão, o pobre rapaz... Foi assim que tudo começou. Acabou-se o poder dos Sovietes! Que os leve o diabo!

Dentro de casa, Grigóri comeu avidamente os restos do almoço e depois saiu para a rua com o seu anfitrião. Havia grupos de cossacos em todas as esquinas, como se fosse uma festa. Aproximaram-se de um desses grupos. Os cossacos levaram a mão ao boné e responderam gravemente ao cumprimento deles, examinando curiosamente a cara desconhecida de Grigóri.

- Este é um dos nossos, senhores cossacos! Não tenham medo. Já ouviram falar nos Melekhov de Tatársski? É filho de Pantelei, o Grigóri. Escondeu-se em minha casa para não ser fuzilado declarou o homem com orgulho.

Mal se dera início à conversa, quando um dos cossacos começara a contar como é que os homens de Rechetóvsski, Dubrovka e Tchernóvsskaia tinham expulso Fómine de Viochénsskaia, chegaram dois cavaleiros à extremidade da rua que sulcava o flanco da colina. Vinham a galope, pararam junto de cada grupo, fazendo encabritar os cavalos e gritaram qualquer coisa agitando os braços. Grigóri esperava com impaciência que se aproximassem.

- Não são de cá, não pertencem a Ribni... São estafetas que vêm de algures declarou o homem que estava contando a tomada de Viochénskaia. E ficou-se por ali.

Os dois cavaleiros passaram sem parar em frente da ruela mais próxima e de tiveram-se junto ao grupo onde se encontrava

- Grigóri. O primeiro, um velho de capote desabotoado, rosto vermelho aureolado por caracóis brancos, sopeou bruscamente o cavalo. Deitou-se para trás o mais que podia e estendeu o braço direito:

- Então, cossacos! Vocês ficam parados às esquinas como as mulheres? exclamou numa voz lamentosa.

Lágrimas de cólera cortavam-lhe a voz e a emoção fazia-lhe tremer as bochechas vermelhas. Uma magnífica égua alazã de quatro anos, com as ventas brancas, a cauda espessa e as pernas secas que pareciam de aço dançava debaixo dele.

Sacudia-se toda, mordida o freio, empinava-se, reclamando que lhe soltassem a rédea, ansiosa por sentir de novo o vento a achatar-lhe as orelhas e a assobiar-lhe nas crinas, por escutar mais uma vez a terra sonora, queimada pelo gelo a gemer sob os cascos agudos das suas patas. Cada veia, cada ligamento palpitava debaixo da sua pele fina. Os músculos compridos do pescoço agitavam-se, a sua testeira rosada e transparente tremia e os seus olhos de rubi injectados de sangue atravessavam-se para o cavaleiro, hostis e impacientes.

- Porque ficais inertes, filho do Don tranquilo prosseguiu o velho fitando sucessivamente Grigóri e os outros. Eles fuzilaram os vossos pais e os vossos avós, roubaram-vos os bens, os comissários yupins riam-se da vossa fé e vós, vós comeis sementes de girassol e ides dançar! Esperais que vos venham passar a corda ao pescoço? Quanto tempo ficareis ainda agarrados às saias das vossas mulheres? Todo o distrito de Elánskaia se revoltou, desde o maior ao mais pequeno. Em Viochénskaia expulsaram os vermelhos .. E vós, cossacos de Ríbni? Não tendes amor à vida? Ou corre-vos nas veias kvass de aldeão em lugar de sangue? De pé! Às armas! Os homens de Krivskói mandaram-nos levantar todo o país! A cavalo, cossacos, enquanto ainda não é tarde!

Fitou um olhar de louco no rosto de um. velho seu conhecido e gritou fora de si:

- Que fazes tu aí, Semione Kristóforovitch? Os vermelhos cortaram em bocados o teu filho em Filónovo e ficas escondido ao quente?

Grigóri não quis ouvir mais. Correu à granja, tirou para fora o seu cavalo que escarvava de impaciência, retirou a sela, quebrando as unhas, do esterco onde a tinha enterrada e galopou pelo pátio numa velocidade louca:

- Para a frente! Que Deus vos guarde! ainda teve tempo de gritar ao seu anfitrião que viera até à saída.

Deitou-se sobre o pomo da sela, estendido para o pescoço do cavalo, bateu neste com as duas extremidades da chibata e lançou-se a todo o galope, fazendo levantar na rua uma nuvem de poeira de neve. A bruma esbranquiçada abatia-se atrás dele, as pernas entorpecidas raspavam nos quartos da sela, os estribos agitavam-se-lhe debaixo dos pés, e sob os estribos as patas do cavalo trabalhavam a toda a velocidade. Experimentava uma alegria tão feroz, tão monstruosa, sentia tal afluxo de força e de resolução, que do fundo da sua garganta saiu um uivo estridente, libertando assim os sentimentos durante tanto tempo recalçados. O caminho agora afigurava-se claro, como uma estrada larga à luz da Lua.

Aqueles dias de angústia que passara escondido como um animal na sua toca de esterco, atento como um bicho a todos os barulhos e a todas as vozes do exterior, haviam-lhe permitido pensar em tudo, resolver tudo. Como se nunca tivesse conhecido a busca da verdade, as hesitações, as passagens e os combates interiores.

Tudo isso deslizara como a sombra de uma nuvem e as dúvidas de outrora afiguravam-se-lhe agora inúteis e vãs.

Em que pensava ele nesses tempos? Porque é que a sua alma se agitava como um lobo encurralado em busca de uma saída, de uma solução para as suas contradições? A vida apresentava-se-lhe sorridente, sensata e simples. Parecia-lhe agora que nunca existira no mundo uma verdade única sob a asa da qual cada um pudesse aquecer-se e pensou, a transbordar de amargura: cada um tem a sua verdade, cada um segue o seu caminho. Por uma côdea de pão, por uma nesga de terra, pelo direito à vida, os homens haviam lutado e continuariam a lutar enquanto o Sol brilhasse para eles, enquanto um sangue quente lhes corresse nas veias. Lutarei contra aquele que quiser tirar-me a vida, o direito à vida; lutarei duramente, sem desfalecer, de costas para a parede, e o combate dar-me-á a firmeza, a têmpera do ódio. Sobretudo não devemos acorrentar os nossos sentimentos, devemos dar-lhe livre curso, assim como devemos dar livre curso à raiva, aí é que está.

A voz do povo cossaco cruzava-se com a dos camponeses sem terra e com a dos operários das oficinas.

- Seria preciso lutar com eles até à morte. Arrancar-lhes debaixo dos pés a terra fértil do Don, a terra dos cossacos regada com sangue. Expulsá-los, como aos tártaros, para fora dos limites do país. Fazer tremer Moscovo, impor-lhe uma paz vergonhosa. Não ceder o lugar no atalho estreito. Um ou outro ficaria pelo caminho. A prova estava feita; tinham deixado os regimentos vermelhos entrar nas terras do Don, tinham-nos visto agir. Agora, às armas! Assim pensava Grigóri, ardendo num ódio cego, enquanto o seu cavalo o levava através da toalha branca do Don, branca como uma crina branca. Durante um instante agitou-se dentro dele uma contradição: «Os ricos contra os pobres, e não os cossacos

contra a Rússia... Michka Kochevói e Kotliarov, apesar de cossacos, são vermelhos convictos...» Mas expulsou isso da ideia com cólera.

Tatársski estava à vista. Grigóri puxou as rédeas moderando o andamento do cavalo. Uma vez chegado à encosta, lançou de novo o animal, e foi este que abriu com o peito a cancela da quinta. Grigóri entrou a galope no pátio.

XXIX

De manhãzinha cedo, completamente esgotado, Michka Kochevói chegou à aldeia de Bolchói, da stanitsa de Usst-Khopersskaia.

Foi interpelado por um posto do 4.º Regimento de Transamúria. Dois soldados vermelhos levaram-no ao Estado-Maior. Aí, um homem interrogou-o durante muito tempo, tentando atrapalhá-lo com perguntas como esta: «Quem era o presidente do vosso comité revolucionário? Por que motivo não trazes papéis?» Michka em breve se cansou de responder a tão estúpidas perguntas.

- Não serás capaz de me obrigar a dizer o que tu queres, camarada. Os cossacos serviram-se doutros processos e não levaram nada de mim.

Arregaçou a camisa e mostrou a anca e o baixo-ventre feridos pela forquilha. Resolvera já insultar o homem do Estado-Maior com uma palavra bem expressiva quando Chtókman entrou na sala.

- O regresso do filho pródigo! Estás aí, meu malandro?

A sua voz grave quebrou-se e com as enormes patas abraçou as costas de Michka.

- Porque o interrogas, camarada? Este tipo é dos nossos.

- E tu? Pareces parvo. Porque não me mandaste chamar? Ou ao Kotliarov. Bastava isso e ninguém te fazia perguntas. Anda daí, Mikhaílo. Mas como conseguiste tu escapar? Como foi, diz-me? Já te tínhamos riscado do número dos vivos. Morreu como um herói, pensávamos nós.

Michka recordou-se da sua prisão, do pouco que se defendera, da espingarda abandonada no trenó, e corou dolorosamente, quase a chorar.

XXX

No dia da chegada de Grigóri já havia dois esquadrões formados em Tatársski. A assembleia da terra resolvera mobilizar todos os cossacos em condições de utilizarem armas, dos dezasseis aos setenta anos. Muitos sentiam que a situação era desesperada: ao norte, o governo de Voróneje, que estava ao lado dos bolcheviques, e o distrito vermelho do Khoпр; ao sul, a frente que podia mudar de direcção e vir esmagar os insurrectos como uma avalanche. Alguns cossacos mais prudentes do que os outros não queriam pegar em armas, mas foram obrigados a isso. Entre eles Stepane Astakhov, que se recusava terminantemente a combater.

- Eu cá não vou. Levem o meu cavalo, façam de mim o que quiserem, mas não pego na espingarda declarou ele a Grigóri, a Khrisstónia e a Anikuchka, que tinham vindo pela manhã a sua casa.

- O quê? Recusas-te? - disse Grigóri com as narinas a tremer.

- É, assim mesmo. Recuso-me, pronto!

- E se os vermelhos tomarem a aldeia, para onde irás tu? Vens connosco ou ficas aqui?

Stepane fez deslizar o olhar brilhante e atento de Grigóri para Akcínia e respondeu por fim:

- Então se verá...

- Nesse caso, vem daí. Khrisstónia, leva-o. Vamos encostar-te à parede.

Grigóri, evitando olhar Akcínia que se encontrava agachada ao pé do fogão, puxou Stepane pela manga do blusão:

- Vamos, deixa-te de brincadeiras.

- Grigóri, não sejas parvo, larga-me.

Stepane estava lívido, resistia frouxamente. Khrisstónia, taciturno, agarrou-o por detrás e resmungou:

- Então, já que são essas as tuas ideias, vem daí.

- Meus irmãos...

- Nós não somos teus irmãos. Vem, já te disse!

- Larguem-me, vou alistar-me no esquadrão. Estou muito fraco, acabei de me levantar do tifo...

Grigóri, sorrindo de esguelha, largou o braço de Stepane.

- Vem daí. Vamos dar-te uma espingarda. Devias ter resolvido logo.

Abotoou o capote e saiu sem dizer adeus. Rhrisstónia, nada atrapalhado, pediu a Stepane tabaco para fazer um cigarro, ficando-se muito tempo na conversa como se nada se houvesse passado.

À noite chegaram dois carregamentos de armas de Viochénskaja: oitenta e quatro espingardas e mais de cem sabres.

Muitos cossacos que haviam escondido armas foram buscá-las ao esconderijo. A aldeia reuniu duzentos combatentes, entre os quais cinquenta cavaleiros

A princípio, os insurrectos não tinham uma organização comum. As aldeias actuavam por si, segundo as necessidades do momento: formavam os seus esquadrões, elegiam para os postos de comando os cossacos mais aguerridos, sem terem em conta a patente mas sim o mérito; não empreendiam qualquer operação ofensiva, limitavam-se a estabelecer ligações com as aldeias vizinhas e a enviar patrulhas a cavalo em reconhecimento por toda a região.

Em Tatárski, antes da chegada de Grigóri, seu irmão Petro fora eleito comandante do esquadrão a cavalo, como em 1918. Latíchev assumira o comando da infantaria. Os artilheiros, sob o comando de Ivane Tomíline, tinham partido para Bázki onde os vermelhos haviam abandonado uma peça bastante danificada, sem telémetros e com uma roda partida.

Os artilheiros estavam encarregados de a reparar.

Para duzentos e onze combatentes, reunindo o armamento recuperado na aldeia, só havia cento e oito espingardas, cento e quarenta sabres e catorze espingardas caçadeiras. Pantelei Prokófievitch, libertado da cave de Mokhov, juntamente com os outros velhos, desenterrou a sua metralhadora, mas não se encontraram os pentes e a metralhadora não foi incluída no armamento do esquadrão.

No dia seguinte, à noitinha, soube-se que um destacamento punitivo do Exército Vermelho, composto por trezentos homens, com sete canhões e doze metralhadoras, sob o comando de Likhatóhov, partira para Karguínsskaia com o fim de abafar a revolta. Petro resolveu enviar um forte reconhecimento em direcção de Tókinge e informar disto Viochenskaja.

Ao crepúsculo, os trinta e dois homens da patrulha, conduzidos por Grigóri Melekhov, deixaram a aldeia a galope, continuando nesse passo quase até Tókinge. A duas

verstás dali, Grigóri mandou aprear os seus cossacos e dispô-los numa ravina pouco profunda. Esconderam os cavalos num refego do terreno, onde a neve era espessa. Os cavalos enterraram-se até ao ventre; um garanhão, excitado pela aproximação da Primavera, relinchava e começou aos coices. Foi preciso destacar um homem de propósito para o segurar.

Grigóri mandou três homens à aldeia: Anikuchka, Martine Chamil, Prokhor Zikov. Partiram a passo. No sopé da colina, azulados pela distância, os jardins de Tókinie estendiam-se para sudoeste num largo zigiguezague. A noite caiu por completo. As nuvens baixas amontoavam-se por cima da estepe. Os cossacos, sentados na ravina, esperavam em silêncio. Grigóri contemplava os vultos dos três cavaleiros a descerem a colina, confundindo-se com a fita negra da estrada. Deixou de ver os cavalos. Destacavam-se apenas as cabeças dos homens, que por fim também desapareceram. Daquele mesmo ponto partiu pouco depois o crepitar de uma metralhadora, a seguir outra. Não: era o tom mais alto de uma espingarda-metralhadora. Esta esvaziou o carregador e calou-se. A outra, após uns momentos de descanso, consumiu outro pente num ritmo mais acelerado.

As salvas de balas dispersavam-se por cima da ravina, algures no espaço escuro. O seu barulho era nítido e regular, dava coragem.

Os três batedores regressaram a toda a brida.

Demos de caras com um posto! gritou de longe Prokhor Zikov. Porém o galope do cavallo abafava-lhe a voz.

- Preparem os cavalos! - comandou Grigóri.

Precipitou-se para a beira da ravina como se fosse o parapeito de uma trincheira e, sem se dar conta das balas que se enfiavam na neve com um assobio, avançou ao encontro dos três homens.

- Não viram nada?

- Basta ouvir-se o chinfrim que eles fazem. Devem ser muitos, percebe-se pelo barulho das vozes - afirmou Anikuchka ofegante.

Saltou do cavalo e a biqueira da bota ficou-lhe presa no estribo; praguejando, enquanto dançava a pé-coxinho, conseguiu desprender-se com o auxílio das mãos.

Estava ainda Grigóri a interrogá-lo quando oito cossacos que se haviam esgueirado para o fundo da ravina pegaram nos cavalos e fugiram para suas casas.

- Havemos de os fuzilar amanhã declarou baixinho

Grigóri, ao escutar o galope dos fugitivos.

Outros mantiveram-se ainda ali cerca de uma hora à escuta, num silêncio cauteloso. Por fim, um deles julgou ouvir um martelar de ferraduras.

- Vem dos lados de Tókiné...

- É uma patrulha!

- Quall?!

Falavam em cochichos, de cabeça esticada, esforçando-se em vão por distinguir qualquer coisa na espessura impenetrável da noite. Os olhos kalmukes de Fédote Bodóvsskhov foram os primeiros a avistar o inimigo.

- Aí estão eles! disse tranquilamente, empunhando a espingarda.

Mantinha-a numa posição estranha, com a correia em volta do pescoço como se fosse o cordão de uma cruz, e a arma baloiçava-se, atravessada no peito. Caminhava e montava habitualmente assim, com as mãos poisadas na coronha, como as mulheres costumam transportar uma tábua.

Uma dezena de homens a cavalo avançava em silêncio e desordenadamente pela estrada. O primeiro, um pouco adiante dos outros, era robusto e vinha bem calçado. O seu cavalo comprido de cauda curta avançava com segurança e altivez.

Grigóri via nitidamente destacar-se no fundo do céu cinzento os vultos dos cavalos e dos cavaleiros, distinguia mesmo o barrete do Kúibano daquele que seguia na frente. Os cavaleiros encontravam-se a umas dez ságenas da ravina; a distância que os separava dos cossacos era tão curta que aqueles deviam ouvir a respiração arquejante dos homens e as pancadas rápidas dos seus corações.

Grigóri mandara que ninguém atirasse sem ordem. Como um caçador à espreita, aguardava o momento propício com toda a calma. Resolvera interpelar os cavaleiros e quando estes se agrupassem, surpreendidos, abrir fogo.

A neve estalava pacificamente na estrada. Uma centelha amarelada saltou debaixo de uma ferradura que de certo embatera numa pedra a descoberto.

- Quem vem lá?

Grigóri saltou com ligeireza para fora da ravina e endireitou-se. Atrás deles, os homens ergueram-se também com um ruído abafado.

O que se passou em seguida foi o contrário de tudo quanto Grigóri previra.

- Que é que vocês querem? inquiriu o cavaleiro da frente numa voz grave e rouca, sem sombra de temor ou espanto. Voltou o seu cavalo para Grigóri.

- Quem vem lá? - repetiu brutalmente Grigóri sem se mexer, mas erguendo o revólver na extremidade do braço meio encurvado.

O outro rugiu furioso:

- Quem se atreve aqui a berrar? Sou o comandante do destacamento punitivo, com ordens do Estado-Maior do Oitavo Exército Vermelho para esmagar a rebelião. Quem é o vosso comandante?

- Sou eu.

- Tu? Aha!

Grigóri viu qualquer coisa negra na mão estendida do cavaleiro. Atirou-se para o chão antes que o tiro partisse e gritou ao cair:

- Fogo!

Uma bala de revólver browning de nariz achatado passou sibilando por cima da sua cabeça. Começou de parte a parte uma fuzilaria ensurdecidora. Bodóvsskhov apanhou a rédea do cavalo do intrépido comandante, enquanto Grigóri, curvado por cima dele, lhe agarrava no braço e lhe batia com a folha do sabre sobre o barrete do Kúbano até lhe desancar o corpo maciço. O recontro terminou em dois minutos. Três vermelhos fugiram a galope, dois ficaram mortos e os restantes foram desarmados.

Grigóri interrogou rapidamente o seu prisioneiro de barrete do Kúbano, apontando à boca de dentes quebrados o cano do revólver.

- Como te chamas, monte de esterco?

- Likhatchov.

- Que querias tu fazer com os teus nove homens? Julgavas que os cossacos se iam ajoelhar na tua frente a pedir-te perdão?

- Matem-me!

- Não há pressas. Onde estão os teus documentos?

- Estão nas mochilas. Leva-os, bandido... miserável!

Sem responder ao insulto, Grigóri apalhou ele próprio Likhatchov, tirou-lhe da algibeira da peliça outro browning, apoderou-se da pistola Mauser e da cartucheira. Encontrou num dos bolsos laterais uma cigarreira e uma carteirinha de pele às riscas cheia de papéis.

Likhatchov praguejava continuamente e gemia com dores. Tinha o ombro direito furado por uma bala e o sabre de Grigóri magoara-o bastante na cabeça. Era alto, mais alto do que Grigóri, pesado e muito forte. As sobrancelhas negras, curtas e espessas, uniam-se-lhe na base do nariz, conferindo poder àquele rosto tisonado, de barba bem feita. Tinha a boca grande e o queixo quadrado. Envergava uma peliça curta, franzida; o boné preto ficara achatado com a sabrada de Grigóri; por baixo da peliça usava uma blusa de caqui e umas calças largas muito bem feitas. Os pés eram pequenos, delicados, e calçava botas elegantes de canos vermelhos.

- Despe a tua peliça, comissário! - ordenou-lhe Grigóri.

- Andas bem alimentado. Engordaste à custa dos cossacos, não corres o perigo de gelar.

Ataram as mãos dos prisioneiros com os cinturões e os cabrestos e instalaram-nos sobre os próprios cavalos.

- A trote! Sigam-me! - comandou Grigóri, prendendo à cinta a pistola Mauser de Likhatchov.

Passaram a noite em Bázki. No chão, perto do lume, sobre uma enxerga de palha, Likhatchov gemia, agitava-se, rangia os dentes. À luz do candeeiro, Grigóri lavou-lhe e pensou-lhe o ombro ferido. Não o interrogou. Manteve-se muito tempo sentado à mesa, a examinar as credenciais de Likhatchov, as listas dos cossacos contra-revolucionários organizadas pelo tribunal revolucionário em fuga, o caderno de notas, as cartas, os mapas anotados. De vez em quando o seu olhar e o de Likhatchov cruzavam-se como espadas. Os cossacos que se encontravam na mesma casa fizeram barulho durante toda a noite; saíam muitas vezes para irem vigiar os cavalos e fumar no vestíbulo, ou conversavam deitados.

Grigóri adormeceu pela madrugada, mas logo despertou e ergueu a cabeça da mesa, meio atordoado. Likhatchov estava sentado sobre a palha e rasgava o penso com os dentes. Fitou Grigóri com um olhar terrível, injectado de sangue. Um ricto doloroso, como o de um agonizante, pôs-lhe a descoberto os dentes brancos, e os seus olhos brilhavam com uma angústia tão mortal que o sono de Grigóri desapareceu por completo.

- Que tens tu?

- A ti que te interessa? Só queria morrer! - rosnou

Likhatchov, empalidecendo. Tombou para a frente, com a cabeça sobre a palha.

Bebera metade de um balde de água durante a noite e não cerrara os olhos

Pela manhã, Grigóri mandou-o de carro para Vióchénsskaia, juntamente com um relatório e todos os documentos apreendidos.

XXXI

O carro, escoltado por dois cossacos a cavalo, chegou depressa a Viochénsskaia, em frente do edifício de tijolos vermelhos, sede do comité executivo. Likhatchov ia semideitado no banco de trás. Ergueu-se, a segurar no braço envolto numa ligadura ensanguentada. Os homens da escolta, apeando-se, entraram com ele na casa. Cerca de cinquenta cossacos encontravam-se reunidos no gabinete de Súiarov, comandante provisório das forças insurrectas reunidas. Likhatchov, sempre a proteger o braço, abriu caminho até à mesa onde Súiarov estava sentado. Era um homenzinho que nada tinha de notável além dos olhos em amêndoa, amarelos e manhosos. Lançou um breve olhar a Likhatchov.

- Então, meu pombinho? Tu é que és o Likhatchov?

- Sou, aqui estão os meus documentos.

Likhatchov atirou para cima da mesa a carteira envolta num saco e lançou a Súiarov um olhar duro e intrépido.

- Lamento não ter podido cumprir a minha missão: esmagar-vos como vermes. Mas a Rússia Soviética fará contas convosco. Peço para ser fuzilado.

Agitou o ombro ferido e as sobrancelhas.

- Não, camarada Likhatchov. Nós revoltámo-nos com justiça contra as execuções. Não procedemos como vocês: não fuzilamos ninguém. Vamos tratar-te e ainda nos poderás ser útil declarou Súiarov com voz melíflua, mas com os olhos a brilhar. Quem não tiver que fazer aqui que se vá embora! Vamos, raspem-se!

Ficaram apenas os comandantes dos esquadrões de Reohétovsski, de Tchernóvsski, de Uchakovskaia, de Dubrovka e de Viochénsskaia. Tomaram lugar em volta da mesa. Um deles empurrou um mocho na direcção de Likhatchov, mas este ficou de pé, encostado à parede, a olhar através da janela por cima das cabeças deles.

- Então, Likhatchov começou Súiarov, trocando olhares com os comandantes de esquadrão, diz-nos quantos homens trazes tu no teu destacamento punitivo.

- Não digo.

- Não dizes? Não interessa. Ficaremos a sabê-lo ao ler os teus papéis. E se não descobirmos interrogaremos os teus homens. Queremos pedir-te outra coisa (Súiarov

destacou a palavra pedir): escreve ao teu destacamento a pedir-lhe que venha a Viochénskaja. Não temos qualquer motivo para lutar convosco. Não somos contra o poder dos Sovietes, mas sim contra os comunistas Yupins. Desarmaremos o teu destacamento e mandaremos os homens para suas casas. Também te libertaremos a ti. Numa palavra, escreve e diz-lhes que nós também somos trabalhadores e que nada têm a recear. Não estamos contra os Sovietes...

O escarro de Likhatchov atingiu a barbicha grisalha de Súiarov. Este limpou-a com a manga e as suas faces coraram. Um dos comandantes de esquadrão sorriu, mas ninguém se ergueu para defender a honra do chefe.

- Não és nada amável connosco, camarada Likhatchov - prosseguiu Súiarov com evidente hipocrisia. -Os atamanes e os oficiais escarneciam de nós, cuspiam-nos em cima, e tu, um comunista, cospes-me também na cara. Vocês dizem que são pelo povo... Está aí alguém?.. Levem o comissário. Mandar-te-emos amanhã para Kazansskaia.

- Talvez reconsideres - disse com severidade um dos comandantes de esquadrão.

Likhatchov compôs com um movimento de ombros o blusão que trazia pelas costas e dirigiu-se para o homem da escolta que se encontrava à porta.

Não foi fuzilado. Os insurrectos lutavam efectivamente «contra os fuzilamentos e a pilhagem» No dia seguinte, mandaram-no seguir a pé na direcção de Kazansskaia. Caminhava à frente da escolta a cavalo. Pisava levemente a neve, franzindo as sobancelhas curtas. Na floresta, ao passar junto a uma faia branca, sorriu alegremente, parou, ergueu-se nas pontas dos pés e, com o braço válido, arrancou um ramo. Os gomos castanhos estavam já túmidos com a seiva de Março, o seu perfume suave, apenas perceptível, anunciava a floração primaveril, o renascer da vida sob o trajecto do sol. Likhatchov meteu os rebentos na boca e mastigou-os. Contemplava com os olhos velados as árvores mais claras, libertas do gelo, e sorria com o canto dos lábios sem barba.

Foi assim que morreu, com a boca cheia de folhinhas negras. A sete verstás de Viochénskaja, nas dumas de areia, os homens da escolta mataram-no à sabrada, com selvageria.

Primeiro furaram-lhe os olhos, depois cortaram-lhe as mãos, as orelhas, o nariz, laceraram-lhe o rosto com a ponta dos sabres. Desapertaram-lhe as calças e profanaram o seu belo corpo forte e vigoroso. Desrespeitaram os cotos sangrentos dos seus membros. Por fim, um deles poisou um pé sobre o peito ainda palpitante daquele corpo abatido e, com uma sabrada em diagonal, cortou-lhe a cabeça.

XXXII

Da outra margem do Don, das terras que ficavam a montante, de todos os lados, chegavam notícias relatando a insurreição crescente. O levantamento não se limitava agora a duas stanitsas. Chumflinsskaia, Migulinsskaia, Mechovsskaia, Viochénsskaia, Elánskaia e Usst-Khopersskaia tinham aderido, formando à pressa os seus esquadrões; Karguínsskaia, Bokóvsskaia e Krasnukutsskaia pendiam abertamente a favor dos insurrectos. O movimento ameaçava estender-se aos distritos vizinhos de Usst-Medvéditsskaia e do Khopr. As stanitsas Bukamovsskaia, Slechtchovsskaia e Fedósseievsskaia entravam em efervescência; nos confins do território de Viochénsskaia, as aldeias da stanitsa Alekceievsskaia agitavam-se também; era aí o fulcro da insurreição.

Após longas discussões e comícios, decidiu-se conservar uma ou outra estrutura do poder. Os cossacos mais estimados, jovens na sua maioria, foram eleitos para o comité executivo de distrito. Um funcionário militar do departamento de artilharia chamado Danílov foi elevado à presidência. Formaram-se Sovietes nas stanitsas e nas aldeias e, por muito estranho que isso possa parecer, continuaram a empregar o termo «camarada», outrora considerado como uma injúria. Por fim, lançou-se uma palavra de ordem demagógica: «Pelo poder dos Sovietes, mas contra a comuna, contra as execuções e contra a pilhagem.»

E assim, em lugar de um só galão ou de uma só divisa, os insurrectos usavam no boné dois galões cruzados: um vermelho e outro branco...

Súiarov foi substituído no posto de comando das forças insurrectas reunidas por um rapaz de vinte anos, o tenente Pavel Kudínov, cavaleiro de S. Jorge dos quatro graus, esperto e eloquente. No entanto, era fraco de carácter e não fora feito para comandar um distrito rebelde numa época tão movimentada; os cossacos, porém, apreciavam o seu feitio simples e afável. Kudínov tinha raízes profundas no povo cossaco, a sua família era antiga e ele não possuía aquela insolência, aquela arrogância tão vulgar nos oficiais feitos à pressa. Vestia sempre modestamente e usava os cabelos compridos cortados com uma tigela. Era um pouco curvado, falava depressa, e o seu rosto seco, de grande nariz, dava-lhe um ar de camponês vulgar.

O segundo capitão, Iliá Safónov, foi eleito chefe do Estado-Maior; este, embora não fosse corajoso, tinha uma bela caligrafia e era sensato. Em plena assembleia alguém troçara dele sem cerimónia:

- Ponham o Safónov no Estado-Maior. Na frente nunca fará nada que se aproveite. Teríamos muitas perdas, ele não sabe proteger os homens. Será capaz de os meter na boca do lobo. Tem tanto jeito para combatente como um cigano para ser pope.

Pequenino e rechonchudo, Safónov sorriu desta observação sob o bigode amarelo salpicado de branco, aceitando de bom grado a sua nomeação para o Estado-Maior.

No entanto, Safónov e Kudínov limitavam-se a acatar as decisões dos esquadrões e não tinham liberdade de acção. De resto, eram incapazes de comandar aquela máquina e de se adaptarem ao curso rápido dos acontecimentos.

O 4.º Regimento de cavalaria da Transamúria, reforçado pelos bolcheviques das stanitsas de Usst-Khoppersskaia de Eilansskaia e também parcialmente de Viochénsskaia, atravessou, lutando, várias aldeias, penetrou no território de Elansskaia e avançou na estepe para oeste, seguindo o curso do Don.

A 5 de Março, um estafeta chegou a Tatársski. As pessoas de Blansskaia pediam auxílio com toda a urgência. Sem cartuchos nem espingardas, batiam em retirada. Os cavaleiros da Transamúria mantinham-nos sob o fogo de duas baterias e respondiam aos seus fracos tiros com rajadas de metralhadora. Nestas condições tornava-se impossível aguardar as instruções do distrito. Portanto Petro Melekhov resolveu intervir com os seus dois esquadrões.

Incorporando na força que comandava os dois esquadrões das aldeias vizinhas, conduziu de madrugada os seus soldados para o alto de uma colina. Tudo começou, como de costume, por um recontro de patrulhas. O combate ficaria para mais tarde.

Travou-se na Ravina Vermelha, a oito verstás de Tatársski, no ponto onde Grigóri confessara pela primeira vez a Natalia que já não a amava, quando fora lavar com ela; foi ali que naquele escuro dia de Inverno, no meio da neve, junto às ravinas profundas, os cavaleiros desmontaram, se dispuseram em formação de atiradores, enquanto os guardas dos cavalos punham estes a recato. Mais em baixo, saindo de um vale muito profundo, os vermelhos avançavam em três vagas, e a extensão branca da ravina ficava salpicada de manchas negras.

Aproximavam-se os carros, os cavaleiros iam e vinham. Os cossacos, afastados duas verstás do adversário, preparavam-se vagarosamente para o combate.

Sobre o seu cavalo bem tratado, a escumar, Petro, que acabava de deixar os esquadrões de Elánskkaia já em formação de combate, chegou a galope junto de Grigóri. Vinha alegre e animado: .

- Meus irmãos! Poupem os cartuchos. Atirem quando eu der ordem... Grigóri, leva o teu meio-esquadrão cinquenta ságenas para a esquerda. Despacha-te. Os guardas dos cavalos não devem ficar em grupo.

Deu mais algumas instruções urgentes e pegou no binóculo.

- Estão a instalar uma bateria sobre o outeiro Maitveiev, não é verdade?

- Verifiquei isso a olho nu, há muito tempo - observou Grigóri.

Tirando o binóculo das mãos do irmão, pôs-se a observar. Atrás do outeiro varrido pelo vento, os carros destacavam-se a negro contra o céu e os homens, minúsculos, apareciam e desapareciam.

Apesar da proibição expressa que lhes fora feita, os soldados de infantaria de Tatársski juntavam-se em grupos, distribuía os cartuchos, fumavam, diziam graçolas. O boné preto de Khrisstónia que fora incorporado na infantaria desde que perdera o cavalo oscilava, ultrapassando as cabeças dos cossacos mais baixos. O barrete vermelho de orelhas de Pantellei Prokófievitch era uma mancha rubra que se destacava.

Faziam parte da infantaria sobretudo velhos e rapazes muito jovens. Os homens de Elánskkaia aguardavam à distância de uma verstá e meia dali, à direita de um maciço de girassóis que ficara de pé. Eram seiscentos, divididos em quatro esquadrões, mas, desses seiscentos, cerca de duzentos tinham por missão guardar os cavalos: um terço do efectivo, por conseguinte, mantinha-se escondido juntamente com os animais nas ramificações das ravinas.

- Petro Panteleievitch! - gritaram algumas vozes nas fileiras da infantaria. - Vê se não nos abandonas na refrega!

- Fiquem descansados. Não vos deixaremos sós - respondeu Petro sorrindo. E começou a brincar nervosamente com a chibata, observando as vagas dos vermelhos que avançavam em direcção à colina.

- Petro, vem cá! - disse Grigóri, afastando-se um pouco dos seus homens.

Petro aproximou-se; Grigóri disse-lhe, de testa franzida, com visível descontentamento:

- A nossa posição não me agrada. Valia mais abandonarmos as ravinas. Assim vão rodear-nos, o que nos não convém nada. Hem?

- Que estás tu para aí a dizer? - retorquiu Petro com irritação. - Como queres que nos rodeiem? Tenho un esquadrão de reserva e, se as coisas correrem mal, as ravinias prestar-nos-ão um grande serviço. Não constituem um obstáculo.

- Atenção, rapaz! - gritou Grigóri, abraçando o terreno com os olhos, um gesto que voltaria a fazer muitas vezes.

Voltou-se para os seus homens e examinou-os. Muitos tinham já calçado as mitenes ou as luvas. Emoção. Alguns não resistiam a ajustar o cinto ou o sabre.

- O nosso chefe desmontou - disse Fédot Bodóvsskov, sorrindo com um movimento de cabeça quase imperceptível, designava ironicamente Petro que chegava a bambolear-se.

- Hé, general Platov! - grasnou Alekcei Chamil, o «Maneta», que apenas estava armado com um sabre. - Manda vir um copo de vodka para os cossacos do Don!

- Cala-te bebedola! Quando os vermelhos te cortarem o outro braço, com que é que levas o copo à boca? Tens de beber numa selha.

- Oh, oh!

- Dava qualquer coisa para beber um trago – suspirou Stepane Asstakhov. E pôs-se a retorcer a ponta do bigode loiro, retirando a mão do sabre.

O momento era mal escolhido para conversas. Calaram-se todos ao ouvirem o primeiro tiro de uma peça cuja voz de baixo profundo ressoou atrás do outeiro Matveiev.

Aquele som cavo e cheio desprende-se da boca do canhão como uma bola de trapos e diluiu-se lentamente por cima da estepe com a espuma branca do fumo, a seguir ao estampido breve e cortante da explosão. O tiro foi muito curto, o obus explodiu a meia verstá das linhas cossacas. Um fumo negro, empenachado de branco, ergueu-se lentamente por cima dos campos, e veio desenovelar-se, estender-se, dissipar-se sobre a erva. No mesmo instante, as metralhadoras vermelhas entraram em acção. As rajadas crepitaram, dir-se-ia a cegarrega de um guarda-nocturno. Os cossacos deitaram-se na neve, nas silvas, sobre os pés hirtos dos girassóis sem cabeça.

- O fumo é muito negro. Parece um obus alemão! - exclamou Prokhor Zikov, voltando-se para Grigóri.

Ergueu-se um tumulto no esquadrão de Blansskaia, que era o mais próximo, e chegou até eles um grito:

- Mataram o compadre Mitasfane!

Um tipo de barba ruiva, o chefe do esquadrão de Rubéjine, chamado Ivanov, chegou correndo sob o fogo do inimigo e aproximou-se de Petro. Vinha ofegante, a limpar a testa por baixo do boné:

- Isto é que é neve. Uma pessoa até se enterra!

- Que queres tu? - inquiriu Petro, de sobrolho carregado. Tive cá uma ideia, camarada Melekhov. Manda descer um esquadrão até ao Don. Escolhe um daqueles que aqui estão e manda-o lá para baixo. Os tipos não têm mais do que descer até à aldeia e dali atacam os vermelhos por detrás. Bem vêes que os vermelhos deviam ter deixado de parte o comboio dos carros. . Estão sem defesa. Assim semeávamos o pânico...

A ideia de Ivanov agradou a Petro. Ordenou ao seu meio-esquadrão que abrisse fogo e fez um sinal com a mão a Latichev que estava muito direito, o qual se dirigiu para Grigóri num passo oscilante. Explicou-lhe tudo e ordenou num tom breve:

- Leva o teu meio-esquadrão. Vai pisar-lhes o rabo.

Grigóri deu ordem de partida aos seus cossacos; estes montaram a cavalo na ravina e alcançaram a aldeia num trote rápido.

Depois de terem esvaziado dois carregadores cada um, os cossacos interromperam o fogo. Os vermelhos deitaram-se. As metralhadoras fizeram ouvir o seu crepitar de castanholas. O cavalo de patas brancas de Martine Ghamil, atingido por uma bala perdida, escapou-se das mãos de um dos guardas, atravessou como um louco as linhas dos cossacos de Rubéjine, galopando pela colina abaixo em direcção aos vermelhos. Foi derrubado por um jacto de metralhadora e estatelou-se na neve.

- Apontem às metralhadoras!

A ordem de Petro circulou pelas fileiras. Apontaram às metralhadoras! Porém só disparavam os atiradores escolhidos, que faziam grandes estragos. Um pequeno cossaco, sem grande aspecto, da meia de Verkhné-Krivssikói, alvejou um após outro três atiradores, e a Maxim, cuja água do radiador começava a ferver, calou-se. Mas logo os serventes mortos foram substituídos por outros. A metralhadora voltou a crepitar, espalhando as suas sementes de morte. As salvas sucediam-se. Os cossacos, começando a sentir-se incomodados enterravam-se cada vez mais na neve. Anikuchka cavou o seu buraco até encontrar a terra, sempre a contar anedotas. Já não lhe restavam mais cartuchos dos cinco que tivera no carregador ferrugento; de tempos a tempos esticava a cabeça para fora e produzia com os lábios um som muito parecido com o da doninha assustada.

- Ffff... - fazia Anikuchka, passeando pelas fileiras um olhar idiota.

À sua direita, Stepane Astakhov ria-se até chorar; à esquerda, Antip, o filho de Avdeitoh, por alcunha o «Mentiroso», praguejava furiosamente.

- Cala-te lá com isso! Não é a altura de estares com brincadeiras.

- Ffff...

Anikuchka esbugalhava os olhos, voltando-se para ele com fingido terror.

A bateria dos vermelhos estava pelos vistos com falta de munições; ao cabo de uns trinta obuses, callou-se. Petro lançava olhares impacientes para trás, em direcção ao alto da colina.

Enviou dois estafetas à aldeia com ordem para que toda a população adulta subisse até alli armada com forquilhas, picaretas e foices. Queria intimidar os vermelhos e, ao mesmo tempo constituir três vagas de atiradores.

Não tardou que os habitantes da aldeia surgissem no alto do outeiro em multidão compacta.

- Veio a aldeia em peso.

- Até as mulheres, pelos vistos!

Os cossacos interpelavam-se e sorriam. Deixaram de atirar. Do lado dos vermelhos só crepitavam duas metralhadoras e rugia uma salva de quando em quando.

- Que pena a bateria deles ter-se calado! Se mandassem um obus para cima daquele regimento de mulheres aquilo é que era barulho! Haviam de fugir para a aldeia com as saias todas mijadas - disse voluptuosamente Alekcei o «Maneta».

E parecia lamentar deveras que os vermelhos não disparassem um único tiro sobre as mulheres.

A multidão, organizando-se pouco a pouco, foi-se fraccionando. Em breve se estendeu em duas linhas compactas e parou.

Petro não lhe permitiu aproximar-se das linhas cossacas à distância de um tiro de espingarda, mas a sua presença impressionou sem dúvida os vermelhos. Começaram a retirar, descendo para o fundo da depressão. Após uma breve conferência com os chefes dos esquadrões, Petro descobriu o seu flanco direito com a retirada de dois esquadrões de Elánskkaia que enviou a cavalo para o norte, na direcção do Don, com o fim de apoiar Grigóri. Os dois esquadrões, formando sob os olhares dos vermelhos, desceram para o Don.

E recomeçou o tiroteio sobre os inimigos em retirada.

Nesse momento, algumas mulheres particularmente aguerridas e um bando de garotos deixaram a «reserva» composta de velhos, mulheres e adolescentes, e precipitaram-se para a primeira linha. Daria Melekhov ia no meio delas.

- Meu Petro, deixa-me atirar contra os vermelhos. Eu cá sei dar tiros.

Pegou na carabina de Petro, poisou um joelho em terra, entalou a coronha com uma arrogância muito masculina entre o seio e o ombro direito e disparou por duas vezes.

Entretanto, a «reserva» tremia de frio, batia com os pés no chão, saltava ora num pé ora noutro, assoava-se. As duas linhas vacilavam, como que batidas pelo vento, as

mulheres tinham as faces e os lábios vermelhos; o gelo penetrava descaradamente por baixo das suas saias largas. Os velhos estavam completamente gelados. Muitos deles, entre os quais o avô Grichaka, tinham reclamado auxílio para subirem a ladeira íngreme, mas uma vez chegados ao cimo, nessa colina varrida pelo vento, o tiroteio longínquo e o frio haviam-nos reanimado.

Falavam sem parar das guerras e dos combates doutrora, diziam que esta guerra era muito penosa: defrontavam-se nela pais e filhos, irmãos contra irmãos, e os canhões disparavam de tão longe que não se distinguiam a olho nu.

XXXIII

O meio-esquadrão de Grigóri deu uma coça nas equipagens do regimento de Transamúria, sabrou oito vermelhos, apoderou-se de quatro carroças de munições e de dois cavalos de sela, sofrendo apenas a morte de um cavalo e uma arranhadura insignificante no corpo de um cossaco.

Porém, enquanto Grigóri retirava ao longo do Don com as quatro carroças sem ser perseguido, muito contente com o seu êxito, o combate chegava ao fim sobre a colina. Um dos esquadrões de Transamúria, que antes do combate fizera um desvio de dez verstás a fim de rodear os cossacos, desembocou de repente atrás da colina e atacou os guardas dos cavalos.

Foi uma confusão geral. Os guardas fugiram da Ravina Vermelha com os animais, entregaram alguns aos seus proprietários, mas já os sabres dos transamurianos brilhavam por cima das cabeças dos cossacos. Os guardas estavam desarmados, muitos deles abandonaram os animais e fugiram em debandada.

Os soldados de infantaria, que não podiam atirar com receio de atingirem os seus companheiros, deixaram-se escorregar para o fundo da ravina como feijões que caem de um saco, subiram pelo lado oposto e debandaram. Os cavaleiros que conseguiram recuperar as suas montadas (e eram a maioria) precipitaram-se para a aldeia a toda a brida.

Assim que voltou a cabeça ao ouvir o grito dos assaltantes e viu a carga que se abatia sobre os guardas dos cavalos, Petro comandou:

- Aos cavalos! Infantaria! Látichev! Para a ravina!

Não teve tempo, porém, de chegar junto do seu cavalo, seguro pelo jovem Andriuchka Beskhlebnov. O animal aproximou-se a galope; dois outros cavalos, o de Petro e o de Fédote Bodóvsskov, galopavam à sua ilharga. Nisto, um vermelho, envergando uma peliça amarela aberta, atacou-o de lado, vibrando-lhe um golpe de sabre num ombro, a gritar:

- Ora toma, soldado! Apanha lá esta!

Felizmente que Andriuchka trazia a espingarda ao ombro. O sabre, em lugar de lhe cortar o pescoço envolto numa charpa branca, deslizou ao longo do cano, escapou-se das mãos do vermelho e vibrou ao descrever no ar uma longa curva.

O cavalo espantado de Andriuchka empinou-se, tomou o freio nos dentes, arrastando atrás de si as montadas de Petro e de Fédote Bodóvsskhov.

Petro soltou um grito, parou, fez-se pálido e o suor inundou-lhe o rosto. Voltou-se: uma dúzia de cossacos corriam para ele.

. Estamos perdidos! . gritava Fédote Bodóvsskhov.

O terror desfigurava-o.

- Saltem para a ravina, irmãos!

Petro recompôs-se, correu para a frente, deixou-se escorregar pela encosta íngreme de trinta ságenas de profundidade. A sua peliça, ficando presa, rasgou-se no bolso do peito. Pôs-se de pé num salto, sacudiu-se como os cães, com todo o corpo.

Os outros deixavam-se cair em cambalhotas selvagens, voltando-se na queda.

Num minuto caíram onze. Petro era o décimo primeiro.

Lá em cima crepitava ainda o tiroteio, ouviam-se gritos, o ruído das ferraduras dos cavalos. No fundo da ravina, os cossacos sacudiam estupidamente a neve e a areia dos bonés. Alguns, que se haviam magoado ao cair, friccionavam-se. Martine Chamil retirara a culatra da espingarda e soprava-lhe no cano cheio de neve. Um garoto alhoirado, filho de Manistkov, o falecido atamane da aldeia, tinha as faces trémulas de pavor e as lágrimas traçavam-lhe sobre elas sulcos húmidos.

- Que havemos de fazer? Diz-nos, Petro. Vamos morrer! Para onde poderemos fugir? Ah! Eles vão-nos matar!

Fédote desatou a bater os dentes e partiu a correr para o Don, descendo pelo leito da ravina.

Os outros precipitaram-se atrás dele como carneiros.

Petro reteve-os com grande custo.

- Alto! É preciso reflectir! Não corram! Eles vão disparar sobre nós.

Levou-os para um buraco escavado pela agua no barro vermelho do flanco da ravina, e declarou a gaguejar, esforçando-se por manter uma aparência de calma:

- Não podemos descer. Eles vão perseguir os nossos até uma grande distância. Temos de ficar aqui. Dispersem-se pelos buracos. Três homens deste lado. Defender-nos-emos, Aqui é possível aguentar um cerco.

- Não, não. Estamos perdidos! Santos do Paraíso! Meus amigos! Deixem-me partir. Não quero... Não quero morrer! - berrou de súbito o jovem Mainitskov, o rapaz loiro que começara a chorar há um bocado.

Os olhos kalmukes de Fédote puseram-se a brilhar, e este vibrou um soco no queixo do jovem Mainitskov.

O sangue jorrou do nariz do garoto, as suas costas fizeram saltar torrões de argila na parede da ravina, cambaleou, mas calou-se.

- Defendemo-nos, como? - inquiriu Chamil, agarrando no braço de Petro. - Quantos cartuchos temos? Não há cartuchos. Se nos atirarem com uma granada é o fim.

- Que fazemos então? - perguntou Petro.

Empalidecera de súbito e uma baba de espuma fervia-lhe por baixo do bigode.

- Deitem-se! Sou eu o chefe, ou quê? Atenção, vou atirar!

E brandiu o revólver por cima da cabeça dos cossacos.

Estas palavras proferidas numa voz sibilante deram-lhe nova vida. Bodóvsskhov, Chamil e mais outros dois correram para a outra vertente da ravina e deitaram-se numa fenda, os restantes ficaram em redor de Petro.

Na Primavera, as torrentes que desciam das montanhas arrastando pedras cavavam buracos no fundo das ravinas, esboroavam as placas de argila vermelha, formavam nas paredes cavidades e trincheiras. Foi aí que se esconderam os cossacos.

Ao lado de Petro, Antip, filho de Avdeitch, todo curvado, pronto a disparar, murmurava como que em delírio:

- Stepane Asstakhov agarrou o cavalo pelo rabo. Conseguiu fugir e eu não. A infantaria abandonou-nos. Estamos perdidos.

- Deus bem o sabe, vamos morrer.

Ouviram-se passos apressados no alto da ravina. Caíram em baixo chapadas de neve e de argila.

- São eles murmurou Petro.

Agarrara Antip pela manga, mas este despreendeu-se com violência e olhou para cima, com o dedo no gatilho.

Ouviram-se vozes, alguém chamava pelo cavalo...

«Estão a combinar», pensou Petro, novamente alagado em suor, como se todos os seus poros se houvessem dilatado, inundando-lhe as costas, o peito e o rosto...

- Hei lá, vocês aí! Saíam cá para fora! Nós matamo-vos de qualquer maneira! gritou uma voz de cima.

Uma torrente de neve mais espessa caiu na ravina como um jorro de leite. Alguém se aproximava da borda.

Outra voz, que ainda se não fizera ouvir, disse num tom seguro:

- Foi aqui que eles saltaram. Ainda se vê o rasto. De resto eu vi-os.

- Petro Melekhov, sai cá para fora!

Durante uns segundos Petro sentiu uma alegria cega que o abraçou como uma chama. «Os vermelhos não me conhecem. São os nossos que voltaram.» Mas a voz prosseguiu e ele pôs-se a tremer.

- É Mikhaílo Kochevói que fala. Aconselho-vos que se rendam. Não podem sair daí.

Petro enxugou a fronte húmida, ficando com vestígios rosados de suor sangrento na palma da mão.

Um estranho sentimento de indiferença, vizinho da inconsciência, apoderara-se dele.

E estas palavras pronunciadas por Bodóvsskhov pareceram-lhe absurdas:

- Saímos se vocês nos deixarem ir embora. De contrário, disparamos. Não nos apanharão.

- Deixamos-vos ir embora... - responderam lá de cima no fim de um silêncio.

Petro fez um esforço terrível para sacudir o torpor. Julgando distinguir um tom irónico na resposta dos vermelhos, gritou em surdina:

- Para trás!

Mas ninguém o ouvia.

Todos, excepto Antip, que estava escondido mesmo no fundo do buraco, começaram a trepar, agarrando-se às saliências da encosta.

Petro foi o último a sair. A vida fervilhava dentro dele como uma criança no ventre da mãe. Movido pelo instinto de conservação, atirara fora os cartuchos. Rastejava ao longo da subida abrupta sentia a vista perturbada e o coração enchia-lhe o peito por completo. Abafava, sentia-se mal, como durante um pesadelo da infância. Arrancou os botões do blusão, rasgou a camisa interior toda suja. O suor cegava-o, as mãos escorregavam-lhe nas saliências geladas da ravina. Saiu, ofegante, para um pequeno espaço de terra calcada e atirou com a espingarda ao chão, erguendo os braços. Os que tinham saído à sua frente apertavam-se uns contra os outros, num grupo compacto.

Michka Kochevói, destacando-se de uma grande multidão de soldados de infantaria e de cavaleiros da Transamúria, avançava para eles a pé, seguido de um grupo de homens a cavalo. Dirigiu-se a Petro e disse baixinho, sem erguer os olhos do chão:

- Ainda não estás farto de guerra?

Esperou um momento pela resposta e depois prosseguiu, olhando para os pés de Petro:

- Eras tu o chefe?

Os lábios de Petro começaram a tremer. com um gesto de grande fadiga levou a mão à testa húmida. As pestanas longas e curvas de Michka estremeceram, o seu lábio superior, carnudo e coberto de crostas da febre, ergueu-se um pouco.

Sacudiu-o um estremeção de tal modo violento que foi como se lhe puxassem pelas pernas; ia caindo. Mas ergueu bruscamente a vista para Petro, cravou-lhe nas pupilas um olhar indiferente e resmungou muito depressa:

- Despe-te.

Petro tirou lentamente a peliça, dobrou-a com cuidado e poisou-a sobre a neve; tirou o boné, o cinto e a Musa de caqui; depois sentou-se na aba da peliça e começou a descalçar as botas, cada vez mais pálido.

Iváne Alekceiévitich, descendo do cavalo, aproximou-se de esguelha, a olhar para Petro e a comprimir os lábios para não desatar em soluços.

Michka murmurou:

- Não dispas a roupa interior.

Depois estremeceu, gritando de súbito numa voz aguda:

- Depressa!

Petro apressou-se, amarfanhou as meias de lã e enfiou-as nas botas, ergueu-se e, abandonando a peliça, poisou sobre a neve os pés nus que lhe pareceram amarelos como o açafão.

- Compadre! - disse para Iváne Alekceiévitich, quase sem mover os lábios.

Iváne Alekceiévitich via a neve a derreter-se debaixo dos pés de Petro.

- Compadre, não me executes - suplicou. E, vendo o revólver de Michka já erguido à altura do seu peito, piscou os olhos, como se esperasse ver algo que o cegasse. Depois enterrou a cabeça entre os ombros; parecia preparar-se para saltar.

Não ouviu a detonação. Caiu de costas, como se o tivessem empurrado brutalmente.

Parecia-lhe que a mão estendida de Michka Kochevói lhe agarrara o coração e lhe espremia dele o sangue todo num jacto. O último esforço que fez na vida foi para desabotoar a gola da camisa interior, descobrindo por baixo do seio esquerdo o buraco da bala. O sangue começou a escorrer, primeiro muito lentamente, depois, encontrando o caminho aberto, saiu a fervilhar, num esguicho negro como alcatrão.

XXXIV

A patrulha que fora enviada para a Ravina Vermelha regressou de madrugada, anunciando que não havia vestígios de vermelhos até à fronteira da stanitsa de Elansskaia e que Petro Melekhov jazia juntamente com mais outros dez cossacos no alto da ravina.

Grigóri mandou trenós para trazerem os corpos e foi passar o resto da noite para casa de Khrisstónia, fugindo assim aos lamentos das mulheres e aos gemidos terríveis de Daria.

Ficou lá até de madrugada, junto ao fogão de azulejo. Fumava com avidez e no fim de cada cigarro, como se receasse encontrar-se a sós com os seus pensamentos e com o desgosto da morte de Petro, apressava-se a pegar de novo na bolsa do tabaco.

Enquanto aspirava, até se saciar, o fumo acre, ia trocando frases insignificantes com Khrisstónia, que dormitava.

O dia clareou completamente. O degelo começara de madrugada. Pelas dez horas surgiram poças nas ruas cobertas de estrume. Caíam gotas dos telhados. Os galos cantavam com a sua voz primaveril e algures uma galinha cacarejava como se se estivesse num dia de calor. Nas cercas do gado os bois esfregavam-se contra as vedações. O vento levava os pêlos castanhos que lhes caíam naquela época. O ar estava saturado do cheiro acre e adocicado da neve derretida. Uma pequena calhandra de peito amarelo baloiçava-se cantando no ramo nu de uma macieira, junto do portão de Khrisstónia.

Grigóri esperava, de pé, junto ao portão, que surgissem os carros no alto da colina e traduzia involuntariamente o canto da calhandra numa linguagem que lhe era familiar desde a infância: «Bois à charrua! Bois à charrua!» cantava alegremente a calhandra nesse dia de degelo. Mas Grigóri sabia que o canto muda quando começa a gelar, e então a calhandra tagarela aconselha: «Calça as botas! Calça as botas!»

O olhar de Grigóri oscilava entre a estrada e a calhandra saltitante. «Bois à charrua! Bois à charrua!» E pôs-se a recordar o tempo em que ele e Petro guardavam os perus na estepe, ambos crianças. Petro, com a sua cabeça loira e o nariz arrebitado sempre a pelar-se, imitava magistralmente o glu-glu dos perus e sabia na perfeição traduzir a linguagem deles ao seu falar infantil. Reproduzia fielmente o piar do peru ofendido, exclamando na sua vozita: «Eles têm botas e eu não! Eles têm botas e eu não!» E logo, piscando os olhos,

punha-se a caminhar de lado, como um peru velho, resmungando: «Glu-glu-glu! Glu-glu-glu!

- Compram-se botas na feira, que mais queres tu?» Então Grigóri ria, feliz, e pedia-lhe que imitasse mais os perus, que lhe mostrasse como fazem os peruzinhos quando piam muito aflitos por terem encontrado no meio da erva qualquer objecto insólito, uma lata ou um trapo...

O trenó da frente surgiu ao cimo da rua, com um cossaco a caminhar ao lado. Depois o segundo, em seguida o terceiro. Grigóri limpou as lágrimas, fez desaparecer o sorriso meigo despertado por aquelas recordações importunas e tratou de se dirigir ao portão da sua casa. Queria estar junto da mãe, louca de dor, naquele minuto terrível, para a não deixar aproximar do trenó onde se encontrava o corpo de Petro.

Alekcei Chamiil caminhava, de cabeça descoberta, ao lado do primeiro trenó. com o coto do braço apertava o boné contra o peito e segurava na mão direita as rédeas de crina. Grigóri, sem atentar no rosto de Alekcei, olhou para o trenó. Martine Chamil jazia num leito de palha, deitado de costas. O sangue gelado cobria-lhe o rosto, o blusão verde aberto sobre o peito e o ventre metido para dentro. Trazia a cabeça encolhida entre os ombros, como se tivesse frio e a sua nuca fora cortada com um golpe certo de sabre: caracóis negros rodeavam-lhe em franja os ossos do crânio postos a descoberto. Grigóri olhou para o terceiro trenó. Não reconheceu o morto, mas viu uma mão com dedos de cera, amarelados pelo tabaco. Estava caída para fora, e os dedos, reunidos ainda para o sinal da cruz, traçavam um sulco na neve mole. O morto conservara as botas e o capote.

Trazia até o boné poisado sobre o peito. Grigóri segurou na rédea do cavalo do quarto trenó, e levou a trote para o pátio da quinta dos Melekhov. Chegavam correndo os vizinhos, mulheres e crianças. Uma multidão compacta rodeou o alpendre.

- Aqui está ele, o nosso bem-amado Petro Painteleievitch.

- Terminou o seu caminho na terra - observou alguém baixinho.

Stepane Astakhov entrou no pátio de cabeça descoberta.

Depois chegou o avô Grischaka (donde viria ele?) e a seguir mais três velhos. Grigóri lançou em redor um olhar desvairado.

- Vamos levá-lo para casa...

No momento em que o condutor segurava Petro pelas pernas, a multidão afastou-se em silêncio para dar respeitosamente passagem a Ilínitchina, que descia os degraus do alpendre.

Ilínitchna lançou um olhar ao trenó. Uma palidez mortal Cobriu-lhe o rosto como um véu, desceu-lhe pelas faces, pelo nariz, estendeu-se-lhe até ao queixo. Pantelei

Prokófievitch segurou-a a tremer por baixo dos braços. Foi Duniachka quem começou as lamentações, que se repetiam em dez pontos da aldeia. Bateu uma porta. Desgrenhada, com o rosto tumefacto, Daria, surgindo no alpendre, atirou-se para cima do trenó.

- Petíuchka! Petíuchka! Meu querido! Levanta-te! Levanta-te!

Os olhos de Grigóri toldaram-se.

- Vai-te embora, Dachka! - gritou ele com selvageria, fora de si. Batia-lhe no peito sem saber o que fazia.

Ela caiu sobre um monte de neve.

Grigóri agarrou violentamente no irmão por baixo dos braços, enquanto o condutor o segurava pelos tornozelos nus. Mas Daria acompanhou-os a rastejar, abraçando e cobrindo de beijos as mãos geladas do marido. Grigóri repelia-a com o pé, sentindo que ia perder de um momento para o outro o domínio de si próprio. Duniachka arrancou as mãos de Daria do cadáver e apertou contra o peito a cabeça inconsciente da cunhada.

Na cozinha reinava um silêncio de morte. Petro estava estendido no chão, muito pequeno, dir-se-ia ressequido. Tinha o nariz mais afilado, o bigode, loiro como o trigo, mais escuro, o rosto mais comprido e mais severo. As pernas peludas saíam para fora das calças franzidas, por baixo das passadeiras. Degelava lentamente e, debaixo dele, formava-se uma poça rosada. E, à medida que aquele corpo que a noite congelara retomava a sua consistência, mais se acentuava o cheiro salgado do sangue e o perfume untuoso, adocicado, o perfume a miosótis do cadáver.

Pantelei Prokófievitch aplainava as tábuas para o caixão, debaixo do telheiro. As mulheres afadigavam-se no quarto em volta de Daria que não recuperara os sentidos. De tempos a tempos, uma delas soltava um soluço histérico, depois ouvia-se a voz rumorejante como um regato da velha Vassílissa que viera «partilhar» o desgosto. Grigóri estava sentado no banco, em frente do irmão, a enrolar um cigarro e a fitar o rosto de Petro, cujas extremidades se iam tornando amareladas, com as unhas redondas, de um tom azul. O grande frio da separação estabelecera-se já entre os dois. Petro não fazia mais parte da família, era um hóspede de passagem, e chegara o momento de se separarem dele.

Encontrava-se agora deitado, apoiando com indiferença a face no chão térreo, como se estivesse allí à espera de qualquer coisa, com um sorriso pacífico, enigmático e gelado, sob o bigode cor de trigo maduro.

No dia seguinte, a mulher e a mãe prepará-lo-iam para a sua última viagem. À noitinha, a mãe aqueceu para ele três marmitas de água e a mulher foi-lhe buscar roupa lavada, as calças melhores, a sua mais bela túnica. O irmão Grigóri e o pai lavariam aquele corpo que já lhes não pertencia, que não sentia vergonha da sua nudez. Vestir-lhe-iam o

fato domingueiro e deitá-lo-iam sobre a mesa. Depois, viria Daria e, naquelas grandes mãos geladas que ainda na véspera a tinham apertado, colocaria a mesma vela que ardera para eles na igreja, no dia do casamento. Então, o cossaco Petro Melekhov ficaria pronto a partir para o país donde se não volta mais.

«Teria sido melhor teres-te deixado matar algures na Prússia, e não aqui sob as vistas da tua mãe!» censurava-o Grigóri no íntimo, fitando o cadáver. De súbito, empalideceu: uma lágrima deslizava pela face de Petro em direcção ao bigode murcho. Grigóri sobressaltou-se, mas, olhando mais atentamente, soltou um suspiro de alívio: aquilo não era uma lágrima, mas sim uma gota de água que caíra da popa frisada de Petro, agora descongelada, e que lhe rolava lentamente pela face.

XXXV

O alto-comando reunido das forças insurrectas do Alto Don nomeara Grigóri Melekhov chefe do regimento de Viochénskaia. Grigóri tinha de marchar sobre Karguínsskaia com dez esquadrões cossacos. O Estado-Maior dera-lhe ordem para esmagar a todo o custo o destacamento de Likhatchov, expulsando-o do distrito, e para levantar as aldeias ribeirinhas do Tchir e das stanitsas de Karguínsskaia e Bokóvsskaia.

E Grigóri partiu no dia sete de Março. No alto da colina que o degelo semeava de manchas escuras, fez passar à sua frente os dez esquadrões. Estava à beira da estrada, abatido, curvado sobre a sela, com as rédeas tensas para segurar o cavalo folgado; na sua frente desfilavam em colunas os esquadrões das aldeias do Don: Bázi, Bdógorka, Olchánsski, Merkuilov, Gromkóvsski, Semionóvsski, Ribínsski, Vodiánsski, Lebiági, Erik.

Acariciava com a luva o bigode negro e franzia o nariz de falcão, seguindo os esquadrões com um olhar pesado e sombrio, sob as sobrancelhas arqueadas. As ferraduras enlameadas de todos aqueles cavalos pisavam a massa escura da neve. Os homens que conheciam Grigóri sorriam-lhe ao passar.

Uma nuvem de fumo de tabaco estendia-se e esvoaçava por cima dos seus bonés. Os cavalos fumegavam.

Grigóri juntou-se ao último esquadrão. A três verstás dali encontrou uma patrulha. O sargento que a comandava galopou até Grigóri.

- Os vermelhos batem em retirada na estrada de Tchukárine. O destacamento de Likhatchov não aceitou o combate.

Porém Grigóri enviou três esquadrões a fim de cortarem o caminho aos vermelhos e ele, com os outros sete esquadrões, exerceu tal pressão sobre os inimigos que estes, logo a partir de Tchukárine, começaram a abandonar os carros e os caixotes de munições. À saída de Tchukárine, junto da pequena igreja, uma bateria vermelha atirou-se no rio. Os condutores cortaram os tirantes e fugiram a galope, através dos campos, na direcção de Karguínsskaia.

Os cossacos percorreram sem combate as quinze verstás que separavam Tchukárine de Karguínsskaia. Apenas foram disparados alguns tiros sobre os batedores de

Viochénskaia por uma patrulha inimiga, perto de lassenóvka, nada mais. Os cossacos começaram a dizer, por graça: «Vamos continuar assim até Novotcherkassk».

Grigóri estava contente por se ter apoderado da bateria.

«Nem sequer tiveram tempo de sabotar as culatras», pensava com desdém. Safaram as peças encalhadas puxando-as com bois.

Encontraram imediatamente serventes dentro dos esquadrões e cada peça foi dotada com uma dupla atrelagem de seis parelhas de cavalos. Destacou-se meio esquadrão para acompanhar a bateria.

Karguínskaia foi tomada sem esforço ao cair da noite.

Uma parte do destacamento de Likhatchov, com as três peças e as nove metralhadoras que lhe restavam, foi capturada. Os outros vermelhos conseguiam fugir pelas aldeias com o comité revolucionário de Karguínskaia, na direcção da stanitsa de Bokóvsskaia.

A chuva caiu durante toda a noite. Pela manhã, as ravinas e os regos transbordavam de água cintilante. Os caminhos estavam impraticáveis. A neve, repassada de água, desfazia-se. Os cavalos atolavam-se, os homens caíam de fadiga.

Dois esquadrões sob o comando do tenente Khánlaimpi Ermakov, enviados por Grigóri em perseguição do inimigo em retirada, fizeram uns trinta prisioneiros nas aldeias vizinhas de Latichévsski e de Visiloguzóvsskaia.

Grigóri instalara o quartel-general numa casa imensa, pertencente ao ricoço lá da terra, um tall Kárguine. Levaram os prisioneiros para o pátio. Ermakov, ao entrar, fez a continência a Grigóri.

- Apanhei vinte e sete vermelhos. A tua ordenança trouxe o teu cavalo. Queres partir já?

- Sim, partimos já. Fazemos uma reunião na praça e seguimos depois.

- Não é preciso reunir. Já estão todos a cavalo. – Ermakov encolheu os ombros e sorriu: - Olha, aqueles que chegam não são de Vicchénskaia?

Grigóri olhou através da janela. Chegavam três esquadrões numa ordem perfeita, em filas de quatro. Tudo cossacos de primeira ordem, cavalos de categoria.

- Donde vêm eles? Donde diabo vem aquilo? - murmurou alegremente Grigóri, que se precipitou lá para fora a ajustar o sabre.

Ermakov apanhou-o no portão.

O comandante do primeiro esquadrão vinha já direito a ele; conservava respeitosa a mão na pala do boné e não se atrevia a estender-lha.

- É o camarada Melekhov?

- Sou. Onde vêm vocês?

- Receba-nos na sua unidade. Vimos para isso. O nosso esquadrão formou-se esta noite com homens de Likhóvidov, os outros dois com homens de Gratchov, de Arkhipovka e de e de Vassilievsska.

- Conduza os seus cossacos para a praça. Vamos fazer uma reunião.

A ordenança de Grigóri (era Prokhor Zikov) trouxe-lhe o cavalo e ajudou-o mesmo a montar.

Enmakov, com uma destreza extraordinária, quase sem tocar na crina nem no pomo, ergueu para a sela o seu corpo seco com músculos de ferro e perguntou, aproximando-se de Grigóri, enquanto compunha, num gesto maquinal, as abas do capote:

- Que fazemos dos prisioneiros?

Grigóri, segurando-o pelo botão do capote, curvou-se para ele, inclinado na sela. Brillavam-lhe nos olhos centelhas fulvas, mas os lábios sorriam com um sorriso feroz, é certo.

- Diz que os levem para Viochénskaia. Percebeste? Mas não os deixem ir mais longe do que aquele outeiro, lá adiante.

Indicava com o chicote um montículo arenoso que dominava a stanitsa, e fez avançar o cavalo.

«A primeira vingança por conta de Petro», pensou ele, metendo o cavalo a trote. E, sem razão aparente, deu-lhe uma chibatada que lhe marcou na garupa um vergão esbranquiçado.

XXXVI

De Karguínsskaia, Grigóri marchava sobre Boknóvsskaia, à frente de uma tropa composta agora por três mil e quinhentos homens. O estado-maior e o comité executivo do distrito enviavam-lhe instruções e ordens expressas. Um membro do estado-maior escreveu-lhe uma carta pessoal neste estilo empolado:

Muito estimado camarada Grigóri Panteleievitch

Chegaram até nós boatos pérfidos dizendo que aplicavas aos prisioneiros vermelhos métodos cruéis de justiça sumária.

Parece que por tua ordem trinta vermelhos feitos prisioneiros por Ermakov Kharlampi, em Bokóvsskaia, teriam sido exterminados, ou melhor, passados a sabre. Entre os ditos prisioneiros havia, segundo se diz, uma espécie de comissário que nos poderia ser útil dando-nos a conhecer as forças deles. Caro camarada, anula a tua ordem de não se fazerem prisioneiros.

Essa ordem é terrivelmente prejudicial para nós e os cossacos murmuram, segundo se diz, contra tal crueldade e receiam que os vermelhos comecem também a sabrar os prisioneiros e a destruir as nossas aldeias. Quanto aos chefes, manda-os também vivos para as nossas mãos. Suprimi-los-emos secretamente em Viochénsskaia ou então em Kazánsskaia, enquanto tu avanças com os teus esquadrões como Taras Bulba no romance histórico do escritor Puchkine, passas tudo a ferro e a fogo e inquietas os cossacos. Modera-te, por favor, não dêes a morte aos prisioneiros, manda-os para nós. É nisso que residirá a nossa força, como atrás te disse.

Enviamos-te as nossas profundas saudações e desejamos-te todas as felicidades.

Grigóri rasgou esta carta sem acabar de a ler e atirou-a para debaixo das patas do cavalo. A Kudínov, que lhe escrevia:

- Orienta imediatamente a tua ofensiva em direcção do sul, no sector Kruténki-Asstakhovo-Grékovo. O Estado-Maior considera indispensável uma junção com a frente dos cadetes. Caso contrário, seremos cercados e esmagados.

Grigóri respondeu sem descer do cavalo:

Marcho sobre Bokóvsskaia, persigo o inimigo em retirada. Não irei para Kruténki, acho a tua ordem idiota. E quem iria eu atacar em Asstakhovo? Não está lá ninguém, a não ser o vento e os ucranianos.

A sua correspondência oficial com a direcção dos insurrectos ficou por aí. Os seus esquadrões, formados em dois regimentos, aproximavam-se da aldeia de Konkov, no limite do território de Bokóvsskada. A sorte das armas sorriu a Grigóri durante mais três dias. Após ter tomado Bokóvsskaia, cujaposse disputou renhidamente, marchou por sua conta e risco sobre Krasnókutsskaia. Fez em pedaços um pequeno destacamento que lhe saíra ao caminho, mas não mandou passar a sabre os prisioneiros; enviou-os para a retaguarda.

A 9 de Março estava já muito próximo do burgo de Tchistiakovka. O combate durou três horas. Receando cair numa «bolsa», Grigóri fez recuar as suas unidades para Krasnókutsskaia.

Porém, na manhã do dia 10, os Cossacos Vermelhos do Khopr infligiram uma derrota aos homens de Viochénskaia.

No ataque e no contra-ataque, os cossacos do Don defrontaram-se despedaçando-se de parte a parte; Grigóri ficou com a cara rasgada de um lado e perdeu o cavalo durante a batalha; retirou os seus regimentos do combate e recuou para Bokóvsskaia.

À noite, interrogou um prisioneiro. O homem que estava de pé na sua frente era um cossaco muito jovem da stanitsa de Tepikínsskaia, loiro, de peito cavado e com uns farrapos de fita vermelha na lapela do capote. Respondia de boa vontade às perguntas, 'mas com um sorriso contrafeito.

- Quais foram os regimentos que ontem lutaram?

- O Terceiro Cossaco, Regimento Stenka Rázine, o meu, (quase só cossacos do distrito de Khopr), o Quinto transmuriano, o Décimo Segundo de Cavallaria e o Sexto de MCsenssk.

Sob o comando de quem? De Kikvidzé, pelos vistos?

- Não, é o camarada Domnitch quem comanda tudo.

- Vocês têm muitas munições?

- Ah, lá isso, temos!

- E canhões?
- Oito, se não estou em erro.
- Onde vinha o teu regimento?
- Das aldeias de Kaménskaja.
- Tinham-vos explicado para onde iam?

O rapaz hesitou, acabando por responder. Grigóri quis informar-se acerca do estado de espírito dos homens do Kihopr:

- Que diziam entre si os cossacos?
- Que não iam para ali de vontade...
- No teu regimento sabem contra quem nos revoltamos?
- Como é que havíamos de saber?
- Então por que motivo não queriam ir?
- Pelo facto de vocês serem cossacos. E além disso estamos fartos de guerra. Desde

que andamos com os vermelhos isto nunca mais acaba.

- Gostarias de ficar connosco?

O rapaz encolheu os ombros magros:

- Como quiserem. Não estou lá muito interessado...
- Bem, vai-te embora. Podes ir ter com a tua mulher. Aposto que tens saudades dela.

De olhos semicerrados, Grigóri seguia o cossaco que se afastava, e chamou Prokhor Zikov. Pôs-se a fumar, deixando-se ficar assim um grande bocado, sem dizer nada. Por fim, aproximou-se da janela e ordenou tranquilamente, de costas voltadas para Prokhor:

- Diz aos rapazes que dêem cabo à socapa desse tipo que acabei de interrogar. Não faço prisioneiros entre os cossacos vermelhos.

Deu meia volta brusca sobre os tacões esbeçados.

- Despachem-se a... Anda!

Prokhor saiu. Grigóri ficou ali uns momentos, a quebrar as hastes tenras dos gerânios da ameia, depois saiu rapidamente para o alpendre. Prokhor falava em voz baixa com os cossacos sentados ao sol, perto da granja.

- Deixem ir embora o prisioneiro. Arranjem-lhe um salvo-conduto - disse Grigóri sem olhar para os cossacos.

Voltou a entrar no quarto, parou diante de um espelho gasto e abriu os braços num gesto perplexo.

Não sabia explicar por que motivo saíra e ordenara que deixassem partir o prisioneiro. Experimentara uma alegria maldosa, qualquer coisa que se assemelhava a um prazer, quando dissera, sorrindo intimamente: «Podes ir ter com a tua mulher...

«Anda, vai...», sabendo que iria chamar Prokhov e lhe ordenaria que suprimisse o cossaco vermelho do Khopr.

Sentia-se ligeiramente irritado por ter revelado piedade.

Pois não seria piedade aquele sentimento que se introduzira nele e o 'levara a libertar um inimigo? Ao mesmo tempo, experimentava uma alegria refrescante... Como podia ser isso? Não conseguia compreender. Isto era tanto mais estranho porquanto, na véspera, afirmara aos seus homens: «Hoje o camponês é um inimigo, mas o cossaco que alinha com os vermelhos é duplamente inimigo. Julga-se sumariamente, como os espíões: um, dois, e vamos para a frente em nome de Deus!»

Grigóri saiu do seu aquartelamento atormentado por esta dolorosa contradição que não conseguia resolver e aflito com este novo sentimento acerca da injustiça da sua causa. Veio ter com ele o comandante do regimento do Tchir, um homem alto que servira na Guarda, acompanhado por dois chefes de esquadrão.

- Chegaram novos reforços. Três mil cavaleiros de Naipólov, da Iblonevaia e da Gussinka, e mais dois esquadrões a pé. Que vais fazer, Melekhov? - perguntou ele sorrindo.

Grigóri ajustou a Mauser e a cartucheira elegante que tirara a Likhatchov, e saiu para o pátio. O sol aquecia. O céu, alto e azul como no Verão, estava semeado de mrvenzinhas brancas que se encaminhavam para o sul. Grigóri reuniu em conferência, numa viela, todos os comandantes de unidade.

Juntaram-se cerca de trinta homens que se sentaram sobre uma cerca derrubada; um deles fez circular a sua bolsa de tabaco.

- Quais vão ser os nossos planos? Que vamos fazer para demolir esses regimentos que nos expulsaram de Tchástíakovka e que caminho seguiremos? - perguntou Grigóri, ao mesmo tempo que os informava da ordem de Kudínov.

- Mas quantos são eles? Conseguiste tirar alguma coisa do prisioneiro? perguntou um chefe de esquadrão.

Grigóri enumerou os regimentos que tinham pela frente, calculou rapidamente o número de baionetas e de sabres do inimigo. Todos guardavam silêncio. Numa conferência não se pode falar à toa. Por isso, o chefe de esquadrão de Gratchov declarou:

- Espera um pouco, Melekhov, deixa-nos reflectir. Isso é mais difícil do que vibrar uma sabrada. Não pode haver enganar.

E foi ele o primeiro a dar a sua opinião.

Grigóri escutou-os a todos atentamente. A opinião da maioria era que não se deviam deixar arrastar para muito longe, mesmo em caso de êxito, e que seria preferível fazerem

uma guerra defensiva. No entanto, um dos homens do Tchik apoiava calorosamente a ordem do comandante-chefe das forças insurrectas:

- Não há motivo para ficarmos aqui a marcar passo. É preciso que Melekhov nos conduza até ao Donetz. O quê, vocês estão loucos? Somos um punhado de homens e temos toda a Rússia contra nós. Como querem que nos aguentemos? À primeira pressão, estamos perdidos. Devemos abrir uma brecha. Bem sei que não temos muitas munições, mas arranjalas-emos.

- Precisamos de fazer uma razia. Decidam-se.

- E as pessoas, que fazes delas? Dos velhos, das mulheres e das crianças? Que fiquem onde estão.

- A tua cabeça é inteligente, mas o seu proprietário é um imbecil.

Até então, os comandantes de unidades, sentados sobre a cerca, tinham conversado a meia voz a respeito dos trabalhos da Primavera que se aproximava, do destino das herdades se não abrissem uma brecha, mas, após o discurso do homem do Tchir, todos começaram a berrar, e a conferência assumiu de repente o carácter de uma assembleia de aldeia.

Um cossaco muito velho, de Napólov, falou mais alto do que todos os outros:

- Não nos afastaremos das nossas sebes. Serei eu o primeiro a fazer regressar o meu esquadrão à minha aldeia. Se for preciso lutar, lutaremos perto das nossas herdades, nada temos a ver com as dos outros.

- Não me chateies. Cá por mim sei raciocinar, tu só sabes berrar.

- Para que havemos de discutir?

- O Kudínov que vá para o Donetz, se quiser!

Grigóri esperou que se restabelecesse o silêncio e pôs na balança a sua decisão:

- Manteremos a frente aqui. No caso de Krasnokutsskaia se juntar a nós, defendê-la-emos também. Não iremos para parte nenhuma. A conferência terminou. Cada um que regresse ao seu esquadrão. Partimos imediatamente e retomaremos as nossas posições.

Meia hora depois, viam-se desfilar pelas ruas ondas compactas de cavalaria. Grigóri sentiu uma alegria orgulhosa: nunca comandara tamanha multidão de homens. Mas, ao mesmo tempo que a satisfação do amor-próprio despertava nele, sentia uma angústia, uma tristeza amarga: saberia ele conduzi-los como devia ser? Teria capacidade para guiar milhares de cossacos? Já não era um esquadrão que tinha sob as suas ordens, mas uma divisão inteira. Saberia ele, um homem tão pouco instruído, manter a autoridade sobre milhares de vidas de quem era o supremo responsável? «Mas sobretudo, contra quem é que os conduzo? Contra o povo... Quem pois é que tem razão?»

Grigóri olhava, rangendo os dentes, os esquadrões que desfilavam diante dele em filas cerradas. A atracção do poder desapareceu, esfumou-se aos seus olhos. Ficaram apenas a angústia e a amargura a pesar-lhe sobre os ombros, de maneira insuportável.

XXXVII

A Primavera abria as veias dos rios. Os dias eram mais vigorosos, mais sonoras as torrentes verdes das encostas.

O Sol tornara-se nitidamente mais fulvo, transformara-se a sua impotente cor amarela. As barbas dos seus raios eram mais espessas e picavam de calor. Ao meio-dia, as terras lavradas e nuas fumegavam, a neve esponjosa, gretada, cintilava com um brilho intolerável. O ar, impregnado de humidade insípida, era espesso e perfumado.

O sol aquecia as costas dos cossacos. As almofadas das selas estavam agradavelmente tépidas, o vento de lábios húmidos molhava as faces morenas dos homens. Por vezes trazia o sopro frio de uma colina nevada. Porém o calor expulsava o Inverno. Os cavalos escarvavam fogosamente como na Primavera e largavam o pêlo velho, o cheiro do suor deles picava mais intensamente as narinas.

Os cossacos começavam a atar as caudas fibrosas dos cavalos. Os capuzes de pêlo de camelo pendiam inutilmente às costas dos cavaleiros e as testas molhavam-se sob os bonés de pele; as peliças e as túnicas tornavam-se quentes de mais.

Grigóri conduzia o seu regimento por uma estrada de Verão. Os esquadrões vermelhos estendiam-se ao longe, atrás das velas em cruz de um moinho de vento. Junto à aldeia de Sviridov, a batalha começava.

Grigóri não sabia ainda dirigir um combate do exterior, como era obrigado a fazer agora. Conduzia ele próprio os esquadrões de Viochénskkaia, lançando-os nos pontos mais perigosos. Deste modo, a luta não obedecia a uma direcção de conjunto. Cada regimento actuava segundo o caminho que tomavam os acontecimentos.

Não havia frente. Isso permitia uma grande liberdade de manobra.

A abundância de cavalaria (era o caso do destacamento de Grigóri, onde esta dominava) representava uma grande vantagem. Utilizando-a, Grigóri resolvera conduzir a guerra «à maneira cossaca», isto é, envolver os flancos do inimigo, atacá-lo pela retaguarda, destruir as suas equipagens, inquietar os vermelhos, desmoralizá-los com surtidas nocturnas.

Mas em Sviridov resolveu proceder doutra forma: levou a trote largo os seus esquadrões a tomar posição, deixando um na aldeia, fez este desmontar e emboscou-o nas

hortas, depois de ter enviado os guardas dos cavalos para as quintas no interior da aldeia; com os dois outros esquadrões, galopou até um outeiro, a meia verstá do moinho de vento, e encetou pouco a pouco o combate.

Tinha na sua frente mais de dois esquadrões de cavalaria vermelha. Não se tratava de cossacos do Khopr. Grigóri observava através do binóculo os cavalos pequenos que não eram daquela região e que tinham a cauda cortada ora os cossacos nunca cortam a cauda aos cavalos, isso alterar-lhes-ia a beleza. Portanto, ou se tratava do 13.º Exército de Cavalaria ou então de uma nova unidade que chegara havia pouco. Da eminência onde se encontrava, Grigóri examinava os arredores com auxílio das lentes. De cima do cavalo, a terra afigurava-se-lhe sempre mais vasta e sentia-se mais tranquilo quando a biqueira das botas assentava nos estribos. Via do outro lado do Tchir uma comprida coluna acastanhada de três mil e quinhentos cossacos, que serpenteavam lentamente pela encosta acima, em direcção à fronteira dos territórios de Elánskkaia e de Usst-Khopérskaia, para ir ao encontro do inimigo que atacava Usst-Medvéditsskaia e auxiliar os habitantes de Elánskkaia que já não aguentavam mais.

Uma verstá e meia separava Grigóri dos vermelhos, que se preparavam para o ataque. Desdobrou lentamente os seus esquadrões, segundo a moda antiga. Nem todos os cossacos tinham lanças, mas os que as levavam avançaram para a primeira linha, colocando-se a uma distância de dez ságenas da segunda. Grigóri galopou em frente da primeira linha, deu meia volta e desembainhou o sabre.

- A meio trote, avante!

No primeiro momento, o seu cavalo tropeçou, enfiando uma pata numa toca de toupeira coberta de neve. Grigóri ergueu-se na sela, empalidceu de cólera e vibrou uma pancada no cavalo com a prancha do sabre. Era um excelente animal que pertencera a um cossaco de Viochénskkaia, um feroso cavalo de guerra, mas que tratava com secreta desconfiança.

Em dois dias o animal não tivera tempo de se habituar a ele, e, por sua vez, não fora possível a Grigóri estudar-lhe os hábitos e carácter. Receava que aquele estrangeiro não o compreendesse logo, ao menor movimento da rédea, como acontecia com o seu antigo cavalo, morto em Tchistiakovka. A sabrada espevitou o animal que, deixando de obedecer à rédea, partiu a galope. Grigóri sentiu um arrepio interior e esteve quase a perder o sangue-frio. «Vai dar-me azar», pensou estremeendo.

Mas, quanto mais se alongava e acelerava o galope, mais o bicho se submetia aos movimentos apenas perceptíveis que lhe dirigiam a corrida, e mais também Grigóri se sentia calmo e tranquilizado. O seu olhar afastou-se por momentos da carga inimiga que

vinha ao seu encontro em ordem dispersa e escorregou sobre o pescoço do cavalo. As orelhas avermelhadas deste encontravam-se perfidamente encolhidas, o pescoço estendia-se como uma trave e era percorrido de estremeções regulares. Grigóri ergueu-se na sela, aspirou avidamente o ar, enterrou profundamente as botas nos estribos e olhou em volta. Quantas vezes vira atrás de si a avalanche rumorejante dos cavaleiros e cavalos colados uns aos outros! E de cada vez o seu coração se contraía de terror em face do que estava acontecendo, possuído de uma inexprimível excitação animal e selvagem. Entre o instante em que lançava o cavalo e aquele em que chocava contra o inimigo existia um momento imponderável que o transformava interiormente. A razão, o sangue-frio, a prudência abandonavam-no e o instinto do animal selvagem era o único a dirigir sozinho, imperiosamente, a sua vontade. Alguém que pudesse ver Grigóri por dentro na hora do ataque pensaria sem dúvida que os seus gestos eram comandados por um espírito frio, imperturbável, tão seguros, calculados e frios se revelavam.

A distância entre os adversários diminuía com uma rapidez alucinante. Os vultos dos cavaleiros e dos cavalos cresciam. O pequeno espaço de terreno comunal cheio de silvas, esmaltado de neve, que separava as duas cargas de cavalaria, era tragado pelas patas dos cavalos. Grigóri viu um cavaleiro que galopava à testa do seu esquadrão, uns três comprimentos à sua frente. O animal baio escuro, de pernas altas, avançava num galope curto, um galope de lobo. O homem brandia no ar um sabre de oficial, cuja bainha prateada, oscilando de encontro ao estribo, cintilava ao Sol. Ao cabo de um segundo Grigóri reconheceu-o. Era um comunista de Karguínsskaia, de família não cossaca; chamava-se Piotr Semiglazov. Em 1917, com vinte e quatro anos, fora o primeiro a regressar da guerra com grevas, coisa até ali nunca vista; trouxera também convicções bolcheviques e uma sólida energia adquirida na frente de batalha. Servia no Exército Vermelho e viera da sua unidade para a stanitsa, a fim de organizar aí o poder dos Sovietes antes da insurreição. Era pois esse tal Semiglazov que galopava ao encontro de Grigóri, dirigindo o seu cavalo com segurança e brandindo num gesto teatral o sabre confiscado numa busca e que só era bom para as paradas.

Grigóri descobriu numa careta os dentes cerrados. Ergueu as rédeas, e o cavalo acelerou docilmente o galope. Costumava usar em combate uma regra muito sua. Recorria sempre a ela quando os olhos ou o instinto lhe diziam que o adversário era forte ou então quando queria abatê-lo a todo o custo, de um golpe mortal. Era canhoto desde a infância, comia e persignava-se com a mão esquerda. Pantelei Prokófievitch castigara-o duramente por causa disso e os companheiros haviam-no alcunhado de «o Gricha Canhoto». As pancadas e as reprimendas, pelos vistos, acabaram por surtir efeito sobre o pequeno

Grigóri: aos dez anos, ao mesmo tempo que a alcunha, perdia o hábito de substituir a mão direita pela esquerda. Mas conservara a faculdade de fazer com esta todos os gestos. Era até a mais forte. No ataque utilizava sempre essa vantagem com êxito certo. Dirigia o cavalo para o adversário escolhido, do lado esquerdo, como toda a gente, para poder desferir o golpe com a mão direita; o outro, por sua vez, fazia o mesmo. Então, quando se encontrava à distância de uma dezena de ságenas do adversário, e este começava a inclinar-se de lado erguendo o sabre, Grigóri desviava-se para a direita, num movimento brusco mas ágil, e mudava o sabre da mão direita para a esquerda. O adversário, desnortado, mudava de posição; tornava-se-lhe difícil atacar à esquerda, por cima da cabeça do cavalo, perdia a segurança, sentia no rosto o sopro da morte. Grigóri vibrava-lhe um golpe com uma força terrível que o cortava em dois...

Muito tempo havia decorrido desde que o Lanzudo ensinara a Grigóri a arte do sabre e o «golpe de BeklanoV». Manejar o sabre não era o mesmo que seguir a charrua e Grigóri fizera grandes progressos nessa técnica.

Nunca enfiava o punho na borla da dragona, o que lhe permitia passar mais facilmente a arma, num movimento curto e inesperado, de uma mão para a outra. Sabia que um golpe muito forte, quando o ângulo não está certo, pode fazer largar o sabre e ao mesmo tempo provocar uma luxação do pulso. Conhecia o processo, raramente usado com êxito, de fazer largar a arma ao adversário ou então de lhe paralisar a mão apenas com um ligeiro toque.

Grigóri era perito em matar homens à arma branca.

Uma haste sabiamente cortada em diagonal cai sem fazer tremer ou oscilar o arbusto. A sua extremidade pontiaguda espeta-se suavemente no chão ao lado do tronco do qual a separou o sabre cossaco. Assim o belo Semiglazov de rosto kalmuk tombou de cima do seu cavalo empinado; deslizou devagarinho na sela, apertando com ambas as mãos o peito rasgado obliquamente. E o seu corpo foi invadido pelo frio da morte...

No mesmo instante, Grigóri ergueu-se na sela, apoiou-se nos estribos. Um outro cavaleiro precipitava-se cegamente para ele, incapaz de conter o cavalo. Grigóri não avistava ainda o homem oculto pela cabeça do cavalo, toda deitada para trás, mas distinguia o voo curvo do sabre, as suas negras ranhuras. Grigóri puxou as rédeas com toda a força para aparar o golpe, depois, colhendo a rédea direita, golpeou o pescoço curvado, vermelho e de nuca rapada do adversário.

Foi ele o primeiro a sair da multidão confusa, dispersa, tendo gravada nos olhos uma turba ululante de cavaleiros e sentindo as palmas das mãos dormentes. Guardou o sabre na bainha, pegou na Mauser e lançou o cavalo num galope desenfreado na direcção oposta à

do combate. Os seus homens precipitaram-se atrás dele. Os esquadrões galopavam em ordem dispersa. Viam-se por todos os lados bonés de cabedal ou de pele ornados de galões brancos, inclinados sobre o pescoço dos cavalos. Um sargento conhecido de Grigóri galopava ao lado deste, com um barrete de raposa na cabeça e uma peliça de caqui. Trazia a orelha e a face rachadas até ao queixo. Parecia que lhe haviam arremessado contra o peito um cesto de cerejas maduras. Tinha os dentes à mostra inundados de sangue.

Os vermelhos, desorientados, metade dos quais haviam começado a fugir, fizeram os seus cavalos dar meia volta.

A retirada dos cossacos incitava-os a persegui-los. Um cossaco retardatário foi atirado ao chão como por um vendaval e espezinhado na neve pelas patas dos cavalos.

Já se via a aldeia, os renques das árvores negras dos jardins, a capela no alto da colina, a pequena rua larga. Faltavam apenas umas cem ságenas até se chegar à horta onde o esquadrão ficara emboscado... Espuma e sangue nos lombos dos cavalos. Grigóri, que durante toda a corrida comprimira furiosamente o gatilho da Mauser, meteu no estojo a arma que se recusava a funcionar (tinha uma bala encravada), e gritou numa voz ameaçadora:

- Afastem-se!

Como um rio que embatesse numa rocha, a torrente dos esquadrões cossacos dividiu-se harmoniosamente em dois braços, deixando os vermelhos a descoberto. O esquadrão emboscado atrás da cerca abriu então fogo. Primeira, segunda e terceira salva... Gritos. Um cavalo e o seu cavaleiro caíram no chão, o bicho de patas para o ar. Outro dobrou os joelhos e enterrou-se na neve até às orelhas. As balas derrubaram; ainda uns três ou quatro vermelhos. Enquanto os outros descreviam meia volta em pleno galope, os cossacos esvaziaram cada um o seu carregador, depois cessaram o fogo. Assim que Grigóri gritou, forçando a voz: «Es-qua-drão...» milhares de ferraduras, lacerando a terra numa meia volta brusca, lançaram-se em perseguição dos vermelhos. Os cossacos porém estavam destreinados e os cavalos acusavam o cansaço. Ao cabo de verstá e meia voltaram para trás. Despiram os cadáveres dos vermelhos e retiraram as selas aos cavalos mortos. Aleksei Chamil deu o golpe de misericórdia a três prisioneiros. Colocou-os junto a uma cerca e sabrouos um após outro. Os cossacos reuniram-se perto dos corpos supliciados e ali ficaram por largo tempo a fumar, contemplando os cadáveres, todos eles cortados em diagonal, na clavícula até à cinta.

- De três fiz seis - gabava-se Aleksei, com uma piscadela de olho e o habitual tique da face.

Ofereceram-lhe amavelmente tabaco e olharam, com sincero respeito, o seu pequeno punho do tamanho de uma tangerina e o seu peito arqueado que fazia esticar o blusão.

Os cavalos encharcados em suor, que tinham sido cobertos com capotes, tremiam junto da cerca. Os homens apertavam-lhes as cilhas. Formava-se uma bicha na viela, junto ao poço.

Muitos levavam à arreata os cavalos fatigados, que se arrastavam a custo.

Grigóri partiu à frente com mais cinco homens e Prokhor.

Sentia a impressão de que lhe haviam tirado uma venda dos olhos. De novo, como antes do ataque, via o sol a brilhar sobre o mundo, a neve a derreter-se junto aos montes de palha, ouvia o pipilar primaveril dos pardais na aldeia, aspirava os perfumes delicados da Primavera a chegar. Sentia voltar a si a vida, não atingida nem estragada pelo sangue ainda há pouco derramado, mas pelo contrário mais atraente com as suas alegrias avaras e enganadoras.

Sobre o fundo negro da terra descongelada, a pequena mancha de neve parece sempre mais sedutora e mais intensa.

XXXVIII

A insurreição fervia e espalhava-se como a cheia de um rio, submergia todo o vale do Don e a estepe da outra margem num raio de quatrocentas verstás. Vinte e cinco mil cossacos estavam a postos com os seus cavalos. As aldeias do Alto-Don mobilizaram dez mil soldados de infantaria.

A guerra assumia formas nunca vistas. O Exército do Don mantinha a frente algures perto do Donetz, cobrindo Novotcherkassk e preparando-se para a luta decisiva. Porém, na retaguarda do Oitavo e do Nono Exército Vermelho, que lhe fazia frente, rugia a revolta, o que vinha complicar a tarefa, já de si difícil, da reconquista do Don.

No mês de Abril, o Conselho Revolucionário da República viu surgir com toda a nitidez a ameaça de uma -junção dos insurrectos com a frente dos brancos. Era preciso esmagar a insurreição a todo o custo, antes que esta conseguisse corroer um sector da frente vermelha e fundir-se com o Exército do Don. Contrataram-se as melhores forças, incorporaram-se às tropas expedicionárias marinheiros do Báltico e do Mar Negro, os regimentos de maior confiança, os homens dos comboios blindados e as unidades de cavalaria mais audaciosas. Retiraram-se da frente cinco regimentos completos da valorosa divisão de Bogutchar, composta de mais ou menos oito mil homens, várias baterias e quinhentas metralhadoras.

No mês de Abril, os alunos da escola militar de Riazan e de Tambov combatiam já no sector de Kazansskaia com uma coragem cheia de abnegação; uma unidade da escola militar do VTSIK (*Comité central executivo pã-russo*) chegou mais tarde e os atiradores letões combatiam contra os insurrectos em Chumilinsskaia.

Os cossacos viam-se seriamente embaraçados com falta de material e munições. A princípio não possuíam espingardas suficientes e a sua reserva de cartuchos estava a acabar.

Tinham de os conseguir a todo o preço, com ataques nocturnos, e foi o que fizeram. No mês de Abril possuíam já as espingardas necessárias, seis baterias e cerca de cento e cinquenta metralhadoras.

No início da insurreição, restavam no depósito de Viochénsskaia cinco milhões de cartuchos vazios. O soviete do distrito mobilizou os melhores ferreiros, serralheiros e armeiros. Montou-se em Viochénsskaia uma oficina para fundir balas, mas não havia

chumbo. Então, correspondendo a um apelo do soviete do distrito, fez-se uma colecta em todas as aldeias, recolhendo chumbo e cobre. Os moinhos a vapor entregaram toda a sua reserva de chumbo e metal branco.

Enviaram-se estafetas para todos os lados com a seguinte mensagem:

Os vossos maridos, os vossos filhos, os vossos irmãos não têm com que disparar. Só disparam com o que apanham ao nosso maldito inimigo. Dai-lhes tudo o que tiverdes em vossas casas que possa servir para fazer balas. Dai-lhes os crivos de chumbo das tararas.

Dalí a uma semana não havia um único crivo nas tararas.

«Os vossos maridos, os vossos filhos, os vossos irmãos...»

As mulheres traziam aos soviets das aldeias toda a espécie de coisas úteis e inúteis; nas terras onde tinha havido combate os garotos extraíam a metralha das paredes, cavavam a terra em busca de estilhaços de obus. Apesar de tudo, o movimento não era unânime; algumas mulheres entre as mais pobres, que não queriam privar-se dos últimos objectos domésticos, foram presas e enviadas para a sede do distrito, acusadas de «simpatizarem com os vermelhos». Em Tatársski, os velhos que tinham bens deram uma tarefa em Semione, por alcunha «o Marmita», que ali se encontrava de licença, pelo facto de ele ter declarado imprudentemente: «Os ricos bempodem desmanchar as suas tararas, têm mais medo dos vermelhos do que da ruína.»

As balas fabricadas na oficina em Viochénskaia derretiam-se por falta de invólucro... Essas balas artesanais saíam das espingardas sob a forma de chumbo derretido, produzindo um ronco selvagem, e só alcançavam à distância de cem ou cento e vinte ságenas. As suas feridas, porém, eram tremendas.

Os vermelhos gritavam às patrulhas cossacas: «Vocês disparam com besoiros... Rendam-se porque de qualquer forma estão tramados.»

Os trinta e cinco mil insurrectos formavam cinco divisões e uma brigada especial, com o número seis. O sector Mechkovskaia-Setrakov-Veja era guarnecido pela terceira divisão sob o comando de Egorov, o sector Kazanskaia-Donetzkoie-Chumilinskaia, pela 4.^a Divisão, comandada por um homem de aspecto sinistro, um verdadeiro diabo no combate, o tenente Kondrat Medvédev. A 5.^a Divisão lutava na frente Slachtchóvsskaia-Bukanóvsskaia. Era comandada por Uchakov. O ajudante Merkulov, à frente da 2.^a Divisão, batia-se no sector Elánskaia-Usst-Khopérskaia-Górbatov. Encontrava-se também aí a brigada especial. Esta unidade, muito unida poucas baixas sofrera, pois o seu chefe, o

tenente Bogatíriov, um cossaco de Maksaiévsskaia, era um homem muito prudente, muito escrupuloso, que nunca corria riscos e não sacrificava inutilmente os seus homens. Grigóri Melekhov dispusera a sua unidade (a 1.^a Divisão) ao longo do Tchir. Ocupava o sector frontal, aquele que atacava, vindo do Sul, as tropas vermelhas seleccionadas na frente e conseguia não só repelir o inimigo como também auxiliar a 2.^a Divisão, menos firme, enviando-lhes alguns esquadrões de infantaria e cavalaria.

A insurreição não conseguiu alcançar as stanitsas dos distritos do Khopr e de Usst-Medvéditsskaia. Também ali havia certa efervescência, chegavam mensageiros a pedir que enviassem reforços para o Buzuluk e para o Alto-Khopr, a fim de sublevar os cossacos, porém o comandante insurrecto não se resolvia a sair dos limites do distrito do Alto-Don, sabendo que a maioria dos cossacos do Khopr apoiavam o poder soviético e não pegaria em armas. De resto, os mensageiros não davam esperanças de êxito, referiam honestamente que o descontentamento contra os vermelhos nas aldeias não era tão grande como isso, que os oficiais que haviam ficado nos recantos perdidos do distrito do Khopr se mantinham escondidos, que os possíveis combatentes ou se conservavam nas suas casas ou andavam com os vermelhos, que os velhos estavam à parte de tudo e já não dispunham da força nem do poder de outrora.

Nos cantões do Sul, habitados por ucranianos, os vermelhos mobilizavam a juventude, e esta, incorporada nos regimentos da valorosa Divisão de Bugutchar, combatia com grande ímpeto contra os insurrectos. A insurreição ficou portanto limitada ao distrito do Alto-Don. Tornava-se cada vez mais evidente para todos, a começar pelo comando insurrecto, que os cossacos não poderiam defender durante muito tempo as suas herdades natais e que mais cedo ou mais tarde o Exército vermelho regressaria do Donetz para os esmagar.

A 18 de Março, Kudínov convocou Grigóri Melekhov para uma conferência que deveria ter lugar em Viochénskaia.

Grigóri confiou o comando da Divisão ao seu adjunto Riabtchikov e partiu de manhã cedo, acompanhado pela ordenança.

Chegou ao Estado-Maior no momento em que Kudínov, na presença de Safónov, conversava com um mensageiro da stanitsa de Alekcêievsskaia. Curvado sobre a secretária, Kudínov revirava com os dedos secos a ponta do cinto caucasiano e, sem erguer os olhos inflamados pelas noites de insónia, interrogava:

- Mas vocês, que é que pensam?

- Nós, claro... Sozinhos, não temos grandes possibilidades.

- Que irão fazer os outros? Sabes como são as pessoas. Mostram boa vontade, mas têm medo...

- Mostram boa vontade! Têm medo! - exclamou Kudínov, pálido de cólera. E começou a agitar-se na cadeira, como se estivesse sobre brasas. Vocês não passam todos de umas meninas. «Eu bem queria, estou morto por isso, mas a mamã não deixa.» Nesse caso volta para a stanitsa de Alekcêievsskaia e diz aos velhos que não enviaremos um só pelotão para a vossa terra enquanto não forem vocês a começar. Bem merecem que os vermelhos vos enforcem todos.

O cossaco empurrou tristemente para a nuca o boné de pele de raposa. O suor corria-lhe em fio pelas rugas da testa, as suas pestanas curtas e loiras batiam febrilmente, sorria com ar comprometido.

- Para vocês, claro, que não se trata de irer ter connosco. Mas a questão é começar-se. Só o primeiro passo é que custa...

Grigóri, após ter escutado atentamente a conversa, afastou-se para dar passagem a um homem de bigodes pretos, com uma peliça de pele de carneiro, que entrara sem bater. O homem fez a continência a Kudínov e sentou-se à mesa apoiando a face na mão - branca. Grigóri, que o via pela primeira vez, observava-o. Um rosto finamente desenhado, moreno, mas não queimado pelo sol e pelo vento, mãos de uma brancura delicada, modos de intelectual, tudo nele revelava não ser da terra.

Kudínov, indicando o desconhecido com os olhos, disse a Grigóri:

- Melekhov, este é o camarada Georguidzé. Ele...

Kudínov hesitou, a brincar com a fivela do cinto e disse ao mensageiro da stanitsa de Alekcêievsskaia:

- Anda, cossaco, temos que fazer. Volta para a terra e transmite a quem de direito aquilo que eu te disse.

O cossaco ergueu-se, com o boné de raposa quase a tocar no tecto. Os seus ombros largos taparam a luz, ficando a sala a parecer acanhada e estreita.

- Vieste pedir ajuda? - disse-lhe Grigóri, que conservava na palma da mão a impressão desagradável do contacto com a de Georguidzé.

- Sim, vim pedir auxílio. Mas estás a ver que...

O cossaco voltara-se todo satisfeito para Grigóri, procurando com os olhos um apoio. O seu rosto, vermelho como a pele do boné, aparentava tal desânimo, suave com tanta abundância que a barba e o bigode ruivos e lisos pareciam cobertos de pequenas pérolas.

- Então vocês também estão fartos do poder soviético? - prosseguiu Grigóri, fingindo não notar os movimentos de impaciência de Kudínov.

- A coisa por enquanto suporta-se, irmão, mas temos medo que venha a piorar.

- Fuzilaram alguém lá pela vossa terra?

- Não, graças a Deus. Nunca se ouviu falar disso. Mas levaram-nos os cavalos e o trigo e prendem quem falar contra eles. Numa palavra, estamos com medo.

- E se Viochénskkaia vier em vosso auxílio, serão capazes de se sublevar? Marchariam todos?

Os olhitos do cossaco, dourados pelo sol, encarquilharam-se. Desviou a vista e o boné de pele escorregou-lhe para a testa franzida pela reflexão.

- Como posso eu responder por todos?... Aqueles que têm alguma coisa de seu marchariam sem dúvida...

- E os pobres, os que não possuem bens?

Grigóri, que tentava em vão captar o olhar do seu interlocutor, deparou de súbito com uns olhos firmes e atónitos como os de uma criança.

- Hum... Porque queres tu que os piolhosos nos sigam? Para eles é que esse governo é bom.

- Mas então que vens tu cá fazer, meu estupor? – gritou Kudínov sem ocultar a sua fúria. - Porque vieste aqui? Então lá na tua terra são todos ricos? Será possível fazer-se uma insurreição com duas ou três herdades em cada aldeia? Põe-te a mexer. Vai-te embora, já te disse... O galo vermelho ainda não vos picou o cu. Quando isso acontecer não precisarão de nós para começarem a luta. Vocês estão habituados a lavrar tranquilamente a terra atrás das costas dos outros. Querem ficar quietinhos ao lume, em cima da palha quente... Vai-te embora, gira! Só de te ver sinto vontade de vomitar, monte de esterco!

Grigóri, cerrando o sobrolho, voltou-se. O rosto de Kudínov estava coberto de manchas vermelhas. Gueorguidzé torcia o bigode e as asas do seu nariz aquilino palpitavam.

- Se assim é, peço desculpa. Tu, Vossa Nobreza, não berres assim, não nos ameaces, estamos entre amigos. Transmíti o pedido dos nossos anciãos e levar-lhes-ei a resposta, não vale a pena gritar. E depois, por quanto tempo ainda será lícito insultar assim os cristãos? Os brancos insultam-nos, os vermelhos insultam-nos e agora és tu; cada qual quer mostrar a sua força e humilhar-nos. É esta a vida dos camponeses, qualquer cão tihoso se acha no direito de lhes cuspir em cima.

O cossaco, enterrando raivosamente o boné na cabeça, saiu para o corredor como um bólido, depois de ter fechado a porta devagarinho; mas uma vez ali deu livre curso à

sua ira e bateu com a porta com tanta força que cinco minutos depois ainda estavam a cair pedaços de cal no sobrado e no peitoril da janela.

- É isto o povo actual - disse Kudínov, rindo-se alegremente.

Brincava com o cinto e a sua disposição melhorava de minuto a minuto.

- Na Primavera de 1917, na altura das sementeiras, fui um dia ao caminho-de-ferro, mais ou menos na Páscoa, e vi os cossacos a lavrarem. Subira-lhes a liberdade à cabeça. Até lavraram as estradas, imaginem, como se lhes faltasse terra! Perto de Tókiné disse a um desses lavradores que viesse ter comigo. Aproximou-se do meu carro e eu perguntei: «Olha lá, porque estão vocês a lavar a estrada?» Então o tipo teve medo: «Prometo que não volto a fazer isso declarou ele. Peço muita desculpa. Se quiser, posso alisá-la outra vez.» Meti medo a mais dois da mesma maneira. Perto de Gratchov, repetiu-se a cena. A estrada estava lavrada e lá andava outro idiota atrás da charrua. Eu gritei-lhe: «Anda cá!» E ele veio. «Com que direito andas tu a lavar a estrada?» O tipo olhou para mim. Era um tipo honesto, com uns olhos muito claros. Depois, sem dizer nada, largou em direcção aos bois. Pegando no aguilhão de ferro, voltou a correr, pendurou-se no estribo do meu carro e disse-me: «Quem és tu?» Até quando é que nos vão chupar o sangue? Queres que te faça a cabeça em migalhas?» E ia para juntar o gesto à palavra. Então eu disse-lhe: «Que mosca te mordeu, tiozinho? Eu estava a brincar.» O tipo respondeu-me: «Eu não sou tiozinho, chamo-me Ivane Ossípitch e vou dar-te cabo da pinha por seres malcriado.» Acreditem se quiserem, mas tive dificuldade em me ver livre dele. Tal e qual como este. Entrou com salamaleques, mas por fim mostrou o que era. O nosso povo está muito orgulhoso.

- Aquilo não é orgulho, é má-criação. A má-criação está legalizada - declarou tranquilamente Georguidzé. E, sem esperar pela resposta, acrescentou: - Peço-vos que se dê início à conferência. Gostaria de regressar hoje mesmo ao meu regimento.

Kudínov bateu na parede e chamou:

- Safónov.

E dirigindo-se a Grigóri:

- Tu ficas connosco. Vamos deliberar em conjunto. Conheces o provérbio: «Cada cabeça cada sentença.» Nós temos a sorte de nos encontrarmos aqui com o camarada Gueorguidzé, que ficou por acaso em Viochénsskaia e que agora se juntou a nós. Tem a patente de tenente-coronel e estudou na Academia Geral.

- Como é que ele ficou em Viochénsskaia? – inquiriu Grigóri que, sem saber porquê, sentia um grande frio lá dentro e desconfiava do outro.

- Tive o tifo e deixaram-me em Dudarévsski quando começou a retirada da frente norte.

- Qual era a sua unidade?

- A minha unidade? Eu não comandava. Pertencia ao Estado-maior de um grupo especial.

- Qual grupo? O do general Sitníkov?

- Não...

Grigóri queria ainda fazer mais perguntas, porém, como a expressão fechada de Gueorguidzé lhe desse a entender a inconveniência deste interrogatório, ficou-se a meio de uma palavra.

Em breve chegaram o chefe do Estado-maior, Safónov, o comandante da 4.^a Divisão, Kondrat Medvédev, o tenente Bogatíriov, de rosto corado e dentes muito brancos. Deu-se início à conferência. Kudínov informou rapidamente os assistentes acerca da situação nas frentes. O tenente-coronel foi o primeiro a pedir a palavra. Desenrolou com lentidão sobre a mesa um mapa e disse numa voz firme e pausada, com um sotaque caucasiano apenas perceptível:

- Em primeiro lugar acho absolutamente necessária a transferência de certas unidades de reserva da Terceira e Quarta Divisões para o sector ocupado pela Divisão Melekhov e pela brigada especial do tenente Bogatíriov. Segundo informações secretas que possuímos e após os interrogatórios dos prisioneiros, afigura-se-nos perfeitamente evidente que o comando vermelho se prepara para nos vibrar um golpe muito sério precisamente no sector Kamenrska-Karguínskaia-Bokóvsskaia. A darmos crédito ao que afirmam os trãsfugas e os prisioneiros, podemos tirar a conclusão de que o Estado-Maior do Nono Exército vermelho encaminha para este sector dois regimentos de cavalaria que partem de Oblivi e de Morozóvsskaia, anteriormente integrados na Décima Segunda Divisão, e cinco destacamentos de artilharia com três baterias e as suas tropas de metralhadoras. Segundo um cálculo grosseiro, esses reforços representarão para o inimigo um aumento de efectivo de cinco mil e quinhentos homens. Isto representa, portanto, uma superioridade numérica incontestável, não falando já no material.

O sol do meio-dia, amarelo como um girassol, entrava na sala através da cruz da janela. Uma nuvem de fumo azulado flutuava, imóvel, no tecto. O cheiro amargo do tabaco caseiro misturava-se ao fedor das botas húmidas. Uma mosca zumbia desesperadamente, intoxicada pelo fumo. Grigóri, olhando pela janela, lutava contra o sono (não dormia há duas noites). Lá fora, os ventos primaveris sopravam em rajadas. Sobre a colina de Bázki, a última neve brilhava com reflexos rosados e os cimos dos choupos na outra margem do Don baloiçavam com tanta força que quem os via julgava ouvir um murmúrio profundo e incessante.

A voz do tenente-coronel, enérgica e clara, atraiu-lhe a atenção. Fez um esforço para escutar e a sonolência foi-lhe desaparecendo pouco a pouco, como se se derretesse.

- A diminuição da actividade do inimigo na frente da Primeira Divisão e os seus esforços constantes para passar à ofensiva na linha Migulínsskaia-Mechkóvsskaia obrigam-nos a estar de sobreaviso. Sou de opinião aqui o tenente-coronel tropeçou na palavra «camaradas», agitou a sua mão transparente, branca como a de uma mulher, e ergueu a voz que o comandante-chefe Kudínov, apoiado por Safónov, comete um erro grave entrando no jogo dos vermelhos e enfraquecendo o sector defendido por Melekhov. Vejamos, meus senhores, isto é o abê-cê da estratégia: dividir as forças do inimigo para em seguida...

Kudínov interrompeu-o:

- Mas Melekhov não precisa de um regimento de reserva.

- Antes pelo contrário. Necessitamos de ter à mão uma parte das reservas da Terceira Divisão para podermos colmatar a brecha no caso de o inimigo romper a frente.

- Kudínov não fez decerto tenção de me perguntar se eu lhe daria ou não reservas - disse Grigóri, de súbito irritado. - A verdade é que não lhe cederei nem um esquadrão.

- Vamos, meu caro... - começou Safónov sorrindo, enquanto alisava o bigode amarelo.

- Qual «meu caro» qual carapuça! Não dou coisa nenhuma e está dito.

- Do ponto de vista operacional...

- Não me fale do ponto de vista operacional. Eu é que respondo pelo meu sector e pelos meus soldados.

O tenente-coronel Gueorguidzé pôs fim à discussão apontando no mapa com um lápis vermelho o sector ameaçado: todas as cabeças se inclinaram, e compreendeu-se que a ofensiva preparada pelo comando vermelho só era possível no sector sul, o mais próximo do Donetz e o mais prático quanto a comunicações.

A conferência terminou dali a uma hora. O taciturno Kondrat Medvédev, que era muito pouco instruído e mantivera um silêncio total durante toda a discussão, disse por fim, examinando os outros com um olhar desconfiado:

- Quanto a ajudar Melekhov, vamos ajudá-lo. Temos homens para isso. Mas há uma coisa que me preocupa, santo Deus! Se nos apertarem de todos os lados, que será de nós? Ficaremos uns em cima dos outros, numa situação tremenda, como cobras numa ilha em tempo de cheia.

- As cobras sabem nadar, mas nós, mesmo a nado, para onde é que iríamos? - disse Bogatíriov desatando a rir.

- Já pensámos nisso - respondeu Kudínov, pensativo.

- Bem, em caso de emergência, abandonaremos todos aqueles que forem incapazes de pegar em armas, abandonaremos as nossas famílias e abriremos caminho até ao Donetz. As nossas forças não são muito diminutas: trinta mil homens. Mas os cadetes quererão aceitar-nos? Eles não gostam da gente do Alto-Don.

- Ainda não se chegou ao momento de pensar nisso...

- Não falemos em coisas tristes - disse Grigóri, enquanto punha o boné e saía para o corredor.

Através da porta, ouviu Gueorguidzé que respondia, enrolando o mapa:

- Os cossacos de Viochénsskaia e, de um modo geral, todos os insurrectos terão resgatado a sua falta para com o Don e a Rússia se continuarem a lutar corajosamente contra os bolcheviques...

«Ele diz isso mas está a rir-se lá por dentro, o estupor», pensou Grigóri. E de novo foi assaltado por uma espécie de inquietação, um sentimento de fúria incompreensível contra aquele oficial que surgira inesperadamente em Viochénsskaia.

Kudínov veio ter com ele junto ao portão. Deram alguns passos em silêncio. O vento enrugava a superfície das poças de água na praça coberta de estrume. Caía a noite. Nuvens redondas, brancas e pesadas, vindas do sul, flutuavam lentamente, semelhantes a cisnes. O cheiro húmido da terra degelada era forte e vivificante. A erva liberta da neve verdejava junto às cercas e o vento trazia da margem fronteira o murmúrio dos choupos, desta vez real

- Não tarda que o Don quebre o gelo - disse Kudínov com uma tossidela.

- É verdade.

- Meu Deus... uma pessoa rebenta se não arranja qual quer coisa para fumar. Um copo de tabaco caseiro custa quarenta rublos Kerénsskis.

- Diz-me cá uma coisa - disse bruscamente Grigóri, voltando-se para Kudínov. - Esse oficial, esse oficial de Tcherikesses, que está ele a fazer junto de vós?

- O Gueorguidzé? É o chefe do gabinete operacional. Tem uma boa cabeça. É ele quem faz os planos. Em estratégia bate-nos a todos.

- E continua em Viochénsskaia?

- N...não... Destacámo-lo para o regimento Tchernóvski, para os transportes.

- Então como se desempenha do serviço?

- Vem cá muitas vezes, compreendes? Quase todos os dias.

- Mas porque não fica em Viochénsskaia?

Kudínov, sempre a tossicar, com a mão em frente da boca, respondeu contrariado:

- É difícil por causa dos soldados. Sabes bem como eles são. Começam para aí a dizer: «Olha, mandaram vir os oficiais, esqueceram os princípios. Vamos ter outra vez dragonas por cá...», etc...

- Há outros como ele nas nossas tropas?

- Em Kazánsskaia há dois ou três... Mas não te aflijas, Grigóri. Estou a ver onde queres chegar. Não temos outro remédio senão juntarmo-nos aos cadetes, meu velho. Não é verdade? Julgas que podemos fazer a nossa república com dez stanitsas? Não há outra solução... Unir-nos-emos a eles e iremos procurar Krassnov de rabo entre as pernas, para lhe dizer: «Desculpa, Petro Nikolaitch, cometemos um erro ao abandonar a frente...»

- Um erro? - repetiu Grigóri.

- Um erro, pois então? - respondeu Kudínov evitando cuidadosamente uma poça.

- Pois eu pergunto a mim mesmo... - Grigóri, taciturno, esforçava-se por sorrir -, sim, pergunto a mim mesmo se não cometemos antes um erro ao começarmos a insurreição... Ouviste o que disse aquele tipo do Khopr?

Kudínov não respondeu. Examinava Grigóri de soslaio, com um ar perscrutador.

Separaram-se na encruzilhada atrás da praça. Kudínov dirigiu-se para a casa onde habitava, passando em frente da escola. Grigóri, regressando ao Estado-Maior, fez sinal à sua ordenança para ir buscar os cavalos. Já na sela, enquanto compunha devagar as rédeas e ajustava a bandoleira da espingarda, continuava a reflectir acerca daquela hostilidade, daquela desconfiança que sentia em face do tenente-coronel cuja presença acabava de descobrir no Estado-Maior. De súbito, pensou com terror: «E se os cadetes deixaram de propósito esses oficiais instruídos entre nós a fim de provocarem o descontentamento na retaguarda dos vermelhos e em seguida manobram-nos à vontade, segundo as regras da táctica militar?» E a sua consciência insinuava-lhe com pérfida solicitude suspeitas e argumentos: «Ele nunca explicou a que unidade pertencia... atrapalhou-se... Disse que era do Estado-Maior... mas os do Estado-Maior nunca passaram por aqui... Como foi ele parar a Dudarévski, que fica no calcanhar do mundo? Oh, isso não sucedeu por acaso. Arranjámos um lindo sarilho...» Ao descobrir a realidade, conokiáu com amargura: «Esses tipos instruídos pregaram-nos uma boa partida. Tornaram-nos seus escravos, governam a vida com os nossos braços. Uma pessoa não se pode fiar em ninguém...»

Depois de haver atravessado o Don, lançou o cavalo a trote largo. Atrás de si, ouvia ranger a sela da ordenança, um soldado rude, um valente cossaco natural de Olchánsski. Escolhia sempre homens daquela têmpera, homens que haviam combatido na frente alemã, prontos a ir até ao inferno por sua causa. Este, um antigo batedor, guardou silêncio durante todo o trajecto, acendendo de vez em quando um cigarro no meio da ventania,

sem parar, com uma pedra de isqueiro e uma acendalha perfumada, curtida em cinza de girassol. Perto de Tókinge, aconselhou a Grigóri:

- Se não vais com pressa, passamos a noite aqui. Os cavalos estão estafados, precisamos de lhes dar descanso.

Pararam em Tchukárine, numa casa vetusta onde se sentiam confortados após aquele vento gelado. O odor salgado à urina das vacas e das cabras subia da terra, o forno cheirava a pão acabado de cozer sobre folhas de couve. Grigóri respondia de má catadura às perguntas da dona da casa, uma velha cossaca cujos três filhos e o marido se encontravam entre os insurrectos. A mulher falava em voz baixa e sublinhava, num tom condescendente, as vantagens que lhe dava a sua idade; logo às primeiras frases declarou brutalmente a Grigóri:

- Não me interessa que tu sejas comandante desses imbecis dos cossacos. Ao pé de uma velha como eu não tens autoridade nenhuma, pois podias muito bem ser meu filho.. Anda rapaz, conversa lá um bocado comigo, em lugar de estares sempre para aí a abrir a boca como se não te dignasses falar a uma mulher. Mas não é caso para isso. Eu deixei três dos meus filhos partirem para essa guerra que a leve o diabo! e o meu velho também foi Deus me perdoe! Tu é que os comandas, mas eu, eu é que os pari, que lhes dei a mama e o sustento, andei com eles às costas na horta e no pomar e sofri muito por causa deles! Levei uma vida dura. Por isso agora não te faças caro, não te julgues importante, e diz-me a verdade: vamos ou não ter paz em breve?

- Vamos. pois... É melhor ires dormir, avòzinha.

- Em breve, em breve! Mas quando é esse em breve? Não tens nada que me mandar para a cama. Eu estou na minha casa e tu não. Quero ainda ir recolher as cabras e as ovelhas. Trazemo-las para dentro de noite porque são ainda pequenas. Teremos paz pela Páscoa?

- Só teremos paz depois de expulsarmos os vermelhos.

- Ah, meu Deus, meu Deus!

A velha poisou sobre os joelhos pontiagudos as mãos de pulsos inflamados, cujos dedos o trabalho e o reumatismo deformara, e pôs-se a mexer tristemente os lábios negros e secos como a casca da cerejeira.

- Mas que têm vocês contra eles? Porque é que os combatem?

- Devem estar todos doidos... Para vós, seus miseráveis, é um prazer dar tiros e fazer um vistão em cima dos cavalos, mas as mães, não se pensa nelas? São os nossos filhos que se estão a matar, é ou não é verdade? Quem inventou a guerra...

- Então nós também não temos mãe? Somos filhos de alguma cadela, hem, diz lá? - exclamou a ordenança de Grigóri com uma voz rouca e irritada. Andamos a deixar-nos matar e tu dizes que fazemos um vistão sobre os cavalos! Achas que aqueles que morrem são menos para lamentar do que as mães? Na tua idade devias ter vergonha de estares para aí a dizer disparates. Deixa-nos dormir.

- Tens muito tempo de dormir, desgraçado! Quem te deu licença de berrar assim? Estavas para aí calado como um lobo e agora enfureces-te sem se saber porquê. Olhem só para isto! Até está rouco de fúria.

- Ela não nos vai deixar dormir, Grigóri Panteleiévitich - exclamou o rapaz desesperado. E bateu com tanta força no isqueiro que fez saltar uma girândola de faíscas.

Enquanto a torcida ardia com um cheiro nauseabundo, a ordenança continuava a provocar a velha tagarela:

- És mais chata do que as moscas, avòzinha. Tenho a certeza de que o teu velho ainda fica todo satisfeito se o matarem lá na frente. E dirá consigo: «Graças a Deus que fico livre da minha velha, que a terra lhe seja leve!»

- Não te apodrecer essa língua, malvado!

- Vai dormir, avòzinha, pelo amor de Deus! Há três noites que não pregamos olho. Pelo que estás para aí a dizer, ainda podes vir a morrer sem sacramentos.

Grigóri teve um trabalho para os reconciliar. Meio a dormir, sentia com prazer o calor acre da peliça de pele de carneiro que o envolvia; através do sono, ouviu bater a porta e uma baforada de ar quente e vapor a rodear-lhe os pés.

Depois um cordeiro baliu junto ao seu ouvido. Os pequenos cascos dos cabritos martelaram o solo e um cheiro alegre a feno, a leite quente de ovelha, a gelo e a estábulo encheu o compartimento...

Grigóri, despertando à meia-noite, ficou muito tempo de olhos abertos. Na lareira, as brasas luziam sob a cinza opalina. Os cordeiros estavam deitados junto do lume, à porta do fogão, apertados uns contra os outros. No silêncio suave da noite, Grigóri ouvia-os rilhar os dentes a dormir, espirrar e resfolegar. A lua cheia muito longíngua espreitava pela janela. Um cabrito preto e turbulento brincava no quadrado de luz, quase tão clara como a do dia, que inundava a casa.

Um caco de espelho lançava chispas sobre a chaminé, a moldura prateada do ícone luzia frouxamente no canto de honra...

Grigóri lembrou-se de novo da conferência de Viochénskaia, do mensageiro que viera do Khopr, e de novo sentiu uma perturbação desagradável e soturna ao recordar-se do tenente-coronel, com o seu ar de estrangeiro, de intelectual, dos modos dele. O cabrito

trepou para cima da sua peliça, saltou-lhe para a barriga, fitou Grigóri durante muito tempo, estupidamente, de orelhas em riste. Depois atreveu-se a dar alguns pinotes e de súbito alargou as patas frisadas. Um jacto fino e sibilante correu para a mão aberta da ordenança que dormia ao lado. O homem resmungou e, despertando, esfregou a mão na calça, sacudiu a cabeça com um ar aborrecido:

- Mijou-me em cima, o maldito. Safa-te daqui!

E deu uma sapatada leve no focinho do cabrito.

Este soltou um balido agudo, pulou para o chão, depois, aproximando-se de Grigóri, pôs-se a lambe-lhe a mão com a pequena língua áspera e quente.

XXXIX

Após terem fugido de Tatárski, Chtókman, Michka Kochevói, Ivane Alekceiévitich e alguns cossacos que serviam como milicianos foram juntar-se ao 4.º Regimento da Transamúria. Esse regimento, depois de regressar da frente alemã em 1918, incorporara-se integralmente no Exército Vermelho e conservava os seus quadros essenciais após ano e meio de combates nas frentes da guerra civil. Os transamúrianos estavam admiravelmente equipados, os seus cavalos eram gordos e bem treinados. O regimento distinguia-se pela sua combatividade, pelo seu bom moral, pela brilhante instrução de cavalaria dos seus homens.

No início da insurreição, apoiados pelo 1.º Regimento de Infantaria de Moscovo, haviam resistido quase sozinhos à pressão dos insurrectos que tentavam abrir passagem para Usst-Medvéditskaia; em seguida, chegaram reforços e o regimento, sem se dispersar, ocupara definitivamente o sector de Usst-Khopérskaia. Estabeleceu-se um equilíbrio relativo e a frente permaneceu estacionária durante mais de dois meses.

A fim de proteger Usst-Khopérskaia a oeste, um batalhão do regimento de Moscovo, reforçado por uma bateria, foi ocupar a aldeia de Krutóvski, no Don. A bateria vermelha, situada numa eminência ao sul de Krutóvski, bombardeava de manhã à noite os grupos insurrectos na margem direita do Don, depois dirigia o seu fogo sobre a aldeia de Elánski. Os obuses ora rebentavam na aldeia o gado fugia pelas ruas, louco de terror, quebrando as cercas, e as pessoas corriam, dobradas ao meio, ora iam explodir atrás do cemitério antigo, perto dos moinhos de vento, sobre as dunas arenosas e desertas, levantando chapadas de terra negra ainda gelada.

A 15 de Março, Chtókman, Michka Kochevói e Alekceiévitich partiam de Tchebótariov para Usst-Khopérskaia, pois souberam que se estava formando ali uma legião de comunistas e militantes dos soviets que haviam fugido das stanitsas insurrectas. Servia-lhes de guia um cossaco da velha guarda. Este tinha um rosto rosado e tão juvenil que o próprio Chtókman não podia deixar de sorrir ao olhar para ele.

Apesar de jovem, o cossaco usava uma barba loira e frisada, muito espessa, no meio da qual a sua boca escarlate lembrava uma talhada de melancia; as faces vermelhas e a barba dourada faziam realçar o azul transparente dos seus olhos.

Michka cantara em surdina durante todo o caminho.

Iváne Alekceiévitich, sentado atrás, com a espingarda poisada nos joelhos, mostrava-se taciturno. Chtókman meteu conversa com o condutor, uma conversa banal:

- Tens um ar muito saudável, camarada.

- Graças a Deus - respondeu o outro com um sorriso franco. - Como havíamos nós de ser doentes? Há séculos que não fumamos, só bebemos vodka natural e comemos pão de fermento. Como havíamos de ser doentes?

- Foste soldado?

- Durante pouco tempo. Os cadetes apanharam-me.

- Então porque não fugiste para a outra margem do Donetz?

- É estranho o que dizes, camarada. Que iria eu fazer para lá? Aprender novas canções? Nunca teria servido com os cadetes se não fosse obrigado a isso. O vosso governo é justo, mas vocês fizeram coisas que não estão certas...

- Que coisas?

Chtókman enrolou um cigarro, acendeu-o e esperou muito tempo pela resposta.

- Porque queimas tu essas ervas? - disse o cossaco desviando a cara. - Olha como o ar é puro à nossa volta e tu envenenas o peito com esse fumo malcheiroso. Não aprovo isso. Vou dizer-te o que vocês fizeram que não está certo. Oprimiram os cossacos, fizeram asneiras, senão fosse isso, o vosso poder duraria sempre. Há entre vós muitos imbecis, por isso é que surgiu a revolta.

- Com que então fizemos asneiras? Que asneiras?

- Tu sabes muito bem, acho eu... Fuzilaram pessoas hoje aqui, amanhã ali .. Quem é que ficaria tranquilamente à espera que lhe chegasse a vez? Quando até um boi no matadouro sacode a cabeça. Olha, por exemplo, a stanitsa de Bukanóvsskaia... Avista-se daqui, estás a ver a igreja? Olha para onde estou a apontar com o chicote, vês?... Pois bem, diz-se que se encontra ali um comissário chamado Málkine, com o seu destacamento. Bem, julgas que ele é justo para com as pessoas? Vais ver. Costuma juntar os velhos de várias aldeias, leva-os para os bosques, e ali manda-os desta para melhor. E não consente que os enterrem. O único pecado deles é terem sido eleitos noutros tempos para juizes honorários das stanitsas. Sabes que espécie de juizes eles eram? Alguns mal sabiam ler e escrever o seu nome, outros até assinavam de cruz. Eram juizes pró-forma. O maior valor deles era a barba e alguns tinham tanta idade que já nem sabiam apertar a braguilha. Não havia nada a esperar deles. Eram verdadeiras crianças. E esse tal Málkine julga-se com direito de vida e de morte sobre os cossacos, como se fosse um deus. Olha, certo dia, um velhote ia a atravessar a praça chamava-se Líniok. Levava a arreata na mão porque ia

buscar a burra. Então uns garotos disseram-lhe: «Hei, vai ter com o Málkine porque ele mandou-te chamar.» Líniok fez o sinal da cruz à maneira dos herejes eles, lá, seguem a nova crença, e tirou logo o barrete. Ia cheio de medo. «Mandaste-me chamar?» Málkine torceu-se todo com riso. «Olha, disse ele, já que te julgas cogumelo vais para o cesto. Ninguém te mandou chamar, mas, desde que vieste... Levem-no, camaradas. Terceira categoria.» E lá se foi. A mulher fartou-se de estar à espera dele, mas o velho nunca mais voltou. Entrou no reino dos céus com a arreata na mão. Doutra ocasião, Málkine encontrou outro velhote na rua, o Mítrofane, da aldeia de Andréiainovsski, e perguntou-lhe: Donde és tu? Como te chamas? E desatou a troçar: «Olhem-me só para isto! Traz a barba empenachada como um rabo de raposa. Pareces o S. Nicolau com essa barba. Grande porco, vamos fazer sabão com a tua gordura. Terceira categoria...» É certo que o velho tinha umas barbas que pareciam uma vassoira, foi a desgraça dele. Fuzilaram-no só por isso, por andar com a barba bem tratada e por ter encontrado Málkine quando este estava mal disposto. Não será isto andar a gozar com as pessoas?

Michka, que parara de cantar no princípio da conversa, disse, raivoso:

- Tu não sabes o que dizes. Estás a mentir.

- Talvez tu saibas mentir melhor. Antes de afirmares que uma coisa é mentira, trata de te informares e depois fala.

- Mas tu tens a certeza daquilo que contas?

- É o que todos dizem.

- Todos! Até há quem afirme que as galinhas dão leite mas elas não têm tetas. Encheram-te a cabeça de patranhas e agora tu dás à língua como uma mulher. Eram tudo velhos que não faziam mal a uma mosca...

- Não faziam mal a uma mosca. - Michka, cada vez mais irritado, imitava-o. - Talvez não fizessem mal a uma mosca, mas foram eles que prepararam a insurreição.. Os teus juizes honrados tinham metralhadoras enterradas no quintal, e tu dizes que foi por causa da barba ou do divertimento que os fuzilaram. Porque não te fuzilaram a ti, com essa barba que usas, tão grande como a de um chibo?

- Só repito aquilo que ouvi, talvez me tenham mentido, só Deus o sabe, talvez tivessem feito alguma coisa contra as autoridades resmungou o rapaz, atrapalhado.

Saltou para o chão e caminhou durante algum tempo Sobre a neve a derreter-se. Os pés, escorregando, levantavam a neve mole e azulada. Um sol acariciador brilhava sobre a estepe. O céu azul-claro abrangia no seu abraço poderoso as colinas e os vales longínquos. No frémito quase imperceptível do vento adivinhava-se a Primavera. A leste, por detrás do ziguezague esbranquiçado dos outeiros, numa bruma lilás, avistava-se o cume da colina de

Usst-Medvéditsskaia. Muito ao longe, no horizonte, nuvens brancas e frisadas estendiam sobre a terra a sua imensa abóbada ondulante.

O condutor, após ter subido de novo para o trenó, voltou o rosto fechado para Chtókman, prosseguindo:

- O meu avô, que tem cento e oito anos e ainda é vivo contou-me, por o ter ouvido ao avô dele, que no tempo deste, ou seja, no tempo do meu tetravô o tzar Pedro mandou para a nossa terra do Alto Don um príncipe ah, meu Deus, que memória a minha! chamado Dlinnórukov ou Dulgórukov. E esse príncipe vinha de Voróneje com os seus soldados, arrasava os burgos cossacos porque eles não queriam adoptar a maldita lei de Nikon e obedecer ao tzar. Perseguiam os cossacos, cortavam-lhes os narizes, enforcavam-nos e metiam-nos nas jangadas que desciam o Don.

- Que queres dizer com isso? - inquiriu Michka severamente.

- O que eu quero dizer com isto é que o tzar não dera a esse príncipe Dlinnoruki ou lá que ele era direitos para fazer o que fazia O comissário de Bukanóvsskaia disse, por exemplo: «Hei-de descossacar-vos, filhos de uma cadela. Hão-de lembrar-se de mim durante toda a vida.» Declarou isto no meio da praça, perante toda a assembleia da stamitsa. Teria sido na verdade o poder dos soviets quem lhe deu esse direito? É a mesma coisa. Ele não recebeu mandato, tenho a certeza, para fazer coisas destas e medir todos os cossacos pela mesma bitola. Há cossacos e cossacos...

As faces de Chtókman encheram-se de rugas.

- Eu estive a ouvir-te, agora ouve-me tu a mim.

- Pode muito bem ser que eu tenha dito alguma coisa que não devia. Nesse caso peço desculpa.

- Espera, espera aí... A questão é a seguinte. Aquilo que nos contaste acerca desse comissário não tem visos de verdade.

- Vou tirar o caso a limpo. Se for verdade, se ele maltratou os cossacos, se se portou como um déspota, não lhe perdoaremos.

- Oh! Muito me espantaria isso.

- De maneira nenhuma, é assim mesmo. Quando a frente passou pela vossa aldeia, os soldados vermelhos não fuzilaram um dos seus por ter pilhado a casa de uma mulher cossaca?

- Foram vocês mesmos que mo contaram.

- Sim, sim. Ele tinha ido remexer numa arca em casa da Perfilievna. Isso é verdade, é exacto. Certamente... Foram severos. Nisso tens razão. Fuzilaram-no atrás da eira. Depois, lá na terra, discutiu-se durante muito tempo para se saber onde havia de ser enterrado.

Alguns queriam que ficasse no cemitério, mas outros diziam que era uma profanação. Finalmente, ficou sepultado ao pé da eira, pobre criatura.

- Já vês que o caso tem precedentes.

- Sim, sim, não digo o contrário - concordou logo o cossaco.

- Então porque julgas que não castigamos os comissários quando se prova que cometeram uma falta?

- Meu caro camarada, talvez vocês não tenham ninguém com autoridade sobre ele. O outro era soldado, mas este é comissário.

- Mais uma razão para nos mostrarmos severos. O poder dos soviets só se exerce contra os inimigos, mas os seus representantes que oprimam injustamente a população trabalhadora são punidos impiedosamente.

O silêncio daquele meio-dia da estepe, apenas cortado pelo chiar dos eixos e pelo passo dos cavalos, foi interrompido pelo troar do canhão. Ao primeiro tiro seguiram-se outros a intervalos regulares. Era a bateria de Krutóvski que prosseguia no bombardeamento da margem esquerda.

No trenó, a conversa ficou por ali. O barulho do canhoneio não se coadunava com o suave encanto da estepe adormecida num torpor que anunciava a Primavera. Os próprios cavalos desataram a correr mais depressa, arrebitando as orelhas com um ar atarefado.

Desembocaram na estrada dos hetmames e os viajantes avistaram as vastas terras do Don, imensas, manchadas de escuro, com extensões de areia amarela liberta da neve, onde os salgueiros e as florestas de faias formavam ilhas e promontórios de um cinzento-azulado.

Em Usst-Kopérsskaia, o condutor parou o trenó em frente da casa do comité revolucionário, perto da qual se encontrava o Estado-Maior do Regimento de Moscovo.

Chtókman, depois de procurar na algibeira, tirou da bolsa do tabaco uma nota de quarenta rublos-Keranskis que deu ao cossaco. Este mostrando num sorriso aberto os dentes amarelos sob o bigode húmido, murmurou, confuso:

- Então, camarada! Deus vos abençoe. Isso é de mais.

- Toma, é para pagar o trabalho dos teus cavalos. E não duvides do poder dos Sovietes. Lembra-te do que te disse: nós lutamos pelo poder dos operários e dos camponeses. Foram os nossos inimigos que vos levaram à revolta: os kulakes, os atamanes, os oficiais. São eles a causa principal da insurreição. Mas se um dos nossos cometeu uma injustiça para com um trabalhador cossaco que simpatiza connosco, que ajuda a revolução, podemos sempre chamá-lo à ordem.

- Tu conheces o provérbio, camarada: Deus está lá no alto e o tzar está longe. O vosso tzar também está longe. Não lutes contra outro mais forte do que tu, não discutas contra outro mais rico do que tu e vocês são fortes e ricos. - Sorriu maliciosamente. - Olha, tu, por exemplo, pagas quarenta rubles por um trajecto que não vale mais de cinco. Deus te pague!

- Ele deu-te uma gorjeta pela conversa - disse Michka Kochevói, sorrindo. Apeando-se, puxou as calças. - E também pelas tuas lindas barbas. Sabes quem trouxeste no teu trenó, meu labrego? Um general vermelho.

- Oh!

- Isso mesmo: «Oh!» Que tipos tão patuscos! Se te tivessem pago pouco terias espalhado por toda a parte: «Ora vejam! Transporteí uns camaradas e só me deram cinco rublos, os patifes.» E terias ficado a querer-nos mal durante todo o Inverno. Demos-te muito e nem assim ficas contente: «Vejam lá como eles são ricos. Deram-me quarenta rublos. Nem olham para o que gastam » Se fosse eu, não te dava nada. Podias protestar à vontade. De qualquer forma nunca estás contente. Bem, vamos embora . Adeus, barbudo.

O taciturno Iváne Alekceiévitich sorriu também com o discurso inflamado de Michka.

Um soldado vermelho de uma patrulha a cavalo saiu do portão do Estado-Maior, montado num pequeno cavalo lanzudo.

- Donde vem este trenó? - exclamou ele, fazendo o cavalo dar uma volta com um movimento da rédea curta.

- Que queres tu? - inquiriu Chtókman.

- É preciso transportar munições para Krutóvsski. Entra.

- Não, camarada. Vamos mandar embora o trenó. Mas quem és tu?

O soldado, um rapaz jovem e belo, aproximou-se.

- Pertencemos ao Regimento da Transamúria. Não retenhas este trenó.

- Ah, bom, está bem, que se vá embora. Podes seguir, rapaz.

XL

Chegou-se à conclusão de que não se estava formando nenhuma legião comunista em Usst-Khopérskaia. Existia de facto uma, mas em Bukanóvskaia, organizada por esse tal comissário Málkine que fora enviado para o Baixo-Khopr pelo Estado-maior do 9.º Exército Vermelho e acerca do qual falara o rapaz do trenó. Os comunistas e os militantes dos soviets de Elánskaia, de Bukanóvskaia, de Stachtchóvskaia e de Kuimiljénskaia, reforçados por soldados vermelhos, constituíam uma unidade de combate assaz importante composta de duzentos soldados de infantaria, aos quais se tinham vindo reunir algumas dezenas de cavaleiros cedidos pelas unidades de reconhecimento. A legião encontrava-se provisoriamente em Bukanóvskaia e, juntamente com uma companhia do Regimento de Moscovo, continha os insurrectos que se esforçavam por atacar desde o curso superior dos rios Elanka e Zimóvnaia.

Depois de ter conferenciado com o chefe do Estado-maior, um homem tristonho e gasto, antigo oficial de carreira, e com o comissário político, um operário moscovita das fábricas Michelson, Chtókman resolveu ficar em Usst-Kihopérskaia e alistar-se no segundo batalhão do regimento. Num compartimento acanhado e limpo, atravancado com rolos de grevas, meadas de fios telefónicos e outros objectos de utilidade militar, teve uma longa conversa com o comissário político.

- Compreendes, camarada - dizia lentamente o comissário, um homenzinho pálido que sofria de uma crise de apêndice -, as coisas aqui estão complicadas. Quase todos os meus rapazes são naturais de Moscovo e de Riázam, apenas cá estão alguns de Nijni; são todos tipos fortes, na sua maioria operários. Em contrapartida, tivemos aqui um esquadrão da 14.ª Divisão e esses não estavam à altura. Fomos obrigados a mandá-los para Usst-Medvéditzkaia... Fica connosco, há por aqui muito que fazer. Temos de trabalhar junto da população, explicar-lhes as coisas. Compreendes que os cossacos... Temos de trazer os olhos bem abertos.

- Compreendo isso tão bem como tu - respondeu Chtókman, a quem o tom protector do comissário dava vontade de rir. Fitava os seus olhos amarelados pela doença.

- Mas diz-me, que tal é esse comissário de Bukanóvskaia?

O outro respondeu numa voz cansada, a acariciar o bigode cortado em escova, erguendo de tempos a tempos as pálpebras azuladas e transparentes:

- Mostrou-se bastante rijo durante algum tempo. É um tipo honesto, mas não percebe nada de política. Não se fazem omeletes sem partir ovos... Neste momento anda ele a evacuar para a Rússia central a população masculina das stanitsas... Vai ter com o intendente para que ele te inscreva nos efectivos.

O comissário, com uma careta dolorosa, apoiou a mão nas calças ensebadas.

- No dia seguinte pela manhã, o segundo batalhão era colo cado em estado de alerta e uma hora depois partia em ordem de marcha para Kristóvsski.

Chtókman, Michka, Kochevói e Iváne Alekceiévitich marchavam lado a lado.

De Krutóvsski, foi enviada uma patrulha a cavalo em reconhecimento para a outra margem do Don. A coluna atra vessou o rio atrás dela. O caminho encharcado, onde o esterco formava manchas escuras, estava esmaltado de poças de água. O gelo, sobre o Don, tinha reflexos azulados. Atravessaram as estreitas faixas de água sobre jangadas de vime. Do alto da colina, a bateria disparava sobre os renques de choupos que se avistavam atrás da aldeia de Slansski. O batalhão devia contornar essa povoação abandonada pelos cossacos, avançar em direcção da stanitsa de Elánskskaia e, depois de se ter reunido a uma companhia do primeiro batalhão que chegava de Bukanóvsskaia, iria ocupar a aldeia de Antónov. O chefe do batalhão estava encarregado de levar as suas tropas para a aldeia de Bezborodov. A patrulha a cavalo em breve anunciou que não encontrara vestígios do inimigo em Bezborodov, mas que a fuzilaria crepitava a umas quatro verstás à direita da aldeia.

Passavam obuses rugindo por cima da coluna. As explosões abalavam a terra ali perto. Lá atrás, o gelo estalava sobre o Don. Iváne Alekceiévitich voltou-se para trás.

- A água deve estar a subir.

- Atravessar o Don neste momento não é brincadeira nenhuma. A derrocada pode começar de um momento para o outro - resmungou Michka, que não conseguira ainda habituar-se a marchar.

Chtókman via as costas dos soldados à sua frente, o baloiçar ritmado das baionetas. Ao voltar-se, observava as caras sérias e indiferentes dos soldados vermelhos, tão diversas e no entanto parecidas, o movimento ondulante dos bonés cinzentos, ornados com a estrela vermelha de cinco pontas, dos capotes amarelados pelo uso, e dos mais novos, tesos e luzidios; ouvia o ruído pesado dos passos, o murmúrio surdo das conversas, das tosses, do tilintar das latas; sentia o cheiro forte das botas húmidas, do tabaco ordinário, do cabedal. De olhos semicerrados, tentava não desacertar o passo, experimentava uma

quente simpatia por todos aqueles homens ontem ainda desconhecidos para ele. E pensava: «Porque será que de repente eles se me tornaram tão caros? Que é que me liga a eles? A mesma ideia... Não, talvez não seja só isso, é também a acção. E mais quê? Talvez a proximidade do perigo e da morte? Somos todos irmãos...» Sorriu com os olhos. «Chegarei a velho?»

Chtókman fitava com uma satisfação quase paternal as costas poderosas, largas e direitas, do soldado que caminhava na sua frente, o seu pescoço roliço e jovem que aparecia entre a gola e o boné, depois voltou os olhos para o seu vizinho.

Era um homem alto, bem proporcionado, de rosto sanguíneo, de boca fina e viril; marchara quase sem mover o braço livre e no entanto o seu rosto crispava-se dolorosamente e tinha uma rede de gelhas em volta dos olhos, como um velho. Chtókman sentiu vontade de encetar conversa com ele:

- Há quanto tempo estás no exército, camarada?

Os olhos do homem, castanhos muito claros, frios e perscrutadores, desviaram-se de esguelha para Chtókman.

- Desde 1918 - respondeu entre dentes.

Esta resposta reservada não desanimou Chtókman.

- Onde és tu? Andas à procura de uma terra para ti, meu velho?

- Bem gostaria de encontrar uma.

- Eu cá sou de Moscovo.

- És operário.

- Sou, sim.

Chtókman lançou uma olhadela furtiva para as mãos do vizinho. O tempo não apagara os vestígios do manuseio do ferro.

- Metalúrgico?

Mais uma vez os olhos castanhos do outro percorreram o rosto de Chtókman, a sua barba salpicada de fios brancos.

- Torneiro. E tu?

Uma luz quente brilhou nos cantos dos seus olhos severos.

- Eu era serralheiro... Que itens tu, camarada? Vais a fazer caretas.

- Magoam-me as botas. O cabedal está ressequido. Estive a noite passada de sentinela e molhei os pés.

- Não vais com medo? perguntou Chtókman, com um sorriso desconfiado.

- Medo, de quê?

- Vamos combater...

- Eu cá sou comunista.

Michka meteu-se na conversa:

- Então os comunistas não têm medo da morte? Não são homens como os outros?

O vizinho de Chtókman endireitou com jeito a espingarda, e respondeu após um momento de reflexão, sem olhar para Michka:

- Tu ainda percebes pouco disto, meu rapaz. Eu não tenho o direito de sentir medo. Impus isso a mim próprio, compreendes? E não queiras devassarn-me a alma sem calçares luvas limpas... Eu sei porquê e contra quem faço guerra e sei que venceremos. Isso é o principal, o resto não vale nada.

Uma recordação qualquer fê-lo sorrir-se e começou a contar, olhando de tempos a tempos para o perfil de Chtókman:

- No ano passado eu estava no destacamento de Krassavtsev, na Ucrânia. Combatíamos. Havia uma pressão incessante do inimigo. Muitas perdas. Tínhamos começado a abandonar os feridos. Nisto fomos cercados, perto de Jmerinka. Era preciso alguém atravessar de noite as linhas inimigas e fazer saltar uma ponte na retaguarda deles a fim de impedirmos a passagem de um comboio blindado e podermos transpor a via férrea. Pediram voluntários. Ninguém se apresentou. Os comunistas éramos poucos, os comunistas diziam «Tira-se à sorte.» Eu, após ter reflectido, apresentei-me. Peguei nos explosivos, no rastilho e nos fósforos, despedi-me dos camaradas e lá fui. Estava escuro como breu, um nevoeiro cerrado. Caminhei umas cem ságenas e comecei a rastejar. Atravessei um campo de trigo ainda por cortar, depois uma ravina. Recordo-me de que, quando saí da ravina, sempre de rastos, um pássaro pôs-se a voar mesmo à frente do meu nariz. Sim, passei a dez ságenas do posto deles e cheguei à ponte. Estava guardada por uma metralhadora. Esperei duas horas deitado. Coloquei os explosivos e tentei acender os fósforos debaixo do capote, mas estavam húmidos e não ardiam. Fora a rastejar de barriga para baixo e ficara todo molhado de orvalho, nem os fósforos haviam escapado, por isso de nada me servia esfregá-los. Nessa altura, meu velho, tive medo. Ia nascer o dia dali a bocado, tremiam-me as mãos, o suor escorria-me para os olhos. Dizia com os meus botões: «Está bonito, se me vêem fazem-me saltar os miolos.» Tentei e voltei a tentar, por fim um fósforo acendeu e eu fugi a toda a pressa. Quando a ponte foi pelos ares, estava eu atrás da balastrada e ouvi gritos dos outros. Estava dado o alerta. Duas metralhadoras puseram-se a disparar. Passaram alguns cavaleiros mesmo rente a mim, mas, de noite, como era possível ver-se alguém? Saí de trás da balastrada e achei-me no meio do trigal. Nesse momento, antes não, senti que os braços e as pernas não me obedeciam. Não era capaz de me mexer. Deitei-me no chão. À ida caminhara perfeitamente, com coragem e na

volta, era isto. E queres saber que mais? Pus-me a vomitar, lancei fora tudo quanto tinha dentro. Já não tinha nada e a coisa continuava. Sim... até que consegui finalmente reunir-me aos nossos. Animou-se, os seus olhos castanhos começaram a brilhar, tornaram-se mais quentes e mais belos: No dia seguinte de manhã, após o combate, contei aos rapazes o que me sucedera com os fósforos, e então um deles disse-me: «E o teu isqueiro, Serguei, tinha-lo perdido?» Apalpei o bolso e lá estava ele. Peguei-lhe, carreguei, e pronto! Acendeu-se à primeira!»

Dois corvos, impelidos pelo vento, vindos de uma longínqua ilha de choupos, voavam por cima da coluna, muito alto. Haviam-na ultrapassado há muito, quando, após uma hora de silêncio, o canhoneio recomeçou sobre a colina de Krotóvski.

No momento em que o rugido e o silvo do obus que se aproximava atingia o seu ponto culminante, um dos corvos, que voava mais alto do que os outros, pôs-se de súbito às voltas no ar, como uma palha ao vento e, desdobrando obliquamente as asas, a tentar manter-se no ar, começou a cair em espiral, semelhante a uma enorme folha preta.

- Aquele apanhou em cheio! - exclamou alegremente um soldado que marchava atrás de Chtókman. - Olhem como ele rodopia! É espantoso.

O comandante da companhia chegou a galope numa égua baia, cujas ferraduras faziam saltar a neve húmida.

- Formação de atiradores!

Três trenós equipados com metralhadoras passaram à desfilada, projectando chapadas de neve para cima de Iváne Alekceiévitich, que marchava em silêncio. Um dos soldados que seguiam nos trenós das metralhadoras caiu numa volta brusca, e logo nas fileiras dos soldados se fez ouvir uma gargalhada sonora, até que o condutor, a praguejar, obrigou os cavalos a dar meia volta, e o soldado conseguiu saltar para o trenó em marcha.

XLI

A stanitsa de Karguínsskaia tornara-se o ponto de apoio da 1.^a Divisão insurrecta. Grigóri Melekhov, compreendendo bem a importância estratégica da posição, resolveu não a abandonar fosse porque preço fosse. Os outeiros da margem esquerda do Tchir apresentavam uma excelente linha de defesa. A stanitsa ficava em baixo, na margem direita, e mais adiante o relevo suave da estepe estendia-se para o sul, cortado aqui e ali por cavaleiros e ravinas. Grigóri escolhera ele mesmo, sobre a colina, local para instalar a sua bateria de três peças. Havia ali perto um magnífico posto de observação, um túmulo cheio de barrancos coberto por um bosque de carvalhos, donde se avistava toda a região.

Lutava-se todos os dias em frente de Karguínsskaia. Os vermelhos atacavam geralmente por dois lados: do sul, atravessando a estepe, a partir do burgo ucraniano de Astakhov, e de leste, a partir da stanitsa Bokóvsskaia, subindo o Tchir, através das aldeias que se encostavam umas às outras. As linhas cossacas situavam-se a cem ságenas atrás de Karguínsskaia e raramente disparavam. O fogo encarniçado dos vermelhos obrigava-os quase sempre a baterem em retirada para a stanitsa, seguindo depois as ravinas apertadas até à colina. Os vermelhos não possuíam forças suficientes para irem mais além. O êxito das suas operações ofensivas ficava gravemente comprometido pela falta de cavalaria em número suficiente, pois esta poderia, mercê de um movimento envolvente, obrigar os cossacos a retirarem para mais longe; obrigando assim as forças do inimigo a dispersarem-se, conseguiria paralisar a infantaria, coagida dessa forma a marcar passo nas imediações da stanitsa.

Os vermelhos, porém, não podiam utilizar a infantaria numa manobra desta natureza, em virtude da sua falta de mobilidade, da sua incapacidade para efectuar movimentos rápidos, e também porque os cossacos possuíam uma cavalaria mais forte, que podia a todo o momento desabar sobre a tropa em marcha, desviando-a da sua tarefa essencial.

Outra vantagem dos insurrectos consistia no seu conhecimento perfeito da região e no facto de não perderem nenhum ensejo de deslocar sub-repticiamente alguns esquadrões a cavalo através das ravinas, nos flancos e na retaguarda do inimigo, ameaçando-o assim muitas vezes e paralisar-lhe os movimentos.

Nessa época, Grigóri concebeu um plano para derrotar os vermelhos. Desejava atraí-los a Karguínsskaia mercê de uma falsa retirada, enquanto Riábtchikov, com um regimento de cavalaria, os atacaria pelo flanco, surgindo da ravina de Gussinka a oeste, e de Gratchi a leste, a fim de os cercar e lhes vibrar um golpe esmagador. O plano foi cuidadosamente elaborado.

Na véspera à noite, todos os comandantes de unidades autónomas receberam instruções concretas. O movimento envolvente devia, na opinião de Grigóri, começar de madrugada para ser mais facilmente camuflado. Era tudo tão simples como um jogo de damas. Após haver analisado todas as hipóteses que poderiam prejudicar a realização do plano, Grigóri bebeu dois copos de vodka e deitou-se na sua cama de campanha sem se despir; cobrindo a cabeça com a aba húmida do capote, mergulhou num sono semelhante ao da morte.

No dia seguinte pelas quatro horas da manhã, os vermelhos ocupavam já Karguínsskaia. Uma parte da infantaria cossaca atravessou a stanitsa, fugindo pela colina acima, para simular uma retirada; dois carros equipados com metralhadoras deram bruscamente meia volta à entrada de Karguínsskaia e apanharam os cossacos ao alcance do seu fogo. Entretanto, os vermelhos avançavam lentamente pelas ruas.

Grigóri encontrava-se junto da sua bateria. Viu a infantaria vermelha invadir a stanitsa e agrupar-se perto do Tchir. Ficara combinado que após o primeiro tiro de canhão dois esquadrões cossacos, que aguardavam nos quintais ao fundo da colina, passariam à ofensiva e que no mesmo momento o regimento de Riábtchikov iniciaria o movimento envolvente. O comandante da bateria ia dar a ordem de disparar directamente contra um carro-metralhadora que descia rapidamente a colina de Klimóvka na direcção de Karguínsskaia quando um observador o informou de que uma bateria vermelha surgira sobre a ponte da aldeia de Nijmi-Latichévsski, a três verstás e meia dali:

- Os vermelhos atacavam ao mesmo tempo a partir de Bodóvsskaia.

- Disparem-lhes um tiro de morteiro - aconselhou Grigóri, sem desviar os olhos do seu binóculo Zeiss.

O atirador, depois de haver trocado algumas frases com o ajudante que desempenhava as funções de comandante da bateria, regulou rapidamente a mira. Os serventes prepararam-se, e o morteiro de quatro polegadas e meia, segundo o cálculo dos cossacos uivou baixinho, arranhando a terra.

O primeiro obus acertou na extremidade da ponte no momento em que o segundo canhão da bateria inimiga entrava nela.

O obus fez em bocados a atrelagem e veio a saber-se depois Que apenas escapou um dos seis cavalos. Porém o condutor que o montava ficou sem cabeça, arrancada por um estilhaço. Grigóri viu erguer-se uma nuvem amarelada, os cavalos envoltos em fumo empinaram-se, depois tombaram no solo, os homens corriam desabando também. Um cavaleiro vermelho que se encontrava junto à parte dianteira do canro no momento da queda do obus foi levantado ao ar juntamente com o seu cavalo e o parapeito da ponte, caindo sobre o gelo.

Os artilheiros não contavam com um êxito tão completo.

Fez-se um silêncio de um minuto junto ao sítio onde se encontrava a peça, apenas o observador que estava perto se atirou de joelhos gritando qualquer coisa enquanto agitava os braços. No mesmo instante, lá em baixo, na espessura das cerejeiras dos quintais, ouviu-se um clamor desordenado e o troar crepitante da fuzilaria. Esquecendo por completo a prudência, Grigóri desatou a correr. Os vermelhos dispersavam pelas ruas, ouvia-se um barulho confuso de vozes, gritavam-se ordens, disparavam-se rajadas de tiros. Um dos carros-metralhadoras que se preparava para subir uma colina deu bruscamente meia volta e desatou a disparar, por cima das cabeça dos vermelhos, sobre os cossacos dispersos pelos quintais.

Grigóri tentava em vão divisar no horizonte a cavalaria cossaca. O regimento sob o comando de Riábtchikov, que tinha por missão cortar a retirada ao inimigo, não havia maneira de aparecer. Os vermelhos do flanco esquerdo aproximavam-se já da ponte que atravessava a ravina Zaburuini e unia Karguínsskaia à aldeia vizinha de Arkhipóvka, ao passo que os do flanco direito corriam na stanitsa e tombavam sob os golpes dos cossacos que se haviam apoderado de duas ruas perto do Tchir.

Surgiu enfim o primeiro esquadrão de Riábtchikov no alto de uma colina, depois o segundo, o terceiro, o quarto... Desdobravam-se em vagas de assalto, a seguir voltavam bruscamente à esquerda a fim de cortarem a retirada à multidão dos vermelhos que desciam correndo a encosta em direcção de Klimóvka.

Grigóri, a armafanhar as luvas, acompanhava com nervosismo o desenrolar do combate. Largando o binóculo, observou a olho nu a carga de cavalaria que se aproximava impetuosamente da estrada de Klimóvka e os vermelhos que voltavam para trás em grande confusão, a correr para as herdades de Klimóvka em grupos isolados, onde eram recebidos pelo fogo da infantaria cossaca que começava a perseguir o inimigo ao longo do curso do rio, obrigando-o a precipitar-se de novo para a estrada. Poucos soldados vermelhos conseguiram chegar a Klimóvka.

Sobre a colina, o massacre começou no meio de um silêncio terrível. Os esquadrões de Riábtchikov, dirigindo-se a Karguínsskaia, começaram a perseguir os vermelhos como o vento empurra as folhas. Junto à ponte de Zabúmini, uns trinta vermelhos, percebendo que lhes haviam cortado a retirada, resolveram defender-se. Tinham consigo uma metralhadora e uma boa reserva de munições. Mal os soldados de infantaria cossaca saíram dos quintais, a metralhadora punha-se a disparar febrilmente, e os cossacos, atirando-se para o chão, começavam a rastejar ao abrigo dos muros e das cercas. Da colina avistavam-se alguns cossacos que arrastavam uma metralhadora através de Karguínsskaia. Pararam em frente de uma herdade perto de Arkhipóvka e entraram lá para dentro. Em breve o crepitar da metralhadora começava a fazer-se ouvir no telhado da granja. Grigóri observava os artilheiros através do binóculo.

Um deles, de pernas alargadas e com as calças entaladas nas meias brancas, encontrava-se deitado sobre as telhas, todo curvado; outro subia pela escada com as fitas das balas enroladas em volta do corpo. Os artilheiros resolveram ir em auxílio da infantaria. Uma chuva de shrapnels caiu em cima do núcleo de resistência dos vermelhos. O último obus foi rebentar bastante longe dali.

Um quarto de hora mais tarde, a metralhadora vermelha da ponte Zabúruni calou-se subitamente. Logo se ouviu um breve clamor. Os vultos dos cavaleiros cossacos surgiram através dos troncos nus dos salgueiros.

A operação terminara.

Por ordem de Grigóri, os habitantes de Karguínsskaia arrastaram cento e quarenta cadáveres de vermelhos com aincinhos e forquilhas até junto de uma fossa à entrada da ponte de Zabúruni, e enterraram-nos sem mais cerimónias. Riábtchikov apoderou-se de seis carros de munições com cavalos e cartuchos e de um carro-metralhadora sem culatra. Em Klimóvka, capturaram quarenta e seis carroças de material militar. Os cossacos haviam sofrido quatro mortos e quinze feridos.

Após o combate, reinou a calma em Karguínsskaia durante uma semana. O inimigo, dirigindo os seus esforços contra a 2.^a Divisão insurrecta, apoderou-se de várias aldeias na stamitsa de Migullínsskaia, entre elas Alekceiévsski e o burgo de Tchernétsskaia, e alcançou a aldeia de Verkhne-Tchirsski.

Todas as manhãs se despertava ao som do troar do canhão.

Porém as informações sobre o andamento dos combates chegavam com grande atraso e não permitiam avaliar com clareza a situação na frente da 2.^a Divisão.

Foi nessa altura que Grigóri começou a beber a fim de fugir às ideias negras, para abafar a consciência e não pensar no que se fazia à sua volta e nas responsabilidades que

nisso lhe cabiam. Embora a farinha escasseasse para os insurrectos, a despeito das grandes reservas de trigo que existiam na região os moinhos não conseguiam satisfazer as necessidades dos cossacos e os soldados comiam muitas vezes trigo cozido, em contrapartida a aguardente não faltava. Corria a jorros.

Na outra margem do Don, um esquadrão cossaco de Dudárevka atiraram, completamente embriagado, para a frente das metralhadoras e fora dizimado meio por meio. Tomar posições em estado de embriaguez tornara-se coisa corrente. Grigóri estava bem fornecido de aguardente. Prokhor Zikov era perito nesse ofício. Após a batalha de Karguínsskaia trouxe, a pedido de Grigóri, três barris de aguardente de doze litros cada, mandou vir cantores, e Grigóri, sentindo-se livre e satisfeito, longe da realidade e das preocupações, passou a noite a beber com os soldados. Pela manhã, repetiu a dose para atenuar a má disposição da noitada e à tardinha sentiu de novo necessidade de ouvir cantar e de ver alegria e confusão à sua volta, de tudo quanto lhe pudesse dar a ilusão da verdadeira felicidade e fazer-lhe esquecer o presente real.

A bebida em breve se tornou para ele num hábito. Logo pela manhã, ao sentar-se à mesa, experimentava um desejo irresistível de emborcar um copo de vodka. Bebia muito, mas sem ultrapassar um certo limite, mantendo-se sempre firme nas pernas. Mesmo pela madrugada, enquanto os outros dormiam lambuzados de vômito, de borco sobre as mesas, enrolados nos capotes e nas mantas dos cavalos, ele mantinha uma aparência de sobriedade; estava apenas um pouco pálido, com o olhar muito duro. Apertava então a cabeça entre as mãos deixando pender para a frente o topete encaracolado.

Ao cabo de quatro dias de pândega ininterrupta, Grigóri apresentava um rosto flácido e os ombros curvados; surgiram-lhe por baixo dos olhos uns papos azulados e uma chama de crueldade demente luzia-lhe cada vez com mais frequência no olhar.

No quinto dia,, Prokhor Zikov propôs-lhe com um sorriso brejeiro:

- Em Likhovídov, parece que há uma mulher de se lhe tirar o chapéu. Se fôssemos até lá? Queres? Não se pode perder uma oportunidade destas, Grigóri Panteleievitch. Uma mulher doce como uma melancia. Nunca a provei, mas disseram-me. Parece que é arisca como o diabo. Não se consegue nada dela logo às primeiras, nem sequer se deixa acariciar. Mas, quanto a aguardente, ninguém a faz melhor do que ela. É a melhor de todo o Tchir. E acrescentou, como quem não quer a coisa: O marido seguiu a retirada para lá do Donetz.

Partiram nessa mesma noite para Likhovídov. Grigóri ia acompanhado por Riábtchikov, Kharlamipi Ermákov, Alekcei Ghamill, o Maneta, e Kondrat Medvédev, chefe da 4.ª Divisão, que viera do seu sector. Prokhor Zikov seguia na frente. Ao chegar à aldeia, metendo o cavalo a passo, entrou numa ruela escura e abriu a porta de um pátio.

Grigóri foi atrás dele, a galope; o seu cavalo saltou por cima de um monte de neve, enterrando as duas patas da frente, ergueu-se, sacudiu-se todo e trepou o montículo que obstruía a entrada do pátio. Riábtchikov apeara-se e levava o cavalo à arreata. Grigóri e Prokhor Zikov andaram às voltas durante meia hora em redor de medas de palha e de feno, depois atravessaram um pomar de cerejeiras nuas, sonoro como o vidro. A taça de ouro da Lua cheia, no céu muito azul, subia em diagonal no céu, as estrelas tremeluziam, o silêncio parecia tecido com fios encantados. O ladrido longínquo dos cães e o estrépito das ferraduras dos cavalos não quebravam esse silêncio, pelo contrário, tornavam-no ainda mais profundo. Através dos ramos entrelaçados das cerejeiras e das copas ralas das macieiras, brilhou uma luz amarela e a sombra de uma grande herdade coberta de colmo surgiu contra o céu estrelado. Prokhor curvou-se na sela e abriu amavelmente o portal. Junto à entrada, a lua tremeluzia numa poça gelada. O cavalo de Grigóri quebrou com uma das patas o gelo da poça e parou a resfolegar. Grigóri, saltando da sela, penetrou no vestibulo escuro. Atrás dele, Riábtchikov e os outros apearam-se igualmente, começando a fazer barulho e a cantar.

Grigóri, procurando às apalpadelas a maçaneta da porta, entrou numa vasta cozinha. Uma jovem cossaca, pequena mas graciosa como uma perdiz, de sobranceiras negras e arqueadas, fazia meia de costas para o fogão. Sobre a pedra do lar dormia de braços abertos uma garota dos seus nove anos.

Grigóri foi sentar-se à mesa sem tirar o capote.

- Tens vodka?

- Então já não se usa dar as boas-noites disse a mulher sem olhar para ele nem abrandar o movimento das agulhas.

- Boas noites, já que assim queres. Tens vodka?

A mulher ergueu as pálpebras, sorriu para Grigóri com os olhos redondos e castanhos, prestou atenção ao ruído das vozes e dos passos no vestibulo

- Vodka tenho eu. Mas quantos pândegos são vocês?

- Somos muitos. A Divisão inteira...

Mal entrou, Riábtchikov pôs-se a dançar a prissiádka batendo com o boné no cano das botas, a arrastar o sabre pelo chão. Os outros ficaram à porta em grupo: um deles batia um compasso frenético com duas colheres de pau. Atiraram com os capotes em monte para cima da cama e largaram as armas. Prokhor ajudou a dona da casa a pôr a mesa. Aleksei Chamil o «Maneta» foi à cave buscar couve de salmoura, caiu nas escadas e voltou com os cacos do prato que partira embrulhados nas abas da túnica, juntamente com um montículo de couve toda molhada.

À meia-noite, os cossacos, que haviam emborcado dois barris de vodka e comido uma quantidade enorme de couve, resolveram matar um carneiro. Rrokhor deitou a mão, às escuras, a uma ovelha do redil, e Kharlamipi Ermákov que não era dos mais desastrados no manejo do sabre cortou-lhe as goelas, esfolando-o ali mesmo, debaixo do telheiro. A dona da casa acendeu o lume e pôs-lhe em cima uma marmita cheia de carne.

Recomeçaram a marcar o compasso com colheres de pau, e Riábtchikov dançava, batendo com as palmas das mãos no cano das botas, enquanto cantava numa voz de tenor, esganiçada mas agradável:

Quando se não tem mais nada a perder

Toca a dançar, toca a beber

- Quero divertir-me! - berrava Bnmákov, que decidira experimentar com a ponta do sabre a solidez dos caixilhos.

Grigóri, que apreciava Ermákov, pela sua bravura excepcional e pela sua valentia cossaca, tentava aquietá-lo, batendo com a caneca de cobre sobre a mesa:

- Kharlaimpi, não te faças parvo

Kharlampi, metendo docilmente o sabre na bainha, dobrou-se com avidez sobre a caneca de vodka.

- Quando uma pessoa se sente satisfeita como agora nem tem medo de morrer - declarou Aleksei Chamil sentando-se ao lado de Grigóri. - Grigóri Panteleievitch, tu és o nosso orgulho. É graças a ti que ainda estamos vivos. Bebes mais um copo? Prokhor, serve-nos vodka!

Os cavalos ainda com os arreios passaram toda a noite soltos, junto de uma meda de feno. Os donos iam vigiá-los à vez.

Pela madrugada, Grigóri sentiu que estava ébrio. A voz dos companheiros parecia-lhe vir de muito longe, voltava com dificuldade os olhos injectados de sangue e só dava conta do que fazia à custa de um esforço enorme.

- Voltou tudo ao princípio, são os oficiais quem nos comanda. Tomaram conta do poder! - berrava Brmákov abraçando Grigóri.

- Quais oficiais? - inquiriu Grigóri, repelindo-lhe o abraço.

- Os de Viochénskaia. Então tu não sabes? Um príncipe caucasiano. Um coronel... Mas eu hei-de passá-lo a fio de sabre. Melekhov, ponho a minha vida nas tuas mãos, não nos abandones! Os cossacos andam inquietos. Leva-nos a Viochensskaia. Daremos cabo deles todos, reduzi-los-emos a cinzas. Rudínov e o coronel, a todos, vamos liquidá-los.

Estamos fartos deles. Combatemos ao mesmo tempo contra os vermelhos e contra os cadetes. Assim mesmo é que é! O coronel, esse, havemos de matá-lo. Ele ficou cá de propósito... Kharlampi, vamos pedir perdão ao poder dos Soviéticos: somos culpados... declarou Grigóri, num momento de lucidez, sorrindo contrafeito. Estou a brincar, Rhadampi. Anda, bebe.

- Estás a brincar porquê? Não brinques com coisas sérias,

Melekhov declarou severamente Medvédev. Nós queremos derrubar o poder actual. Expulsamo-los a todos e elegemos-te a ti. Já falei com os rapazes e eles estão de acordo. Vamos dizer muito amavelmente a Kudínov: «Vai-te embora. Não te queremos.»

- Se eles se forem embora, muito bem, de contrário mandamos um regimento contra Viochénskkaia e que o diabo os leve.

- Não falemos mais nisso - gritou Grigóri furioso, Medvédev encolheu os ombros e levantou-se da mesa, parou de beber.

A um canto, deitado sobre a bancada, com a cabeça cheia de caracóis deitada para trás e a mão a arrastar pelo sobrado sujo, Riábtchikov cantara num tom lamuriento:

*Meu menino, meu querido
Encosta bem a cabeça,
Encosta a tua cabeça.
Encosta-a do lado esquerdo
E depois sobre o direito,
Encosta-a bem ao meu peito.*

Unindo a sua voz de baixo profundo ao tenor efeminado e comovente de Riábtchikov, Aleksei Ghamil acompanhava-o:

*Encosta-a bem ao meu peito,
Tão triste que mete dó,
Tão triste que mete dó,
E murmura à 'despedida:
Vou-me embora, meu amor,
Meu amor vais ficar só...*

A luz arroxeadada da manhã começava a clarear a janela quando a dona da casa levou Grigóri para o quarto.

- Não lhe dê mais de beber. Deixa esse desgraçado em paz. Não vês que ele já está liquidado - dizia ela segurando Grigóri com uma das mãos, enquanto com a outra repelia Ermákov que ia atrás deles com um copo de aguardente na mão.

- Os meninos vão-se deitar? - perguntava Ermákov piscando o olho.

Vacilava e ia entornando o copo.

- Sim, ele vai dormir.

- Não te deites já que ele não está capaz.

- Isso não é da tua conta. Não és meu sogro.

- Leva uma colher! - grasnava Ermákov, que caiu no chão soltando risadas de bêbado.

- Oh, oh! Não tens vergonha? Estás bêbado como um cacho, já nem sabes o que dizes.

Empurrou Grigóri para dentro do quarto e deitou-o na cama; na penumbra, contemplou-lhe com um misto de nojo e piedade o rosto mortalmente pálido e os olhos abertos que não viam nada.

- Queres xarope?

- Dá cá.

Trouxe-lhe um copo de xarope de cereja frio e, sentada na beira da cama, foi-lhe passando a mão nos cabelos emaranhados até ele adormecer. Depois arranjou para ela uma cama sobre a pedra do fogão, ao lado da filha, mas Chamil não a deixava dormir. com a cabeça apoiada no cotovelo, sacudia-se como um cavalo assustado, depois acordava de repente como se o estivessem a empurrar e cantava em voz de falsete:

Voltavam da tropa

De galões no braço

E cruzeiros no ombro. (Ele enganava-se, evidentemente. Ver o tomo I da presente edição.)

Deixava cair a cabeça e, minutos depois, olhando em volta, com um ar espantado, recomeçava:

Voltavam da tropa.

XLII

Ao acordar na manhã seguinte Grigóri recordou-se da sua conversa com Eranákov e Medvédev. Não estava tão bêbado no decorrer do serão que não conseguisse reconstituir de memória as palavras deles. Compreendeu que aquela sessão de bebedeira fora organizada de propósito para o levar a tomar uma atitude.

Os cossacos da esquerda, que sonhavam em segredo com uma separação definitiva do Don, pretendendo instituir entre si uma espécie de poder dos soviets sem comunistas, haviam organizado uma conspiração contra Kudínov, o qual exprimia abertamente o seu desejo de alcançar o Donetz para se reunir ao Exército do Don. Queriam aliciar Grigóri para a sua causa, pois não compreendiam a inoportunidade de uma crise no interior do campo insurrecto quando a frente vermelha, que hestava na região do Donetz, podia a todo o momento varrê-los sem dificuldade, a eles e às suas «dissenções intestinas». «Criancices», pensou Grigóri, ao saltar prestamente do leito. Vestiu-se, acordou Brmákov e Medvédev, fê-los entrar para o quarto e fechou cuidadosamente a porta.

- Escutem, amigos: façam por esquecer a conversa de ontem e não façam barulho, senão a coisa corre mal para vocês. Não se põe agora o problema do comando. Kudínov não está em causa; o único problema é o facto de estarmos cercados, como um tonel dentro das aduelas. Ficaremos abafados, se não for hoje será amanhã. Não é para Viochénisskaia que precisamos de enviar regimentos, mas sim para Migulínsskada e para Krasnokútsskaia declarou com decisão, sem desprezar os olhos do rosto taciturno e impassível de Medvédev. É assim mesmo, Kondrait, não penses em endireitar o mundo. Medita um bocado e acabarás por compreender: se nos pusermos para aí a mudar os comandos e a organizar golpes de estado estamos perdidos. Temos de alinhar quer com os brancos, quer com os vermelhos. No meio seremos esmagados.

- Se assim é, não devemos repetir a nossa conversa aos quatro ventos - disse Enmákov.

- Isto fica entre nós, mas com a condição de vocês deixarem de andar a espalhar a confusão entre os cossacos. Quanto a Kudínov e aos seus conselheiros, eles não mandam em tudo. Eu cá dirijo a minha divisão como entendo. Eles não valem grande coisa, todos

nós sabemos isso, e querem juntar-nos de novo aos cadetes. Isso é claro como água. Mas para onde havemos de ir? Todos os caminhos estão cortados.

- Sim, isso é verdade... - concordou Medvédev tristonho.

E, pela primeira vez desde o início da conversa, ergueu para Grigóri os seus olhos de urso onde a cólera acendia reflexos de aço.

Depois disto, Grigóri passou mais dois dias e duas noites a beber nas aldeias próximas de Karguínsskaia, a dissipar a vida na vertigem da embriaguez. Até as abas do selim ficaram impregnadas de um cheiro a vodka. Mulheres e raparigas há muito desfloradas passaram-lhe episodicamente pelos braços.

De manhã, porém, saciado pelo ardor amoroso da sua companheira de momento, pensava com frieza e indiferença, como se se tratasse doutra pessoa: «Já vivi e já experimentei tudo.

- Possuí mulheres e raparigas, calcorreei a estepe em cima de bons cavalos, conheci a alegria de ser pai e matei homens, eu próprio desafiei a morte, deambulei sob o céu azul. Que pode mais a vida oferecer-me de novo? Nada. Estou pronto para morrer. Não tenho medo. Posso brincar às guerras sem perigo, como um homem rico. A perda nunca será grande.»

A recordação da sua infância, como a de um dia azul e soalheiro, atravessou-lhe a memória: os estorninhos nos seus abrigos de pedra, ele, de pés descalços sobre a poeira escaldante, o Don impassível e majestoso no meio da orla verde das florestas que se lhe reflectiam nas águas, os rostos infantis dos amigos, a mãe quando ainda jovem e esbelta... Grigóri tapava os olhos com a mão e via desfilar para além de si próprio rostos familiares, acontecimentos por vezes muito insignificantes, mas que, sem saber porquê, se lhe haviam incrustado na memória, ouvia vozes esquecidas de pessoas há muito afastadas de si, trechos de conversas, risos. A sua memória orientava o farol das recordações para uma paisagem há muito esquecida e via de súbito surgir com uma nitidez ofuscante a extensão da estepe, os caminhos de Verão, a carroça, o pai sentado no banco da frente, a sementeira negra das gralhas sobre os atalhos... Grigóri dava voltas e voltas ao passado dentro da sua cabeça confusa; nessa vida perdida para sempre encontrava Akcínia, e pensava: «Meu amor! Tu, que eu nunca poderei esquecer!» E afastava-se com aborrecimento da mulher que dormia a seu lado, suspirava, aguardando com impaciência a aurora, e assim que o sol começava a ornar o oriente com bordados carmesins, com galões doirados, saltava da cama, ia lavar-se e pulava para cima do cavalo.

XLIII

A insurreição graçava como um incêndio sobre a estepe.

O círculo de aço das frentes fecharam em redor das stanitsas rebeldes. A sombra de um destino irremediável abatera-se sobre os homens, dir-se-ia um estigma. Os cossacos brincavam com a vida como se jogassem aos dados e eram muitos aqueles que perdiam. Os jovens amavam com furor, os mais velhos bebiam até ao embrutecimento, jogavam às cartas a dinheiro ou a cartuchos nada era mais precioso do que os cartuchos, iam de licença para empunharem, nem que fosse por um minuto, o machado ou charrua e poisarem contra a parede a odiosa espingarda, a fim de repousarem o coração enquanto consertavam uma cerca com ramos odorantes de salgueiro ou preparavam uns a grade, outros a carroça para os trabalhos da Primavera. Muitos deles, depois de terem retomado o gosto pela vida tranquila, regressavam bêbados à unidade; quando a embriaguez lhes passava, desgostosos com «aquela vida de cão», atacavam de frente, a pé, as metralhadoras, ou então, tomados de cólera, lançavam-se furiosamente nas expedições nocturnas, não sentindo os cavalos debaixo de si, e divertiam-se com os prisioneiros manifestando uma selvageria primitiva, liquidando-os depois com o sabre para pouparem os cartuchos.

Entretanto, a Primavera, naquele ano, brilhava com um colorido desusado. Os dias de Abril eram serenos, transparentes como vidro. Bandos de patos anões, de gralhas de vozes metálicas, fugiam para o norte, ultrapassando as nuvens, na água azul e inacessível do céu sem fim. Sobre a verdura pálida da estepe, junto aos pântanos, cisnes que haviam parado para descansar cintilavam como pérolas esparsas. Junto ao Don, nos lameiros, o ar enchia-se de gritos de aves. Nos campos inundados, nos sulcos e nas poças que a cheia não invadira, os patos interpelavam-se, preparando-se para a partida; outros, em êxtase amoroso, assobiavam incansavelmente nos renques de salgueiros. Bolas verdes pendiam nos ramos dos salgueiros, rebentos luzídios e perfumados inchavam nos galhos dos choupos. Um encanto indescritível envolvia a estepe que começava a reverdecer, coberta pelo odor antigo da terra negra degelada, e também pelo outro sempre novo, da erva a brotar.

O que havia de agradável nesta insurreição era o facto de os combatentes estarem a dois passos das suas casas. Quando se sentia farto de fazer guardas e de passar a noite em

patrulhas por montes e vales, o cossaco pedia licença ao seu chefe de esquadrão para ir a casa e mandava para o substituir o pai velho ou um garoto, montado no cavalo. As unidades tinham assim o seu efectivo sempre completo. Alguns, porém, revelavam-se ainda mais manhosos; pouco antes do pôr do sol, deixavam a galope o acantonamento do seu esquadrão, percorriam umas trinta ou quarenta verstás, e iam para casa antes do escurecer. Passavam a noite com a mulher ou com a amiga e, ao segundo canto do galo, antes de empalidecerem as Pleiades, estavam de regresso.

Muitos destes pândegos não podiam deixar de apreciar aquela guerra que se fazia quase à sua porta. «Não são alturas de morrer», diziam de brincadeira os cossacos que visitavam muitas vezes a mulher.

O comandante temia uma vaga de deserções no início dos trabalhos agrícolas. Kudínov inspeccionou cuidadosamente as unidades, declarando com uma dureza que lhe não era habitual:

- Mais vale que os ventos pastem nos campos, que não caia um só grão de trigo nas nossas terras. Proíbo que os homens se ausentem das suas unidades. Aqueles que o fizerem serão passados a fio de sabre ou fuzilados.

XLIV

Mais uma vez Grigóri partiu para o combate em Klimóvka.

Pelo meio-dia, o tiroteio começou perto de duas herdades ao fundo da aldeia. Pouco depois, os vermelhos entravam em Kilimóvka. No flanco direito, os marinheiros, envergando blusões negros a tripulação de um navio da frota do Báltico, avançavam a passo cadenciado. Graças a um ataque intrépido, expulsaram da aldeia dois esquadrões do regimento insurrecto de Karguínsskaia e empurraram-nos ao longo da ravina até Vassiliévsski.

Vendo que o êxito pendia para o lado dos vermelhos, Grigóri, que observava o combate do alto de um outeiro, fez sinal com a luva a Prokhor Zikov, de guarda aos cavalos ao pé de um carro de munições, saltou para a sela antes de o animal parar e, contornando uma ravina, dirigiu-se a trote largo para a ladeira que conduzia a Gussinka. Sabia que se encontrava ali, a coberto das árvores, um esquadrão de cavalaria de reserva do 2.º Regimento. Atravessou os quintais, transpôs algumas sebes e, avistando de longe os cossacos desmontados e os cavalos presos, desembainhou o sabre e gritou:

- A cavalo!

Num minuto duzentos cavaleiros estavam a postos. O chefe de esquadrão veio a galope ao encontro de Grigóri.

- Vamos intervir?

- Já não é sem tempo. Estavas a dormir disse Grigóri.

E os seus olhos lançavam chispas.

Parou o cavalo, desmontou e, como uma espécie de provocação, esteve muito tempo a apertar a cilha. O cavalo, enervado e a escorrer suor, agitava-se, relinchava, sacudia-se todo, mostrava raivosamente os dentes, tentando atingir Grigóri com um coice de lado. Uma vez a sela bem firme, Grigóri, com um pé no estribo, declarou, sem fitar o chefe de esquadrão que ficara desorientado, atento ao barulho constante do tiroteio:

- Eu é que conduzo o esquadrão. Objectivo: o extremo da aldeia. Em pelotões, a trote!

Quando chegaram ao outro lado da aldeia, dispôs o esquadrão, verificou se o sabre deslizava bem na bainha e, depois de se ter afastado umas trinta ságenas, galopou na

direcção de Klimóvka. Deteve-se um segundo na crista do outeiro cuja vertente meridional descia para Klimóvka e olhou em volta. Os soldados de infantaria e os cavaleiros vermelhos fugiam apressadamente através da aldeia, com viaturas e furgões. Voltou-se para o esquadrão:

- Desambainhar os sabres! Ao ataque! Sigam-me, meus irmãos!

Puxou do sabre com um movimento ágil e foi o primeiro a gritar: «Humra-a-a!» Sentia um calafrio, uma sensação familiar de leveza em todo o corpo, e lançou o cavalo a galope. As rédeas tensas como cordas de violino tremiam-lhe entre os dedos da mão esquerda, o sabre erguido acima da cabeça fendia com um assobio o vento que vinha ao seu encontro.

Uma nuvem enorme, empurrada pela brisa primaveril, obscureceu o sol durante um minuto, uma sombra cinzenta desceu a colina com aparente lentidão, ultrapassando Grigóri. Este desviou os olhos das herdades de Klimóvka que pareciam correr ao seu encontro fixando-os nessa sombra a deslizar sobre a terra escura ainda húmida e na faixa luminosa, amarela e alegre, que fugia à sua frente. Assaltou-o um desejo inexplicável e inconsciente de alcançar essa luz furtiva. Lançando o cavalo a toda a brida, aproximou-se dela. Mais alguns segundos de louca correria e a cabeça do cavalo entraria na zona de luz, o seu pêlo ruivo brilharia com fulgor. No instante em que Grigóri transpunha o limite da sombra, estalaram tiros na viela. O vento trazia até ali ruídos entrecortados, aproximava-os, ampliava-os. Um momento depois Grigóri deixou de ouvir atrás de si o estrépito da carga através do ruído leve das ferraduras do cavalo. Afigurou-se-lhe que se estava afastando o galope pesado da massa dos cavaleiros que abalava a terra.

Foi então que a fuzilaria começou a crepitar à sua frente como uma fogueira para onde se tivessem atirado ramos muito secos; passou por ele uma multidão de balas que silvavam. Perturbado, inquieto, Grigóri voltou-se. A angústia e a cólera alteraram-lhe o rosto, tornando-o irreconhecível. O esquadrão dera meia volta, abandonara-o, e agora fugia a galope. Ali perto, o chefe de esquadrão agitava-se em cima do cavalo, brandia estupidamente o sabre, chorava, gritava qualquer coisa numa voz rouca e quebrada. Apenas dois cossacos seguiam Grigóri, não contando Prokhor Zikov que galopava direito ao chefe de esquadrão. Os outros afastavam-se em debandada, de sabres embainhados, chicoteando os cavalos.

Grigóri reteve a montada apenas durante um segundo, a tentar compreender o que se ipassava atrás de si e por que motivo o esquadrão se pusera inesperadamente em fuga, sem haver sofrido qualquer baixa. A sua consciência, porém, reagiu: não voltar para trás, não fugir, continuar em frente. A uma centena de ságenas, atrás de uma sebe, avistava sete

vermelhos que se afadigavam junto a um carro-metralhadora. Tentavam fazê-lo dar a volta de forma a dirigir o fogo contra os cossacos, mas a rua acanhada não lho permitia: a metralhadora continuava silenciosa, os tiros de espingarda tornavam-se mais raros, bem como o silvo ardente das balas aos ouvidos de Grigóri.

Este, fazendo voltar o cavalo, resolveu penetrar na viela saltando por cima de uma sebe derrubada que servira outrora para cercar um jardim. Afastou os olhos da sebe e distinguiu nitidamente, como que através de um binóculo, os marinheiros a desatrelarem apressadamente os cavalos, com os blusões negros sujos de lama e as boinas enterradas, o que lhes tornava as cabeças anormalmente redondas. Dois deles cortavam os tirantes, enquanto um terceiro, com a cabeça metida entre os ombros, se afadigava em torno da metralhadora. Os outros, ajoelhados ou de pé, disparavam sobre Grigóri. Este, ao aproximar-se, via-os manobrar a culatra das espingardas e ouvia os tiros secos disparados quase à queima-roupa. Estes sucediam-se com tal rapidez, as coronhas saltavam e voltavam tão depressa a encostar-se ao ombro dos soldados, que Grigóri, banhado em suor, sentiu-se tomado de uma alegre certeza: «Não me atingirão.» A sebe estalou sob as patas do cavalo, ficando para trás Grigóri, enquanto erguia o sabre, semicerrou os olhos e escolheu o marinheiro que lhe ficara mais próximo. Um lampejo de angústia trespassou-o: «Vão disparar à queima-roupa... O cavalo vai empinar-se... cair... vão matar-me...» Dois tiros. Um grito que parecia vir de longe: «Vamos apanhá-lo vivo.»

À sua frente, o esgar de um homem de rosto viril, testa larga, as fitas flutuantes da boina de marinheiro, a inscrição em letras de ouro baço... Grigóri apoiou-se nos estribos, vibrou o golpe, sentindo o sabre atravessar o corpo mole do marinheiro.

Outro vermelho, um tipo forte de pescoço taurino, atingiu Grigóri no ombro esquerdo, mas desabou logo debaixo do sabre de Prokhor Zikov, com a cabeça cortada em diagonal.

Grigóri voltou-se ao ouvir o estalido próximo de uma culatra. O pequeno olho negro de um cano de espingarda espreitava-o detrás do carro. Atirou-se para a esquerda com tal ímpeto que sentiu a sela oscilar debaixo de si, e o cavalo, louco de terror, sacudiu-se todo; mas conseguiu escapar à morte que passou, sibilando, por cima da sua cabeça e, no momento em que o cavalo saltava o timão do carro, trespassou com o sabre o marinheiro que não tivera tempo de voltar a carregar a arma.

Num curto instante, que mais tarde iria afigurar-se-lhe um tempo infinito derrubara quatro marinheiros e, surdo aos gritos de Prokhor Zikov, lançou-se em perseguição do outro que desaparecera na esquina da viela. Nisto, o chefe de esquadrão, depois de o ultrapassar, segurou-lhe na rédea do cavalo.

- Aonde vais tu? Eles matam-te. Olha, eles têm uma metralhadora ali atrás daquele telheiro.

Os dois cossacos e Prokhor desmontaram e, correndo para Grigóri, obrigaram-no a descer do cavalo. Ele debatia-se e gritava:

- Deixem-me, malandros... Os marinheiros... quero matá-los a todos...

- Grigóri Panteleievitch! Camarada Melekhov! Acalma-te! - exclamava Prokhor a meia voz.

- Põe-o sobre o cavalo e leva-o para Gussinka, ele não está bem.

Comandou:

- A cavalo!

Porém Grigóri, depois de atirar com o boné ao chão, vacilou um momento sobre a neve; de súbito, pôs-se a ranger os dentes, até que, soltando um grito terrível, desatou a arrancar os alamares do capote, com o rosto descomposto. Antes que o chefe de esquadrão tivesse tempo de dar um passo, Grigóri tombou para a frente hirto e começou a comer como um cão a neve que ficara intacta debaixo da sebe. Num momento de lucidez fantástica, tentou erguer-se, mas não conseguiu e, voltando para os cossacos agrupados à sua volta o rosto banhado em lágrimas, gritou numa voz quebrada, com entoações selvagens:

- Quem era aquele que eu matei?

E, pela primeira vez na sua vida, pôs-se a rebolar no chão, com uma crise de nervos terrível, gritando e cuspidando as palavras juntamente com a espuma que lhe fervilhava aos cantos da boca:

- Meus irmãos, não há perdão para mim! Matem-me, pelo amor de Deus. . Dêem-me a morte...

O chefe de esquadrão correu para ele. Dominando-o com a ajuda do sargento, arrancaram-lhe ambos o cinturão e o sabre, fecharam-lhe a boca, seguraram-lhe as pernas. Grigóri, porém, continuou durante muito tempo a estrebuchar debaixo deles, a escavar com as pernas a neve granulosa, a bater com a cabeça, gemendo, na terra negra e brilhante sobre a qual nascera e vivera, tirando da vida rica em tristezas e avara de alegrias aquilo que lhe coubera em sorte.

Apenas a erva crescia, indiferente ao sol e ao mau tempo, alimentando-se dos sucos vivificantes da terra, inclinando-se humildemente sob o sopro funesto das tempestades. Depois de lançar ao vento a sua semente, morre, sempre indiferente, saudando com o murmúrio dos seus caules ressequidos os raios mortais do sol do Outono...

XLV

No dia seguinte, Grigóri entregou o comando da divisão a um dos comandantes de regimento e partiu para Viochénskaia na companhia de Prokhor Zikov.

Os patos bravos que haviam parado para descansar nadavam em bandos compactos num charco situado atrás de Kanguínskaia, numa depressão, o pântano de Rogójkine. Prokhor apontou com a chibata na direcção do charco e disse, sorrindo:

- Não seria mau matarmos um, Grigóri Panteleievitch. Podíamos regá-lo com vodka.
- Espera, vou tentar quando estivermos mais perto. Noutros tempos atirava menos mal.

Desceram o barranco. Prokhor ficou com os cavalos atrás de uma saliência do terreno. Grigóri despiu o capote, armou a espingarda e pôs-se a rastejar ao longo da ravina pouco elevada, coberta pelas ervas secas do ano anterior.

Prosseguiu assim durante muito tempo, quase sem erguer a cabeça, como se levasse a cabo uma operação de reconhecimento. Tal como no dia em que apanhara uma sentinela alemã perto de Stokhod. A sua blusa esverdeada confundia-se com o verde-acastanhado do solo; a ravina escondia Grigóri aos olhares vigilantes do ganso que estava de atalaia à beira de água, sobre uma perna só, instalado no topo de um montículo de limos primaveris. Quando chegou à distância de tiro, Grigóri soergueu-se. O ganso voltava a cabeça de serpente, cinzenta como uma pedra, a vigiar atentamente os arredores.

Atrás dele, as patas e os patos, de mistura com alguns mergulhadores de grande cabeça, formavam sobre a água como que um tapete cinzento-escumo. O ruído tranquilo das aves e o marulhar da água subia do pântano. Grigóri meteu a espingarda à cara, com o coração a bater, e apontou ao ganso

Mas disparou o tiro, pôs-se em pé de um salto, assustado com o barulho ensurdecedor das asas e dos gritos das aves. O ganso apressou-se a tomar altura, os outros voavam por cima do charco num bando compacto. Despeitado, Grigóri disparou mais dois tiros sobre o bando dos patos a voar, mas nenhum caiu. Depois, voltou-se para Prokhor:

- Olha! Olha! gritava este, de pé sobre os estribos, apontando com a chibata para os patos que se afastavam na imensidão azulada do céu.

Grigóri, olhando, estremeceu de alegria, com uma emoção de caçador: uma pata destacara-se do bando já unido e perdia nitidamente altura, movendo as asas lentamente, aos sacões. Em bicos de pés, com a mão em pala, Grigóri seguia-a com o olhar. A pata continuava afastada do bando que grasnava de susto e descia devagar, voando cada vez com menos vigor, até que se deixou cair de uma grande altura, como uma pedra; apenas o avesso branco das asas brilhavam ao sol com uma cintilação ofuscante.

- A cavalo!

Prokhor chegou a galope, com os dentes à mostra num sorriso, e atirou as rédeas a Grigóri. Subiram a colina a toda a brida, depois fizeram umas oitenta ságenas a trote.

- Aí está ela!

A pata jazia no chão, de pescoço esticado e asas abertas, como que para abraçar pela última vez aquela terra inóspita.

Grigóri desceu do cavalo e foi apanhar a presa.

- Onde lhe acertou o tiro? - inquiriu Prokhor com curiosidade.

A bala atravessara a parte inferior do bico da pata e quebrara-lhe um osso mesmo ao pé de um olho. A morte, atingindo-a em pleno voo, após tê-la arrancado ao triângulo do bando, lançara-a por terra.

Prokhor pendurou a pata na sela e partiram. Deixando os cavalos em Bázkí, atravessaram o Don de barco.

Em Viochénskaia, Grigóri parou em casa de um velho cossaco seu conhecido, pediu que lhe assassem logo a pata e, sem se apresentar no Estado-Maior, mandou Prokhor procurar aguardente. Beberam até à noite. No decorrer da conversa, o dono da casa deixou escapar algumas recriminações:

- As autoridades são muito severas, aqui, em Viochénskaia, Grigóri Panteleievitch

- Quais autoridades?

- As de cá Kudínov e os outros.

- Que fizeram eles?

- Passam o tempo a oprimir os não cossacos. Prendem as mulheres, as filhas e os pais velhos daqueles que partiram com os vermelhos. Prenderam a minha irmã por causa do filho. Isso não faz sentido nenhum. Por exemplo, no teu caso, suponhamos que os vermelhos prendiam o teu pai, Pantelei Prokofievitch, pelo facto de teres ido com os cadetes para o outro lado do Donetz: isso não seria justo.

- Claro que não.

- Contudo é o que se está fazendo por cá. Quando os vermelhos aqui passaram, não fizeram mal a ninguém. Mas estes são levados do diabo, ninguém pode nada contra eles.

Grigóri levantou-se, vacilando ligeiramente, e estendeu a mão para o capote pendurado à cabeceira da cama. Apenas estava um pouco ébrio.

- Prokhor, dá cá o meu sabre e a minha «Mauser».

- Aonde vais tu, Grigóri Panteleievitch?

- Não é da tua conta. Dá-me aquilo que te pedi.

Pendurou à cinta o sabre e a pistola, abotoou o capote, afivelou o cinto e dirigiu-se directamente para a prisão que ficava na praça. A sentinela, um soldado do serviço auxiliar, cortou-lhe a passagem:

- Tens salvo-conduto?

- Deixa-me entrar. Arreda-te, já te disse.

- Sem salvo-conduto não posso deixar entrar ninguém. É proibido.

Mal Grigóri começara a desembainhar o sabre, já o outro se sumira pela porta dentro. Grigóri seguiu-o pelo corredor fora, sem largar o punho do sabre.

- Quero que me leves junto do director da prisão! - exclamou.

O seu rosto empalidecera e o nariz adunco assemelhava-se ao bico de um pássaro, sob as sobrancelhas franzidas...

Um pequeno cossaco coxo, que desempenhava as funções de carcereiro, chegou a correr. O secretário, um garoto, deitou a cabeça à porta do escritório. Dali a pouco apareceu o director da prisão, ensonado e com um ar aborrecido.

- Não tens salvo-conduto?... Sabes que só por isso... - começou numa voz de trovão, mas, ao reconhecer Grigóri, pôs-se a gaguejar, assustado, observando-lhe o rosto.

- Ah, é o senhor, Vossa... camarada Melekhov? De que se trata?

- As chaves das celas?

- Das celas?

- O quê? Queres que te repita trinta vezes? Anda, dá-me as chaves, cachorro.

Grigóri avançou um passo para o director que, embora recuasse, proferiu numa voz firme:

- Não te dou as chaves. Não tens esse direito.

- Di...rei...to!?!...

Grigóri, a ranger os dentes, desembainhou o sabre, descrevendo com ele um círculo cintilante sob o tecto baixo do corredor. O secretário e os carcereiros desapareceram como um bando de pardais assustados, o director, encostando-se à parede, mais branco do que a cal, murmurou entre dentes:

- Como quiseres. Aqui estão as chaves... Mas hei-de apresentar queixa...

- Vocês terão de se haver comigo. Fazem aqui tudo quanto querem. Dão grandes provas de coragem prendendo mulheres e velhos. Vou sacudir-vos a todos. Toca a andar para a frente, meu patife, senão mando-te executar.

Depois de ter posto fora o director, Grigóri, ouvindo barulho no pátio da prisão, precipitou-se para lá. Estavam três carcereiros junto à porta da cozinha; um deles manipulava a coronha da espingarda japonesa e dizia à pressa, muito excitado:

- Isto é uma agressão... Temos de nos defender... Que é que diz o antigo regulamento?

- Todos lá para fora! Voltem para as suas casas... - gritava Grigóri com voz de trovão. Ia abrindo as portas das celas, cheias a deitar fora, e agitava as chaves.

Libertou todos os prisioneiros (eram perto de cem). Àqueles que não se atreviam a sair, empurrou-os ele à força para a rua, fechando as células vazias.

Juntara-se uma multidão em frente da entrada. Os prisioneiros que saíam em massa olhavam em torno, seguindo depois para suas casas, de costas curvadas. Os cossacos do pelotão de guarda acorriam, empunhando os sabres; finalmente chegou o próprio Kudínov, aos tropeções.

Grigóri foi o último a sair da prisão vazia. Ao atravessar a turba, dirigiu algumas pragas obscenas às mulheres que murmuravam umas para as outras, ávidas de novidades, e caminhou lentamente de costas dobradas, ao encontro de Kudínov. Aos cossacos que o haviam reconhecido e lhe faziam a continência, gritou:

- Voltem para o acantonamento, seus cavalos! Então? Porque correm assim? Há fogo? Para a frente, marchem!

- Julgámos que havia uma revolta na prisão, camarada Melekhov.

- O secretário chegou ao pé de nós e disse: «Entrou lá um gajo preto que está a forçar as fechaduras.»

- Foi um falso alerta!

Os cossacos arripiaram caminho, rindo e falando uns com os outros. Kudínov corria para Grigóri, comendo as madeixas do cabelo comprido que lhe saíam para fora do boné.

- Viva, Melekhov. Que se passa por aqui?

- Viva, Kudínov. Vim escangalhar a tua prisão.

- Por que motivo? Que quer isso dizer?

- Soltei-os a todos, mais nada... Mas porque estás tu a piscar os olhos? Porque motivo prendes as mulheres e as filhas das famílias não cossacas? Que significa isso? Olha para mim, Kudínov.

- Não tentes impor a tua vontade. Isso é uma atitude arbitrária.

- Quando estiveres debaixo da terra é que hás-de ver como eu imponho a minha vontade. Se eu quiser mando vir o meu regimento de Kacrguínisskaia e então leva-vos o diabo a todos.

Grigóri agarrara Kudínov pelo cinto de couro caucasiano e segredava-lhe com uma raiva fria, sacudindo-o como quem abana uma ameixoeira:

- Queres que te abra a cabeça? Queres que te tire a vontade de comer? Heim? Queres?

Rilhava os dentes, acabando por largar Kudínov que sorria tranquilamente.

- Porque estás tu a rir-te?

Kudínov, depois de compor o cinto, pegou no braço de Grigóri.

- Vem para minha casa. Porque te exaltas assim? Só queria que te visses ao espelho neste momento: pareces um diabo... Estavas cá a fazer falta. Quanto ao caso da prisão, isso não tem importância... Soltaste-os, bem, que interessa isso?...

- Vou dizer à rapaziada para ter mais calma. Senão, são capazes de prender as mulheres de todos os não cossacos que estão com os vermelhos Mas que diabo te passou pela cabeça para vires aqui desautorizar-nos? Ah, Grigóri, és um tipo patusco.

- Devias ter vindo ter comigo e dizias: «É preciso descongestionar a prisão, soltar fulano e sicrano.» Víamos as listas e mandávamos embora um ou dois. Mas tu soltaste-os logo todos de uma vez. Ainda bem que os criminosos importantes estavam noutra prisão. E se lhes tivesses aberto também a -porta? Ah, cabeça esturrada!

Kudínov, batendo no ombro de Grigóri desatou a rir:

- És muito capaz de matar todos aqueles que se te atravessarem no caminho. Ou até de revoltar os cossacos, sabe-se lá!

Grigóri retirou com violência o braço do de Kudínov, detendo-se em frente da casa do Estado-Maior.

- Vocês são todos muito valentes, mas aqui, atrás das nossas costas. Encheram a cadeia... Farias melhor se desses provas das tuas aptidões na frente...

- Já tive a oportunidade de as demonstrar noutros sítios, tal como tu. E estou pronto a fazer o mesmo. Se quiseres tomas o meu lugar e eu vou assumir o comando da tua divisão...

- Não, muito obrigado!...

- Estás a ver...

- Bom, não posso estar a perder tempo contigo. Vou para minha casa descansar durante uma semana. Tenho andado adoentado. E estou ligeiramente ferido num ombro.

- Tens andado doente de quê?

- De angústia -respondeu Grigóri, esforçando-se por sorrir. - Ando com o coração inquieto...

- Não, fora de brincadeira, que tens tu? Está aqui um médico, até é professor. Um preso, que capturámos em Ghumilinsskaia, andava com os marinheiros. Podia examinar-te.

- Quero que ele vá para o diabo.

- Bem, então vai descansar. A quem entregaste tu a divisão?

- Ao Riábtóhikov.

- Espera aí, não estejas com tanta pressa. Conta-me como vai isso por lá. Parece que fizeste grandes proezas. Contaram-me que ontem à noite passaste a fio de sabre uma quantidade de marinheiros em Klimóvka. É verdade?

- Adeus!

Grigóri foi-se embora, mas voltou atrás e gritou para Kudínov:

- Eh! Se venho a saber que continuas a prender as pessoas...

- Não, não. Não te preocupes, por favor. Vai descansar.

O dia desaparecia a oeste, atrás do Sol. Um hálito frio subia do Don e dos campos. Um bando de patos pequenos passou a assobiar. No momento em que entrava no pátio, Grigóri ouviu lá para as bandas de montante, no território de Kazánsskaia, o rugido profundo de uma salva de artilharia que chegava até às margens do Don.

Prokhor selou rapidamente os cavalos, ficando a segurar nas rédeas.

- Vamos para casa? Para Tatársski?

Grigóri, pegando nas rédeas em silêncio, fez com a cabeça um sinal afirmativo.

XLVI

Tatársski estava vazia e triste sem os homens. O esquadrão a pé de Tatársski, durante algum tempo posto à disposição de um dos regimentos da 5.^a Divisão, fora transportado para a margem esquerda do Don.

As unidades vermelhas, reforçadas com efectivos vindos de Balachov e de Póvorino, atacando continuamente de noroeste, haviam ocupado certo número de aldeias da stanitsa de Blánsskaia e atingido a própria stanitsa. Porém o encarniçado combate que se havia travado nas imediações terminara com a vitória dos insurrectos. com efeito, os regimentos de Elánskaia e de Bukanovskaia, que batiam em retirada sob a pressão do regimento de Moscovo e de dois esquadrões de cavalaria vermelha, tinham recebido reforços consideráveis.

De Viochénskaia, pela margem esquerda do Don, chegaram o 4.º Regimento insurrecto da 1.ª Divisão (que compreendia o esquadrão de Tatársski), uma bateria de três peças e dois regimentos de cavalaria de reserva. Para a margem direita tinham sido transportados importantes reforços através das aldeias de Pleehanov e de Maitveiévski, distantes de Blánsskaia três ou quatro verstás. Uma secção de artilharia fora instalada na colina de Krivskói. Um dos atiradores, certo cossaco de aldeia de Krivskói, célebre pela sua pontaria, destruiu ao primeiro tiro um ninho de metralhadoras vermelhas e, com alguns tiros de shrapnels, desalojou um grupo de vermelhos escondidos atrás de um renque de salgueiros. O combate terminou com vantagem para os insurrectos. Estes, perseguindo as unidades vermelhas em retirada, repeliram-nas para lá do rio Elanka. Nessa perseguição tomaram parte onze esquadrões de cavalaria, que alcançaram o inimigo na colina perto da aldeia de Zatólávski e destruíram completamente um esquadrão vermelho.

Desde então os soldados de infantaria de Tatársski deslocavam-se algures na margem esquerda, sobre as dunas de areia. Quase nunca vinham de licença. Pela Páscoa, no entanto, mais de metade dos homens do esquadrão apareceu na aldeia, como se todos se tivessem combinado. Passaram lá um dia inteiro, comeram a primeira refeição de carne após o jejum da quaresma, mudaram de roupa, fizeram provisão de toucinho e doutros alimentos; após terem atravessado de novo o rio, em massa, como peregrinos (embora os bordões fossem as espingardas), partiram para Elánskaia. Da colina de Tatársski, da falésia

do Don, acompanhavam-nos os olhares das mulheres, das mães e das irmãs. Estas choravam e limpavam os olhos às pontas dos lenços ou dos xailes, assoavam-se à orla dos saiotes... enquanto na outra margem do Don, para lá da floresta inundada pelas cheias, os cossacos marchavam sobre a areia: Khrisstónia, Anikuchka, Panitdeí Prokofiévitich, Stepan Asstakhov... As mochilas de lona atulhadas de víveres pendiam na ponta das baionetas caladas, as canções da estepe, tristes como o perfume do alecrim, flutuavam no vento, prolongavam-se as conversas entrecortadas...

Os cossacos caminhavam sem alegria, mas saciados e limpos.

As mulheres e as mães tinham aquecido água para a festa, lavando os seus corpos ensebados e tirando com o pente fino os piolhos militares ávidos de sangue.

Poderem viver em suas casas, amar... Mas não, era preciso ir ao encontro da morte... E eles lá iam. Jovens, garotos de dezasseis e dezassete anos, acabados de convocar para as fileiras insurrectas, marchavam sobre a areia quente, depois de descalçarem as botas. Iam alegres sabe-se lá porquê, nascia entre eles uma conversa animada, entoavam canções com as suas vozes inseguras, ainda por amadurecer. A guerra, para eles, era uma novidade, uma coisa bela, uma brincadeira de crianças. Nos primeiros dias, para ouvirem melhor o silvo das balas, erguiam as cabeças atrás do montículo de terra húmida que protegia as trincheiras. «Palermas», diziam os velhos. E ensinavam-lhes praticamente a cavar uma trincheira, a servirem-se da espingarda, a transportar o fornecimento de campanha, a escolher o melhor abrigo. Ensinavam-lhes mesmo a catar os piolhos em cima do lume e a enrolar as grevas de forma a que a perna ficasse à vontade dentro da bota, poupando-a à sensação de fadiga. E o «pallerma» contemplava o mundo e a vida com olhos atónitos, os seus olhos de pássaro, erguia a cabeça acima da trincheira, morto por avistar um vermelho, até ao dia em que uma bala assassina lhe dava um piparote. Se este era mortal, o guerreiro de dezasseis anos ficava estendido sobre a terra. Mas ninguém lhe dava sequer essa idade. Era uma criança demasiado grande, de mãos enormes, orelhas descoladas, uma amostra de maçã-de-adão no pescoço fino, que nada tinha ainda de viril. Transportá-lo-iam para a sua terra natal, a fim de ser enterrado na sepultura onde apodreciam os antepassados. A mãe acolhia-o juntando as mãos e chorava durante muito tempo a sua morte, arrancando as madeixas do cabelo branco. Mais tarde, quando o barro do túmulo secasse, a mãe, envelhecida e curvada pelo desgosto vigilante, iria rezar à igreja pelo repouso eterno do seu Vaniuchka ou do seu Siomuchka.

Mas pode dar-se o caso de a mordedura da bala não ser mortal. Só então Vaniuchka ou Siomuchka virão a conhecer a dureza da guerra. Os seus lábios orlados de penugem hão-de tremer e contorcer-se. Tal como a lebre, o guerreiro gritará: «Mãezinha, minha

mãezinha querida», e dos seus olhos brotarão lágrimas. A ambulância, levando-o aos solavancos por cima das covas do caminho, fará com que lhe infectem as feridas. O enfermeiro hábil, ao lavar-lhe o buraco feito pela bala, dirá como se diz às crianças: «Que a dor vá para o gato e para o pardal, o Vaniuchka fica livre do mal.» E o guerreiro, chorando, dirá que quer ir para casa, a chamar pela mãe. Se a ferida se cura e ele regressa ao esquadrão, a guerra deixará de ter segredos para ele. Ao cabo de oito ou quinze dias de combate e emboscadas, ficará com o coração endurecido: de pé, com as pernas alargadas, em frente de um prisioneiro vermelho, há-de cuspir para o lado, a imitar o patife do sargento, murmurando entre dentes, numa voz de baixo desafinado: «Então, meu labrego, foste apanhado. Ah, ah, aih! Queres ficar com a terra. Queres a igualdade? És comunista, com certeza? Confessa, meu cachorro.» E, para mostrar o seu ardor, a sua fúria cossaca», pegando na espingarda, matará aquele homem que luta nas terras do Don pelo poder dos Sovietes, pelo comunismo, para que não haja mais guerras sobre a terra.

E algures no distrito de Moscovo ou de Viatka, numa aldeia perdida na imensa Rússia soviética, a mãe do soldado vermelho será informada de que o seu filho «caiu na luta contra os guardas brancos, combatendo para libertar o povo trabalhador do jugo dos proprietários da terra e dos capitalistas»... E então ela há-de gemer e cantar-lhe o canto fúnebre... Um desgosto ardente arrepanhar-lhe-á o coração, chorara todas as lágrimas dos seus olhos baços e, em cada dia, até morrer, pensará naquele que trouxe no ventre, gerado no sangue e nas dores, o qual caiu sob os golpes de uma mão inimiga, algures no longínquo país do Don.

O meio-esquadrão a pé de Tatársski regressava através das dunas de areia e dos renques de salgueiros vermelhos. Os jovens caminhavam alegremente, descuidados, os velhos aqueles a quem chamavam por brincadeira «os haidamaks» suspiravam e escondiam as lágrimas. Estava à ponta a época das sementeiras. A terra chamava, chamava por eles incansavelmente, noite e dia, mas era preciso andar na guerra e morrer de inactividade forçada, de medo, de miséria e de aborrecimento, nas aldeias estranhas. Era isto que fazia vir as lágrimas aos olhos dos velhos, esta a razão da sua tristeza. Cada um pensava na herdade que abandonara, nos animais, nas suas alfaias agrícolas. Para tudo isto eram necessárias mãos de homens, tudo exigia os olhos do dono. Que se podia esperar das mulheres? A terra ia secar, as sementeiras não seriam feitas a tempo, a fome espreitava-os no próximo ano. Estava certo o provérbio que dizia: «Na herdade vale mais um cepo do que um rebento.»

Por isso os velhos caminhavam em silêncio sobre a areia.

Só se animaram quando um dos rapazes deu um tiro numa lebre.

Uma ordem do comandante-chefe das forças insurrectas proibia expressamente que se desperdiçassem cartuchos. Os velhos decidiram castigar o culpado. Descarregavam assim sobre ele a sua cólera.

- Quarenta vergastadas! - propôs Pantelei Prokofiévitich.

- Isso é muito.

- Depois ficará impossibilitado de caminhar.

- Dezasseis! rugiu Khrisstónia.

Concordaram em dezasseis. Uma vez o culpado estendido sobre a areia, despiram-lhe as calças. Khrisstónia cortou com o canivete umas vergastas cobertas de gomos penugentos, enquanto trauteava uma cantiga. A aplicação do castigo foi confiada a Anikuchka. Os outros ficaram sentados em volta, a fumar. No fim puseram-se de novo a caminho. A vítima arrastava-se atrás da coluna, a limpar as lágrimas enquanto ia apertando as calças.

Assim que saíram da areia e entraram nas terras de argila cinzenta, recomeçaram as conversas pacíficas.

- Cá estamos na nossa terra bem amada, que espera pelo dono. Mas ele não tem tempo, os diabos empurram-no por montes e vales, anda na guerra suspirou um dos velhos, mostrando um trecho de prado ressequido.

Na passagem, cada um dos homens se curvava para apanhar um punhado daquela terra seca que cheirava ao sol da Primavera e esfregava com ela as palmas das mãos.

- A terra está mesmo boa.

- Agora é que era a altura!

- Dentro de três dias já não se poderá semear nada.

- Lá para os nossos lados ainda é cedo.

- Ah, pois claro, ainda é cedo! Vejam, ainda há neve nas falésias do Don.

Fizeram uma paragem para comerem. Pantelei Prokofiévitich ofereceu leite coalhado ao garoto que apanhara as vergastadas. Transportava o seu leite coalhado numa marmitta pendurada no cano da espingarda e dela escorria um fio de água que caía no chão. Anikuchka disse-lhe a rir: «É fácil seguir-te o rasto, deixas atrás de ti um risco húmido, como os bois.»

- Não queiras mal aos velhos - disse ele ao garoto. - Apanhaste as vergastadas e acabou-se. Um homem castigado vale por dois.

- Se te tivessem feito o mesmo, avô Pantelei, não falavas assim.

- A mim, meu rapaz, já fizeram pior do que isso.

- Pior!

- Pior, é o que te digo. Todos sabem que antigamente não era assim que se castigava.

- Que se castigava?

- Que se castigava, pois. Um dia o meu pai bateu-me nas costas com um varal. E não morri por isso.

- Com um varal?

- Com um varal, sim senhor, se digo que foi com um varal é porque é verdade. Ah, cabeça de burro! Come o leite; para que estás a olhar para a minha boca? A tua colher não tem cabo. Aposto que o partiste. Malandro! Não te bateram o bastante, filho de uma cadela!

Depois de comerem, os cossacos resolveram dormir uma pequena sesta, amolecidos pelo ar primaveril que embriagava como vinho. Deitaram-se de costas para o sol, ressonaram um pouco, voltando a pôr-se a caminho através da estepe negra, sobre o colmo do ano anterior, sem fazerem caso das estradas, sempre a direito. Envergavam blusões, capotes, túnicas ou peliças curtas, calçavam botas ou sapatos, alguns levavam as calças entaladas nas meias brancas, outros seguiam descalços.

As mochilas dos víveres pendiam das baionetas.

O aspecto destes desertores regressando ao esquadrão era tão pouco belicoso que as cotovias, depois de terem cantado, iam poisar na relva junto deles.

Grigóri não encontrou um único cossaco na aldeia. Pelamanhã, pôs o filho Michatka que estava muito crescido sobre o cavalo e mandou-o ir ao Don dar de beber ao animal.

Entretanto, foi com Natalia fazer uma visita ao avô Grichaka e à sogra.

Lukínitchna recebeu-o a chorar:

- Grichenka, meu filho. Sentimo-nos perdidos sem o nosso Mírone Grigóievitch (que Deus o tenha na sua santa guarda!)... Quem há-de trabalhar nos campos? As granjas estão cheias de grão, mas não há ninguém para o semear. Estamos órfãos! Não somos úteis a ninguém, não temos ninguém, estamos a mais neste mundo. Vê como a nossa quinta está desmantelada. Os nossos braços não bastam...

Com efeito, a quinta encontrava-se num estado de franca desolação: os toiros tinham derrubado a cerca; viam-se por toda a parte arados ao abandono; a parede de taipa do telheiro ruíra, minada pelas águas; o muro da eira já não existia, o pátio nunca mais fora limpo; debaixo do telheiro encontrava-se uma ceifadora enferrujada e uma foice partida...

Em tudo se notavam sinais de abandono e decadência

«Sem o dono tudo se arruina num instante», pensou Grigóri com indiferença, dando uma volta pela propriedade dos Korchunov.

Entrou em casa.

Natalia, que conversava em voz baixa com a mãe, calou-se ao vê-lo, dirigindo-lhe um sorriso meigo.

- Gricha, a mãe pedia... se tu não serias capaz de ir para os campos semear-lhe ao menos uma deciatina?

- Mas para quê, minha mãe? - inquiriu Grigóri. - A mãe tem as arcas cheias de grão.

Lukínitchna ergueu as mãos juntas acima da cabeça:

- A terra, Grichenka! O nosso defunto tinha lavrado dois campos.

- E que perde a terra com isso? Não lhe faz mal nenhum semear-se só no ano que vem, se ainda formos vivos.

- O quê? A terra estraga-se se ficar em pousio.

- Então semeamos quando a frente estiver mais longe - prometeu Grigóri para convencer a sogra.

Porém esta insistia, mostrava-se mesmo ofendida. Por fim, franzindo os lábios trémulos, disse:

- Bem, se não tens tempo ou não queres ajudar-nos...

- Pronto... Amanhã vou semear por minha conta e semeio também para si duas deciatinas. Deve ser o suficiente... O avô Grichaka, está aí?

- Obrigada, obrigada, meu benfeitor - retorquiu Lukínitchna resplandecente de alegria. - Vou dizer ao Grichaka que te traga a semente... Perguntas pelo avô? Deus esqueceu-se dele. Ainda cá está, mas parece-me que não será por muito tempo. Passa dias e noites a fio a ler as Escrituras. Às vezes fala, fala, mas a gente não percebe nada, são palavras de igreja. Podes ir vê-lo, está no quarto.

Pelo rosto de Natalia deslizou uma lágrima e ela contou, meio a chorar meio a rir:

- Ainda agora fui vê-lo e ele disse-me: «Minha mãzona, porque não vens visitar-me? Daqui a pouco morro .. Quando me apresentar ao bom Deus hei-de pedir-lhe por ti. Quero ir para a terra, Natáliuchka. A terra chama por mim. Já não é sem tempo.»

Grigóri entrou no quarto. Chegou-lhe imediatamente ao nariz um cheiro a incenso, a bafio, a podridão, o cheiro de um velho que não se lava. O avô Grichaka, sempre vestido com a sua farda cinzenta de vivos encarnados, estava sentado na cama. As calças largas haviam sido cuidadosamente remendadas e as meias de lã mostravam passagens. A incumbência de tratar o avô passara para Gripachka, agora uma rapariga crescida, e ela ocupava-se dele com o mesmo desvelo, o mesmo amor que Natalia revelara noutros tempos.

O avô Grichaka tinha uma bíblia sobre os joelhos. Lançou um olhar a Grigóri por cima da armação esverdeada dos óculos e a sua boca desdentada abriu-se num sorriso.

- Ah, seu militar! Vens aí são e salvo! O Senhor protegeu-te contra as balas assassinas. Deus seja louvado. Senta-te.

- Como vai essa saúde, avô?

- Hem?

- Estou a perguntar como vai a saúde!

- Não me faças rir. Palavra de honra que tens graça! Perguntar pela saúde a uma pessoa da minha idade? Vou fazer cem anos, é verdade... E nem sei como o tempo se passou. Estou a ver-me, como se fosse ontem, com uma trunfa loura, quando era jovem e saudável. Agora mal acordo, só sinto a velhice. A vida passou como um relâmpago de Verão e foi-se embora... Sinto o corpo todo mole. Há anos que o meu caixão está à minha espera na granja, mas o Senhor decerto se esqueceu de mim. Às vezes, eu, que sou um pobre pecador, digo-lhe nas minhas orações: «Volta, Senhor, o Teu olhar misericordioso para o Teu servo Grigóri. Sou um fardo para o mundo e ele para mim...»

- Hás-de viver muito, avô. Ainda tens os dentes todos.

- O quê?

- Ainda tens muitos dentes.

- Dentes? Palerma! exclamou o avô furioso. Não é com os dentes que eu hei-de prender a alma quando ela quiser deixar o corpo... Continuas na guerra, meu vadio?

- Continuo. O nosso pequeno Mitka também acompanhou a retirada.

- Não leva boa vida... É o que eu digo. Porque é que combatem?

- Nem vocês sabem. Tudo se faz segundo a vontade de Deus. O nosso Mirone, porque foi ele morto? Porque marchou contra Deus, porque o povo se revoltou contra o poder. Ora todo o poder vem de Deus. Até o do Anti-Cristo, pois é Deus que o manda. Eu dizia-lhe: «Mirone, não revoltes os cossacos, não os excites contra o poder, não os empurres para o pecado.» E ele respondia-me: «Não, pai. Não aguento isto. É preciso a gente revoltar-se, derrubar este poder que nos arruina. Vivíamos como homens, morreremos como mendigos.» E aí tens. Não aguentou. Quem com ferro mata com ferro morre. É bem certo. Diz-se para aí que és general, tu, Grichka! Que comandas uma divisão. É certo?

- É certo.

- Tu comandas uma divisão?

- Sim, comando uma divisão.

- Onde estão os teus galões?

- Suprimimo-los.

- Ah, desgraçados! Suprimiram-nos! E dizes que és general! Que miséria. Outrora até dava gosto olhar para os generais: bem alimentados, gordos, imponentes. Mas tu... Pfft!... Que valor podes tu ter? Basta olharmos para o teu capote todo sujo, coberto de lama... E sem galões, sem fitas brancas sobre o peito. Aposto que trazes as costuras cheias de piolhos.

Grigóri desatou a rir, porém o avô Grichaka prosseguiu com ardor:

- Não te rias, bandido. Tu levas os teus homens para a morte, revoltaste-te contra o poder. Cometes um grande pecado, não é caso para te rires. Hem?... É assim mesmo. De qualquer modo eles vão destruir-vos e a nós também. Deus vos mostrará os seus caminhos. Não será a estes tempos perturbados que se refere a Bíblia? Escuta, vou ler-te o que diz o profeta Jeremias...

O velho voltou com o dedo amarelo as páginas da Bíblia e, lentamente, sílaba por sílaba, começou a ler: «Tornai isto público entre as nações, divulgaio e levantai a insígnia! Publicai-o e não o escondais! Dizei: a Babilónia foi tomada. Bei foi confundido, Merodaic está aniquilado! Os seus ídolos estão confundidos, os seus ídolos foram quebrados! Surge do norte uma nação que se ergue contra ela e reduzirá o seu país a um deserto e não haverá mais habitantes; tanto os homens como os animais fugiram, foram-se embora.» Compreendeste, Grichka? Eles virão do norte e torcerão o pescoço a vocês todos, aos babilónios. Escuta mais isto: «Nesses tempos, os filhos de Israel e os filhos de Judá regressarão juntos; caminharão chorando e procurarão o Eterno, o seu Deus... O meu povo foi um rebanho de ovelhas perdidas; os seus pastores desviaram-nas do caminho e fizeram-nas errar pelas montanhas; andavam por montes e vales...»

- Que quer isso dizer? Como havemos de compreender essas palavras? indagou Grigóri, que compreendia com dificuldade a linguagem sacra (*Efectivamente todas estas citações vêm no texto original numa linguagem muito diferente do russo moderno*).

- Quer dizer, meu desgraçado, que vocês, cambada de orgulhosos, serão obrigados a refugiar-se nas montanhas. Vocês, não são bons pastores para os cossacos, sois piores do que os carneiros mais estúpidos. Não sabeis o que fazeis... Ouve lá mais isto: «...e elas esquecerão o aprisco. Aqueles que as encontrarem devorá-las-ão.» Também isto está escrito para vós. Não estais a ser devorados pelos piolhos?

- É certo que não conseguimos livrar-nos deles – concordou Grigóri.

- Não há dúvida. E mais isto: «...nós não somos culpados porque eles pecaram contra o Eterno... Fugi da Babilónia, saí do país dos Caldeus e sede como bodes à testa do rebanho. Eis que eu vou suscitar e fazer avançar contra a Babilónia uma multidão de grandes nações do Norte, as quais travarão uma batalha na qual ela será vencida; as suas

flechas são como um hábil guerreiro que nunca falha. E a Caldeia será abandonada à pilhagem e todos aqueles que a pilharem serão saciados, disse o Eterno. Sim, sede alegres e felizes, vós que pilhastes a minha herança!»

- Avô, devias dizer isso em russo. Assim não compreendo - interrompeu Grigóri.

O velho, agitando os lábios, fixou em Grigóri um olhar ausente.

- Estou quase a acabar. Ouve: «Sim, saltai como uma burra sobre a erva, relinchai como os cavalos fogosos. A vossa mãe está coberta de confusão, aquela que vos pariu está cheia de vergonha; eis que ela é a última das nações, é um deserto, uma terra seca e árida. Por causa da cólera do Eterno, nunca mais ela será habitada, transformar-se-á numa solidão. Quem passar pela Babilónia será tomado de espanto e soprará sobre as suas feridas.»

- Como devemos entender isso? - inquiriu Grigóri, ligeiramente irritado.

O avô Grichaka, sem responder, fechou a Bíblia e estendeu-se na cama.

«Ora vejam lá como são os homens», pensava Grigóri ao sair do quarto; «enquanto jovens fazem todas as loucuras, bebem vodka e cometem muitos outros pecados, mas, quando chega a velhice, os que foram mais estróinas na juventude são os que mais depressa procuram esconder-se atrás de Deus. Assim é o avô Grichaka. Ainda tem dentes de lobo. Diz-se que em novo quando voltou do serviço militar, fazia perder a cabeça às mulheres, e ele dormia com todas, fossem gordas ou magras. E agora... Ah, se eu chegar a velho não me hei-de pôr a ler aquelas asneiras, não engrajo muito com a Bíblia...»

Durante o caminho do regresso, Grigóri pensava na sua conversa com o avô Grichaka, nas palavras misteriosas e incompreensíveis da Bíblia. Natalia seguia-o em silêncio. Desta vez recebera o marido com uma severidade desusada: decerto ouvira alguns ecos acerca da vida que Grigóri levava em companhia das mulheres nas aldeias da stanitsa de Karguínsskaia.

Na noite da chegada, fizera-lhe a cama no quarto, e ela fora dormir sobre a arca, com uma peliça a servir de cobertor.

Não dissera uma palavra de censura, não fizera qualquer pergunta, e Grigóri também nada dissera durante toda a noite, achando que mais valia não indagar os motivos daquela frieza tão pouco habitual entre os dois.

Seguiam em silêncio pela rua deserta, mais estranhos do que nunca um ao outro. Um vento quente e acariciador soprava do sul, nuvens de Primavera espessas e brancas amontoavam-se a oeste. Os seus dorsos eram brancos como o açúcar e inchavam, mudavam de contorno, deslizavam e encavalitavam-se por cima dos montes verdejantes do Don. A trovoadá começara a rosnar e o perfume vivificante dos rebentos, misturado ao

cheiro bafiento da terra negra e descongelada, enchia a aldeia. Vagas de crista branca corriam à superfície azul do Don, cheio de lês a lês; a brisa que soprava contra a corrente trazia consigo uma humidade reconfortante, um cheiro acre a folhas apodrecidas e a madeira molhada.

Na encosta da colina via-se fumegar um terreno alqueivoso, semelhante a um retalho de peluche negra; uma cotovia cantava com embriaguez mesmo por cima da estrada; ao atravessarem o caminho, os ratos do trigo sopravam baixinho.

Um Sol altivo e orgulhoso dominava aquele mundo a respirar fecundidade, transbordante de força e de vida.

No meio da aldeia, junto de uma ponte que transpunha a ravina onde as águas primaveris que desciam da montanha corriam para o Don com um murmúrio alegre, Natalia parou.

Curvou-se como se estivesse a atar um sapato, mas na verdade pretendia apenas ocultar o rosto de Grigóri. E perguntou-lhe:

- Porque vais tão calado?

- De que queres tu que fale contigo?

- Temos muito que conversar... Podias descrever-me as tuas bebedeiras em Viochénskkaia e como te... divertiste com as mulheres...

- Ah, já sabes isso?...

Grigóri, puxando da bolsa do tabaco, enrolou um cigarro. As ervas secas misturavam o seu perfume adocicado ao tabaco caseiro. Após ter puxado uma fumaça, prosseguiu:

- Então já sabes. Quem to disse?

- Se falo nisso é porque sei. Todos na aldeia o sabem e comentam.

- Mas se já o sabes porque queres que to repita?

Começou a caminhar a grandes passadas, sobre o tabuleiro da ponte, faziam eco os passinhos miúdos de Natalia, às quais ressoando no silêncio transparente daquele dia de Primavera.

Transposta a ponte, a rapariga prosseguiu sem dizer palavra, enquanto limpava as lágrimas; por fim, engolindo um soluço, perguntou a gaguejar:

- Recomeças com as velhas histórias?

- Deixa lá isso, Natalia.

- Cão maldito. Insaciável! Porque continuas a atormentar-me?

- Fazias melhor em não dar ouvidos a mexericos.

- Mas tu próprio confessas!

- Deviam ter-te dito mais do que se passou. Bem, sinto-me um pouco culpado para contigo... É a vida, Natáchka, que nos torna culpados... Andamos sempre de mãos dadas com a morte... Então, às vezes, saímos do bom caminho...

- Nem te lembras dos filhos! Como te atreves a olhar para eles? Não tens consciência?

- Ah, a consciência! - riu-se, descobrindo os dentes brancos como a neve. - Até me tinha esquecido de que ela existia. Que havemos nós de fazer da consciência quando a vida toda anda às avessas?... Mata-se gente... Ninguém sabe para que serve toda esta trapalhada... Como hei-de explicar-te?

- Não compreendes. Neste momento não és capaz de sentir mais nada senão o teu rancor de mulher honesta e não consegues fazer um esforço e reflectir naquilo que me rói o coração, que me chupa o sangue. Foi por isso que comecei a beber. Noutro dia tive uma crise. O meu coração parou por uns instantes e entrou-me o frio no corpo...Grigóri carregou o sobrolho e via-se que tinha, dificuldade em encontrar as palavras. Custa-me a aguentar tudo e então procuro esquecer de qualquer maneira: a vodka, as mulheres... Espera aí, deixa-me falar. A coisa vai moendo, moendo, atormenta-me a toda a hora... O mundo vai de mal a pior e talvez eu também tenha umas certas culpas. Neste momento devíamos fazer a paz com os vermelhos e voltarmo-nos contra os cadetes. Mas como? Quem nos poderia reconciliar com o poder dos Sovietes? Como poderíamos nós reconhecer os nossos erros de parte a parte? Metade dos cossacos estão para lá do Donetz e os que ficaram são uns obcecados, escarvam a terra com os pés... Tudo se embrulha dentro da minha cabeça, Natáchka... E agora o teu avô Grichaka põe-se a ler a Bíblia e diz que fizemos mal, que não devíamos revoltar-nos. E acusa o teu pai.

- O avô está maluco e a ti vai suceder-te o mesmo.

- Aí está o que tu percebes de tudo isto. Não vais mais longe.

- Oh, não tentes embrulhar-me. Fazes porcarias, sabes que procedes mal, e deitas as culpas à guerra. Vocês são todos os mesmos. Como se eu não tivesse já sofrido bastante por tua causa, miserável! Só lamento uma coisa, não ter enterrado a foice até ao fim...

- De nada serve conversar contigo. Se estás desgostosa, chora, as lágrimas aliviam sempre as penas das mulheres. Eu cá não posso consolar-te. Sinto-me tão sujo de sangue que já não consigo ter dó de ninguém. Até dos filhos, quase não sinto pena deles e nunca penso em mim. A guerra secou-me completamente. Tenho medo de mim próprio... Olha para a minha alma, está negra como um poço sem fundo.

Estavam a chegar a casa quando um aguaceiro oblíquo brotou de uma nuvenzinha cinzenta. Apagou a poeira leve que cheirava a sol, fustigou os telhados, trazendo consigo

uma frescura e um arrepio gelado. Grigóri desapertou o capote e cobriu Natalia, que soluçava, com uma das abas. Foi assim que entraram no pátio, muito abraçados um contra o outro.

Grigóri passou a tarde a consertar a semeadora e a charrua no meio do pátio. Um garoto de quinze anos, filho de Semione por alcunha o Marmita, que aprendera o ofício de ferreiro e era o único na vila que percebia do assunto desde o início da insurreição, conseguiu adaptar uma rabiça à velha charrua de Melekhov. Estava tudo a postos para os trabalhos da Primavera. Os bois saíam do Inverno em bom estado graças ao feno que Pantelei Prokofiévitich lhes dera em abundância.

No dia seguinte pela manhã Grigóri preparou-se para sair para o campo. Ilínichna e Duniachka tinham-se lembrado de acender o forno na véspera para que ele encontrasse a comida pronta de madrugada. Tencionava trabalhar durante cinco dias, fazer as suas sementeiras e as da sogra, lavrar duas deciatinas para semear melões e girassóis, mandando depois regressar o pai do esquadrão a fim de que ele terminasse os trabalhos.

Um fumo azulado subia em espiral da chaminé; Duniachka, que se transformara numa bela rapariga alta, atravessou o pátio a correr com um braçado de lenha miúda para acender o lume. Grigóri reparou-lhe nas ancas redondas, na curva dura dos seios, pensando com tristeza e amargura:

- Que bela mocetona ela está! A vida passa como um cavalo a galope. Ainda ontem era uma garotinha ranhosa; quando corria as tranças batiam-lhe nas costas como caudas de rato e agora está casadoira. Eu, por mim, já tenho cabelos brancos e vejo tudo a fugir... O avô Grichaka diz bem: «A vida brilhou como um relâmpago de Verão.» O tempo que um homem tem para viver é bem escasso e ainda arranjamos maneira de o abreviar... Que merda tudo isto! Se tenho de morrer, quanto mais depressa melhor.»

Daria vinha ao seu encontro. Recompusera-se com uma rapidez espantosa da morte de Petro. Sofrera a princípio, empalidecera de desgosto, chegara a envelhecer. Porém, ao primeiro sopro do vento primaveril, o pesar de Daria derreteria com a neve. Voltara-lhe às faces um rubor delicado, os seus olhos baços tornaram a brilhar e o seu passo retomou a ligeireza ondulante de outrora... Reassumira também os antigos hábitos: voltou a cobrir com um risco preto os arcos finos das sobrancelhas, as suas faces luziam de creme rosado; recuperou também o gosto de dizer chalaças e divertia-se a arreliar a pobre Natalia com palavras grosseiras; nos seus lábios aparecia cada vez com mais frequência um sorriso de expectativa...

A vida triunfante retomava os seus direitos.

Aproximando-se de Grigóri, parou, sorridente. O cheiro enebriante a creme de pepino flutuava em volta dela.

- Queres que te ajude, Grichenka?

- Não, obrigado, não é preciso.

- Ah, Grigóri Panteleievitch! Como tu és mau para mim, uma pobre viúva. Nem sequer me sorris, nem te dignas olhar-me mesmo de esquelha.

- Era melhor que fosses cozinhar, minha descarada.

- Para quê?

- Podias ajudar a Natalia. Olha para o Michka, como anda sujo.

- Só me faltava mais essa! Vocês fazem os filhos e cá estava eu para os lavar! Na! A tua Natalia é parideira como uma coelha. Ainda te vai arranjar mais uma dúzia deles. Se eu tivesse que os lavar a todos não me faltaria trabalho!

- Cala-te, cala-te, anda lá!

- Grigóri Panteleievitch! Neste momento és tu o único homem da aldeia. Não me mandes embora, deixa-me apreciar ao menos de longe esse teu lindo bigode preto.

Grigóri, desatando a rir, afastou para trás os cabelos que lhe caíam para a testa alagada em suor.

- Sempre me saíste uma descaradona! Como conseguia o Petro haver-se contigo? Não falhas uma ocasião.

- Podes estar descansado! - prosseguiu Daria com um tom petulante, de olhos semicerrados, voltando-se para os lados da casa a fingir-se assustada. - Ah, julguei que era a Natalia que aí vinha... Ela tem tantos ciúmes que nem calculas. Durante o almoço olhei uma vez para ti e ela até mudou de cor. Ontem diziam-me umas raparigas daí: «Então isto é justo? Os nossos homens não estão cá. O Grigóri Panteleievitch vem de licença e não larga as saias da mulher. Assim que há-de ser de nós?», diziam elas. «Mesmo ferido, ainda que só tenha metade, já nos serve. Diz-lhe que não vá passear de noite pela aldeia, senão apanhamo-lo e damos cabo dele.» Então eu respondi: «Não, minhas filhas. O nosso Grichka só faz poucas-vergonhas nas outras aldeias. Em casa anda debaixo das saias da mulher. Há uns tempos para cá tornou-se um santo...»

- Ah, grande cadela! - exclamou Grigóri, rindo-se sem rancor. - Tens uma língua pior do que uma vassoura!

- Eu cá sou assim mesmo. Mas a tua Natachenka, que nem sequer pinta a cara, ainda ontem te deu com a tampa. É bem feito, meu malandro, para te ensinar a não saíres do bom caminho...

- Homessa!. Vai-te embora, Dachka. Mete-te na tua vida!

- Não me estou a meter na vida de ninguém. O que eu quero dizer é que a tua Natachka é uma idiota. O marido vem a casa e ela faz-se cara, dá-se ao luxo de ser caprichosa, vai dormir para cima da arca... Ah, não era eu que me recusava ao meu cossaco. Se apanhasse algum a jeito .. Nem um valentão como tu me metia medo!

Daria rangeu os dentes e, soltando uma risada, entrou em casa, com os brincos de ouro a luzir, enquanto se voltava mais uma vez para Grigóri, que sorria com um ar atrapalhado.

«A tua sorte foi teres morrido, irmãozinho Petro...» pensou Grigóri com benevolência. «Isto não é mulher, é o diabo. Mais cedo ou mais tarde, ela é que daria cabo de ti.»

XLVII

As últimas luzes da aldeia de Bakhmutkine acabavam de se apagar. Uma geada leve cobria as poças de uma camada de gelo muito fina. Algures, atrás da povoação, junto à eira comum, as gralhas retardatárias tinham poisado sobre o feno do ano anterior. Uma brisa do noroeste trazia o grito delas, discreto e fatigado, que acentuava delicadamente o silêncio pacífico daquela noite de Abril. Sombras espessas acumulavam-se no quintal, uma vaca mugia. Depois tudo se calou.

Durante meia hora reinou uma calma profunda, perturbada de longe em longe pelo grito angustiado de um maçarico real ou pelo rufar das asas dos inúmeros patos que invadiam os campos de onde se retirava o Don... De súbito, soaram vozes de homens na extremidade da aldeia, viram-se luzir pontas de cigarro, ouviu-se o som dos cavalos a sacudirem-se e o estalar da lama gelada sob as ferraduras. Era uma patrulha que regressava à aldeia ocupada por dois esquadrões cossacos insurrectos da 6.^a Brigada especial. Foi instalar-se no pátio de uma casa ao fim da povoação. Os homens falavam uns com os outros, prenderam os cavalos a um trenó parado no meio do pátio e levaram-lhes de comer. Uma voz rouca de baixo entoou uma ária de contradança num ritmo lento e fatigado, destacando cuidadosamente as palavras:

*Quando encontrei aquela moça
Ia eu andando sem me apressar,
Sempre pensando nos meus amores,
Só me interessava rir e folgar...*

Logo um tenor trocista, erguendo-se como um pássaro acima do baixo soturno, começou alegremente:

*Ela não era para brincadeiras
E deu-me logo um bofetão;
Desde esse dia até agora
Ficou dorido, meu coração...*

Outras vozes de baixo vieram juntar-se aos primeiros cantores, o ritmo tornou-se mais apressado, e o tenor, forçando as notas mais altas, cantava agora com energia e um entusiasmo contagiado:

*Arregacei a manga
E dei-lhe uma estalada.
Vai ela então e diz-me,
De face afogueada,
Olhando-me ao revés:
Que triste sina a minha,
Que sorte desgraçada!*

Os cossacos que estavam de sentinela atrás do moinho de vento escutavam o grito das gralhas nos campos desertos, a canção cossaca, o rufar das asas dos patos nas trevas impenetráveis. Estavam fartos de passar a noite deitados na terra fria, prisioneira do gelo. Não tinham licença de fumar, nem de se aquecerem caminhando ou dando encontrões uns aos outros. Eram obrigados a ficar escondidos entre as hastes dos girassóis do ano anterior, a observarem a escuridão compacta da estepe, de ouvido colado ao chão. Mas não viam um palmo adiante do nariz e a noite de Abril era tão rica em murmúrios, a escuridão trazia tantos ruídos suspeitos, que o menor destes lhes provocava alarme: «Será uma patrulha vermelha que vem a rastejar ao nosso encontro?» E aquilo, não seria um estalar de galhos ao longe, uma respiração mal contida?...

O jovem cossaco Vipriájkine limpa com a luva uma lágrima que a atenção lhe fizera correr e dá uma cotovelada no vizinho. Este dormitava, com os joelhos ao pé da boca e a cabeça apoiada no cinturão de couro; a cartucheira japonesa magoava-lhe as costelas, mas ele não se atrevia a procurar posição mais cómoda, não queria deixar penetrar um sopro do ar gelado da noite por baixo do capote hermeticamente fechado. O barulho dos galhos a estalar e o ruído da respiração que ouviam ia aumentando. Vipriájkine sentiu-a de súbito mesmo junto de si.

Ergueu-se sobre o cotovelo e espreitou através das silvas, sem saber o que fazer, até que a custo distinguiu o vulto de um ouriço. O bicho deslocava-se rapidamente em perseguição de um rato, baixando o focinho curto semelhante ao de um porco, a resfolegar, enquanto despenteava com os picos as ervas secas. De súbito, distinguindo

perto de si uma presença hostil, ergueu a cabeça e avistou o homem a observá-lo. O soldado, soltando um suspiro de alívio, murmurou:

- Estupor! Sempre me pregaste um susto...

O ouriço, porém, recolheu com força a cabeça e assim ficou durante um minuto, como uma bola hirsuta. Depois, estendendo-se pouco a pouco, tateou o chão frio e voltou a avançar, qual novelo cinzento, a tropeçar nas hastes do girassol, a esmagar os restos secos das corriolas. O silêncio refez a sua teia. Uma noite fantástica...

Na aldeia, os galos cantaram pela segunda vez. O céu clareava. Surgiram as primeiras estrelas através do tecido ralo das nuvens. Depois o vento dispersou-se e o céu pôs-se a observar a Terra com os seus inúmeros olhos de ouro.

Foi nessa altura que Vipriájkine ouviu com nitidez à sua frente uns passos de cavalo, o estalar das silvas, um tilintar de metal e logo a seguir o ranger de uma sela. Os outros cossacos estavam também de ouvido à escuta, com o dedo no gatilho.

- Preparar! sussurrou o adjunto do chefe de pelotão.

O vulto de um cavaleiro recortava-se no fundo do céu estrelado. Dirigia-se a passo para a aldeia.

- Alto! Quem vem lá!... A senha?...

- Camaradas, não disparem!

- A senha?...

- Camaradas!...

- A senha! Pelo... tão...

- Parem!... Estou sozinho... Rendo-me.

- Esperem, irmãos, não disparem, vamos apanhá-lo vivo.

O ajudante do chefe de pelotão correu para o cavaleiro.

Vipriájkine deitou a mão às rédeas. O homem saltou em terra.

- Quem és tu? Um vermelho? Sim, é isso, irmãos. Traz a estrela no boné. Ah! Ah! Estás frito!

O cavaleiro disse tranquilamente, enquanto desentorpecia as pernas:

- Levem-me ao vosso chefe. Tenho uma comunicação muito importante a fazer-lhe. Sou o comandante do regimento de Serdóbsk e venho aqui para encetar negociações.

- O co-man-dante?... Temos de o matar, irmãos. Que grande malandro! Deixa-me Luka, quero...

- Camaradas, terão sempre tempo de me matarem, mas deixem-me primeiro transmitir ao vosso chefe a comunicação que aqui me traz. Repito: trata-se de um caso de grande importância. Peço-vos, peguem as minhas armas, se têm medo que eu fuja...

O comandante vermelho começou a desafivelar o cinto.

Um dos cossacos incitava:

- Vamos, tira lá isso depressa.

O revólver e o sabre passaram para as mãos do ajudante do chefe de pelotão.

- Revistem-no! - comandou este, montando no cavalo do prisioneiro.

Revistaram-no. O ajudante e Vipriájkine conduziram-no à aldeia. Vipriájkine caminhava ao seu lado empunhando a carabina austríaca, pronta a disparar. O ajudante do chefe de pelotão seguia-os a cavalo, todo satisfeito.

Caminharam assim uns dez minutos sem dizerem palavra. O prisioneiro detinha-se às vezes para acender um cigarro, protegendo o fósforo com a aba do capote. O cheiro do tabaco despertou o apetite de Vipriájkine, que disse:

- Dá-me um.

- Fazes favor.

Vipriájkine pegou na cigarreira de couro cheia de cigarros, tirou um e meteu a cigarreira no bolso.

- Aonde é que me levam?

- Verás quando chegarmos.

- Mas onde?

- Ao chefe do esquadrão.

- Levem-me ao chefe de brigada, Bogatíriov.

- Não há ninguém aqui com esse nome.

- Então como é isso? Sei que ele chegou ontem a Bakhmútkine com o seu Estado-Maior e que se encontra aqui neste momento.

- Não fomos informados disso.

- Então, camaradas, eu sei e vocês não sabem?... Não se trata de nenhum segredo militar, visto que o inimigo está informado.

- Caminha, caminha.

- Cá vou caminhando. E vocês levem-me junto de Bogatíriov.

- Cala-te, segundo o regulamento não tenho o direito de falar contigo.

- E ficar com a minha cigarreira, é do regulamento?

- Isso é outra coisa... Caminha e tento na língua ou tiro-te também o capote. Vejam só como se está a fazer fino.

Tiveram grande dificuldade em acordar o chefe de esquadrão.

Esfregava muito os olhos com os punhos, bocejava, fazia caretas, sem compreender o que lhe estava dizendo o chefe de pelotão, todo satisfeito.

- Quem é ele? O comandante do regimento de Serdóbsk? Não é intrujice? Mostre-me os documentos.

Dali a pouco entrava, em companhia do prisioneiro vermelho, na casa ocupada por Bogatíriov. Este saltou da cama assim que lhe anunciaram a captura e a chegada do comandante do regimento de Serdóbsk. Abotoou as calças, fez passar os suspensórios por cima dos ombros robustos, acendeu um candeeiro e perguntou ao preso, que se perfilara junto à porta:

- És o comandante do regimento de Serdóbsk?

- Sim, sou Voronóvski, comandante do regimento de Serdóbsk.

- Senta-te.

- Obrigado.

- Como é que .. Em que circunstâncias foste capturado?

- Vim aqui de minha livre vontade. Preciso de conversar contigo a sós. Pedes aos outros que se retirem.

Bogatíriov fez um gesto e o chefe de esquadrão, que havia acompanhado o comandante vermelho, saiu juntamente com o dono da casa, um velho-crente de barbas ruivas, que para ali estava de boca aberta. Bogatíriov, sentado à mesa, esfregava o crânio moreno completamente rapado, redondo como uma melancia. Vestia apenas uma camisola interior suja. O seu rosto de bochechas cobertas de edemas, e que a posição inconfortável na cama estriara de vergões encarnados, exprimia uma curiosidade mal disfarçada.

Voronóvski, um homenzinho robusto, cingido pelo capote apertado com o cinto de oficial, endireitou-se; sob o bigode negro e bem aparado brotou um sorriso.

- É com um oficial que tenho a honra de falar, segundo espero. Permita que diga primeiro duas palavras a meu respeito e só depois fale na missão que me trouxe aqui .. Sou de origem nobre e capitão do Segundo Exército Imperial. Fiz a guerra contra a Alemanha no 117 de Atiradores de Liubomir. Em 1918, fui mobilizado por decreto do governo soviético como oficial de carreira. Actualmente, como sabem, comando o regimento de Serdóbsk do Exército Vermelho. Encontrando-me nas fileiras, há muito que procuro uma oportunidade de passar para o vosso lado . para o lado daqueles que lutam contra os bolcheviques...

- Tem gasto muito tempo em busca dessa oportunidade, meu capitão .

- Sim, mas, para reparar a minha falta para com a Rússia, não queria vir só (o que poderia ter feito há muito).

- O meu desejo era trazer comigo uma unidade do Exército Vermelho, os elementos mais sãos, bem entendido, iludidos pelos bolcheviques e arrastados para esta guerra fratricida.

O ex-capitão Voronóvski fitava Bogatíriov com os seus olhos cinzentos muito aproximados; ao deparar com o sorriso desconfiado do outro, corando como uma donzela, apressou-se a acrescentar:

- É natural, senhor Bogatíriov, que sinta uma certa desconfiança a meu respeito. No seu lugar experimentaria os mesmos sentimentos. Permita-me que lhe apresente provas, provas incontestáveis

Afastando uma das abas do capote, tirou um canivete do bolso das calças de caqui e curvou-se tanto que fez estalar nos ombros as correias de couro do boldrié. Começou então a descoser a costura larga do capote. Decorridos minutos, retirava de lá uns papéis amarelcidos e uma pequena fotografia.

Bogatíriov leu atentamente os papéis. Um deles atestava que o «portador do presente salvo conduto» era efectivamente «o tenente Voronóvski, do 17.º Regimento de Atiradores de Liubomir, que regressava à sua casa no distrito de Smolensk com uma licença de convalescença de quinze dias». Trazia o carimbo e a assinatura do médico-chefe do hospital de campanha n.º 8 da 14.ª Divisão de atiradores siberianos. Os outros documentos passados em nome de Voronóvski atestavam que este era na verdade oficial e, na fotografia, os olhos aproximados do jovem tenente Voronóvski fitaram alegremente Bogatíriov. A cruz de S. Jorge dos oficiais brilhava sobre a sua túnica elegante e a brancura virginal dos galões fazia sobressair as faces tisonadas do tenente, o risco escuro do bigode.

- E então? inquiriu Bogatíriov.

- Estou aqui para te dizer que, graças ao trabalho realizado por mim e pelo meu adjunto, o tenente Volkov, na unidade, todo o efectivo do regimento de Serdóbsk com excepção dos comunistas, claro, está pronto a passar-se para o vosso lado em qualquer altura. Os homens são na sua maioria camponeses do distrito de Saratov e Sámara. Concordam em lutar contra os bolcheviques. Precisamos agora de chegar a um acordo quanto às condições de rendição do regimento. Este encontra-se actualmente em Usst-Kopérskaia e conta cerca de mil e duzentos homens. A célula comunista compõe-se de trinta e oito elementos, a que devemos juntar uma secção de trinta comunistas locais. Apoderar-nos-emos da bateria que foi distribuída ao regimento; nessa altura talvez seja necessário liquidar os serventes, dos quais a maioria são comunistas. A efervescência que se desenvolveu entre os meus homens tem por causa as dificuldades experimentadas pelos pais a seguir às requisições agrícolas. Aproveitamos esta circunstância e incitámo-los a

passarem-se para o lado dos cossacos... Quer dizer, para o vosso lado. Os meus soldados temem as violências que possam vir a sofrer por alturas da rendição do regimento... Também embora se trate de um pormenor, evidentemente gostaria de -me entender consigo acerca disso.

- Quais violências?

- Bem, assassinatos, rapinas...

- Não, não consentiremos nessas coisas.

- Ainda outro ponto; os soldados insistem para que o regimento de Serdóbsk continue a ser uma unidade independente, na luta ao vosso lado contra os bolcheviques.

- Isso não posso eu garantir...

- Bem sei, bem sei. O senhor vai pedir instruções aos seus chefes e em seguida dar-nos-á conhecimento delas.

- Sim, sou obrigado a participar o caso para Viochénskaia.

- Outra coisa: dê ordem aos seus cossacos para me restituírem as armas. Eles não só me desarmaram - Voronóvski, interrompendo o seu amável discurso, sorriu um pouco confuso -, como me tiraram também... a cigarreira. Não valia grande coisa, é certo, mas trata-se de um objecto de estimação, e faço empenho nela...

- Ser-lhe-á restituído tudo. Como hei-de informá-lo logo que obtenha uma resposta de Viochénskaia?

- Dentro de dois dias receberá aqui, em Bakmutkine, a visita de uma mulher de Usst-Khopérskaia. A senha será... digamos... «União». O senhor dar-lhe-á a resposta. Oralmente, claro...

Meia hora mais tarde, um cossaco do esquadrão Maksaiev partia a galope na direcção de oeste, com destino a Viochénskaia.

No dia seguinte, a ordenança pessoal de Kudínov chegava a Bakmutkine, procurava a casa onde se alojava Bogatíriov, entrava sem prender o cavalo, entregando ao comandante uma carta com a indicação de Urgente. Ultra secreto. Bogatíriov quebrou o lacre com viva impaciência. Num impresso do Soviete do distrito do Alto-Don, Kudínov escrevera com a sua letra, muito grande, o seguinte.

Desejo-te boa saúde, Bogatíriov! Eis uma boa notícia. Concedemos-te plenos poderes para levars a cabo as negociações com os homens de Serdóbsk e convencê-los a renderem-se seja por que preço for. Proponho que lhes sejam feitas concessões prometendo-lhes que aceitaremos o seu regimento tal como está e que nem sequer os desarmaremos. Apresenta como condição expressa a

prisão e a entrega dos comunistas, do comissário do regimento e, sobretudo, dos comunistas de Viochénsskaia, de Elánsskaia e de Usst-Khopérsskaia. Que o regimento se apodere sem falta da bateria, das equipagens e dos bens regulamentares. Trata urgentemente do assunto por todos os meios ao teu alcance. Leva o maior número de forças que puderes para o local onde o regimento se deve apresentar, cerquem-nos sem que dêem por isso e comecem logo a desarmá-los. Se resistirem, exterminem-nos todos até ao fim. Procedam com prudência, mas firmemente. Uma vez desarmados, conduzam o regimento inteiro em rebanho até Viochénsskaia, pela margem direita do Don, por ser a mais afastada da frente e também porque a estepe é nua desse lado, o que faz com que não possam fugir, no caso de se arrependerem e tentarem escapar-se. Obriguem-nos a passar pelas aldeias situadas nas colinas do Don e mandem-nos escoltar por dois esquadrões a cavalo. Em Viochénsskaia reparti-los-emos pelas unidades, em grupos de dois ou três homens, e veremos como combatem contra os seus. O resto não nos diz respeito. Quando fizermos a junção com os nossos que lutam para além do Donetz, eles que os julguem e façam deles o que quiserem.

Quanto a mim, podem enforcá-los todos que a perda não será grande. Alegro-me com o teu êxito. Dá-nos todos os dias notícias por um correio expresso.

Kudínov

Havia um pós-escrito:

Se o regimento de Serdóbsk entregar os comunistas locais, envia-os para Viochénsskaia sob uma escolta reforçada, igualmente através das aldeias. Mas manda o regimento primeiro.

Para a escolta escolhe os cossacos mais seguros (os mais ferozes, de preferência velhos), e estes que informem as populações com antecedência. Não precisaremos de sujar as mãos, as mulheres encarregar-se-ão de os liquidar à paulada se a coisa for preparada inteligentemente. Compreendeste? Esta política é mais proveitosa para nós. Se os fuzilarmos chegará aos ouvidos dos vermelhos a notícia de que fuzilamos os prisioneiros; é mais simples excitar a população contra eles, desencadear a cólera popular como quem atija um cão. Justiça sumária, não há nada melhor. Nada de inquéritos nem de discussões.

XLVIII

A 2 de Abril, o 1.º Regimento de Moscovo sofreu pesadas baixas da parte dos insurrectos na aldeia de Antónov, na stanitsa de Elánskkaia.

Conhecendo mal a região, os vermelhos agruparam-se na aldeia. As herdades cossacas dispersas eram construídas entre pequenas porções de terra arenosa e seca, como se fossem ilhas; as ruas e vielas com pavimento de tábuas haviam sido abertas sobre um pântano intransponível. A aldeia achava-se perdida no centro de um grande bosque de amieiros, de terra esponjosa. O rio Elanka, que a corta ao meio, embora pouco profundo, tem um leito lamacento.

Os atiradores do 1.º Regimento de Moscovo atravessaram a aldeia, mas, apenas haviam ultrapassado as primeiras casas, penetrando no amieiral, verificou-se que seria impossível transpô-lo. O comandante do 2.º batalhão, um sujeito teimoso, natural da Letónia, não queria ouvir os argumentos de um comandante de companhia que acabava com grande custo de safar o cavalo que se atolara num buraco profundo. Ordenou: «Avançar!» Foi ele o primeiro a lançar-se ousadamente sobre o solo movediço. Os soldados seguiram-no, hesitantes, transportando as metralhadoras. Percorreram assim umas cinquenta ságenas, com lama até ao joelho. De súbito, alguém gritou à direita: «Estamos cercados!... Os cossacos! Estamos cercados!...»

Com efeito dois esquadrões insurrectos, tendo contornado o batalhão, atacavam-no pela retaguarda.

O 1.º e 2.º batalhões, depois de perderem no bosque de amieiros cerca de um terço dos seus efectivos, bateram em retirada.

Durante o combate, Iváne Alekceiévitich foi ferido numa perna por uma bala de fabrico artesanal. Míchka Kochevói transportou-o em braços para fora do campo de batalha e, ameaçando com a baioneta um soldado vermelho que seguia a toda a velocidade por cima de um dique, num carro de munições, obrigou-o a levar o ferido.

O regimento, depois de repellido, foi obrigado a recuar até à aldeia de Elánskki. Este revés teve um efeito catastrófico na ofensiva de todas as unidades vermelhas que progrediam ao longo da margem esquerda do Don. Málkine foi obrigado a deixar Bukanóvsskaia para ir instalar-se vinte verstás mais ao norte, na stanitsa de

Slachtchóvsskaia; depois, perseguido pelas forças insurrectas que atacavam furiosamente, com efectivos muito superiores, Málkine atravessou o Khopr um dia antes do degelo, afogando alguns cavalos, e alcançou a stanitsa de Kumiljénskkaia.

O 1.º Regimento de Moscovo, isolado pela derrota na confluência do Khopr e do Don, passou para a margem direita deste e deteve-se na stanitsa de Usst-Khopérskaia, à espera de reforços. Em breve se lhe reuniu o regimento de Serdóbsk, cujos quadros eram nitidamente diversos dos do 1.º Regimento de Moscovo. Os operários de Moscovo, de Tuia, de Nijni-Nóvgorod, que constituíam o núcleo activo do regimento, lutavam corajosa e tenazmente, em várias escaramuças corpo a corpo com os insurrectos, sofrendo todos os dias dezenas de mortos e feridos. Em boa verdade, o cerco de Antónov pusera o regimento provisoriamente fora de combate, porém na retirada não abandonou ao inimigo uma única viatura de munições nem um só caixote de cartuchos. Pela mesma altura, no primeiro combate, uma companhia do regimento de Serdóbsk, incapaz de aguentar um ataque da cavalaria insurrecta na aldeia de Iagodínsski, abandonou as trincheiras à vista da carga cossaca, e teria sido inteiramente aniquilado se não fossem as metralhadoras comunistas terem repellido o inimigo com um fogo violento.

O regimento de Serdóbsk fora organizado à pressa. Os soldados eram todos camponeses do governo de Saratov, homens já de certa idade, e reinava entre eles um estado de espírito que em nada contribuía para lhes elevar as qualidades combativas. Havia uma percentagem esmagadora de analfabetos e de indivíduos oriundos de famílias de kulaks abastados.

O comando do regimento estava em grande parte entregue a antigos oficiais; o comissário, um sujeito fraco e sem força de vontade, não exercia qualquer autoridade sobre os seus homens; entretanto, os traidores ou seja o comandante do regimento, o chefe do Estado-Maior e dois comandantes de companhia, que haviam decidido entregar o regimento, dedicavam-se mesmo debaixo do nariz da célula comunista, que não se apercebia de nada, à tarefa de desmoralizar os soldados, utilizando kulaks anticomunistas infiltrados no regimento; faziam uma hábil propaganda contra os comunistas e espalhavam a dúvida acerca do êxito da sua campanha repressiva, a fim de prepararem a rendição do regimento.

Chtókman, que vivia numa casa com três homens do regimento de Serdóbsk, observava com inquietação os soldados; e uma violenta disputa que teve com eles acabou de o convencer da ameaça que pairava sobre o regimento.

No dia 27 de Abril, ao crepúsculo, entraram no seu quarto dois homens da 2.^a Companhia. Um destes, chamado Gorigássov, declarou com um sorriso malévolo, dirigido a Chtókman e a Iváne Alekceiévitich, sem ao menos lhes dar os bons-dias:

- Ora bem! Foi isto que ganhámos! Vão buscar o trigo às nossas terras e obrigam-nos a combater sabe-se lá porquê..

- Tu não sabes porque combates? - inquiriu Chtókman com uma voz cortante.

- Não, não sei. Os cossacos são lavradores como nós.

- Nós sabemos contra quem eles se revoltaram. Nós sabemos que...

- E saberás tu, patife, que linguagem estás a empregar?

- A mesma que falam os guardas-brancos! - gritou Chtókman louco de raiva, ele que habitualmente se dominava.

- Aconselho-te a que te cales, senão ainda apanhas alguma nos bigodes. Vocês ouvem isto, rapazes?

- Mais devagar, mais devagar, seu barbudo! Nós já te conhecemos disse o outro, baixinho e gordo como um saco de farinha. Julgas que por seres comunista podes mijar-nos em cima? Cuidado, senão ainda apanhas uma ensinadela.

Empurrando para o lado Gorigássov, aproximou-se de Chtókman, a fitá-lo com as mãos atrás das costas.

- Mas que mosca vos mordeu. Estais todos de acordo com os brancos? - vociferou Chtókman, a repelir com força o soldado que avançava para ele.

O outro vacilou, fez-se muito vermelho, esboçando o gesto de agarrar no braço de Chtókman, porém, Gorigássov reteve-o:

- Não jogues as bulhas com ele.

- Estão a falar como anti-revolucionários. Vamos fazer com que sejam julgados como traidores ao poder dos Sovietes.

- Não podes levar ao tribunal um regimento em peso - retorquiu um dos soldados que habitava a mesma casa.

Os outros vieram confirmar:

- Os comunistas têm cigarros, e nós não.

- Estás a mentir! - gritou Iváne Alekceiévitich, sentando-se na cama. Nós temos tanto como vocês.

Chtókman, vestindo-se, saiu sem dizer palavra. Os outros não o impediram, mas encheram-no de insultos.

Dirigiu-se ao comissário do regimento junto do Estado-Maior e, chamando-o a uma sala à parte, contou-lhe, indignado, a sua alteração com os soldados. Pediu que os

prendesse. O comissário escutava-o, acariciando a barba de um ruivo flamejante, enquanto ajustava com ar indeciso os óculos de aros escuros.

- Amanhã vamos reunir a célula para discutir a situação.

- Quanto a prender os tipos, acho impossível fazer isso no momento actual.

- Porquê? - perguntou Chtókman bruscamente.

- Bem vês, camarada Chtókman. Eu próprio verifico que as coisas não correm bem no nosso regimento. Deve existir por aí uma organização contra-revolucionária, mas não conseguimos descobri-la. A maior parte do regimento sofre a sua influência. Trata-se de elementos camponeses. Que queres que se faça? Apercebi-me do estado de espírito das tropas e já propus que o regimento seja dissolvido.

- Por que razão considera impossível prender imediatamente esses agentes dos guardas-brancos e enviá-los para o tribunal revolucionário da divisão? Falam como traidores.

- Sim, mas isso pode dar lugar a excessos lamentáveis, até mesmo a tumultos.

- Ah, sim? Mas então porque não informaste há mais tempo a secção política deste estado de coisas?

- Já te disse que o fiz. Usst-Medvéditsskaia tem demorado a resposta. Assim que o regimento for deslocado castigaremos severamente todos aqueles que violem a disciplina, em especial os autores daquelas palavras que há pouco me repetiste...

O comissário, cerrando as sobrancelhas, acrescentou a meia voz:

- Desconfio de Voronóvski e... do chefe do Estado-Maior, Volkov. Amanhã, depois da reunião da célula, irei a Urst-Medvéditsskaia. É preciso tomar medidas com urgência para se localizar o perigo. Peço-lhe que guarde segredo acerca da nossa conversa.

- Mas porque é que não se pode convocar imediatamente uma reunião dos comunistas? O assunto não admite espera, camarada.

- Compreendo. Mas para já é impossível. A maior parte dos comunistas estão de sentinela... Considero isso muito importante, pois seria uma imprudência confiarmos nos que não têm partido. Há também a bateria cujos serventes são na sua maior parte comunistas, mas essa só regressará de Krutóvski à noite. Mandei-a vir precisamente por causa dessas perturbações no regimento.

Chtókman, voltando para casa, informou imediatamente Iváne Alekceiévitich e Michka Kochevói da conversa que tivera com o comissário do regimento.

- Ainda não és capaz de andar? - perguntou ele a Iváne Alekceiévitich.

- Embora coxeie, já consigo caminhar. O perigo de infecção deve ter passado.

Durante a noite Chtókman escreveu um relatório pormenorizado acerca da situação no regimento e à noite acordou Michka. Metendo-lhe o papel debaixo do blusão, disse:

- Arranja imediatamente um cavalo e galopa até Usst-Medvéditzkaia.

- Nem que o rebentes, tens de entregar isto à secção política da 14.^a Divisão .. Quanto tempo levas a lá chegar? Onde pensas poder arranjar um cavalo?

Michka enfiava, a resmungar, as botas ressequidas de coiro vermelho; respondeu, em frases entrecortadas:

- Vou roubar um cavalo... aos batedores e, para ir daqui a Usst-Medvéditsskaia, preciso pelo menos de duas horas.

- As pistas dos batedores são más, senão... chegaria hora e meia... Já fui guardador de rebanhos . Sei fazer render um cavalo... ao máximo.

Michka enfiou a carta num bolso do capote.

- Porque fazes isso? - inquiriu Chtókman.

- Para lhe deitar mais facilmente a mão no caso de ser apanhado pelos tipos do regimento.

- E então? - inquiriu Chtókman, sem compreender

- E «então» o quê? Se me apanharem engulo-a.

- Bravo!

Chtókman, com o seu sorriso discreto, aproximou-se de Michka e, como se o atormentasse um mau pressentimento, apertou-o vigorosamente nos braços, beijando-lhe com força os lábios frios e trémulos.

- Vai.

Michka foi-se embora. Conseguindo deitar a mão a um dos melhores cavalos da patrulha, passou em frente da sentinela, sempre com o dedo no gatilho da carabina de cavalaria nova em folha, e alcançou a estrada sem ter de se desviar por atalhos. Só então pôs a carabina a tiracolo e tratou de «fazer render» o cavalo de Saratov, de cauda curta, obrigando-o a dar uma velocidade a que não estava habituado.

XLIX

Pela madrugada, pôs-se a cair uma chuva fina. O vento desatou a soprar. Uma pesada nuvem de tempestade chegava de oeste. Os soldados que habitavam com Chtókman e Iváne Alekceiévitich, levantando-se, saíram logo ao romper do dia. Meia hora depois, um comunista de Elánsskaia, Tolkátchov, que se alistara, tal como Chtókman e os camaradas, no regimento de Serdóbsk, chegou a correr. Abriu a porta e gritou, esfalfado:

- Chtókman! Kochevói! Estão aí? Saíam cá para fora!

- Que aconteceu? Entra!

Chtókman passou para a sala da frente, a vestir o capote.

- Entra.

- Uma catástrofe! - murmurou Tolkátchov, seguindo-o até à outra sala. - A infantaria quis desarmar junto à stanitsa... a bateria que regressava de Krutóvsski... Trocaram-se tiros... Os artilheiros repeliram o ataque, retiraram as culatras dos canhões e passaram em barcas para a outra margem do Don.

- E depois? E depois? - inquiria Iváne Alekceiévitich, impaciente, enquanto enfiava a bota na perna ferida, a gemer.

- Vai haver imediatamente uma reunião na praça da igreja... O regimento em peso .

- Despacha-te! - ordenou Chtókman a Iváne Alekceiévitich. Agarrou Tolkátchov pela manga do capote. - Onde está o comissário? Onde estão os outros comunistas?

- Não sei . Alguns fugiram, eu vim procurar-te. O telégrafo está ocupado, não deixam entrar ninguém... Temos de fugir, mas como?

Tolkátchov, desamparado, deixou-se cair sobre uma arca de mãos pendentes entre os joelhos.

Nesse momento, ouviram-se passos lá fora e entrou na casa uma meia dúzia de soldados. As suas caras excitadas revelavam uma sinistra determinação.

- Os comunistas para a reunião. Imediatamente!

Chtókman, trocando um olhar com Iváne Alekceiévitich apertou muito os lábios.

- Vamos!

- Deixem as armas. Não se vai combater disse um dos soldados.

Chtókman, fingindo que não ouvia, saiu à frente com a espingarda.

Mil e cem goelas berravam ao mesmo tempo na Praça. Os habitantes da stanitsa estavam invisíveis. Tinham-se escondido dentro das casas, receando os acontecimentos, pois corriam boatos desde a véspera: o regimento ia passar-se Para o lado dos insurrectos e dar-se-ia uma batalha na stanitsa com os comunistas. Chtókman foi o primeiro a aproximar-se a multidão que rugia em surdina; procurou, com os olhos franzidos, avistar alguém do comando. O comissário passou na sua frente, lívido, empurrado por dois homens que seguravam pelos braços, penetrando na turba desordenada dos soldados. Chtókman perdeu-o de vista durante alguns minutos, depois descobriu-o entre a multidão, de pé, sobre uma mesa de jogo que haviam retirado de uma das casas, Chtokman voltou-se. Iváne Alekceiévitich estava atrás de si, apoiado a espingarda, rodeado pelos soldados que tinham ido chamá-los.

A voz do comissário ergueu-se, muito fraca:

- Camaradas soldados do Exército Vermelho! fazer uma reunião num momento destes, quando o inimigo se encontra tão perto... Camaradas!...

Não o deixaram continuar o discurso. Os bonés cinzentos ondulavam como que agitados pela brisa, a floresta azulada das baionetas começou a mover-se, estenderam-se alguns Punhos na direcção da mesa e de todos os lados partiram gritos irritados como tiros:

- Agora somos teus camaradas!
- Despe o casaco de couro!
- Enganaste-nos!
- Contra quem nos queres levar a combater?
- Puxem-lhe os pés!
- Matem-no!
- Espetem-lhe uma baioneta!
- Ele já não é comissário!

Chtókman viu um soldado enorme e muito jovem trepar para cima da mesa, agarrando o comissário pela barbicha ruiva. A mesa vacilou, o comissário e o rapaz caíram nos braços estendidos dos que estavam em volta. No ponto onde estivera a mesa, Chtókman distinguia apenas um mar de capotes cinzentos; o grito desesperado do comissário foi engolido pelo tumulto.

Chtókman precipitou-se. Às cotoveladas, repelindo os capotes cinzentos, abriu passagem quase a correr para o sítio onde o comissário falara. Ninguém procurou detê-lo, mas davam-lhe murros e coronhadas nas costas, na nuca, arrancaram-lhe a espingarda das mãos e tiraram-lhe o boné cossaco de copa vermelha.

- Aonde vais tu, meu malandro? - inquiriu um soldado a quem Chtókman dera uma valente pisadela.

Em frente da mesa derrubada, um sargento barrigudo cortou-lhe a passagem. Tinha o boné de astracã cinzenta deitado para a nuca, o capote aberto, mas o suor escorria-lhe do rosto cor de tijolo e os seus olhos inflamados, que resumavam ódio, estavam vesgos.

- Aonde vais tu?

- Peço a palavra! Dêem a palavra a um simples combatente! - gritou Chtókman com voz rouca, ofegante, enquanto num abrir e fechar de olhos punha a mesa de novo em pé.

Ajudaram-no mesmo a subir para ela. Porém os rugidos furiosos continuavam a ouvir-se de todos os lados. Chtókman berrou com toda a força das suas cordas vocais:

- Si...lên...cio.

E, ao cabo de meio minuto, quando o barulho decresceu, começou numa voz quebrada, a reprimir a tosse:

- Soldados do Exército Vermelho! Que vergonha! Estais a trair o poder do povo no momento mais doloroso. Hesitastes quando era preciso atingir com mão firme o coração do inimigo. Fazeis uma reunião quando o país dos Sovietes se debate cercado pelos seus adversários. Isto é o cúmulo da traição. Porquê? Os vossos pérfidos dirigentes venderam-se aos generais cossacos. Os antigos oficiais abusaram da confiança do poder dos Sovietes e, aproveitando-se da vossa ignorância, querem entregar o regime aos cossacos. Reflecti. Eles querem sufocar com as vossas mãos o poder dos operários e dos camponeses.

O comandante da 2.^a Companhia, o antigo tenente Weistminster, ia a pegar na espingarda, mas Chtókman, surpreendendo-lhe o gesto, gritou:

- Não dispires. Terás muitas oportunidades para me matar.

- Concedam a palavra ao combatente comunista! Nós, os comunistas, damos a nossa vida, todo o nosso sangue, gota a gota...

A voz de Chtókman subiu de forma assustadora, passou a um tom de tenor, o seu rosto, contorcendo-se, revestiu-se de palidez mortal.

- ...damo-lo para servir a causa dos operários e dos camponeses oprimidos. Estamos habituados a olhar a morte de frente. Podeis matar-me ..

- Já ouvimos isso.

- Basta.

- Deixem-no falar!

- Silêncio.

- ...matar-me, mas, repito: reflecti. Não é o momento de fazerem uma reunião, é preciso marchar contra os brancos.

Chtókman percorreu com os olhos muito juntos a multidão um pouco mais calma e avistou a pouca distância o comandante do regimento, Voronóvski, com um soldado junto de si; Voronóvski, sorrindo com ar contrafeito, murmurava qualquer coisa ao ouvido do soldado.

- O comandante do vosso regimento...

Chtókman estendeu o braço na direcção de Voronóvski, mas este, com a mão diante da boca, falava com animação ao soldado, e Chtókman não teve tempo de terminar a frase.

Estalou surdamente um tiro no ar molhado pelas primeiras chuvas de Abril. O ruído do tiro era seco e mole, como uma chicotada, e Chtókman, levando as mãos ao peito, caiu de joelhos, enquanto dobrava a cabeça grisalha, de cabelos ralos. Mas logo se pôs de pé, a cambalear.

- Ossiip Davidovitch! - gemeu Iváne Alekceiévitcih, ao ver Chtókman erguer-se outra vez. Correu para ele, mas os outros seguraram-no pelos cotovelos, murmurando:

- Cala-te, não grites. Dá cá a tua espingarda, malandro!

Desarmando-o, revistaram-lhe os bolsos e levaram-no. Em todos os cantos da praça desarmavam os comunistas. Numa viela, junto da vivenda elegante de um lojista, soaram quatro ou cinco tiros: liquidavam o artilheiro comunista que se recusara a entregar a metralhadora «Lewis».

Entretanto Chtókman, com uma baba rosada a sair-lhe dos lábios, cambaleava havia um minuto sobre a mesa de jogo, aos soluços, pálido como a morte. Conseguiu ainda gritar, com as últimas forças que lhe restavam:

- Enganaram-vos!... Traidores... querem ser perdoados e alcançar mais patentes... Mas o comunismo vencerá... Camaradas!... Reflecti...

O homem que estava ao lado de Voronóvski pôs mais uma vez a espingarda à cara. O segundo tiro fez cair Chtókman para trás, aos pés dos soldados. Um deles, com uma boca enorme de dentes chatos e bexigoso, saltando agilmente para cima da mesa, gritou numa voz de estentor:

- Fizeram-nos muitas promessas, mas tudo isso, caros camaradas, não passou de mentiras e vãs ameaças. O barbudo já tem a sua conta e todos os cães devem acabar como ele.

- Morram os comunistas, inimigos dos camponeses laboriosos! Garanto-vos, camaradas, caros combatentes, que agora já temos os olhos abertos. Sabemos contra quem devemos marchar. Lá na nossa terra, por exemplo, no distrito de Volssk, que é que nos disseram? A igualdade e a fraternidade dos povos. Era isso o que afirmavam os mentores

comunistas... Mas, na realidade, o que se passou? O meu pai escreveu-me uma carta desoladora: fala de uma pilhagem como nunca se viu. A ele, levaram-lhe o trigo e o seu pequeno moinho, quando no decreto se fala dos camponeses laboriosos! Mas esse pequeno moinho ganharam-no os meus pais com o suor do seu rosto. Então eu pergunto: não será isto um roubo da parte dos comunistas? É preciso destruí-los a ferro e fogo.

O orador não conseguiu acabar o discurso. Dois esquadrões insurrectos a cavalo haviam entrado a trote em Usst-Khopérsskaia pelo lado Oeste; a infantaria cossaca descia a vertente meridional das colinas do Don e o tenente Bogatíriov, comandante da 6.^a Brigada especial insurrecta, chegava com o seu Estado-Maior, protegido por um meio-esquadrão.

No mesmo instante, a chuva começou a desabar em catadupas de uma nuvem vinda de leste; algures, para além do Don, acima do Khopr, rugia a trovoada.

O regimento de Serdóbsk formou-se a toda a pressa, dobrando as fileiras. Assim que o grupo de cavaleiros onde se encontrava Bogatíriov surgiu na encosta da colina, o antigo capitão Voronóvski berrou numa voz de comando que os seus soldados lhe não conheciam:

- Regimento! Sentido!

L

Grigóri Melekhov esteve cinco dias em Tatársski, durante os quais semeou para si e para a sogra algumas deciatinas de trigo. Depois, logo após o regresso de Pantelei Prokófiévitch, que vinha magro, em virtude de tanto se ter preocupado com a herdade, e coberto de piolhos, Grigóri preparou-se para voltar à sua unidade que continuava estacionada no Tchir.

Kudínov informara-o das negociações entabuladas com o regimento de Serdóbsk e pedira-lhe para ir reassumir o comando da divisão.

No dia em que resolvera partir para Karguínsskaia, levou o cavalo até ao Don, cerca do meio-dia, para lhe dar de beber antes da viagem; quando descia para a água, que chegava até à paliçada das hortas, viu Akcínia. Seria impressão de Grigóri ou, de facto, ela demorava-se propositadamente a encher o balde para dar tempo a que ele chegasse? A verdade é que Grigóri acelerou involuntariamente a marcha e, um tropel de melancólicas recordações perpassou-lhe pela mente...

Akcínia voltou-se ao ouvir-lhe os passos: o seu rosto exprimia espanto sem dúvida fingido, porém a alegria deste encontro e o seu velho desgosto traíram-na. O sorriso que lhe dirigiu foi tão triste, tão desanimado, adequava-se tão pouco ao seu rosto altivo, que Grigóri sentiu-se estremecer de piedade e amor. Trespassado de angústia, assaltado por mil recordações, fazendo parar o cavalo, disse:

- Bom dia, Akcínia querida.

- Bons dias.

A voz callma de Akcínia exprimia os sentimentos mais diversos: espanto, ternura, desilusão.

- Há muito que não tínhamos a oportunidade de falar.

- É verdade

- Já nem me lembrava do som da tua voz...

- Esqueceste depressa!

- Depressa, julgas tu?

Grigóri segurava pela rédea o cavalo que continuava a puxar para a água. Akcínia, de cabeça baixa, esforçava-se por ,, prender a asa do balde ao gancho da cegonha, mas sem o conseguir.

Uma abetarda passou, voando, por cima deles, a assobiar, qual projectil lançado por uma catapulta. As vagas do rio vinham quebrar-se incansavelmente contra a falésia, lambendo os extractos de argila branca. Outras, coroadas de espuma, avançavam sobre a água que cobria ainda a floresta. O vento trazia do Don uma fina poeira de salpicos, um odor bafiento, enquanto o rio continuava sempre a deslizar para a foz.

Do rosto de Akcínia, o olhar de Grigóri desviou-se para o Don. Os choupos, cujos troncos glabros mergulhavam na água, agitavam os ramos nus e os salgueiros cobertos por um manto de pompons cinzentos erguiam-se sumptuosamente acima da água como pequenas nuvens verdes e fantásticas.

Grigóri inquiriu com uma ponta de despeito e aimargura na voz:

- Então?... Parece que já nem temos assunto para conversar!...

- Porque não dizes nada?

Akcínia, porém, recuperara a calma e nem um só músculo se contraiu no seu rosto frio, ao responder:

- Decerto já dissemos tudo quanto tínhamos a dizer um ao outro...

- Achas que sim?

- Cá por mim, acho. As árvores só dão flor uma vez no ano.

- E pensas que a nossa já perdeu a flor?

- E tu, que dizes?

- Tudo isto é muito estranho...

Grigóri largou o cavalo e, fitando Akcínia, sorriu tristemente.

- Quanto a mim, Ksiúcha, não consigo arrancar-te do meu coração. Bem vês, já tenho filhos crescidos, estou cheio de cabelos brancos e há um ror de anos a separar-nos como uma ravina. Contudo, ainda penso em ti. Vejo-te em sonhos e nunca deixei de te amar. Às vezes, quando estou a pensar em ti, recordo a nossa vida em casa dos Lisstnítzki... o nosso amor... e essas lembranças fazem-me... Outras vezes, ao recordar a minha vida, penso que ela é um bolso vazio, virado do avesso...

- Também eu... Tenho... tenho de me ir embora. Não há tempo para conversas.

Akcínia agarrou nos baldes com um gesto resolutivo, segurou com as mãos crestadas pelo sol a ripa arqueada e, no momento em que começava a subir a ladeira, voltou para Grigóri o rosto que acabava de se cobrir de um rubor delicado e juvenil, quase imperceptível.

- Foi neste mesmo sítio, ao lado do embarcadero, que o nosso amor começou, Grigóri. Lembras-te? Nesse dia os cossacos partiam para os campos disse ela sorrindo, com notas alegres a ressoarem agora na sua voz mais forte.

- Recordo-me de tudo.

Grigóri trouxe o cavalo para casa e atou-o à manjedoura.

Pantelei Prokófievitch, que não fora gradar nessa manhã para se despedir do filho, saiu do telheiro, dizendo:

- Com que então estás de partida? Será preciso dar aveia ao teu cavalo?

- De partida, para onde? - inquiriu Grigóri com um ar distraído.

- Olha que pergunta! Para Karguínsskaia, pois para onde havia de ser?

- Ah, não vou hoje.

- Então?

- Não vou, mudei de ideias...

Grigóri, enquanto passava a língua sobre os beijos secos pelo fogo interior que o devorava, ergueu os olhos ao céu.

- Estou a ver umas nuvens. Vem por aí chuva e não tenho desejo nenhum de me encharcar, não há pressa.

- Tens razão, não há pressa concordou o velho. Mas não acreditava nas razões do filho, pois vira minutos antes, do curral das ovelhas onde estivera, Grigóri em conversa com Akcínia à beira do rio. «Lá recomeça tudo outra vez!» pensou, aterrorizado. «Deus queira que não se repitam também as questões com a Natalia!... Ah, que grande filho da puta, este Grichka! Mas a quem sairá ele com um tal feitio? Decerto não é a mim, ou será!» Parou de descascar a machado um tronco de choupo do qual queria fazer uma trave e fitou as costas curvadas do filho a afastar-se; rebuscando na memória, recordou-se do que fora na mocidade, e concluiu: «Sai a mim, o patife, mas refinou, grande cachorro. Deve ser castigado para não voltar a pôr a cabeça de Akcínia à roda e a semear a discórdia na família. Mas como é que o hei-de castigar?»

Noutros tempos, ao ver Grigóri falar às escondidas com Akcínia, Pantelei Prokófievitch não teria hesitado em lhe atirar à cabeça com a primeira coisa que tivesse à mão. Desta vez, porém, não sabia que atitude tomar; não disse nada nem sequer mostrou que adivinhara o verdadeiro motivo pelo qual Grigóri adiara subitamente a partida. Tudo isto porque Grigóri já não era o «Grichka», o jovem cossaco descarado, mas sim um comandante de divisão, embora sem dragonas, um general a quem obedeciam milhares de cossacos e a quem hoje quase todos tratavam muito respeitosamente por Grigóri Panteleievitch.

Como poderia ele, Pantelei Prokófievitch, que nunca passara de cabo, erguer a mão para um general, ainda que este fosse o seu próprio filho? A noção da disciplina não lhe consentia sequer pensar nisso e ficava pouco à vontade diante de Grigóri.

O motivo de tudo isto fora a ascensão extraordinária deste, mesmo quando andavam a lavar, no terceiro dia de licença, ao ouvir Grigóri interpelá-lo duramente, gritando: «Ehí, que estás tu aí a fazer de boca aberta? Vai buscar a charrual!», o velho nem sequer pestanejava... De há uns tempos para cá dir-se-ia que se haviam invertido os papéis: Grigóri berrava com o pai e este, reconhecendo na voz do filho o tom do comando, apressava-se a obedecer, a coxear com a perna estropiada, num esforço para o satisfazer...

- Diz que tem medo da chuva! Mas não vem lá chuva nenhuma. De onde havia ela de vir, quando o vento sopra de leste e não se vê uma nuvem no céu? Será bom que eu vá falar à Natalia?

Animado com esta ideia, Pantelei Prokófievitch ia dirigir-se para casa, mas desistiu; receando o escândalo pôs-se de novo a descascar o tronco.

De regresso a casa, Akcínia esvaziou os baldes, foi direita ao espelho pregado na pedra do fogão, ficando-se a Olhar por muito tempo o seu rosto envelhecido, porém ainda belo. Mantinha o mesmo encanto, uma beleza impura e atraente, mas o Outono da vida já lhe desbotara as faces, lhe amarelecera as pálpebras, lhe tecera nos cabelos negros uma teia de fios brancos, lhe embaciara o brilho dos olhos, que hoje só exprimiam um melancólico cansaço.

Akcínia ficou assim muito tempo, de pé em frente do espelho, depois, dirigindo-se à cama, caiu de bruços e chorou lágrimas copiosas, tão doces como havia muito não chorava, que a deixaram aliviada.

De Inverno, os ventos gelados rodopiam, uivam sobre as falésias do Don, varrem as cristas das colinas e arrastam uma poalha de neve branca que amontoam ou estendem em sucessivas camadas. Cintilante como açúcar quando lhe bate o sol, azul se fica na sombra, esverdeada pela manhã e rosada à tardinha, a massa da neve coroa a ravina. E ali permanecerá, ameaçadora no seu silêncio, até o degelo a corroer por baixo ou até que um golpe de vento oblíquo a faça desabar, desequilibrando-a com o próprio peso. Cai então com um gemido suave, quebrando pelo caminho as hastes dos arbustos, esmagando os maciços dos pilriteiros que se apertam timidamente uns contra os outros na encosta a pique, arrastando atrás de si uma cauda impetuosa de poalha prateada que se ergue depois até ao céu.

A paixão adormecida de Akcínia estava apenas à espera do mínimo choque. Esse choque foi o encontro com Grigóri, o seu amável «bom dia, Akcínia querida». E ele? Não

era ele também o querido dela? Fora nele que pensara durante todos aqueles anos, dia a dia, hora a hora, voltando sempre à mesma ideia fixa. Fosse o que fosse que pensasse, fizesse ela o que fizesse, tudo ia dar a Grigóri. Era como um cavalo cego a andar em volta do poço...

Ficou deitada até à noite. Então, levantando-se, com o rosto inchado, lavou-se e penteou-se com uma rapidez febril, como a jovem que espera a primeira visita do noivo, e vestiu-se. Enfiou uma camisa lavada, uma saia de lã vermelha, pôs o lenço, examinou-se ao espelho e saiu.

O crepúsculo azulado caía sobre Tatársski. As patas anãs grasnavam com angústia nos prados inundados. Uma lua balofa, doentia, erguia-se atrás dos choupos ao longo do rio.

Sobre a água, o atalho esverdeado aberto pelo luar estava todo agitado de rugas. Os rebanhos haviam regressado da estepe, ainda dia claro. As vacas, que a erva nova não saciava, mugiam nas cercas. Akcínia não ordenhou a dela. Abrindo a porta do estábulo, deixou que um vitelo de focinho branco fosse ter com a mãe; o bicho, depois de colar os beiços gulosos à teta da vaca, ficou-se muito quieto, com as patas de trás estendidas.

Daria Melekhov acabara precisamente de ordenhar e regressava a casa com o passador e o balde quando ouviu chamar atrás da cerca:

- Dariha!
- Quem é?
- Sou eu... a Akcínia... Chega aqui um instantinho.
- Que me queres tu?
- Uma coisa. Vem, pelo amor de Deus!
- Vou passar o leite e não me demoro.
- Bem, espero-te à entrada do meu pátio.
- Combinado.

Daria saía pouco depois. Akcínia esperava-a junto à cancela. Daria cheirava a leite tépido e a estábulo. Ficou admirada ao ver Akcínia sem a saia arregaçada de todos os dias, mas sim muito limpa e bem vestida.

- Acabaste hoje o trabalho muito cedo, vizinha.
- Quando o Stepane cá não está tenho pouco que fazer.
- É só uma vaca. E quase não preciso de cozinhar, como qualquer coisa.
- Que me querias tu?
- Entra um instante. Quero dizer-te uma coisa...

A voz de Akcínia tremia. Daria, adivinhando confusamente o motivo da entrevista, seguiu-a em silêncio.

Sem acender a luz, mal entrou no quarto Akcínia foi direita à arca, procurou lá dentro e, segurando na mão de Daria com a sua, seca e escaldante, emfiou-lhe à pressa um anel no dedo.

- Que estás tu a fazer? Isto é um anel? Para mim?

- Sim, para ti, para ti. É uma recordação...

- É de ouro? inquiriu Daria, toda prática. E foi até à janela observar o anel ao luar.

- É de ouro, sim, mete-o no dedo.

- Está bem, Deus te pague!... Mas porque é... porque me dás tu este presente?

- Diz ao teu... Diz ao Grigóri que me venha ver.

- Com que então, a coisa recomeça, hem? inquiriu Daria com um sorriso cúmplice.

- Não, isso sim! Que estás tu para aí a dizer? Assustou-se Akcínia, corando até às lágrimas. Preciso de lhe falar por causa do Stepane... Talvez ele possa dar-lhe uma licença...

- Mas então porque não foste tu a nossa casa? Se tinhas alguma coisa a dizer-lhe podias muito bem lá ter ido – observou Daria perfidamente.

- Não, não. . A Natalia podia pôr-se a pensar... não estava certo..

- Bom, está bem, vou dizer-lhe que venha cá. Não me custa nada.

Grigóri estava a acabar de cear. Tinha poisado a colher e limpava com as costas da mão o molho que lhe humedecia o bigode quando sentiu um pé Toçar no seu por baixo da mesa.

Ergueu os olhos e viu que Daria lhe fazia um sinal quase imperceptível.

«Se ela quer que eu substitua o pobre do Petro ainda lhe dou uma coça. Levo-a para a eira, levanto-lhe as saias até ao pescoço e chicoteio-a como se fosse uma cadela», pensou Grigóri, furioso. Acolhera sem amenidade as avançadas que a cunhada lhe fazia de há uns tempos para cá. Contudo, levantou-se da mesa, acendeu um cigarro e encaminhou-se sem pressa para a porta. Daria saiu quase a seguir.

No vestíbulo, encostando por momentos o seio ao peito dele, segredou:

- Oh, grande malandrão. Vai ter com ela. Manda-te chamar!

- Quem? - perguntou Grigóri.

- Ela.

Dali a uma hora, quando Natalia e os filhos dormiam já, Grigóri, com o capote abotoado até abaixo, saía com Akcínia pelo portão da herdade dos Asstakhov. Pararam uns instantes na rua escura, sem dizerem palavra e, sempre calados, dirigiram-se para a estepe, convidativa pelo seu silêncio, pela sua escuridão, pelo seu perfume inebriante a erva

nova. Afastando uma das abas do capote Grigóri apertou contra si Akcínia e sentiu que ela tremia, que o coração lhe pulsava por baixo da blusa em pancadas fortes.

LI

No dia seguinte, antes de partir, Grigóri teve uma explicação rápida com Natalia. Esta, chamando-o de parte, perguntou-lhe a meia voz:

- Onde estiveste esta noite? Donde voltaste tão tarde?

- Era assim tão tarde como isso?

- Achas que não? Acordei quando o galo cantou a primeira vez e tu ainda não tinhas chegado ..

- Esteve cá o Kudínov. Fui ter com ele para discutirmos os nossos problemas militares. Não era nada que te dissesse respeito, não são assuntos de mulheres.

- E porque não veio ele dormir a nossa casa?

- Tinha pressa de regressar a Viochénsskaia.

- Em que casa estiveram?

- Na dos Abochtchenkov. Ainda são parentes dele.

Natalia não fez mais perguntas. Devia ter ficado desconfiada, pois mostrava um ar reservado que lhe tornava os olhos brilhantes, e Grigóri não chegou a perceber se ela acreditara ou não.

Almoçou a toda a pressa Pantelei Prokófievitch foi-lhe selar o cavalo e Ilínitchna murmurou-lhe muito depressa ao ouvido enquanto o abençoava e cobria de beijos:

- Deus Meu filho, Deus Não te esqueças de Deus. Ouvimos dizer que tinhas morto uns marinheiros com o teu sabre Santo Deus! Pensa bem, Grichenka. Lembra-te de que tens filhos a crescer e que aqueles a quem deste a morte podem ter filhos também. Como é possível uma coisa destas? Em pequeno eras tão meigo e tão delicado e agora andas sempre com as sobranceiras franzidas. Agora o teu coração é como o de um lobo Ouve a tua mãe, Grichenka. Tu também não sabes a sorte que te espera e podes receber um golpe de sabre da mão de algum malvado.

Grigóri sorriu sem alegria, deu um beijo na mão seca da mãe e, aproximando-se de Natalia, deixou que esta o beijasse friamente; depois voltou-se e não foram lágrimas que ele lhe viu nos olhos, sim uma amargura e uma cólera mal disfarçada.

Despediu-se dos filhos e partiu.

Já com o pé no estribo, enquanto apertava as crinas ásperas do cavalo, pensou: «A minha vida está a seguir um novo rumo, mas o meu coração continua à mesma gelado e vazio... Já nem mesmo Akcínia consegue aquecê-lo.»

Seguiu a passo, rua abaixo, sem se voltar para a família que se agrupava junto ao portão. Ao passar em frente da casa dos Astakhov, lançando um olhar de viés para as janelas, avistou Akcínia na última, a do quarto. Agitou, a sorrir, o lenço bordado que logo fez numa bola, levando-o à boca e às pálpebras arrochadas pela falta de sono

Grigóri meteu o cavalo a trote largo. No alto da ladeira, avistou no caminho de Verão dois cavaleiros e um carro que vinham ao seu encontro. Reconheceu Antip, filho de Avdeitch o Mentiroso, e Stremianíkov, um jovem cossaco muito moreno, do cimo da aldeia. «Trazem mortos» pensou Grigóri ao ver o carro de bois. Ainda de longe perguntou:

- Quem trazem vocês aí?

- Alekcei Chamil, Ivane Tomíline e Iakov o Ferradura.

- Morreram?

- Sim

- Quando?

- Ontem. antes do pôr do sol.

- A bateria não sofreu nada?

- Nada. Mas os vermelhos surpreenderam os nossos artilheiros nos seus alojamentos em Kailinov Ugol. E o Chamil foi passado a fio de sabre, estupidamente.

Grigóri, tirando o barrete, saltou para o chão. A velha cossaca do Tchir que conduzia o carro fez parar os bois.

Os cadáveres vinham deitados ao lado uns dos outros. Grigóri já sentia antes de se aproximar um cheiro adocicado trazido pelo vento. Alekcei Chamil era o do meio. A manga vazia da sua enorme túnica azul estava poisada sobre a cabeça aberta ao meio. O coto do braço, cortado havia muito que outrora fora tão vivo, envolto num trapo sujo, jazia agora hirto sobre o peito alto que já não respirava. Uma cólera furiosa fixara-se para sempre na expressão da sua boca de dentes brancos, enquanto os olhos endurecidos contemplavam o céu azul, as nuvens a flutuarem por cima da estepe, com um ar sonhador e tranquilo, uma aparência de tristeza.

O rosto de Tomíline estava irreconhecível; a bem dizer, já nem era um rosto, mas sim uma coisa vermelha e informe, estraçalhada em diagonal por um golpe de sabre. Iakov o Ferradura, deitado de lado, tornara-se amarelo cor de açafão; tinha o pescoço todo torcido e a cabeça quase despegada do corpo.

O osso branco da clavícula partida saía para fora do blusão de caqui, e na testa, por cima do olho, via-se o buraco sangrento de uma bala. Talvez com pena de o ver morrer tão lentamente, um vermelho dera-lhe um tiro à queima-roupa, e o rosto do cadáver conservava ainda os vestígios da queimadura e manchas negras da pólvora.

- Ora bem, meus irmãos, vamos fumar um cigarro por a'lma dos nossos compatriotas - propôs Grigóri.

Afastando-se um pouco, foi afrouxar a cilha do cavalo, tirou-lhe o freio, passou-lhe as rédeas por baixo da pata direita da frente, para que pastasse a erva sedosa de hastes pontiagudas.

Antip e Strémianikov não se fizeram rogados para desmontar; ppearam também os cavalos, deixando-os pastar. Deitaram-se no chão e começaram a fumar. Grigóri observava um dos bois, cujo pêlo hirsuto não caíra ainda, o qual se dirigia para um pequeno tufo de tanchagem. Inquiriu:

- Como morreu o Chamil?

- De uma maneira estúpida, imagina, Grigóri Panteleievitch.

- Então?

- Vais ver como foi começou Strémianikov. Ontem ao meio-dia saímos em patrulha. Por ordem do próprio Platon Riabtchikov, sob o comando de um ajudante... Como se chamava ele, Antiip? O nosso ajudante?...

- Sei lá...

- Oh, que o leve o diabo! Não o conhecíamos, não pertencia ao esquadrão. Bem... Lá vamos nós, éramos catorze, contando o Chamil. Andou satisfeito o dia todo, pelos vistos não tinha nenhum mau pressentimento. Enquanto íamos avançando, abanava o coto do braço, até que, poisando as rédeas sobre o pomo da sela, disse: «Ah, quando voltará o nosso Grigóri Panteleievitch, para bebermos mais uns copos e cantarmos umas cantiguinhas!» E durante todo o caminho, até chegarmos à colina atychevski, foi a cantar:

Passamos além da serra

Nada nos pode deter

Os cossacos nesta guerra

Hão-de por força vencer!

E lá fomos descendo até ao Vale Lodoso, quando a certa altura o nosso ajudante nos diz: «Não se vêem vermelhos em lado nenhum, rapazes. Decerto ainda não saíram da aldeia de Asstakhovo. São camponeses, devem ter preguiça de se levantar. com certeza

ainda estão à espera que lhes assem os frangos para comerem. Vamos nós também descansar um bocado. Os nossos cavalos estão alagados em suor.» «Boa ideia», respondemos nós. E, desmontando, deitámo-nos no chão depois de termos mandado um vigia lá para o alto. Já estávamos todos a descansar quando eu reparo que o pobre Chamil continuava ao pé do cavalo, a desapertar a cilha. Vou eu então e disse-lhe: «Alekei, nunca devias ter feito tal coisa. Se formos obrigados a fugir Deus nos livre disso, como é que há-de apertar a cilha à pressa só com uma mão?» Ele então pôs-se a rir: «Ainda sou capaz de a apertar mais depressa do que tu, meu palerma.» Em resumo, aliviou a cilha e tirou o freio ao cavalo. Ficámos deitados durante um bocado, uns a fumar e a contar anedotas, outros a dormir a sesta. O nosso vigia adormeceu também. O patife, que se deitara, roncava como um porco. Ouvei então qualquer coisa ao longe, assim como se fosse um cavalo a sacudir-se. Estava cheio de preguiça, mas mesmo assim levantei-me e subi o monte. Quando Olhei, vi os vermelhos a cem passos de nós, subindo a encosta. À frente vinha o comandante deles, num cavalo baio, um animal belo como um leão. Traziam uma metralhadora de disco. Desci a correr a encosta e gritei: «Os vermelhos! A cavalo!» Decerto os tipos também já me tinham visto, porque ouvimos logo uma ordem do lado deles. Corremos para os cavalos, o ajudante tinha desembainhado o sabre e queria atacar, mas como havíamos nós de fazer isso se éramos apenas catorze e eles uns cinquenta, e ainda por cima com uma metralhadora! Largámos a fugir à desfilada, e eles mandaram-nos uma rajada de balas, mas viram logo que com isso não conseguiam nada porque a ravina protegia-nos. Lançaram-se então atrás de nós, rmas, como os nossos cavalos eram mais rápidos do que os deles, ganhámos logo umas cem ságenas de avanço. Então desmontámos e começámos a atirar. Só nessa altura reparámos que o Chamil não vinha connosco. Ao ouvir o meu grito, correu para o cavalo, agarrou no pomo da sela com a mão válida, mas, ao colocar o pé no estribo, a sela resvalou para a barriga do animal. Antes que pudesse montar, deu de caras com os vermelhos. O cavalo veio ter connosco, a deitar fumo pelas ventas, com a sela a baloiçar por baixo da barriga. Estava de tal modo espantado que não deixava ninguém aproximar-se, soprava como um diabo. Foi assim que acabou o Chamil. Se não tivesse desapertado a sela, ainda agora estaria vivo...

Strémianikhov, sorrindo sob o pequeno bigode negro, concluiu:

- Ainda ontem andou todo o dia a cantar:

O urso do velhote

Bate na vaquinha,

E se eu não fujo a trote

Mói-me a cabecinha.

- A ele é que moeram bem a pinha... Ninguém o reconhece.

- Perdeu o sangue todo, como um boi no açougue...

- Depois de repelirmos os vermelhos, voltámos ao mesmo sítio e vimo-lo a nadar numa poça de sangue.

- Então, vamos embora? - perguntou a velha com impaciência, afastando da boca o lenço com que se protegia do sol.

- Não temos pressa, tiazinha. Vamos já.

- Não temos pressa? Os mortos cheiram mal como a peste!

- Como é que eles não haviam de cheirar mal? - disse Antip. - Comiam carne e andavam com mulheres. Quem faz isso começa a cheirar mal mesmo antes de morrer. Dizem que só os santos cheiram bem depois de mortos, mas quanto a mim isso é treta. Por muito santo que se seja, depois de morto, é-se igual aos outros, é a lei da natureza, cheirasse mal como uma latrina. Os santos, como toda a gente, alimentam-se pelas entranhas, e têm as mesmas trinta archines de tripas que Deus dá a todos os homens - concluiu pensativamente Anitíp.

Porém Strémiamikhov, irritando-se sem motivo aparente, exclamou:

- Que necessidade tens tu de falar nos santos? Que tens tu a ver com eles? Vamos embora!

Grigóri, depois de se despedir dos cossacos, aproximou-se da carroça para saudar os mortos; só então reparou que estavam todos três descalços e viu três pares de botas alinhadas junto dos pés deles.

- Porque é que descalçaram os cadáveres?

- Foram os nossos cossacos, Grigóri Pamteleiévitich... Os defuntos estavam bem calçados, por isso, lá no esquadrão, resolveram tirar-lhes as botas e dá-las àqueles que estavam mal calçados e mandar o calçado velho para a aldeia juntamente com os mortos. Os defuntos tinham filhos que podem acabar de estragar as botas velhas... Anikuchka disse assim: «Os mortos não voltam a andar nem a montar a cavallo. Dêem-me as botas do Chamil que ainda têm uma boa sola. Daqui até eu apanhar as botas de um vermelho tenho tempo de morrer congelado.»

Grigóri foi-se embora e, ao afastar-se, ouviu ainda uma discussão Strémianikhov gritava com a sua voz de tenor:

- Estás a dizer asneiras, Antjp. Não era sem razão que chamavam o «Mentiroso» ao teu pai. Nunca houve nenhum santo cossaco. Foram sempre todos camponeses.

- Ai isso é que houve!

- Não digas asneiras!
- Houve, sim senhor!
- Qual?
- S. Jorge, o vencedor do dragão!
- Oh-oh-oho; desgraçado. Então esse era cossaco?
- Puro cossaco do Don, de uma stanitsa lá para cima, talvez de Semikarakósskaia.
- O que tu vais inventar. Ele não era nada cossaco!
- Ah, não era cossaco? Então porque o pintam com uma lança?

Grigóri não ouviu o resto. Metendo o cavalo a trote, desceu a encosta e, ao atravessar a estrada dos hetmains, avistou a carroça e os cavaleiros que desciam a passo para a aldeia.

Seguiu sempre a trote quase até Kairguínsskaia. Uma brisa leve agitava as crinas do cavalo que não chegou a suar. Enormes ratos do trigo atravessaram a estrada assobiando, inquietos. Esse assobio agudo e agoirento casava-se bem com o grande silêncio que pairava sobre a estepe. No alto dos outeiros que ladeavam a estrada voavam patos bravos. Um deles, branco como a neve a brilhar ao sol, avançava no ar com um bater de asas rápido e vigoroso; chegando ao zénite ficou como que a pairar na imensidade azulada a impetuosidade do voo alongava-lhe o pescoço cingido por um colar de veludo negro.

Afastava-se rapidamente. Ao cabo de uma centena de ságenas, desceu, com as asas a vibrarem ainda mais depressa, mas parecendo imóvel. Já perto da terra, o brilho das asas brancas como espuma cintilou pela última vez, e depois desapareceu: a ave sumiu-se engolida pelas ervas.

O apelo apaixonado dos machos ressoava por todos os lados. No alto de uma colina, perto do Tchir, a poucos passos da estrada, Grigóri viu, do alto da sela, um círculo de terreno, de arquine e meia de diâmetro, todo espezinhado por dois machos que haviam lutado por causa de uma fêmea. Não se via ali um único fio de erva, nada, apenas uma camada igual de poeira cinzenta crivada de marcas em cruz. Em volta, presas ao ramos e às silvas secas, pendiam, tremulando ao vento, as penas de várias cores perdidas na refrega, que haviam sido arrancadas das costas e da cauda dos combatentes.

Perto dali, uma abetarda cinzenta, esquelética, voou do ninho. Curvada como uma velha, a movimentar agilmente as patas, correu para um tufo de ervas secas e ocultou-se ali, sem se atrever a levantar voo.

A vida invisível, fecundada pela Primavera, estendia-se pela estepe; a erva crescia impetuosamente; escondidos da vista cruel do homem nos refúgios da estepe, formavam-se casais de pássaros e outros animais de todos os tamanhos, as sementes brotavam por

toda a parte nos campos lavrados. Apenas os cardos rolantes do ano anterior, terminada a sua época, pendiam tristemente nos cômodos dos antigos túmulos disseminados pela estepe, colando-se à terra em busca de protecção. Porém o vento fresco e vivificante quebrava-os junto à raiz seca e impelia-os, fazendo-os rolar em todos os sentidos sobre a estepe resplandecente de sol e que renascia para a vida.

Grigóri chegou antes da noite a Karguínsskaia. Atravessara o Tchir a vau; encontrou Riábtchikov instalado no acampamento junto ao burgo cossaco.

No dia seguinte pela manhã, Riábtchikov entregou-lhe o comando das unidades da 1.ª Divisão dispersas pelas aldeias.

Grigóri leu os últimos relatórios enviados pelo Estado-Maior e, após ter reunido conselho com o seu chefe, Mikhail Kopilov, resolveu atacar pelo sul e avançar até Astakhov.

As unidades sofriam de uma incrível penúria de cartuchos.

Era preciso ir tirá-los aos vermelhos. Era este, portanto, o objectivo essencial da ofensiva empreendida por Grigóri.

Nessa noite três regimentos de cavalaria e um de infantaria foram reunidos em Karguínsskaia. Levaram apenas seis das vinte e duas metralhadoras e espingardas-metralhadoras que possuía a divisão: não havia munições para as restantes.

A ofensiva começou na manhã seguinte. Grigóri, abandonando o seu Estado-Maior no caminho, assumiu o comando do 3.º Regimento de cavalaria e, mandando partir à frente batedores a cavalo, dirigiu-o em ordem de marcha para a povoação de Ponomarevka, onde, no dizer dos batedores, se encontravam reunidos os regimentos vermelhos 101 e 103 de infantaria, preparando um ataque contra Karguínsskaia.

A três verstás da stanitsa, alcançou o um estafeta que lhe trazia um bilhete de Kudínov:

O regimento de Serdóbsk rendeu-se! Todos os soldados foram desarmados. Tentaram resistir uns vinte, mas Bogattíriov mandou-os desta para melhor; passou-os a fio de sabre.

Entregaram-nos quatro peças mas aqueles malandros dos artilheiros comunistas tinham conseguido retirar-lhe as culatras, mais duzentos obuses e nove metralhadoras. Estamos todos radiantes. Vamos distribuir os vermelhos pelos esquadrões a pé e obrigá-los a combater contra os seus. Como correm as coisas por aí? Ah, já me esquecia dizer-te que apanhámos alguns comunistas lá dos teus lados: Kothiarov, Kochevói e alguns tipos de Elánskaia. Vamos liquidá-los todos

pelo caminho antes de chegarmos a Viochénskaja. Se tiveres grande necessidade de cartuchos manda dizer pelo portador desta para te enviarmos uns quinhentos.

Kudínov

- Ordenança! gritou Grigóri.

Prokhor Zikov chegou a galope, mas, ao ver a expressão transtornada de Grigóri levou a mão à pala do boné.

- Às ordens!

- Riáhtchikov. Onde está Riáhtchikov?

- Vem na cauda da coluna.

- Vai buscá-lo a galope. Quero vê-lo imediatamente.

Platone Riáhtchikov, passando a trote à frente da coluna, veio ter com Grigóri. Trazia a pele do rosto gretada pelo vento. O bigode loiro e as sobrancelhas queimadas pelo sol primaveril estavam da cor do pêlo da raposa. Sorria enquanto fumava um cigarro. O seu cavalo baio escuro, bem alimentado, não perdera peso durante os meses da Primavera. Saltitava, satisfeito, com as correias de coiro a brilharem.

- Uma carta de Viochénskaja? - exclamou Riáhtchikov, ao ver o estafeta ao lado de Grigóri.

- Uma carta, sim - respondeu Grigóri num tom reticente.

- Ficas com o comando da divisão. Tenho de me ausentar.

- Está bem, está bem. Mas porquê tanta pressa? Que dizem eles? Quem te escreveu? O Kudínov?

- O regimento de Serdóbsk rendeu-se em Usst-Khopérskaia.

- O quê? Mas isso é ótimo para nós. Partes já?

- Já, imediatamente.

- Bom, Deus te acompanhe. Estaremos em Asstakhovo antes do teu regresso.

«Se eu ainda conseguisse encontrar vivos o Michka e o Iváne Alekceiévitich... Tenho de saber quem matou o Petro... e de salvar Michka e Iváne da morte. Salvar... há sangue entre nós, mas mesmo assim não somos estrangeiros uns para os outros!» pensava Grigóri, enquanto fustigava furiosamente o cavalo que descia a encosta à desfilada.

LII

Logo que os esquadrões insurrectos entraram em Usst-Khopérskaia e cercaram os homens de Serdóbsk reunidos na praça, Bogatíriov foi conferenciar com Vorónovski e Voilkov. A entrevista teve lugar perto da praça, em casa de um comerciante, e foi breve Bogatínov, sem poisar o chicote, cumprimentou Vorónovski e disse:

- Tudo correu bem. Teremos isso em conta a seu favor.

- Mas como diabo não conseguiram vocês salvar os canhões?

- Foi um azar. Um puro azar. Os artilheiros eram quase todos comunistas e opuseram-nos uma resistência desesperada quando começámos a desarmá-los mataram-nos dois homens e fugiram, levando as culatras.

- Que pena.

Bogatíriov atirou para cima da mesa o boné que ainda trazia a manca de uma roseta de oficial e, enxugando com o lenço o crânio rapado e o rosto moreno banhado em suor, acrescentou a sorrir contrafeito:

- Bem .. Agora digam aos vossos soldados Façam-lhescompreender que devem que devem que devem entregar todas as armas.

Vorónovski, humilhado pelo tom de comando do oficial cossaco, respondeu a gaguejar:

- Todas as armas?

- Não costumo repetir duas vezes a mesma coisa. Quando digo todas é porque são todas.

- No entanto, o senhor e os seus chefes tinham concordado em não desarmar o regimento. Então? Bem, eu compreendo que devêssemos entregar as metralhadoras, os canhões, as granadas de mão, está claro. Mas o armamento individual dos soldados vermelhos .

- Já não há soldados vermelhos! - gritou Bogatínov, erguendo a voz Arreganhava ferozmente o lábio superior bem barbeado e batia com o chicote nas botas enlameadas. Já não há soldados vermelhos! Há soldados que defendem a terra do Don. Perceberam? E se eles não quiserem obedecer, saberemos obrigá-los Nada de choradeiras! Vocês devastaram o nosso país e tu agora vens fazer exigências! Entre nós não há condições. Perceberam?...

O jovem tenente Volkov, chefe do Estado-Maior do regimento de Serdóbsk, sentia-se ofendido. Percorria nervosamente com os dedos os botões da gola alta do blusão 'preto da farda e despenteava os caracóis negros do topete encaracolado. Perguntou com voz seca:

- Nesse caso considera-nos prisioneiros? Não é verdade?

- Não foi isso o que eu disse e guarda para ti as considerações - respondeu com grosseria Bogatíriov.

Tratara-o por tu e dava claramente a entender que os seus interlocutores dependiam inteiramente dele.

Durante um minuto reinou o silêncio. Vinha da praça um ruído surdo. Vorónovski passeou várias vezes para cá e para lá, na sala, fazendo estalar os dedos, abotoou até cima a túnica de agasalho cor de caqui, e disse a Bogatíriov, piscando nervosamente os olhos:

- O seu tom ofende-nos e não é digno de um oficial russo. Digo-o francamente. E vamos ver, já que o senhor a isso nos obriga, vamos ver qual a atitude que iremos tomar... Tenente Volkov! Ordeno-lhe que vá à praça dizer aos graduados que não entreguem as suas armas aos cossacos sob pretexto nenhum. Vou acabar a conversa com este... com este senhor Bogatíriov, e irei imediatamente ter consigo.

A cólera cobriu de manchas negras o rosto de Bogatíriov.

Quis ainda dizer alguma coisa, mas, compreendendo que fora longe de mais, conteve-se e mudou bruscamente de atitude.

Enterrou o boné até às orelhas e retomou a palavra, sem deixar de brincar raivosamente com o chicote esfiapado. Transpareciam, porém, na sua voz uma suavidade e uma delicadeza inesperadas.

- Meus senhores, não me fiz compreender bem. Evidentemente que eu não tenho muita instrução, não estudei nas escolas e talvez não conseguisse explicar-me, mas enfim, acabemos com isto. Encontramo-nos todos no mesmo barco. Não podemos estar a ofender-nos uns aos outros. Que é que eu disse? Apenas que ia desarmar imediatamente os vossos soldados vermelhos, particularmente aqueles que não oferecem garantias nem a vocês nem a mim... O que eu disse foi isto.

- Então, se me dá licença, é preciso explicarmo-nos mais claramente. Além de tudo, tem de concordar que o seu tom provocante, toda a sua atitude...

Voronóvski prosseguiu num tom mais amável, depois de encolher os ombros, mas ainda com uma ponta de indignação na voz:

- Nós também pensámos que seria melhor desarmar os elementos hesitantes e pouco seguros e pô-los à sua disposição...

- Pois é isso mesmo o que eu digo!

- Mas nós já tínhamos resolvido fazê-lo. Quanto ao núcleo de combate, havemos de mantê-lo, custe o que custar. Eu próprio ou o tenente Volkov, aqui presente, que o senhor julgou poder tratar por tu embora não tivesse com ele a mínima intimidade... um de nós assumirá o comando, e saberemos lavar-nos com honra da vergonha de havermos pertencido ao Exército Vermelho. Tem de nos dar essa possibilidade.

- De quantos homens se compõe o seu núcleo de combate?

- Cerca de duzentos.

- Está bem, de acordo - concedeu de má vontade Bogatíriov.

Levantando-se, abriu a porta e gritou muito alto:

- Patroa!

Apareceu uma velha envolta num xale de agasalho.

- Traz-me leite fresco, avia-te!

- Leite não tenho, peço desculpa.

- Mas para os vermelhos tinhas, quer-me parecer. Para nós é que não há - disse Bogatíriov com um sorriso azedo.

Estabeleceu-se de novo um silêncio incómodo. O tenente Volkov interrompeu-o:

- Sempre vou?...

- Sim - respondeu suspirando Voronóvski. - Vá e diga que desarmem todos os que estão marcados nas nossas listas. Quem as têm é o Gorigassov e o Wedstmunster.

Apenas o seu amor-próprio de oficial o levava a dizer «vamos a ver qual a atitude que iremos tomar». Na verdade, o capitão Voronóvski compreendia perfeitamente que perdera a partida e não podia recuar. Seguindo as informações que possuía, as forças enviadas pelo comando para desarmar o regimento de Serdóbsk tinham partido de Usst-Medvédzkzkaia e estavam a chegar de um momento para o outro. Mas, por seu lado Bogatíriov reconhecera em Voronóvski um homem firme e intrépido, que cortara todas as pontes atrás de si. Por isso assumiu a responsabilidade de consentir na formação de uma unidade de combate autónoma composta péla parte sã do regimento. E assim terminou a entrevista.

Entretanto, os insurrectos, sem esperarem pelo resultado da conferência, tinham começado energicamente a desarmar os soldados de Serdóbsk. Os olhos e as mãos ávidas dos cossacos vasculhavam as carroças do regimento. Pilhavam não só os cartuchos mas também as botas amarelas de sola alta do Exército Vermelho, os fardos de grevas, os capotes, as calças acolchoadas, os víveres. Uns vinte homens do regimento vermelho, descobrindo a manobra arbitrária dos cossacos, tentaram resistir. Um deles vibrou uma

coronhada no cossaco que o revistava e lhe confiscara com toda a calma a carteira. Exclamou:

- Ladrão! Dá cá o que roubaste, senão tens de te haver com a minha baioneta!

Os camaradas apoiaram-no. Ergueram-se exclamações indignadas:

- Camaradas, às armas!

- Fomos enganados!

- Não entreguem as espingardas!

Chegou-se a vias de facto, e os vermelhos recalcitrantes foram empurrados de encontro a uma cerca; os cossacos a cavalo, encorajados pelo chefe do terceiro esquadrão, passaram-nos a fio de sabre em menos de dois minutos.

Após a chegada do tenente Volkov, as operações de desarmamento prosseguiram com mais rapidez. Revistavam-se os homens sob uma chuvada torrencial. Junto às fileiras iam-se amontoando as espingardas, as granadas, o material de transmissão, as caixas de cartuchos e as fitas das metralhadoras.

Bogatíriov chegou à praça a galope. Fazendo caracolear o cavalo feroso diante dos soldados vermelhos desarmados, gritou, a erguer num gesto ameaçador o chicote acima da cabeça:

- Escutem bem! A partir de hoje ides bater-vos contra esses malandros dos comunistas e contra as suas tropas. Aqueles que nos acompanharem sem discutir serão perdoados. Quem refilar, já sabe o que o espera!

E mostrava com o chicote os cadáveres dos soldados passados a sabre, que os cossacos já haviam despido: um amontoado branco e informe, que a chuva ia encharcando.

Um leve murmúrio passou como uma onda nas fileiras dos homens de Serdóbsk, mas ninguém proferiu em voz alta o menor protesto, nem saiu do seu lugar...

De todos os lados surgiam cossacos a pé ou a cavalo, em grupos ou isolados. Num outeiro ao lado do adro da igreja, as metralhadoras do regimento de Serdóbsk, pintadas de verde, esperaram, voltadas para a praça; junto delas, abrigados atrás dos anteparos, os artilheiros cossacos encontravam-se prontos a disparar.

Uma hora depois, Voronóvski e Volkov haviam escolhido já nas suas listas os «elementos seguros», ou seja cento e noventa e quatro homens. A unidade assim formada, que recebeu o nome de «primeiro batalhão especial insurrecto», partiu nesse mesmo dia para tomar posição junto da aldeia de Belavinsski, donde vários regimentos da 23.^a Divisão de cavalaria vermelha, vinda do Donetz, haviam lançado uma ofensiva. Dizia-se que os regimentos vermelhos que nela tomavam parte eram o 15.^o sob o comando de Bikadórov,

e o 32.º, sob o comando de Michka Blinov. Avançavam, levando diante de si as unidades insurrectas que lhes resistiam. Uma delas formada à pressa por uma aldeia da stanitsa de Kihopérskaia, havia sido desbaratada.

Em frente de Blinov é que Bogatíriov decidiu fazer avançar o batalhão de Voronóvski para pôr à prova a sua firmeza debaixo do fogo...

Os outros homens do regimento de Serdóbsk, um pouco mais de oitocentos, foram enviados a pé ao longo do Don, em direcção a Viochénskaia, conforme as instruções de Kudínov na sua carta a Bogatíriov. Eram escoltados por três esquadrões a cavalo armados de metralhadoras tomadas ao regimento de Serdóbsk.

Antes de deixar Usst-Kopérskaia, Bogatíriov assistiu à missa e saiu logo que o padre acabou de implorar a Deus que concedesse a vitória ao «cristianíssimo exército cossaco». Trouxeram-lhe o cavalo, ele montou e, chamando o chefe de um dos esquadrões deixados como guarda de flanco em Usst-Khopérskaia, murmurou-lhe ao ouvido, curvando-se na sela:

- Vigia os comunistas o mais de perto que possas. Amanhã de manhã manda-os para Viochénskaia com uma boa escolta. Mas é preciso enviar imediatamente batedores pelas aldeias fora para explicarem às pessoas quem eles são. O povo se encarregará de fazer justiça.

E, acabando de dizer isto, foi-se embora.

LIII

Num belo dia de Abril, a meio da tarde, surgiu um aeroplano por cima da aldeia de Singuine, na stanitsa de Viochénsskaia.

Atraídos pelo rugido do motor, as crianças, as mulheres e os vermelhos saíram para a rua; com a cabeça voltada para o céu e a mão em pala sobre os olhos, fitavam o aparelho que adornava e descrevia círculos como um milhano no céu azul-esfumado. O barulho do motor tornou-se mais forte e insistente. O aeroplano descia depois de ter descoberto um local de aterragem num prado atrás da aldeia.

- Cuidado, ele vai atirar bombas! - gritou um velho assustado.

E a multidão, que se agrupara na viela, dispersou. As mulheres arrastavam os filhos que berravam, os velhos, saltando as cercas com uma agilidade de cabritos, corriam pelos quintais.

Na rua ficara apenas uma velha. Também quis fugir, mas, ou porque tropeçasse num monte de terra ou porque tivesse caído de susto, a verdade é que ficou estendida no chão, com as pernas impudicamente erguidas, a berrar sem se fazer ouvir:

- Socorro! Acudam-me! Vou morrer!

Ninguém lhe acudiu. O aeroplano passou mesmo por cima de uma granja com um rugido ensurdecador, roncando e assobiando como um vendaval, e a sua sombra escondeu por instantes a luz do céu aos olhos da velha, encarquilhados numa angústia mortal. Depois as rodas pisaram com moleza a terra húmida do prado comunal e o aparelho deslizou pela estepe fora. Nesse momento, a velhota mijou-se toda. Encontrava-se estendida por terra, sem ver nem ouvir nada do que se passava à sua volta. Não deu portanto pela presença dos dois homens vestidos de coiro preto que saíram do terrível pássaro negro e se dirigiram, após um momento de hesitação, para a herdade mais próxima.

Porém, o marido da velhota, que se escondera no quintal atrás de uma silveira, era um tipo corajoso. Embora o seu coração batesse tanto como o de um pardal apanhado na rede, atreveu-se a espreitar. E assim, num dos homens que se aproximavam da sua herdade, reconheceu o oficial Bogatíriov, filho de um dos seus antigos camaradas de regimento. É certo que Piotr (*Faz-se distinção entre a forma popular cossaca do nome de Pedro,*

Petro, empregada pelo velho, e a forma russa Piotr, empregada pelo narrador), primo de Grigóri Bogatíriov, comandante da 6.^a brigada especial insurrecta, seguiu os brancos na retirada para lá do Donetz, mas não havia dúvidas de que era este.

O velho ficou um momento a observá-lo, de braços caídos, acorçado como uma lebre; depois de se convencer de que aquele homem de olhos azuis era bem o mesmo Piotr Bogatíriov que ele vira no ano anterior embora uma barba de alguns dias lhe escondesse em parte o rosto, pôs-se de pé, a experimentar as pernas... Como as não sentisse tremer demasiado, resolveu sair do quintal num passo miúdo.

Sem fazer caso da mulher, que continuava estendida na poeira do caminho, dirigiu-se a Piotr e ao companheiro, a erguer já de longe o velho boné cossaco. Piotr Bogatíriov, reconhecendo-o, cumprimentou-o a sorrir, com um gesto da mão.

Dirigiram-se ao encontro um do outro.

- Com licença. O senhor é o Petro Grigóritch?

- Sou eu mesmo, tiozinho.

- Deus fez com que eu vivesse até me ser dado ver uma máquina voadora. Apanhámos um destes sustos!...

- Há vermelhos cá para estes lados, tiozinho?

- Não, nem por sombras, meu senhor. Mandámo-los todos para a outra margem do Tchór, para os ucranianos.

- Os cossacos daqui revoltaram-se?

- Revoltaram-se, sim senhor, mas há também alguns que nunca mais se revoltam.

- Então?

- Quero dizer com isto que morreram muitos.

- Ah! A minha família, o meu pai, ainda estão todos vivos?

- Todos. Vêm então do outro lado do Donetz? Não viu por lá o meu Tikhone?

- Sim, vimos do Donetz. E trago-te notícias do Tikhone.

- Olha, tiozinho. fica de guarda à nossa máquina, não deixes os garotos mexerem-lhe, enquanto eu vou a casa. Anda.

Piotr Bogatíriov e o companheiro foram-se embora. Então as pessoas começaram a sair dos quintais, dos telheiros, das adegas, de todos os buracos onde se haviam refugiado com medo. A multidão rodeou o aeroplano que cheirava a metal quente, a gasolina e a óleo. As suas asas de tela esticada achavam-se furadas em vários sítios pelas balas e por estilhaços de obus. Aquela máquina maravilhosa estava imóvel e quente como um cavalo nervoso.

O velho que fora ao encontro de Piotr Bogatíriov correu para a viela onde deixara a mulher, para lhe participar as boas notícias que soubera de Tikhone, filho de ambos, o qual partira com a administração do distrito.

Porém a velha já lá não estava. Voltara a casa, fechara-se na arrecadação, onde estava mudando de camisa e de saia.

O velho, acabando por a descobrir, exclamou:

- Está ali o Piotr Bogatíriov. Traz-nos recados do Tikhone.

Indignou-se o mais possível quando viu que a mulher mudara de roupa:

- Mas que raio de ideia te passou pela cabeça, velha coruja? Queres agora parecer bem? Ah grande filha da puta! Alguém repara em ti, minha velha bruxa! A estas horas julga-se uma donzela!

Não tardou que os velhos se reunissem na quinta do pai de Piotr Bogatíriov. Cada um que entrava, depois de tirar o boné, persignava-se diante dos ícones, sentando-se cerimoniosamente no banco, apoiado à bengala. Estabeleceu-se a conversa.

Piotr Bogatíriov, enquanto ia sorvendo um copo de leite frio, contou que fora encarregado pelo governo do Don de estabelecer a ligação com os insurrectos do Alto-Don e de os ajudar na luta contra os vermelhos, enviando-lhes por avião oficiais e munições. Anunciou que o Exército do Don em breve passaria à ofensiva em toda a frente e que iria reunir-se ao exército insurrecto. A propósito, censurou aos velhos a atitude assumida pelos jovens cossacos que haviam abandonado a frente e dado passagem aos vermelhos através das suas terras. Terminou com as seguintes palavras: ...mas já que viestes às boas e expulsastes o poder soviético das vossas stanitsas, o governo do Eton perdoa-vos.

- Nós continuamos com o poder soviético, Petro Grigóritch, mas sem os comunistas. A nossa bandeira não é tricolor, mas sim vermelha e branca disse um dos velhos, sem grande convicção.

- E os nossos jovens, esses filhos-da-mãe, esses degenerados, tratam-se uns aos outros por «camaradas» - acrescentou outro.

Piotr Bogatíriov, sorrindo sob o bigode curto e ruivo, disse, a piscar maliciosamente os olhitos redondos e azuis:

- O vosso poder soviético é como o gelo quando chega a Primavera: basta que o sol aqueça um pouco para o derreter.

- Quanto aos chefes, aqueles que abandonaram a frente diante de Kalatch, quando regressarmos da outra margem do Donetz, castigá-los-emos.

- Até os deixarmos a escorrer sangue, os miseráveis!

- É do regulamento!

- Havemos de castigá-los! Isso é que havemos!

- Diante de todos, para que fiquem sabendo!

Assim resmungavam os velhos, todos satisfeitos.

Nessa mesma noite, Kudínov e o seu chefe de Estado-Maior Ilia Safónov, prevenidos por uma estafeta, chegaram a Singuine num carro puxado por três cavalos cobertos de espuma.

Sem se demorarem a limpar a lama das botas nem dos capotes, entraram quase a correr na herdade, tão satisfeitos estavam com a vinda de Piotr Bogatíriov.

LIV

Os vinte e cinco comunistas entregues pelo regimento de Serdóbsk aos insurrectos saíram de Usst-Khopérskaia sob uma escolta reforçada. Não podiam pensar em evadir-se. Iváne Alekceiévitich, que caminhava a coxear no meio da coluna, observava com ódio e angústia o rosto de pedra dos cossacos da escolta. Pensava: «Conduzem-nos à morte. Se não houver julgamento estamos perdidos.»

A escolta era composta na sua maior parte por cossacos velhos e barbudos. Comandava-a um velho-crente que pertencera ao regimento atamanski da guarda imperial. Mal o cortejo saiu de Usst-Khopérskaia, deu ordem aos prisioneiros para que não falassem uns com os outros, não fumassem nem dirigissem a palavra aos soldados da escolta.

- Façam as vossas orações, lacaios do Anticristo! Ides morrer. Ao menos não façais pecados durante o pouco tempo de vida que vos resta. Ah! Desprezaram a Deus! Venderam-se ao demónio. Trazem a marca do inimigo.

E ora brandia a pistola, ora puxava pela correia do revólver que trazia pendurado ao pescoço.

Entre os prisioneiros, contavam-se apenas dois comunistas dos quadros do regimento de Serdóbsk. Os outros, com excepção de Iváne Alekceiévitich, eram não-cossacos da stanitsa de Elánskaia, rapagões fortes que haviam aderido ao Partido no momento da entrada das tropas soviéticas na stanitsa, tendo servido como milicianos, como presidentes de comités revolucionários nas aldeias, fugindo para Usst-Kopérskaia após a insurreição que os levava para o regimento de Serdóbsk.

Eram quase todos artífices: carpinteiros, marceneiros, tanoeiros, pedreiros, ferreiros, sapateiros, alfaiates. O mais velho não teria ainda trinta e cinco anos e o mais novo apenas vinte.

Fortes e saudáveis, com as mãos desenvolvidas pelo trabalho físico, os ombros e o peito largos, faziam contraste com os velhos acalchinados da escolta.

- Achas que nos vão julgar? - perguntou a Iváne Alekceiévitich um dos comunistas de Elánskaia que caminhava ao seu lado.

- Não me parece...

- Então matam-nos?

- É provável.

- Mas parece que os tipos não costumam fuzilar. Era isso que afirmavam os cossacos, não te recordas?

Iváne Alekceiévitich não retorquiu, mas a esperança brotou dentro dele como uma faúlha soprada pelo vento: «É certo! Eles não podem fuzilar-nos. A palavra de ordem daqueles malvados é «Abaixo a comuna, as pilhagens e os fuzilamentos!»

- Segundo se diz, eles só condenam as pessoas apenas de trabalhos forçados... Vão condenar-nos a sermos chicoteados e a trabalhos forçados. Bem, podia ser pior. Ficaremos no presídio até ao Inverno, e então, logo que o Don gelar, virão os nossos e...

Mas tal como se acendera, a esperança apagou-se: «Não, vão matar-nos. Estão furiosos como demónios. Adeus, vida!... Ah, devíamos ter seguido outro caminho! Lutei contra eles, mas metiam-me dó... Devia antes ter sido duro, sim, duro, e cortado o mal pela raiz!»

Cerrou os punhos, ergueu os ombros numa raiva impotente, tropeçando. Quase ia caindo quando foi atingido com uma pancada por detrás:

- Porque vais tu de punhos cerrados, meu bandido?

- Porquê, pergunto eu? - rugiu o ajudante, um homem pequeno, com uma covinha no queixo, avançando com o cavalo para cima dele.

Bateu-lhe com o chicote, rasgando-lhe a face desde a sobrancelha até ao queixo.

- Que estás tu a fazer, avôzinho? Bate-me antes a mim.

- Não vês que ele está ferido? Porque lhe bates? – exclamou um dos rapazes de Elánskkaia com um sorriso suplicante e a voz a tremer. Separou-se do grupo e oferecia o peito robusto para proteger Iváne Alekceiévitich.

- Não perdes pela demora, patife. Cheguem-lhes, rapazes!

- Cheguem nos comunistas!

O chicote rasgou o ombro da camisa de caqui do rapaz com uma força tal que os farrapos de tecido se enrolaram como folhas queimadas pelo sol. Mas logo ficaram encharcados pelo sangue escuro que escorria da ferida.

O ajudante, escumando de raiva, fez avançar o cavalo para o meio dos prisioneiros que ia pisando enquanto os chicoteava.

Iváne Alekceiévitich apanhou mais outra chicotada. Via na sua frente relâmpagos vermelhos e o chão fugia-lhe debaixo dos pés. A floresta que ladeava as areias da margem esquerda parecia toda inclinada.

Agarrou com a mão ossuda o estribo do ajudante, pretendendo derrubá-lo, foi porém deitado a terra com uma pancada vibrada com a prancha do sabre. Uma poeira sufocante, abafadiça, penetrava-lhe na boca enquanto o sangue a escaldar lhe brotava pelo nariz e pelos ouvidos

Os homens da escolta espancaram cruelmente e durante muito tempo os presos, que se apertavam uns contra os outros como ovelhas. Iváne Alekceiévitich, deitado de Bruços, ouvia como em sonhos os gritos abafados, um martelar de passos à sua volta, as sacudidelas furiosas dos cavalos. Um floco de espuma quente caiu-lhe sobre a cabeça nua. Logo a seguir ouviu, mesmo por cima de si, um gemido breve e terrível, e uma voz que dizia:

- Bandidos! Estão a bater em homens desarmados.

Um cavalo pisou a perna ferida de Iváne Alekceiévitich, os pregos largos da ferradura enterraram-se-lhe na carne, enquanto escutava lá em cima umas pancadas surdas. Decorreu um minuto e um corpo enorme e molhado, que cheirava a suor amargo e a sangue desabou sobre ele. Iváne, que ainda não perdera de todo os sentidos, ouviu o gorgolejar do sangue que corria da garganta do homem como se fosse água a despejar-se de uma bilha tombada...

Em seguida empurraram os prisioneiros para o Don, obrigando-os a ir lavar as feridas. Metido na água até aos joelhos, Iváne Alekceiévitich limpou cuidadosamente as chagas e as equimoses feitas pelas pancadas, enquanto apanhava na palma da mão água misturada com o seu sangue, sorvendo-a com avidez, como se receasse não ter tempo de saciar aquela sede ardente.

No caminho foram ultrapassados por um cossaco a cavalo. O animal de pêlo baixo escuro, rutilante de suor e saúde, seguia num trote rápido. O cavaleiro desapareceu numa aldeia e, ainda os prisioneiros não tinham chegado à altura das primeiras casas, já a população vinha ao seu encontro.

Assim que viu os homens e as mulheres a correrem para eles, Iváne Alekceiévitich compreendeu que era o fim. Os outros pensaram o mesmo.

- Camaradas! Temos de nos despedir uns dos outros! - exclamou um comunista do regimento de Serdóbsk.

O que se seguiu foi um autêntico pesadelo. Os prisioneiros percorreram trinta verstás através de aldeias que se sucediam umas às outras e em todas elas os acolhia uma multidão de algozes. Os velhos, as mulheres e os adolescentes batiam-lhes, cuspiam-lhes nas caras inchadas, inundadas de sangue e enegrecidas pelos hematomas, atiravam-lhes pedras e torrões de terra, lançavam-lhes poeira e cinza para os olhos inflamados.

Sobretudo as mulheres pareciam desvairadas e não sabiam que mais inventar em matéria de suplícios. Por fim, os vinte e cinco condenados estavam irreconhecíveis, já não tinham qualquer semelhança com homens, tão monstruosamente desfiguradas se apresentavam as suas caras cobertas de manchas pretas e azuladas, tumefactas, mutiladas, sujas de sangue e lama.

A princípio, cada um deles procurava afastar-se o mais possível dos homens da escolta a fim de receber menos pancadas, esforçando-se todos por seguir no meio da coluna, num grupo compacto. Mas obrigavam-nos constantemente a dispersar. E em breve, perdendo a esperança de evitar as pancadas, caminhava cada qual só preocupado consigo próprio, torturado por um único desejo: dominar-se, não cair, pois aquele a quem tal sucedesse nunca mais se levantaria. Sentiam-se indiferentes.

A princípio, tapavam a cara e a cabeça com as mãos e em vão colocavam estas sobre os olhos quando em frente das suas pupilas brilhava a ponta azul de uma forquilha; a princípio, ouviam-se súplicas, gemidos, injúrias, uivos animalescos provocados pela dor insuportável. Ao meio-dia calavam-se todos, excepto o mais novo, um rapaz de Elánskaja, outrora o animador e o menino bonito da companhia, que soltava um «ail» a cada pancada recebida na cabeça. Parecia caminhar em cima de brasas, ao pé-coxinho, com o corpo todo a tremer, agitando a perna partida por uma paulada.

Depois do banho no Don, Iváne Alekceiévitx recobrou ânimo. Ao ver os homens e as mulheres a correrem para ele, despediu-se do camarada que lhe estava mais próximo, dizendo a meia-voz:

- Que se há-de fazer, irmãos, já que soubemos combater, também seremos capazes de morrer com altivez... Há uma coisa que devemos pensar até ao fim, pois é essa a única consolação que nos resta: eles podem bater-nos, mas não destruirão o poder dos Soviéticos à paulada. Comunistas! Irmãos! Sabei morrer firmes para que os nossos inimigos não possam rir-se de nós.

Um dos homens de Elánskaja não se aguentou: quando, em Bobrovski, os velhos começaram a bater-lhe com crueldade, desatou a gritar numa voz infantil, enquanto rasgava o blusão para mostrar aos cossacos uma pequena cruz que trazia pendurada num cordão todo sujo de suor:

- Camaradas! Eu entrei há pouco para o partido. Tenham pena de mim. Eu creio em Deus. Tenho dois filhos. Piedade! Vocês também têm filhos...

- Nós não somos teus camaradas! Cala essa boca!

- Agora é que te lembras dos filhos, malandro! Agora é que mostras a cruz! Agora é que reconsideras. Mas quando estavas a fuzilar os nossos também te lembravas de Deus? -

perguntou a arquejar um velho de nariz chato, com uma argola na orelha, que já lhe batera por duas vezes.

E, sem esperar resposta, vibrou-lhe nova paulada na cabeça.

Os olhos, os ouvidos, a consciência de Iváne Alekceiéviitch apreendiam com intermitências o que se estava passando à sua volta, mas a sua atenção não se prendia a nada. O seu coração parecia de pedra e apenas estremeceu uma vez: era meio-dia e acabavam de entrar na aldeia de Tiukovnovsski. Caminhavam pela rua fora, perseguidos por maldições e pancadas.

De repente, Iváne Alekceiéviitch, ao olhar para o lado, viu um rapazinho dos seus sete anos, agarrado às saias da mãe, com a cara coberta de lágrimas, a gritar desesperadamente:

- Mãe! Não lhe batas! Oh, não lhe batas!... Tem pena dele. Tenho medo. Ele está cheio de sangue.

A mulher que brandia um forcado contra um dos rapazes de Elánskaia, soltou um grito, atirou com o forcado ao chão e, pegando na criança ao colo, fugiu com ela pela rua abaixo. Uma lágrima inesperada subiu aos olhos de Iváne Alekceiéviitch, vindo salgar-lhe os lábios secos e gretados. Teve um soluço breve ao pensar no filho e na mulher, assaltou-o um desejo fulgurante: «Que ao menos não me matem na frente deles! E .. que o façam depressa!...»

Caminhavam todos, arrastando com muito custo as pernas, vacilando de fadiga e de dor, com as articulações inchadas. Ao verem um poço num prado junto da aldeia, pediram ao chefe da escolta licença para irem beber.

- Não vale a pena. Já perdemos muito tempo. Avançar! - gritou o ajudante.

Porém um dos velhos da escolta interveio a favor dos prisioneiros:

- Tem coração, Akime Sazónitch. São homens como nós.

- Homens? Os comunistas não são homens e não tens nada que me dar lições. Quem é aqui o chefe?

- De chefes como tu estamos nós fartos. Andem lá rapazes, bebam!

O velho, desmontando, mergulhou um balde na água do poço. Os prisioneiros rodearam-no, vinte e cinco pares de braços estenderam-se ao mesmo tempo para o balde; os olhos queimados, secos, tornaram-se brilhantes, ergueu-se um murmúrio rouco e entrecortado:

- Dê-me a mim, avôzinho!

- Só mais uma pinga!

- Uma golada!

- Camaradas, todos ao mesmo tempo, não!

O velho não sabia por onde começar. Após alguns segundos de tortura, resolveu despejar água num bebedouro de animais que havia no chão e afastou-se, exclamando:

- Não se empurrem como os bois! Beba cada um por sua vez.

A água correu pelo fundo do bebedouro coberto de limos verdes, juntando-se num canto que, sob o calor- do sol, cheirava a madeira molhada. O velho despejou ali mais onze baldes até encher o bebedouro. A pena que sentia turvava-lhe a expressão ao contemplar os prisioneiros.

Ivâne Alekceiévitich bebeu de joelhos e, quando ergueu a cabeça, já refrescado, viu com uma nitidez deslumbrante, quase tangível, o véu branco como geada da poeira calcária sobre a estrada ao longo do Don, as falésias de argila erguendo-se ao longe como uma miragem azulada e, para além delas, sobre a corrente encrespada do rio, na imensidão azul, uma nuvenzinha minúscula. Impelida pelo vento, com a frente cintilante e branca como um véu, deslizava com rapidez para o norte e a sua sombra opalina reflectia-se na curva do Don.

LV

O comando superior das forças insurrectas resolveu, numa conferência secreta, pedir auxílio ao governo do Don, ao atamane Bogaiévsski.

Kudínov foi encarregado de escrever uma carta na qual se declarava que os insurrectos do Alto-Don, arrependidos, lamentavam ter pactuado com os vermelhos no fim do ano de 1918 e haver abandonado a frente. Kudínov escreveu a carta. Em nome de todos os cossacos insurrectos do Alto-Don, prometeu dali em diante lutar firmemente contra os bolcheviques até à vitória final; pedia que auxiliassem os insurrectos enviando-lhes, por meio de aeroplanos, oficiais de carreira e cartuchos.

Piotr Bogatíriov ficou ainda algum tempo em Singuine, depois dirigiu-se para Viochénskaia. O piloto voltou a partir para Novotcherkassk com a carta de Kudínov.

Daí em diante estabeleceu-se uma estreita ligação entre o governo do Don e o comando insurrecto. Quase todos os dias, aviões novos, saídos das oficinas francesas, chegavam à outra margem do Donetz com oficiais, cartuchos de espingarda e pequenas quantidades de munições para peças de três polegadas.

Os pilotos transportavam cartas dos cossacos do Alto-Don que haviam seguido a retirada do Exército do Don e levavam as respostas destes para as famílias.

De acordo com a situação na frente e com os seus próprios planos estratégicos, o novo comandante-chefe do Exército do Don, o general Sidórine, começou a remeter para Kudínov planos de operações elaborados pelo seu Estado-Maior, instruções, boletins informativos acerca das unidades vermelhas integradas na frente da insurreição.

Kudínov pôs apenas alguns homens escolhidos ao corrente da sua correspondência com Sidórine, mantendo os outros inteiramente à parte.

LVI

Os prisioneiros chegaram a Tatársski pelas cinco da tarde. O crepúsculo, sempre rápido na Primavera, aproximava-se, o Sol descia e o seu disco flamejante tocava no bordo de uma nuvem azul e esfiapada, estendida para as bandas de oeste.

Na rua, à sombra da enorme granja comunal, os soldados do esquadrão de infantaria de Tatársski aguardavam. Tinham-nos trazido para a margem direita do Don a fim de irem auxiliar os esquadrões de Elánskaia que detinham muito a custo a pressão da cavalaria vermelha. E foi assim que, a caminho da frente, os cossacos de Tatársski fizeram alto na sua aldeia para visitarem as famílias e restaurarem as suas provisões de víveres.

Deviam partir nesse mesmo dia, mas, sabendo que alguns prisioneiros comunistas entre este Iváne Alekceiévitich e Michka Kochevói a caminho de Viochénskaia, iam chegar a Tatársski de um momento para o outro, resolveram aguardar.

Os mais impacientes eram os parentes dos cossacos mortos ao mesmo tempo que Petro Melekhov.

Tinham encostado as espingardas à parede da granja e conversavam vagarosamente, uns sentados, outros de pé, a fumarem e a trincarem sementes de girassol; as mulheres, os velhos e as crianças rodeavam-nos. Toda a aldeia saíra para a rua e os garotos vigiavam em cima dos telhados.

De súbito, ouviu-se uma voz infantil:

- Eles aí vêm! Estão a chegar!

Os cossacos ergueram-se a toda a pressa, a multidão agitou-se, as conversas animaram-se, ouviam-se passos de crianças que corriam ao encontro dos prisioneiros. A viúva de Alekcéi Chamil, que ainda se não recompusera do desgosto recente, começou a soltar lamentos histéricos.

- Aí estão os nossos inimigos disse um velho numa voz cava.

- Temos de matar esses malvados! Porque esperam vocês, cossacos?

- Devemos julgá-los.

- Fuzilaram os nossos.

- Morra Kochevói e o seu companheiro!

Daria Melekhov encontrava-se ao lado da mulher de Anikuchka. Foi ela a primeira a reconhecer Iváne Alekceiévitich no meio dos prisioneiros martirizados.

- Aqui está um dos vossos conterrâneos. Vejam como vem bonito! Beijem-no! - gritou o ajudante com voz rouca, sobrepondo-se ao tumulto crescente, aos berros, aos gritos das mulheres. Estendia o braço, a apontar para Iváne Alekceiévitich, de cima do cavalo.

- E o outro, onde está ele? Onde está Michka Kochevói?

Antip, filho de Avdeich o Memitíroso, atravessou a turba enquanto tirava a espingarda do ombro, a raspar com a coronha e a baioneta pela cara das pessoas.

- Só há um cá da terra, nada mais. Mas dá-se um bocado a cada pessoa e ficam todos, contentes declarou o ajudante a limpar com o lenço vermelho o suor abundante que lhe escorria da testa, enquanto passava com dificuldade uma perna sobre o pomo da sela.

Os gritos e os uivos das mulheres haviam atingido o paroxismo. Daria, abrindo caminho até à escolta, descobriu uns passos atrás dos soldados, oculto pela garupa molhada de um cavalo, Iváne Alekceiévitich com a cara negra como carvão em virtude das pancadas. Trazia a cabeça monstruosamente inchada e hirta, à qual se colavam os cabelos empastados em sangue. A pele da testa estava gretada e rugosa, as faces luzidias e roxas. Colocara um par de luvas de lã no alto do crânio coberto por uma pasta gelatinosa. Servia-se delas para proteger a enorme ferida do calor do Sol, dos enxames de moscas e mosquitos. As luvas haviam-se colado à ferida e era por isso que não lhe caíam da cabeça...

Passeou em redor um olhar de animal encurralado, com receio de avistar a mulher ou o filho. Se ali estivessem, pediria a alguém que os afastasse. Compreendera havia muito que não passaria de Tatársski, que morreria ali. Não queria que os seus o vissem morrer, mas desejava a morte com uma impaciência crescente. De costas curvadas, voltava com dificuldade a cabeça, passando em revista as caras conhecidas, mas sem encontrar em nenhuma a mínima expressão de piedade ou simpatia: os olhares dos homens e das mulheres eram rancorosos e dissimulados.

A sua camisa de caqui estalava a cada um dos movimentos que fazia. Estava toda manchada de sangue seco, bem como as calças acolchoadas do Exército Vermelho e os pés enormes, nus, largos, de dedos muito afastados.

Viu Daria na sua frente. O ódio sufocava-a. Uma coisa terrível que há muito temia estava prestes a acontecer. Fitava a cara de Iváne Alekceiévitich sem saber se ele a reconhecia. Este, por sua vez, continuava a perscrutar a multidão com a mesma ânsia um dos seus olhos brilhava ferozmente, o outro encontrava-se meio fechado pelo inchaço. De

súbito, fixou Daria, de pé, muito perto, e deu um passo em frente, como um bêbado mal seguro nas pernas. Sentia a cabeça à roda por haver perdido tanto sangue, fugia-lhe a consciência, porém, assustando-o aquele estado intermédio em que o mundo se nos afigura irreal, fazia um esforço enorme para não cair.

Ao reconhecer Daria, avançara a cambalear. Um vago simulacro de sorriso franziu-lhe os lábios outrora duros e agora deformados. Aquela arremedo de sorriso semelhante a uma careta fez bater desordenadamente o coração de Daria; sentia-o latejar na garganta.

Aproximou-se de Iváne Alekceiévitich, a respirar cada vez com mais força e a empalidecer de momento a momento.

- Ora viva, compadre!

O timbre sonoro e apaixonado da voz dela, o seu tom insólito fizeram com que todos se calassem.

E, no meio desse silêncio, ouviu-se a resposta, cava mas firme:

- Viva, comadre Daria.

- Conta lá, meu compadre, como é que tu... como é que o teu compadre... o meu marido... que tu...

Sufocando, levou as mãos ao peito, pois faltava-lhe a voz.

O silêncio era tenso, absoluto, e ouviu-se até às últimas fileiras, o fim quase imperceptível da pergunta de Daria:

- Como é que tu mataste o meu marido, Petro Pamteleiévitich?

- Não, comadre, não fui eu que o matei.

- O quê? Não foste tu? Não foste tu que mataste os nossos cossacos, tu e o Michka Kochevói?

A voz dela, tornando-se mais aguda, assemelhava-se a um gemido.

- Não, comadre. Nós... não fui eu que o matei...

- Então quem foi que lhe tirou a vida, hem? Diz!

- O regimento de Transamuria...

- Foste tu! Disseram-me que te viram na colina. Tinhas um cavalo branco. És capaz de dizer o contrário, miserável?

- Tomei parte nesse combate...

A mão esquerda de Iváme Alekceiévitich ergueu-se a custo até à cabeça para compor as duas luvas coladas à ferida.

E prosseguiu numa voz pouco firme:

- Particpei desse combate, mas não fui eu que o matei. Foi o Mikhail Kochevói. Ele é que disparou. Não sou o responsável.

- E tu, bandido, qual dos nossos é que tu mataste? Quem são as crianças que tornaste órfãs? - gritou no meio da multidão a voz aguda da viúva de Iakov o Ferradura.

E de novo os soluços histéricos, os gritos e os lamentos das mulheres vieram aquecer mais a atmosfera já ao rubro.

Daria contaria mais tarde que nunca soube donde veio a carabina que tinha nas mãos nem quem lha entregara.

A verdade é que, quando as mulheres começaram a gritar, ela sentiu que segurava um objecto estranho, adivinhando pelo tacto que era uma espingarda. Agarrou-lhe primeiro pelo cano para dar uma coronhada em Iváne Alekceiévitche, porém a mira picou-lhe a palma da mão, e então, voltando-a, meteu-a à cara e apontou ao seio esquerdo do homem.

Via os cossacos que, afastando-se de trás dele, deixavam a descoberto a parede cinzenta da granja. Ouvia os seus gritos assustados: «Atenção! Ela está louca! Vais acertar-nos! Espera, não atires!» Incitada pela expectativa bestial da multidão, por todos aqueles olhares concentrados sobre ela, pelo desejo de vingar a morte do marido, por uma vaidade que acordara em si ao verificar que não era igual às outras mulheres e que os homens a olhavam com espanto e até com terror, à espera do desenlace, por tudo isso, sentiu que devia fazer qualquer coisa de extraordinário, que aterrorizasse toda a gente. Movidada por todos estes sentimentos diversos, ia-se aproximando vertiginosamente de uma coisa que estava decidida no fundo de si mesma, mas na qual não queria pensar nesse instante. Esperou um momento, premiu impensadamente o gatilho, e de súbito, sem dar por isso, apertou-o com força.

O coice fê-la vacilar, o barulho ensurdeceu-a, mas pela fisga estreita dos olhos semicerrados viu estremecer e alterar-se instantaneamente, de maneira terrível, o rosto de Iváne Alekceiévitche; abriu e fechou os braços, como quem vai mer-gulhar de uma grande altura, depois desabou para trás, com a cabeça a tremer convulsivamente. Os seus dedos afastados arranhavam a terra.

Daria atirou fora a carabina. Continuava a não ter a noção do que acabara de fazer; voltou as costas a Iváne Alekceiévitche e, com um gesto cuja simplicidade não era natural, compôs o lenço e os cabelos despenteados.

- Ainda respira - disse um dos cossacos, afastando-se a toda a pressa do caminho de Daria.

Esta voltou-se, sem compreender de quem estavam a falar, e ouviu um gemido profundo, longo e monocórdico, que vinha não da garganta, mas sim das próprias entranhas, entrecortado pelos soluços da morte. Foi então que compreendeu: quem estava a gemer era Iváne Alekceiévitche, o qual acabava de matar com as suas próprias mãos.

Passou a toda a pressa, num andar leve, diante da granja, dirigindo-se para a praça, seguida por alguns olhares.

As atenções da multidão haviam-se voltado para Antip. Este corria nos bicos dos pés, como no exercício, para Iváne Alekceiévitich, ocultando atrás das costas, desnecessariamente, uma baioneta japonesa. Os seus movimentos eram firmes e calculados. Agachou-se ao lado de Iváne Alekceiévitich, dirigindo a ponta da baioneta contra o seu peito, e disse em voz baixa:

- Anda, morre para aí, Kotliarov.

E apoiou-se com todo o seu peso sobre o punho da baioneta.

A agonia de Iváne Alekceiévitich foi longa e dolorosa.

A vida não queria abandonar aquele corpo sadio. Após o quarto golpe de baioneta, ainda abria a boca e escapava-se-lhe um ralo prolongado e rouco através dos dentes à mostra, inundados de sangue.

- Ah! Carniceiro! Vai para o diabo! -exclamou o ajudante.

Empurrou Antip e, tirando o revólver, apontou, a piscar o olho esquerdo, com perícia.

Em seguida ao tiro, como se apenas aguardassem este sinal, os cossacos começaram a espancar os prisioneiros, que se dispersaram, correndo. Estalavam os tiros, secos e breves, de mistura com os gritos.

Uma hora mais tarde, Grigóri Melekhov chegava a galope a Tatársski. Matara o cavalo peio caminho, o qual caíra na estrada, entre duas aldeias. Grigóri carregara com a sela às costas até à que ficava mais próxima, onde arranjou uma péssima montada. Chegara atrasado... O esquadrão a pé de Tatársski prosseguira já o seu caminho em direcção às aldeias no limite do território da stanitsa Usst-Khopérskaia, onde estavam em curso diversos combates com unidades de uma divisão de cavalaria vermelha. Reinava a calma em Tatársski e não se via ninguém na rua. A noite cobria com um véu sombrio as colinas em redor, a outra margem, os choupos e os freixos murmurantes.

Grigóri entrou no pátio, e em seguida na casa. Não havia qualquer luz. Os mosquitos zumbiam na densa escuridão, os dourados dos ícones brilhavam no canto de honra com um reflexo pálido. Grigóri aspirou uma lufada desse cheiro comovedor e familiar da casa paterna. E chamou:

- Está alguém? Mamã! Duniachka!

- Gricha! És tu! - inquiriu a voz de Duniachka do quarto.

Ouviu-se um deslizar de pés nus pelo soalho. Através da fissa da porta distinguia o vulto branco de Duniachka a apertar a toda a pressa o cós da saia.

- Porque é que se deitaram hoje tão cedo? Onde está a mãe?

- Tivemos...

Duniachka calou-se. Grigóri ouviu a sua respiração rápida e entrecortada.

- O que aconteceu? Os prisioneiros já passaram há muito tempo?

- Mataram-nos.

- O... quê?...

- Os cossacos mataram-nos... Oh! Gricha! A nossa Daria, essa maldita a voz de Duniachka foi abafada por lágrimas de indignação, matou ela própria Iváne Alekceiévitich, com um tiro de espingarda...

- Que estás tu a dizer? exclamou Grigóri, filando a irmã pela gola da camisa bordada.

Os olhos de Duniachka estavam húmidos de lágrimas, e o horror estampado nas suas pupilas convenceu Grigóri de que havia compreendido bem.

- E Michka Kochevói? E Chtóckimain?

- Não estavam entre os prisioneiros.

Duniachka contou de forma rápida e confusa o massacre e aquilo que Daria fizera.

- A mamã teve medo de passar a noite sozinha com ela em casa e foi dormir com os vizinhos. Daria voltou bêbada não sei donde... Bêbada como um cacho. Agora está a dormir...

- Onde?

- Na granja.

Grigóri penetrou na granja, abrindo a porta de par em par. Daria dormia no chão, com a saia impudicamente arregaçada. Os seus braços estavam afastados, via-se-lhe a face direita a brilhar, toda húmida de saliva, e da boca aberta exalava-se um intenso cheiro a aguardente. Tinha a cabeça incômodamente torcida, com a face esquerda contra o chão; a sua respiração era pesada e difícil.

Nunca Grigóri sentira tão grande desejo de matar alguém a golpes de sabre. Deixou-se ficar diante de Daria durante uns segundos, a gemer e a vacilar, de dentes cerrados, examinando com uma irreprimível sensação de repugnância e de asco este corpo estendido. Apoiou em seguida o tacão ferrado sobre aquele rosto que as sobrancelhas arqueadas tornavam severo, exclamando numa voz rouca:

- Monte de esterco!

Daria gemeu, murmurando qualquer coisa no meio da embriaguez. Grigóri, de cabeça apertada nas mãos, correu para o pátio, fazendo retinir a bainha do sabre contra os degraus.

Partiu nessa mesma noite para a frente, sem ter visto a mãe.

LVII

O 8.º e 9.º Exércitos Vermelhos, que não tinham conseguido quebrar a resistência das unidades do Exército do Don, atravessando o Donetz antes das grandes cheias da Primavera, procuravam ainda retomar a ofensiva nalguns sectores. Geralmente, tais tentativas fracassavam e então a iniciativa cabia ao comando do Exército do Don. .

Em meados de Maio, continuava a não se verificar nenhuma alteração importante na frente Sul. Mas isso não devia tardar a modificar-se. De acordo com o plano elaborado pelo antigo comandante-chefe do Exército do Don, o general Dénissov, e o seu chefe de Estado-Maior, o general Poliakov, as unidades do grupo considerado «de choque» acabavam de se concentrar no sector das stanitsas Kaménskaia e Usst-Belokalivénskaia.

As melhores forças dos quadros instruídos do jovem exército e os regimentos já postos à prova do Baixo-Don o Gundoróvski, o Gueorguievski, etc. foram encaminhados para este sector da frente. Em números redondos, o grupo de choque dispunha de mil e seiscentos soldados de infantaria e de cavalaria, de vinte e quatro canhões e de cento e cinquenta metralhadoras. Segundo os planos do general Poliakov, o grupo tinha por missão atacar no sentido da aldeia de Makêievka, de acordo com as unidades do general TítskhaJauxov, a fim de vencer a 12.ª Divisão Vermelha e de penetrar no território do distrito do Alto-Don, actuando nos flancos e na retaguarda da 13.ª Divisão e da Divisão do Ural, com o objectivo de se juntar ao exército insurrecto, avançando em seguida sobre o distrito do Khopr, para «tratar da saúde» aos cossacos contaminados pelo bolchevismo.

Esta ofensiva originou intensos preparativos no Donetz.

O comando do grupo de choque foi confiado ao general Sekretev. A sorte das armas principiava a inclinar-se francamente para o lado do Exército do Don. O general Sidórine, nomeado comandante-chefe após a demissão do general Dénissov, obediente a Krasnov, e o general Afrikan Bogaiévski, novamente eleito atamane do exército, pendiam um e outro para os Aliados. Estavam já a elaborar, em colaboração com os representantes das missões militares inglesa e francesa, vastos planos de ofensiva contra Moscovo e a liquidação do bolchevismo em todo o território da Rússia.

Navios carregados de armas chegavam aos portos do Mar Negro. Os grandes vapores traziam não apenas aeroplanos, tanques, canhões, metralhadoras, espingardas inglesas e francesas, como também mulas, víveres e uniformes que o termo da guerra com a Alemanha tornava inúteis. Fardos de calças e de túnicas inglesas, com o leão britânico nos botões, atravancavam os entrepostos de Novorosiïssk. Os armazéns regurgitavam de farinha americana, de açúcar, de chocolate, de vinho. A Europa capitalista, assustando-se com a vitalidade dos bolcheviques fornecia generosamente à Rússia do Sul obuses e cartuchos, os obuses e os cartuchos que os exércitos aliados não haviam utilizado contra os alemães.

A reacção internacional preparava-se para abafar a Rússia soviética já exangue. Os oficiais instrutores ingleses e franceses, que haviam chegado ao Eton e ao Kúbano, ensinavam aos oficiais cossacos e aos oficiais do Exército Voluntário a conduzir tanques e a manejar canhões ingleses, saboreando antecipadamente a sua entrada em Moscovo.

No entanto, sobre o Donetz, estavam a processar-se certos acontecimentos que iriam garantir o êxito da ofensiva do Exército Vermelho em 1919.

Até então, a principal causa do fracasso da ofensiva do Exército Vermelho fora sem dúvida a insurreição do Alto-Don.

Durante três meses, esta corroera como um cancro a retaguarda da frente vermelha, atravancada de tropas, impedindo o fornecimento regular de munições e de víveres às primeiras linhas, dificultando a evacuação dos feridos e doentes. Só o 8.º e o 9.º Exércitos Vermelhos ficaram desfalcados em cerca de vinte mil homens por causa da insurreição.

O Conselho Militar Revolucionário da República, mal informado acerca das verdadeiras proporções; da insurreição, não tomara a tempo as medidas enérgicas que se impunham para a esmagar. Começaram por intervir com destacamentos isolados, de importância variável a escola do VTsIK, por exemplo, organizou um destacamento de duzentos homens, unidades incompletas, fracos destacamentos de barragem. Pretendiam apagar um fogo com copos de água.

As unidades vermelhas estavam espalhadas em volta do território da insurreição, cujo diâmetro atingia cento e noventa quilómetros, actuando separadamente, sem um plano de operações comum, e, embora o número dos homens em campanha atingisse vinte e cinco mil, nenhum resultado concreto se obteve.

Catorze companhias de marcha e dezenas de destacamentos de barragem foram lançados uns após outros no combate; mandaram reunir destacamentos de alunos-oficiais das escolas militares de Tambov, Voróneje e de Riazan. E só quando a insurreição cresceu, quando dispôs de metralhadoras e de canhões capturados aos vermelhos, é que o 8.º e 9.º

Exércitos constituíram cada um uma divisão expedicionária, munida de artilharia e de secções de metralhadoras. Os insurrectos sofreram muitas baixas, não sendo, porém, aniquilados.

Algumas faúlhas do incêndio do Alto-Don foram cair no distrito vizinho do Khoпр. Alguns pequenos grupos de cossacos, comandados por oficiais, levaram a cabo certo número de pequenas operações. Na stanitsa Uriupínsskaia, o tenente-coronel Alimov reunira à sua volta um número bastante importante de cossacos e de oficiais camuflados. A insurreição devia estalar durante a noite de 30 de Abril para 1 de Maio, mas a conspiração foi descoberta a tempo. Alimov e parte dos seus cúmplices, presos numa aldeia da stanitsa Preobrajénskkaia, foram fuzilados de acordo com a sentença do tribunal revolucionário. A insurreição, decapitada no momento oportuno, não chegou a eclodir, e os elementos contra-revolucionários do distrito de Khoпр não conseguiram juntar-se aos insurrectos do Alto-Don.

Nos primeiros dias do mês de Maio, desembarcou na estação de Tchertkovo um destacamento da escola do VTsIK, onde já se encontravam vários regimentos vermelhos em marcha.

Tchertkovo era uma das últimas estações do caminho-de-ferro do Sudoeste, no limite do sector ocidental da frente revoltada.

Os cossacos das stanitsas Migulínsskaia, Mechkovsskaia e Kazansskaia reuniam entretanto consideráveis forças de cavalaria na fronteira da stanitsa Kazánsskaia e travavam encarniçados combates contra as forças vermelhas que haviam passado ao ataque.

De súbito, espalhou-se o rumor de que os cossacos tinham cercado Tchertkovo, preparando-se para atacar de um momento para o outro. Embora a frente distasse umas cinquenta verstás e as unidades vermelhas estacionadas entre a frente e Tchertkovo devessem ter dado o alarme se acaso os cossacos houvessem aberto uma brecha, a estação entrou em pânico.

Os soldados tremiam nas fileiras. Uma voz de comando berrava atrás da igreja: «Às a-a-armas!» As pessoas corriam, agitavam-se nas ruas.

Este pânico não tinha fundamento. Havia confundido com os cossacos um esquadrão vermelho que se aproximava de Tchertkovo, vindo da aldeia de Mankovo. Os alunos-oficiais e dois regimentos de marcha partiram em direcção de Kazánsskaia.

No dia seguinte, os cossacos exterminavam quase inteiramente o regimento de Cronstadt, que chegara há pouco.

Isto teve lugar após um primeiro combate, no decurso de uma surtida nocturna. O regimento de Cronstadt passava a noite na estepe, com todas as sentinelas no seu posto,

sem se arriscar a ir ocupar a aldeia próxima, abandonada pelo insurrectos. À meia-noite, vários esquadrões de cavalaria cossaca cercaram o regimento e abriram sobre ele um fogo terrível, fazendo largo uso de um processo de terror recentemente inventado enormes cegarregas de madeira. Durante a noite, estas faziam as vezes de metralhadoras: o seu barulho era quase idêntico ao das autênticas.

Quando os homens do regimento de Cronstadt ouviram, na escuridão impenetrável, o crepitar de muitas «metralhadoras», os tiros dos seus próprios postos de guarda, os urros dos cossacos, o trovejar das cargas de cavalaria aproximando-se, precipitaram-se para o Don, a fim de romperem o cerco, mas foram repelidos por um ataque de cavalaria. De todo o regimento, apenas alguns homens conseguiram escapar-se, atravessando a nado o Don descongelado pelas cheias da Primavera.

No mês de Maio, receberam na frente de insurreição reforços do Donetz, sobretudo a 33.^a Divisão do Kúbano, e Grigóri Melekhov teve de enfrentar, pela primeira vez, uma verdadeira ofensiva. A Divisão do Kúbano exerceu sobre as suas forças uma pressão incessante. Grigóri viu-se obrigado a abandonar aldeia após aldeia, retirando-se para o Norte, na direcção do Don. Conseguiu aguentar-se durante um dia na fronteira do Tchir, muito perto de Karguínsskaia, mas, impelido pelas forças superiores do inimigo, teve não apenas de abandonar Karguínsskaia, como ainda de pedir reforços de urgência.

Kondrat Medvédev enviou-lhe oito esquadrões de cavalaria da sua divisão. Os seus cossacos estavam muito bem equipados. Dispunham de cartuchos em abundância, de vestuário e calçado de boa qualidade tudo havia sido tirado aos prisioneiros vermelhos. Muitos dos cossacos de Kazánsskaia, apesar do calor, pavoneavam-se com casacos de couro, exibindo revólveres ou binóculos. Detiveram algum tempo a ofensiva da 33.^a Divisão do Kúbano, que avançava a direito sobre eles. Grigóri resolveu aproveitar-se disto para ir a Viochénskaia, pois Kudínov pedia-lhe insistentemente que fosse conferenciar com ele.

LVIII

Chegou a Viochénskaia de manhã cedo.

A cheia do Don começava a baixar. A atmosfera estava impregnada do cheiro adocicado e viscoso dos choupos. A folhagem sombria e abundante dos carvalhos rumorejava perto do rio. Fumegavam as línguas de terra postas a descoberto pelas águas. Despontava já aí uma erva de folhas pontiagudas e nos recôncavos brilhavam ainda as águas paradas. As gazolas gritavam numa voz cava e, embora o Sol houvesse já nascido, os moscardos voavam em turbilhão no ar húmido que cheirava a lodo.

No Estado-Maior, onde crepitava uma velha máquina de escrever, reunia-se muita gente e o ar estava saturado de fumo.

Grigóri foi encontrar Kudínov ocupado com uma estranha tarefa: sério e pensativo, sem ver Grigóri que entrara de mansinho, arrancava as patas a uma grande mosca verde-esmeralda. Após ter arrancado uma pata, fechava a mosca na sua mão seca, levando esta ao ouvido, e inclinava a cabeça numa atitude concentrada, para escutar o zumbido ora grave ora agudo.

Ao avistar Grigóri, arremessou a mosca para debaixo da mesa, com nojo e despeito, limpou a palma da mão às calças, recostando-se com ar fatigado contra as costas gastas da poltrona.

- Senta-te, Grigóri Panteleiévitch.

- Então, chefe?

- Cá vamos indo, cá vamos indo, não tão bem como desejaria. E tu? O inimigo aperta?

- Por toda a parte.

- Aguentas-te no Tchir?

- Não sei por quanto tempo Quem me desenrascou foram os de Kazánskaia.

- O que se passa é o seguinte, Melekhov

Kudínov enrolou no dedo o cinto caucasiano de couro lavrado, examinando com uma atenção estudada a prata escura da fivela. com um suspiro, prosseguiu:

- Tudo leva a crer que os nossos assuntos ainda vão passar a correr pior. Anda qualquer coisa no ar, lá para os lados do Donetz. Ou os nossos repelem os vermelhos e

rompem a frente, ou então os vermelhos acabaram por compreender que todos os seus males são causados por nós e preparam-se para nos esmagar com as suas tenazes.

- E quanto aos cadetes? Que notícias trouxe o último avião?

- Nada de especial. Não é nem a ti nem a mim que eles vão contar a sua estratégia. Sidórine, é uma cabeça. Ninguém lhe tira com facilidade as coisas lá de dentro. O seu plano é romper a frente dos vermelhos e enviarmos reforços. Prometeram ajudar-nos. Mas as promessas nem sempre se cumprem. E isso de romper a frente não é uma brincadeira. Sei-o bem, estava com Brussilov. Como podemos nós saber de que forças dispõem os vermelhos no Donetz? Talvez tenham retirado alguns corpos de exército de Koltchak para os atirarem contra nós.

- Hem? Andamos às aranhas. Não conseguimos ver um palmo adiante do nariz.

- Nesse caso, de que querias tu falar comigo? Da conferência? - inquiriu Grigóri com um bocejo de tédio.

O desfecho da insurreição preocupava-o pouco. Dia após dia, como o cavalo a fazer girar a mó, o seu pensamento andava à volta dessa questão, sempre a mesma, a tal ponto que acabara por se desinteressar dela: «Nunca nos reconciliaremos com o poder dos soviets, há entre nós sangue a mais; quanto aos cadetes, fazem-nos festas agora para nos poderem bater melhor mais tarde. Que vão todos para o diabo que os carregue! Isto há-de acabar de qualquer maneira.»

Kudínov, desdobrando um mapa, disse sem fitar Grigóri nos olhos:

- Reunimos o conselho sem ti e eis o que resolvemos...

- Reuniste o conselho com quem? com o príncipe? - interrompeu Grigóri, recordando-se da conferência que tivera lugar nesta mesma sala no Inverno, e do tenente-coronel caucasiano.

Kudínov, franzindo as sobrancelhas, entristeceu.

- Já não é vivo.

- O quê? - exclamou Grigóri com vivacidade.

- Não te tinha já dito? O camarada Gueórguidzé foi morto.

- Não era nosso camarada .. Enquanto usava uma peliça curta de pele de carneiro, era nosso camarada. Mas, se nos entendêssemos com os cadetes e Deus queira que não!, caso ainda fosse vivo, no dia seguinte voltaria a pôr pomada nos bigodes, vestir-se-ia de ponto em branco e, em vez da mão, olha, estendia-te mas era o dedo mindinho. Assim.

Grigóri, afastando o dedo mindinho queimado e sujo, soltou uma gargalhada, com os dentes a brilhar.

Kudínov tornou-se ainda mais melancólico. O seu olhar e a sua voz estavam cheios de descontentamento, de irritação, de cólera contida.

- Não há motivo para rir. Não nos devemos rir da morte de um homem. Falas como um idiota. Matam um homem e tu pões-te para aí a dizer: «Não faz mal, não faz mal.»

Grigóri não deu a perceber que ficara vexado com as palavras de Kudínov; respondeu ainda a rir-se:

- É verdade, para as pessoas da sua laia, «isso não faz mal». Não desperdiço piedade com esses tipos de cara e mãos brancas.

- Mas foi morto...

- A combater?

- Nem sei como explicar-te... É uma história confusa, que irá levar tempo a esclarecer. Seguiu com o comboio do regimento, cumprindo as minhas ordens, mas temos de admitir que não conseguiu entender-se com os cossacos. Houve um combate perto de Dudarevka. O seu comboio estava a duas verstás da linha de fogo. Ele mantinha-se sentado, refiro-me a Gueórguidze, no timão de uma viatura, segundo me contaram os cossacos, e foi atingido por uma bala perdida. E isto é tudo.. Mas creio que quem o matou foram os patifes dos cossacos.

- Fizeram muito bem.

- Cala-te, não digas tolices,

- Não te zangues, estava a brincar.

- Tens umas brincadeiras muito estúpidas. Partes a manjedoura como os bois. Então, em teu entender, devem matar-se os oficiais. É preciso recomeçar: «Abaixo os galões!»

- Não achas que já é altura de termos juízo, Grigóri? Resolve de uma vez para sempre de que lado queres estar.

- Deixa-te de tretas, e conta o que se passou.

- Não há nada a contar. Compreendi que foram os cossacos que o mataram. Fui lá e falei-lhes com toda a franqueza. Disse-lhes «Então vocês começaram de novo a fazer asneiras, filhos de uma cadela? Não acham que ainda é cedo para começarem a dar tiros nos oficiais? No Outono passado já fizeram isso, mas depois, quando as coisas começaram a correr mal para vocês, precisaram novamente deles. Chegaram até a suplicar-lhes de joelhos: «Assume o comando, dirige-nos.»

E agora põem-se a fazer a mesma coisa!» Envergonhei-os, ralhei com eles. Negaram: «Deus é testemunha de que não o matámos.» Mas vi nos olhos desses filhos da puta que haviam sido eles os culpados. Como é que a gente há-de meter na ordem essa cambada? Se lhes mijamos na cara, dizem que é o orvalho de Deus. Kudínov fez o cinto numa bola, e

rugiu: Mataram um homem instruído, e agora, sem ele, sinto-me como se me tivessem cortado os braços. Quem é que vai fazer os planos? Quem é que me irá aconselhar? Contigo, pode discutir-se, mas quando se trata de estratégia e de tática, nenhum de nós sabe nada. Ainda bem que está aí o Petro Bogatíriov, sem ele não teria ninguém com quem trocar ideias . Bem, já chega. O caso é este: Se os nossos não romperem a frente do Donetz, não poderemos manter-nos aqui. Conforme já combinámos, resolvemos passar o rio com os nossos trinta mil homens. Se fores obrigado a bater em retirada, recua até ao Don. Evacuaremos a margem direita desde Usst-Kopérskaia a Kazánskaia, abriremos trincheiras junto do rio e defender-nos-emos.

Bateram violentamente à porta.

- Entra. Quem é? - berrou Kudínov.

Era Grigóri Bogatíriov, o comandante da 6.^a Brigada. O seu rosto rubicundo brilhava de suor, franzia as sobrancelhas louras e descoradas com uma expressão irritada. Sem tirar o boné, com a copa manchada de transpiração, sentou-se à mesa.

- O que é que te traz por cá? - inquiriu Kudínov a reprimir um sorriso.

- Dá-me cartuchos.

- Já tos deram. Quantos queres tu? Eu não sou uma fábrica de cartuchos.

- Quantos é que me deram? Um cartucho por cabeça. Os tipos regam-me com a metralhadora e só me resta curvar-me e esconder-me. Pode lá chamar-se a isto uma guerra! Uma vergonha, é o que tudo isto é.

- Espera, Bogatíriov, estávamos a ter uma conversa importante...

Vendo que Bogatíriov estava a levantar-se para se ir embora, Kudínov acrescentou:

. Espera, não saias já, para ti não há segredos. Por conseguinte, Melekhov, se não pudermos conservar-nos deste lado, deslocamos a frente. Abandonamos todos aqueles que não fazem parte do exército, abandonamos todos os comboios regimentais, embarcamos os soldados de infantaria nos carros, pegamos em três baterias, e toca a abrir uma passagem para o Donetz. Tencionamos confiar-te o comando da vanguarda. Nenhuma objecção?

- É-me indiferente. E as nossas famílias? As raparigas, as mulheres e os velhos, estão todos perdidos.

- É assim mesmo. Mais vale que acabem sozinhos do que em nossa companhia.

Kudínov deixou cair os cantos dos lábios e manteve-se silencioso por um largo momento, pegando em seguida num jornal que estava sobre a mesa.

- Mais uma notícia: o comandante-chefe deles chegou para dirigir as operações. Parece que por agora está em Milerovo, ou então em Kantemirovka. Como vêem, preocupam-se connosco.

- A sério? - perguntou Grigóri, céptico.

- Sim, sim. Olha, lê. Foram os homens de Kazánskaia que mo trouxeram. Ontem de manhã, uma patrulha nossa apanhou dois cavaleiros perto de Chumilínsskaia. Dois alunos-oficiais vermelhos. Os nossos cossacos mataram-nos à sabrada, e no bolso de um deles já não muito novo, segundo me disseram, uma espécie de comissário, talvez, encontraram este jornal. Chama-se A Caminho, tem a data de 12 deste mês. É espantoso o que dizem de nós.

Kudínov estendeu a Grigóri o jornal. Via-se que um dos cantos fora rasgado para fazer um cigarro.

Grigóri lançou um rápido olhar sobre o título de um dos artigos, sublinhado a lápis de tinta, e começou a ler:

A INSURREIÇÃO NA RETAGUARDA

Já dura há várias semanas a insurreição de uma parte dos cossacos do Don. Esta insurreição foi desencadeada por agentes de Dénikine, oficiais contra-revolucionários. Encontrou apoio entre alguns kulaks cossacos. Estes arrastaram atrás de si uma importante facção dos cossacos médios. É muito possível que em certos casos os cossacos tenham sofrido uma ou outra injustiça da parte de alguns representantes do poder dos soviets. Foi isto que os agentes de Dénikine souberam explorar habilmente para atear a chama da revolta. Os patifes dos guardas-brancos fazem-se passar na zona da insurreição por partidários do poder dos soviets, a fim de captarem mais facilmente a confiança dos cossacos médios. Eis como as intrigas contra-revolucionárias, os interesses dos kulaks e a ignorância da massa cossaca se uniram provisoriamente numa revolta absurda e criminosa na retaguarda dos nossos exércitos da frente Sul. A revolta na retaguarda é o abcesso no ombro do trabalhador. Tara fazer a guerra, para defender e proteger o país dos soviets, torna-se indispensável esmagar os bandos de Dénikine e dos proprietários rurais, torna-se indispensável que a retaguarda operária e camponesa se mantenha firme, tranquila e fraternal.

Eis porque a tarefa mais importante, na hora presente, é varrer do Don a rebelião e os rebeldes.

O poder soviético central ordenou que este problema fosse resolvido no mais curto prazo possível. Já chegaram e continuam a chegar excelentes reforços para ajudar as tropas expedicionárias que lutam contra a vil rebelião. Os melhores organizadores são enviados para aqui.

Temos de acabar com a revolta. Os nossos soldados vermelhos devem convencer-se de que os rebeldes de Viochénskaja, de Elánskaja, de Bukanóvskaja são os auxiliares directos dos generais guardas-brancos Dénikine e Koltchak. Quanto mais durar a insurreição, maior será o número de vítimas de ambos os lados. Só é possível diminuir a efusão de sangue por um único processo: atacar depressa e em força.

Temos de acabar com a revolta. Temos de lancetar o abcesso implantado no ombro do trabalhador e de o cauterizar com um ferro em brasa. Quando isso suceder, o braço da frente Sul ficará livre para vibrar um golpe mortal no inimigo.

Grigóri sorriu carrancudo. O artigo enchia-o de irritação e de despeito. «Em duas palhetadas eles põem-nos ao lado de Dénikine, fazem de nós seus auxiliares...»

- Então, está bom, hem? Querem queimar-nos com um ferro em brasa. Resta ver qual de nós queimará o outro. Não é verdade, Melekhov?

Kudínov, após ter aguardado em vão uma resposta, voltou-se para Bogatíriov:

- Precisas de cartuchos? Vamos dar-tos. Trinta por cavaleiro, para toda a brigada. É suficiente? Vai ao armazém, que lá dão-tos. O chefe da secção de reabastecimento e de aprovisionamento entrega-te tudo se assinares um vale. Vai ter com ele. Mas utiliza o teu sabre e a tua manha, Bogatíriov, é mais seguro

- Até de uma ovelha gafada se tira por vezes um tufo de lã - disse Bogatíriov, a sorrir, todo contente.

Após ter-se despedido, saiu.

Tendo chegado a acordo com Kudínov acerca da prevista retirada para o Don, Grigóri partiu por seu turno. Antes, porém, de sair, inquiriu:

- Admitamos que levo toda a minha divisão para Báski, terei nesse caso com que passar o Don?

- De que te havias de lembrar? A cavalaria passará o Don a nado. Onde é que tu já viste a cavalaria a ser transportada?

- Não tenho comigo muitos homens das regiões ribeirinhas do Don. Os cossacos do Tchir são maus nadadores. Passam a vida na estepe, por isso onde queres tu que eles vão aprender a nadar? Nadam como pregos.

- Os cavalos ajudam-nos. Já nadaram nas manobras e também na frente alemã.
- Refiro-me à infantaria.
- Há lá uma ponte-de-barcas. Não te preocupes.
- Os habitantes também devem querer partir.
- Sei isso.
- Ou tu asseguras a passagem a todos, ou então tiro-te a alma do corpo. Seria terrível se a nossa gente tivesse de ficar.
- Descansa, encarrego-me de tudo.
- E quanto aos canhões?
- Manda rebentar os morteiros e traz para aqui as peças de três polegadas. Havemos de arranjar barcaças para passar as baterias.

Grigóri saiu do Estado-Maior impressionado com o artigo do jornal.

«Tratam-nos como auxiliares de Dénikine Mas que somos nós, afinal? Auxiliares de Dénikine de facto; não temos de que nos ofender. Isso entra pelos olhos dentro...» Recordou-se de certa coisa que o pobre lakov o Ferradura dissera. Um dia, em Karguínsskaia, quando ia a entrar já tarde no seu alojamento, Grigóri passara pelas instalações dos artilheiros, que estavam aboletados numa das casas do largo; enquanto limpava a lama das botas com uma vassoura, ouvira lakov o Ferradura dizer a outro artilheiro: «Dizes tu que somos independentes!? Que ninguém manda em nós? Oh! deixam-me rir! O que tu tens sobre os ombros não é uma cabeça, mas sim uma abóbora. Se queres saber, somos como um cão vadio: um cão que não obedece ao dono, ou que faz tolices; este, se abandonar a casa, para onde irá? Não vai ter com os lobos, porque tem medo e pressente que eles são de uma raça selvagem, mas não pode regressar a casa do dono porque este bater-lhe-ia. É o que se passa connosco Lembra-te daquilo que te digo: havemos de ir rastejar diante dos cadetes, com o rabo entre as pernas, imploramdo-lhes: “Recebam-nos, irmãos, sede caridosos.” Eis como as coisas se irão passar.»

Desde o combate de Kliimovka, onde matara a golpes de sabre os marinheiros, Grigóri mergulhara numa indiferença fria e total. Andava de cabeça baixa, triste, não sorrindo nunca. A morte de Iváne Alekceiévitich fê-lo sofrer durante um dia, mas depois esqueceu-se disso. A única coisa que lhe restava na vida pelo menos assim o supunha era a sua paixão por Akcínia, que renascia em si com um novo e indomável vigor. Apenas Akcínia o atraía, como a luz afastada e bruxuleante de uma fogueira acesa na estepe chama o viajante numa fria noite de Outono.

Por conseguinte, ao regressar do Estado-maior, pensava nela. «Nós vamos romper o cerco, mas que futuro vai ser o de Akcínia?» pensava. E resolveu sem hesitação, após ter

reflectido durante um curto instante: «Natalia fica com as crianças, na companhia da mãe, e eu levo Akcínia. Dou-lhe um cavalo, e ela seguirá o meu Estado-Maiior.»

Atravessando o Don em Bázki, dirigiu-se ao seu alojamento; uma vez aí, arrancou uma folha da agenda e escreveu:

«Kciúcha.

É possível que tenhamos de nos retirar para a margem esquerda do Don. Abandona tudo e parte para Viochénskaia. Encontrar-me-ás aí e ficarás comigo.»

Lacrou a carta com resina de cerejeira, entregando-a a Prokhor Zikov, a quem disse, corado e de sobrancelhas franzidas, a ocultar a confusão sob a capa de uma severidade fingida:

- Vais a Tatársski e entregas esta carta a Akcínia Asstakhov.

- Mas dá-lha de forma que... que, por exemplo, ninguém da minha família te veja. Compreendeste? De preferência, deves fazê-lo de noite. Não é preciso esperares pela resposta. Outra coisa: dou-te dois dias de licença. Anda, vai.

Prokhor dirigiu-se para o seu cavalo. Grigóri voltou a chamá-lo.

- Passa por minha casa e diz à minha mãe e à Natalia que mandem primeiro para aqui os seus vestidos e todos os objectos de valor. Que enterrem o trigo. Quanto ao gado, quê o façam atravessar o Don a nado.

LIX

A retirada dos insurrectos ao longo de toda a margem direita do Don principiou no dia 22 de Maio. As tropas recuavam a combater, conservando-se o mais tempo possível em cada sector. As populações das aldeias da zona da estepe, tomadas de pânico, precipitavam-se para o rio. Os velhos e as mulheres tinham atrelado todos os animais de que dispunham, carregando em cima dos carros arca, utensílios de casa, trigo, as crianças. Algumas vacas e carneiros escolhidos do rebanho avançavam ao longo das estradas. Enormes comboios rodavam para as aldeias precedendo o exército.

A infantaria, obedecendo às ordens do Estado-Maior, começara a retirada um dia antes. Os soldados de infantaria de Tatársski e a legião não cossaca de Viochénskaia abandonaram em 21 de Maio a aldeia de Tchebotáriov, da stanitsa Usst-Khopérsskaia, percorrendo uma etapa de um pouco mais de quarenta verstás, e foram instalar-se para passar a noite na aldeia de Ríbni, da stanitsa Viochénskaia.

No dia 22 de Maio, pela madrugada, uma neblina pálida cobria o céu. Antes de o sol se erguer, para o lado do sul, acima do leito do Don, surgiu uma nuvenzinha solitária, cor-de-rosa, deslumbrante. Para este, brotava uma luz purpurina, que parecia sangue. O sol ergueu-se atrás das dunas de areia da margem esquerda, arrefecidas pela geada, e a nuvem desapareceu. Os ralos começaram a cantar com mais força na pradaria, as gaivotas de asas aceradas precipitavam-se sobre o Don como flocos azuis, voltando a subir com peixes cor de prata nos bicos rapaces.

Ao meio-dia, o calor era excessivo para o mês de Maio. A atmosfera estava pesada, como se fosse chover. Desde o início da aurora que os comboios de fugitivos vindos de este haviam começado a percorrer a margem direita do Don em direcção de Viochénskaia. As rodas dos carros chiavam insistentemente pela estrada dos hetmans. O relinchar dos cavalos, o mugir dos bois, as vozes dos homens, tudo se ouvia à mistura desde o alto da falésia até aos lameiros do rio.

A legião não cossaca de Viochénskaia, contando cerca de duzentos homens, continuava em Ríbni. Por volta das dez horas da manhã, recebeu de Viochénskaia a ordem de se dirigir para a aldeia de Bolchói Gromok, onde devia colocar barragens na

estrada dos hetmans e nas ruas, detendo todos os cossacos em idade de combater que se dirigissem para Viochénsskaia.

A vaga dos refugiados a caminho de Viochénsskaia aproximava-se de Bolchói Gromok. As mulheres, negras de poeira e queimadas pelo sol, faziam avançar os animais; os cavaleiros ocupavam as bermas da estrada. O ranger dos carros, o tropear dos cavalos e dos carneiros, o mugir das vacas, os choros das crianças, os gemidos dos tifosos, que também haviam trazido, quebraram o silêncio dessa aldeia oculta entre cerejeiras. O tumulto variado e confuso era de tal forma insólito que os cães da aldeia, cansados de tanto ladrar, desistiram de arremeter contra os peões, limitando-se a seguir melancolicamente os carros durante cerca de uma verstá.

Prokhor Zikov passou dois dias em casa, entregando a Akcínia a carta de Grigóri e dando o recado a Ilínitchna e Natalia No dia 22, partiu para Viochénsskaia.

Contava ir encontrar o seu esquadrão em Bázki. O surdo troar dos canhões, que chegava até ao Don, parecia vir do Tchir. Prokhor não sentia vontade de se ir meter no calor da refrega, eis porque resolveu dirigisse a Bázki, aguardando aí a chegada de Grigóri e da 1.^a Divisão.

Durante todo o caminho, até Bolchói Gromok Prokhor foi sendo ultrapassado pelos carros dos refugiados. Seguia devagar, quase a passo. Não tinha nenhum motivo para se apressar.

A partir de Rubéjine, juntou-se ao Estado-Maior do regimento de Usst-Khopérskaia há pouco formado.

O Estado-Maior deslocava-se em carruagens com molas e em duas caleches. Iam seis cavalos selados atrás dos carros.

Uma das calechas transportava documentos e aparelhos telefónicos; numa das carruagens de molas viajava um velho cossaco ferido e um homem terrivelmente magro, de nariz adunco, que não podia erguer das almofadas a cabeça coberta por um boné de oficial de astracã cinzenta. Era evidente que acabara de ter o tifo Ia deitado, coberto com um capote até ao queixo. Acumulava-se-lhe a poeira sobre a testa pálida e abaulada, sobre o nariz fino e cartilaginoso, a luzir de suor, mas estava sempre a pedir que lhe embrulhassem os pés em qualquer coisa quente e não parava de praguejar, enxugando a testa com a mão ossuda e nodosa.

- Canalhas! Malandros! Sinto frio nos pés, estão a ouvir? Polikarp, ouves? Tapa-me. Quando tinha saúde, precisavam de mim, mas agora...

E passeava em redor um olhar ausente, duro, como o de todos aqueles que acabam de vencer uma doença grave.

Esse a quem chamava Polikanp, um rapagão com tipo de velho«crente, desmontou com o cavalo a andar, aproximando-se da carruagem de molas.

- Se continua assim, ainda se constipa, Samolo Ivánovitch.

- Tapa-me, já te disse.

Polikarp cumpriu docilmente a ordem, afastando-se depois.

- Quem é o tipo? - perguntou-lhe Prokhor, indicando o doente com os olhos.

- Um oficial de Usst-Medvéditskaia. Eles estavam muito ligados ao nosso Estado-Maior.

Refugiados de Tiukovnoi, de Bobróvsski, de Krotóvsski, de Zimóvni e outras aldeias da stanitsa Usst-Khopérskaia acompanhavam o Estado-Maior na sua retirada.

- E o senhor, para onde diabo é que vai? inquiriu

Prokhor de um velho sentado num carro carregado até ao cimo dos taipais com toda a espécie de roupas.

- Queremos ir para Viochénskaia

- Alguém vos deu essa ordem?

- Não, meu rapaz, ninguém nos deu ordem nenhuma, mas quem é que gosta de morrer? A gente foge quando o medo nos pica.

- Mas ouça lá: que raio vai o senhor fazer para Viochénskaia? Poderia atravessar em Blánskaia, o caminho é mais curto.

- Atravessar em quê? Dizem que não há nenhuma ponte-de-barcas.

- E em Viochénskaia? Julga então que vai ter lugar na barca para essa tralha toda? Que vão deixar as tropas na margem para vos transportarem com os vossos carros? Vocês são todos uns imbecis, avôzinho! Para que diabo carregaste tudo isso no carro? disse Prokhor com irritação, apontando com o chicote para os fardos de roupa.

- Trouxe aquilo de que preciso. Fatos e arreios, farinha e tudo quanto é necessário numa casa. Não podia deixar lá nada, senão, no regresso, nada encontraria. Atrelei então dois cavalos e três juntas de bois, carreguei o mais que pude, mandei sentar as mulheres lá no cimo, e ala. Fartamo-nos de trabalhar, meu rapaz, para arranjar estas coisas, regámo-las com o suor do rosto, e agora havíamos de abandonar tudo? Se pudesse, até a casa tinha trazido, para que os vermelhos lhe não deitassem a mão, os malditos!

- Mas este saco, por exemplo, porque diabo o leva o senhor? Ou estas cadeiras? Que raio vai fazer delas? Os vermelhos não precisam disso para nada.

- Oh! Não podíamos lá deixá-las! Tens muita piada. Se as lá deixássemos, partiam-nas logo ou queimavam-nas. Não, lá à minha custa não engordam os malandros! Trouxe tudo comigo.

O velho apontava com o chicote para os cavalos bem alimentados que avançavam preguiçosamente; voltando-se depois, disse a indicar o terceiro carro de bois que vinha atrás:

- Estás a ver aquela rapariga toda embrulhada no xaile que vem à frente dos bois? É minha filha. No carro vai uma porca com uma ninhada de bácoros. Estava cheia e tivemos de a apertar de mais para a fazer subir. Deu à luz durante a noite, no carro. Estás a ouvi-los? Não, os vermelhos não hão-de engordar à minha custa, diabos os levem!

- Arranje as coisas de forma que eu não lhe ponha os olhos em cima quando chegarmos à ponte-barca, avôzinho - disse Prokhor, fitando com irritação a carantonha transpirada do velho. - Que lhe não ponha os olhos em cima, senão vai tudo parar ao Don, os leitões e a tralha toda que aí leva.

- Mas porquê? - inquiriu com surpresa o velho.

- Porque uns morrem, outros perdem quanto tinham, e o senhor, como uma aranha, arrasta tudo atrás de si! - exclamou Prokhor, que habitualmente era calmo e delicado. - Detesto os tipos que comem trampa, como você. Metem-me nojo.

- Segue o teu caminho, segue o teu caminho - respondeu-lhe o velho, voltando-se a fungar. Mas que governo! Até querem atirar ao rio o que não lhes pertence!... E eu que estava a falar com ele como se fosse um tipo decente... Tenho um filho ajudante que está a barrar o avanço dos vermelhos com o seu esquadrão... Segue o teu caminho, fazes favor. E não invejes o que é dos outros. Se tivesses juntado mais, não serias tão ganancioso.

Prokhor partiu a trote. Atrás de si, um dos bácoros começou a guinchar, enquanto a porca soltava roncões de susto. Os guinchos dos leitões enterravam-se-lhe nos ouvidos como agulhas.

- Mas que diabo é isto? Polikarp, andam aí porcos?... - gritou o oficial deitado na carruagem de molas.

Fazia caretas de sofrimento e estava quase a chorar.

- Foi um leitão que caiu de um carro abaixo e as rodas esmagaram-lhe as pernas explicou Polikarp.

- Diz-lhes... Vai dizer ao proprietário que degole o porco. Explica-lhe que vão aqui doentes... Como se me não bastasse o sofrimento, ainda por cima esses guinchos... Vai depressa. A galope.

Prokhor, a par com a carruagem, via o oficial, de rosto contraído e olhar fixo, atento aos gritos do bácoro, tentando em vão tapar os ouvidos com o barrete. Polikarp voltou a galope.

- Ele não quer cortar-lhe o pescoço, Samoilo Ivánovitch. Diz que o leitão vai ficar bom, mas, se assim não acontecer, só o mata esta noite.

O oficial, empalidecendo, ergueu-se com esforço e sentou-se, com as pernas ao pendurão.

- A minha Browning? Pára os cavalos. Onde está o pro-prietário do porco? Vou ensiná-lo... Qual é o carro?

Por fim, acabaram por obrigar o velho a matar o leitão.

Prokhor seguiu em frente, a rir, e foi alcançar um comboio de carros de Usst-Khopérskaia. Uma verstá adiante, depararam com mais carros e outros cavaleiros. Cerca de duzentas viaturas, e uns quarenta homens montados, cavalgando desordenadamente.

«No desembarcadouro vai ser o fim do mundo», pensou Prokhor.

Chegou junto dos carros. Uma mulher montada num magnífico cavalo baio escuro galopava ao seu encontro, à frente do comboio. Ao aproximar-se, sopeou as rédeas.

O cavalo, ricamente ajaezado, trazia uma sela nova, magnífica, e os arreios, de excelente cabedal, tinham adornos de prata. A mulher montava bem e com à-vontade, apertando com firmeza as rédeas correctamente dispostas na sua mão tisonada pelo sol, mas o cavalo, um grande cavalo de guerra, desprezava visivelmente a cavaleira. Fazia rolar os olhos injectados de sangue, dobrava o pescoço e, pondo a descoberto os dentes amarelos, tentava morder o joelho redondo da mulher, que a saía descobria.

O rosto da cavaleira estava envolto até aos olhos num lenço bem lavado de uma brancura azulada, que ela afastou dos lábios para indagar:

- Não ultrapassaste alguns carros com feridos?

- Passei adiante de muitos carros. Porquê?

- Aconteceu-me a seguinte desgraça principiou a mulher numa voz arrastada. Não consigo encontrar o meu marido. Vem na ambulância de Usst-Khopérskaia. Está ferido numa perna. Parece que a ferida começou a supurar, e mandou-me pedir por uns homens da aldeia que lhe trouxesse um cavalo. É este - disse ela, batendo ao de leve com a chibata no pescoço onde brotavam algumas gotas de suor. - Selei-o e dirigi-me logo a Usst-Khopérskaia, mas a ambulância já partira. Por mais que tenha procurado, não consigo encontrá-lo.

Prokhor admirava o lindo rosto redondo da mulher cossaca, ouvia com prazer o timbre suave da sua voz de contralto. Grunhiu:

- He, rnãezinha! Não tens necessidade de andar à procura do teu marido. Deixa-o lá ir na ambulância, qualquer um estará disposto a casar contigo: és bonita, e ainda por cima trazes um belo cavalo em dote. Cá eu estou pronto a isso.

A mulher sorriu involuntariamente e, dobrando o busto cheio, curvou-se para tapar o joelho com a saia:

- Diz-me lá a sério: não ultrapassaste uma ambulância?

- No comboio, lá adiante, vêm alguns doentes e feridos - respondeu Prokhor com um suspiro.

A mulher ergueu a chibata, o cavalo deu brutalmente meia volta sobre as patas, com a espuma acumulada entre as pernas a brilhar como um relâmpago branco. Partiu a trote, metendo logo em seguida a galope.

Os carros avançavam lentamente. Os bois abanavam com preguiça o rabo para enxotarem os moscardos que zumbiam.

Estava calor, o ar era tão pesado, abafava tanto, que as folhas novas dos pequenos girassóis nas bermas da estrada murchavam, engelhadas.

Prokhor avançava de novo a par com o comboio. Impressionava-o o grande número de rapazes que acompanhavam os refugiados.

Das duas uma: ou se tinham perdido das suas unidades, ou simplesmente desertado, reunindo-se às famílias para passarem o rio com elas. Alguns dos jovens haviam prendido os cavalos aos furgões, deitando-se nos carros, onde conversavam com as mulheres, a vigiarem as crianças; outros cavalgavam, armados de espingarda e sabre. «Desertaram das unidades e vão a fugir», pensou Prokhor.

Cheirava ali a transpiração de cavalo e de boi, a madeira aquecida, a objectos caseiros, à graxa dos eixos. Os bois avançavam de cabeça baixa. Das línguas pendentes escorria-lhes um fio de baba que ia arrastando pela poeira. O combóio avançava a uma velocidade de quatro a cinco verstás à hora. Os carros de cavalos não ultrapassavam os bois. De súbito, soou com moleza um tiro de canhão, algures para sul, muito longe, e tudo se animou. Quebrando a ordem do combóio, os carros puxados a cavalos abandonaram a longa fila e os animais meteram a trote. Os chicotes surgiram de todos os lados. Soavam gritos: «Ué! Despachem-se, estupores! Ué!»

As varas e os chicotes estalavam ruidosamente no dorso dos bois, o troar das rodas aumentou de intensidade. O medo acelerava todos os movimentos. A poeira escaldante erguia-se da estrada em espessas volutas cinzentas que, depois de girarem em turbilhão, vinham abater-se atrás do comboio sobre as hastes dos trigais e nas ervas.

O pequeno cavalo de Prokhor estendia os beiços para a erva sem se deter e ora arrancava um tufo de coroas-de-rei, ora uma corola amarela de colza, ora ainda um pé de mostarda, que roía, a mexer as orelhas atentas, tentando afastar da língua o freio ruidoso que lhe feria as gengivas. Após o tiro de canhão, Prokhor começou a bater-lhe com os

calcanhares, e, como se o animal compreendesse que não eram boas alturas de pastar, partiu num trote desmanchado.

Os tiros de canhão aumentavam de intensidade. Os disparos cavos e poderosos misturavam-se uns aos outros, passando a ouvir-se como que um rugido contínuo semelhante ao da trovoada, cujos sons graves vibravam no ar abafante.

- Meu Deus!

Uma rapariga que ia em cima de um carro benzeu-se, arrancou da boca do filho o mamilo acastanhado e cor-de-rosa, húmido de leite, e meteu para dentro da camisa o seio duro, de um branco amarelado.

- São os nossos que disparam? Hei! Militar! gritou a

Prokhor um velho que caminhava ao lado dos seus bois.

- São os vermelhos, avôzinho. Os nossos não têm obuses.

- Que a Rainha dos Céus os proteja!

O velho deixou cair a soga, e, erguendo o seu boné cossaco muito usado, benzeu-se enquanto caminhava, de rosto voltado para este.

Ao sul, atrás de uma lomba coberta pelos rebentos tesos do milho serôdio, surgiu uma nuvem negra e viscosa.

Cobriu metade do horizonte como uma negra cortina corrida sobre o céu.

- Um grande incêndio, olha! exclamou alguém num dos carros.

- Que diabo é aquilo?

- Onde será o fogo? - gritavam diversas vozes através do chifrim das rodas.

- No Tchir.

- Os vermelhos estão a queimar as aldeias do Tchir.

- Com esta seca, Deus nos acuda... Olha para aquela nuvem preta que se está a levantar.

- Só deitaram fogo a uma aldeia.

- Mas arde com força..

- O fogo alastra pelo Tchir, a jusante de Kargúinsskaia, no sítio onde andam a combater.

- Talvez seja também para os lados do Tchórnaia? Despacha-te, Ivane.

- Oh, que grande fogo!

A cortina preta alastrava, ocupando um espaço cada vez maior. O rugir do canhoneio ia-se tornando de momento a momento mais forte. Ao cabo de meia hora, o vento suão arrastou até à estrada dos hetmans o odor acre e inquietante do incêndio que lavrava a trinta e cinco verstás de distância, nas aldeias do Tchir.

LX

A estrada que atravessava Bokhói Gromok seguia junto de um muro de cantaria cinzenta, voltando em seguida bruscamente para o Don, e depois descia em direcção a um valeiro seco atravessado -por uma ponte de madeira.

Quando não chovia, no fundo da ravina brilhavam a areia amarela e os seixos, mas, após as chuvadas do Verão, rolavam do alto da colina grandes torrentes de água turva que, juntando-se, avançavam como uma parede que lavava e arrastava as pedras, até se precipitar ruidosamente no Don.

Nessas alturas, a ponte ficava submersa, mas não por muito tempo: a água furiosa que, pouco tempo antes, devastava as hortas e arrancava as vedações desenterrando as estacas, acalmava-se ao cabo de uma ou duas horas, deixando os seixos mais brilhantes do que anteriormente, e também um cheiro a greda e a humidade, à vasa que brilhava sobre as margens.

Os salgueiros e os choupos abundavam nas duas vertentes do valeiro. A sua sombra era fresca mesmo no pino do Verão. Atraído por essa frescura, instalara-se ao lado da ponte o posto da legião não cossaca de Viochénskaia. A sua guarnição compunha-se de onze homens. Enquanto aguardavam os carros dos refugiados, os homens, deitados debaixo da ponte, jogavam as cartas, fumando; alguns tinham-se despido e catavam as insaciáveis pulgas de soldado das fraldas das camisas e das ceroulas; dois homens, com autorização do chefe de posto, haviam ido tomar banho ao Don.

Mas o descanso foi de curta duração. Em breve os carros começaram a aproximar-se da ponte. Avançavam numa vaga incessante e a viela sombria, sonolenta, enchia-se de gente e de ruído, tornando-se abafada como se o mormaço acre da estepe houvesse penetrado na aldeia com os carros.

O chefe de posto e também da 3.^a secção de região, um sargento alto e seco que tinha uma pequena barbicha e umas grandes orelhas afastadas como as dos garotos, estava de pé ao lado da ponte, com a mão poisada sobre o estojo do revólver. Deixou passar sem reparo uma dezena de carros, mas, avistando sobre um deles um rapaz de cerca de vinte e cinco anos, ordenou secamente:

- Alto!

O cossaco puxou as rédeas, a franzir o sobrolho.

- A que unidade pertences? - inquiriu severamente o sargento, enquanto se aproximava do carro.

- Que é que me quer?

- Qual é a tua unidade? Estou a perguntar-te. Hem?

- O esquadrão de Rubéjine. E o senhor?

- Desce.

- Mas quem é você?

- Desce. Já te disse.

As orelhas redondas do sargento estavam escarlates.

Tirando o revólver, empunhou-o com a mão esquerda. O cossaco entregou as rédeas à mulher, saltando para o chão.

- Porque não estás tu na tua unidade? Para onde vais? - inquiriu o sargento.

- Estive doente. Vou a Bázki .. Acompanho a minha família.

- O teu atestado de doença?

- Como queria que eu o arranjasse? Não há médico lá no esquadrão...

- Ah! Não havia lá nenhum médico? Heil Karpenko!

- Leva-o para a escola.

- Mas quem é você?

- Vamos ensinar-te.

- Tenho que voltar para a minha unidade. Não têm o direito de me deter.

- Vamos mandar-te para a tua unidade, não estejas em cuidado. Trazes as armas?

- Apenas a espingarda.

- Vai buscá-la e volta depressa, ou tens de te haver comigo. Um homem novo, meu cabrão, a esconder-se debaixo das saias da mulher! Se calhar, julgas que temos obrigação de te defender. E o sargento exclamou em direcção do rapaz que se afastava: Monte de esterco!

O cossaco tirou a espingarda de sob uma manta, apertou a mão da mulher, sem se atrever a beijá-la diante de toda a gente; contentou-se em manter a mão calejada dela na sua, murmurou qualquer coisa, e em seguida lá foi atrás do legionário em direcção à escola da aldeia.

Os carros que se haviam acumulado na pequena rua atravessaram ruidosamente a ponte.

Numa hora, o posto deteve uns cinquenta desertores. Alguns deles tentaram resistir, sobretudo um, mais velho do que os outros, um rapagão de grandes bigodes, da aldeia de

Nijní-Krivsskói da stanitsa de Elánsskaia. Quando o chefe de posto o mandou descer, chicoteou os cavalos. Dois legionários seguraram-nos pelo bridão, só conseguindo fazê-los parar do outro lado da ponte. Então o cossaco, sem a mínima hesitação, pegando na carabina, uma arma americana «Winschester», meteu-a à cara.

- Deixem-me passar. Senão atiro, bando de patifes.

- Desce, desce. Temos ordem de disparar sobre todos aqueles que desobedecerem.

Cais antes de teres disparado.

- Camponeses!... Ontem vocês eram vermelhos e hoje dão ordens aos cossacos! Cambada de labregos! Ponham-se a mexer ou dispare.

Um legionário, de grevas novas, trepou para cima da roda da frente da caleche e, após uma breve luta, conseguiu arrancar a «Winchester das mãos do cossaco. Este, dobrando-se como um gato, fez deslizar a mão para debaixo da manta do banco e tirou o sabre da bainha; pondo-se de joelhos, debruçou-se para fora da borda pintalgada do carro, pouco faltando para que atingisse com a ponta do sabre o legionário, que mal teve tempo de dar um salto para trás.

- Timocha, pára com isso, Timocha! Oh! Timocha!... Não debes fazer isso... Não te batas com eles. Vão matar-te... - choramingava, a torcer as mãos, uma mulher muito magra, de rosto desagradável.

Timocha, porém, agora de pé, continuava a brandir o sabre que despedia clarões azulados, impedindo os legionários de se aproximarem do carro, enquanto berrava numa voz rouca, a fazer rolar os olhos furibundos: «Ponham-se a andar daqui!... Ou então rachem os com este sabre!» O seu rosto queimado contorcia-se espasmodicamente, a saliva escumava-lhe por debaixo dos bigodes amarelados, os globos azuis dos olhos estavam injectados de sangue.

Tiveram grande dificuldade em o desarmar e, depois de o derrubarem, amarraram-no. O humor belicoso do cossaco explicava-se facilmente: ao passarem busca à caleche, os legionários descobriram um balde de aguardente muito forte que sofrera um bom desgaste.

Formara-se um engarrafamento na viela. Os veículos estavam tão juntos uns dos outros que foi necessário desatrelar os bois e os cavalos, puxando os carros a braço até à ponte.

Os timões e os varais estalavam, quebrando-se por vezes, os cavalos relinchavam de cólera, os bois, cobertos de moscardos, enlouquecidos com o aperto, não obedecendo às ordens dos donos, precipitavam-se contra as vedações. Os insultos, os gritos, o estalar dos chicotes, os lamentos das mulheres, tudo ficou a ressoar ainda por muito tempo junto da ponte.

Os últimos carros, dando a volta onde era possível, voltaram para a estrada, a fim de atingirem o Don em Bázki.

Os desertores detidos foram enviados sob escolta para Bázki, mas, como estavam armados, os guardas não conseguiram segurá-los. Mal atravessaram a ponte, estalou uma bulha entre os prisioneiros e os guardas. Pouco depois, os legionários voltaram para trás, enquanto os desertores se dirigiam em boa ordem para Viochénsskaia.

Prokhor Zikov foi também interpelado em Bolchói Gromok. Apresentou a autorização fornecida por Grigóri, e deixaram-no passar sem dificuldade.

Chegou a Bázki antes da noite. Milhares de carros oriundos das aldeias do Tchir atravancavam as ruas e as vielas. O que se passava na margem do Don era indescritível. Os refugiados ocupavam com os seus carros toda a margem numa distância de duas verstás. Cinquenta mil pessoas aguardavam passagem, dispersas pelos bosques.

Em frente de Viochénsskaia, as baterias, os Estados-Maiores e as bagagens do exército passavam numa ponte-de-barcas. A infantaria atravessava em dezenas de pequenas embarcações que andavam de uma margem para a outra, transportando cada uma três ou quatro homens. As pessoas esmagavam-se umas às outras no embocadouro. Mas a cavalaria, que ficara a proteger a retaguarda, não havia maneira de chegar.

Para os lados do Tchir, o ribombar do canhoneio prosseguia, e cada vez se sentia com mais intensidade o cheiro acre e azedo do incêndio.

A passagem do rio durou até de madrugada. Os primeiros esquadrões de cavalaria deviam chegar cerca da meia-noite, aguardando que o dia nascesse para começarem a sua travessia a nado.

Ao tomar conhecimento de que as unidades a cavalo da 1.^a Divisão ainda não tinham chegado, Prokhor Zikov resolveu aguardar o seu esquadrão em Bázki. Conduziu com grande dificuldade o cavalo à arreata por entre as viaturas arrumadas contra a cerca do hospital de Bázki, prendeu-o, sem lhe tirar a sela, à borda de um carro, tirou-lhe o freio, partindo em seguida por entre as viaturas na esperança de encontrar alguém conhecido.

Perto do dique, viu de longe Akcínia Asstakhov. Esta encaminhava-se para o Don, apertando contra o peito um pequeno embrulho; trazia uma blusa de agasalho posta pelos ombros. A sua resplandecente beleza, que dava nas vistas, atraía a atenção dos soldados de infantaria reunidos na margem. Diziam-lhe obscenidades, com os dentes a brilhar, cuja brancura contrastava com a pele transpirada e poeirenta do rosto; ouviam-se gargalhadas e risinhos abafados. Um cossaco alto, de cabelos cor de palha, sem cinto, com o barrete deitado para a nuca, abraçou-a por detrás, encostando-lhe os lábios ao pescoço moreno e alto. Prokhor viu Akcínia empurrá-lo violentamente, dizendo-lhe qualquer coisa em voz

baixa, a arreganhar os dentes com ferocidade. A multidão desatou a rir. O cossaco, tirando o barrete, disse numa voz de baixo muito rouca: «Anda, mãezinha, nem que seja apenas uma vez!»

Akcínia estugou o passo, passando diante de Prokhor.

Tremia-lhe nos lábios cheios um sorriso de desprezo. Prokhor, sem a chamar, continuou à procura dos homens de Tatársski por entre a multidão. Ao passar lentamente pelo meio dos carros que estendiam para o céu os timões e os varais como braços de mortos, ouviu vozes de ébrios, risos. Três velhos estavam sentados num carro, em cima de um grosso panal estendido no chão. Um deles tinha um balde de aguardente entre as pernas. Mergulhavam nele à vez um copo de cobre feito de um cartucho de obus, enquanto comiam peixe frito e bebiam. O cheiro à aguardente e ao peixe salgado deteve Prokhor, que sentia fome.

- Militar! Vem beber um copo connosco! - convidou um dos velhos.

Prokhor não se fez rogado. Sentou-se, fez o sinal da cruz e tomou a sorrir das mãos do acolhedor velho um copo de aguardente bem cheirosa.

- Bebe, enquanto estás vivo. E come uma carpa. Não devemos desprezar os velhos, meu rapaz. Os velhos sabem muito. Vocês, os novos, ainda têm bastante que aprender connosco acerca de como se deve viver e de como se bebe vodka - rangeu outro velho, que não tinha nariz e cujo lábio superior estava corroído até à gengiva.

Prokhor bebeu, sempre a lançar olhares temerosos para o velho sem nariz. Entre o segundo e o terceiro copo, não se podendo conter mais, inquiriu:

- Perdeste o nariz na paródia, avôzinho?

- Não, meu rapaz. Foi um resfriamento. Em pequeno, tive uma grande constipação e estive muito doente. Foi assim que o meu nariz se estragou.

- E eu que estava quase a julgar-te mal! Dizia cá comigo:

- Não teria sido o mal sem cura que lhe levou o nariz? É uma coisa que a gente não deve apanhar confessou honestamente Prokhor.

Tranquilizado pelas afirmações do velho, colou avidamente os lábios ao bordo do copinho, que esvaziou com tranquilidade, sem tomar fôlego.

- A vida passa depressa. Como é que a gente não há-de beber? zurrava o dono da aguardente, um velho forte de aspecto sadio. Trouxe comigo duzentos pudes de trigo e deixei cerca de mil em casa. Também trouxe cinco juntas de bois, e agora temos de abandonar tudo isso; não podemos levar nada para o outro lado do Don. Perdi tudo quanto juntei. Apetece-me cantar. Bebam, cossacos.

O velho estava muito corado, e brilhavam lágrimas nos seus olhos.

- Não grites, Trofim Ivanitch. Moscovo não acredita em lágrimas. Se conservarmos a vida, voltaremos a recuperar tudo - dizia o velho sem nariz para consolar o camarada.

- Mas como não hei-de eu chorar? disse o outro, elevando a voz, de rosto alterado pelas lágrimas. O trigo vai perder-se. Os bois irão morrer. Os vermelhos queimar-me-ão a casa. O meu filho foi morto no Outono. Como não hei-de eu chorar? Para quem juntei tanta coisa? Durante o Verão, cheguei a estragar com o suor dez camisas, e hoje encontro-me nu e descalço... Toca a beber.

Durante a conversa, Prokhor comeu uma carpa do tamanho da porta de um forno e bebeu sete copinhos de aguardente, pelo que teve de fazer grandes esforços para se aguentar nas pernas.

- Militar! Já que nos defendes, queres que te dê aveia para o teu cavalo? Quanta queres tu?

- Um saco - grunhiu Prokhor, indiferente a tudo quanto o rodeava.

O velho encheu-lhe um saco de aveia de boa qualidade e ajudou-o a pô-lo às costas.

- Traz-me o saco. Não te esqueças pelo amor de Deus! - rogou ele a Prokhor, enquanto o beijava, sempre a verter lágrimas de bêbado.

- Não, não to trago. Se te digo que o não trago é porque to não trago mesmo... - teimava Prokhor. Eu cá me entendo.

E lá se foi a vacilar. O saco obrigava-o a dobrar-se, e a caminhar aos ziguezagues. Parecia-lhe que andava sobre o gelo, faltavam-lhe as pernas, como sucede aos cavalos desferrados.

Após alguns passos inseguros, deteve-se. Não se recordava se tinha ou não o barrete na cabeça. Um baio castrado de estrela branca na testa, preso a uma caleche, ao sentir o cheiro da aveia, estendeu a cabeça para o saco, mordendo-o num canto. A aveia começou a escorrer pelo buraco com um ruído ténue. Prokhor, sentindo-se mais leve, pôs-se de novo em marcha.

Talvez tivesse conseguido levar o resto da aveia até junto do seu cavalo, se um enorme touro, na passagem, lhe não houvesse dado um coice de lado, como é costume desses bichos.

O animal sentia-se torturado pelos moscardos e mosquitos, o calor e o apertão haviam-no enfurecido, e não deixava ninguém aproximar-se. Prokhor, que não era a primeira vítima do seu furor desde o início do dia, bateu com a cabeça contra o cubo de uma roda e ficou logo a dormir.

Voltou a si depois da meia-noite. Por cima dele, corriam vertiginosamente para oeste algumas nuvens de chumbo no céu cinzento-azulado da noite. O quarto crescente surgia

de vez em quando nas abertas, e em seguida o céu toldava-se de novo, enquanto um vento frio e intenso soprava com uma velocidade que a escuridão parecia aumentar.

A cavalaria passava perto do carro ao lado do qual jazia Prokhor. A terra gemia sob o tropel dos cascos ferrados. Os cavalos sacudiam-se, sentindo a chuva próxima; os sabres tilintavam contra os estribos, das pontas dos cigarros soltavam-se faúlhas incandescentes. O cheiro a suor de cavalo e o odor acre do couro fluuavam em torno dos esquadrões em marcha.

Como qualquer cossaco que cumprira o seu serviço, Prokhor habituara-se, desde o início da guerra a esse cheiro que só a cavalaria exala. Os cossacos haviam-no transportado através de todas as estradas desde a Prússia e a Bukóvine até às estepes do Don, e agora era-lhe tão familiar como o odor da casa paterna. Dilatando avidamente as narinas curtas, Prokhor ergueu a cabeça pesada.

- Que unidade é essa, irmãos?

- Cavalaria... - respondeu em ar de brincadeira uma voz de baixo na escuridão.

- Mas qual é a unidade, é isso que te pergunto, irmãozinho?

- O Regimento de Péfliura... - respondeu a mesma voz.

- Ah! Estupor!

Prokhor aguardou um momento, voltando a inquirir:

- Que regimento é esse, camaradas?

- Bokóvsskaia.

Prokhor tentou erguer-se, mas o sangue latejou-lhe na cabeça e subiu-lhe uma náusea à garganta. Voltou a deitar-se, adormecendo novamente. De madrugada, subiu do Don uma humidade fria.

No meio do sono, ouviu uma voz por cima da cabeça:

- Está morto?

- Não, está quente e bêbado - respondeu outra voz mesmo junto ao seu ouvido.

- Manda-o para o diabo. Foi-se abaixo como um monte de trampa. Chega-lhe uma lambada.

O cavaleiro empurrou cruelmente Prokhor, que ainda não voltara completamente a si, com o cabo da lança. Outro, pegando-lhe pelos pés, arrastou-o para o lado.

- Afastem os carros. Vocês estão todos mortos? São mesmo boas alturas para dormir! Os vermelhos vêm aí atrás de nós, e estes gajos deitam-se como se estivessem em casa. Afastem os carros, a bateria vai passar por aqui. Depressa! Olhem-me isto, taparam a estrada Que cambada! – vociferava uma voz autoritária.

Os refugiados que dormiam nos carros e por baixo destes começaram a mexer-se. Prokhor pôs-se num salto em pé. Não encontrou nem a espingarda nem o sabre, nem sequer a bota direita: perdera tudo isso depois da bebedeira da véspera. Olhava em redor sem conseguir entender nada. Tentou procurar debaixo das rodas, mas os condutores e os serventes da bateria, que entretanto haviam chegado, voltaram sem cerimónia o carro com tudo quanto tinha lá dentro, abrindo num instante passagem aos canhões.

- Em frente!

Os condutores voltaram a montar. Os tirantes largos esticaram-se, a vibrar. As grandes rodas da peça coberta pelo oleado patinaram, rangendo, sobre a estrada lamacenta. O caixão prendeu a ponta do eixo ao varal de uma caleche, quebrando-o.

- Vocês abandonam a frente? Mas que belos guerreiros! Uma peste vos desse! - gritou da caleche o velho sem nariz em companhia de quem Prokhor se embriagara na véspera à noite.

Os artilheiros passavam em silêncio, correndo para o embarcadouro. Prokhor buscou ainda durante muito tempo à luz da madrugada a espingarda e o cavalo. Não os encontrou.

Perto das barcas descalçou a bota que lhe restava, lançando-a à água, e ficou-se durante muito tempo a molhar a cabeça apertada nos aros de uma dor insuportável.

A cavalaria só começou a atravessar ao nascer do sol.

Cento e cinquenta cavalos do primeiro esquadrão foram conduzidos para junto do rio e aí tiraram-lhes as selas, um pouco a montante do cotovelo a partir do qual o Don se afasta em ângulo recto para leste. O chefe do esquadrão, um homem de aspecto terrível, de nariz aquilino, e cujo rosto estava coberto até aos olhos por uma floresta de cabelos ruivos, assemelhava-se de forma surpreendente a um javali. A sua mão esquerda estava suspensa de um lenço sujo e sangrento, enquanto a direita agitava constantemente um bengalim.

- Não deixem os cavalos beber. Empurrem, empurrem! Que estás tu a fazer, filho da puta? Tens medo da água ou quê? Passa. O teu cavalo não é feito de açúcar, não se derrete - berrava ele aos cossacos que empurravam os animais para a água, com os dentes brancos de fera a brilhar sob os bigodes ruivos.

Os cavalos, encostando-se uns aos outros, entravam de má vontade na água gelada, os homens gritavam, dando-lhes chibatadas. O primeiro que começou a nadar foi um cavalo negro de narinas brancas, com uma grande estrela rosada na testa. Via-se que estava habituado à água. As vagas banhavam-lhe a garupa descaída, faziam boiar a sua cauda despenteada, mas o pescoço e o dorso mantinham-se fora da água.

Os outros cavalos meteram-se atrás dele na água agitada, a sacudir-se, e fenderam a torrente. Os cossacos seguiam-nos em seis barcos. Um homem de pé na proa de um barco levava um laço na mão, para um caso de necessidade.

- Não lhes passes à frente. Fá-los avançar de través. Não os deixes ir na corrente.

A chibata animou-se na mão do chefe de esquadrão, descreveu um círculo, indo estalar contra a sua bota suja de lama.

A corrente rápida arrastava os animais. O cavalo preto nadava facilmente, dois comprimentos à frente dos outros.

Foi o primeiro a alcançar uma restinga na margem esquerda.

Nesse momento, por detrás dos ramos espessos de um salgueiro, apareceu o Sol, um raio cor-de-rosa caiu sobre o cavalo preto, e a sua pelagem húmida ficou envolta num clarão negro.

- Olhem a égua do Mríkhine. Ajudem-na. Têm de lhe pôr de novo o freio. Mas remem. Continuem a remar... - berrava o chefe de esquadrão parecido com um javali.

Os cavalos atravessaram sem grande dificuldade. Os cossacos aguardavam-nos do outro lado. Cada um tomou conta do seu, pondo-lhe o freio. As selas chegaram logo depois.

- Onde é que foi o incêndio ontem? - inquiriu Prokhorde um cossaco que transportava selas no barco.

- No Tchir.

- Foi um obus que pegou fogo?

- Como, um obus? - respondeu severamente o cossaco

- Foram mas é os vermelhos.

- Eles queimam tudo? - inquiriu Prokhor, surpreendido.

- Não... Queimam apenas as quintas ricas, as que têm tecto de zinco, ou as que estão bem fornecidas.

- Que aldeias é que arderam?

- Todas desde Vissluzov até Gratchov.

- Sabes onde está neste momento o Estado-Maior da 1.^a Divisão?

- Em Tchukarínski.

Prokhor voltou-se para os carros dos refugiados. Por cima do imenso acampamento flutuava a fumaça acre das fogueiras acesas com estacas de vedações e excrementos secos: as mulheres estavam a fazer o almoço.

Vários milhares de refugiados vindos da zona das estepes tinham chegado ainda durante a noite.

Em volta das fogueiras, sobre os carros de todas as espécies, pairava um zumbido de enxame de abelhas:

- Quando é que chega a nossa vez de atravessarmos? Isto nunca mais acaba.

- Deus me perdoe, vou atirar o meu trigo ao Don para que os vermelhos se não aproveitem dele. A ponte-de-barcas está cheia de gente, parece uma nuvem.

- Minha pobre amiga, teremos nós de deixar os nossos baús do lado de cá?

- Abandonar tudo quanto poupámos, aquilo que tanto nos custou a ganhar Meu Deus, Pai Misericordioso!

- Devíamos ter atravessado em frente da nossa terra.

- Foi o diabo quem nos guiou para Viochénsskaia, ah! ..

- Parece que Kalmovugol ardeu toda.

- Queríamos apanhar a ponte-de-barcas

- Estavas convencido de que eles não tocariam em nada?

- Têm ordem de matar todos os cossacos desde os seis anos. Vão deixar-nos deste lado, e depois? Transformam-nos em carne picada.

Junto de uma caleche tauridia pintada de cores vivas, encontrava-se um velho alto, de sobrancelhas brancas, cuja expressão e os gestos autoritários eram os de um atamane de aldeia habituado a empunhar o bastão de cabeça de cobre.

Arengava à multidão:

- Pergunto-vos: estaremos portanto condenados a morrer diante deste rio? Quando nos será possível passar para o outro lado com as nossas coisas? Os vermelhos vão-nos exterminar. E no entanto, Sua Nobreza declarou-me: «Não te preocupes, avôzinho. Ocuparemos e defenderemos as posições até que toda a gente tenha atravessado. Terão de passar por cima dos nossos corpos, antes de abandonarmos as mulheres, as crianças e os velhos.»

Os velhos e as mulheres rodearam o atamane de sobrancelhas brancas Ouviram o seu discurso com toda a atenção, e no fim ergueu-se um murmúrio:

- Mas porque é que a bateria abandonou as suas posições?

- Não quiseram esperar por nós. Tinham uma pressa danada de chegar ao embarcadouro.

- A cavalaria também aqui está...

- Parece que Grigóri Melekhov abandonou a frente.

- Então isso são coisas que se façam? Deixam as pessoas sem protecção, e eles...

- As tropas são as primeiras a partir.

- Quem nos irá defender?

- A cavalaria atravessou a nado.

- Cada um só pensa em si.

- É isso mesmo.

- Todos nos traem.

- Estamos perdidos, não há dúvida.

- É preciso mandar os velhos ao encontro dos vermelhos, com o pão e o sal. Talvez eles tenham piedade de nós, e nos poupem a vida.

À entrada da ruela, junto do grande edifício de pedra do hospital, surgiu um cavaleiro. Trazia a espingarda suspensa do pomo da sela, o pau da lança oscilava ao seu lado.

- É o meu Mikichka! - exclama alegremente uma mulher já idosa, de cabeça descoberta.

Ela corre para o cavaleiro, saltando por cima dos varais, a abrir passagem entre os carros e os cavalos. Seguraram o cavaleiro pelos estribos, detendo-o. Este ergue acima da cabeça um sobrescrito cinzento lacrado e exclama:

- Um relatório para o Estado-Maior General. Deixem-me passar.

- Mikichenka! Meu filho! - grita a velha.

As madeixas negras do seu cabelo despenteado, entremeadas de fios brancos, caem-lhe sobre o rosto radiante.

Apoia-se com todo o peso, sorrindo a medo, contra o estribo, contra o flanco do cavalo transpirado, e indaga:

- Passaste pela nossa terra?

- Sim. Mas os vermelhos estão lá...

- E a nossa casa?...

Ficou intacta, mas queimaram a de Fédot. O nosso celeiro começava a arder, mas eles próprios é que o apagaram.

Fétisska contou no regresso que o chefe dos vermelhos havia dito: «Não devemos queimar as casas dos pobres, mas apenas as dos burgueses.»

- Ainda bem, Deus seja louvado! Jesus os tenha sob a sua santa guarda! disse a velha persignando-se.

Um velho de aspecto severo indignou-se:

- Que estás tu para aí a dizer? Então queimam a casa do teu vizinho e tu dizes «Deus seja louvado»?

- Isso para ele não tem importância nenhuma! - murmurou a velha muito depressa e raivosamente. - Manda fazer outra nova, mas, se a minha tivesse ardido, como havia eu de

remediar o caso? Fédot enterrou um cofre cheio de ouro, enquanto eu... tenho passado a vida em casa dos outros e nunca conheci outra coisa senão a miséria.

- Deixe-me passar, mamã, tenho de ir entregar este despacho - pediu o cavaleiro, debruçando-se na sela.

A mãe caminha ao lado do cavalo, a cobrir de beijos a mão do filho, queimada pelo sol, voltando depois a correr para o seu carro, enquanto o cavaleiro segue a gritar numa voz juvenil de tenor:

- Afastem-se. Um despacho para o comandante-chefe! Afastem-se.

O cavalo, impaciente, começou a caracolear. As pessoas afastam-se rogando pragas, e o cavaleiro avança com uma lentidão aparente, desaparecendo no entanto em breve atrás dos carros, oculto pelos bois e pelos cavalos, a balouçar-se acima da enorme multidão, à medida que se aproxima do Don.

LXI

Num dia, todas as unidades insurrectas e todos os refugiados passaram para a margem esquerda do Don. Os esquadrões a cavalo do Regimento de Viochénskaia, que faziam parte da 1.^a Divisão comandada por Grigóri Melekhov, foram os últimos a transpor o rio.

Grigóri conteve até à noite, com doze esquadrões de elite, a pressão da 33.^a Divisão vermelha do Kúbano. Só por volta das cinco horas, informado por Kudínov de que as tropas e os refugiados já haviam passado, é que deu ordem de retirada. De acordo com o plano, os esquadrões insurrectos do Don deviam, após haverem atravessado o rio, tomar cada um deles posição em frente da sua aldeia. Cerca do meio-dia, o Estado-Maior começou a receber notícias: a maior parte deles já haviam chegado ao seu destino.

Para os intervalos entre as aldeias, o Estado-Maior enviou esquadrões cossacos das zonas das estepes. Os esquadrões de Krujilínsskaia, Makssaiev-Singuine, Karguínsskaia (esquadrão a pé), Latíchev, Likhovídov e Gratchov ocuparam os intervalos entre Pegarevka, Viochénskaia, Lebiajínsski, Krassnóiarsski; os outros dirigiram-se para as aldeias da retaguarda Dubrovka, Tchórni, Gorokhovka onde deviam, no entender de Safonov, constituir uma reserva para o Estado-Maior no caso de se verificar uma rotura na frente.

A frente insurrecta estendia-se ao longo de cento e cinquenta verstás na margem esquerda do Don, desde as aldeias da stanitsa Kazánsskaia, situadas no extremo oeste, até Usst-Khopérsskaia. Uma vez do outro lado do rio, os cossacos prepararam-se para a guerra de posição: cavaram trincheiras, abateram e derramaram choupos, salgueiros, carvalhos, instalaram blindagens e ninhos de metralhadoras. Todos os sacos vazios na posse dos refugiados foram cheios de areia e utilizados como parapeitos em frente da linha contínua das trincheiras.

À noite, as trincheiras estavam terminadas em toda a parte. Atrás de Viochénskaia, a primeira e a terceira bateria insurrectas ficaram ocultas nuns pinhais novos. Para oito peças apenas dispunham de um total de cinco obuses. Também os cartuchos das espingardas começavam a faltar. Kudínov teve de expedir um estafeta com ordem para se proibir a resposta ao fogo do adversário. Recomendava também que se escolhesse um atirador

quando muito dois entre os melhores de cada esquadrão, sendo-lhes fornecidos os cartuchos suficientes para que pudesse abater os metralhadores e os soldados vermelhos que aparecessem nas ruas das aldeias da margem direita. Os outros só deviam disparar se os vermelhos tentassem passar o Don.

Nessa mesma noite, Grigóri passou revista a todas as unidades da sua divisão dispostas ao longo do Don, regressando depois a Viochénsskaia para passar a noite.

Era proibido acender lume nos lameiros. Não havia também nenhuma luz em Viochénsskaia. Toda a margem direita estava mergulhada numa escuridão lilás.

De manhã cedinho, surgiram as primeiras patrulhas vermelhas na colina de Bázki. Em breve ocuparam todos os muros da margem direita, desde Usst-Khopérskaia até Kazánskaia.

A frente vermelha transbordava para o Don como uma poderosa torrente de lava. Depois as patrulhas desapareceram e, até ao meio-dia, as colinas empedraram-se num espesso silêncio de deserto.

O vento fazia rodopiar as colunas de poeira esbranquiçada na estrada dos hetmans. Ao sul, a névoa escura e cor de púrpura do incêndio continuava a pairar no céu. As nuvens dispersas pelo vento juntavam-se de novo. A sombra alada de uma nuvem estendia-se por cima da colina. Brilhou um relâmpago branco no meio da luz do dia. Durante um momento, orlou com uma fimbria sinuosa de prata uma nuvem azul, e em seguida abateu-se como uma lâmina flamejante, atingindo o peito arqueado do túmulo de vigia. Dava a ideia de que a trovoada fendia ao meio a enorme massa da nuvem: jorrou a chuva.

O vento ceifava-a, arrastando-a em vagas brancas e dançantes contra as encostas barrentas, por cima dos girassóis murchos pelo calor, os trigais derrubados.

A chuva rejuvenesceu a folhagem amarela que a poeira cinzenta fanara. Os rebentos novos do trigo da Primavera começavam a verdejar, os girassóis de rosto amarelo ergueram as cabeças redondas, o cheiro adocicado das flores de laranjeira evolava-se dos pomares. Após ter saciado a sede, a terra ficou durante muito tempo a exalar vapor.

Depois do meio-dia surgiram de novo algumas patrulhas vermelhas sobre os túmulos de vigia que formam uma cadeia contínua, sobranceira ao Don, até ao mar de Azov. Do alto desses túmulos, avistam-se dezenas e dezenas de verstás das terras amarelas e planas do outro lado do Don, onde os recôncavos criam ilhotas de verdura.

As patrulhas vermelhas penetraram com precaução nas aldeias. Os soldados de infantaria desceram das colinas em formação de atiradores. As baterias vermelhas tomaram posição atrás dos túmulos sobre os quais as sentinelas dos Polovtzi (*Povo turco que ocupou as estepes da Rússia meridional desde a segunda metade do século XI até à invasão tártara*) e dos

belicosos Prodniki (*Povo nómada, que vivia nas estepes situadas ao norte do Mar Negro nos séculos XII e XIII*) espreitavam outrora a vinda do inimigo.

Uma patrulha vermelha, instalada na colina de Belogórsskaia, principiou a bombardear Viochénskaia. Rebentou um primeiro obus no largo; desde aí, o fumo cinzento das explosões dos obuses e as nuvens leitosas dos shrapnels, dissipando-se no vento, cobriram toda a stanitsa. Três outras baterias começaram a fazer fogo sobre Viochénskaia e as trincheiras cossacas ao longo do Don.

Em Bolchói-Gromok, as metralhadoras ladravam furiosamente. Duas «Hotchkiss» disparavam rajadas curtas e uma «Máxime» com voz de barítono fazia cair uma chuva de ferro ininterrupta sobre as fileiras da infantaria insurrecta. Levavam as carretas para as colinas. Cavavam trincheiras nas vertentes cobertas de ameixeiras bravas.

As rodas das carretas de munições e os furgões ressoavam pela estrada dos hetmans, deixando atrás de si um turbilhão de poeira.

O canhoneio rugia ao longo de toda a frente. As baterias vermelhas disparavam até alta noite das falésias do Don, que dominavam toda a região. Os lameiros, cortados de trincheiras pelos insurrectos, mantiveram-se silenciosos desde Kazánsskaia a Usst-Kopérskaia. Os guardas dos cavalos estavam escondidos com os animais nos refegos do terreno cobertos de caniços, de espadanas, de impenetráveis juncais. Os cavalos, aí, não eram atormentados pelos mosquitos e o lúpulo bravo oferecia uma cama fresca. As árvores, os salgueiros sobretudo, constituíam um excelente esconderijo

Não se via viva alma nos prados das margens. De longe em longe, surgiam pequenos vultos de fugitivos, dobrados pelo medo, afastando-se do Don. Uma metralhadora vermelha disparava sobre eles algumas rajadas, o silvo arrastado das balas obrigava os fugitivos a deitarem-se no chão. Mantinham-se ocultos na erva espessa até ao crepúsculo e só então partiam de novo a correr, sem olharem para trás, em direcção aos vales acolhedores do norte, protegidos pela densa vegetação de bétulas e outras árvores.

Viochénskaia esteve durante dois dias sob um intenso fogo de artilharia. Os habitantes não saíam das lojas e das caves. As ruas revolvidas pelos obuses só se animavam à noite.

No Estado-Maior, havia quem admitisse a hipótese de que um bombardeamento tão intenso só podia significar a preparação de um ataque, de uma tentativa de passagem do rio. Calculavam que os vermelhos efectuariam essa passagem mesmo em face de Viochénskaia, para se apoderarem da povoação, e que, introduzindo-se como uma cunha na linha recta da frente, que cortariam ao meio, levariam seguidamente a cabo uma

ofensiva a partir de Kalatch e de Usst-Medvéditsskaia, acabando por destruí-la completamente.

Por ordem de Kudínov, haviam concentrado em Viochénskaia mais de vinte metralhadoras, providas de fitas em número suficiente. Os comandantes das baterias haviam recebido ordem para só dispararem os obuses que restavam no caso de os vermelhos tentarem atravessar o rio. A ponte-de-barcas e todas as embarcações haviam sido reunidas numa enseada, a montante de Viochénskaia, sob a protecção de uma forte guarda.

Grigóri considerou infundados os receios do Estado-Maior. Na conferência que teve lugar no dia 24 de Maio de 1919, fez troça das suposições de Ilia Safonov e dos seus partidários.

- Em cima de que é que eles atravessarão o rio diante de Viochénskaia? inquiriu. Será possível por ventura alguém atravessar aí? Olhem: deste lado, uma margem escalvada como a pele de um tambor, uma língua de areia absolutamente plana, e nem sequer um bosque, uma moita. Quem seria o idiota capaz de se arriscar a transpor o rio num sítio destes? Só Ilia Safonov, com as suas brilhantes capacidades, cairia em semelhante armadilha... Numa margem tão plana como esta, as nossas metralhadoras ceifavam-nos a todos. Não acredites, Kudínov, que os comandantes vermelhos sejam mais estúpidos do que nós. Há até entre eles alguns muito mais espertos. Não atacam Viochénskaia frontalmente. E não é aí que devemos esperar um desembarque, mas sim onde houver pouca água. Onde os bancos de areia formarem um vau, ou então num sector em que se possam esconder, com ravinas e bosques. Eis os sítios que devemos vigiar, sobretudo de noite; temos de prevenir os cossacos para que não façam tolices, que não se deixem dormir, e é necessário expedir a tempo reservas para os pontos perigosos, a fim de termos de que lançar mão no caso de as coisas começarem a correr mal.

- Tu dizes que eles não irão atacar Viochénskaia? Então por que motivo bombardeiam eles a stanitsa até tão tarde? - inquiriu o ajudante de Safonov.

- Vai lá tu perguntar-lho! Atiram não só sobre Viochénskaia, como também sobre Kazánskaia e Erinsskaia, disparam até do monte Semiónov. Atiram de toda a parte. Devem estar um bocado mais bem fornecidos de munições do que nós. Cá a nossa artilharia de merda tem cinco obuses apenas, e ainda por cima com o fundo de madeira.

Kudínov desatou a rir:

- Não estás com meias medidas!

- Não são alturas de fazermos críticas - disse o comandante da terceira bateria, vexado. - Devemos falar a sério.

- Então fala, quem te impede de o fazer? - declarou Kudínov, macambúzio, começando a brincar com a fivela. - Estamos fartos de vos dizer, cambada de idiotas: «Não gastem os obuses à toa, reservem-nos para os casos muito graves.» Mas qual? Puseram-se a disparar sobre tudo, mesmo sobre os carros. E agora, que nos encostam a espada ao peito, não temos com que disparar. Não há razão para nos ofendermos com críticas. Melekhov tem todo o direito de se rir da vossa artilharia de madeira. As vossas munições não merecem mesmo outra coisa.

Kudínov partilhou a opinião de Grigóri, apoiando a sua proposta no sentido de se reforçarem as guardas nos pontos mais propícios à passagem e de se concentrarem as reservas na proximidade imediata dos sectores ameaçados. Resolveu-se retirar algumas metralhadoras de Viochénskaia para as dar aos esquadrões de Belogórsskaia, Merkulov e Gromok, em cujos sectores havia maiores probabilidades de tentarem a passagem.

A hipótese de Grigóri, segundo a qual os vermelhos não tentariam atravessar diante de Viochénskaia, escolhendo para isso o lugar mais propício, foi confirmada logo no dia seguinte.

Durante a manhã, o comandante do esquadrão de Gromok anunciou que os vermelhos se preparavam para fazer a travessia. Durante toda a noite ouviram grande burburinho do outro lado do Don, o ruído de marteladas, o chiar de rodas. Inúmeras carretas traziam para Gromok tábuas, que descarregavam, e logo as serras começavam a zumbir, ouvindo-se ao mesmo tempo o barulho de martelos e de machados. Tudo indicava que os vermelhos estavam a construir qualquer coisa.

Os cossacos supuseram a princípio que se tratava de uma ponte flutuante. Dois cossacos dispostos a tudo avançaram até cerca de meia verstá a montante do sítio onde se ouvia o barulho dos trabalhos de carpintaria, despiram-se e, ocultando a cabeça com ramos, deixaram-se levar pela corrente. Foram mesmo à margem, perto do ninho de metralhadoras situado debaixo dos salgueiros. Ouviram nitidamente as conversas dos vermelhos e os golpes de machado na aldeia, porém não havia nada sobre a água. Os vermelhos estavam sem dúvida a construir qualquer coisa, mas não se tratava de uma ponte. O chefe do esquadrão de Gromok reforçou a vigilância da margem inimiga. Ao romper do dia, os observadores, que não largavam os binóculos, ficaram durante um longo momento sem dar por nada. De súbito um deles, que, desde a frente alemã, era considerado como o melhor atirador do regimento, divisou na penumbra da madrugada um vermelho que descia para o Don com dois cavalos arreados.

- Um vermelho está a dirigir-se para a água – murmurou o cossaco para um camarada que estava junto de si, enquanto poisava o binóculo.

Os cavalos meteram-se na água até aos joelhos, pondo-se a beber.

O cossaco, atirando para trás do cotovelo esquerdo a bandoleira frouxa da espingarda, regulou o ponto de mira e fez pontaria demoradamente, com todo o cuidado.

Após o tiro, um dos cavalos caiu devagar sobre o flanco, e o outro galopou para o alto da falésia. O vermelho baixou-se para retirar a sela do cavalo morto. O cossaco disparou segunda vez e depois riu-se com suavidade: o vermelho erguera-se rapidamente, pretendia afastar-se a correr do Don, mas de súbito caiu de borco, não voltando a levantar-se.

Mal foi informado de que os vermelhos se preparavam para atravessar o rio, Grigóri, após ter selado o cavalo, partiu para o sector do esquadrão de Gromok. Atravessou a vau o estreito canal de um braço do Don que se prolongava até ao extremo da stanitsa, metendo-se a galope pela floresta dentro.

A estrada atravessava os campos, mas isso era perigoso, e Grigóri enfiou-se por um atalho; manteve-se a coberto da floresta até ao fim do lago de Rassokhov, dirigiu-se pelos pântanos e pelos salgueirais até ao vale dos Kalmuks (um curso de água estreito coberto de paus e de canaviais, que põe em comunicação um dos pântanos da planície com o lago de Podstoilitssa), e só depois de ter passado a vau é que deteve o cavalo, deixando descansar durante alguns minutos. Daí até ao Don, estendiam-se cerca de duas verstás em linha recta. Alcançar as trincheiras através dos pântanos equivalia a expor-se ao fogo do inimigo. Era possível esperar o crepúsculo, mas Grigóri, que não gostava de esperar dizia sempre consigo: «não há nada pior no mundo do que esperar e voltar atrás», resolveu partir imediatamente. «Se fizer o cavalo dar tudo por tudo, não me apanharão!», disse com os seus botões, E saiu para terreno descoberto.

Escolhendo como meta um tufo verde de salgueiros no prolongamento da floresta, levantou o bengalim. Ao sentir a chicotada queimar-lhe a garupa e o grito selvagem de Grigóri, o cavalo estremeceu todo, derrubou as orelhas e, aumentando sempre de velocidade, partiu como uma seta em direcção ao Don. Ainda não havia percorrido cinquenta ságenas, logo da margem direita uma metralhadora disparou contra ele uma série de rajadas. As balas silvavam como esquilos. «Alto de mais, meu velho!» pensou Grigóri, apertando os flancos do cavalo e a afrouxar as rédeas, com a face a tocar na crina despenteada pelo vento.

Como se lhe tivesse adivinhado o pensamento, o metralhador vermelho oculto atrás da couraça verde da metralhadora, lá em cima na colina branca, apontou mais abaixo, e as balas, avermelhadas pelo voo, silvando como serpentes, vinham agora estalar diante dos

cascos do cavalo. Enterravam-se no chão que conservava a humidade das cheias, fazendo saltar salpicos de lama.

Grigóri ergueu-se um pouco nos estribos, deitando-se quase completamente sobre o pescoço estendido do cavalo.

A orla verde dos salgueiros aproximava-se com uma rapidez assustadora. A meio caminho, soou um tiro de canhão no monte de Semiónov. O ranger metálico do obus abalou o ar. O estampido da explosão, muito perto, fez com que Grigóri oscilasse na sela. Ainda não se calara o gemido, o urro dos estilhaços, antes que os canaviais do pântano já próximo, derrubados pela deslocação do ar, se tivessem erguido com um murmúrio, rebentou no alto da falésia um tiro de canhão.

E o uivo do obus a aproximar-se obrigou uma vez mais Grigóri a colar-se à sela.

Durante um centésimo de segundo, pareceu-lhe que aquele terrível rangido atingira o ponto culminante, mas eis que uma nuvem negra vinha erguer-se de súbito diante dos seus olhos, que a terra se punha a tremer sob o efeito de um choque formidável, e que as patas do cavalo se iam abaixo.

Grigóri voltou a si no momento da queda. Foi bater no chão com tanta força que os calções de caqui se rasgaram nos joelhos, quebrando-se as presilhas que as seguravam aos pés. A poderosa onda de ar deslocada pela explosão projectara-o para longe do cavalo, e deslizou algumas ságenas pela erva, queimando as palmas das mãos e as faces contra o chão.

Entontecido pela queda, ergueu-se. Caía uma chuva negra, feita de torrões e de raízes... O cavalo jazia a vinte passos da cratera. A sua cabeça estava imóvel, mas as patas de trás cobertas de terra, a garupa encharcada de suor e o rabo tremiam convulsivamente.

A metralhadora calou-se. Reinou o silêncio durante cinco minutos. Os guarda-rios guinchavam assustados por cima do pântano. Grigóri, lutando contra a vertigem, dirigiu-se para o cavalo. As pernas tremiam-lhe, absurdamente pesadas. Sentia-se como se acabasse de se levantar de uma posição incómoda.

As pernas inchadas pela falta de circulação pareciam não lhe pertencer a cada passo se lhe repercutia por todo o corpo.

Grigóri retirou a sela do cavalo morto. Porém, mal acabara de penetrar nos canaviais dilacerados pelos estilhaços de obus, a metralhadora recomeçou a crepitar com intervalos regulares.

Não se ouviam as balas a passar: a colina disparava sobre outro alvo.

Uma hora depois, Grigóri chegava ao abrigo do chefe de esquadrão.

- Deixaram agora mesmo de carpinteirar - disse este - mas com certeza vão recommear à noite. Vocês deviam mandar-nos cartuchos, um carregador ou dois para cada homem. Assim é uma desgraça.

- Vamos tratar disso logo. Não tires os olhos da margem direita.

- Estamos a fazer isso. Tenciono, esta noite, pedir voluntários para atravessarem a nado e irem ver aquilo que os tipos estão a martelar.

- Porque não fizeste já isso ontem?

- Mandei dois homens, Grigóri Pamteleievitch, mas eles não se atreveram a aproximar-se da aldeia. Nadaram ao largo da margem, mas... faltou-lhes a coragem para... para porem o pé em terra. Quem diabo hei-de eu convencer a ir lá hoje? É perigoso. Se têm a pouca sorte de passar junto de algum posto, matam-nos logo. Os cossacos, quando estão perto de casa, não se mostram lá muito corajosos. Na frente alemã, nem imaginas os voluntários que apareciam para ir buscar uma simples cruz mas agora se peço gente para um reconhecimento na retaguarda do inimigo, ou até para fazer uma guarda, ninguém se oferece. O mal disto tudo são as mulheres: vieram juntar-se aos maridos, dormem nas trincheiras, e não podemos mandá-las embora. Tentei fazer isso ontem, mas os cossacos ameaçaram-me: «Ele que esteja quieto, senão tratamos-lhe da saúde.»

Ao sair do abrigo do chefe de esquadrão, Grigóri dirigiu-se para as trincheiras. Estas atravessavam a mata em ziguezague, a umas vinte ságenas do Don Os carvalhos, as moitas de cítisos, os espessos maciços de choupos ainda pequenos ocultavam a rampa amarela do parapeto aos olhos dos soldados inimigos.

Alguns corredores de comunicação uniam as trincheiras aos abrigos blindados onde os cossacos descansavam. O chão em torno dos abrigos estava juncado de escamas azuladas de peixe seco, de ossos de carneiro, de cascas de semente de girassol, de pontas de cigarro, de trapos; via-se roupa lavada a secar nos ramos: meias, ceroulas, grevas, camisas de mulher, saias.

Uma rapariga em cabelo deitou a cabeça ensonada fora do buraco do primeiro abrigo Esfregou os olhos, fitando Grigóri com uma expressão indiferente, e enfiou-se de novo para dentro do buraco como uma toupeira. Num abrigo ao lado, estavam a cantar baixinho. Uma voz feminina, abafada, mas de timbre alto e puro, misturava-se a vozes masculinas. Uma mulher de certa idade, bem vestida, estava sentada na soleira do terceiro abrigo. A cabeça já grisalha do marido, com o topete cossaco no alto, repousava sobre os seus joelhos. O homem dormitava, comodamente deitado de lado, enquanto a mulher lhe catava com perícia os piolhos negros, esmagando-os depois com um pente de madeira, a enxotar de vez em quando as moscas que vinham pousar no rosto do seu velho amor Se

não fosse o crepitar das metralhadoras do outro lado do Don, o rugido surdo dos canhões, vindo de montante, de Migulínsskaia e de Kazánsskaia, dir-se-ia um acampamento de ceifeiros, de tal forma era tranquilo o espectáculo do esquadrão de Gromok na linha da frente.

Era a primeira vez, em cinco anos de guerra, que Grigóri via trincheiras de aspecto tão insólito. Não conseguindo evitar um sorriso, passava por diante dos abrigos, e em toda a parte o seu olhar descobria mulheres a tratarem dos maridos, a coserem e a remendarem os uniformes cossacos, a lavarem a roupa branca dos militares, a cozinharem e a lavarem a louça depois das sumárias refeições.

- Vocês não estão nada mal aqui, têm tudo quanto precisam - disse Grigóri ao chefe de esquadrão quando regressou ao abrigo.

O outro sorriu-se abertamente:

- Lá isso é verdade, não podemos estar melhor.

- Acho que estão bem de mais - disse Grigóri, tornando-se sério. - Temos de mandar as mulheres embora imediatamente. Estamos em guerra. Isto é uma feira, ou quê? Que diabo de ideia foi esta? Assim, os vermelhos podem passar o Don à vontade que vocês não dão por nada: estão entretidos com as mulheres... Tratem de as pôr daqui para fora antes da noite. Volto cá amanhã de manhã, e, se vejo por cá alguma saia, o primeiro a quem corto a cabeça é a ti.

- Lá isso... tens razão... - concordou sinceramente o chefe de esquadrão. - Também eu sou contra as mulheres mas que queres tu fazer com os cossacos? Não respeitam a disciplina. Há três meses que andamos em guerra, e as mulheres acabaram por se zangar com os maridos.

Ele próprio, corando, sentou-se no banco de terra batida para esconder um avental vermelho que estava aí pousado; desviando a atenção do rosto de Grigóri, lançava olhares ameaçadores para um canto do abrigo separado por uma cortina, donde o espreitavam os olhos risonhos e castanhos da sua própria esposa.

LXII

Akcínia Astakhov instalou-se em Viochénskaia, na casa de uma tia que habitava no extremo da stanitsa, perto da nova igreja. Mal havia chegado, começara a procurar Grigóri, mas este ainda não se encontrava em Viochénskaia; no dia seguinte, de manhã à noite, as balas silvaram e os obuses rebentaram nas ruas e nas vielas, não se atrevendo portanto a sair.

«Mandou-me vir para Viochénskaia, prometeu-me que ficaríamos juntos, e afinal anda sabe-se lá por onde», pensava ela com despeito, deitada em cima da arca do quarto, a morder os lábios vermelhos, mas já flácidos. A velha tia estava sentada à janela, a tricotar uma meia, benzendo-se de cada vez que ouvia um tiro de canhão.

- Oh! Meu Jesus! Que loucura! Mas por que andam eles a lutar? Por que motivo se matam uns aos outros?

Rebentou um obus na rua, a umas quinze ságenas da casa. Os vidros quebraram-se com um ruído inquietante.

- Tia! Saia de ao pé da janela, podem atingi-la - recomendou Akcínia.

A velha, observando-a ironicamente por detrás dos óculos, respondeu com irritação:

- Como tu és estúpida, Akcínia! Ora essa! Pois se eu não sou sua inimiga, por que diabo haviam de disparar sobre mim?

- Podem matá-la sem querer. Ou julga lá que eles vêm onde caem as balas?

- Achas que vão matar-me? Achas que eles não vêm? Não, dispararam sobre os cossacos, e os cossacos dispararam sobre os vermelhos, que são seus inimigos, mas eu não passo de uma velha, de uma pobre viúva, portanto não tenho nada a ver com isso! Está tranquila que eles sabem muito bem, apontam para onde querem as espingardas e os canhões.

Ao meio dia, Grigóri, dobrado sobre o pescoço da montada, passou a galope na rua em direcção ao cotovelo inferior do rio. Akcínia, avistando-o da janela, deu um pulo para o alpendre coberto de vinha-virgem. Gritou: «Gricha!» Mas Grigóri já desaparecera na esquina da rua, e a poeira levantada pelos cascos do cavalo caía lentamente no chão. Era inútil correr atrás dele. Akcínia deixou-se ficar algum tempo no alpendre, a chorar de raiva.

- Foi o Stepane quem passou? Porque saíste tu como uma doida? perguntou a tia.

- Não... Era um cossaco da nossa aldeia... – respondeu Akcínia por entre as lágrimas.

- Então porque estás tu a chorar? - indagou a velha, curiosa.

- Mas que tem a tia com isso? Não é consigo.

- Ah! Não é comigo!... Então era o teu apaixonado. Pois quem havia de ser? com certeza não te punhas para aí a chorar sem motivo nenhum... Também já fui nova, sei o que isso é.

À noite, Prokhor Zikov apresentou-se lá em casa.

- Boa noite. Olhe lá, patroa, não tem cá ninguém de Tatárski?

- Prokhor! - exclamou alegremente Akcínia, saindo do quarto a correr.

- Eh, rapariga, moí-me por tua causa! Gastei as pernas à tua procura. Tu sabes como ele é. Impetuoso tal como o pai.

O tiroteio não pára, tudo quanto é vivo escondeu-se, mas ele não se importa nada com isso: «Ou a encontras, ou mando-te para o cemitério.»

Akcínia arrastou Prokhor pela manga da camisa para o alpendre.

- Onde está esse demónio?

- Hum. . Onde queres tu que ele esteja? Voltou das posições a pé. O seu cavalo foi morto debaixo dele. Chegou furioso como um cão de guarda. «Já a encontraste?» perguntou-me.

«Aonde queres tu que eu a vá encontrar?» disse-lhe. «Não posso inventá-la.» Então ele respondeu-me: «Uma mulher não é uma agulha.» E pôs-se a ralar comigo.. Um verdadeiro lobo metido na pele de um homem.

- Que mais te disse ele ainda?

- Prepara-te e vem daí comigo, é tudo.

Akcínia empacotou num minuto as suas coisas, despedindo-se rapidamente da tia.

- Foi Stepane quem te mandou buscar?

- Foi, sim, minha tia.

- Nesse caso, dá-lhe saudades minhas. Mas porque não veio ele próprio? Teria bebido um copo de leite e ainda me restam alguns bolos de queijo...

Akcínia saiu a correr, sem ouvir mais nada. Caminhou tão depressa até ao alojamento de Grigóri, que empalideceu de cansaço. Prokhor acabou por dizer-lhe:

- Ouve lá. Também eu, em novo, andei atrás das raparigas, mas nunca corri tanto como tu. Então não tens paciência? Olha que não há nenhum fogo. Já nem consigo respirar. Mas quem diabo se lembra de correr assim em cima da areia? Tu não fazes nada como as outras...

E comentava com os seus botões: «Ei-los outra vez juntinhos

- Agora nem o diabo é capaz de os separar. Só querem saber de si próprios, e eu é que tive que andar à procura dela debaixo das balas. Deus queira que Natalia não saiba de nada, senão mói-me com pancada. Toda a gente sabe como são os Korchunov. Se não tivesse perdido o cavalo e a espingarda com a bebedeira, ter-me-ia obrigado a percorrer a stanitsa toda à sua procura! Quem dorme juntos são eles, portanto que se arranjam.»

O compartimento, de gelosias corridas, estava iluminado por um candeeiro de azeite fumarento. Grigóri encontrava-se sentado diante da mesa. Acabava de limpar a espingarda, estando a polir o cano, quando a porta rangeu. Akcínia surgiu na soleira. A sua testa branca estava húmida de transpiração, e os seus olhos selvagens, muito abertos, brilhavam com uma paixão tão frenética no rosto pálido que o coração de Grigóri estremeceu-lhe alegremente no peito.

- Mandaste-me chamar, e afinal escondes-te - disse ela respirando com dificuldade.

Como outrora nos primeiros tempos da sua ligação, só Grigóri existia para ela. O mundo afigurava-se-lhe morto quando ele não estava presente, voltando apenas a ressuscitar quando o tinha junto de si. Sem fazer caso de Prokhor, correu para Grigóri, enroscou-se em volta dele como o lúpulo selvagem, a chorar, beijando as faces peludas do seu bem-amado, cobrindo-lhe de curtos beijos o nariz, a testa, os olhos, os lábios, enquanto murmurava numa voz indistinta, por entre soluços:

- Sofri tanto... Até fiquei doente... Grichenka... meu amor...

- Bem vês... Bem vês... Mas espera... Akcínia, acalma-te... - gaguejava Grigóri, perturbado, voltando a cara para não ter de fitar Prokhor.

Obrigou-a a sentar-se no banco, tirou-lhe o xale caído sobre a nuca, pondo-se a acariciar-lhe os cabelos despenteados.

- És tão...

- Continuo a ser a mesma. E tu...

- Não, palavra de honra, estás possessa.

Akcínia poisou as mãos sobre os ombros de Grigóri, riu-se através das lágrimas, murmurando muito depressa:

- O quê? Manda-me vir... Faço a viagem a pé, abandono tudo, e não o encontro... Passa a galope diante de mim, saio a correr, grito, mas ele já desapareceu na esquina da rua... Poder-me-iam ter morto sem te ver uma última vez...

E continuou a dizer-lhe coisas muito ternas, suaves, femininas, ingénuas, sempre a acariciar os ombros dobrados de Grigóri, sem afastar dos olhos dele o seu olhar para sempre submisso.

Havia nessas pupilas algo de tão triste e ao mesmo tempo de orgulhoso, como se fosse um animal perseguido, que Grigóri se sentia pouco à vontade.

Baixou as sobrancelhas queimadas pelo sol, forçando um sorriso, e não disse nada. Entretanto, as faces de Akcínia iam-se tornando cada vez mais rosadas, e uma neblina azul velava-lhe as pupilas.

Prokhor, saindo sem se despedir, esgarrou no vestibulo, esmagando depois o esgarro com o pé.

- É uma feiticeira, não há dúvida! - exclamou ele com irritação enquanto descia os degraus e batia ostensivamente com a cancela.

LXIII

Passaram dois dias inteiros como num sonho, confundindo o dia e a noite, esquecidos de tudo. De quando em quando, Grigóri despertava após um curto sono vertiginoso, e via na penumbra, apontado a si, o olhar atento e como que preocupado de Akcínia. Esta mantinha-se habitualmente apoiada nos cotovelos, de rosto na palma da mão, sem pestanejar quase nunca.

- Porque estás a olhar para mim? - inquiria Grigóri.

- Quero encher os meus olhos de ti... Eles vão matar-te, o meu coração diz-me isso.

- Sendo assim, olha para mim à vontade - respondia Grigóri sorrindo.

No terceiro dia, saiu à rua. Kudínov enviara-lhe várias estafetas a avisá-lo de que nessa noite havia uma reunião. «Não vou lá. Que se reunam sem mim», respondeu Grigóri aos estafetas.

Prokhor trouxe-lhe um novo cavalo, que arranjava no Estado-Maior, e durante a noite foi buscar ao sector do esquadrão de Gromok a sela que ele lá deixara. Vendo Grigóri preparar-se, Akcínia inquiriu, assustada:

- Aonde é que tu vais?

- Tenho que dar um salto a Tatársski, para ver como eles defendem a nossa aldeia, e já agora aproveito para perguntar notícias da minha família.

- Estás preocupado por causa dos teus filhos? – disse Akcínia, envolvendo no xale os seus morenos ombros descaídos.

- Estou.

- Mais valia que lá não fosses. Estás a ouvir?

- Mas vou.

- Não vás! - suplicou Akcínia, com os olhos já a brilhar nas órbitas negras. - Importas-te então mais com a família do que comigo? Queres-lhes mais do que a mim! Desejas tudo ao mesmo tempo? Então leva-me contigo Eu e Natalia acabaremos por nos entender Anda, vai, parte! Mas não voltes para o pé de mim. já não te quero. Não te quero assim .. Não quero...

Grigóri saiu em silêncio para o pátio, e montou a cavalo.

O esquadrão a pé de Tatársski não se dera ao trabalho de cavar trincheiras.

- Para que serve isso! - vociferara Khrisstónia. - Como se a gente estivesse na frente alemã! Abram só umas valas vulgares, irmãos, que dêem pelo joelho. É lá possível cavar uma terra dura como esta até várias airchines de profundidade? Nem com um alvião, quanto mais à pá

Seguindo o conselho dele tinham cavado apenas umas valazinhas no alto das falésias escarpadas da margem esquerda e construído também alguns abrigos na floresta.

- Muito bem, eis-nos feitos toupeiras - gracejou Anikuchka que nunca perdia o bom humor. - Vamos passar a viver em buracos e comeremos erva. Queriam passar a vida a meter no bucho crepes com creme, carne, esturjões com aletria?

- E que tal, as coroas-de-rei?

Os vermelhos pouco incomodavam os homens de Tatársski. Não havia nenhuma bateria na aldeia. De quando em quando, na margem esquerda, uma metralhadora disparava algumas rajadas curtas contra os observadores vermelhos que erguiam a cabeça acima da trincheira, e em seguida voltava a reinar a calma durante algum tempo.

Os vermelhos tinham aberto trincheiras na colina. Também eles disparavam raras vezes, só descendo de noite à aldeia, onde permaneciam sempre pouco tempo.

Grigóri chegou em frente de Tatársski antes do pôr do sol.

Tudo lhe era familiar, cada arbusto lhe despertava uma recordação... A estrada seguia através da Clareira da Rapariga, onde os cossacos iam todos os anos beber vodka, no dia de S. Pedro, após terem dividido a pradaria. A mata de Alekcei mete-se como um promontório pelas ínsuas dentro. Há muito tempo, nesse pequeno bosque, nessa alltura ainda sem nome, os lobos mataram uma vaca pertencente a um certo Alekcei, que habitava em Tatársski. Alekcei morreu, a sua lembrança apagou-se como uma inscrição sobre uma pedra tumular, os vizinhos e os parentes esqueceram até o seu nome de família, mas a pequena mata, sempre viva, continua a estender para o céu as coroas verde-escuras dos seus carvalhos e dos seus olmos.

A gente de Tatársski abate as árvores para fabricar os objectos necessários ao seu uso doméstico, mas todas as Primaveras brotam novos rebentos dos cepos volumosos. Um ou dois anos de imperceptível crescimento, e a nova mata de Alekcei reveste-se no Verão do verde-pálido dos ramos em crescimento; no Outono, passa a usar uma armadura de oiro e as folhas denteadas do carvalho, que os gelos matinais queimaram, dependem cintilações ruivas.

Durante o Verão, as silvas espinhosas cingem a terra húmida no seu abraço apertado, as gralhas e as pegas elegantemente emplumadas fazem ninho no alto dos velhos olmos; durante o Outono, as codornizes de passagem detêm-se algum tempo no bosque

impregnado pelo odor vivificante e acre das bolotas e das folhas de carvalho caídas. No Inverno, apenas as marcas redondas das patas da raposa se estendem como feiras de pérolas por cima do feltro branco da neve. Na juventude, Grigóri fora mais de uma vez armar ratoeiras às raposas na mata de Alekcei

Passou por debaixo do dossel fresco dos ramos, através dos sulcos cobertos de erva do ano anterior. Depois da Clareira da Rapariga dirigiu-se à Cova Negra, e as recordações entonteceram-no. Junto daqueles três salgueiros, perseguira em criança, no paul, uma ninhada de patos bravos que não sabiam ainda voar, pescara à linha na Lagoa Redonda desde manhã até à noite. Perto dali, erguia-se o amieiro em forma de tenda, velho e solitário, que se avistava do pátio dos Melekhov.

No Outono, Grigóri admirava-o sempre que ia ao alpendre; de longe, parecia estar a arder soltando de si aceradas chamas vermelhas. O pobre Petro, que tanto gostava de bolos de abrunho, acres e amargos ..

Grigóri contemplou com uma melancolia calma estes lugares da sua infância. O cavalo caminhava a passo, enxotando preguiçosamente com o rabo os moscardos que enxameavam o ar e os terríveis mosquitos castanhos. A tanchagem e as outras ervas inclinavam-se com suavidade sob o vento. Ondas verdes percorriam os prados.

Chegando junto das trincheiras dos soldados de infantaria de Tatársski, Grigóri mandou chamar o pai. Algures ao longe, para o lado esquerdo, ouviu Khrisstónia gritar:

- Pantelei! Chega cá depressa! Está aqui o Grigóri.

Grigóri desmontou, entregando as rédeas a Anikuchka que se aproximara, e viu o pai a caminhar ao seu encontro, à pressa, coxeando

- Olá, chefe!

- Bom dia, pai.

- Então, por aqui?

- Custou um pouco a cá chegar. Como correm as coisas lá por casa? A mãe e a Natalia, onde estão elas?

Pantelei Prokófievitch fez um gesto de desespero com a mão e carregou o sobrolho. Deslizou-lhe uma lágrima pela face dura...

- Então, o que há? Aconteceu-lhes alguma coisa? - inquiriu Grigóri bruscamente, inquieto.

- Não passaram o rio...

- O quê?

- Natália está de cama há dois dias. Deve ser o tifo... A velha não a quis deixar sozinha... Mas não te preocupes, meu filho, tudo corre bem.

- E as crianças? Michatka? Poliuchka?

- Também lá ficaram. Mas Duniachka, essa, veio. Teve medo... É uma rapariga, compreendes... Por agora, está em Volokhov com a mulher de Anikuchka. Já fui duas vezes lá a casa. Passo de barco, durante a noite, sem ninguém dar por isso, vou ver como correm as coisas. A Natalia está mal, mas os meninos encontram-se bem, graças a Deus... A Natália está inconsciente, tem febre, e o sangue rebentou-lhe os lábios.

- Porque não as obrigaste a vir para aqui? - gritou Grigóri com indignação.

O velho zangou-se. A sua voz trémula traduzia uma amarga censura:

- E tu, que é que andaste a fazer? Não poderias ter vindo a tempo para as ajudar a passar?

- Tenho uma divisão à minha responsabilidade. O meu dever era fazê-la passar retorquiu Grigóri, exaltado.

- Estamos ao par das tuas ocupações em Viochénsskaia... Julgas que a tua família não precisa de ti? Ah! Grigóri! Quando não pensamos nas pessoas devemos ao menos temer a Deus.

- Eu não atravessei aqui, ou julgas que se assim fosse as não teria trazido comigo? A minha secção estava em Elánskaia e, antes de termos tempo de cá chegar, já os vermelhos ocupavam a aldeia.

- Em Viochénsskaia, eu... Isso não é contigo... Não tens nada a...

A voz de Grigóri estava rouca e abafada.

- Mas eu não disse nada - desculpou-se o velho, inquieto fitando com desagrado os homens que se haviam reunido a pouca distância deles. - Não me referia a isso .. Olha, fala mais baixo, estão a ouvir-nos...

Começou a segredar:

- Já não és uma criança, sabes muito bem o que deves fazer. Não te preocupes de mais com a família. Natalia, se Deus quiser, pôr-se-á boa, e os vermelhos não lhe farão nenhum mal. Mataram um vitelo de um ano, é verdade, mas não fizeram mais nada. Têm sido correctos, não tocam no que é nosso... Levaram quatro medidas de trigo. Mas a guerra é a guerra!...

- Talvez fosse possível fazê-las atravessar agora.

- Nem penses nisso. Assim doente, como havíamos de a tratar? E além disso é perigoso. Elas não estão mal. A velha trata da quinta, e as coisas lá vão andando, ao passo que as outras casas arderam.

- O que é que ardeu?

- Todas as casas da praça. Sobretudo as dos comerciantes. Da dos Korchunov não resta nada. Lukinitchna está em Andropov, mas o avô Grichaka também ficou para guardar a casa. A tua mãe contou que o avô disse: «Não sairei da minha quinta, e os anticristos se entrarem nesta casa terão medo do sinal da cruz.» Estava completamente varrido do juízo. Os vermelhos não tiveram medo nenhum do seu sinal da cruz, e tanto a casa como as dependências transformaram-se em fumo. Quanto ao avô, não se sabe o que foi feito dele... Agora já se pode rezar pela sua alma. Há vinte anos que mandara fazer o caixão, e continuava vivo... Quem queimou a aldeia foi um amigo teu, diabos o carreguem!

- Qual?

- Michka Kochevói, maldito seja!

- Será verdade?

- Foi ele, garanto-te! Entrou em nossa casa e perguntou por ti. Disse à tua mãe: «Quando atravessarmos o rio, o seu Grigóri será o primeiro a ser enforcado. No carvalho mais alto. «Nem sequer hei-de sujar o meu sabre com ele!» Perguntou também por mim a arreganhar os dentes. «E o coxo, para onde foi? Bem que podia ter-se deixado ficar em casa, ao fogão. A ele, se o apanhar, não o mato, mas dou-lhe tantas chicotadas que há-de perder o fôlego.» Eis como ele é, o miserável. Pôs-se a correr a aldeia, e deitou fogo às casas dos comerciantes e dos popes, dizendo: «Para vingar Iváne Alekceiévitich e Chtókman vou queimar a aldeia toda.» Que dizes tu a isto?

Grigóri conversou ainda durante cerca de meia hora com o pai, regressando depois para junto do cavalo. O velho não fizera qualquer alusão a Akcínia, mas Grigóri ficara sucumbido «Já todos devem saber, como o meu pai. Quem teria dado à língua? Alguém mais, além de Prokhor, os teria visto juntos? Saberia Stepane de alguma coisa?» Rangeu os dentes, com vergonha enfurecido consigo próprio.

Trocou ainda algumas palavras com os cossacos. Anikuchka, sempre a gracejar, pediu que mandassem para o esquadrão alguns baldes de aguardente.

- Não precisamos de cartuchos, desde que tenhamos vodka declarou, com uma gargalhada e a piscar o olho, fazendo estalar eloquentemente a unha contra o colarinho sujo da camisa.

Grigóri ofereceu tabaco a todos. Quando estava para se ir embora, avistou Stepane Astakhov. Stepane, aproximando-se, cumprimentou-o devagar, mas sem lhe estender a mão.

Grigóri, que não tornara a vê-lo desde o início da insurreição, fitou-o, inquieto: «Saberá alguma coisa?» Mas o seu belo rosto magro estava tranquilo, mesmo satisfeito, e Grigóri soltou um suspiro de alívio: «Não, não sabe nada.»

LXIV

Grigóri regressou dois dias após esta visita ao sector ocupado pela sua divisão. O Estado-Maior do comandante-chefe fora transferido para a aldeia de Tchórni. Grigóri concedeu meia hora de descanso ao cavalo parto de Viochénskaia, partindo para Tchórnd sem parar na stanitsa.

Kudínov recebeu-o com um sorriso de quem pretendia captar-lhe as boas graças.

- Então, Grigóri Panteleievitch, que nos contas tu? O que viste por lá?

- Vi os cossacos, e vi também os vermelhos nas colinas.

- Muito bem, fartaste-te de ver coisas. Quanto a nós, três aeroplanos trouxeram-nos cartuchos e cartas...

- O teu amigalhaço, o general Sidórine, que te escreveu ele?

- O meu camarada de regimento - corrigiu Kudínov invulgarmente bem disposto, sempre no mesmo tom de brincadeira. - Ora bem, mandou-me dizer para aguentar com todas as minhas forças, não deixando os vermelhos passar o Don. Diz-me ainda que o Exército do Don vai começar de um dia para o outro a ofensiva final.

- É bom ouvir isso.

Kudínov pôs-se sério.

- Eles vão romper a frente. Só te digo isto a ti, é muito secreto. Dentro de uma semana, terão rompido a frente do 8.º Exército Vermelho. Temos de nos aguentar.

- É o que nós fazemos.

- Os vermelhos preparam-se para passar o rio em Gromok.

- Continua a ouvir-se o barulho dos machados?

- É verdade... Mas afinal o que é que tu viste? Onde estiveste?

- Não te deixaste por acaso ficar na boa vida em Viochénskaia?

- Talvez não tivesses ido a parte nenhuma. Anteontem, mandei procurar-te por toda a stanitsa, e um dos meus homens veio dizer-me: «Melekhov não está em casa, mas uma mulher muito bonita veio abrir-me a porta e disse: «Grigóri Panteleievitch saiu», e ela tinha os olhos inchados. Então disse cá comigo: «Talvez o nosso comandante de divisão se esconda de nós porque anda a divertir-se com alguma pequena bonita.»

Grigóri franziu os sobrolhos. A graçola de Kudínov não lhe agradara.

- Farias melhor em não dar ouvidos àquilo que te vêm contar e devias escolher ordenanças menos bisbilhoteiras. Se voltas a mandar-me um homem com uma língua tão comprida, garanto-te que lha corto com o sabre, para que não venha repetir-te asneiras.

Kudínov pôs-se a rir, dando palmadas no ombro de Grigóri.

- Nunca compreendes uma piada! Bem, chega de brincadeira.

- Preciso de conversar a sério contigo. Primeiro, temos de arranjar um informador, depois, precisamos de enviar durante a noite ao outro lado, não mais acima do que a fronteira de Kazánskaja, dois esquadrões de cavalaria para complicar um bocado a vida aos vermelhos. Poder-se-ia até fazer isso em Gromok, para semear o pânico, hem? Que dizes tu?

Grigóri só respondeu após um momento de silêncio:

- A ideia não é má.

- E tu estás disposto a comandar os esquadrões? - inquiriu Kudínov, sublinhando o «tu».

- Eu, porquê?

- Porque é necessário um chefe combativo! Só por isso. Um chefe muito combativo. Temos de confessar que se não trata de nenhuma brincadeira. Até pode acontecer que não regresse ninguém.

Grigóri, lisonjeado, respondeu sem perder tempo a reflectir:

- Aceito, claro está.

- Estivemos a pensar no caso, e eis o que nos parece melhor... principiou Kudínov animadamente, levantando-se do banco e pondo-se a passear pelo compartimento, a fazer ranger o soalho. Não convém penetrar de mais na retaguarda, mas sim manterem-se perto do Don e sacudir as pulgas a duas ou três aldeias, de tal forma que eles fiquem fartos, deitando em seguida a mão a uma boa quantidade de cartuchos e obuses e fazendo alguns prisioneiros, antes de voltarem pelo mesmo caminho. Tudo deve ser levado a cabo durante a noite, de forma a alcançarem o vau ao amanhecer. De acordo? Bem, pensa nisso, escolhes os homens, e avante! Dissemos uns aos outros: «Só o Melekhov é capaz de fazer isto.» Se te saíres bem, o Exército do Don não se esquecerá de ti. Logo que fizermos a junção com os nossos, enviarei um relatório ao atamane designado.

- Farei os elogios que mereces, e a tua promoção...

Kudínov, ao observar a expressão de Grigóri, deteve-se no meio de uma palavra: o seu rosto até aí calmo congestionara-se, a cólera alterava-lhe os traços fisionómicos.

- Por quem me tomas tu?

Cruzou com energia as mãos atrás das costas, ergueu-as.

- Julgas que os galões me interessam para alguma coisa? Pretendes comprar-me? ..
Atreves-te a prometer-me uma promoção?

- Eu...

- Espera.

- Mijo nos galões

- Espera. Não compreendeste.

- Mijo, sim.

- Não compreendeste, Melekhov.

- Compreendi tudo muito bem.

Grigóri deu um suspiro profundo, voltando a sentar-se no banco

- Arranja outro. Eu não vou.

- Irritas-te por tudo e por nada.

- Não vou Já disse.

- Bem, não te obrigo, não insisto. Faz como entenderes. A nossa situação é muito grave, eis porque resolvemos inquietá-los, impedi-los de prepararem a passagem do rio. Quanto à promoção, estava a gracejar. Como é possível que não consigas entender uma brincadeira? Aconteceu o mesmo com a mulher, disse aquilo por piada, e quando vi que estavas aborrecido, pensei com os meus botões: «Lá tornei eu a ofendê-lo.» Sei muito bem que foste meio bolchevique e detestas os galões. Então julgavas que eu estava a falar a sério? prosseguiu Kudínov, a ver se lhe era possível sair daquele mau passo, rindo-se com tanta naturalidade que Grigóri ainda chegou a admitir a hipótese de que ele estava a falar verdade. Não... tu... Oh! oh! oh! Zangaste-te irmãozinho! Mas eu disse aquilo só por brincadeira.

- Queria gozar contigo.

- Seja como for, recuso, mudei de ideias.

Kudínov brincava com a fivela do cinturão. Manteve-se um longo momento sem falar, acabando por dizer:

- Bem. Que tenhas mudado de opinião ou que sintas medo, isso pouco importa. O que interessa é que arruinas o nosso plano. Claro está que enviaremos outro. Não existes só tu no mundo Quanto à gravidade da nossa situação, avalia por ti próprio. Kondrat Medvédev mandou-me hoje de Chumilínsskaia a última ordem do comando vermelho. Estão a enviar tropas contra nós Mas o melhor é leres tu próprio, se assim não for não acreditas.

Kudínov tirou da bolsa uma folha de papel amarelo manchada de sangue e estendeu-a a Grigóri.

- Encontraram isto na roupa do comissário de uma companhia internacional, um letão. O patife defendeu-se até ao último cartucho e depois atirou-se de baioneta calada contra todo o pelotão cossaco . Eles também têm homens a sério, entre os convictos Foi o próprio Kondrat quem acabou com o comissário. Encontrou-lhe isto no bolso.

ORDEM

Às tropas expedicionárias 8 N.º 100

Bogutchar, 25 de Maio de 1919.

Para ser lido em todas as companhias, esquadrões, baterias e destacamentos.

A ignóbil insurreição do Don tem de acabar.

Soou a sua última hora.

Já foram feitos todos os preparativos indispensáveis.

Acabam de ser concentradas forças suficientes para serem lançadas contra os patifes e os traidores. Chegou a hora de ajustar contas com esses Cains que apunhalaram pelas costas durante mais de dois meses os nossos exércitos da frente Sul.

Toda a Rússia operária e camponesa olha com repugnância e ódio esses bandos de Migulínsskaia, Viochénsskaia, Elánsskaia, Chumilínsskaia, que à sombra de uma falsa bandeira vermelha ajudam os proprietários cem-negros (*de uma organização terrorista da extrema-direita*), Denikine e Coltchak.

Soldados, comandantes, comissários das tropas de repressão.

Terminou o trabalho preparatório. Estão concentradas todas as forças, todos os meios necessários. Estão cerradas as fileiras.

Agora, ao nosso sinal, em frente!

Os ninhos de patifes e traidores sem honra devem ser destruídos. Os Cains têm de ser exterminados. Não há quartel para as stanitsas que oponham resistência. Apenas serão poupadas as que entregarem voluntariamente as armas e se passarem para o nosso lado. Para os auxiliares de Coltchak e Denikine reservaremos o chumbo, o aço e o fogo!

A Rússia Soviética conta convosco, camaradas soldados.

Dentro de alguns dias lavaremos o Don da mancha negra da traição. Soou a hora suprema.

Todos como um só homem, avante!

LXV

A 19 de Maio, Michka Kochevói fora enviado com uma carta urgente por Gumanóvski chefe do Estado-Maior da Brigada Expedicionária do 9.º Exército para o Estado-Maior do 32.º Regimento, o qual se encontrava, segundo as informações de Gumanóvski, na aldeia de Gorbátovsski.

Michka chegou nessa mesma noite a Gorbátovsski, mas o Estado-Maior do 32.º Regimento já ali se não encontrava. A aldeia estava atravancada com as numerosas viaturas do comboio das equipagens da 23.ª Divisão que vinham do Donetz e se dirigiam para Usst-Medvéditsskaia, sob a protecção de duas companhias de infantaria.

Michka vagueou durante algumas horas pela aldeia, a tentar saber onde parava o Estado-Maior. Por fim, um cavaleiro vermelho disse-lhe que o Estado-Maior do 32.º se encontrava na véspera na aldeia de Evlantiévsski, junto da stanitsa de Bokóvsskaia.

Depois de ter dado de comer ao cavalo, Michka partiu para Evlantiévsski; chegou lá tarde, mas já ali não encontrou o Estado-Maior. Ao regressar a Gorbátovsski, passava da meia-noite, cruzou-se na estepe com uma patrulha vermelha.

- Quem vem lá - gritaram.

- Camarada.

- Ora diz lá... - proferiu suavemente, numa voz rouca, ao aproximar-se, o chefe de patrulha, que trazia um boné branco do Kúbano e uma tcherkesska azul. - A que unidade pertences?

- À brigada expedicionária do 9.º Exército.

- Trazes contigo os documentos da tua unidade?

Michka exibiu o salvo-conduto. O chefe de patrulha examinou-o à luz da Lua, inquirindo num tom desconfiado:

- Quem é o comandante da brigada?

- O camarada Lozóvsski.

- E onde está neste momento a brigada?

- Na outra margem do Don. E tu, a que unidade pertences, camarada? Não é à 32.ª?

- Não. Somos da 33.ª Divisão do Kúbano. Donde vens tu?

- De Evlantiévsski.

- E para onde vais?
- Para Gorbátovsski,
- Mas quem está agora em Gorbátovsski são os cossacos.
- Não é possível! - disse Michka surpreendido.
- Já te disse que são os cossacos insurrectos que estão agora em Gorbátovsski.

Vimos de lá.

- Como é que hei-de fazer para ir para Bobróvsski - inquiriu Michka, desorientado.
- Isso é lá contigo.

O chefe da patrulha seguiu caminho no seu cavalo de garupa 'pesada, voltando-se na sela para aconselhar:

- Vem connosco, senão ainda te arriskas a ficar sem cabeça.

Michka juntou-se prontamente à patrulha. Chegou com ela durante a noite à aldeia de Krujíline, onde se encontrava o 294.º Regimento, de Taganrog, entregou a mensagem ao comandante, explicando-lhe por que motivo não podia fazê-la chegar ao seu destino, e pediu autorização para se reunir ao regimento como batedor a cavalo.

A 33.ª Divisão do Kúbano, há pouco constituída com unidades do Exército de Tamane e de voluntários do Kúbano, fora transferida de Astracã para o sector Vorónejo-Lisski. Uma das suas brigadas, compreendendo os regimentos de Taganrog, Derbent e Vassilkov, fora lançada contra a insurreição. Tinha sido ela que se chocara com a 1.ª Divisão comandada por Grigóri Melekhov, empurrando-a para o outro lado do Don.

A brigada percorrera em marchas forçadas, sempre a combater, a margem direita do Don desde a stanitsa de Kazánsskaia até às aldeias da stanitsa de Usst-Khopérskaia, situadas no extremo oeste, tendo o seu flanco direito ocupado as aldeias do Tchir, e só voltara para trás após ter passado quinze dias ao longo do Don.

Michka tomou parte no combate para a tomada de Karguínsskaia e de várias aldeias do Tchir. No dia 27 de manhã, na estepe, junto da aldeia de Nijni-Gruchínsskaia, o comandante da 3.ª Companhia do 294.º Regimento de Taganrog leu aos soldados formados à beira da estrada a ordem que acabava de receber. As palavras imprimiram-se profundamente na memória de Michka. «Os ninhos de patifes e traidores sem honra devem ser destruídos. Os Cains devem ser exterminados...» E ainda: «Para os auxiliares de Koltchak e de Denikine, reservaremos o chumbo, o aço e o fogo!»

Após o assassinato de Chtókman, de Iváne Alekceiévitich e dos comunistas de Elánsskaia, um ódio ardente contra os cossacos invadira o coração de Michka. Deixara de reflectir, não dando já ouvidos à voz confusa da piedade, quando um insurrecto cossaco lhe caía nas mãos. Não tinha indulgência para ninguém. Fitava o prisioneiro com os olhos

azuis e frios como o gelo, inquirindo: «Tu lutavas contra o poder dos soviets?» E, sem esperar a resposta, sem olhar para o rosto cadavérico do prisioneiro, trespassava-o sem piedade com o sabre. Não se limitava a matar, soltava também o «galo vermelho» nas casas das aldeias abandonadas pelos insurrectos.

E quando os bois e as vacas, loucos de terror, quebrando as cercas das herdades a arder, fugiam pelas ruas soltando mugidos, Michka disparava sobre eles à queima-roupa.

Movia uma guerra impiedosa e sem tréguas à abastança cossaca, à perfídia cossaca, a esse modo de vida estagnante e inalterável que durava há séculos nas casas ricas. A morte de Chtókman e de Iváne Alekceiévitich alimentava o seu ódio, e as palavras da Ordem às tropas expedicionárias exprimiam com toda a clareza os seus mudos sentimentos. Nesse dia, juntamente com três camaradas, incendiou cento e cinquenta herdades da stanitsa Karguínsskaia. Levava consigo um barril de petróleo do armazém de um comerciante e percorria a praça com uma caixa de fósforos na mão negra; atrás de si, as casas elegantes de madeira pintada dos comerciantes e dos popes, as quintas dos cossacos abastados, as habitações de todos aqueles «que tinham com as suas intrigas levado à revolta a massa ignorante dos cossacos» tornavam-se pasto das chamas e do fumo acre.

Os batedores a cavalo eram os primeiros a entrar nas aldeias abandonadas pelo inimigo. Antes da chegada da infantaria, Michka tinha tempo de incendiar as herdades mais ricas.

Queria a todo o custo ir a Tatársski e queimar metade da aldeia, para fazer expiar aos seus habitantes a morte de Ivane Alekceiévitich e dos comunistas de Elánsskaia. Elaborara mentalmente a lista daqueles cuja casa devia arder e resolvera, se a sua unidade passasse à esquerda de Viochénskaia, ao deixar o Tchir, dirigir-se por sua conta à aldeia natal.

Outra razão o levava a Tatársski... Há dois anos que não via Duniachka Melekhov, senão de longe em longe. E unia-os um sentimento que ainda não fora expresso em palavras. Tinha sido Duniachka quem bordara com as suas mãos morenas a bolsa de tabaco de Michka. Fora ela quem lhe levava no Inverno, às escondidas da família, umas luvas de pele de cabra. Guardava preciosamente no peito o lenço bordado que pertencera a Duniachka. Esse pequeno rectângulo que conservava nas suas pregas, há três meses, o perfume de um corpo virginal, indefinível como o aroma do feno, era-lhe mais querido do que tudo que se possa imaginar. Quando estava sozinho, pegava nele e vinha-lhe sempre à memória a mesma recordação: um choupo coberto de gelo junto a um poço, uma tempestade de neve a desabar do céu negro, os lábios duros e trémulos de Duniachka e o brilho cristalino dos flocos que se derretiam nas suas pestanas curvas.

Preparou-se cuidadosamente para essa visita à aldeia. Em casa de um comerciante de Karguínsskaia, tirou da parede um pequeno tapete colorido e fez com ele um saco que alegrava a vista com as suas cores vivas e os seus desenhos.

Tirou de uma arca cossaca umas calças de listas quase novas, meia dúzia de xailes de mulher, dos quais fez três pares de grevas e umas luvas de Inverno que meteu no saco, pois só queria calçá-las na colina, antes de entrar em Tatárski.

Era costume há séculos os cossacos envergarem os seus mais belos trajes para entrarem na aldeia. Embora pertencesse ao Exército Vermelho, Michka, não se tendo libertado das tradições cossacas, preparava-se para observar religiosamente esse velho costume.

Possuía um bom cavalo baio escuro de ventas brancas, cujo antigo dono fora um cossaco da stanitsa de Usst-Khopérskaia que Michka trespassara com o sabre durante um ataque. Este cavalo era um despojo de guerra de que se podia orgulhar: elegante, fogoso, altivo e veloz. O arreio, porém, não prestava para nada. A sela estava gasta e remendada, a cilha era de couro cru e a ferrugem dos estribos, de tão antiga, resistia à mais obstinada limpeza. As rédeas também eram modestas, sem nenhum ornamento. Tinha de fazer qualquer coisa, pelo menos, para as enfeitar. Michka deu voltas à cabeça para resolver este problema, até que por fim teve uma ideia luminosa. Em frente da casa queimada de um comerciante, na praça, avistou uma cama niquelada que os criados aí haviam posto. Nos quatro cantos desta, viam-se umas bolas brancas que reflectiam o sol, luzindo com um brilho ofuscante.

Bastava desatarraxá-las ou arrancá-las, pendurando-as em seguida no freio, para que as rédeas tomassem logo outro aspecto. Foi o que Michka fez. Desatarraxou as bolas, que eram de metal maciço, e pendurou-as nas rédeas com cordões de seda: duas no freio e outras duas nas faceiras, de cada lado, que ficaram a cintilar na cabeçada como o sol do meio-dia. Quando reflectiam os raios solares, o seu brilho tornava-se insuportável. Refulgiam tanto que o cavalo fechava os olhos, vacilava, e o seu passo tornava-se incerto. Mas, embora a vista do cavalo se ressentisse e os olhos do bicho ficassem cheios de lágrimas, Michka nem assim as retirou.

Foi preciso em breve abandonar Karguínsskaia, semiqueimada e que tresandava a tijolos quentes e a cinza. O regimento devia alcançar o Don no sector de Viochénskaia.

Michka obteve sem dificuldade do seu chefe de patrulha licença para ir passar um dia à terra.

O chefe não se contentou em lhe conceder essa curta licença, fez mais do que isso:

- És casado? - perguntou ele a Michka.

- Não.
- Mas deves ter por lá algum arranjinho, não?
- Um quê? Que é isso? - perguntou Michka admirado.
- Bem, uma amiga!
- A-a-aah! . Não, isso não tenho. Mas gosto de uma rapariga séria.
- E um relógio com uma corrente, também não tens?
- Não, camarada.
- Então, toma lá!

O chefe, um sargento do antigo exército, natural de Stavropol, que sabia avaliar o que é ir-se de licença, e quanto custa chegar à terra como um mendigo, tirou do peito largo um relógio com uma cadeia incrivelmente pesada. Disse:

- És um valente. Olha, leva isto contigo para fazeres vista junto das raparigas e lembra-te de mim nessa altura. Eu também fui novo, seduzi raparigas e conheci muitas mulheres! Já passei por tudo isso! Esta corrente é de ouro novo americano. Se alguém te perguntar, é isso que deves responder. E se algum insolente quiser ver o contraste, dás-lhe um murro no focinho. Há tipos a quem é preciso meter na ordem sem se estar com grandes conversas. Aconteceu-me algumas vezes na taberna ou em qualquer lugar público, mesmo num bordel, encontrar um reles manga-de-alpaca disposto a fazer pouco de mim: «O gajo passeia-se com a corrente na barriga como se fosse de ouro verdadeiro. Mostre lá o contraste, se faz favor?» Nunca respondia, nem sequer lhe dava tempo de respirar.

«O contraste? Está aqui!» O simpático sargento, fechando o punho moreno, do tamanho de uma cabeça de criança, projectava-o para a frente com uma força furiosa e terrível.

Michka pegou no relógio, fez a barba à luz da fogueira do acampamento, pôs os arreios no cavalo e partiu a galope.

Rompia a madrugada quando entrou em Tatársski.

A aldeia estava na mesma: a igreja de tijolo continuava a erguer para o céu azul a esmaecida cruz dourada do campanário; as casas atarracadas dos popes e dos comerciantes continuavam a cercar a praça; os choupos murmuravam sempre na sua linguagem habitual por cima da casinha quase em ruínas dos Kochevói...

A única coisa que impressionou Michka foi aquele grande e insólito silêncio que envolvia as ruas como uma teia de aranha.

Não se avistava viva alma. As janelas estavam cerradas, viam-se algumas casas com as portas fechadas a cadeado, mas a maioria tinha-as abertas de par em par. Era como se a

peste tivesse atravessado a aldeia com os seus largos passos negros, despovoando os pátios e as ruas, esvaziando as casas.

Não se ouvia nenhuma voz humana, nem o mugir do gado ou o canto vibrante dos galos. Apenas os pardais pipilavam nos beirais dos telhados e em cima dos ramos secos, intensamente, como sucede antes das chuvas.

Michka entrou no pátio de sua casa. Ninguém de família veio ao seu encontro. A porta do vestíbulo estava escancarada.

Perto da soleira jazia uma greva rasgada do Exército Vermelho, um penso amachucado, negro de sangue, algumas cabeças de galinha já podres, cobertas de moscas, e também montes de penas. Os soldados vermelhos tinham sem dúvida comido ali alguns dias antes; via-se o soalho cheio de cacos, de ossos de galinha, de pontas de cigarro, de pedaços de jornais espezinhados... Reprimindo um suspiro, Michka penetrou no quarto. Aí, tudo estava intacto, mas o alçapão da cave, onde guardavam habitualmente as melancias no Outono, parecia ligeiramente erguido.

A mãe de Michka tinha o costume de guardar aí as maçãs secas para os filhos lhes não mexerem.

Michka aproximou-se do alçapão. «Será possível que a mamã não tenha esperado por mim? Talvez tenha escondido ali alguma coisa», dizia consigo. E ergueu o alçapão com a ponta do sabre. Este cedeu com um rangido. O cheiro a humidade e a mofo subiu da cave. Michka pôs-se de joelhos.

Ficou durante muito tempo sem distinguir nada na escuridão, depois os seus olhos foram-se habituando, e viu sobre uma toalha velha uma garrafa de aguardente, uma certa com uma omeleta bolorenta, um pedaço de pão roído pelos ratos, uma bilha bem rolhada com um taco de madeira. A mulher esperara pelo filho como se este fosse o mais desejado dos hóspedes.

O coração de Michka estremeceu de amor e de alegria ao descer para a cave. Todos estes objectos bem arrumados sobre a velha toalha limpa haviam sido tocados alguns dias antes pelas mãos maternas. Uma sacola de linhagem, pendurada numa trave, punha uma mancha branca na escuridão.

Michka, pegando-lhe muito depressa, descobriu lá dentro umas ceroulas que lhe pertenciam, velhas mas remendadas com arte, lavadas e corridas a ferro.

Os ratos tinham conspurcado a comida; apenas o leite e a aguardente estavam intactos. Michka bebeu a aguardente e o leite, que se conservara maravilhosamente fresco na cave, pegou na roupa branca e subiu.

A mãe estava provavelmente na margem esquerda. «Teve medo de ficar cá. Foi melhor assim. Os cossacos podiam tê-la morto. Por minha causa já a devem ter feito passar um mau bocado», pensava, saindo lentamente. Desprendeu o cavalo, mas não teve coragem de ir a casa dos Melekhov: a quinta deles ficava mesmo em frente do Don, e um atirador hábil podia facilmente atingi-lo da outra margem com uma dessas balas sem invólucro que os insurrectos fabricavam. Michka, portanto, resolveu dirigir-se a casa dos Korchunov, voltando à hora do crepúsculo à praça para deitar o fogo, a coberto da escuridão, à casa de Mukhov e às outras habitações dos comerciantes e dos popes.

Galopou, passando por trás das quintas, até ao vasto pátio dos Korchunov, penetrou no portão aberto, prendeu o cavalo à balastrada do alpendre, e ia para entrar em casa quando o avô Grichaka surgiu à porta. A sua cabeça branca de neve tremia, piscava os olhos quase cegos, desbotados pela idade. A sua eterna farda cossaca cinzenta, com galões vermelhos na gola sebosa, estava cuidadosamente abotoada, mas as calças tufadas, largas de mais, caíam-lhe pelas pernas abaixo, e o velho estava sempre a tentar segurá-las com as mãos.

- Bons dias, avô! - disse Michka, de pé ao lado do alpendre, a brincar com o bengalim.

O avô Grichaka mantinha-se calado. O ódio e o desprezo misturavam-se no seu olhar severo.

- Dei-lhe os bons-dias! - disse Michka erguendo a voz.

- Bons dias - respondeu o ancião de má vontade.

Continuava a examinar Michka com uma atenção hostil.

Este mantinha-se de pé na frente dele com desenvoltura, de pernas afastadas; brincava com o chicote, exibindo uma expressão sombria, enquanto apertava os lábios cheios como os de uma rapariga.

- Porque não foste para o outro lado do Don, avô Grigóri?

- Como sabes tu o meu nome?

- Sei-o porque nasci aqui.

- Como te chamas tu?

- Kochevói.

- O filho de Akime? Aquele que trabalhava em nossa casa?

- Isso mesmo.

- Então és tu, meu rapazinho? E deram-te o nome de Mikhail no santo baptismo? És uma boa prenda! Tal e qual o teu pai! Sempre pagou com coices o bem que lhe faziam. Parece que saíste a ele!

Michka descalçou uma das luvas, e a sua expressão tornou-se ainda mais sombria.

- Não tens nada com o meu nome nem com aquilo que eu sou. Estou a perguntar-te porque é que não passaste para a outra margem do Don.

- Não passei porque não quis. E tu, que vens cá fazer? Estás por conta dos Anticristos? Usas a estrela vermelha no boné? Nesse caso, filho de uma cadela, monte de esterco, és contra os nossos cossacos? Contra os homens da tua terra?

O avô Grichaka desceu os degraus do alpendre num passo incerto. Alimentava-se mal desde que a família se fora embora. Abandonado pelos seus, esgotado, sujo como um velho porco, deteve-se em frente de Michka,, pondo-se a fitá-lo com surpresa e cólera.

- Sim, estou contra eles, e pelo caminho que as coisas levam não tarda que lhes acabemos com a raça.

- E que dizem as Sagradas Escrituras? Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti. Que quer isto dizer?

- Não venhas dar-me cabo da cabeça com as Sagradas Escrituras, avô. Não vim cá para isso. Afasta-te imediatamente da casa - disse Michka com dureza.

- O quê?

- É como te digo.

- Que significa isso?

- Nada. Afasta-te, já te disse.

- Não sairei da minha casa. Bem sei o que é quê tu queres. És um criado do Anticristo. Usas a marca dele no boné. Foi a vosso respeito que o profeta Jeremias declarou: «Alimentá-los-ei de absinto e matar-lhes-ei a sede com fel... e eles sujarão a terra inteira.» Foi isso mesmo o que aconteceu: o filho revoltou-se contra o pai e o irmão contra o irmão.

- Não tentes atrapalhar-me, avô. Não se trata de irmãos contra irmãos, é uma aritmética muito simples: o meu pai trabalhou para ti até morrer, e eu também, antes da guerra, moí o teu trigo, arruinei a saúde a transportar os sacos de grão, agora vamos fazer contas. Sai da casa, vou deitar-lhe o fogo. Vocês viviam em belas vivendas, agora vão viver como nós: em choupanas de toros. Entendido, avô?

- Sim, sim, é isso mesmo o que diz o livro do profeta Isaías: «Quando o povo sair, verá os cadáveres dos homens que me desobedeceram. Porque o seu germe não morrerá, o seu fogo não se extinguirá, e eles serão para todas as criaturas um objecto de horror...»

- Não tenho tempo de discutir contigo – declarou Michka com uma raiva fria. Sais ou não sais da casa?

- Não. Vai-te embora daqui, inimigo.

- É por causa de todos os teimosos como tu que estamos em guerra. São vocês que levam o povo a erguer-se contra a revolução.

Michka agarrou na carabina..

Após o tiro, o velho caiu para trás, dizendo numa voz nítida:

- Não .. não foi por minha vontade que vim, mas sim para fazer a vontade de Deus... Senhor, recebe o Teu escravo... em paz...

Teve um estertor e o sangue começou a escorrer-lhe por baixo do bigode.

- Ele recebe-te, descança. Há muito tempo, velho diabo, que te deveríamos ter despachado para lá.

Michka contornou com ar enojado o corpo do velho que jazia junto das escadas, e subiu para o alpendre.

As aparas secas que o vento empurrava para dentro do vestíbulo começaram a arder com uma chama cor-de-rosa; a divisória de madeira que separava o vestíbulo da copa também não tardou a incendiar-se. O fumo subia até ao tecto e, soprado pela corrente de ar, invadiu os compartimentos.

Michka saiu e, enquanto pegava fogo ao telheiro e à granja, já as chamas saíam para fora da casa, lambendo avidamente, com um leve crepitar, os caixilhos das janelas de pinho, estendendo os longos braços para o tecto.

Michka dormiu até à noite debaixo de uma moita de abrunheiros, num quintal próximo, invadido pelo lúpulo bravo. O seu cavalo, sem os arreios e peado, pastava junto dele, arrancando preguiçosamente as hastes saborosas da tanchagem.

À noite, cheio de sede, pôs-se a relinchar e acordou o dono.

Este, erguendo-se, meteu o capote na mochila, foi dar de beber ao cavalo no poço do quintal, depois selou-o e saiu para a viela.

Na quinta, as estacas negras, carbonizadas, fumegavam ainda, e flutuava no ar um fumo negro e acre. Da enorme casa restavam apenas os altos alicerces de pedra, o forno meio destruído erguia para o céu a chaminé enegrecida.

Michka caminhou a direito para a quinta dos Melekhov.

Ilínitchna estava debaixo do telheiro, a apanhar lenha para o avental, quando Michka, sem desmontar, abriu a cancela, e entrou no pátio.

- Bom dia, mãezinha - disse ele delicadamente.

Assustada, sem dizer uma palavra, Ilínitchna afastou os braços e os gravetos espalharam-se pelo chão.

- Bom dia, mãezinha.

- Bom .. bom dia - respondeu a velha numa voz pouco segura.

- Sempre viva e de saúde?
- Lá viva, não há dúvida, mas vale mais não falar da saúde
- Onde estão os homens da casa?

Michka apeou-se, dirigindo-se para o telheiro.

- Passaram para o outro lado do Don ..
- Estão à espera dos cadetes?
- Sou mulher .. não entendo nada disso.
- E Duniachka, está em casa?
- Também passou o Don.
- Foi o diabo quem os empurrou.

A voz de Michka começou a tremer, mas a raiva endureceu-o.

- Vou dizer-lhe uma coisa, mãezinha: o Grigóri, o seu filho, tem-se revelado o pior inimigo do poder dos Sovietes. Quando passarmos para a margem esquerda, será o primeiro a quem enforcaremos. Quanto a Pantelei Prokofiévitich, não precisava de se ter ido embora. Velho e coxo como está, não lhe faltavam boas razões para ficar em casa.

- À espera da morte? - inquiriu severamente Ilínitchna, começando a apanhar de novo os cavacos.

- Ainda pode durar muito. Talvez lhe déssemos umas chicotadas, mas não o mataríamos. Contudo não foi por isso que cá vim.

Compôs a corrente no peito, baixando os olhos.

- Vim para ver a Duniachka. É pena ter-se ido também embora, mas falarei consigo, mãezinha, já que ela é sua filha. Digo-lhe o seguinte: suspiro há muito tempo por ela, mas neste momento falta-nos o tempo para namorar; guerreamos a contra-revolução e combatemo-la sem piedade. No entanto, logo que consigamos vencê-la definitivamente, o poder pacífico dos Sovietes instalar-se-á em todo o mundo e então mandar-lhe-ei pedir a mão da sua Duniachka.

- Não são alturas de falarmos disso.

- Sim, eu acho que não - disse Michka, com uma ruga teimosa entre as sobrancelhas.
- Não são alturas de ficarmos noivos, mas podemos falar disso. E eu não tenho tempo para escolher outra ocasião. Hoje estou aqui e amanhã podem mandar-me para as bandas do Donetz. Eis porque lhe faço o seguinte aviso: Não dêem a Duniachka a ninguém, senão acontecer-vos-á uma desgraça. Caso recebam uma carta do meu regimento a dizer que morri, podem então casá-la, mas agora não, porque gostamos um do outro. Não lhe trouxe nenhum presente, pois não sabia onde ir buscá-lo, mas se precisar de alguma coisa de casa dos burgueses ou dos comerciantes, diga, vou lá e trago-lha.

- Deus nos livre! Nunca nos aproveitamos do que é dos outros.

- Bem, seja como quiser. Transmita os meus cumprimentos a Duniachka se a vir antes de mim. Agora, adeus, e, por favor, mãezinha, não se esqueça das minhas palavras.

Ilínitchna entrou em casa sem dar resposta. Michka, montando no cavalo, dirigiu-se para o largo da aldeia.

Os soldados vermelhos tinham entrado em Tatársski para passar a noite. As suas vozes animadas ressoavam pelas vielas.

Três deles, que se dirigiam com uma espingarda-metralhadora para o seu posto de guarda sobre o Don, interpelaram Michka, verificando-lhe os documentos. Defronte da casinha de Seminone, a quem chamavam o Marmita, encontrou mais quatro. Dois deles transportavam aveia numa carroça e outros dois, acompanhados pela mulher tísica do Marmita, levavam uma máquina de costura e um saco de farinha.

A mulher, reconhecendo Michka, cumprimentou-o.

- Que é que tu levavas aí, mãezinha? - inquiriu ele.

- Andamos a montar a casa desta mulher da classe pobre; trazemos-lhe uma máquina de coser burguesa e farinha - respondeu com vivacidade um dos soldados vermelhos.

Michka incendiou uma após outra sete casas pertencentes aos comerciantes Mokhov e Atiópine-Tsatsa, ao pope Vissarione, ao tio Bankrati e a três cossacos ricos, que se haviam refugiado na outra margem do Donetz. Após isto, saiu da aldeia.

Chegando ao alto da colina, fez o cavalo dar meia volta.

Lá em baixo, em Tatársski, contra o fundo do céu cor de ardósia, uma chama rubra erguia-se como uma cauda cintilante de raposa. O fogo ora subia até se reflectir na corrente do Don, ora se abaixava, inclinando-se para oeste, indo devorar avidamente as casas.

Uma ligeira brisa da estepe soprava de leste. Esta ia atizar a chama, arrastando para longe os flocos negros, que luziam como brasas.

FIM DO TERCEIRO VOLUME

SOBRE A DIGITALIZAÇÃO DESTA OBRA

Esta obra foi digitalizada para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

Distribua este livro livremente!

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros